

O LIVRO DOS ESPÍRITOS



Allan Kardec

NUMA LINGUAGEM SIMPLIFICADA
por: LOUIS NEILMORIS

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Allan Kardec

Versão digital **Numa Linguagem Simplificada**

Por: **Louis Neilmoris**

Título original em francês:

LE LIVRE DES ESPRITS

Lançado em 18 de abril de 1857

Paris, França

Edição revisada em outubro, 2017

Distribuição gratuita pelo **Portal Luz Espírita**



www.luzespirita.org.br

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

NUMA LINGUAGEM SIMPLIFICADA

Allan Kardec

Adaptação:
LOUIS NEILMORIS

Nota da adaptação

A proposta deste trabalho é trazer ao meio popular o consolo e a iluminação de **O LIVRO DOS ESPÍRITOS**, escrito pelo memorável Codificador Allan Kardec, sob a orientação de mentores espirituais. Um livro revolucionário, não sendo exagero nenhum que se diga: a maior obra literária de todos os tempos.

Mas, convenhamos, as traduções brasileiras, até então disponíveis, ainda oferecem à grande massa popular graves obstáculos para uma perfeita compreensão, não por falha dos tradutores — muito pelo contrário, mas pela fidelidade com que verteram dos originais, em francês, para o português, mantendo a elevada elocução. Kardec, eminente autoridade em linguística, evidentemente, só poderia escrever à altura do superior nível cultural de seus contemporâneos. Desta forma, e nada mais justo, as versões procuram sempre equilibrar a linguagem.

Esta adaptação procura simplificar o texto utilizando-se de vocábulos mais comuns, mais atualizados, no entanto, sem alterar o teor da argumentação.

As novas verdades que a maravilhosa Doutrina Espírita nos traz devem estar ao alcance de todos, por uma questão de respeito e de amor.

Louis Neilmoris

FILOSOFIA ESPIRITUALISTA

O Livro dos Espíritos

PRINCÍPIOS DA DOCTRINA ESPÍRITA

Sobre a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos
e suas relações com os homens, as leis morais,
a vida presente, a vida futura
e o porvir da Humanidade

***Segundo os ensinamentos dados por Espíritos superiores
com a cooperação de diversos médiuns***

Recebidos e coordenados por:

ALLAN KARDEC

Sumário

Introdução ao estudo da Doutrina Espírita – pág. 11

Prolegômenos – pág. 34

PARTE PRIMEIRA

Das causas primárias

CAPÍTULO I - De Deus – pág. 37

Deus e o Infinito

Provas da existência de Deus

Atributos da Divindade

Panteísmo

CAPÍTULO II – Dos elementos gerais do Universo – pág. 41

Conhecimento do princípio das coisas

Espírito e matéria

Propriedades da matéria

Espaço universal

CAPÍTULO III – Da Criação – pág. 46

Formação dos mundos

Formação dos seres vivos

Povoamento da Terra. Adão

Diversidade das raças humanas

Pluralidade dos mundos

Considerações e concordâncias bíblicas concernentes à criação

CAPÍTULO IV – Do Princípio vital – pág. 52

Seres orgânicos e inorgânicos

A vida e a Morte

Inteligência e instinto

PARTE SEGUNDA

Do mundo espírita ou mundo dos Espíritos

CAPÍTULO I - Dos Espíritos – pág. 57

Origem e natureza dos Espíritos

Mundo normal primitivo

Forma e ubiquidade dos Espíritos

Perispírito

Diferentes ordens de Espíritos

Escala espírita

Terceira ordem – Espíritos imperfeitos

Segunda ordem – Bons Espíritos

Primeira ordem – Espíritos puros

Progressão dos Espíritos

Anjos e demônios

CAPÍTULO II – Da encarnação dos Espíritos – [pág. 69](#)

Objetivo da encarnação

A alma

Materialismo

CAPÍTULO III – Da volta do Espírito, extinta a vida corpórea, à vida espiritual – [pág. 74](#)

A alma após a morte

Separação da alma e do corpo

Perturbação espiritual

CAPÍTULO IV – Da pluralidade das existências – [pág. 79](#)

A reencarnação

Justiça da reencarnação

Encarnação nos diferentes mundos

Transmigrações progressivas

Sorte das crianças depois da morte

Sexo nos Espíritos

Parentesco, filiação

Semelhanças físicas e morais

Ideias inatas

CAPÍTULO V – Considerações sobre a pluralidade das existências – [pág. 92](#)

CAPÍTULO VI – Da vida espírita – [pág. 97](#)

Espíritos errantes

Mundos transitórios

Percepções, sensações e sofrimentos dos Espíritos

Ensaio teórico da sensação nos Espíritos

Escolha das provas

As relações no além-túmulo

Relações de simpatia e de antipatia entre os Espíritos. Metades eternas

Recordação da existência corpórea

Comemoração dos mortos. Funerais

CAPÍTULO VII – Da volta do Espírito à vida corporal – [pág. 119](#)

Prelúdio da volta

União da alma e do corpo

Faculdades morais e intelectuais do homem

Influência do organismo

Idiotismo, loucura

A infância

Simpatia e antipatia terrenas

Esquecimento do passado

CAPÍTULO VIII Da emancipação da alma – [pág. 133](#)

O sono e os sonhos

Visitas espíritas entre pessoas vivas

Transmissão oculta do pensamento

Letargia. Catalepsia. Mortes aparentes

Sonambulismo

Êxtase

Dupla vista

Resumo teórico do sonambulismo, do êxtase e da dupla vista

CAPÍTULO IX - Da intervenção dos Espíritos no mundo corporal – pág. 146

Faculdade que os Espíritos têm de penetrar em nossos pensamentos
Influência oculta dos Espíritos em nossos pensamentos e atos
Possessos
Convulsionários
Afeição que os Espíritos dedicam a certas pessoas
Anjos de guarda. Espíritos protetores, familiares ou simpáticos
Pressentimentos
Influência dos Espíritos nos acontecimentos da vida
Ação dos Espíritos sobre os fenômenos da Natureza
Os Espíritos durante os combates
Pactos
Poder oculto. Talismãs. Feiticeiros
Bênçãos e maldições

CAPÍTULO X - Das ocupações e missões dos Espíritos – pág. 167

CAPÍTULO XI - Dos três reinos – pág. 173

Os minerais e as plantas
Os animais e o homem
Metempsicose

PARTE TERCEIRA
Das leis morais

CAPÍTULO I - Da lei divina ou natural – pág.181

Caracteres da lei natural
Conhecimento da lei natural
O bem e o mal
Divisão da lei natural

CAPÍTULO II - Da lei de adoração – pág. 187

Objetivo da adoração
Adoração exterior
Vida contemplativa
A prece
Politeísmo
Sacrifícios

CAPÍTULO III - Da lei do trabalho – pág.194

Necessidade do trabalho
Limite do trabalho. Repouso

CAPÍTULO IV - Da lei de reprodução – pág. 197

População do Globo
Sucessão e aperfeiçoamento das raças
Obstáculos à reprodução
Casamento e celibato
Poligamia

CAPÍTULO V - Da lei de conservação – pág. 200

Instinto de conservação
Meios de conservação
Gozo dos bens terrenos
Necessário e supérfluo
Privações voluntárias. Mortificações

CAPÍTULO VI - Da lei de destruição – pág. 205

Destruição necessária e destruição abusiva
Flagelos destruidores
Guerras
Assassinato
Crueldade
Duelo
Pena de morte

CAPÍTULO VII - Da lei de sociedade – pág. 213

Necessidade da vida social
Vida de insulamento. Voto de silêncio
Laços de família

CAPÍTULO VIII - Da lei do progresso – pág. 215

Estado de natureza
Marcha do progresso
Povos degenerados
Civilização
Progresso da legislação humana
Influência do Espiritismo no progresso

CAPÍTULO IX - Da lei de igualdade – pág. 222

Igualdade natural
Desigualdade das aptidões
Desigualdades sociais
Desigualdade das riquezas
As provas de riqueza e de miséria
Igualdade dos direitos do homem e da mulher
Igualdade perante o túmulo

CAPÍTULO X - Da lei de liberdade – pág. 227

Liberdade natural
Escravidão
Liberdade de pensar
Liberdade de consciência
Livre-arbítrio
Fatalidade
Conhecimento do futuro
Resumo teórico da motivação das ações humanas

CAPÍTULO XI - Da lei de justiça, de amor e de caridade – pág. 238

Justiça e direitos naturais
Direito de propriedade. Roubo
Caridade e amor do próximo
Amor materno e filial

CAPÍTULO XII - Da perfeição moral – pág. 243

As virtudes e os vícios
Paixões
O egoísmo
Características do homem de bem
Conhecimento de si mesmo

PARTE QUARTA
Das esperanças e consolações

CAPÍTULO I - Das penas e gozos terrenos – pág. 253

Felicidade e infelicidade relativas
Perda dos entes queridos
Decepções. Ingratidão. Afeições destruídas
Uniões antipáticas
Temor da morte
Desgosto da vida. Suicídio

CAPÍTULO II - Das penas e gozos futuros – pág. 263

O Nada. Vida futura
Intuição das penas e gozos futuros
Intervenção de Deus nas penas e recompensas
Natureza das penas e gozos futuros
Penas temporais
Expição e arrependimento
Duração das penas futuras
Ressurreição da carne
Paraíso, inferno e purgatório

Conclusão – pág. 280

Introdução ao estudo da Doutrina Espírita

I

Para designar coisas novas são necessárias palavras novas. Assim exige a boa compreensão, para evitar a confusão que ocorre com as palavras que têm vários sentidos. Os termos: **espírita**, **espíritualista**, **espíritualismo** têm uma definição bem definida, e acrescentar a eles nova significação, para aplicá-los à Doutrina dos Espíritos, seria multiplicar os casos de numerosas palavras com muitos significados. De fato, o Espiritualismo é o oposto do materialismo. Aquele que acredita haver em si alguma coisa além da matéria é espíritualista. Entretanto, isso não quer dizer que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em vez das palavras *espírita*, *espíritualismo*, nós usamos, para indicar a crença nos seres espirituais, os termos **espírita** e **Espiritismo**, cuja forma lembra a origem e o sentido da raiz da palavra e que, por isso mesmo, apresentam a vantagem de ser perfeitamente compreensíveis, deixando ao vocábulo *espíritualismo* a significação que lhe é própria. Diremos, pois, que a doutrina espírita ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os **espíritas**, ou, se quiserem, os **espíritistas**.

Como especialidade, **O LIVRO DOS ESPÍRITOS** contém a doutrina espírita; como generalidade, liga-se à doutrina espíritualista, que é uma de suas características. Essa a razão porque traz no cabeçalho do seu título as palavras: Filosofia espíritualista.

II

Igualmente, há outra palavra que todos nós devemos entender, por ser em si um dos fechos de abóbada, ou seja, a sustentação de toda doutrina moral e ser objeto de inúmeras controvérsias, por falta de uma aceção bem determinada. É a palavra *alma*. A divergência de opiniões sobre a natureza da alma nasce da aplicação particular que cada um dá a esse termo. Uma língua perfeita, em que cada ideia fosse expressa por um termo próprio, evitaria muitas discussões.

Segundo uns, a alma é o princípio da vida material orgânica, que não tem existência própria e termina com a vida: é o materialismo puro. Neste sentido e por comparação, diz-se de um instrumento rachado, que não emite mais nenhum som: não tem alma. De acordo com essa opinião, a alma seria efeito e não causa.

Outros pensam que a alma é o princípio da inteligência, agente universal do qual cada ser absorve certa porção. Segundo esses, haveria em todo o Universo apenas uma única alma a distribuir centelhas (partes da mesma alma) pelos diversos seres inteligentes durante a vida destes e que, com a morte, cada centelha voltaria à fonte comum, onde se misturaria com o todo, como os riachos e os rios voltam ao mar, donde

saíram. Essa opinião difere da anterior em que, nesta hipótese, não há em nós somente corpo, mas que resta alguma coisa após a morte. Contudo, é quase como se nada subsistisse, porque, não havendo individualidade, não teríamos mais consciência de nós mesmos. Dentro desta opinião, a alma universal seria Deus, e cada ser um pedaço da divindade. Essa é uma variante do *panteísmo*.¹

Finalmente, segundo outros, a alma é um ser moral, distinto, independente da matéria e que conserva sua individualidade após a morte. Esta definição é, sem dúvida, a mais comum, porque, debaixo de um nome ou de outro, a ideia desse ser que sobrevive ao corpo se encontra, no estado de crença instintiva, não é resultado de nenhum ensino, entre todos os povos, qualquer que seja o grau de civilização de cada um. Essa doutrina, segundo a qual a alma é causa e não efeito, é a dos *espiritualistas*.

Sem discutir o mérito de tais opiniões e considerando apenas o lado linguístico da questão, diremos que estas três aplicações do termo *alma* correspondem a três ideias distintas, que para serem expressas claramente, precisaria três vocábulos diferentes. Portanto, essa palavra tem tríplice significado e cada um, com razão, pode defini-la como bem faz, segundo seu ponto de vista. O problema está em a língua dispor somente de uma palavra para exprimir três ideias. A fim de evitar todo equívoco, seria necessário reduzir a acepção do termo *alma* a uma daquelas ideias. A escolha é indiferente; o que se faz necessário é o entendimento entre todos reduzindo o problema a uma simples questão de convenção. Julgamos mais lógico tomá-lo na sua acepção vulgar e por isso chamamos **alma** ao ser imaterial e individual que em nós existe e sobrevive ao corpo. Mesmo que esse ser não existisse, não passasse de produto da imaginação, ainda assim seria preciso um termo para designá-lo.

Na ausência de um vocábulo especial para tradução de cada uma das outras ideias correspondentes à palavra alma, denominamos: **Princípio vital** o princípio da vida material e orgânica, qualquer que seja sua origem, princípio esse comum a todos os seres vivos, desde as plantas até o homem. Já que pode haver vida sem a capacidade de pensar, assim o princípio vital é uma propriedade da matéria, um resultado que se produz quando a matéria se encontra em certas circunstâncias.

Segundo outros, e esta é a ideia mais comum, ele está em um fluido especial, universalmente espalhado e do qual cada ser absorve e assimila uma parcela durante a vida, tal como os corpos imóveis absorvem a luz. Esse seria então o **fluido vital** que, na opinião de alguns, em nada difere do fluido elétrico animalizado, ao qual também se dão os nomes de fluido magnético, fluido nervoso, etc.

Seja como for, há um fato que ninguém poderia contestar, pois que resulta da observação: é que os seres orgânicos têm em si uma forma íntima que determina o fenômeno da vida, enquanto essa força existe; que a vida material é comum a todos os seres orgânicos e independe da inteligência e do pensamento; que a inteligência e o pensamento são capacidades próprias de certas espécies orgânicas; finalmente, que entre as espécies orgânicas dotadas de inteligência e de pensamento há uma dotada também de um senso moral especial, que lhe dá incontestável superioridade sobre as outras: a espécie humana.

Concebe-se que, com uma acepção múltipla, o termo *alma* não exclui o materialismo, nem o panteísmo. O próprio espiritualismo pode entender a alma de acordo com uma ou outra das duas primeiras definições, sem prejuízo do Ser imaterial distinto, a que então dará um nome qualquer. Assim, essa palavra não representa uma só opinião: é um Proteu², que cada um ajeita a seu gosto. Daí tantas disputas intermináveis.

¹ **Panteísmo**: ideia filosófica que, em síntese, defende que todo o universo é o corpo de Deus e cada ser é uma porção d'Ele — N. E. (Nota desta Edição)

² **Proteu**: aquele que muda de opinião ou ideia a todo o momento — N. E.

A confusão seria evitada, mesmo usando-se do termo alma nos três casos, desde que se lhe acrescentasse um qualificativo especificando o ponto de vista em que se está colocado, ou a aplicação que se faz da palavra. Então, esta teria um caráter genérico, designando, ao mesmo tempo, o princípio da vida material, o da inteligência e o do senso moral, que se distinguiriam mediante um atributo, como os gases, por exemplo, que se distinguem aditando-se ao termo genérico as palavras hidrogênio, oxigênio, ou azoto. Assim, poderíamos dizer, e talvez fosse o melhor, a alma vital — indicando o princípio da vida material; a alma intelectual — o princípio da inteligência, e a alma espírita — o da nossa individualidade após a morte. Como se vê, tudo isto não passa de uma questão de palavras, mas questão muito importante quando se trata de nos fazermos entendidos. De conformidade com essa maneira de falar, a alma vital seria comum a todos os seres orgânicos: plantas, animais e homens; a alma intelectual pertenceria aos animais e aos homens; e a alma espírita somente ao homem.

Julgamos dever insistir nestas explicações pela razão de que a Doutrina Espírita baseia-se naturalmente sobre a existência, em nós, de um ser independente da matéria e que sobrevive ao corpo. Como a palavra *alma* deve aparecer com frequência no curso desta obra, era preciso definir bem o seu sentido a fim de evitarmos qualquer engano.

Passemos agora ao objeto principal desta instrução preliminar.

III

Como tudo que é novidade, a Doutrina Espírita conta com seguidores e opositores. Vamos tentar responder a algumas das contradições destes últimos, examinando o valor dos motivos em que se apoiam, todavia, sem alimentarmos a pretensão de convencer a todos, pois muitos há que creem que a luz foi feita exclusivamente para eles. Vamos nos dirigir aos de boa-fé, aos que não trazem ideias preconcebidas ou decididamente firmadas contra tudo e todos, aos que sinceramente desejam instruir-se e lhes demonstraremos que a maior parte das objeções opostas à doutrina vem da observação incompleta dos fatos e de um julgamento falso e precipitado.

Lembremos primeiramente, em poucas palavras, a série progressiva dos fenômenos que deram origem à Doutrina Espírita.

O primeiro fato observado foi o movimento de objetos; de maneira geral, chamado de mesas girantes ou dança das mesas. Esse fenômeno, descoberto primeiramente nos Estados Unidos — ou melhor, que se repetiu e foi anunciado naquele país, porque a história prova que vem da Antiguidade —, se manifestou acompanhado de circunstâncias estranhas, como barulhos anormais, pancadas sem causa aparente ou conhecida. Da América se propagou rapidamente pela Europa e em seguida por todo o mundo. A princípio houve muita incredulidade, mas a multiplicidade das experiências não mais permitiu duvidar da realidade.

Se tal fenômeno se limitasse ao movimento de objetos materiais, poderia ser explicado por uma causa puramente física. Estamos longe de conhecer todos os agentes ocultos da Natureza, ou todas as propriedades dos que conhecemos: a eletricidade multiplica diariamente os recursos que proporciona ao homem e parece destinada a iluminar a Ciência com uma nova luz. Portanto, nada de impossível haveria em que, modificada por certas circunstâncias, ou qualquer outro agente desconhecido, a eletricidade fosse causa dos movimentos observados. O fato de que a reunião de muitas pessoas aumenta a potencialidade da ação parecia vir em apoio dessa teoria, visto

poder-se considerar o conjunto dos assistentes como uma pilha múltipla, com o seu potencial na razão direta do número dos elementos.

O movimento circular nada apresentava de extraordinário, pois está na Natureza. Todos os astros se movem em curvas elipsoides; logo, poderíamos ter ali, em ponto menor, um reflexo do movimento geral do Universo, ou melhor, uma causa, até então desconhecida, produzindo acidentalmente, com pequenos objetos em dadas condições, uma corrente semelhante à que impele os mundos.

Ocorre que o movimento nem sempre era circular; muitas vezes era brusco e desordenado, sendo o objeto violentamente sacudido, derrubado, levado numa direção qualquer e, contrariamente a todas as leis da estática, levantado e mantido em suspensão. Ainda aqui nada havia que se não pudesse explicar pela ação de um agente físico invisível. Não vemos a eletricidade derrubar por terra edifícios, arrancar árvores, atirar longe os mais pesados corpos, atraí-los ou repeli-los?

Os ruídos extraordinários, as pancadas, ainda que não fossem um dos efeitos comuns da dilatação da madeira, ou de qualquer outra causa acidental, podiam muito bem ser produzidos pela acumulação de um fluido oculto: a eletricidade não produz ruídos formidáveis?³

Até aí, como se vê, tudo pode estar conforme os fatos puramente físicos e fisiológicos. No entanto, sem sair desse campo de ideias, já havia ali assunto para estudos sérios e dignos de prender a atenção dos sábios. Por que assim não aconteceu? É penoso dizê-lo, mas o fato decorre de causas que provam, entre mil outros semelhantes, a levandade do espírito humano. A banalidade do objeto principal que serviu de base às primeiras experiências (no caso, a mesa) provocou a indiferença dos sábios. Que influência não tem tido muitas vezes uma palavra sobre as coisas mais graves! Sem considerar que o movimento podia ser aplicado a um objeto qualquer, a ideia das mesas prevaleceu, sem dúvida, por ser o objeto mais cômodo e porque, à roda de uma mesa as pessoas se sentam muito mais naturalmente do que em torno de qualquer outro móvel. Ora, os homens superiores (importantes) são com frequência tão pretensiosos que não há como ter por impossível que certos espíritos de elite tenham considerado vergonhoso ocuparem-se com o que se convencionara chamar a dança das mesas. É mesmo provável que se o fenômeno observado por Galvani tivesse sido por homens vulgares e ficasse caracterizado por um nome comum, ainda estaria relegado a fazer companhia à varinha mágica. Qual, com efeito, o sábio que não houvera julgado uma indignidade ocupar-se com a dança das rãs?⁴

Todavia, alguns sábios, muito modestos para admitir que a Natureza pudesse ainda não lhes ter dito a última palavra, quiseram ver, para tranquilizar suas consciências. Mas aconteceu que o fenômeno nem sempre lhes correspondeu à expectativa e, como o fato não se produziu constantemente à vontade deles e de acordo com a maneira como se comportaram na experimentação, concluíram em negar as manifestações. Apesar do que decretaram, as mesas continuam a girar e podemos dizer com Galileu: todavia, elas se movem! Acrescentaremos que os fatos se multiplicaram de tal modo que desfrutaram hoje do direito à cidadania, e não se pensa em mais nada senão achar uma explicação racional.

Pode-se concluir algo contra a realidade do fenômeno pelo fato de ele não se

³ O autor se referia a eventos naturais provocados por descargas de relâmpago e raios, mas hoje conhecemos muito melhor do poder da eletricidade – N. E.

⁴ Foi observando o que ele mesmo chamou de “dança das rãs” que o médico e físico italiano **Luigi Galvani** (1737-1798) desenvolveu o estudo que resultou na descoberta do fluido elétrico, que resultaria mais tarde na invenção da pilha elétrica. Aqui, Kardec faz um paralelo entre dois eventos aparentemente grotescos e os importantes resultados deles extraídos – N. E.

produzir de modo sempre idêntico, segundo a vontade e às exigências do observador? Os fenômenos de eletricidade e de química não estão subordinados a certas condições? Será justo negá-los, porque não se produzem fora dessas condições? Devemos estranhar que o fenômeno do movimento dos objetos pelo fluido humano também se ache sujeito a determinadas condições e deixe de se produzir quando o observador, colocando-se no seu ponto de vista, pretende obrigá-lo seguir o modo que caprichosamente lhe imponha, ou queira sujeitá-lo às leis dos fenômenos conhecidos, sem considerar que para fatos novos pode e deve haver novas leis? Ora, para se conhecerem essas leis, é preciso que se estudem as circunstâncias em que os fatos se produzem e esse estudo não pode deixar de ser fruto de observação perseverante, atenta e às vezes muito longa.

Porém, algumas pessoas contestam: há frequentemente fraudes visíveis. Em primeiro lugar, perguntaremos se estão bem certas de que haja fraudes e se não tomaram por falsos efeitos que não podiam explicar, mais ou menos como o camponês que confundiu um sábio professor de Física, enquanto a fazer suas experiências, por um astuto enganador. Admitindo-se mesmo que haja fraudes algumas vezes, isso seria razão para negarmos o fato? Devemos negar a Física, porque há ilusionistas que dão a si mesmo o título de físicos? Ao demais, devemos levar em conta o caráter das pessoas e o interesse que possam ter em iludir. Então, seria tudo mera piada? Admitimos que uma pessoa se divirta por algum tempo, mas uma brincadeira prolongada indefinidamente se tornaria tão enfadonho para o mistificador, como para o mistificado. Acresce que, numa mistificação que se espalha de um canto a outro do mundo e por entre as mais sérias, veneráveis e esclarecidas personalidades, certamente há qualquer coisa tão extraordinária, pelo menos, quanto o próprio fenômeno.

IV

Se os fenômenos, de que estamos tratando, tivessem ficado restritos ao movimento dos objetos, teriam permanecido, como dissemos, no domínio das ciências físicas. Entretanto, não foi assim que aconteceu: estavam destinados a nos colocar na frente de fatos estranhos. Acreditaram haver descoberto — não sabemos pela iniciativa de quem — que a impulsão dada aos objetos não era apenas o resultado de uma força mecânica cega; que havia nesse movimento a intervenção de uma causa inteligente. Uma vez aberto, esse caminho conduziu a um campo totalmente novo de observações. O véu que cobria muitos mistérios se levantava. Haverá realmente nesse caso uma força inteligente? Eis a questão. Se essa potência existe, qual é ela, qual a sua natureza, a sua origem? Encontra-se acima da Humanidade? Aqui estão outras questões que decorrem da anterior.

As primeiras manifestações inteligentes se produziram por meio de mesas que se levantavam e davam certo número de pancadas com um dos pés, desse modo, respondendo a uma pergunta feita *sim*, ou *não*, conforme ficou acertado. Até aí nada de convincente havia para os descrentes, pois bem podiam crer que tudo fosse obra do acaso. Obtiveram-se depois respostas mais desenvolvidas com o auxílio das letras do alfabeto: o móvel (a mesa) dava certo número de pancadas correspondente ao número de ordem de cada letra para se chegar a formar palavras e frases que respondiam às questões propostas. A exatidão das respostas e a relação que mostravam com as perguntas causaram espanto. O ser misterioso que assim respondia, interrogado sobre a sua natureza, declarou que era *Espírito* ou *Gênio*, revelou o nome e prestou diversas informações a seu respeito. Há aqui uma circunstância muito importante, que se deve assinalar: é que ninguém imaginou os Espíritos como meio de explicar o fenômeno; foi o

próprio fenômeno que revelou a palavra. Muitas vezes, em se tratando das ciências exatas, se formulam hipóteses para dar-se uma base ao raciocínio. Não é o caso aqui.

Porém, tal meio de correspondência era demorado e incômodo. O Espírito (e isto constitui nova circunstância digna de nota) indicou outro. Foi um desses seres invisíveis quem aconselhou a adaptação de um lápis a uma cesta ou a outro objeto. Colocada em cima de uma folha de papel, a cesta é posta em movimento pela mesma potência oculta que move as mesas; mas, em vez de um simples movimento regular, o lápis traça por si mesmo caracteres formando palavras, frases, dissertações de muitas páginas sobre as mais altas questões de filosofia, de moral, de metafísica, de psicologia, etc., e com tanta rapidez como se fosse escrito à mão.

O conselho foi dado ao mesmo tempo na América, na França e em diversos outros países. Eis como foi dito em Paris, no dia 10 de junho de 1853, a um dos mais fervorosos adeptos da doutrina e que, havia muitos anos, desde 1849, se ocupava com a evocação dos Espíritos: “Vá buscar, no aposento ao lado, a cestinha; amarra-lhe um lápis; coloca-a sobre o papel; põe-lhe os teus dedos sobre a borda”. Alguns instantes após, a cesta entrou a mover-se e o lápis escreveu, muito legível, esta frase: “Proíbo expressamente que transmitas a quem quer que seja o que acabo de dizer. Da primeira vez que escrever, escreverei melhor”.⁵

O objeto a que se adapta o lápis — a cestinha — não passava de mero instrumento e sua natureza e sua forma nada importava. Procurou-se uma maneira mais cômoda e assim é que muita gente se serve de uma pequena prancheta.

A cesta ou a prancheta só podem ser postas em movimento debaixo da influência de certas pessoas, dotadas, para isso, de um poder especial, as quais se designam pelo nome de **médiuns**, isto é, intermediários entre os Espíritos e os homens. As condições que dão esse poder resultam de causas ao mesmo tempo físicas e morais, ainda imperfeitamente conhecidas, pois há médiuns de todas as idades, de ambos os sexos e em todos os graus de desenvolvimento intelectual. Todavia, essa faculdade também se desenvolve pelo exercício.

V

Mais tarde se reconheceu que a cesta e a prancheta não eram realmente mais do que um substituto da mão, e o médium, segurando o lápis diretamente, se pôs a escrever por um impulso involuntário e quase febril. Dessa maneira, as comunicações se tornaram mais rápidas, mais fáceis e mais completas. Hoje esse é o modo mais empregado e por isso o número de pessoas dotadas dessa aptidão é muito considerável e cresce todos os dias. Finalmente, a experiência deu a conhecer muitas outras variedades da faculdade mediúnicas, vindo-se a saber que as comunicações podiam igualmente ser transmitidas pela palavra, pela audição, pela visão, pelo tato, etc., e até pela escrita direta dos Espíritos, isto é, sem o apoio da mão do médium, nem do lápis.

Obtido o fato, restava comprovar um ponto essencial: o papel do médium nas respostas e a parte que pode ter nelas, mecânica e moralmente. Duas circunstâncias fundamentais, que não escapariam a um observador atento, tornam possível resolver-se a questão. A primeira consiste na forma pela qual a cesta se move sob a influência do médium, apenas impondo os dedos sobre a borda. O exame do fato demonstra a impossibilidade de o médium impor uma direção qualquer ao movimento daquele objeto. Essa impossibilidade é mais evidente, sobretudo, quando duas ou três pessoas

⁵ Naturalmente que a proibição era por tempo limitado – N. E.

colocam juntamente as mãos sobre a cesta. Seria preciso uma concordância de movimento entre elas verdadeiramente fenomenal. Seria preciso ainda a concordância dos pensamentos, para que pudessem estar de acordo quanto à resposta a dar à questão formulada. Outro fato, não menos relevante, ainda vem aumentar a dificuldade: é a mudança radical da caligrafia, conforme o Espírito que se manifesta, reproduzindo-se a de um determinado Espírito todas as vezes que ele volta a escrever. Então, seria necessário que o médium praticasse caligrafia vinte formas diferentes de caligrafia e, principalmente, que pudesse lembrar-se da que corresponde a esse ou àquele Espírito.

A segunda circunstância resulta da natureza mesma das respostas que, as mais das vezes, especialmente quando se debatem questões abstratas e científicas, muito acima dos conhecimentos e, não raro, do alcance intelectual do médium, que, além disso, como normalmente sucede, não tem consciência do que se escreve debaixo da sua influência; que, frequentemente, não entende ou não compreende a questão proposta, podendo ser num idioma que ele desconheça, ou mesmo mentalmente, podendo a resposta ser dada nesse idioma. Enfim, acontece muito escrever a cesta espontaneamente, sem que se haja feito pergunta alguma, sobre um assunto qualquer, inteiramente improvisado.

Em certos casos, as respostas revelam tanta sabedoria, profundidade e oportunidade; exprimem pensamentos tão elevados, tão sublimes, que não podem vir senão de uma Inteligência superior, impregnada da mais pura moralidade. De outras vezes, são tão levianas, tão fúteis, tão vulgares, que a razão recusa admitir que possam sair da mesma fonte. Tal diversidade de linguagem só pode ser explicada pela diversidade das Inteligências que se manifestam. E essas Inteligências estão na Humanidade ou fora da Humanidade? Este o ponto a ser esclarecido e cuja explicação se encontrará completa nesta obra, como os próprios Espíritos nos deram.

Eis que efeitos evidentes que se produzem fora do círculo habitual das nossas observações; que não ocorrem misteriosamente, mas, ao contrário, à luz do dia, que toda gente pode ver e comprovar; que não constituem privilégio de um único indivíduo e que milhares de pessoas repetem todos os dias. Esses efeitos têm necessariamente uma causa e a partir do momento que mostram a ação de uma inteligência e de uma vontade, saem do domínio puramente físico.

Muitas teorias foram geradas a este respeito. Vamos examiná-las a seguir e veremos se são capazes de oferecer a explicação de todos os fatos que se observam. Enquanto não chegamos até lá, admitamos a existência de seres distintos dos humanos, pois que esta é a explicação ministrada pelas Inteligências que se manifestam, e vejamos o que eles nos dizem.

VI

Conforme notamos acima, os próprios seres que se comunicam se designam a si mesmos pelo nome de *Espíritos* ou *Gênios*, dos quais alguns declaram terem pertencido a homens que viveram na Terra. Eles compõem o mundo espiritual, como nós constituímos o mundo corporal durante a vida terrena.

Vamos resumir os pontos principais da doutrina que nos transmitiram, a fim de mais facilmente respondermos a certas objeções.

- “Deus é eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom.”
- “Criou o Universo, que abrange todos os seres animados, e inanimados, materiais e imateriais.”

- “Os seres materiais constituem o mundo visível ou corpóreo, e os seres imateriais, o mundo invisível ou espírita, isto é, dos Espíritos.”
- “O mundo espírita é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo.”
- “O mundo corporal é secundário; poderia deixar de existir, ou não ter jamais existido, sem que por isso se alterasse a essência do mundo espírita.”
- “Os Espíritos revestem temporariamente um corpo material perecível, cuja destruição pela morte lhes restitui a liberdade.”
- “Entre as diferentes espécies de seres corpóreos, Deus escolheu a espécie humana para a encarnação dos Espíritos que chegaram a certo grau de desenvolvimento, dando-lhe superioridade moral e intelectual sobre as outras.”
- “A alma é um Espírito encarnado, sendo o corpo apenas o seu envoltório.”
- “Há no homem três coisas: 1º, o corpo ou ser material idêntico ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2º, a alma ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo; 3º, o laço que prende a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito.”
- “Assim o homem tem duas naturezas: pelo corpo, participa da natureza dos animais, cujos instintos lhe são comuns; pela alma, participa da natureza dos Espíritos.”
- “O laço ou **perispírito**, que prende ao corpo o Espírito, é uma espécie de envoltório semimaterial. A morte é a destruição do invólucro mais grosseiro. O Espírito conserva o segundo, que lhe constitui um corpo etéreo, invisível para nós no estado normal, porém que pode se tornar acidentalmente visível e mesmo palpável, como sucede no fenômeno das aparições.”
- “O Espírito não é, portanto, um ser abstrato, indefinido, só possível de ser compreendido pelo pensamento: é um ser real, definido, que, em certos casos, se torna apreciável pela vista, pelo ouvido e pelo tato.”
- “Os Espíritos pertencem a diferentes categorias e não são iguais, nem em poder, nem em inteligência, nem em saber, nem em moralidade. Os da primeira ordem são os Espíritos superiores, que se diferenciam dos outros pela sua perfeição, seus conhecimentos, sua proximidade de Deus, pela pureza de seus sentimentos e por seu amor do bem: são os anjos ou puros Espíritos. Os das outras classes se acham cada vez mais distanciados dessa perfeição, mostrando-se os das categorias inferiores, na sua maioria, repletos das nossas paixões: o ódio, a inveja, o ciúme, o orgulho, etc. divertem-se com o mal. Há também, entre os inferiores, os que não são nem muito bons nem muito maus, antes perturbadores e enredadores, do que perversos. A malícia e as inconsequências parecem ser o que predomina neles. São os Espíritos desajuizados ou levianos.”
- “Os Espíritos não ocupam a mesma categoria para sempre. Todos se melhoram passando pelos diferentes graus da hierarquia espírita. Esta melhora se efetua por meio da encarnação, que é imposta a uns como expiação⁶ e a outros como missão. A vida material é uma prova que devem suportar repetidamente, até que cheguem à absoluta perfeição moral.”
- “Deixando o corpo, a alma volta ao mundo dos Espíritos, de onde saiu, para passar por nova existência material, após um tempo mais ou menos longo, durante o qual permanece em estado de Espírito errante.”⁷
- “Tendo o Espírito que passar por muitas encarnações, segue-se que todos nós temos tido muitas existências e que teremos ainda outras, mais ou menos aperfeiçoadas, tanto na Terra como em outros mundos.”

⁶ **Expiação:** oportunidade de reparar erros e faltas cometidas – N. E.

⁷ **Espírito errante:** que está na erraticidade (período entre reencarnações). Ver questões 233 e seguintes – N. E.

- “A encarnação dos Espíritos se dá sempre na espécie humana; seria erro acreditarmos que a alma ou Espírito possa encarnar no corpo de um animal.”⁸
- “As diferentes existências corpóreas do Espírito são sempre progressivas e nunca regressivas; mas, a rapidez do seu progresso depende dos esforços que faça para chegar à perfeição.”
- “As qualidades da alma são as do Espírito que está encarnado em nós; assim, o homem de bem é a encarnação de um bom Espírito, o homem perverso a de um Espírito impuro.”
- “A alma possui sua individualidade antes de encarnar e a conserva depois de se haver separado do corpo.”
- “Na sua volta ao mundo dos Espíritos, ela encontra todos que conheceu na Terra, e todas as suas existências anteriores lhe vem na memória, com a lembrança de todo bem e de todo mal que fez.”
- “O Espírito encarnado se acha sob a influência da matéria; o homem que vence esta influência, pela elevação e depuração de sua alma, se aproxima dos bons Espíritos, em cuja companhia um dia estará. Aquele que se deixa dominar pelas más paixões e põe todas as suas alegrias na satisfação dos desejos grosseiros se aproxima dos Espíritos impuros, dando prioridade à sua natureza animal.”
- “Os Espíritos encarnados habitam os diferentes planetas do Universo.”
- “Os não encarnados ou errantes não ocupam uma região determinada e definida; estão por toda parte no espaço e ao nosso lado, vendo-nos e acotovelando-nos a todo instante. É toda uma população invisível movendo-se em torno de nós.”
- “Os Espíritos exercem interminável ação sobre o mundo moral e mesmo sobre o mundo físico. Atuam sobre a matéria e sobre o pensamento e são uma das potências da Natureza, causa eficiente de uma multidão de fenômenos até então inexplicados ou mal explicados e que não encontram explicação racional senão no Espiritismo.”
- “As relações dos Espíritos com os homens são constantes. Os bons Espíritos nos atraem para o bem, nos sustentam nas provas da vida e nos ajudam a suportá-las com coragem e resignação. Os maus nos atraem para o mal: para eles é um prazer nos ver cair e nos assemelhar a eles.”
- “As comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas. As ocultas se verificam pela influência boa ou má que exercem sobre nós, à nossa revelia, cabendo à nossa consciência distinguir as boas das más inspirações. As comunicações ostensivas se dão por meio da escrita, da palavra ou de outras manifestações materiais, quase sempre pelos médiuns que lhes servem de instrumentos.”
- “Os Espíritos se manifestam espontaneamente ou mediante evocação. Podemos evocar todos os Espíritos: os que animaram homens obscuros, como os das personagens mais ilustres, seja qual for a época em que tenham vivido; os de nossos parentes, amigos, ou inimigos, e obter deles, por comunicações escritas ou verbais, conselhos, informações sobre a situação em que se encontram no Além, sobre o que pensam a nosso respeito, assim como as revelações que lhes sejam permitidas fazer-nos.”
- “Os Espíritos são atraídos na razão da simpatia que lhes inspire a natureza moral do meio que os evoca. Os Espíritos superiores se alegram com as reuniões sérias, onde predominam o amor do bem e o desejo sincero, por parte dos seus participantes, de se instruírem e melhorarem. A presença deles afasta os Espíritos inferiores que, ao

⁸ “Há uma diferença característica entre esta doutrina da reencarnação e a da metempsicose (admitida por certas seitas), que é explicada no curso da presente obra.” (Nota de Allan Kardec). Sobre metempsicose, consulte as questões 222, 611 e seguintes – N. E.

contrário, encontram livre acesso e podem atuar com toda a liberdade entre pessoas gaiatas ou atraídas somente pela curiosidade e onde quer que existam maus instintos. Longe de se obterem bons conselhos, ou informações úteis, deles só se devem esperar futilidades, mentiras, brincadeiras de mau gosto, ou mistificações, pois que muitas vezes tomam nomes venerados, a fim de melhor induzirem ao erro.”

- “Distinguir os bons dos maus Espíritos é extremamente fácil. Os Espíritos superiores usam constantemente de linguagem digna, nobre, repassada da mais alta moralidade, livre de qualquer paixão inferior; seus conselhos exaltam a mais pura sabedoria, que sempre tem por objetivo o nosso melhoramento e o bem da Humanidade. A dos Espíritos inferiores, por sua vez, é irresponsável, às vezes vulgar e até grosseira. Quando dizem alguma coisa boa e verdadeira, muito mais vezes dizem falsidades e absurdos, por malícia ou ignorância. Zombam da credulidade dos homens e se divertem à custa dos que os interrogam, lisonjeando-lhes a vaidade, alimentando-lhes os desejos com astutas esperanças. Em resumo, as comunicações sérias, na mais ampla acepção do termo, só são dadas nos centros sérios, onde reine íntima comunhão de pensamentos, tendo em vista o bem.”
- “A moral dos Espíritos superiores se resume, como a do Cristo, nesta máxima evangélica: *fazer aos outros aquilo que queremos que os outros nos faça, isto é, fazer o bem e nunca o mal*. Neste princípio o homem encontra uma regra universal de proceder, mesmo para as suas menores ações.”
- “Eles nos ensinam que o egoísmo, o orgulho e a sensualidade são paixões que nos aproximam da natureza animal, prendendo-nos à matéria; que já neste mundo, o homem que se desliga dos vícios, desprezando as vaidades mundanas e amando o próximo, se aproxima da natureza espiritual; que cada um deve tornar-se útil, de acordo com as competências e os meios que Deus lhe pôs nas mãos para experimentá-lo; que o Forte e o Poderoso devem amparar e proteger o Fraco, porque aquele que abusa da força e do poder para oprimir o seu semelhante transgredir a Lei de Deus. Finalmente, ensinam que no mundo dos Espíritos — onde nada fica escondido —, o hipócrita será desmascarado e todas as suas perversidades são reveladas; que a presença inevitável e constante daqueles a quem procedemos mal é um dos castigos reservados a nós; que ao estado de inferioridade e superioridade dos Espíritos dependem o sofrimento e a felicidade que desconhecemos na Terra.”
- “Mas também nos ensinam que não há faltas imperdoáveis que não possa m ser apagadas pela expiação. O homem encontra na reencarnação os meios que lhe permitem avançar, de acordo com os seus desejos e esforços, no caminho do progresso até a perfeição, que é o seu destino final.”

Este é o resumo da Doutrina Espírita, como resultado dos ensinamentos dados pelos Espíritos superiores. Vejamos agora as oposições que lhe fazem.

VII

Para muita gente, a oposição de cientistas — se não for uma prova —, pelo menos é forte opinião contrária. Não somos dos que se rebelam contra os sábios, pois não que nos digam que os afrontamos; ao contrário, temos grande consideração a eles e ficaríamos muito honrados se estivéssemos entre eles. Porém, suas opiniões não podem representar, em todas as circunstâncias, uma sentença irrevogável.

Se a Ciência sai da observação material dos fatos, procurando analisar e

explicar esses fatos, o campo está aberto às suposições; cada um imagina o seu pequeno sistema e se dispõe a sustentá-lo com fervor, para fazê-lo prevalecer. Todos os dias nós não vemos as opiniões mais diversas serem alternativamente aceitas e rejeitadas, ora rebatidas como erros absurdos, para logo depois aparecerem proclamadas como verdades incontestáveis? Os fatos são o verdadeiro critério da nossa consciência, o argumento sem contestação. Na ausência dos fatos, a dúvida se justifica no homem sensato.

Com relação às coisas inegáveis, a opinião dos sábios é autêntica e com toda razão, pois eles sabem mais e melhor do que o homem comum; mas na questão de novos princípios, de coisas desconhecidas, a opinião desses sábios é apenas mais uma suposição, por isso que — assim como os outros — eles estão sujeitos a preconceitos. Direi mesmo que o sábio tem mais preconceitos de qualquer outro, porque uma inclinação natural o leva a colocar tudo sob o ponto de vista donde mais especializou seus conhecimentos: o matemático vê a prova unicamente dentro de uma demonstração algébrica, o químico refere tudo à ação dos elementos, etc. O especialista prende todas as suas ideias à disciplina que adotou. Fora da sua ciência, veremos o sábio quase sempre se desmoralizar, por querer submeter tudo ao seu modo de ver as coisas: consequência da fraqueza humana. Assim, pois, de boa vontade e com toda confiança consultarei um químico sobre uma questão de composição de uma substância, um físico sobre a potência elétrica, um mecânico sobre uma força motora. Porém, eles deverão me permitir — sem que isto afete a admiração que merecem o seu saber especial — que eu não dê muito valor a suas opiniões negativas acerca do Espiritismo, como seria o parecer de um arquiteto sobre uma questão de música.

As ciências gerais se fundamentam nas propriedades da matéria, que se pode experimentar e manipular livremente; os fenômenos espíritos se apoiam na ação de inteligências dotadas de vontade própria e que nos provam a cada instante que não estão subordinadas aos nossos caprichos. Portanto, as observações não podem ser feitas da mesma forma; requerem condições especiais e outro ponto de partida. Querer submetê-las aos processos comuns de investigação é estabelecer semelhanças que não existem. A Ciência propriamente dita, como ciência, é incompetente para se pronunciar na questão do Espiritismo: não tem que se ocupar com isso e qualquer que seja o seu julgamento — favorável ou não — nenhum peso poderá ter. O Espiritismo é o resultado de uma convicção pessoal, que os sábios podem ter como indivíduos, independentemente da qualidade de sábios. Pretender submeter a questão à Ciência equivaleria a querer que a existência ou não da alma fosse decidida por uma assembleia de físicos ou de astrônomos. Sendo assim, o Espiritismo está todo na existência da alma e no seu estado depois da morte. Ora, é realmente ilógico imaginar que um homem deva ser grande psicologista, porque é ilustre matemático ou notável anatomista. Investigando o corpo humano, o anatomista procura a alma, e como não a encontra pelo seu bisturi, como encontra um nervo, ou porque não a vê se mover como um gás, conclui que ela não existe, porque se coloca sob um ponto de vista exclusivamente material. Segue-se que tenha razão contra a opinião universal? Não! Vejam, portanto, que o Espiritismo não é da competência da Ciência.

Quando a crença espírita tiver se espalhado, quando for aceita pela massa humana — e a julgar pela rapidez com que se propagam, esse tempo não está longe —, com ela se dará o que tem acontecido a todas as ideias novas que encontram oposição: os sábios se renderão à evidência. Lá chegarão, individualmente, pela força das coisas. Até então será inoportuno desviá-los de seus trabalhos especiais, para obrigá-los a se ocuparem com um assunto estranho, que não lhes está nem nas atribuições, nem no programa. Enquanto isso não ocorre, aqueles que, sem estudo prévio e aprofundado da

matéria, optaram por negar e zombar de quem não lhes é a favor, esquecem que o mesmo se deu com a maior parte das grandes descobertas que honram a Humanidade. Eles se expõem a ver seus nomes aumentando a lista dos ilustres contestadores das ideias novas e inscritos ao lado dos membros da assembleia culta que, em 1752, recebeu com estrondosa gargalhada a memória de Franklin⁹ sobre os para-raios, julgando-o indigno de figurar entre as comunicações que lhe eram dirigidas; e daquele outro que fez a França perder as vantagens da iniciativa da marinha a vapor, declarando que o sistema de Fulton¹⁰ um sonho impossível. Entretanto, essas eram questões da alçada daquelas reuniões. Ora, se tais assembleias, que contavam com os maiores sábios do mundo, só tiveram a zombaria e o sarcasmo para ideias que elas não percebiam, ideias que, alguns anos mais tarde, revolucionaram a ciência, os costumes e a indústria, como esperar hoje um melhor acolhimento da parte deles de uma questão estranha aos seus trabalhos habituais?

Esses erros lamentáveis de alguns homens notáveis, que envergonham a memória deles, de nenhum modo tiram os títulos conquistaram em outros respeitos campos; mas é preciso ter um diploma oficial para se ter bom-senso? Será que fora das cadeiras acadêmicas só encontramos tolos e imbecis? Observem os adeptos da Doutrina Espírita e digam se só encontramos ignorantes e se a imensa legião de homens de mérito que a abraçaram dá razão que seja ela igualada às credices populares. O caráter e o saber desses homens dão peso a esta doutrina: pois se eles afirmam, é preciso reconhecer que há alguma coisa.

Repetimos mais uma vez que, se os fatos a que referimos estivessem reduzido ao movimento mecânico dos corpos, a questão da causa física desse fenômeno caberia no domínio da Ciência; porém, quando se trata de uma manifestação que se produz com exclusão das leis da Humanidade, ela fica fora da competência da ciência material, pois não pode ser explicada por algarismos, nem por uma força mecânica. Quando surge um fato novo, que não guarda relação com alguma ciência conhecida, para estudá-lo, o sábio tem que se despojar da sua ciência e dizer a si mesmo que o que se lhe oferece é um novo estudo, impossível de ser feito com ideias preconcebidas.

O homem que se julga infalível está bem perto do erro. Mesmo aqueles, cujas ideias são as mais falsas, se apoiam na sua própria razão e é por isso que rejeitam tudo o que lhes parece impossível. Aqueles que em outro momento rebateram as descobertas admiráveis de que hoje a Humanidade se honra faziam apelos à razão para rejeitá-las. Muitas vezes, o que se chama razão não passa de orgulho disfarçado e quem quer que se considere infalível apresenta-se como igual a Deus. Então, vamos nos dirigir aos prudentes, que duvidam do que não viram, mas que, julgando o passado pelo futuro, não acreditam que o homem tenha chegado ao auge, nem que a Natureza tenha mostrado a eles a última página do seu livro.

VIII

Acrescentemos que o estudo de uma doutrina como o Espiritismo, que de repente nos lança numa ordem de coisas tão novas e grandiosas, só pode ser feito com utilidade por homens sérios, perseverantes, livres de prevenções e animados de firme e sincera vontade de chegar a um resultado. Não podemos classificar assim aos que julgam

⁹ Kardec se refere ao americano **Benjamin Franklin** (1706-1790), de quem muitos riram quando este anunciou sua invenção do para-raios – N. E.

¹⁰ **Robert Fulton** (1765-1815), engenheiro e inventor americano que desenvolveu o motor a vapor e deu grande impulso à marinha – N. E.

antecipadamente, levemente, sem ter visto tudo; que não estudam continuamente, nem com regularidade e cuidado indispensáveis; muito menos a certas pessoas que para não perderem o status de homens de espírito elevado, se cansam de achar um lado ridículo nas coisas mais verdadeiras, ou tidas como tais por pessoas de caráter e convicções mereçam a consideração de ser bem-educado. Portanto, aqueles que acham que os fatos não são dignos de sua atenção que se recolham; ninguém deseja ofender sua crença, mas, saibam respeitar a dos outros.

O que caracteriza um estudo sério é a continuidade que se dá a esse estudo. Será de admirar que muitas vezes não conseguirmos nenhuma resposta sensata a questões sérias, quando são feitas ao acaso e à queima-roupa, em meio de uma enxurrada de outras perguntas absurdas? Demais, frequentemente ocorre que uma questão complicada, para ser elucidada, exige a solução de outras explicações menores ou complementares. Quem desejar aprender uma ciência tem que estudar seu método de aprendizado, começando pelo princípio e acompanhando o conjunto e o desenvolvimento das ideias. De que adianta, por acaso, alguém fazer perguntas a um sábio sobre uma ciência da qual nada sabe? Poderá o próprio sábio, por maior que seja a sua boa vontade, lhe dar respostas satisfatórias? A resposta isolada ficará sempre incompleta e quase sempre, por isso mesmo, incompreendida, ou parecerá absurda e contraditória. O mesmo ocorre em nossas relações com os Espíritos. Quem quiser se instruir através deles tem que fazer um curso com eles; mas, exatamente como se passa entre nós, deverá escolher seus professores e trabalhar com perseverança.

Dissemos que os Espíritos superiores só comparecem às reuniões sérias, sobretudo às em que reina perfeita comunhão de pensamentos e de sentimentos para o bem. A leviandade e as questões inúteis os afastam, como, entre os homens, afastam as pessoas criteriosas; então, o campo fica livre à turma dos Espíritos mentirosos e gaiatos, que sempre esperam as ocasiões apropriadas para zombarem de nós e se divertirem à nossa custa. Que acontece com uma questão importante feita em reuniões de tal ordem? Será respondida; mas, por quem? Acontece como se perguntássemos a um bando de levianos que se divertem: Que é a alma? Que é a morte? E outras tão recreativas quanto essas. Se quiserem respostas sérias, terão que se comportar com toda seriedade, na mais ampla aceção do termo, e de preencher todas as condições exigidas, e só assim obterão grandes coisas. Além do mais, sejam laboriosos e perseverantes nos estudos, sem isso os Espíritos superiores vos abandonarão, como faz um professor com os discípulos relaxados.

IX

O movimento dos objetos é um fato incontestável. A questão está em saber se nesse movimento há ou não uma manifestação inteligente e, em caso afirmativo, qual a origem dessa manifestação.

Não falamos do movimento inteligente de certos objetos, nem das comunicações verbais, nem das que o médium escreve diretamente. Este gênero de manifestações, evidente para os que viram e aprofundaram o assunto, não é bastante convincente à primeira vista para um observador novato, que não entende que a manifestação seja independente da vontade do médium. Não trataremos apenas da escrita obtida com o auxílio de um objeto qualquer munido de um lápis, como cesta, prancheta, etc. Como já dissemos, a maneira como os dedos do médium repousam sobre os objetos desafia a capacidade mais consumada em participar de qualquer modo no traçado das letras. Mas, admitamos que a alguém, dotado de maravilhosa habilidade,

seja isso possível e que esse alguém consiga iludir o olhar do observador; como explicar a natureza das respostas, quando se apresentam acima das ideias e conhecimentos do médium? E notemos que não se trata de respostas monossilábicas, mas muitas vezes, de numerosas páginas escritas com admirável rapidez, espontaneamente ou sobre determinado assunto. Pelos dedos do médium que menos sabe de literatura, surgem de vez em quando poesias de impecáveis sublimidade e pureza que os melhores poetas humanos não se envergonhariam de subscrever. O que ainda torna esses fatos mais estranhos é que ocorrem por toda parte e que os médiuns se multiplicam ao infinito. São eles reais ou não? Para esta pergunta só temos uma resposta: vejam e observem; não faltará ocasião; mas, sobretudo, observai repetidamente, por longo tempo e de acordo com as condições exigidas.

O que os opositores dizem dessa evidência? — “Vocês são vítimas do charlatanismo¹¹ ou juguete de uma ilusão!”. Diremos, primeiramente, que a palavra charlatanismo não cabe onde não há proveito: os charlatães não fazem serviço grátis. Seria, quando muito, uma mistificação. Mas, por que estranha coincidência esses mistificadores se combinam, de um extremo a outro do mundo, para proceder do mesmo modo, produzir os mesmos efeitos e dar, sobre os mesmos assuntos e em línguas diversas, respostas idênticas, senão quanto à forma, pelo menos quanto ao sentido? Como compreender que pessoas austeras, honradas, instruídas se ocupassem com essas coisas? E com que objetivo? Como achar em crianças a paciência e a habilidade necessárias a tais resultados? Porque, se os médiuns não são instrumentos passivos, é claro que necessitam de habilidade e conhecimentos incompatíveis com a idade infantil e com certas posições sociais.

Dizem então que, se não há fraude, pode haver ilusão de ambos os lados. Pela lógica, a qualidade das testemunhas é de alguma importância. Ora, é o caso de perguntarmos se a Doutrina Espírita, que já conta milhões de adeptos, só é composta de ignorantes? Os fenômenos em que ela se baseia são tão extraordinários que admitimos a existência da dúvida, porém, não podemos admitir é a pretensão de alguns incrédulos de serem os donos do bom-senso e que, sem o devido respeito e valor moral de seus adversários e com atrevimento, tachem de idiotas os que não seguem o ponto de vista. Aos olhos de qualquer pessoa acertada, a opinião das pessoas esclarecidas que observaram durante muito tempo, estudaram e meditaram uma coisa, será sempre, se não uma prova, uma presunção, no mínimo, a seu favor, visto ter conseguido prender a atenção de homens respeitáveis, que não tinham interesse algum em divulgar erros nem tempo a perder com besteiras.

X

Entre as objeções, há algumas mais interessantes, ao menos na aparência, porque são tiradas da observação e feitas por pessoas respeitáveis. Uma delas é que a linguagem de certos Espíritos não parece digna da elevação atribuída a seres sobrenaturais. Quem notar o resumo da doutrina apresentado lá atrás, verá que os próprios Espíritos nos ensinam que não há entre eles igualdade de conhecimentos nem de qualidades morais, e que não se deve tomar ao pé da letra tudo quanto dizem. Cabe às pessoas sensatas separar o bom do mau. Sem dúvida, aqueles que, em razão disso, deduzem que só nos comunicamos com seres maldosos, cuja única ocupação é nos mistificar, não conhecem as comunicações que se recebem nas reuniões onde só se

¹¹ **Charlatanismo:** enganação, truque feito por um charlatão (enganador) – N. E.

manifestam Espíritos superiores; do contrário, assim não pensariam. É lamentável que o acaso os tenha feito ver apenas o lado mau do mundo espírita, pois nos repugna supor que por simpatia atraia para eles, em vez dos bons Espíritos, só os maus, os mentirosos, ou aqueles cuja linguagem é de revoltante grosseria. Poderíamos, quando muito, deduzir daí que a solidez dos princípios dessas pessoas não é bastante forte para preservá-las do mal e que; achando certo prazer em lhes satisfazerem a curiosidade, os maus Espíritos disso se aproveitam para se aproximar delas, enquanto os bons se afastam.

Julgar a questão dos Espíritos por esses fatos seria tão pouco lógico, quanto julgar do caráter de um povo pelo que se diz e faz numa reunião de irresponsáveis ou de gente de má reputação, onde as pessoas ajuizadas e sensatas não participam. Os que pensam assim se colocam na situação do estrangeiro que chega a uma grande capital pelo lado mais pobre da periferia e julga todos os habitantes pelos costumes e linguagem desse bairro inferior. No mundo dos Espíritos também há uma sociedade boa e uma sociedade má; dignem-se, os que daquele modo se pronunciam, de estudar o que se passa entre os Espíritos de elite e se convencerão de que a cidade celeste não contém apenas a ralé popular. Perguntam eles: “os Espíritos elevados descem até nós?” Responderemos: Não fiquem no subúrbio; vejam, observem e julguem; os fatos estão aí para todo o mundo ver. A menos que a eles se apliquem estas palavras de Jesus: ***“Têm olhos e não veem; têm ouvidos e não ouvem.”***

Como parte dessa opinião, temos aqueles que não veem nas comunicações espíritas e em todas as suas manifestações mais do que a intervenção de uma força diabólica, novo Proteu que se cobre de todas as formas para melhor nos enganar. Não devemos levar isso a sério e assim não perderemos tempo com essa ideia, que, aliás, já foi respondida pelo que acabamos de dizer. Acrescentaremos somente que, se assim fosse, seria preciso admitir que o diabo seja às vezes bastante criterioso e ajuizado, sobretudo muito moral; ou, então, em que também há demônios bons.

Efetivamente, como acreditar que Deus só permite ao Espírito do mal se manifestar, cujo objetivo seria nossa perdição, sem nos dar em compensação os conselhos dos bons Espíritos? Se Ele não pode fazer isso, não pode ser o Todo-poderoso; se pode e não o faz, não é bondoso. Ambas as suposições seriam blasfemas. Notem que admitir a comunicação dos maus Espíritos é reconhecer o princípio das manifestações; ora, se elas são verdadeiras, não pode deixar de ser com a permissão de Deus: como, então, podemos acreditar, sem impiedade, que Ele só permita o mal, com exclusão do bem? Semelhante doutrina é contrária às mais simples noções do bom-senso e da Religião.

XI

Esquisito é, dizem, que só se fale dos Espíritos de personagens conhecidas e perguntam por que só eles se manifestarem. Aqui também há um erro — como tantos outros — vindo de observação superficial. Entre os Espíritos que vêm para nós por livre e espontânea vontade muito maior é o número dos desconhecidos do que o dos ilustres, designando-se aqueles por um nome qualquer, muitas vezes por um nome simbólico ou característico. Quanto aos que se evocam, desde que não se trate de parente ou amigo, é muito natural nos dirigamos aos que conhecemos, de preferência a chamar pelos que nos são desconhecidos. O nome das personagens ilustres atrai mais a atenção, por isso é que são notadas.

Acham também estranho que os Espíritos dos homens famosos atendam familiarmente ao nosso chamado e às vezes se ocupem com coisas insignificantes,

comparadas com as de que faziam durante a vida. Nada aí há de surpreendente para os que sabem que a autoridade, ou a consideração de que tais homens tinham neste mundo, nenhuma supremacia lhes dá no mundo espírita. Nisto, os Espíritos confirmam estas palavras do Evangelho: ***“Os grandes serão rebaixados e os pequenos serão elevados”***, devendo esta afirmação se referir à categoria em que cada um de nós estará entre eles. É assim que aquele que foi primeiro na Terra poderá ser um dos últimos lá. Aquele diante de quem curvávamos aqui a cabeça pode, portanto, vir falar conosco como o mais humilde operário, pois que deixou na vida terrena toda a sua grandeza, e o rei mais poderoso pode estar lá muito abaixo do último dos seus soldados.

XII

Um fato demonstrado pela observação e confirmado pelos próprios Espíritos é o de que os Espíritos inferiores muitas vezes se passam por nomes conhecidos e respeitados. Quem pode, pois, afirmar que os que dizem ter sido, por exemplo, Sócrates, Júlio César, Carlos Magno, Fénelon, Napoleão, Washington ou outro qualquer., tenham realmente sido esses personagens? Esta dúvida existe mesmo entre alguns adeptos fervorosos da Doutrina Espírita, os quais admitem a intervenção e a manifestação dos Espíritos, mas perguntam como eles podem comprovar a identidade. De fato, semelhante prova é bem difícil de ser produzida, pois se não pode ser de modo tão autêntico como por uma certidão de registro civil, pelo menos pode ser por certos indícios.

Quando se manifesta o Espírito de alguém que conhecemos pessoalmente — de um parente ou de um amigo, por exemplo, principalmente se morreu há pouco tempo —, sucede geralmente que sua linguagem se revela de perfeito acordo com o caráter que tinha quando estava vivo entre nós. Só isso é um indício de identidade. Entretanto, não restam mais dúvidas quando o Espírito fala de coisas particulares, lembra acontecimentos de família, que só o interlocutor sabe. Certamente, um filho não se enganará com a linguagem de seu pai ou de sua mãe e vice-versa. Neste gênero de evocações, passam-se às vezes coisas íntimas verdadeiramente empolgantes, de natureza a convencerem o maior desconfiado. Quase sempre, o mais radical descrente fica abismado com as inesperadas revelações que são feitas.

Outra circunstância muito característica dá apoio à identidade dos Espíritos: dissemos que geralmente a caligrafia do médium muda quando outro passa a ser o Espírito evocado e que a sua escrita é sempre a mesma quando o mesmo Espírito se apresenta. Inúmeras vezes, principalmente quando se trata de pessoas mortas recentemente, verificamos que a letra mostra clara semelhança com a dessa pessoa em vida. Temos obtido assinaturas de perfeita exatidão. Todavia, estamos longe de querer apontar esse fato como regra e menos ainda como regra constante. Mencionamo-lo apenas como algo digno de nota.

Só os Espíritos que atingiram certo grau de purificação se acham libertos de toda influência corporal. Quando ainda não estão completamente desmaterializados (é a expressão de que usam) conservam a maior parte das ideias, do jeito e até das manias que tinham na Terra, o que também é um meio de reconhecimento, ao qual igualmente se chega por uma imensidade de fatos minuciosos, que só uma observação cuidadosa pode revelar. Vemos escritores discutir suas próprias obras ou ideias, a aprovar ou condenar certas partes delas; outros a lembrar circunstâncias ignoradas, ou quase desconhecidas de suas vidas ou de suas mortes, toda sorte de particularidades, enfim, que são, quando nada, provas morais de identidade, únicas invocáveis, tratando-se de coisas abstratas.

Ora, se até certo ponto a identidade de um Espírito evocado pode ser estabelecida em alguns casos, não há razão para que não seja em outros casos; e se, com relação a pessoas, cuja morte data de muito tempo, não se têm os mesmos meios de verificação, resta sempre o da linguagem e do caráter, porque, inquestionavelmente, o Espírito de um homem de bem não falará como o de um perverso ou de um desmoralizado. Quanto aos Espíritos que se apropriam de nomes respeitáveis, esses se desmentem logo pela linguagem que empregam e pelas frases que formulam. Por exemplo, se um dissesse ser Fénelon e ofendesse o bom-senso e a moral, por esse simples fato, revelaria sua farsa. Ao contrário, se seus pensamentos forem sempre puros, sem contradições e constantemente à altura do caráter de Fénelon, não há motivo para que se duvide da sua identidade. De outra forma, havíamos de supor que um Espírito que só prega o bem é capaz de mentir conscientemente e, ainda mais, sem nenhuma utilidade.

A experiência nos ensina que os Espíritos da mesma categoria, do mesmo caráter e possuídos dos mesmos sentimentos formam grupos e famílias. Ora, incalculável é o número dos Espíritos e longe estamos de conhecer a todos; a maior parte deles nem mesmo tem nomes para nós. Logo, nada impede que um Espírito da categoria de Fénelon venha em seu lugar, muitas vezes até como seu mensageiro. Apresenta-se então com o seu nome, porque lhe é idêntico e pode substituí-lo e ainda porque precisamos de um nome para fixar as nossas ideias. Mas, que importa, afinal, seja um Espírito, realmente ou não, o de Fénelon? Desde que tudo o que ele diz é bom e que fala como o teria feito o próprio Fénelon, é um bom Espírito. Indiferente é o nome pelo qual se dá a conhecer, não passando muitas vezes de um meio de nos chamar atenção para nos fixar as ideias. Entretanto, o mesmo não é admissível nas evocações íntimas; mas como dissemos há pouco, conseguimos reconhecer a identidade por provas de certo modo evidentes.

Sem dúvida, a substituição dos Espíritos pode gerar uma porção de equívocos, ocasionar erros e muitas mistificações. Essa é uma das dificuldades da prática do Espiritismo. Porém, nunca dissemos que esta ciência fosse fácil, nem que pudéssemos aprendê-la brincando, o que, aliás, é impossível, seja qualquer ciência. Nunca será demais dizer que ela exige estudo frequente e por vezes muito prolongado. Não sendo justo provocar, temos que esperar que eles se apresentem por si mesmos, que frequentemente ocorrem por efeito de circunstâncias em que nem se imagina. Para o observador atento e paciente os fatos surgem, por isso que ele descobre milhares de detalhes característicos que são verdadeiros raios de luz, como acontece com as ciências comuns. Enquanto o homem leviano não vê numa flor mais do que uma forma elegante, o sábio descobre nela tesouros para o pensamento.

XIII

Essas observações nos levam a dizer alguma coisa acerca de outra dificuldade: a da divergência que se nota na linguagem dos Espíritos.

Porque os Espíritos são muito diferentes uns dos outros, em sabedoria e moralidade, é evidente que uma questão pode ser por eles resolvida em sentidos opostos, conforme a categoria que ocupam, exatamente como aconteceria entre os homens se fizéssemos perguntas ora a um sábio, ora a um ignorante, ora a um zombador de mau gosto. Como temos dito, o ponto essencial é sabermos a quem nos dirigimos.

Mas os críticos perguntam: “como se explica que os que se dizem Espíritos de ordem superior nem sempre estejam de acordo?”. Diremos, em primeiro lugar, além da

causa que já contamos, que há outras que exercem certa influência sobre a natureza das respostas, independentemente da qualidade dos Espíritos. Este é um ponto capital, cuja explicação teremos estudando. Por isso é que dizemos que estes estudos requerem atenção demorada, observação profunda e, sobretudo, como aliás o exigem todas as ciências humanas, continuidade e perseverança. Anos são precisos para formar-se um médico medíocre e três quartas partes da vida para chegar-se a ser um sábio. Como querer aprender a Ciência do Infinito em poucas horas? Que ninguém se iluda: o estudo do Espiritismo é imenso; interessa a todas as questões da *metafísica*¹² e da ordem social; é para nós um mundo novo que se abre. Será de admirar que seja preciso tempo, muito tempo mesmo, para sua realização?

Aliás, a contradição nem sempre é tão real quanto parece. Não vemos todos os dias homens que professam a mesma ciência divergirem na hora de definir uma mesma coisa, seja empregando termos diferentes, seja encarar sob outro ponto de vista, embora a ideia fundamental seja sempre a mesma? Quem puder, conte as definições que se têm dado pela gramática! Acrescentaremos que a forma da resposta depende muitas vezes da forma da questão. Portanto, seria uma infantilidade apontar contradição onde frequentemente só há diferença de palavras. Os Espíritos superiores não se preocupam absolutamente com a forma. Para eles, a essência do pensamento é tudo.

Por exemplo, vamos pegar a definição de *alma*. Como este termo tem vários significados, é compreensível que os Espíritos, assim como nós, discordem ao defini-la: um poderá dizer que é o princípio da vida, outro lhe chamar *centelha anímica*, um terceiro afirmar que ela é interna, que é externa, etc., cada um com seu ponto de vista tem sua razão. Poderemos mesmo crer que alguns deles sigam doutrinas materialistas e, todavia, não ser assim. Do mesmo modo acontece em relação a Deus; Ele será: o princípio de todas as coisas, o criador do Universo, a inteligência suprema, o infinito, o grande Espírito, etc., etc., mas em definitivo, será sempre Deus. Finalmente, citemos a classificação dos Espíritos: eles formam uma escala contínua, desde o grau mais inferior até o grau superior. Com efeito, a classificação é arbitrária. Um irá agrupá-los em três classes, outro em cinco, dez ou vinte, à vontade, sem que nenhum esteja em erro. Todas as ciências humanas nos oferecem exemplos idênticos. Cada sábio tem o seu sistema; os sistemas mudam, a Ciência, porém, não muda. Aprenda-se a botânica pelo sistema de Linneu, ou pelo de Jussieu, ou pelo de Tournefort, nem por isso se saberá menos botânica¹³. Então, deixemos de emprestar a coisas de pura convenção mais importância do que merecem, para só nos prendermos ao que é verdadeiramente importante e, não raro, a reflexão fará descobrir, no que pareça mais contraditório, uma igualdade que escapara a um primeiro exame.

XIV

Passaríamos longe da objeção que alguns críticos fazem a respeito dos erros ortográficos que certos Espíritos cometem, se ela não oferecesse oportunidade de uma observação essencial: a ortografia deles — é preciso que se diga — nem sempre é impecável; mas isso não é razão para uma crítica séria, dizendo que, visto que os Espíritos sabem tudo, eles devem saber ortografia. Poderíamos citar os inúmeros erros

¹² **Metafísica:** parte da Filosofia que estuda os fundamentos e especulações sobre a realidade extra-humana (como a harmonia cósmica, Deus, a alma, etc.) e os meios para sua compreensão – N. E.

¹³ Allan Kardec lembra aqui de três grandes pesquisadores da ciência botânica: o sueco **Carolus Lineu**, ou **Linneaus**, (1707-1778) e os franceses **Antoine Laurent de Jussieu** (1748-1836) e **Joseph Pitton Tournefort** (1656-1708) – N. E.

desse gênero cometidos por mais de um sábio da Terra, o que, entretanto, em nada lhes diminui o mérito. Porém, nesse fato há uma questão mais grave: para os Espíritos, principalmente para os superiores, a ideia é tudo, a forma nada vale. Livres da matéria, a linguagem de que usam entre si é rápida como o pensamento, pois são os próprios pensamentos que se comunicam sem intermediário. Eles se sentirão muito pouco à vontade se sentirem obrigados a se comunicarem conosco e utilizarem das formas longas e embaraçosas da linguagem humana e a lutarem com a insuficiência e a imperfeição dessa linguagem, para exprimirem todas as ideias. É o que eles próprios declaram. Por isso mesmo, são bastante curiosos os meios que usam com frequência para resistirem a esse inconveniente. O mesmo se daria conosco, se precisássemos falar num idioma de palavras e frases mais longas e de maior pobreza de expressões do que o de que usamos. Isso é o embaraço que o homem genial experimenta com a lentidão da sua pena, sempre muito atrasada para acompanhar o seu pensamento. Compreende-se, diante disto, que os Espíritos liguem pouca importância à insignificância das regras da ortografia, principalmente quando se trata de ensino profundo e grave. Já não é espantoso que falem indiferentemente em todas as línguas e que as entendam todas? Todavia, não se conclua daí que desconheçam a correção convencional da linguagem. Observam-na, quando necessário. Assim é, por exemplo, que a poesia ditada por eles desafiaria quase sempre a crítica do mais meticuloso purista, apesar da ignorância do médium.

XV

Há também pessoas que veem perigo por toda parte e em tudo o que não conhecem e daí a pressa com que, do fato de haverem perdido a razão alguns dos que se entregaram a estes estudos, tiram conclusões desfavoráveis ao Espiritismo. Como é que homens sensatos enxergam nisto uma contradição valiosa? Não se dá o mesmo com todas as preocupações de ordem intelectual que empoiguem um cérebro fraco? Quem será capaz de definir quantos loucos e maníacos têm feito os estudos da matemática, da medicina, da música, da filosofia e outros? Como consequência, deveríamos banir esses estudos? O que isso prova? Nos trabalhos corporais, se deformam os braços e as pernas, que são os instrumentos da ação material; nos trabalhos da inteligência, deforma-se o cérebro, que é o do pensamento. Mas, por se haver quebrado o instrumento, não se segue que o mesmo tenha acontecido ao Espírito. Este permanece intacto e, desde que se liberte da matéria, desfrutará, tanto quanto qualquer outro, da plenitude das suas faculdades. No seu gênero, ele é, como homem, um mártir do trabalho.

Todas as grandes preocupações do espírito podem ocasionar a loucura: as ciências, as artes e até a religião nos mostram muitos exemplos. A loucura tem como causa primária uma predisposição orgânica do cérebro, que o torna mais ou menos acessível a certas impressões. Se há pendência para a loucura, esta tomará o caráter de preocupação principal, que então se muda em ideia fixa, podendo tanto ser a dos Espíritos, em quem com eles se ocupou, como a de Deus, dos anjos, do diabo, da fortuna, do poder, de uma arte, de uma ciência, da maternidade, de um sistema político ou social. Provavelmente, um louco religioso se torne um louco espírita, se o Espiritismo foi a sua preocupação dominante, do mesmo modo que o louco espírita o seria sob outra forma, de acordo com as circunstâncias.

Digo, pois, que o Espiritismo não tem privilégio algum a esse respeito. Vou mais longe: digo que, bem compreendido, ele é uma defesa contra a loucura.

Entre as causas mais comuns do distúrbio cerebral, devemos contar as

decepções, os infortúnios, as afeições contrariadas, que, ao mesmo tempo, são as causas mais frequentes de suicídio. Ora, o verdadeiro espírito vê as coisas deste mundo de um ponto de vista tão elevado; elas lhe parecem tão pequenas, tão mesquinhas, em relação ao futuro que o aguarda; a vida se lhe mostra tão curta, tão passageira, que, aos seus olhos, as tribulações não passam de incidentes desagradáveis, no curso de uma viagem. O que em outro produziria violenta emoção, quase nada o afeta e além do mais, ele sabe que as amarguras da vida são provas úteis ao seu adiantamento se sofrer sem murmurar delas, porque será recompensado na medida da coragem com que as houver suportado. Suas convicções lhe dão, assim, uma paciência que o preserva do desespero e, por conseguinte, de uma causa permanente de loucura e suicídio. Observando as comunicações dos Espíritos, conhece também qual o destino dos que voluntariamente abreviam seus dias e esse quadro é bem sério a ponto de fazê-lo refletir, tanto que a quantidade muito considerável já supera o número dos que foram detidos em meio dessa queda funesta. Este é um dos resultados do Espiritismo. Riam quanto queiram os incrédulos. Desejo-lhes as consolações que ele proporciona a todos os que se darão ao trabalho de lhe sondar as misteriosas profundezas.

Cumpra também colocar entre as causas da loucura o pavor, sendo que o do diabo já desequilibrou mais de um cérebro. Quantas vítimas não têm feito aqueles que abalam imaginações fracas com esse quadro, que cada vez mais pavoroso se esforcem por tornar, mediante horríveis detalhes? O diabo, dizem, só mete medo a crianças, é um freio para fazê-las criar juízo. Sim, é, do mesmo modo que o bicho-papão e o lobisomem. Quando, porém, elas deixam de ter medo, estão piores do que antes e, para alcançar tão belo resultado, não se levam em conta as inúmeras epilepsias causadas pelo abalo de cérebros delicados. Bem frágil seria a religião se, por não infundir terror, sua força pudesse ficar comprometida. Felizmente, não é assim. Há outros meios para se atuar sobre as almas. O Espiritismo aponta os mais eficazes e mais sérios, desde que ela os saiba utilizar. Ele mostra a realidade das coisas e só com isso neutraliza os funestos efeitos de um temor exagerado.

XVI

Resta-nos ainda examinar duas objeções, únicas que realmente merecem este nome, porque se baseiam em teorias racionais. Ambas admitem a realidade de todos os fenômenos materiais e morais, mas excluem a intervenção dos Espíritos.

Segundo a primeira dessas teorias, todas as manifestações atribuídas aos Espíritos não seriam mais do que efeitos magnéticos: os médiuns se achariam num estado a que se poderia chamar sonambulismo desperto, fenômeno de que podem dar testemunho todos os que têm estudado o Magnetismo. Nesse estado, as capacidades intelectuais adquirem um desenvolvimento anormal; o círculo das operações intuitivas se amplia para além das raias da nossa concepção normal. Assim sendo, o médium tiraria de si mesmo e por efeito da sua lucidez tudo o que diz e todas as noções que transmite, mesmo sobre os assuntos que mais estranhos lhe sejam, quando no estado habitual.

Não seremos nós quem conteste o poder do sonambulismo, cujos fatos extraordinários nós observamos, estudando-lhe todas as fases durante mais de trinta e cinco anos. Concordamos em que, efetivamente, muitas manifestações espíritas são explicáveis por esse meio. Contudo, uma observação cuidadosa e prolongada mostra grande cópia de fatos em que a intervenção do médium, a não ser como instrumento passivo, é materialmente impossível. Aos que partilham dessa opinião, como aos outros, diremos: “vejam e observem, porque certamente ainda não viram tudo”. Em seguida,

propomos duas considerações tiradas da própria doutrina deles: donde veio a teoria espírita? É um sistema imaginado por alguns homens para explicar os fatos? De modo algum. Quem então a revelou? Precisamente esses mesmos médiuns cuja lucidez exaltam. Ora, se essa lucidez é tal como supõem, por que teriam eles atribuído aos Espíritos o que possuem em si mesmos? Como teriam dado, sobre a natureza dessas inteligências extra-humanas, as informações exatas, lógicas e tão sublimes, que conhecemos? Uma de duas hipóteses: ou eles são lúcidos, ou não o são. Se o são e se pode confiar na sua veracidade, não haveria meio de admitirmos sem contradição que não estejam com a verdade. Em segundo lugar, se todos os fenômenos viessem do médium, seriam sempre idênticos num determinado indivíduo; jamais se veria a mesma pessoa usar de uma linguagem disparatada, nem exprimir alternativamente as coisas mais contraditórias. Esta falta de unidade nas manifestações obtidas pelo mesmo médium prova a diversidade das fontes. Ora, desde que não as podemos encontrar todas nele, forçoso é que as procuremos fora dele.

Segundo outra opinião, o médium é a única fonte produtora de todas as manifestações; mas, em vez de extraí-las de si mesmo, como acreditam os partidários da teoria sonambúlica, o médium capta do que está ao seu redor. O médium será então uma espécie de espelho a refletir todas as ideias, todos os pensamentos e todos os conhecimentos das pessoas que o cercam; nada diria que não fosse conhecido, pelo menos, de algumas destas. Não é lícito negar, e isso é mesmo um princípio da doutrina, a influência que os assistentes exercem sobre a natureza das manifestações. Esta influência, no entanto, difere muito da que supõem existir, e, dela à que faria do médium um eco dos pensamentos daqueles que o rodeiam, vai grande distância, pois milhares de fatos demonstram o contrário. Nessa maneira de pensar, há um grave erro que uma vez mais prova o perigo das conclusões precipitadas. Sendo-lhes impossível negar a realidade de um fenômeno que a ciência comum não pode explicar e não querendo admitir a presença dos Espíritos, os que assim opinam o explicam a seu modo. Seria enganosa a teoria que sustentam, se pudesse abranger todos os fatos. Tal, entretanto, não se dá. Quando demonstramos até à evidência que certas comunicações do médium são completamente estranhas aos pensamentos, aos conhecimentos, às opiniões mesmo de todos os assistentes, que essas comunicações frequentemente são espontâneas e contradizem todas as ideias preconcebidas, ah, eles não se embaraçam com tão pouca coisa! Respondem que a irradiação vai muito além do círculo imediato que nos envolve; o médium é o reflexo de toda a Humanidade, de tal sorte que, se as inspirações não lhe vêm dos que se acham a seu lado, ele vai captar fora, na cidade, no país, em todo o globo e até nas outras esferas.

Não me parece que em semelhante teoria se encontre explicação mais simples e mais provável que a do Espiritismo, visto que ela se baseia numa causa bem mais maravilhosa. A ideia de que seres que povoam os espaços e que, em contato conosco, nos comunicam seus pensamentos, nada tem que choque mais a razão do que a suposição dessa irradiação universal, vindo, de todos os pontos do Universo, concentrar-se no cérebro de um indivíduo.

Mais uma vez, e este é ponto importante que nunca insistiremos o bastante: a teoria sonambúlica e a que se poderia chamar refletiva foram imaginadas por alguns homens; são opiniões individuais, criadas para explicar um fato, ao passo que a Doutrina dos Espíritos não é de concepção humana. Foi ditada pelas próprias inteligências que se manifestam, quando ninguém disso esperava, quando até a opinião geral a repelia. Ora, perguntamos, onde foram os médiuns achar uma doutrina que não passava pelo pensamento de ninguém na Terra? Perguntamos ainda mais: por que estranha coincidência milhares de médiuns espalhados por todos os pontos do globo terráqueo, e

que jamais se viram e concordaram em dizer a mesma coisa? Se o primeiro médium que apareceu na França sofreu a influência de opiniões já aceitas na América, por que singularidade foi ele buscá-las a duas mil léguas além-mar e no seio de um povo tão diferente pelos costumes e pela linguagem, em vez de tomá-las ao seu redor?

Também ainda há outra circunstância em que não se tem atentado muito. As primeiras manifestações, na França, como na América, não se verificaram por meio da escrita nem da palavra, e, sim, por pancadas concordantes com as letras do alfabeto e formando palavras e frases. Foi por esse meio que as inteligências, autoras das manifestações, se declararam Espíritos. Ora, dado se pudesse supor a intervenção do pensamento dos médiuns nas comunicações verbais ou escritas, outro tanto não seria lícito fazer-se com relação às pancadas, cuja significação não podia ser conhecida de antemão.

Poderíamos citar inúmeros fatos que demonstram, na inteligência que se manifesta, uma individualidade evidente e uma absoluta independência de vontade. Portanto, recomendamos aos divergentes uma observação mais cuidadosa e, se quiserem estudar bem, sem prevenções, e não formular conclusões antes de terem visto tudo, reconhecerão a impotência de sua teoria para tudo explicar. Vamos nos limitar a propor as questões seguintes: por que é que a inteligência que se manifesta, qualquer que ela seja, recusa responder a certas perguntas sobre assuntos perfeitamente conhecidos, como, por exemplo, sobre o nome ou a idade do interlocutor, sobre o que ele tem na mão, o que fez na véspera, o que pensa fazer no dia seguinte, etc.? Se o médium fosse o espelho do pensamento dos assistentes, nada lhe seria mais fácil do que responder.

A esse argumento contestam os adversários, perguntando, por sua vez, por que os Espíritos, que devem saber tudo, não podem dizer coisa tão simples, de acordo com o ditado: Quem pode o mais pode o menos, e daí concluem que não são os Espíritos os que respondem. Se um ignorante ou um zombador, apresentando-se a uma assembleia de doutores, por exemplo, perguntasse por que é dia às doze horas, acreditará alguém que ela se daria o incômodo de responder seriamente e seria lógico que, do seu silêncio ou das zombarias com que pagasse ao interrogante, se concluísse que seus membros são tolos? Ora, exatamente porque os Espíritos são superiores, é que não respondem a questões sem valor ou ridículas e não consentem em ir para a berlinda; é por isso que se calam ou declaram que só se ocupam com coisas sérias.

Perguntaremos, finalmente, por que é que os Espíritos vêm e vão-se, muitas vezes, em dado momento e, passado este, não há pedidos, nem súplicas que os façam voltar? Se o médium obrasse unicamente por impulsão mental dos assistentes, é claro que, em tal circunstância, o concurso de todas as vontades reunidas haveria de estimular-lhe a clarividência. Portanto, desde que não cede ao desejo da assembleia, confirmado pela própria vontade dele, é que o médium obedece a uma influência que lhe é estranha e aos que o cercam, influência que, por esse simples fato, testifica da sua independência e da sua individualidade.

XVII

O cepticismo¹⁴, no tocante à Doutrina Espírita, quando não resulta de uma oposição sistemática por interesse, nasce quase sempre do conhecimento incompleto dos fatos, o que não impede que alguns cortem a questão como se a conhecessem a

¹⁴ **Cepticismo** ou **ceticismo**: descrença – N. E.

fundo. Podemos ter muita esperteza, muita instrução mesmo, e carecermos de bom-senso. Ora, o primeiro indício da falta de bom-senso está em alguém crer que seu juízo seja infalível. Para muita gente também as manifestações espíritas nada mais são do que objeto de curiosidade. Confiamos em que, lendo este livro, encontrarão nesses extraordinários fenômenos alguma coisa mais do que simples passatempo.

A ciência espírita compreende duas partes: experimental uma, relativa às manifestações em geral; filosófica, outra, relativa às manifestações inteligentes. Aquele que apenas tenha observado a primeira se acha na posição de quem não conhecesse a Física senão por experiências recreativas, sem haver penetrado no fundo da ciência. A verdadeira Doutrina Espírita está no ensino que os Espíritos deram, e os conhecimentos que esse ensino admite são profundos demais e extensos para serem adquiridos de qualquer modo, que não por um estudo perseverante, feito no silêncio e no recolhimento. Porque, só dentro desta condição se pode observar um número infinito de fatos e particularidades que passam despercebidos ao observador superficial, e firmar opinião. Não produzisse este livro outro resultado além do de mostrar o lado sério da questão e de provocar estudos neste sentido e rejubilaríamos por haver sido eleito para executar uma obra em que, aliás, não pretendemos ter nenhum mérito pessoal, pois que os princípios nela exarados não são de criação nossa. O mérito que apresenta cabe todo aos Espíritos que a ditaram. Esperamos que dará outro resultado, o de guiar os homens que desejem esclarecer-se, mostrando-lhes, nestes estudos, um fim grande e sublime: o do progresso individual e social e o de lhes indicar o caminho que conduz a esse fim.

Concluamos, fazendo uma última consideração. Alguns astrônomos, sondando o espaço, encontraram na distribuição dos corpos celestes espaços não justificados e em desacordo com as leis do conjunto. Suspeitaram que essas lacunas deviam estar preenchidas por globos que tinham escapado à observação deles. De outro lado, observaram certos efeitos, cuja causa lhes era desconhecida e disseram: deve haver ali um mundo, pois esta lacuna não pode existir e estes efeitos devem ter uma causa. Então, julgando a causa pelo efeito, conseguiram calcular-lhe os elementos e mais tarde os fatos lhes vieram confirmar as previsões.

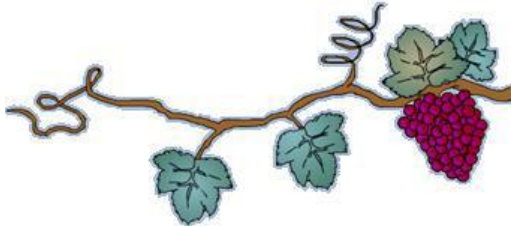
Apliquemos este raciocínio à outra ordem de ideias. Se observarmos a série dos seres, descobriremos que eles formam uma cadeia sem solução de continuidade, desde a matéria bruta até o homem mais inteligente. Porém, entre o homem e Deus, alfa e ômega de todas as coisas, que imenso vazio! Será racional pensarmos que no homem terminam os anéis dessa cadeia e que ele transponha sem transição a distância que o separa do infinito? A razão nos diz que entre o homem e Deus outros elos necessariamente haverá, como disse aos astrônomos que, entre os mundos conhecidos, outros haveria, desconhecidos. Que filosofia já preencheu essa lacuna? O Espiritismo nos mostra essa ligação preenchida pelos seres de todas as ordens do mundo invisível e estes seres não são mais do que os Espíritos dos homens, nos diferentes graus que levam à perfeição. Tudo então se liga, tudo se encadeia, desde o alfa até o ômega.¹⁵

Vocês que negam a existência dos Espíritos, preencham o vácuo que eles ocupam; e vocês que riem deles, ousem rir das obras de Deus e da sua onipotência!

Allan Kardec

¹⁵ **Alfa e ômega:** respectivamente, a primeira e a última letra do alfabeto grego, representando aqui o princípio e o fim das coisas – N. E.

Prolegômenos¹⁶



Fenômenos acima das leis da ciência humana se dão por toda parte, revelando na causa que os produz a ação de uma vontade livre e inteligente.

A razão diz que um efeito inteligente há de ter como causa uma força inteligente e os fatos têm provado que essa força é capaz de entrar em comunicação com os homens por meio de sinais materiais.

Interrogada acerca da sua natureza, essa força declarou pertencer ao mundo dos seres espirituais que se despojaram do invólucro corporal do homem. Assim é que foi revelada a **Doutrina dos Espíritos**.

As comunicações entre o mundo espírita e o mundo corpóreo estão na ordem natural das coisas e não constituem fato sobrenatural, tanto que de tais comunicações se acham sinais entre todos os povos e em todas as épocas. Hoje se generalizaram e tornaram evidentes a todos.

Os Espíritos anunciam que chegaram os tempos marcados pela Providência para uma manifestação universal e que, sendo eles os ministros de Deus e os agentes de sua vontade, têm por missão instruir e esclarecer os homens, abrindo uma nova era para a regeneração da Humanidade.

Este livro é o repositório de seus ensinamentos. Foi escrito por ordem e mediante ditado de Espíritos superiores, para estabelecer os fundamentos de uma filosofia racional, isenta dos preconceitos do espírito de sistema. Nada contém que não seja a expressão do pensamento deles e que não tenha sido por eles examinado. Só a ordem e a distribuição metódica das matérias, assim como as notas e a forma de algumas partes da redação constituem obra daquele que recebeu a missão de publicá-los.

Entre o número dos Espíritos que colaboraram para a execução desta obra, muitos se contam que viveram, em épocas diversas, na Terra, onde pregaram e praticaram a virtude e a sabedoria. Outros, pelos seus nomes, não pertencem a nenhuma personagem, cuja lembrança a História guarde, mas cuja elevação é atestada pela pureza de seus ensinamentos e pela união em que se acham com os que usam de nomes venerados.

Eis em que termos nos deram, por escrito e por muitos médiuns, a missão de escrever este livro:

¹⁶ **Prolegômenos:** princípios básicos, resumo, introdução de um livro – N. E.

“Ocupa-te, cheio de zelo e perseverança, do trabalho que empreendeste com o nosso concurso, pois esse trabalho é nosso. Nele pusemos as bases de um novo edifício que se eleva e que um dia há de reunir todos os homens num mesmo sentimento de amor e caridade. Mas, antes de o divulgares, nós o examinamos, a fim de lhe verificarmos todos os detalhes.

“Estaremos contigo sempre que o pedires, para te ajudarmos nos teus trabalhos, porque esta é apenas uma parte da missão que te está confiada e que um de nós já te revelou.

“Entre os ensinamentos que te são dados, alguns há que deves guardar para ti somente, até nova ordem. Quando chegar o momento de os publicares, nós te diremos. Enquanto esperas, medita sobre eles, a fim de estares pronto quando te dissermos.

“Coloca no cabeçalho do livro a cepa que te desenhamos¹⁷, porque é o emblema do trabalho do Criador. Aí se acham reunidos todos os princípios materiais que melhor podem representar o corpo e o espírito. O corpo é o tronco; o espírito é o licor; a alma ou espírito ligado à matéria é o bago. O homem purifica o espírito pelo trabalho e tu sabes que só mediante o trabalho do corpo é que o Espírito adquire conhecimentos.

“Não te deixes desanimar pela crítica. Encontrarás contraditores brutais, sobretudo entre os que têm interesse nos abusos. Encontrará a eles até entre os Espíritos, por isso que os que ainda não estão completamente desmaterializados procuram frequentemente semear a dúvida por malícia ou ignorância. Prossegue sempre. Crê em Deus e caminha com confiança: aqui estaremos para te amparar e vem próximo o tempo em que a Verdade brilhará de todos os lados.

“A vaidade de certos homens, que julgam saber tudo e tudo querem explicar a seu modo, dará nascimento a opiniões dissidentes. Mas, todos os que tiverem em vista o grande princípio de Jesus se confundirão num só sentimento: o do amor do bem e se unirão por um laço fraterno, que prenderá o mundo inteiro. Estes deixarão de lado as miseráveis questões de palavras, para só se ocuparem com o que é essencial. E a doutrina será sempre a mesma, quanto ao fundo, para todos os que receberem comunicações de Espíritos superiores.

“Com a perseverança é que chegarás a colher os frutos de teus trabalhos. O prazer que experimentarás, vendo a doutrina propagar-se e bem compreendida, será uma recompensa, cujo valor integral conhecerás, talvez mais no futuro do que no presente. Portanto, não te inquietes com os espinhos e as pedras que os incrédulos ou os maus acumularão no teu caminho. Conserva a confiança: com ela chegarás ao fim e merecerás ser sempre ajudado.

“Lembra-te de que os Bons Espíritos só dão assistência aos que servem a Deus com humildade e desinteresse e que repudiam a todo aquele que busca na senda do Céu um degrau para conquistar as coisas da Terra; que se afastam do orgulhoso e do ambicioso. O orgulho e a ambição serão sempre uma barreira erguida entre o homem e Deus. São um véu lançado sobre as claridades celestes, e Deus não pode servir-se do cego para fazer perceptível a luz.”

São João Evangelista, Santo Agostinho, São Vicente de Paulo, São Luís,
O Espírito de Verdade, Sócrates, Platão, Fénelon, Franklin, Swedenborg, etc., etc.

¹⁷ A cepa que se vê na página anterior é o fac-símile da que os Espíritos desenharam — N. K. (Nota de Kardec)

PARTE PRIMEIRA

DAS CAUSAS PRIMÁRIAS

DE DEUS
DOS ELEMENTOS GERAIS DO UNIVERSO
DA CRIAÇÃO
DO PRINCÍPIO VITAL

CAPÍTULO I

DE DEUS

- DEUS E O INFINITO
- PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS
- ATRIBUTOS DE DEUS
- PANTEÍSMO

DEUS E O INFINITO

1. O Que é Deus?

“Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas”.¹⁸

2. Que se deve entender por infinito?

“O que não tem começo nem fim: o desconhecido; tudo o que é desconhecido é infinito.”

3. Poderíamos dizer que Deus é o infinito?

“Definição incompleta. Pobreza da linguagem humana, insuficiente para definir o que está acima da linguagem dos homens.”

Deus é infinito em suas perfeições, mas o infinito é uma abstração. Dizer que Deus é o infinito é tomar o atributo de uma coisa pela coisa mesma, é definir uma coisa que não está conhecida por outra que não o está mais do que a primeira.¹⁹

PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS

4. Onde podemos encontrar a prova da existência de Deus?

“Num axioma²⁰ que aplicais às vossas ciências. Não há efeito sem causa. Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem e a vossa razão responderá.”

Para crermos em Deus, basta olhar para as obras da Criação. O Universo existe, logo tem uma causa. Duvidar da existência de Deus é negar que todo efeito tem uma causa e avançar que o nada pôde fazer alguma coisa.

5. Que conclusão se pode tirar do sentimento intuitivo, que todos os homens trazem em si, da existência de Deus?

“Que Deus existe; pois, de onde lhes viria esse sentimento, se não tivesse uma base? É ainda uma consequência daquele princípio — não há efeito sem causa.”

¹⁸ O texto entre aspas e com cor de destaque, colocado em seguida às perguntas, é a resposta dada pelos Espíritos. Os eventuais comentários e notas de Allan Kardec, adicionais às respostas dos Espíritos, são colocados em texto negro e em tamanho menor, para que não se confundam com as respostas dos Espíritos. Quando estes comentários de Kardec formam capítulos inteiros, sem ser possível a confusão, empregamos o mesmo tipo usado para as perguntas e respostas – N. E.

¹⁹ Comentário de Allan Kardec, conforme informação da nota de rodapé anterior — N. E.

²⁰ **Axioma**: máxima, sentença, afirmação – N. E.

6. O sentimento íntimo que temos da existência de Deus não poderia ser fruto da educação, resultado de ideias adquiridas?

“Se assim fosse, por que também em vossos selvagens existiria esse sentimento?”

Se o sentimento da existência de um ser supremo fosse somente produto de um ensino, não seria universal e não existiria senão nos que pudessem receber esse ensino, conforme se dá com as noções científicas.

7. Poderíamos achar nas propriedades íntimas da matéria a causa primária da formação das coisas?

“Mas, então, qual seria a causa dessas propriedades? Sempre é indispensável uma causa primária.”

Atribuir a formação primária das coisas às propriedades íntimas da matéria seria tomar o efeito pela causa, pois essas propriedades são — também elas — um efeito que há de ter uma causa.

8. Que se deve pensar da opinião dos que atribuem a formação primária a uma combinação fortuita da matéria, ou, de outra forma, ao acaso?

“Outro absurdo! Que homem de bom-senso pode considerar o acaso um ser inteligente? E, demais, que é o acaso? Nada.”

A harmonia existente no mecanismo do Universo revela combinações e desígnios determinados e, por isso mesmo, revela um poder inteligente. Atribuir a formação primária ao acaso é insensatez, pois que o acaso é cego e não pode produzir os efeitos que a inteligência produz. Um acaso inteligente já não seria acaso.

9. Onde é que, na causa primária, se revela uma inteligência suprema e superior a todas as inteligências?

“Vocês têm um provérbio que diz: Pela obra se reconhece o autor. Pois bem! Vejam a obra e procurem o autor. O orgulho é que gera a incredulidade. O homem orgulhoso nada admite acima de si. Por isso é que ele se denomina a si mesmo de espírito forte. Pobre ser, que um sopro de Deus pode abater!”

O poder de uma inteligência se julga pelas suas obras. Como nenhum ser humano pode criar o que a Natureza produz, a causa primária é, consequentemente, uma inteligência superior à Humanidade. Quaisquer que sejam os fenômenos que a inteligência humana tenha operado, ela própria tem uma causa e, quanto maior for o que opere, tanto maior há de ser a causa primária. Aquela inteligência superior é que é a causa primária de todas as coisas, seja qual for o nome que lhe deem.

ATRIBUTOS DA DIVINDADE

10. O homem pode compreender a natureza íntima de Deus?

“Não; para isso lhe falta o sentido.”

11. Algum dia o homem compreenderá o mistério da Divindade?

“Quando não mais tiver o espírito obscurecido pela matéria. Quando, pela sua perfeição, se houver aproximado de Deus, ele o verá e compreenderá.”

Os poucos recursos do homem não lhe permite compreender a natureza íntima de Deus. Na infância da Humanidade, o homem o confunde muitas vezes com a criatura, da qual lhe atribui as imperfeições; mas, à medida que o senso moral se desenvolve nele, seu pensamento penetra melhor no interior das coisas; então, faz ideia mais justa da Divindade e mais conforme com a boa razão — ainda que sempre incompleta.

12. Embora não possamos compreender a natureza íntima de Deus, podemos formar ideia de algumas de suas perfeições?

“De algumas, sim. O homem as compreende melhor à proporção que se eleva acima da matéria. Ele as vê pelo pensamento.”

13. Quando dizemos que Deus é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom, temos ideia completa de seus atributos?

“Do seu ponto de vista, sim, porque vocês creem abranger tudo. Porém, saibam que há coisas que estão acima da inteligência do homem mais inteligente, as quais a sua linguagem, limitada às ideias e sensações de vocês, não tem meios de explicar. Com efeito, a razão diz que Deus deve possuir essas perfeições em grau supremo, pois, se uma lhe faltasse, ou não fosse infinita, Ele já não seria superior a tudo e, portanto, não mais seria Deus. Para estar acima de todas as coisas Ele tem que se achar livre de qualquer fraqueza e de qualquer das imperfeições que a imaginação possa criar.”

Deus é eterno. Se tivesse tido princípio, teria saído do nada, ou, então, também teria sido criado por um ser anterior a Ele. É assim que, de degrau em degrau, exploramos o infinito e à eternidade.

É imutável. Se estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o Universo não teriam nenhuma estabilidade.

É imaterial. Quer dizer, que a sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria. De outro modo, ele não seria imutável, porque estaria sujeito às transformações da matéria.

É único. Se muitos Deuses houvesse, não haveria unidade de pensamento, nem unidade de poder na ordenação do Universo.

É onipotente. Ele é, porque é único. Se não tivesse o poder soberano, algo haveria mais poderoso ou tão poderoso quanto ele, que então não teria feito todas as coisas. O que não fosse feito por Ele teriam sido obra de outro Deus.

É soberanamente justo e bom. A sabedoria providencial das leis divinas se revela tanto nas coisas mais pequeninas como nas maiores, e essa sabedoria não permite divisão nem da justiça nem da bondade de Deus.

PANTEÍSMO

14. Deus é um ser distinto, ou, como alguns pensam, será o resultado de todas as forças e de todas as inteligências do Universo reunidas?

“Se fosse assim, Deus não existiria, porque seria efeito e não causa. Ele não pode ser ao mesmo tempo uma e outra coisa.

“Deus existe; disso vocês não podem duvidar e é o que interessa. Acreditem no que digo: não devem ir além. Não se percam num labirinto de onde não conseguiriam sair. Isso não vos tornaria melhores, mas sim, um pouco mais orgulhosos, pois que acreditariam saber, quando na realidade nada saberiam. Deixem de lado todos esses sistemas; vocês têm bastantes coisas que vos tocam mais de perto, a começar por vocês mesmos. Estudem as suas próprias imperfeições, a fim de se libertarem delas, o que será mais útil do que pretender penetrar no que é impenetrável.”

15. Que devemos pensar da opinião segundo a qual todos os corpos da Natureza, todos os seres, todos os globos do Universo seriam partes da Divindade e em conjunto seriam a própria Divindade, ou seja, que pensar da doutrina panteísta?

“Não podendo fazer-se Deus, o homem quer ao menos ser uma parte dele.”

16. Aqueles que confessam esta doutrina acham nela a demonstração de alguns dos atributos de Deus: Sendo infinitos os mundos, Deus é, por isso mesmo, infinito; não havendo em parte alguma o vazio ou o nada, Deus está por toda parte; estando Deus em toda parte, pois que tudo é parte integrante de Deus, ele dá a todos os fenômenos da Natureza uma razão de ser inteligente. No que podemos nos opor a este raciocínio?

“A razão. Reflitam seriamente e não será difícil reconhecerem o absurdo.”

Esta doutrina faz de Deus um ser material que, embora dotado de suprema inteligência, seria um ponto grande tal como somos um ponto pequeno. Ora, como a matéria se transforma constantemente, se Deus fosse assim, não teria nenhuma estabilidade; Ele se acharia sujeito a todas as fraquezas, como as mesmas necessidades da Humanidade; faltaria a Ele uma das qualidades essenciais da Divindade: a imutabilidade. Não se podem aliar as propriedades da matéria à ideia de Deus, sem que Ele fique rebaixado ante a nossa compreensão e não haverá sutilezas de sofismas²¹ que cheguem a resolver o problema da sua natureza íntima. Não sabemos tudo o que Ele é, mas sabemos o que Ele não pode deixar de ser e o Panteísmo está em contradição com as suas mais essenciais propriedades. Ele confunde o Criador com a criatura, exatamente como o faria quem pretendesse que engenhosa máquina fosse parte integrante do mecânico que a imaginou.

A inteligência de Deus se revela em suas obras como a de um pintor no seu quadro; mas, as obras de Deus não são o próprio Deus, como o quadro não é o pintor que o concebeu e executou.

²¹ **Sofisma:** argumento ou raciocínio enganoso colocado de propósito para se passar pela verdade; enganação por ilusão – N. E.

CAPÍTULO II

DOS ELEMENTOS GERAIS DO UNIVERSO

- CONHECIMENTO DO PRINCÍPIO DAS COISAS
- ESPÍRITO E MATÉRIA
- PROPRIEDADES DA MATÉRIA
- ESPAÇO UNIVERSAL

CONHECIMENTO DO PRINCÍPIO DAS COISAS

17. É permitido ao homem conhecer o princípio das coisas?

“Não, Deus não permite que tudo seja revelado ao homem neste mundo.”

18. O homem penetrará algum dia no mistério das coisas que lhe estão ocultas?

“O véu se levanta a seus olhos à medida que ele se purifica; mas, para compreender certas coisas, é preciso faculdades que ele ainda não possui.”

19. Não poderíamos penetrar pelas investigações científicas alguns dos segredos da Natureza?

“A Ciência lhe foi dada para seu adiantamento em todas as coisas; porém, ele não pode ultrapassar os limites que Deus estabeleceu.”

Quanto mais o homem consegue penetrar nesses mistérios, tanto maior admiração lhe devem causar o poder e a sabedoria do Criador. Entretanto, seja por orgulho, seja por fraqueza, sua própria inteligência o faz juguete da ilusão. Ele junta teorias sobre teorias e cada dia que passa lhe mostra quantos erros tomou por verdades e quantas verdades rejeitou como erros. São outras tantas decepções para o seu orgulho.

20. Fora das investigações científicas, é permitido ao homem receber comunicações de ordem mais elevada acerca do que está além do alcance dos seus sentidos?

“Sim, se assim julgar conveniente, Deus pode revelar o que à ciência não é dado apreender.”

Por essas comunicações é que o homem adquire, dentro de certos limites, o conhecimento do seu passado e do seu futuro.

ESPÍRITO E MATÉRIA

21. A matéria existe desde toda a eternidade, assim como Deus, ou foi criada por Ele em algum momento?

“Só Deus o sabe. Todavia, há uma coisa que a vossa razão deve indicar: é que Deus, modelo de amor e caridade, nunca esteve desocupado. Por mais distante que possam imaginar o início de sua ação, poderiam imaginar que Deus fique sem fazer nada, um só momento?”

22. Geralmente, a matéria é definida como sendo: o que tem extensão, o que é capaz de nos impressionar os sentidos, o que é impenetrável. Estas definições são exatas?

“Do ponto de vista de vocês, elas são, porque falam somente do que conhecem. Mas a matéria existe em estados que ignoram. Por exemplo, pode ser tão etérea e sutil, que não cause nenhuma sensação aos sentidos humanos. Contudo, é sempre matéria, embora para vocês, não o seria.”

a) Que definição podemos ter de matéria?

“A matéria é o laço que prende o Espírito; é o instrumento de que este se serve e sobre o qual exerce ao mesmo tempo sua ação.”

De acordo com essa ideia, podemos dizer que a matéria é o agente, o intermediário com o auxílio do qual se sobre o qual o Espírito atua.

23. O que é espírito?

“Espírito é o princípio inteligente do Universo.”

a) — Qual a natureza íntima do espírito?

“Não é fácil analisar o espírito com a vossa linguagem. Para vocês ele é nada por não ser palpável. Entretanto, para nós ele é alguma coisa. Saibam disso: nada é coisa nenhuma e o nada não existe.”

24. Espírito é sinônimo de inteligência?

“A inteligência é uma qualidade essencial do espírito e uma e outro se confundem num princípio comum, de maneira que, para vocês, são a mesma coisa.”

25. O espírito independe da matéria, ou é apenas uma propriedade desta, como as cores são propriedades da luz e o som o é do ar?

“São distintos uma do outro, mas, a união do espírito e da matéria é necessária para intelectualizar a matéria”.²²

a) — Essa união é igualmente necessária para a manifestação do espírito? (Entendemos aqui por espírito o princípio da inteligência, exceção feita das individualidades que por esse nome se designam.)

“É necessária a todos vocês, porque não têm organização suficiente para perceber o espírito sem a matéria. Os vossos sentidos não estão ajustados para isso.”

26. Poderíamos conceber o espírito sem a matéria e a matéria sem o espírito?

“Sim, sem dúvida, pelo pensamento.”

27. Há então dois elementos gerais do Universo: a matéria e o espírito?

“Sim e acima de tudo Deus, o criador, o pai de todas as coisas. Deus, espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a ‘trindade universal’. Mas, ao elemento material é preciso somar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o espírito e a matéria propriamente dita, que é bastante grosseira para que o espírito possa exercer ação sobre ela. Embora, de certo ponto de vista, seja possível classificá-lo com o elemento material, ele se distingue deste por propriedades especiais. Se o fluido universal fosse concretamente matéria, não haveria razão para que também o espírito não o fosse. Está colocado entre o espírito e a matéria; é um fluido,

²² A inteligência precisa da matéria para se manifestar. Assim, o Espírito precisa ter um corpo para atuar – N. K.

como a matéria é matéria, e suscetível, pelas suas inumeráveis combinações com esta e sob a ação do espírito, de produzir a infinita variedade das coisas de que apenas conheceis uma parte mínima. Esse fluido universal, ou primitivo, ou elementar, sendo o meio de que o espírito se utiliza, é o princípio sem o qual a matéria estaria em perpétuo estado de divisão e nunca adquiriria as qualidades que a força da gravidade lhe dá.”

a) — Esse fluido será o que chamamos de eletricidade?

“Dissemos que ele é capaz de inúmeras combinações. O que chamam fluido elétrico, fluido magnético, são modificações do fluido universal, que não é, propriamente falando, senão matéria mais perfeita, mais sutil e que se pode considerar independente.”

28. Como o espírito é propriamente alguma coisa, não seria mais exato e menos sujeito a confusão dar dois significados aos elementos gerais — matéria inerte e matéria inteligente?

“As palavras pouco importam para nós. Cabe a vocês formular a linguagem da maneira que bem entendem. Quase sempre, as vossas controvérsias vêm de não se entenderem acerca dos termos que usam, por ser incompleta a vossa linguagem para explicar o que não estão ao alcance dos sentidos.”

Um fato evidente domina todas as hipóteses: vemos matéria sem inteligência e vemos um princípio inteligente que independe da matéria. A origem e a conexão destas duas coisas nos são desconhecidas. Se vêm ou não de uma só fonte; se há pontos de contato entre ambas; se a inteligência tem existência própria, ou se é uma propriedade, um efeito; se é mesmo, conforme à opinião de alguns, uma emanção da Divindade, essas coisas nós ignoramos. Elas se nos mostram como sendo distintas; daí porque as consideramos formando os dois princípios básicos do Universo. Vemos acima de tudo isso uma inteligência que domina todas as outras, que governa tudo, que se distingue delas por atributos essenciais. A essa inteligência suprema é que chamamos Deus.

PROPRIEDADES DA MATÉRIA

29. A ponderabilidade²³ é um atributo essencial da matéria?

“Da matéria que você entendem, sim; porém, não da matéria considerada como fluido universal. A matéria etérea e sutil que constitui esse fluido é imponderável para vocês. Nem por isso, entretanto, deixa de ser o princípio da vossa matéria pesada.”

A gravidade²⁴ é uma propriedade relativa. Fora das esferas de atração dos mundos, não há peso, do mesmo modo que não há alto nem baixo.

30. A matéria é formada de um só elemento ou de muitos?

“De um só elemento primitivo. Os corpos que considerais simples não são verdadeiros elementos, são transformações da matéria primitiva.”

31. De onde surgem as diversas propriedades da matéria?

“São modificações que as moléculas elementares sofrem, por efeito da sua união, em certas circunstâncias.”

32. De acordo com isso, os sabores, os odores, as cores, o som, as qualidades venenosas ou saudáveis dos corpos não passam de modificações de uma única substância primitiva?

²³ **Ponderabilidade:** qualidade ou condição daquilo que se pode medir, pesar, contar – N. E.

²⁴ **Gravidade:** lei da Física relativa à força de atração entre os corpos – N. E.

“Sem dúvida e que só existem devido à disposição dos órgãos destinados a percebê-las.”

A demonstração deste princípio se encontra no fato de que nem todos percebemos as qualidades dos corpos do mesmo modo: enquanto que uma coisa agrada ao gosto de um, para o paladar de outro é detestável; o que uns veem azul, outros veem vermelho; o que para uns é veneno, para outros é inofensivo ou benéfico.

33. A mesma matéria elementar é suscetível de experimentar todas as modificações e de adquirir todas as propriedades?

“Sim e é isso o que se deve entender, quando dizemos que tudo está em tudo!”²⁵

O oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono e todos os corpos que consideramos simples são meras modificações de uma substância primitiva. Na impossibilidade em que ainda nos achamos de remontar, a não ser pelo pensamento, a esta matéria primária, esses corpos são para nós verdadeiros elementos e podemos, sem maiores consequências, tê-los como tais, até nova ordem.

a) Essa teoria parece que dá razão aos que só admitem na matéria apenas duas propriedades essenciais: a força e o movimento, entendendo que todas as demais propriedades não passam de efeitos secundários, que variam conforme a intensidade da força e a direção do movimento?

“Essa opinião está certa. Falta somente acrescentar: conforme o alinhamento das moléculas, como o mostra, por exemplo, um corpo opaco, que pode tornar-se transparente e vice-versa.”

34. As moléculas têm forma determinada?

“Certamente, as moléculas têm uma forma, porém vocês não são capazes de compreendê-la.”

a) Essa forma é constante ou variável?

“Constante a das moléculas elementares primitivas; variável a das moléculas secundárias, que mais não são do que aglomerações das primeiras. Porque, o que julgam ser molécula ainda está longe de ser molécula elementar.”

ESPAÇO UNIVERSAL

35. O Espaço universal é infinito ou limitado?

“Infinito. Supondo que fosse limitado, o que haverá além de seus limites? Sei que isto te confunde a razão; no entanto, a lógica te diz que não pode ser de outro modo. O mesmo se dá com o infinito em todas as coisas. Não é na pequenina esfera em que acharão que poderão compreendê-lo.”

Supondo-se um limite ao Espaço, por mais distante que a imaginação o coloque, a razão diz que além desse limite alguma coisa há e assim, gradativamente, até ao infinito, pois, embora essa alguma coisa fosse o vazio absoluto, ainda seria Espaço.

²⁵ Este princípio explica o fenômeno conhecido de todos os magnetizadores e que consiste em, pela ação da vontade, dar a uma substância qualquer (à água, por exemplo) propriedades muito diversas: um gosto determinado e até as qualidades ativas de outras substâncias. Desde que não há mais de um elemento primitivo e que as propriedades dos diferentes corpos são apenas modificações desse elemento, o que se segue é que a mais inofensiva substância tem o mesmo princípio que a mais deletéria. Assim, a água, que se compõe de uma parte de oxigênio e de duas de hidrogênio, se torna corrosiva, duplicando-se a proporção do oxigênio. Igual transformação se pode produzir por meio da ação magnética dirigida pela vontade – N. E.

36. O vácuo absoluto existe em alguma parte no Espaço universal?

“Não, não há o vácuo. O que te parece vazio está ocupado por matéria que te escapa aos sentidos e aos instrumentos.”

CAPÍTULO III

DA CRIAÇÃO

- FORMAÇÃO DOS MUNDOS
- FORMAÇÃO DOS SERES VIVOS
- POVOAMENTO DA TERRA. ADÃO
- DIVERSIDADE DAS RAÇAS HUMANAS
- PLURALIDADE DOS MUNDOS
- CONSIDERAÇÕES E CONCORDÂNCIAS BÍBLICAS CONCERNENTES À CRIAÇÃO

FORMAÇÃO DOS MUNDOS

O Universo abrange a infinidade dos mundos que vemos e dos que não vemos, todos os seres animados e inanimados, todos os astros que se movem no espaço, assim como os fluidos que o preenchem.

37. O Universo foi criado, ou existe de toda a eternidade, como Deus?

“É fora de dúvida que o Universo não pode ter criado a si mesmo. Se, como Deus, existisse de toda a eternidade, não seria obra de Deus.”

A razão nos diz que não é possível que o Universo tenha feito a si mesmo e que, não podendo também ser obra do acaso, há de ser obra de Deus.

38. Como criou Deus o Universo?

“Para me servir de uma expressão corrente, direi: por Sua Vontade. Nada caracteriza melhor essa vontade onipotente do que estas belas palavras da Gênese – ‘Deus disse: Faça-se a luz e a luz foi feita.’”²⁶

39. Poderemos conhecer o modo da formação dos mundos?

“Tudo o que se pode dizer a esse respeito e o que vocês podem compreender é que os mundos se formam pela condensação da matéria disseminada no Espaço.”

40. Serão os cometas, como agora se pensa, um começo de condensação da matéria, mundos em via de formação?

“Isso está certo; absurdo, porém, é acreditar-se na influência deles. Refiro-me à influência que vulgarmente lhes atribuem, porque todos os corpos celestes influem de algum modo em certos fenômenos físicos.”

41. Um mundo completamente formado pode desaparecer e sua matéria voltar e se espalhar no Espaço?

“Sim, Deus renova os mundos, como renova os seres vivos.”

42. Poderíamos conhecer o tempo que dura a formação dos mundos: da Terra, por exemplo?

²⁶ **Gênesis:** primeiro livro da Bíblia. A citação de Kardec consta no capítulo 1, versículo 3 – N. E.

“Nada te posso dizer a respeito, porque só o Criador o sabe e bem louco será quem pretenda sabê-lo, ou conhecer que número de séculos dura essa formação.”

FORMAÇÃO DOS SERES VIVOS

43. Quando a Terra começou a ser povoada?

“No começo tudo era caos; os elementos estavam em confusão. Pouco a pouco cada coisa tomou o seu lugar. Apareceram então os seres vivos apropriados ao estado do globo.”

44. De onde os seres vivos vieram para a Terra?

“A Terra continha os germens que aguardavam momento favorável para se desenvolverem. Os princípios orgânicos se uniram desde que teve fim a força que os mantinha afastados, e formaram os germens de todos os seres vivos. Estes germens permaneceram ocultos em estado de inércia, como a crisálida e as sementes das plantas, até o momento propício ao surgimento de cada espécie. Os seres de cada uma destas se reuniram, então, e se multiplicaram.”

45. Onde estavam os elementos orgânicos, antes da formação da Terra?

“Achavam-se, por assim dizer, em estado de fluido no Espaço, no meio dos Espíritos, ou em outros planetas, à espera da criação da Terra para começarem existência nova em novo globo.”

A Química nos mostra as moléculas dos corpos inorgânicos unindo-se para formarem cristais de uma regularidade constante, conforme cada espécie, desde que se encontrem nas condições precisas. Basta a menor perturbação nestas condições para impedir a reunião dos elementos, ou, pelo menos, para atrasar à disposição regular que constitui o cristal. Por que não se daria o mesmo com os elementos orgânicos? Durante anos se conservam germens de plantas e de animais, que só se desenvolvem a certa temperatura e em meio apropriado. Temos visto grãos de trigo germinarem depois de séculos. Há, pois, nesses germens um princípio latente de vitalidade, que apenas espera uma circunstância favorável para se desenvolver. O que diariamente ocorre debaixo das nossas vistas, por que não pode ter ocorrido desde a origem do globo terráqueo? A formação dos seres vivos, saindo eles do caos pela força mesma da Natureza, diminui de alguma coisa a grandeza de Deus? Longe disso: corresponde melhor à ideia que fazemos do seu poder a exercer-se sobre a infinidade dos mundos por meio de leis eternas. É verdade que esta teoria não resolve a questão da origem dos elementos vitais; mas, Deus tem seus mistérios e pôs limites às nossas investigações.

46. Ainda há seres que nasçam espontaneamente?

“Sim, mas o gérmen primitivo já existia em estado latente²⁷. Vocês são testemunhas desse fenômeno todos os dias. Os tecidos do corpo humano e o dos animais não contêm os germens de uma multidão de vermes que só esperam para provocar o processo de decomposição que é necessária para a existência? É um mundo minúsculo que dormita e se cria.”

47. A espécie humana se encontrava entre os elementos orgânicos contidos no globo terrestre?

“Sim, e veio a seu tempo. Por isso que se diz que o homem se formou do barro da terra.” ²⁸

²⁷ Estado latente: oculto, adormecido e em desenvolvimento, à espera da hora de se revelar – N. E.

²⁸ Naturalmente, podemos compreender que a “espécie humana” aqui referida diz respeito ao organismo físico humano, e não ao ser em si (a alma, ou o Espírito) — N. E.

48. Poderemos conhecer a época do aparecimento do homem e dos outros seres vivos na Terra?

“Não; todos os vossos cálculos são ilusórios.”

49. Se o gérmen da espécie humana se encontrava entre os elementos orgânicos do globo, por que não se formam espontaneamente homens, como no princípio dos tempos?

“O princípio das coisas está nos segredos de Deus. Entretanto, podemos dizer que os homens, uma vez espalhados pela Terra, absorveram em si mesmos os elementos necessários à sua própria formação, para transmiti-los segundo as leis da reprodução. O mesmo se deu com as diferentes espécies de seres vivos.”

POVOAMENTO DA TERRA. ADÃO

50. A espécie humana começou por um único homem?

“Não; aquele a quem chamam Adão não foi o primeiro, nem o único a povoar a Terra.”

51. Poderemos saber em que época viveu Adão?

“Mais ou menos na que lhe assinais: cerca de 4.000 anos antes do Cristo.”

O homem, cuja tradição se conservou sob o nome de Adão, foi um dos que sobreviveram, em certa região, a alguns dos grandes cataclismos que revolveram em diversas épocas a superfície do globo, e se constituiu tronco de uma das raças que atualmente o povoam. As leis da Natureza se opõem a que os progressos da Humanidade, comprovados muito tempo antes do Cristo, se tenham realizado em alguns séculos, como teria acontecido se o homem existisse na Terra somente a partir da época indicada para a existência de Adão. Muitos, com mais razão, consideram Adão um mito ou uma simbologia que personifica as primeiras idades do mundo.

DIVERSIDADE DAS RAÇAS HUMANAS

52. Onde provêm as diferenças físicas e morais que diferenciam as raças humanas na Terra?

“Do clima, da vida e dos costumes. Ocorre aí o que se dá com dois filhos de uma mesma mãe que, educados longe um do outro e de modos diferentes, em nada se assemelharão, quanto à moral.”

53. O homem surgiu em muitos pontos do planeta?

“Sim e em épocas várias, o que também é uma das causas da diversidade das raças. Depois, espalhando-se por climas diversos e se aliando os de uma raça com os de outros povos, novos tipos se formaram.”

a) —Estas diferenças constituem espécies distintas?

“Certamente que não; todos são da mesma família. Porventura as muitas variedades de um mesmo fruto são motivo para que elas deixem de formar uma só espécie?”

54. Pelo fato de a espécie humana não proceder de um só indivíduo, os homens devem deixar de se considerar irmãos?

“Todos os homens são irmãos em Deus, porque são animados pelo espírito e tendem para o mesmo fim. Vocês estão sempre inclinados a tomar as palavras na sua significação literal.”

PLURALIDADE DOS MUNDOS

55. Todos os globos que se movem no espaço são habitados?

“Sim e o homem terreno está longe de ser, como supõe, o primeiro em inteligência, em bondade e em perfeição. Entretanto, há homens que têm a si mesmos por espíritos muito fortes e que imaginam pertencer a este pequenino planeta o privilégio de conter seres racionais. Orgulho e vaidade! Julgam que Deus criou o Universo só para eles.”

Deus povoou os mundos de seres vivos e todos esses seres colaboram para o objetivo final da Providência. Acreditar que só haja viventes no planeta que habitamos seria duvidar da sabedoria de Deus, que não fez coisa alguma inútil. Certamente Ele deu a esses mundos um objetivo mais sério do que enfeitar nossa visão. Aliás, nada há, nem na posição, nem no volume, nem na constituição física da Terra, que possa supor que ela goze do privilégio de ser habitada, com exclusão de tantos milhares de milhões de mundos semelhantes.

56. A constituição física dos globos é a mesma?

“Não; em nada se assemelham.”

57. Se não é uma só constituição física para todos os mundos, podemos concluir que os seres que lá habitam tenham organizações diferentes?

“Sem dúvida, do mesmo modo que no vosso mundo os peixes são feitos para viver na água e os pássaros no ar.”

58. Os mundos mais afastados do Sol estarão carentes de luz e calor, por motivo de esse astro se lhes mostrar apenas com a aparência de uma estrela?

“Pensam então que não há outras fontes de luz e calor além do Sol e não levam em conta a eletricidade que em certos mundos desempenha um papel que desconhecem e bem mais importante do que o que lhe cabe desempenhar na Terra? Além disso, já dissemos os seres não são feitos da mesma matéria e nem têm órgãos iguais aos de vocês.”

As condições de existência dos seres que habitam os diferentes mundos devem ser adequadas ao meio em que vivem. Se jamais houvéramos visto peixes, não compreenderíamos que um ser vivo pudesse viver dentro d'água. Assim acontece com relação aos outros mundos, que sem dúvida contêm elementos que desconhecemos. Não vemos na Terra as longas noites polares iluminadas pela eletricidade das auroras boreais? Que há de impossível em alguns mundos a eletricidade ser mais abundante do que na Terra e desempenhar neles uma função de ordem geral, cujos efeitos não podemos compreender? Bem pode suceder, portanto, que esses mundos tragam em si mesmos as fontes de calor e de luz necessárias a seus habitantes.

CONSIDERAÇÕES E CONCORDÂNCIAS BÍBLICAS CONCERNENTES À CRIAÇÃO

59. Os povos têm formado ideias muito divergentes acerca da Criação, de acordo com as instruções que possuíam. Apoiada na Ciência, a razão reconheceu a incompatibilidade de algumas dessas teorias. A versão apresentada pelos Espíritos confirma a opinião dada pelos homens mais esclarecidos.

A oposição que se pode fazer à versão espírita é a de estar em contradição com o texto dos livros sagrados. Mas, um exame sério mostrará que essa contradição é mais aparente do que real e que decorre da interpretação dada ao que muitas vezes só tinha sentido figurado.

A questão de Adão ter sido o primeiro homem e o ponto de partida da Humanidade não é a única a cujo respeito as crenças religiosas tiveram que se modificar. Em determinada época, o movimento da Terra pareceu tão em oposição às letras sagradas, que não houve gênero de

perseguições a que essa teoria não tivesse servido de pretexto, e, no entanto, a Terra gira, a pesar dos anátemas²⁹, não podendo ninguém hoje contestá-lo, sem agravo à sua própria razão.

A Bíblia diz também que o mundo foi criado em seis dias e estabelece a época da sua criação há mais ou menos quatro mil anos antes da era cristã. Anteriormente, a Terra não existia; foi tirada do nada: o texto é formal. Eis, porém, que a ciência prática — a implacável ciência — prova o contrário. A história da formação do globo terráqueo está escrita em caracteres irrecusáveis no mundo fóssil, achando-se provado que os seis dias da criação indicam outros tantos períodos, cada um de, talvez, muitas centenas de milhares de anos. Isto não é um sistema, uma doutrina, uma opinião insulada; é um fato tão certo como o do movimento da Terra e que a Teologia não pode negar-se a admitir, o que demonstra evidentemente o erro em que se está sujeito a cair tomando ao pé da letra expressões de uma linguagem frequentemente figurada. Devemos concluir daí que a Bíblia é um erro? Não, mas a conclusão a tirar-se é que os homens se equivocaram ao interpretá-la.

Escavando os arquivos da Terra, a Ciência descobriu em que ordem os seres vivos lhe apareceram na superfície, ordem que está de acordo com o que diz a Gênese, havendo apenas a notar-se a diferença de que essa obra, em vez de executada milagrosamente por Deus em algumas horas, se realizou, sempre por Sua vontade, mas de acordo com a lei das forças da Natureza, em alguns milhões de anos. Por isso, Deus ficou sendo menor e menos poderoso? Perdeu em sublimidade a sua obra, por não ter o prestígio da instantaneidade? Claro que não! Seria imaginar uma ideia bem mesquinha da Divindade para não reconhecer a sua onipotência nas leis eternas que ela estabeleceu para regerem os mundos. A Ciência, longe de diminuir a obra divina, nos mostra sob o aspecto mais grandioso e mais acorde com as noções que temos do poder e da majestade de Deus, pela razão mesma de ela se haver efetuado sem alteração das leis da Natureza.

De acordo com isso, como Moisés, a Ciência coloca o homem em último lugar na ordem da criação dos seres vivos. Moisés, porém, indica, como sendo o do dilúvio universal, o ano 4.654 da formação do mundo, ao passo que a Geologia nos aponta o grande cataclismo como anterior ao aparecimento do homem, atendendo a que, até hoje, não se encontrou, nas camadas primitivas, traço algum de sua presença, nem da dos animais de igual categoria, do ponto de vista físico. Contudo, nada prova que isso seja impossível. Muitas descobertas já fizeram surgir dúvidas a tal respeito. Pode ocorrer que, de um momento para outro, se adquira a certeza material da anterioridade da raça humana e então se reconhecerá que, a esse propósito, como a tantos outros, o texto bíblico contém uma figura de linguagem. A questão está em saber se o cataclismo geológico é o mesmo que assistiu Noé viveu. Ora, o tempo necessário à formação das camadas fósseis não permite confundir-las e, desde que se achem vestígios da existência do homem antes da grande catástrofe, ficará provado que Adão não foi o primeiro homem ou que a sua criação se perde na noite dos tempos. Contra a evidência não há raciocínios possíveis; é preciso aceitar esse fato, como se aceitaram o do movimento da Terra e os seis períodos da Criação.

De fato, a existência do homem antes do dilúvio geológico ainda é uma hipótese. Porém, eis aqui um detalhe que nos mostra não ser assim. Admitindo que o homem tenha aparecido pela primeira vez na Terra 4.000 anos antes do Cristo e que, 1.650 anos mais tarde, toda a raça humana tenha sido destruída, com exceção de uma só família, resulta que o povoamento da Terra data apenas de Noé, ou seja: de 2.350 anos antes da nossa era. Ora, quando os hebreus emigraram para o Egito, no décimo oitavo século, encontraram esse país muito povoado e já bastante adiantado em civilização. A História prova que, nessa época, as Índias e outros países também estavam florescentes, sem mesmo se ter em conta a cronologia de certos povos, que vinha de uma época muito mais afastada. Nesse caso, seria preciso que do vigésimo quarto ao décimo oitavo século, isto é, que num espaço de 600 anos, não somente a descendência de um único homem tivesse podido povoar todos os imensos países então conhecidos, suposto que os outros não o fossem, mas também que, nesse curto espaço de tempo, a espécie humana houvesse podido elevar-se da ignorância absoluta do estado primitivo ao mais alto grau de desenvolvimento intelectual, o que é contrário a todas as leis antropológicas.

²⁹ **Anátema:** excomunhão, ou ato de a Igreja expulsar e amaldiçoar alguém. No caso lembrado aqui, os doutores da Igreja Católica acreditavam que a Terra era o centro do Universo e tudo girava em torno dela (geocentrismo). Quando o cientista italiano Galileu Galilei (1564-1642) apresentou uma nova teoria, de que nosso planeta não era o centro universal e que girava em torno do Sol, (teoria certa, como todos sabemos hoje), foi ameaçado de ser excomungado e até de ser queimado vivo – N. E.

Da mesma forma, a diversidade das raças confirma esta opinião. É certo que o clima e os costumes produzem modificações no caráter físico; sabemos, porém, até onde pode ir a influência dessas causas. Entretanto, o exame fisiológico demonstra haver, entre certas raças, diferenças constitucionais mais profundas do que as que o clima é capaz de determinar. O cruzamento das raças dá origem aos tipos intermediários. Ele tende a apagar os caracteres extremos, mas não os cria; apenas produz variedades.

Ora, para que tenha havido cruzamento de raças, preciso era que houvesse raças distintas. Como, porém, se explicará a existência delas, atribuindo-lhes uma origem comum e, sobretudo, tão pouco afastada? Como se há de admitir que, em poucos séculos, alguns descendentes de Noé se tenham transformado ao ponto de produzirem a raça etíope, por exemplo? Tão pouco admissível é semelhante metamorfose, quanto à hipótese de uma origem comum para o lobo e o cordeiro, para o elefante e o pulgão, para o pássaro e o peixe. Ainda uma vez: nada pode prevalecer contra a evidência dos fatos.

Ao contrário disso, tudo se explica se admitirmos: que a existência do homem é anterior à época em que vulgarmente se pretende que ela começou; que diversas são as origens; que Adão, vivendo há seis mil anos, tenha povoado uma região ainda desabitada; que o dilúvio de Noé foi uma catástrofe parcial, confundida com o cataclismo geológico; e atentando-se, finalmente, na forma simbólica própria do estilo oriental, forma que se nos depara nos livros sagrados de todos os povos. Isto faz ver quanto é prudente não lançar levianamente a mancha de falsas as doutrinas que podem, cedo ou tarde, como tantas outras, desmentir os que as combatem. As ideias religiosas, longe de perderem alguma coisa, se engrandecem, caminhando ao lado da Ciência. Esse é o único meio de não apresentarem lado vulnerável ao ceticismo.

CAPÍTULO IV

DO PRINCÍPIO VITAL

- SERES ORGÂNICOS E INORGÂNICOS
- A VIDA E A MORTE
- INTELIGÊNCIA E INSTINTO

SERES ORGÂNICOS E INORGÂNICOS

Os seres orgânicos são os que têm em si uma fonte de atividade íntima que lhes dá a vida. Nascem, crescem, reproduzem-se por si mesmos e morrem. São equipados de órgãos especiais para a execução dos diferentes atos da vida, órgãos esses apropriados às necessidades que a conservação própria lhes impõe. Dessa classe fazem parte os homens, os animais e as plantas. Seres inorgânicos são todos os não que precisam de vitalidade, nem de movimentos próprios e que se formam apenas pela união da matéria. Tais são os minerais, a água, o ar, etc.

60. A força que une os elementos da matéria é a mesma nos corpos orgânicos e nos inorgânicos?

“Sim, a lei de atração é a mesma para todos.”

61. Há diferença entre a matéria dos corpos orgânicos e a dos inorgânicos?

“A matéria é sempre a mesma, porém nos corpos orgânicos está animalizada.”

62. Qual a causa da animalização da matéria?

“Sua união com o princípio vital.”

63. O princípio vital reside em algum autor particular, ou é simplesmente uma propriedade da matéria organizada? Numa palavra, é efeito, ou causa?

“Uma e outra coisa. A vida é um efeito devido à ação de um agente sobre a matéria. Esse autor, sem a matéria, não é a vida, do mesmo modo que a matéria não pode viver sem esse agente. Ele dá a vida a todos os seres que o absorvem e assimilam.”

64. Vimos que o espírito e a matéria são dois elementos característicos do Universo. O princípio vital será um terceiro?

“Sem dúvida é um dos elementos necessários à constituição do Universo, mas que também tem sua origem na matéria universal modificada. Para vocês, é um elemento, como o oxigênio e o hidrogênio, que, entretanto, não são elementos primitivos, pois que tudo isso brota de um só princípio.”

a) — Parece resultar daí que a vitalidade não tem seu princípio num agente primitivo distinto e sim numa propriedade especial da matéria universal, devido a certas modificações.

“Isto é consequência do que dissemos.”

65. O princípio vital reside em algum dos corpos que conhecemos?

“Ele tem por fonte o fluido universal. É o que chamam de fluido magnético, ou

fluido elétrico animalizado. É o intermediário, o elo existente entre o Espírito e a matéria.”

66. O princípio vital é um só para todos os seres orgânicos?

“Sim, modificado segundo as espécies. É ele que lhes dá movimento e atividade e os distingue da matéria inerte, pois o movimento da matéria não é a vida. Esse movimento ela o recebe, não o dá.”

67. A vitalidade é uma propriedade permanente do agente vital, ou se desenvolve somente pelo funcionamento dos órgãos?

“Ela só se desenvolve com o corpo. Não dissemos que esse agente sem a matéria não é a vida? A união dos dois é necessária para produzir a vida.”

a) — Poderíamos dizer que a vitalidade se acha em estado latente, quando o agente vital não está unido ao corpo?

“Sim, é isso.”

O conjunto dos órgãos constitui uma espécie de mecanismo que recebe impulsão da atividade íntima ou princípio vital que entre eles existe. O princípio vital é a força motora dos corpos orgânicos. Ao mesmo tempo em que o agente vital dá impulsão aos órgãos, a ação destes mantém e desenvolve a atividade daquele agente, quase do mesmo modo como o atrito desenvolve o calor.³⁰

A VIDA E A MORTE

68. Qual a causa da morte dos seres orgânicos?

“Esgotamento dos órgãos.”

a) — Poderíamos comparar a morte à suspensão do movimento de uma máquina desorganizada?

“Sim; se a máquina está mal montada, cessa o movimento; se o corpo está enfermo, a vida se extingue.”

69. Por que é que uma lesão do coração causa a morte mais depressa do que as de outros órgãos?

“O coração é máquina de vida, não é, porém, o único órgão cuja lesão ocasiona a morte. Ele não passa de uma das peças essenciais.”

70. Que é feito da matéria e do princípio vital dos seres orgânicos, quando estes morrem?

“A matéria inerte se decompõe e vai formar novos organismos. O princípio vital volta à massa donde saiu.”

Morto o ser orgânico, os elementos que o compõem sofrem novas combinações, de que resultam novos seres, que por sua vez passam a tirar da fonte universal o princípio da vida e da atividade, absorvem e o assimilam, para novamente o devolverem a essa fonte, quando deixarem de existir. Por assim dizer, os órgãos se carregam desse fluido vital e esse fluido dá a todas as partes do organismo uma atividade que as põe em comunicação entre si, nos casos de certas lesões, e normaliza as funções normalmente perturbadas. Mas, quando os elementos essenciais ao

³⁰ Para nos servir de um exemplo prático, o fluido vital é como a energia elétrica, que “dá vida” a um aparelho elétrico. Os órgãos do corpo orgânico são como as peças e engrenagens desse aparelho; ambos funcionam mediante o impulso da força que os alimenta, ou seja, o fluido vital (para os corpos orgânicos) e a eletricidade (para as máquinas) — N. E.

funcionamento dos órgãos estão destruídos, ou muito profundamente alterados, o fluido vital se torna impotente para lhes transmitir o movimento da vida, e o ser morre. Mais ou menos necessariamente, os órgãos reagem uns sobre os outros, resultando essa ação recíproca da harmonia do conjunto por eles formado. Por qualquer razão, se essa harmonia for destruída, o funcionamento deles acaba como o movimento da máquina quando suas peças principais se desarranjam. É o que se verifica, por exemplo, com um relógio gasto pelo uso, ou que sofreu um choque por acidente, no qual a força motriz fica impotente para fazê-lo funcionar de novo.

Num aparelho elétrico temos imagem mais exata da vida e da morte. Esse aparelho, como todos os corpos da Natureza, contém eletricidade em estado latente. Porém, os fenômenos elétricos só se produzem quando o fluido é posto em atividade por uma causa especial. Podemos dizer então que o aparelho está vivo. Vindo a cessar a causa da atividade, acaba o fenômeno: o aparelho volta ao estado de inércia. Os corpos orgânicos são, assim, uma espécie de pilhas ou aparelhos elétricos, nos quais a atividade do fluido determina o fenômeno da vida. A fim dessa atividade causa a morte.

A quantidade de fluido vital não é absoluta em todos os seres orgânicos. Varia segundo as espécies e não é constante, quer em cada indivíduo, quer nos indivíduos de uma espécie. Há alguns que se acham, por assim dizer, carregados desse fluido, enquanto outros o possuem em quantidade apenas suficiente. Daí, para alguns, vida mais ativa, mais permanente e, de certo modo, superabundante. A quantidade de fluido vital se esgota. Pode se tornar insuficiente para a conservação da vida, se não for renovada pela absorção e assimilação das substâncias que o contêm.

O fluido vital se transmite de um indivíduo a outro. Aquele que o tiver em maior porção pode dá-lo a um que o tenha de menos e em certos casos prolongar a vida prestes a extinguir-se.³¹

INTELIGÊNCIA E INSTINTO

71. A inteligência é atributo do princípio vital?

“Não, pois que as plantas vivem e não pensam: só têm vida orgânica. A inteligência e a matéria são independentes, pois um corpo pode viver sem a inteligência. Mas, a inteligência só pode manifestar-se por meio dos órgãos materiais. É necessário que o espírito se una à matéria animalizada para intelectualizá-la.”

A inteligência é uma capacidade especial, típica a algumas classes de seres orgânicos e que, com o pensamento, lhes dá a vontade de atuar, a consciência de que existem e de que constituem uma individualidade cada um, assim como os meios de estabelecerem relações com o mundo exterior e de proverem às suas necessidades.

Podemos distingui-la assim: 1) os seres inanimados, formados só de matéria, sem vitalidade nem inteligência: são os corpos brutos; 2) os seres animados que não pensam, formados de matéria e dotados de vitalidade, porém, destituídos de inteligência; 3) os seres animados pensantes, formados de matéria, dotados de vitalidade e tendo a mais um princípio inteligente que lhes concede a capacidade de pensar.

72. Qual a fonte da inteligência?

“Já o dissemos; a inteligência universal.”

a) — Poderíamos dizer que cada ser tira uma porção de inteligência da fonte universal e a assimila, como tira e assimila o princípio da vida material?

“Isto não passa de simples comparação, todavia inexata, porque a inteligência é uma faculdade própria de cada ser e constitui a sua individualidade moral. Demais, como sabem, há coisas que não é permitido ao homem penetrar e esta, por enquanto, é uma delas.”

73. O instinto independe da inteligência?

“Precisamente não, por isso que o instinto é uma espécie de inteligência. É uma inteligência sem raciocínio. Por ele é que todos os seres munem suas necessidades.”

74. Podemos estabelecer uma linha de separação entre instinto e a inteligência, isto é, especificar onde um acaba e começa a outra?

³¹ Tal como acontece na terapia magnética, ou passe – N. E.

“Não, porque muitas vezes se confundem. Mas, podem muito bem distinguir os atos que decorrem do instinto dos que são da inteligência.”

75. É certo dizermos que as faculdades instintivas diminuem à medida que crescem as intelectuais?

“Não; o instinto existe sempre, mas o homem o despreza. O instinto também pode conduzir ao bem. Ele quase sempre nos guia e algumas vezes com mais segurança do que a razão. Nunca se transvia.”

a) — Por que nem sempre a razão é um guia infalível?

“Seria infalível, se não fosse falseada pela má-educação, pelo orgulho e pelo egoísmo. O instinto não raciocina; a razão permite a escolha e dá ao homem o livre-arbítrio.”

O instinto é uma inteligência rudimentar que difere da inteligência propriamente dita, em que suas manifestações são quase sempre espontâneas, ao passo que as da inteligência resultam de uma combinação e de um ato proposital. O instinto varia em suas manifestações, conforme as espécies e as suas necessidades. Nos seres que têm a consciência e a percepção das coisas exteriores, ele se alia à inteligência, isto é, à vontade e à liberdade.

PARTE SEGUNDA

DO MUNDO ESPÍRITA OU DO MUNDO DOS ESPÍRITOS

OS ESPÍRITOS – DA ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS – DA VOLTA DO
ESPÍRITO, EXTINTA A VIDA CORPÓREA, À VIDA ESPIRITUAL – DA
PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS – CONSIDERAÇÕES SOBRE A
PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS – DA VIDA ESPÍRITA – DA VOLTA DO
ESPÍRITO À VIDA CORPORAL – DA EMANCIPAÇÃO DA ALMA – DA
INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS NO MUNDO CORPORAL – DAS
OCUPAÇÕES E MISSÕES DOS ESPÍRITOS – DOS TRÊS REINOS

CAPÍTULO I

DOS ESPÍRITOS

- ORIGEM E NATUREZA DOS ESPÍRITOS
- MUNDO NORMAL PRIMITIVO
- FORMA E UBIQUIDADE DOS ESPÍRITOS
- PERISPÍRITO
- DIFERENTES ORDENS DOS ESPÍRITOS
- ESCALA ESPÍRITA
- TERCEIRA ORDEM – ESPÍRITOS IMPERFEITOS
- SEGUNDA ORDEM – BONS ESPÍRITOS
- PRIMEIRA ORDEM – ESPÍRITOS PUROS
- PROGRESSÃO DOS ESPÍRITOS
- ANJOS E DEMÔNIOS

ORIGEM E NATUREZA DOS ESPÍRITOS

76. Que definição podemos dar dos Espíritos?

“Podemos dizer que os Espíritos são os seres inteligentes da criação. Povoam o Universo, fora do mundo material.”

Nota — A palavra *Espírito* é empregada aqui para designar as individualidades dos seres extracorpóreos e não mais o elemento inteligente do Universo.

77. Os Espíritos são seres distintos da Divindade, ou serão simples partes ou porções desta e, por isto, denominados filhos de Deus?

“Meu Deus! São obra de Deus, exatamente qual a máquina é criação do homem que a fabrica. A máquina é obra do homem, não é o próprio homem. Sabes que, quando o homem faz alguma coisa bela e útil, ele a chama sua filha, criação sua. Pois bem! O mesmo se dá com relação a Deus: somos Seus filhos, pois que somos obra Sua.”

78. Os Espíritos tiveram princípio ou, como Deus, existem desde toda a eternidade?

“Se não tivessem tido princípio, seriam iguais a Deus, mas ao contrário, eles são criação Sua e se acham submetidos à Sua vontade. Deus existe de toda a eternidade, é incontestável. Porém, quanto ao modo como e quando Ele nos criou nós nada sabemos. Podem dizer que não tivemos princípio, se quiserem com isso significar que, sendo eterno, Deus há de ter sempre criado ininterruptamente. Mas, repito: quando e como cada um de nós foi feito, nenhum o sabe: aí é que está o mistério.”

79. Pois que há dois elementos gerais no Universo — o elemento inteligente e o elemento material —, poderíamos dizer que os Espíritos são formados do elemento inteligente, como os corpos inertes o são do elemento material?

“Evidentemente. Os Espíritos são a individualização do princípio inteligente,

como os corpos são a individualização do princípio material. A época e o modo por que essa formação se operou é que são desconhecidos.”

80. A criação dos Espíritos é permanente ou só se deu na origem dos tempos?

“É permanente. Quer dizer: Deus jamais deixou de criar.”

81. Os Espíritos se formam espontaneamente ou nascem uns dos outros?

“É Deus quem os cria, como a todas as outras criaturas, por Sua vontade. Mas, insisto uma vez, a origem deles é mistério.”

82. Será certo dizermos que os Espíritos são imateriais?

“Como se pode definir uma coisa quando faltam termos de comparação e com uma linguagem deficiente? Pode um cego de nascença definir a luz? Imaterial não é bem o termo; seria mais exato dizer incorpóreo, pois debes compreender que, sendo uma criação, o Espírito há de ser alguma coisa. É a matéria quintessenciada, mas sem semelhança com nada para vocês, e tão etérea que escapa inteiramente ao alcance dos vossos sentidos.”

Dizemos que os Espíritos são imateriais porque, pela sua essência, são diferentes de tudo o que conhecemos sob o nome de matéria. Um povo de cegos careceria de termos para exprimir a luz e seus efeitos. O cego de nascença se julga capaz de todas as percepções pelo ouvido, pelo olfato, pelo paladar e pelo tato. Não compreende as ideias que só lhe poderiam ser dadas pelo sentido que lhe falta. Nós outros somos verdadeiros cegos com relação à essência dos seres sobre-humanos. Não os podemos definir senão por meio de comparações sempre imperfeitas, ou por um esforço da imaginação.

83. Compreendemos que o princípio de onde brotam os Espíritos é eterno, mas o que perguntamos é se suas individualidades têm fim e se, em dado tempo, mais ou menos longo, o elemento de que são formados não se desmancha e volta à massa donde saiu como ocorre com os corpos materiais. É difícil imaginar que uma coisa que teve começo possa não ter fim.

“Há muitas coisas que vocês não compreendem, porque têm a inteligência limitada. Isso, porém, não é razão para rejeitá-las. O filho não compreende tudo o que seu pai sabe, nem o ignorante tudo o que o sábio apreende. Dizemos que a existência dos Espíritos não tem fim. É tudo o que podemos, por agora, dizer.”

MUNDO NORMAL PRIMITIVO

84. Os Espíritos formam um mundo à parte, fora daquele que vemos?

“Sim, o mundo dos Espíritos, ou das inteligências incorpóreas.”

85. Qual dos dois, o mundo espírita ou o mundo corpóreo, é o principal, na ordem das coisas?

“O mundo espírita, que preexiste e sobrevive a tudo.”

86. O mundo corporal poderia deixar de existir, ou nunca ter existido, sem que isso alterasse a essência do mundo espírita?

“Certamente. Eles são independentes; contudo, é constante a correlação entre ambos, pois um reage sobre o outro incessantemente.”

87. Os Espíritos ocupam uma região determinada e limitada no espaço?

“Estão por toda parte. Povoam infinitamente os espaços infinitos. Vocês têm

muitos deles ao redor continuamente, a lhes observar e influenciar, sem que percebam, pois que os Espíritos são uma das potências da natureza e os instrumentos de que Deus se serve para execução de seus desígnios providenciais. Porém, nem todos vão a toda parte, por isso que há regiões interditas aos menos adiantados.”

FORMA E UBIQUIDADE DOS ESPÍRITOS

88. Os Espíritos têm forma determinada, limitada e constante?

“Para vocês, não; para nós, sim. Digamos que o Espírito é uma chama, um clarão, ou uma centelha etérea.”

a) Essa chama ou centelha tem cor?

“Tem uma coloração que, para vocês, vai do colorido escuro e opaco a uma cor brilhante, qual a do rubi, conforme o Espírito é mais ou menos puro.”

Comumente, representamos os gênios com uma chama ou estrela na fronte. É uma alegoria, que lembra a natureza essencial dos Espíritos. Colocam-na no alto da cabeça, porque aí está a sede da inteligência.

89. Os Espíritos gastam algum tempo para percorrer o espaço?

“Sim, mas fazem isso com a rapidez do pensamento.”

a) — Não é a própria alma que transporta o pensamento?

“Quando o pensamento está em alguma parte, a alma também aí está, pois que é a alma quem pensa. O pensamento é um atributo.”

90. O Espírito que se transporta de um lugar a outro tem consciência da distância que percorre e dos espaços que atravessa, ou é subitamente transportado ao lugar aonde quer ir?

“Pode ocorrer as duas coisas. Se quiser, o Espírito pode perfeitamente saber da distância que percorre, mas também essa distância pode desaparecer completamente, dependendo da sua vontade, bem como da sua natureza mais ou menos depurada.”

91. A matéria opõe obstáculo aos Espíritos?

“Nenhum; eles passam através de tudo. O ar, a terra, as águas e até mesmo o fogo lhes são igualmente acessíveis.”

92. Os Espíritos têm o dom da ubiquidade? Por outras palavras: um Espírito pode dividir-se, ou existir em muitos pontos ao mesmo tempo?

“Não pode haver divisão de um mesmo Espírito; mas, cada um é um centro que irradia para diversos lados. Isso é que faz parecer estar um Espírito em muitos lugares ao mesmo tempo. Vejam o Sol: é somente um. No entanto, irradia em todos os sentidos e leva os seus raios muito longe. Contudo, não se divide.”

a) — Todos os Espíritos irradiam com igual força?

“Longe disso. Essa força depende do grau de pureza de cada um.”

Cada Espírito é uma unidade indivisível, mas cada um pode lançar seus pensamentos para diversos lados, sem que se fracione para tal efeito. Nesse sentido unicamente é que se deve entender o dom da ubiquidade atribuído aos Espíritos. Ocorre com eles o que se dá com uma centelha, que projeta longe a sua claridade e pode ser percebida de todos os pontos do horizonte; ou, ainda, o que acontece com um homem que, sem mudar de lugar e sem se fracionar, transmite ordens, sinais e movimento a diferentes pontos.

PERISPÍRITO

93. O Espírito, propriamente dito, não tem nenhuma cobertura ou, como alguns dizem, está sempre coberto por uma substância qualquer?

“São envolvidos por uma substância vaporosa para os teus olhos, mas ainda bastante grosseira para nós; muito vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e transportar-se aonde queira.”

Envolvendo o gérmen de um fruto, há o perisperma; do mesmo modo, uma substância que, por comparação, podemos chamar **perispírito**, serve de envoltório ao Espírito propriamente dito.

94. De onde o Espírito tira o seu corpo semimaterial?

“Do fluido universal de cada globo, razão por que não é idêntico em todos os mundos. Passando de um mundo a outro, o Espírito muda de envoltório, como vocês mudam de roupa.”

a) — Assim, quando os Espíritos que habitam mundos superiores vêm ao nosso meio, tomam um perispírito mais grosseiro?

“É necessário que se revistam da vossa matéria, já o dissemos.”

95. O envoltório semimaterial do Espírito tem formas determinadas e pode ser perceptível?

“Tem a forma que o Espírito queira. É assim que este vos aparece algumas vezes, seja em sonho ou acordado, e que pode tomar forma visível, mesmo palpável.”

DIFERENTES ORDENS DE ESPÍRITOS

96. Os Espíritos são iguais ou há entre eles qualquer hierarquia?

“São de diferentes ordens, conforme o grau de perfeição que tenham alcançado.”

97. As ordens ou graus de perfeição dos Espíritos são em número determinado?

“São ilimitadas em número, porque entre elas não há linhas de demarcação traçadas como barreiras, de sorte que as divisões podem ser multiplicadas ou restringidas livremente. Todavia, considerando-se as características gerais dos Espíritos, elas podem reduzir-se a três principais.

“Na primeira, estão os que atingiram a perfeição máxima: os puros Espíritos. Formam a segunda os que chegaram ao meio da escala: o desejo do bem é o que predomina neles. Pertencerão à terceira os que ainda se acham na parte inferior da escala: os Espíritos imperfeitos. A ignorância, o desejo do mal e todas as paixões más que lhes retardam o progresso, eis o que os caracteriza.”

98. Os Espíritos da segunda ordem — aqueles que só se preocupam com o bem — têm o poder de praticá-lo?

“Cada um deles dispõe desse poder, de acordo com o grau de perfeição a que chegou. Assim, uns possuem a ciência, outros a sabedoria e a bondade. Todos, porém, ainda têm que sofrer provas.”

99. Os da terceira categoria são todos essencialmente maus?

“Não; uns há que não fazem nem o mal nem o bem; outros, ao contrário, se divertem com o mal e ficam satisfeitos quando encontram ocasião para praticá-lo. Há

também os levianos ou estouvados, mais perturbadores do que malignos, que se comprazem mais pela malícia do que na malvadez e cujo prazer consiste em mistificar e causar pequenas contrariedades para rirem.”

ESCALA ESPÍRITA

100. OBSERVAÇÕES PRELIMINARES — A classificação dos Espíritos se baseia no grau de evolução deles, nas qualidades que já adquiriram e nas imperfeições de que ainda terão de se livrar. Esta classificação, aliás, nada tem de absoluta. Apenas no seu conjunto cada categoria apresenta caráter definido. A transição de um grau a outro é insensível e, nos limites extremos, as semelhanças se apagam, como nos reinos da natureza, como nas cores do arco-íris, ou, também, como nos diferentes períodos da vida do homem. Portanto, podem formar-se maior ou menor número de classes, conforme o ponto de vista donde se considere a questão. Acontece aqui o que se dá com todos os sistemas de classificação científica, que podem ser mais ou menos completos, mais ou menos racionais, mais ou menos cômodos para a inteligência. Porém, sejam quais forem, em nada alteram as bases da ciência. Assim, é natural que, inquiridos sobre este ponto, hajam os Espíritos divergido quanto ao número das categorias, sem que isto tenha valor algum. Entretanto, não faltou quem se agarrasse a esta contradição aparente, sem refletir que os Espíritos não dão nenhuma importância ao que é puramente convencional. Para eles, o pensamento é tudo. Deixam-nos a nós a forma, a escolha dos termos, as classificações, numa palavra, as teorias.

Façamos ainda uma consideração que se não deve jamais perder de vista, a de que entre os Espíritos — do mesmo modo que entre os homens — há os muito ignorantes, de maneira que nunca serão demais as cautelas que se tomem contra a tendência a crer que, por serem Espíritos, todos devam saber tudo. Qualquer classificação exige método, análise e conhecimento aprofundado do assunto. Ora, no mundo dos Espíritos, bem como neste planeta, os que possuem limitados conhecimentos são os ignorantes, os inaptos a apreender uma síntese, a formular uma teoria. Só muito imperfeitamente percebem ou compreendem uma classificação qualquer. Consideram da primeira categoria todos os Espíritos que lhes são superiores, por não poderem apreciar as gradações de saber, de capacidade e de moralidade que os distinguem, como sucede entre nós a um homem rude com relação aos civilizados. Mesmo os que sejam capazes de tal apreciação podem mostrar-se divergentes, quanto às particularidades, de acordo com os pontos de vista em que se achem, sobretudo caso se trate de uma divisão, que não apresente nenhum cunho absoluto. Lineu, Jussieu e Tournefort tiveram cada um o seu método, sem que em consequência a Botânica tivesse experimentado modificação alguma. É que nenhum deles inventou as plantas, nem suas características. Apenas observaram as relações, segundo as quais formaram os grupos ou classes.

Foi assim que nós também procedemos. Não inventamos os Espíritos, nem suas características. Vimos e observamos, julgamo-los pelas suas palavras e atos, depois os classificamos pelas semelhanças, baseando-nos em dados que eles próprios nos forneceram.

Em geral, os Espíritos admitem três categorias principais, ou três grandes divisões. Na última, a que fica na parte inferior da escala, estão os Espíritos imperfeitos, caracterizados pela predominância da matéria sobre o espírito e pela propensão para o mal. Os da segunda se caracterizam pela predominância do espírito sobre a matéria e pelo desejo do bem: são os bons Espíritos. A primeira, finalmente, compreende os Espíritos puros, os que atingiram o grau supremo da perfeição. Esta divisão nos pareceu perfeitamente racional e com caracteres bem positivados. Só nos restava pôr em relevo, mediante subdivisões em número suficiente, os principais matizes do conjunto. Foi o que fizemos, com a colaboração dos Espíritos, cujas benévolas instruções jamais nos faltaram.

Com o auxílio desse quadro, será fácil determinarmos a ordem, assim como o grau de superioridade ou de inferioridade dos que possam entrar em relações conosco e, por conseguinte, o grau de confiança ou de estima que mereçam. De certo modo, é a chave da ciência espírita, porque só ele pode explicar as anomalias que as comunicações apresentam, esclarecendo-nos acerca das desigualdades intelectuais e morais dos Espíritos. Todavia, notemos que estes não ficam pertencendo, exclusivamente, a tal ou tal classe. Sendo sempre gradual o progresso deles e muitas vezes mais acentuado num sentido do que em outro, pode acontecer que muitos reúnam em si os caracteres de várias categorias, o que seus atos e linguagem tornam possível apreciar-se.

TERCEIRA ORDEM – ESPÍRITOS IMPERFEITOS

101. CARACTERÍSTICAS GERAIS — Predominância da matéria sobre o espírito. Propensão para o mal. Ignorância, orgulho, egoísmo e todas as paixões que lhes são consequentes. Têm a intuição de Deus, mas não o compreendem. Nem todos são essencialmente maus. Em alguns há mais leviandade, irreflexão e malícia do que verdadeira maldade. Uns não fazem o bem nem o mal; mas, pelo simples fato de não fazerem o bem, já mostram a sua inferioridade. Outros, ao contrário, se divertem com o mal e se alegram quando há uma ocasião para praticar maldades.

A inteligência deles pode estar aliada à maldade ou à malícia; porém, seja qual for o grau que tenham alcançado de desenvolvimento intelectual, suas ideias são pouco elevadas e seus sentimentos mais ou menos desprezíveis. Eles têm poucos conhecimentos das coisas do mundo espírita e o pouco que sabem se confunde com as ideias e preconceitos da vida corporal. Não nos podem dar mais do que noções erradas e incompletas; entretanto, nas suas comunicações, mesmo imperfeitas, o observador atento encontra a confirmação das grandes verdades ensinadas pelos Espíritos superiores.

Eles revelam seu caráter na linguagem que usam. Todo Espírito que traz em suas comunicações um mau pensamento pode ser classificado na terceira ordem. Consequentemente, todo mau pensamento que nos é sugerido vem de um Espírito desta ordem. Eles veem a felicidade dos bons e esse espetáculo é um tormento constante para eles, porque com isso experimentam todas as angústias que a inveja e o ciúme podem causar.

Conservam a lembrança e a percepção dos sofrimentos da vida corpórea e essa impressão é muitas vezes mais penosa do que a realidade. Então, verdadeiramente, sofrem pelos males de que padeceram em vida e pelos que provocam aos outros. E, como sofrem por longo tempo, julgam que sofrerão para sempre. Deus, para puni-los, quer que assim julguem.

Podem compor cinco classes principais, a saber:

102. Décima classe. ESPÍRITOS IMPUROS — São inclinados ao mal, que é o objetivo de suas preocupações. Como Espíritos, dão conselhos traiçoeiros, sopram a discórdia e a desconfiança e se mascaram de todas as maneiras para melhor enganar. Ligam-se aos homens de caráter bastante fraco para cederem às suas sugestões, a fim de induzi-los à perdição, satisfeitos com o fato de conseguirem retardar-lhes o adiantamento, fazendo-os cair nas suas provas. Nas manifestações revelam-se pela linguagem. A banalidade e a grosseria das expressões, nos Espíritos, como nos homens, é sempre indício de inferioridade moral, senão também intelectual. Suas comunicações manifestam a baixa de suas tendências e, se tentam iludir, falando com bom senso, não conseguem sustentar por muito tempo o papel e acabam sempre por se traírem.

Alguns povos os chamam de divindades maléficas; outros os designam pelos nomes de demônios, maus gênios, Espíritos do mal. Quando estão encarnados, se mostram propensos a todos os vícios geradores das paixões detestáveis e degradantes: a sensualidade, a crueldade, a hipocrisia, a ganância, a mesquinhez desprezível. Fazem o mal por prazer, muitas das vezes sem motivo, e, por ódio ao bem, quase sempre escolhem suas vítimas entre as pessoas honestas. São flagelos para a Humanidade, pouco importando a categoria social a que pertençam, e o verniz da civilização não os livra da vergonha e da desonra.

103. Nona classe. ESPÍRITOS LEVIANOS — São ignorantes, maliciosos, brutos e zombeteiros; se metem em tudo e a tudo respondem, sem se incomodarem com a verdade. Gostam de causar pequenos desgostos e ligeiras alegrias, de intrigar, de induzir maldosamente em erro, por meio de mistificações e de espertezas. A esta classe pertencem os Espíritos vulgarmente tratados de duendes, trasgos, gnomos, diabretes. Acham-se sob a dependência dos Espíritos superiores, que muitas vezes os empregam, como fazemos com os nossos servidores. Em suas comunicações com os homens, a linguagem de que se servem muitas vezes é gaiata e grotesca, mas quase sempre sem profundidade de ideias. Aproveitam-se das esquisitices e dos ridículos humanos e os apreciam, picantes e satíricos. Quando usam nomes supostos, é mais por malícia do que por maldade.

104. Oitava classe. ESPÍRITOS PSEUDOSSÁBIOS — Dispõem de conhecimentos bastante amplos, porém, creem saber mais do que realmente sabem. Tendo realizado alguns progressos sob diversos pontos de vista, a linguagem deles aparenta seriedade, de modo a iludir com respeito às suas capacidades e luzes. Mas, em geral, isso não passa de reflexo dos preconceitos e ideias sistemáticas que nutriam na vida terrena. É uma mistura de algumas verdades com os erros mais sofisticados,

através dos quais penetram a presunção, o orgulho, o ciúme e a obstinação, de que ainda não puderam se livrar.

105. Sétima classe. ESPÍRITOS NEUTROS — Nem bastante bons para fazerem o bem, nem bastante maus para fazerem o mal. Pendem tanto para um como para o outro e não ultrapassam a condição comum da Humanidade, seja no que concerne ao moral, seja no que toca à inteligência. Apegam-se às coisas deste mundo, de cujas grosseiras alegrias sentem saudades.

106. Sexta classe. ESPÍRITOS BATEDORES E PERTURBADORES — Propriamente falando, estes Espíritos não formam uma classe separada pelas suas qualidades pessoais. Podem caber em todas as camadas da terceira ordem. Manifestam geralmente sua presença por efeitos sensíveis e físicos, como pancadas, movimento e deslocamento anormal de corpos sólidos, agitação do ar, etc. Mais do que outros, estes se apresentam presos à matéria. Parecem ser os agentes principais das vicissitudes dos elementos do globo, quer atuem sobre o ar, a água, o fogo, os corpos duros, quer nas entranhas da terra. Reconhece-se que esses fenômenos não decorrem de uma causa acidental ou física, quando denotam caráter intencional e inteligente. Todos os Espíritos podem produzir tais fenômenos, mas os de ordem elevada normalmente deixam esses fenômenos como atribuições dos subordinados, mais aptos para as coisas materiais do que para as coisas da inteligência; quando julgam úteis as manifestações desse gênero, lançam mão destes últimos como seus auxiliares.

Segunda Ordem. — BONS ESPÍRITOS

107. CARACTERÍSTICAS GERAIS — Predominância do Espírito sobre a matéria; desejo do bem. Suas qualidades e poderes para o bem estão em relação com o grau de adiantamento que hajam alcançado; uns têm a ciência, outros, a sabedoria e a bondade. Os mais adiantados reúnem o saber às qualidades morais. Não estando ainda completamente desmaterializados, conforme a categoria que ocupem, conservam mais ou menos os traços da existência corporal, assim na forma da linguagem, como nos hábitos, entre os quais se descobrem mesmo algumas de suas manias. De outro modo, seriam Espíritos perfeitos. Compreendem Deus e o infinito e já gozam da felicidade dos bons. São felizes pelo bem que fazem e pelo mal que impedem. O amor que os une lhes é fonte de indescritível felicidade, que não se perturba nem pela inveja, nem pelos remorsos, nem por nenhuma das más paixões que são o tormento dos Espíritos imperfeitos. Entretanto, todos ainda têm que passar por provas, até que atinjam a perfeição. Como Espíritos, promovem bons pensamentos, desviam os homens da senda do mal, protegem na vida os que se lhes mostram dignos de proteção e neutralizam a influência dos Espíritos imperfeitos sobre aqueles a quem não é grato sofrê-la. Quando encarnados, são bondosos e benevolentes com os seus semelhantes. Não os movem o orgulho, nem o egoísmo, ou a ambição. Não experimentam ódio, rancor, inveja ou ciúme e fazem o bem pelo bem.

A esta ordem pertencem os Espíritos que as crenças populares chamam pelos nomes de bons gênios, gênios protetores, Espíritos do bem. Em épocas de superstições e de ignorância, eles têm sido considerados da categoria de divindades benfeitoras.

Podem ser divididos em quatro grupos principais:

108. Quinta classe. ESPÍRITOS BONDOSOS — A bondade é neles a qualidade dominante. Alegram-se em prestar serviço aos homens e protegê-los, porém, seus conhecimentos são limitados porque progrediram mais no sentido moral do que no sentido intelectual.

109. Quarta classe. ESPÍRITOS SÁBIOS — Distinguem-se pela grandeza de seus conhecimentos. Preocupam-se menos com as questões morais do que com as de natureza científica, para as quais têm maior aptidão. Entretanto, só encaram a ciência do ponto de vista da sua utilidade e jamais dominados por quaisquer paixões próprias dos Espíritos imperfeitos.

110. Terceira classe. ESPÍRITOS DE SABEDORIA — As qualidades morais da ordem mais elevada são o que os caracteriza. Sem possuírem ilimitados conhecimentos, são dotados de uma capacidade intelectual que lhes permite juízo reto sobre os homens e as coisas.

111. Segunda classe. ESPÍRITOS SUPERIORES — Esses em si reúnem a ciência, a sabedoria e a

bondade. Da linguagem que empregam se lança sempre a benevolência; é uma linguagem invariavelmente digna, elevada e, muitas vezes, sublime. Sua superioridade os torna mais aptos do que os outros a nos darem noções exatas sobre as coisas do mundo incorpóreo, dentro dos limites do que é permitido ao homem saber. Comunicam-se bondosamente com os que procuram de boa-fé a verdade e cuja alma já está bastante desprendida das ligações terrenas para compreendê-la. Porém, afastam-se daqueles a quem só a curiosidade conduz, ou que, por influência da matéria, fogem à prática do bem.

Quando, por exceção, encarnam na Terra, é para cumprir missão de progresso e então nos oferecem o tipo da perfeição a que a Humanidade pode aspirar neste mundo.

PRIMEIRA ORDEM — ESPÍRITOS PUROS

112. CARACTERÍSTICAS GERAIS — Nenhuma influência da matéria. Superioridade intelectual e moral absoluta, com relação aos Espíritos das outras ordens.

113. **Primeira classe. CLASSE ÚNICA** — Os Espíritos que a compõem percorreram todos os graus da escala e se purificaram de todas as impurezas da matéria. Tendo alcançado a soma de perfeição que a criatura é capaz, não têm mais que sofrer provas, nem expiações. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis, realizam a vida eterna no seio de Deus.

Desfrutam de felicidade inalterável, porque não se acham submetidos às necessidades, nem às vicissitudes da vida material. Essa felicidade, porém, não é a de desocupação e monotonia, a transcorrer em perpétua contemplação. Eles são os mensageiros e os ministros de Deus, cujas ordens executam para manutenção da harmonia universal. Comandam a todos os Espíritos que lhes são inferiores, auxiliam-nos na obra de seu aperfeiçoamento e lhes designam as suas missões. Assistir os homens nas suas aflições, incentivá-los ao bem ou à expiação das faltas que os conservam distanciados da suprema felicidade, é para eles ocupação gratíssima. São chamados às vezes pelos nomes de anjos, arcanjos ou serafins.

Os homens podem se comunicar com eles, mas seria extremamente presunçoso aquele que pretendesse tê-los constantemente às suas ordens.

PROGRESSÃO DOS ESPÍRITOS

114. Os Espíritos são bons ou maus por natureza, ou são eles mesmos que se melhoram?

“São os próprios Espíritos que se melhoram e, melhorando-se, passam de uma ordem inferior para outra mais elevada.”

115. Entre os Espíritos, uns terão sido criados bons e outros maus?

“Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, isto é, sem conhecimento. A cada um deu determinada missão, com o fim de se esclarecer e de alcançar progressivamente à perfeição através da noção da verdade, para aproximá-los de si. Nesta perfeição é que eles encontram a felicidade pura e eterna. Os Espíritos adquirem a experiência passando pelas provas que Deus lhes impõe. Uns aceitam essas provas com paciência e chegam mais depressa à meta que lhes foi destinada. Outros, só a suportam lamentando e, por causa dessa falta, permanecem afastados da perfeição e da prometida felicidade.”

a) — Segundo o que acabaram de dizer, os Espíritos seriam em seu princípio como as crianças, ignorantes e inexperientes, só adquirindo pouco a pouco os conhecimentos de que carecem ao percorrerem as diferentes fases da vida?

“Sim, a comparação é boa. A criança rebelde se conserva ignorante e imperfeita. Seu aproveitamento depende da sua maior ou menor submissão. Mas a vida do homem tem um fim, enquanto que a dos Espíritos se prolonga ao infinito.”

116. Haverá Espíritos que permaneçam eternamente nas ordens inferiores?

“Não; todos se tornarão perfeitos. Mudam de ordem, mas demoradamente, pois como já dissemos, um pai justo e misericordioso não pode banir seus filhos para sempre. Acreditam que Deus, tão grande, tão bom, tão justo, fosse pior do que vocês mesmos?”

117. Depende dos Espíritos acelerarem a própria perfeição?

“Certamente. Eles alcançam a perfeição mais ou menos rápido, conforme o desejo que têm de alcançá-la e a obediência que prestam à vontade de Deus. Uma criança dócil não se instrui mais depressa do que outra rebelde?”

118. Os Espíritos podem se regressar?

“Não; à medida que avançam, compreendem o que os distanciava da perfeição. Concluindo uma prova, o Espírito guarda o aprendizado adquirido e não a esquece. O Espírito pode permanecer estacionário, mas não retrocede.”

119. Deus não podia desobrigar os Espíritos das provas que precisam sofrer para chegarem à primeira ordem?

“Se Deus os houvesse criado perfeitos, nenhum mérito teriam para usufruir dos benefícios dessa perfeição. Onde estaria o merecimento sem a luta? Demais, a desigualdade entre eles existente é necessária às suas personalidades. Acrescentamos ainda que as missões que desempenham nos diferentes graus da escala estão nos leis da Providência, para a harmonia do Universo.”

Como na vida social, todos os homens podem chegar às mais altas funções, seria o caso de se perguntar por que o rei de um país não faz de cada um de seus soldados um general; por que todos os empregados subalternos não são funcionários superiores; por que todos os colegas não são mestres. Ora, entre a vida social e a espiritual há esta diferença: enquanto que a primeira é limitada e nem sempre permite que o homem suba todos os seus degraus, a segunda é indefinida e a todos oferece a possibilidade de se elevarem ao grau supremo.

120. Todos os Espíritos passam pelo caminho do mal para chegar ao bem?

“Pelo caminho do mal, não; pela fieira da ignorância.”

121. Por que é que alguns Espíritos seguiram o caminho do bem e outros o do mal?

“Vocês não têm o livre-arbítrio? Deus não os criou maus; criou-os simples e ignorantes, isto é, tendo tanta aptidão para o bem quanta para o mal. Os que são maus, assim se tornaram por vontade própria.”

122. Como podem os Espíritos, em sua origem, quando ainda não têm consciência de si mesmos, gozar da liberdade de escolha entre o bem e o mal? Há neles algum princípio, qualquer tendência que os encaminhe para uma via de preferência a outra?

“O livre-arbítrio se desenvolve na medida em que o Espírito adquire a consciência de si mesmo. Já não haveria liberdade se a escolha fosse determinada por uma causa independente da vontade do Espírito. A causa não está nele, está fora dele, nas influências a que cede em virtude da sua livre vontade. Essa é a grande metáfora que se conta da queda do homem e do pecado original: uns cederam à tentação, outros resistiram.”

a) — Onde vêm as influências que exercem sobre ele?

“Dos Espíritos imperfeitos, que procuram apoderar-se dele, dominá-lo, e que se alegram em fazê-lo cair. Foi isso o que se pretendeu simbolizar na figura de Satanás.”

b) — Tal influência só se exerce sobre o Espírito em seu princípio?

“Essa influência o acompanha na sua vida de Espírito até que consiga tanto domínio sobre si mesmo, que os maus desistem de obsediá-lo”.³²

123. Por que Deus permite que os Espíritos possam tomar o caminho do mal?

“Como ousa pedir contas dos atos de Deus? Acredita que pode penetrar nos desígnios d’Ele? Porém, podem dizer o seguinte: A sabedoria de Deus está na liberdade de escolher que Ele dá a cada um, pois, assim, cada um tem o mérito de suas obras.”

124. Como há Espíritos que desde o princípio seguem o caminho do bem absoluto e outros o do mal absoluto, sem dúvida deve haver graus entre esses dois extremos. Não?

“Sim, certamente, e os que se acham nos graus intermédios são a maioria.”

125. Os Espíritos que seguiram pela senda do mal poderão chegar ao mesmo grau de superioridade que os outros?

“Sim; mas as eternidades lhes serão mais longas.”

Por estas palavras — as eternidades — devemos entender a ideia que os Espíritos inferiores fazem da perpetuidade de seus sofrimentos, cujo fim não lhes é permitido ver, ideia que revive todas as vezes que caem numa prova.

126. Ao chegar ao grau supremo da perfeição, os Espíritos que andaram pelo caminho do mal têm, aos olhos de Deus, menos mérito do que os outros?

“Deus olha de igual maneira para os que se transviaram e para os outros e a todos ama com o mesmo coração. Aqueles são chamados maus, porque caíram, mas no princípio, não eram mais que simples Espíritos.”

127. Os Espíritos são criados iguais quanto às aptidões intelectuais?

“São criados iguais, porém, não sabendo donde vêm, é preciso que o livre-arbítrio siga seu curso. Eles progridem mais ou menos rapidamente tanto em inteligência como em moralidade.”

Os Espíritos que desde o princípio seguem o caminho do bem nem por isso são Espíritos perfeitos. Certo que não têm maus pendores, mas precisam adquirir a experiência e os conhecimentos indispensáveis para alcançar a perfeição. Podemos compará-los a crianças que, seja qual for a bondade de seus instintos naturais, necessitam de se desenvolver e esclarecer e que não passam, sem transição, da infância à fase adulta. Simplesmente, assim como há homens que são bons e outros que são maus desde a infância, também há Espíritos que são bons ou maus desde a origem, com a diferença elementar de que a criança tem instintos já inteiramente formados, enquanto que o Espírito, ao se formar, não é nem bom, nem mau; tem todas as tendências e toma uma ou outra direção, por efeito do seu livre-arbítrio.

ANJOS E DEMÔNIOS

128. Os seres que chamamos de anjos, arcanjos, serafins, formam uma categoria especial, de natureza diferente da dos outros Espíritos?

“Não; são os Espíritos puros: os que se acham no mais alto grau da escala e reúnem todas as perfeições.”

³² **Obsediar**: ato de produzir uma **obsessão**, que, explicando de maneira simples, é o processo pelo qual um Espírito mal influencia sua vítima, procurando prejudicá-lo, por exemplo, por vingança – N. E.

A palavra **anjo** desperta geralmente a ideia de perfeição moral. Entretanto, ela se aplica muitas vezes à designação de todos os seres — bons e maus — que estão fora da Humanidade. Diz-se: o anjo bom e o anjo mau; o anjo de luz e o anjo das trevas. Neste caso, o termo é sinônimo de **Espírito** ou de **gênio**. Aqui o usamos na sua melhor acepção.

129. Os anjos percorreram todos os graus da escala?

“Percorreram todos os graus, mas do modo que havemos dito: uns, aceitando suas missões sem reclamações, chegaram depressa; outros, gastaram mais ou menos tempo para chegar à perfeição.”

130. Sendo errada a opinião dos que admitem a existência de seres criados perfeitos e superiores a todas as outras criaturas, como se explica que essa crença esteja na tradição de quase todos os povos?

“Fica sabendo que o teu mundo não existe desde toda a eternidade e que, muito tempo antes que ele existisse, já havia Espíritos que tinham atingido o grau supremo. Acreditaram os homens que eles eram assim desde todos os tempos.”

131. Há demônios, no sentido que se dá a esta palavra?

“Se houvesse demônios, seriam obra de Deus. Mas, porventura, Deus seria justo e bom se tivesse criado criaturas destinadas eternamente ao mal e a permanecerem eternamente desgraçadas? Se há demônios, eles se encontram no mundo inferior em que habitais e em outros semelhantes. São esses homens hipócritas que fazem de um Deus justo um Deus mau e vingativo e que julgam agradá-lo por meio das desgraças que praticam em seu nome.”

A palavra **demônio** não implica a ideia de Espírito mau, senão na sua acepção moderna, porque o termo grego *daimôn*, donde ela nasceu, significa *gênio*, *inteligência* e se aplicava aos seres incorpóreos, bons ou maus, sem diferença.

Segundo a acepção vulgar da palavra, por demônio se entendem seres essencialmente malignos e como todas as coisas, eles teriam sido criados por Deus. Ora, Deus, que é soberanamente justo e bom, não pode ter criado seres destinados ao mal por natureza e condenados por toda a eternidade. Se não fossem obra de Deus, existiriam, como ele, desde toda a eternidade, ou então haveria muitas potências soberanas.

A primeira condição de toda doutrina é ser lógica. Ora, falta esta base essencial à doutrina dos demônios, no sentido absoluto. Compreendemos que os povos atrasados, por desconhecerem os atributos de Deus, admitem em suas crenças que há divindades maléficas, também admitam demônios; mas, é ilógico e contraditório que quem diz que bondade é um dos atributos essenciais de Deus suponha que Ele tenha criado seres destinados ao mal e a praticar ruindades para sempre, porque isso equivale a negar que Deus é bom. Os partidários dos demônios se apoiam nas palavras do Cristo. Não vamos contestar a autoridade dos ensinamentos de Jesus, que desejamos ver mais no coração do que na boca dos homens; porém, aqueles partidários estarão certos do sentido que ele dava a essa palavra? Não sabemos que a forma simbólica é uma das características distintivas da sua linguagem? Devemos tomar ao pé da letra tudo o que o Evangelho contém? Não precisamos de outra prova além da que nos fornece esta passagem: “Logo após esses dias de aflição, o Sol escurecerá e a Lua não mais dará sua luz, as estrelas cairão do céu e as potências do céu se abalarão. Em verdade vos digo que esta geração não passará, sem que todas estas coisas se tenham cumprido”.

Não temos visto a Ciência contradizer a forma do texto bíblico, no tocante à Criação e ao movimento da Terra? Não se dará o mesmo com algumas figuras de que se serviu o Cristo, que tinha de falar de acordo com os tempos e os lugares? Não é possível que ele tenha dito conscientemente uma falsidade. Assim, pois, se nas suas palavras há coisas que parecem chocar a razão, é que não as compreendemos bem, ou as interpretamos mal.

Os homens fizeram com os demônios o que fizeram com os anjos. Como acreditaram na existência de seres perfeitos desde toda a eternidade, tomaram os Espíritos inferiores por seres eternamente maus. Por demônios se devem entender os Espíritos impuros, que muitas vezes não valem mais do que as entidades designadas por esse nome, mas com a diferença de estarem num estado transitório. São Espíritos imperfeitos que se rebelam contra as provas que lhes tocam e que, por isso, as sofrem mais longamente, porém que, no tempo certo, chegarão a sair daquele estado, quando o quiserem.

Portanto, poderíamos aceitar o termo *demônio* com esta restrição. Como o entendem atualmente, lhe dando um sentido exclusivo, ele induziria em erro, com o fazer crer na existência de seres especiais criados para o mal. Satanás é evidentemente a personificação do mal sob uma forma alegórica, visto não se poder admitir que exista um ser mau a lutar contra a Divindade com igual poder e cuja única preocupação consistisse em lhe contrariar os desígnios. Como precisa de figuras e imagens que lhe impressionem a imaginação, o homem pintou

os seres incorpóreos sob uma forma material, com atributos que lembram as qualidades ou os defeitos humanos. É assim que os antigos, querendo personificar o Tempo, o pintaram com a figura de um velho munido de uma foice e uma ampulheta. Representá-lo pela figura de um rapaz seria contrassenso. O mesmo se verifica com as parábolas da fortuna, da verdade, etc. Os modernos representaram os anjos, os puros Espíritos, por uma figura radiosa, de asas brancas, emblema da pureza; e Satanás com chifres, garras e os atributos da animalidade, emblema das paixões vis. O vulgo, que toma as coisas ao pé da letra, viu nesses emblemas individualidades reais, como vira outrora Saturno na alegoria do Tempo.

CAPÍTULO II

DA ENCARNAÇÃO DOS ESPÍRITOS

- OBJETIVO DA ENCARNAÇÃO
- A ALMA
- MATERIALISMO

OBJETIVO DA ENCARNAÇÃO

132. Qual o objetivo da encarnação dos Espíritos?

“Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, têm que sofrer todas as atribulações da existência corporal: nisso é que está a expiação. A encarnação visa ainda outro objetivo: o de pôr o Espírito em condições de cumprir a parte na obra da criação que lhe toca. Para executá-la é que, em cada mundo, o Espírito toma um instrumento, de harmonia com a matéria essencial desse mundo, a fim de aí cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus. É assim que, contribuindo para a obra geral, ele próprio se adianta.”

A ação dos seres corpóreos é necessária à marcha do Universo. Porém, Deus, na sua sabedoria, quis que nessa mesma ação eles encontrassem um meio de progredir e de aproximar-se dele. Deste modo, por uma admirável lei da Providência, tudo se encadeia, tudo é solidário na Natureza.

133. Têm necessidade de encarnação aqueles Espíritos que, desde o princípio, seguiram o caminho do bem?

“Todos são criados simples e ignorantes e se instruem nas lutas e tribulações da vida corporal. Deus, que é justo, não podia fazer uns felizes sem cansaços e trabalhos e, por conseguinte, sem mérito.”

a) — Mas, então, de que serve aos Espíritos terem seguido o caminho do bem, se isso não os desobriga dos sofrimentos da vida corporal?

“Chegam mais depressa ao fim. Além do mais, as aflições da vida são muitas vezes por consequência da imperfeição do Espírito. Quanto menos imperfeições, tanto menos tormentos. Aquele que não é invejoso, nem ciumento, nem avaro, nem ambicioso, não sofrerá as torturas que se originam desses defeitos.”

A ALMA

134. O que é a alma?

“Um Espírito encarnado.”

a) — O que era a alma antes de se unir ao corpo?

“Espírito.”

b) — As almas e os Espíritos são a mesma coisa?

“Sim, as almas não passam de Espíritos. Antes de se unir ao corpo, a alma é um dos seres inteligentes que povoam o mundo invisível, os quais temporariamente revestem um corpo carnal para se purificarem e esclarecerem.”

135. Há no homem alguma outra coisa além da alma e do corpo?

“Há o laço que liga a alma ao corpo.”

a) — De que natureza é esse laço?

“Semimaterial, isto é, de natureza intermédia entre o Espírito e o corpo. É preciso que seja assim para que os dois se possam comunicar um com o outro. Por meio desse laço é que o Espírito atua sobre a matéria e vice-versa.”

Portanto, o homem é formado de três partes essenciais:

1. O **corpo** ou ser material, comparável ao dos animais e animado pelo mesmo princípio vital;
2. A **alma**, Espírito encarnado que habita o corpo;
3. O princípio intermediário, ou **perispírito**, substância semimaterial que serve de primeiro envoltório ao Espírito e liga a alma ao corpo. Tal, num fruto, o gérmen, o perisperma e a casca.

136. A alma independe do princípio vital?

“O corpo é somente o envoltório, como constantemente repetimos.”

a) — O corpo pode existir sem a alma?

“Pode; entretanto, desde o fim da vida do corpo, a alma o abandona. Antes do nascimento, ainda não há união definitiva entre a alma e o corpo; enquanto que, depois de essa união se haver estabelecido, a morte do corpo rompe os laços que o prendem à alma e esta o abandona. A vida orgânica pode animar um corpo sem alma, mas a alma não pode habitar um corpo privado de vida orgânica.”

b) — Que seria do nosso corpo, se não tivesse alma?

“Simples massa de carne sem inteligência, tudo o que quiserem, menos um homem.”

137. Um Espírito pode encarnar ao mesmo tempo em dois corpos diferentes?

“Não, o Espírito é indivisível e não pode animar simultaneamente dois seres distintos.” (Ver, em O LIVRO DOS MÉDIUNS, o capítulo VII, “Da bicorporeidade e da transfiguração”)

138. Que se deve pensar da opinião dos que consideram a alma o princípio da vida material?

“É uma questão de palavras que não nos importa. Comecem por se entenderem mutuamente.”

139. Alguns Espíritos e, antes deles, alguns filósofos definiram a alma como sendo: “uma centelha anímica vinda do grande Todo”. Por que essa contradição?

“Não há contradição. Tudo depende do sentido das palavras. Por que não usam uma palavra para cada coisa?”

Usamos a palavra **alma** para representar coisas muito diferentes. Uns chamam alma ao princípio da vida e, nesta acepção, se pode com acerto dizer, figuradamente, que a alma é uma centelha anímica vinda do grande Todo. Estas últimas palavras indicam a fonte universal do princípio vital de que cada ser absorve uma porção e que, após a morte, volta à massa donde saiu. Essa ideia de nenhum modo exclui a de um ser moral, distinto, independente da matéria e que conserva sua individualidade. A esse ser, igualmente, se dá o nome de alma e nesta acepção é que se pode dizer que a alma é um Espírito encarnado. Dando da alma definições diversas, os Espíritos falaram de acordo com o modo por que aplicavam a palavra e com as ideias terrenas de que ainda estavam mais ou menos imbuídos. Isto resulta da deficiência da linguagem humana, que não dispõe de uma palavra para cada ideia, donde uma imensidade de equívocos e discussões. Eis por que os Espíritos superiores nos dizem que primeiro nos entendamos acerca das palavras.³³

140. Que se deve pensar da teoria da alma subdividida em tantas partes quantos são os músculos e presidindo assim a cada uma das funções do corpo?

“Ainda isto depende do sentido que se empreste à palavra alma. caso se entenda por alma o fluido vital, essa teoria tem razão de ser; caso se entenda por alma o Espírito encarnado, é errônea. Já dissemos que o Espírito é indivisível. Ele transmite movimento aos órgãos, servindo-se do fluido intermediário, sem que para isso se divida.”

a) — Entretanto, alguns Espíritos deram essa definição.

“Os Espíritos ignorantes podem tomar o efeito pela causa.”

A alma atua por intermédio dos órgãos e os órgãos são animados pelo fluido vital, que por eles se reparte, existindo em maior abundância nos que são centros ou focos de movimento. Porém, esta explicação não é correta desde que se considere a alma como sendo o Espírito que habita o corpo durante a vida e o deixa por ocasião da morte.

141. Há alguma coisa de verdadeiro na opinião dos que pretendem que a alma é exterior ao corpo e envolve o seu redor?

“A alma não se acha contida no corpo, qual pássaro numa gaiola. Irradia e se manifesta exteriormente, como a luz através de um globo de vidro, ou como o som em torno de um centro de sonoridade. Neste sentido se pode dizer que ela é exterior, sem que por isso constitua o envoltório do corpo. A alma tem dois invólucros: o primeiro é sutil e leve, que chamam perispírito; outro, grosseiro, material e pesado, o corpo. A alma é o centro de todos os envoltórios, como o germen em um núcleo, bem como já dissemos.”

142. Que acham dessa outra teoria segundo a qual a alma, numa criança, vai se completando a cada período da vida?

“O Espírito é único e está todo na criança, como no adulto. Os órgãos, ou instrumentos das manifestações da alma, é que se desenvolvem e completam. Ainda aí tomam o efeito pela causa.”

143. Por que todos os Espíritos não definem a alma do mesmo modo?

“Os Espíritos não se acham todos esclarecidos igualmente sobre estes assuntos. Há Espíritos de inteligência ainda limitada, que não compreendem as coisas abstratas. São como as crianças entre vocês. Também há Espíritos de falsa sabedoria, que fazem alarde com palavras para se imporem, como ainda acontece entre vocês. Depois, os próprios Espíritos esclarecidos podem apresentar-se em termos diferentes, cujo valor, entretanto, é substancialmente o mesmo, sobretudo quando se trata de coisas que a linguagem de vocês se mostra impotente para traduzir com clareza. Recorrem então a figuras, a comparações, que tomam como realidade.”

³³ Ver a explicação sobre o termo alma na Introdução desta obra, item II – N. K.

144. Que se deve entender por alma do mundo?

“É o princípio universal da vida e da inteligência, do qual nascem os indivíduos. Mas, aqueles que usam essa expressão normalmente não se compreendem uns aos outros. A palavra alma é tão complexa que cada um a interpreta conforme suas fantasias. Também já atribuíram uma alma à Terra, que devemos entender como o conjunto dos Espíritos abnegados, que dirigem suas ações para o bem, quando os escutam, e que, de certo modo, são os mensageiros de Deus ao vosso planeta.”

145. Como se explica que tantos filósofos antigos e modernos, durante tão longo tempo, tenham discutido sobre a ciência psicológica e não tenham chegado ao conhecimento da verdade?

“Esses homens eram os preparadores da eterna Doutrina Espírita e aprontaram os caminhos. Eram homens e, como tais, se enganaram, tomando suas próprias ideias pela luz. No entanto, mesmo os seus erros servem para realçar a verdade, mostrando o pró e o contra. Demais, entre esses erros se encontram grandes verdades que um estudo comparativo torna apreensíveis.”

146. A alma tem ponto determinado e circunscrito dentro no corpo?

“Não; porém, nos grandes sábios e em todos os que pensam muito, ela reside mais particularmente na cabeça, ao passo que ocupa principalmente o coração naqueles mais sentimentais e cujas ações têm todas por objeto a Humanidade.”

a) — Que se deve pensar da opinião dos que situam a alma num centro vital?

“Isso quer dizer que o Espírito habita de preferência essa parte do vosso organismo, por ser aí o ponto de encontro de todas as sensações. Os que a situam no que consideram o centro da vitalidade, esses a confundem com o fluido ou princípio vital. Pode, todavia, dizer-se que a sede da alma se encontra especialmente nos órgãos que servem para as manifestações intelectuais e morais.”

MATERIALISMO

147. Por que é que os anatomistas³⁴, os fisiologistas³⁵ e, em geral, os que estudam profundamente a ciência da Natureza, com tanta frequência, são materialistas?

“O fisiologista vê tudo à sua maneira. Orgulho dos homens, que julgam saber tudo e não admitem haja coisa alguma que lhes esteja acima do entendimento. A própria ciência que cultivam os enche de presunção. Pensam que a Natureza nada lhes pode conservar oculto.”

148. Não é lamentável que o materialismo seja uma consequência de estudos que, ao contrário, deveriam mostrar ao homem a superioridade da inteligência que governa o mundo? Devemos daí concluir que são perigosos?

“Não é exato que o materialismo seja uma consequência desses estudos. O homem é que tira deles uma consequência falsa, pela razão de abusar de tudo, mesmo das melhores coisas. Acresce que o nada os amedronta mais do que eles quereriam que parecesse, e os espíritos fortes são quase sempre mais fanfarrões do que bravos. Na sua

³⁴ **Anatomista:** profissional que estuda a forma e a estrutura dos órgãos do corpo humano – N. E.

³⁵ **Fisiologista:** profissional que estuda o funcionamento das atividades vitais do corpo humano: crescimento, respiração, pensamento, etc. – N. E.

maioria, só são materialistas porque não têm com que encher o vazio do abismo que diante se abre deles. Mostrem a eles uma âncora de salvação e se agarrarão a ela rapidamente.”

Por uma aberração da inteligência, há pessoas que só veem nos seres orgânicos a ação da matéria e a esta atribuem todos os nossos atos. Veem no corpo humano apenas a máquina elétrica; somente pelo funcionamento dos órgãos estudaram o mecanismo da vida, cuja repetida extinção observaram, por efeito da ruptura de um fio, e nada mais enxergaram além desse fio. Procuraram saber se alguma coisa restava e, como nada acharam senão matéria, que se tornara inerte, como não viram a alma sair, como não a puderam apanhar, concluíram que tudo se continha nas propriedades da matéria e que, portanto, vinha o fim do pensamento com a morte. Seria uma triste consequência, porque então o bem e o mal nada significariam, o homem teria razão para só pensar em si e para colocar acima de tudo a satisfação de seus desejos materiais; os laços sociais estariam quebrados e as mais santas afeições se romperiam para sempre. Felizmente, essas ideias estão longe estão de ser comuns, que se podem mesmo ter por muito reduzidas, sendo apenas opiniões individuais, pois que em parte alguma ainda formaram doutrina. Uma associação fundada nisso traria em si a semente de sua dissolução e seus membros se devorariam uns aos outros como animais ferozes.

Por instinto natural, o homem tem a convicção de que nem tudo acaba com a vida e o nada lhe provoca horror. É em vão que teimam contra a ideia da vida futura. Ao soar o momento supremo, poucos são os que não se importam do que vai ser deles, porque a ideia de deixar a vida para sempre é algo doloroso. Quem realmente poderia encarar com indiferença uma separação absoluta, eterna, de tudo o que foi objeto de seu amor? Quem poderia ver, sem terror, abrir-se diante si o imensurável abismo do nada, onde se sepultassem para sempre todas as suas capacidades, todas as suas esperanças, e dizer a si mesmo: “Ora, pois! Depois de mim, nada, nada mais, senão o vácuo, tudo definitivamente acabado; mais alguns dias e a minha lembrança se terá apagado da memória dos que me sobreviverem; nenhum vestígio, dentro em pouco, restará da minha passagem pela Terra; até mesmo o bem que fiz será esquecido pelos ingratos a quem beneficiei. E nada, para compensar tudo isto, nenhuma outra perspectiva, além da do meu corpo comido pelos vermes!”

Este quadro não é mesmo horrível e frio? A religião ensina que não pode ser assim e a razão confirma. Mas, uma existência futura, vaga e indefinida não apresenta o que satisfaça ao nosso desejo do positivo. Essa, em muitos, a origem da dúvida. Possuímos alma, está bem; mas, que é a nossa alma? Tem forma, uma aparência qualquer? É um ser limitado, ou indefinido? Dizem alguns que é um sopro de Deus, outros uma centelha, outros uma parcela do grande Todo, o princípio da vida e da inteligência. Porém, o que de tudo isto que ficamos sabendo? Que nos importa ter uma alma, se, acabando nossa vida, ela desaparece na imensidade, como as gotas d'água no Oceano? Portanto, a perda da nossa individualidade não equivale ao nada? Dizem também que a alma é imaterial. Ora, uma coisa imaterial carece de proporções determinadas. Desde então, nada é, para nós. A religião ainda nos ensina que seremos felizes ou desgraçados, conforme ao bem ou ao mal que houvermos feito. Que vem a ser, porém, essa felicidade que nos aguarda no seio de Deus? Será uma vida de beato, uma contemplação eterna, sem outra ocupação mais do que entoar louvores ao Criador? As chamas do inferno serão uma realidade ou um símbolo? A própria Igreja lhes dá esta última significação; mas, então, que são aqueles sofrimentos? Onde é esse lugar de aflição? Numa palavra, que é o que se faz, que é o que se vê, nesse outro mundo que a todos nos espera? Dizem que ninguém jamais voltou de lá para nos dar informações.

É erro pensar assim e a missão do Espiritismo é exatamente nos esclarecer acerca desse futuro, em fazer com que, até certo ponto, o toquemos com o dedo e o penetremos com o olhar, não mais pelo raciocínio somente, mas pelos fatos. Graças às comunicações espíritas, não se trata mais de uma simples presunção, de uma possibilidade sobre a qual cada um cria à vontade, que os poetas embelezem com suas ficções, ou pintem de enganadoras imagens alegóricas. É a realidade que nos aparece, pois que são os próprios seres de além-túmulo que nos vêm descrever a situação em que se acham, relatar o que fazem, nos deixando assistir, por assim dizer, a todas as peripécias da nova vida que lá vivem e mostrando-nos, por esse meio, a sorte inevitável que nos está reservada, de acordo com os nossos méritos e deméritos. Haverá nisso alguma coisa de antirreligioso?

Muito ao contrário, pois os incrédulos encontram aí a fé e os mornos a renovação do fervor e da confiança. Portanto, o Espiritismo é o mais potente auxiliar da religião. Se ele aí está, é porque Deus o permite e o permite para que as nossas vacilantes esperanças se revigorem e para que sejamos reconduzidos à senda do bem pela perspectiva do futuro.

CAPÍTULO III

DA VOLTA DO ESPÍRITO, EXTINTA A VIDA CORPÓREA, À VIDA ESPIRITUAL

- A ALMA APÓS A MORTE
- SEPARAÇÃO DA ALMA E DO CORPO
- PERTURBAÇÃO ESPIRITUAL

A ALMA APÓS A MORTE

149. O que acontece com a alma no instante da morte?

“Volta a ser Espírito, isto é, retorna ao mundo dos Espíritos, de onde se apartara momentaneamente.”

150. Após a morte, a alma conserva a sua individualidade?

“Sim; jamais a perde. Que seria ela, se não a conservasse?”

a) — Como a alma comprova a sua individualidade, uma vez que não tem mais corpo material?

“Continua a ter um fluido que lhe é próprio, extraído na atmosfera do seu planeta, e que guarda a aparência de sua última encarnação: seu perispírito.”

b) — A alma não leva nada consigo deste mundo?

“Nada, a não ser a lembrança e o desejo de ir para um mundo melhor, lembrança cheia de doçura ou de amargor, conforme o uso que ela fez da vida. Quanto mais pura for a alma, melhor compreenderá a futilidade do que deixa na Terra.”

151. Que pensar da opinião dos que dizem que após a morte a alma retorna ao todo universal?

“O conjunto dos Espíritos não forma um todo? Não constitui um mundo completo? Quando está numa assembleia, você é parte integrante dela; mas apesar disso, conservas sempre a tua individualidade.”

152. Que prova podemos ter da individualidade da alma depois da morte?

“Não veem essa prova nas comunicações que recebem? Se não fossem cegos, vocês veriam; se não fossem surdos, ouviriam; pois que muitas vezes uma voz vos fala, reveladora da existência de um ser que está fora de vocês.”

Os que pensam que a alma reingressa pela morte no todo universal estão em erro, se supõem que, semelhante à gota d'água que cai no Oceano, ela perde ali a sua individualidade. Estão certos, se por todo

universal entendem o conjunto dos seres incorpóreos, conjunto de que cada alma ou Espírito é um elemento.

Se as almas se confundissem numa desordem só, teriam as qualidades do conjunto, nada as distinguiria umas das outras. Careceriam de inteligência e de qualidades pessoais quando, ao contrário, em todas as comunicações, denotam ter consciência do seu eu e vontade própria. A diversidade infinita que apresentam sob todos os aspectos é a consequência mesma de serem individualidades diversas. Se, após a morte, só houvesse o que se chama o grande todo, a absorver todas as individualidades, esse todo seria uniforme e, então, as comunicações que se recebessem do mundo invisível seriam idênticas. Porém, desde que lá se nos deparam seres bons e maus, sábios e ignorantes, felizes e desgraçados; que lá os há de todas as características: alegres e tristes, levianos e ponderados, etc., fica claro que eles são seres distintos. A individualidade se torna ainda mais evidente quando esses seres provam a sua identidade por indicações incontestáveis, particularidades individuais verificáveis, referentes às suas vidas terrestres.

Também não pode ser posta em dúvida, quando se fazem visíveis nas aparições. A individualidade da alma nos era ensinada em teoria, como artigo de fé. O Espiritismo a torna manifesta e, de certo modo, material.

153. Em que sentido devemos entender a vida eterna?

“É a vida do Espírito que é eterna; a do corpo é transitória e passageira. Quando o corpo morre, a alma retoma a vida eterna.”

a) — Não seria mais exato chamar vida eterna à dos Espíritos puros, dos que, tendo atingido a perfeição, não estão sujeitos a sofrer mais prova alguma?

“Essa é antes a felicidade eterna. Mas isto constitui uma questão de palavras. Chamem as coisas como quiserem, contanto que entendam.”

SEPARAÇÃO DA ALMA E DO CORPO

154. A separação da alma e do corpo é dolorosa?

“Não; o corpo quase sempre sofre mais durante a vida do que no momento da morte; a alma não toma nenhuma parte nisso. Os sofrimentos que algumas vezes se experimentam no instante da morte são um prazer para o Espírito, que vê chegar o fim do seu exílio.”

Na morte natural, a que sobrevém pelo esgotamento dos órgãos, em consequência da idade, o homem deixa a vida sem o perceber: é uma lâmpada que se apaga por falta de óleo.

155. Como se opera a separação da alma e do corpo?

“Quando os laços que prendiam a alma se soltam, ela se desprende.”

a) — A separação se dá instantaneamente por brusca transição? Haverá alguma linha de separação nitidamente traçada entre a vida e a morte?

“Não; a alma se desprende passo a passo, não se escapa como um pássaro cativo a que se restitua subitamente a liberdade. Aqueles dois estados se tocam e confundem, de maneira que o Espírito se solta pouco a pouco dos laços que o prendiam. Estes laços se desatam, não se quebram.”

Durante a vida, o Espírito se acha preso ao corpo pelo seu envoltório semimaterial — o perispírito. A morte é somente a destruição do corpo, não a desse outro invólucro, que se separa do corpo quando acaba neste a vida orgânica. A observação demonstra que o desprendimento do perispírito no instante da morte não se completa subitamente; que, ao contrário, se opera gradualmente e com uma lentidão muito variável conforme os indivíduos. Em uns é bastante rápido, podendo dizer-se que o momento da morte é mais ou menos o da libertação. Em outros, principalmente naqueles cuja vida foi toda material e sensual, o desprendimento é muito menos rápido, durando algumas vezes dias, semanas e até meses, o que não implica existir a menor vitalidade no corpo, nem a possibilidade de voltar à vida, mas uma simples afinidade com o Espírito, afinidade que guarda sempre proporção com a superioridade que o Espírito deu à matéria durante a vida corporal. Com efeito, é racional crer que, quanto mais o Espírito se identificou com a matéria, tanto mais penoso lhe seja se separar dela; ao passo que a atividade intelectual e moral, a elevação dos pensamentos operam um começo de desprendimento, mesmo durante a vida do corpo, de modo que, em chegando a morte, ele é quase instantâneo. Tal o resultado dos

estudos feitos em todos os indivíduos que se têm podido observar por ocasião da morte. Essas observações ainda provam que, em certos indivíduos, a afinidade persistente entre a alma e o corpo é às vezes muito penosa, pois o Espírito pode experimentar o horror da decomposição. Este caso, porém, é excepcional e típico a certos gêneros de vida e a certos gêneros de morte. Verifica-se com alguns, suicidas.

156. A separação definitiva da alma e do corpo pode ocorrer antes do fim completo da vida orgânica?

“Na agonia, algumas vezes a alma já tem deixado o corpo; nada mais há que a vida orgânica. O homem já não tem consciência de si mesmo; entretanto, ainda lhe resta um sopro de vida orgânica. O corpo é a máquina que o coração põe em movimento. Existe, enquanto o coração faz circular nas veias o sangue, para o que não necessita da alma.”

157. No momento da morte, a alma sente alguma vez qualquer aspiração ou êxtase que lhe faça entrever o mundo aonde vai entrar de novo?

“Muitas vezes a alma sente que se desfazem os laços que a prendem ao corpo. Coloca então todos os esforços para desfazê-los inteiramente. Já em parte desprendida da matéria, vê o futuro desdobrar-se diante de si e goza, por antecipação, do estado de Espírito.”

158. Primeiramente, a lagarta anda rastejando pela terra, depois se envolve na sua crisálida, em estado de morte aparente, para enfim renascer com uma existência brilhante: esse pode ser um exemplo a nos dar a ideia da vida terrestre, do túmulo e, finalmente, da nossa nova existência?

“Uma ideia incompleta, mas a comparação é boa; todavia, não deve ser tomada ao pé da letra, como frequentemente vocês fazem.”

159. Que sensação a alma experimenta no momento em que reconhece estar no mundo dos Espíritos?

“Depende: se praticou o mal, movido pelo desejo de praticá-lo, no primeiro momento, sente-se envergonhada do que praticou; já com a alma do justo, as coisas se passam de modo bem diferente e ela se sente como que aliviada de grande peso, pois que não teme nenhum olhar de cobrança.”

160. O Espírito se encontra imediatamente com quem conheceu na Terra e que morreram antes dele?

“Sim, de acordo com a simpatia mútua entre eles. Muitas vezes aqueles seus conhecidos o vêm receber à entrada do mundo dos Espíritos e o ajudam a desligar-se das faixas da matéria. Encontra-se também com muitos dos que conheceu e perdeu de vista durante a sua vida terrena. Vê os que estão na erraticidade, como vê os encarnados e vai visitá-los.”

161. Em caso de morte violenta e acidental, quando os órgãos ainda se não enfraqueceram em consequência da idade ou das doenças, a separação da alma e a cessação da vida ocorrem simultaneamente?

“Geralmente é assim; mas, em todos os casos, muito breve é o instante intermediário entre uma e outra.”

162. Após a decapitação³⁶, por exemplo, o homem conserva por alguns instantes a

³⁶ A pergunta é muito válida, pois naquele século ainda era comum a pena de morte cujo ato se dava cortando a cabeça do réu, por exemplo, com uma guilhotina – N. E.

consciência de si mesmo?

“Não raro a conserva durante alguns minutos, até que a vida orgânica se tenha extinguido completamente. Mas, também, quase sempre a apreensão da morte lhe faz perder aquela consciência antes do momento da agonia.”

Trata-se aqui da consciência que o condenado pode ter de si mesmo, como homem e por intermédio dos órgãos, e não como Espírito. Se não perdeu essa consciência antes do suplício, pode conservá-la por alguns breves instantes. Porém, ela acaba necessariamente com a vida orgânica do cérebro, o que não quer dizer que o perispírito esteja inteiramente separado do corpo. Ao contrário: em todos os casos de morte violenta, quando a morte não resulta da extinção gradual das forças vitais, os laços que prendem o corpo ao perispírito são mais fortes e, portanto, mais lento é o desprendimento completo.

PERTURBAÇÃO ESPIRITUAL

163. A alma tem consciência de si mesma imediatamente depois de deixar o corpo?

“Imediatamente não é bem o termo. A alma passa algum tempo em estado de perturbação.”

164. A perturbação que se segue à separação da alma e do corpo é do mesmo grau e da mesma duração para todos os Espíritos?

“Não; depende da elevação de cada um. Aquele que já está purificado, reconhece-se quase imediatamente, pois que se libertou da matéria antes que cessasse a vida do corpo, enquanto que o homem carnal, aquele cuja consciência ainda não está pura, guarda por muito mais tempo a impressão da matéria.”

165. O conhecimento do Espiritismo exerce alguma influência sobre a duração, mais ou menos longa, da perturbação?

“Exerce uma influência muito grande, por isso que o Espírito já antecipadamente compreendia a sua situação. Mas, a prática do bem e a consciência pura são o que exercem maior influência.”

Por ocasião da morte, a princípio tudo é confuso. A alma precisa de algum tempo para entrar no conhecimento de si mesma. Ela se acha como que estonteada, no estado de uma pessoa que despertou de profundo sono e procura orientar-se sobre a sua situação. A lucidez das ideias e a memória do passado lhe voltam à medida que se apaga a influência da matéria que ela acaba de abandonar, e à medida que se dissolve a espécie de névoa que lhe obscurece os pensamentos.

Muito variável é o tempo que dura a perturbação que se segue à morte. Pode ser de algumas horas, como também de muitos meses e até de muitos anos. Aqueles que, desde quando ainda viviam na Terra, se identificaram com o estado futuro que os aguardava, são os em quem ela é menos longa, porque esses compreendem imediatamente a posição em que se encontram.

Aquela perturbação apresenta circunstâncias especiais, de acordo com os caracteres dos indivíduos e, principalmente, com o gênero de morte. Nos casos de morte violenta, por suicídio, suplício, acidente, derrame, ferimentos, etc., o Espírito fica surpreendido, espantado e não acredita estar morto. Insistentemente sustenta que não o está. No entanto, vê o seu próprio corpo, reconhece que esse corpo é seu, mas não compreende que se ache separado dele. Acerca-se das pessoas a quem considera, fala-lhes e não percebe por que elas não o ouvem. Semelhante ilusão se prolonga até ao completo desprendimento do perispírito. Só então o Espírito se reconhece como tal e compreende que não pertence mais ao número dos vivos. Este fenômeno se explica facilmente. Surpreendido de improviso pela morte, o Espírito fica atordoado com a brusca mudança que nele se operou; considera ainda a morte como sinônimo de destruição e de aniquilamento. Ora, porque pensa, vê, ouve, tem a sensação de não estar morto. Mais lhe aumenta a ilusão o fato de se ver com um corpo semelhante, na forma, ao precedente, mas cuja natureza etérea ainda não teve tempo de estudar. Julga-o sólido e compacto como o primeiro e, quando se lhe chama a atenção para esse ponto, admira-se de não poder apalpá-lo. Esse fenômeno é igual ao que ocorre com alguns sonâmbulos inexperientes, que não creem dormir. É que têm o sono por sinônimo de suspensão dos sentidos. Ora, como pensam livremente e veem, julgam naturalmente que não dormem.

Certos Espíritos revelam essa particularidade, se bem que a morte não lhes tenha sobrevindo repentinamente. Todavia, é mais comum que se apresenta entre aqueles que, embora doentes, não pensavam em morrer. Observa-se então o estranho espetáculo de um Espírito assistir ao seu próprio enterramento como se

fosse o de um estranho, falando desse ato como de coisa que lhe não diz respeito, até ao momento em que compreende a verdade.

A perturbação que se segue à morte nada tem de penosa para o homem de bem, que se conserva calmo, semelhante em tudo a quem acompanha as fases de um tranquilo despertar. Para aquele cuja consciência ainda não está pura, a perturbação é cheia de ansiedade e de angústias, que aumentam à proporção que ele da sua situação se compenetra.

Nos casos de morte coletiva, tem sido observado que todos os que perecem ao mesmo tempo nem sempre tornam a ver-se logo. Presas da perturbação que se segue à morte, cada um vai para seu lado, ou só se preocupa com os que lhe interessam.

CAPÍTULO IV

DA PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS

- A REENCARNAÇÃO
- JUSTIÇA DA REENCARNAÇÃO
- ENCARNAÇÃO NOS DIFERENTES MUNDOS
- TRANSMIGRAÇÕES PROGRESSIVAS
- SORTE DAS CRIANÇAS DEPOIS DA MORTE
- SEXO NOS ESPÍRITOS
- PARENTESCO, FILIAÇÃO
- SEMELHANÇAS FÍSICAS E MORAIS
- IDEIAS INATAS

A REENCARNAÇÃO

166. Como a alma, que não alcançou a perfeição durante a vida corpórea, pode acabar de se depurar?

“Sofrendo a prova de uma nova existência.”

a) — Como ela realiza essa nova existência? Será pela sua transformação como Espírito?

“Depurando-se, a alma sem dúvida experimenta uma transformação, mas para isso ela necessita da prova da vida corporal.”

b) — A alma passa então por muitas existências corporais?

“Sim, todos contamos muitas existências. Os que dizem o contrário pretendem manter vocês na ignorância em que eles próprios se encontram. Esse é o desejo deles.”

c) — Parece resultar desse princípio que a alma, depois de haver deixado um corpo, toma outro, ou, então, que reencarna em novo corpo. É assim que se deve entender?

“Evidentemente.”

167. Qual o fim objetivado com a reencarnação?

“Expição, melhoramento progressivo da Humanidade. Sem isto, onde estaria a justiça?”

168. O número das existências corporais é limitado ou o Espírito reencarna perpetuamente?

“A cada nova existência, o Espírito dá um passo adiante na senda do progresso.

Desde que se ache limpo de todas as impurezas, não tem mais necessidade das provas da vida corporal.”

169. O número das encarnações é invariável para todos os Espíritos?

“Não; aquele que caminha depressa se poupa de muitas provas. Todavia, as encarnações sucessivas são sempre muito numerosas, porque o progresso é quase infinito.”

170. O que fica sendo o Espírito depois da sua última encarnação?

“Espírito bem-aventurado; puro Espírito.”

JUSTIÇA DA REENCARNAÇÃO

171. No que se sustenta o dogma da reencarnação?

“Na justiça de Deus e na revelação, pois incessantemente repetimos: o bom pai deixa sempre a seus filhos uma porta aberta para o arrependimento. A razão não te diz que seria injusto privar para sempre da felicidade eterna todos aqueles de quem não dependeu o melhoramento? Todos os homens não são filhos de Deus? Só entre os egoístas se encontram a iniquidade, o ódio implacável e os castigos sem remissão.”

Todos os Espíritos tendem para a perfeição e Deus lhes oferece os meios de alcançá-la, proporcionando-lhes as provações da vida corporal. Sua justiça, porém, lhes concede realizar em novas existências o que não puderam fazer ou concluir numa primeira prova.

Deus não estaria agindo com equidade e nem de acordo com a sua bondade se condenasse para sempre os que talvez tenham encontrado obstáculos para seu desenvolvimento, dificuldades essas vindas do próprio meio onde foram colocados e sob o domínio alheio. Se a sorte do homem se fixasse irrevogavelmente depois da morte, não seria uma única a balança em que Deus pesa as ações de todas as criaturas e não haveria imparcialidade no tratamento que a todas dispensa.

A doutrina da reencarnação — isto é, a que consiste em admitir que o Espírito tenha muitas existências sucessivas — é a única que corresponde à ideia que formamos da justiça de Deus para com os homens que se acham em condição moral inferior; a única que pode explicar o futuro e firmar as nossas esperanças, pois que nos oferece os meios de resgatarmos os nossos erros por novas provações. A razão nos indica isso e os Espíritos ensinam essa doutrina.

O homem que tem consciência da sua inferioridade se enche de consoladora esperança na doutrina da reencarnação. Se crê na justiça de Deus, não pode contar que venha a achar-se, para sempre, em pé de igualdade com os que fizeram mais do que ele. Porém, a ideia de que aquela inferioridade não o condena eternamente do bem supremo, sustenta e lhe reanima a coragem e que, mediante novos esforços, dado lhe será conquistá-lo.

Quem é que, ao fim da sua carreira, não lastima haver tão tarde ganho uma experiência de que já não mais pode tirar proveito? Entretanto, essa experiência tardia não fica perdida; o Espírito a utilizará em nova existência.

ENCARNAÇÃO NOS DIFERENTES MUNDOS

172. As nossas diversas existências corporais se verificam todas na Terra?

“Não; vivemos encarnações em diferentes mundos. As que aqui passamos não são as primeiras, nem as últimas; são, porém, das mais materiais e das mais distantes da perfeição.”

173. A cada nova existência corporal a alma passa de um mundo para outro, ou pode ter muitas no mesmo globo?

“Pode viver muitas vezes no mesmo globo, se não se adiantou o bastante para passar a um mundo superior.”

a) — Podemos então reaparecer muitas vezes na Terra?

“Certamente.”

b) — Podemos voltar a este, depois de termos vivido em outros mundos?

“Sem dúvida. É possível que já tenhais vivido noutros e na Terra.”

174. Voltar a viver na Terra é uma necessidade?

“Não; mas, se não progredirem, poderão ir para outro mundo que não valha mais do que a Terra e que talvez até seja pior do que ela.”

175. Haverá alguma vantagem em voltar a habitar a Terra?

“Nenhuma vantagem particular, a menos que seja em missão, caso em que se progride aí como em qualquer outro planeta.”

a) — Não seria mais feliz permanecendo na condição de Espírito?

“Não, não; seria estacionar e o que se quer é caminhar para Deus.”

176. Depois de haverem encarnado noutros mundos, os Espíritos podem encarnar neste, sem que jamais aí tenham estado?

“Sim, do mesmo modo que vocês encarnariam em outros. Todos os mundos são solidários: o que não se faz num faz-se noutro.”

a) — Assim, homens há que estão na Terra pela primeira vez?

“Muitos, e em graus diversos de adiantamento.”

b) — Podemos reconhecer, por um indício qualquer, que um Espírito está pela primeira vez na Terra?

“Isso não teria nenhuma utilidade.”

177. Para chegar à perfeição e à suprema felicidade — que é o destino final de todos os homens — o Espírito tem que passar pela fieira de todos os mundos existentes no Universo?

“Não, porque são muitos os mundos correspondentes a cada grau da respectiva escala e o Espírito, saindo de um deles, nenhuma coisa nova aprenderia nos outros do mesmo grau.”

a) — Como se explica então a pluralidade de suas existências em um mesmo globo?

“De cada vez poderá ocupar posição diferente das anteriores e nessas diversas posições se lhe deparam outras tantas ocasiões de adquirir experiência.”

178. Os Espíritos podem encarnar em um mundo relativamente inferior a outro onde já viveram?

“Sim, quando em missão, com o objetivo de auxiliarem o progresso, caso em que aceitam alegres as tribulações de tal existência, por lhes proporcionar meio de se adiantarem.”

a) — Mas, pode ser também por expiação? Deus não pode deportar para mundos inferiores os Espíritos rebeldes?

“Os Espíritos podem se conservar estacionários, mas não regressam. Em caso de estacionamento, a punição deles consiste em não avançarem, em recomençoarem, no meio conveniente à sua natureza, as existências mal empregadas.”

b) — Quais os que têm de recomençoar a mesma existência?
 “Os que faliram em suas missões ou em suas provas.”

179. Todos os seres que habitam cada mundo alcançaram o mesmo nível de perfeição?

“Não; acontece com cada um o que ocorre na Terra: uns Espíritos são mais adiantados do que outros.”

180. Passando deste planeta para outro, o Espírito conserva a inteligência que aqui tinha?

“Sem dúvida; a inteligência não se perde. Contudo, pode acontecer que ele não disponha dos mesmos meios para manifestá-la, dependendo isto da sua superioridade e das condições do corpo que tomar.” (Veja: “Influência do organismo”, cap. VII, Parte 2ª.)

181. Os seres que habitam os diferentes mundos têm corpos semelhantes aos nossos?

“É fora de dúvida que têm corpos — porque o Espírito precisa estar revestido de matéria para atuar sobre a matéria. Porém, esse envoltório é mais ou menos material, conforme o grau de pureza a que chegaram os Espíritos. É isso o que assinala a diferença entre os mundos que temos de percorrer, pois há muitas moradas na casa de nosso Pai, sendo, conseqüentemente, de muitos graus essas moradas. Alguns o sabem e desse fato têm consciência na Terra; com outros, no entanto, o mesmo não se dá.”

182. É possível conhecer exatamente o estado físico e moral dos diferentes mundos?

“Nós, Espíritos, só podemos responder de acordo com o grau de adiantamento em que vocês se acham. Quer dizer que não devemos revelar estas coisas a todos, porque nem todos estão em estado de compreendê-las e semelhante revelação os perturbaria.”

À medida que o Espírito se purifica, o corpo que o reveste se aproxima igualmente da natureza espírita, sua matéria se torna menos grosseira, deixa de rastejar penosamente pela superfície do solo, menos ásperas se tornam as necessidades físicas, não mais sendo preciso que os seres vivos se destruam mutuamente para se nutrirem. O Espírito se acha mais livre e tem mais percepções das coisas longínquas que desconhecemos e vê com os olhos do corpo o que só entrevemos pelo pensamento.

O aperfeiçoamento moral decorre da purificação do Espírito, para os seres que eles constituem, quando encarnados. As paixões animais se enfraquecem e o egoísmo dá lugar ao sentimento da fraternidade. Assim é que, nos mundos superiores ao nosso, se desconhecem as guerras, carecendo de objeto os ódios e as discórdias, porque ninguém pensa em causar dano ao seu semelhante. A intuição que seus habitantes têm do futuro e a segurança que uma consciência sem remorsos lhes dá fazem com que a morte não lhes cause nenhuma preocupação. Encaram-na de frente, sem temor, como simples transformação.

A duração da vida, nos diferentes mundos, parece guardar proporção com o grau de superioridade física e moral de cada um, o que é perfeitamente racional. Quanto menos material o corpo, menos sujeito às vicissitudes que o desorganizam. Quanto mais puro o Espírito, menos paixões a miná-lo. É essa ainda uma graça da Providência, que desse modo abrevia os sofrimentos.

183. Indo de um mundo para outro, o Espírito passa por nova infância?

“Em toda parte a infância é uma transição necessária, mas não tão confusa em toda parte como é no vosso mundo.”

184. O Espírito tem direito de escolher o mundo onde passe a habitar?

“Nem sempre. Pode pedir que lhe seja permitido ir para este ou aquele e pode

obtê-lo, se o merecer, porque a acessibilidade dos mundos depende do grau da elevação dos Espíritos.”

a) — Se o Espírito nada pedir, o que é o que determina o mundo em que ele reencarnará?

“O grau da sua elevação.”

185. O estado físico e moral dos seres vivos é perpetuamente o mesmo em cada mundo?

“Não; os mundos também estão sujeitos à lei do progresso. Todos começaram, como o vosso, por um estado inferior e a própria Terra sofrerá idêntica transformação e se tornará um paraíso, quando os homens se tornarem bons.”

É assim que as raças que hoje povoam a Terra desaparecerão um dia, substituídas por seres cada vez mais perfeitos, pois que essas novas raças transformadas sucederão às atuais, como estas sucederam a outras ainda mais grosseiras.

186. Haverá mundos onde o Espírito, deixando de revestir corpos materiais, só tenha por envoltório o perispírito?

“Há e mesmo esse envoltório se torna tão etéreo que para vocês é como se não existisse. Esse o estado dos Espíritos puros.”

a) — Parece resultar daí que, entre o estado correspondente às últimas encarnações e a de Espírito puro, não há linha divisória perfeitamente demarcada; não?

“Semelhante demarcação não existe. A diferença entre um e outro estado se vai apagando pouco a pouco e acaba por ser imperceptível, tal qual se dá com a noite às primeiras claridades do alvorecer.”

187. A substância do perispírito é a mesma em todos os mundos?

“Não; é mais ou menos etérea (leve e sutil). Passando de um mundo a outro, o Espírito se reveste da matéria própria desse outro, porém, essa mudança se opera com a rapidez do relâmpago.”

188. Os Espíritos puros habitam mundos especiais, ou se acham no espaço universal, sem estarem mais ligados a um mundo do que a outros?

“Habitam certos mundos, mas não ficam presos, como os homens ficam na Terra; melhor do que os outros, eles podem estar em toda parte”.³⁷

³⁷ Segundo os Espíritos, de todos os mundos que compõem o nosso sistema planetário, a Terra é dos de habitantes menos adiantados, física e moralmente. Marte estaria ainda abaixo dela, e Júpiter muito superior, em todos os respeitos. O Sol não seria mundo habitado por seres corpóreos, mas simplesmente um lugar de reunião dos Espíritos superiores, os quais de lá irradiam seus pensamentos para os outros mundos, que eles dirigem por intermédio de Espíritos menos elevados, transmitindo-os a estes por meio do fluido universal. Considerado do ponto de vista da sua formação física, o Sol seria um foco de eletricidade. Todos os sóis como que estariam em situação parecida.

O volume de cada um e a distância a que esteja do Sol não guardam necessariamente nenhuma relação com o grau do seu adiantamento, pois que, do contrário, Vênus deveria ser tida por mais adiantada do que a Terra e Saturno menos do que Júpiter.

Muitos Espíritos que na Terra animaram personalidades conhecidas disseram estar reencarnados em Júpiter, um dos mundos mais próximos da perfeição, e é espantoso que nesse globo tão adiantado, estivessem homens a quem a opinião geral aqui não atribuía tanta elevação. Nisso nada há de surpreendente, desde que se atenda a que, possivelmente, certos Espíritos, habitantes daquele planeta, foram mandados à Terra para desempenharem aí certa missão que aos nossos olhos os não colocava na primeira plana. Em segundo lugar, deve-se atender a que, entre a existência que tiveram na Terra e a que passaram a ter em Júpiter, eles podem ter tido outras vidas intermédias, em que se melhoraram. Finalmente, devemos considerar que, naquele mundo, como no

TRANSMIGRAÇÕES PROGRESSIVAS

189. Desde o início de sua formação, o Espírito desfruta da plenitude de suas capacidades?

“Não, pois que também há infância para o Espírito, como é para o homem. Em sua origem, a vida do Espírito é apenas por instinto. Ele mal tem consciência de si mesmo e de seus atos. A sua inteligência só se desenvolve pouco a pouco.”

190. Qual o estado da alma na sua primeira encarnação?

“Igual ao da infância na vida corporal. A inteligência então apenas desabrocha: a alma se ensaia para a vida.”

191. As dos nossos selvagens são almas no estado de infância?

“De infância relativa, pois já são almas desenvolvidas, visto que já nutrem paixões.”

a) — Então, as paixões são um sinal de desenvolvimento?

“De desenvolvimento, sim; porém, não de perfeição. São sinal de atividade e de consciência do eu, pois, na alma primitiva, a inteligência e a vida se acham no estado de gérmen.”

De modo geral, a vida do Espírito apresenta as mesmas fases que observamos na vida corporal. Ele passa gradualmente do estado de embrião ao de infância, percorrendo sucessivos períodos, para chegar ao de adulto, que é o da perfeição, com a diferença de que para o Espírito não há declínio, nem caduquice, como na vida corporal e que a sua vida, que teve começo, não terá fim; que imenso tempo lhe é necessário, do nosso ponto de vista, para passar da infância espírita ao completo desenvolvimento; e que o seu progresso se realiza, não num único mundo, mas vivendo ele em mundos diversos. Portanto, a vida do Espírito compõe-se de uma série de existências corpóreas, cada uma das quais representa para ele uma ocasião de progredir, do mesmo modo que cada existência corporal se compõe de uma série de dias, em cada um dos quais o homem obtém um acréscimo de experiência e de instrução.

Mas, assim como há dias na vida do homem que nenhum fruto produzem, na do Espírito há existências corporais de que ele não colhe nenhum resultado, porque não as soube aproveitar.

192. Alguém, por um proceder impecável na vida atual, pode transpor todos os graus da escala do aperfeiçoamento e se tornar um Espírito puro sem passar por outros graus intermédios?

“Não, pois o que o homem julga como perfeito está longe da perfeição. Há qualidades que lhe são desconhecidas e incompreensíveis. Poderá ser tão perfeito

nosso, são múltiplos os graus de desenvolvimento e que, entre esses graus, pode medir lá a distância que vai, entre nós, do selvagem ao homem civilizado.

Assim, do fato de um Espírito habitar Júpiter, não se segue que esteja no nível dos seres mais adiantados, do mesmo modo que ninguém pode considerar-se na categoria de um sábio do Instituto, só porque reside em Paris.

Tampouco as condições de duração da vida não são, em qualquer parte, as mesmas que na Terra e as idades não se podem comparar. Evocado, um Espírito que desencarnara havia alguns anos, disse que, desde seis meses antes, estava encarnado em mundo cujo nome nos é desconhecido.

Interrogado sobre a idade que tinha nesse mundo, disse: “Não posso avaliá-la, porque não contamos o tempo como vocês. Depois, os modos de existência não são idênticos. Nós nos desenvolvemos lá muito mais rapidamente. Entretanto, se bem não haja mais de seis dos vossos meses que lá estou, posso dizer que, quanto à inteligência, tenho trinta anos da idade que tive na Terra.”

Muitas respostas semelhantes foram dadas por outros Espíritos e o fato nada apresenta de inverossímil. Não vemos que, na Terra, uma imensidade de animais em poucos meses adquire o desenvolvimento normal? Por que não se poderia dar o mesmo com o homem noutras esferas? Notemos, além disso, que o desenvolvimento que o homem alcança na Terra aos trinta anos talvez não passe de uma espécie de infância, comparado com o que lhe cumpre atingir. Bem curto de vista se revela quem nos toma em tudo por protótipos da criação, assim como é rebaixar a Divindade o ato de imaginar-se que, fora o homem, nada mais seja possível a Deus – N. K.

quanto o comporte a sua natureza terrena, mas isso não é a perfeição absoluta. Ocorre com o Espírito o que se verifica com a criança que, por mais precoce que seja, tem de passar pela juventude antes de chegar à idade da maturidade; e também com o enfermo que, para recobrar a saúde, tem de passar pela doença. Demais, o Espírito deve progredir em ciência e em moral. Se somente se adiantou num sentido, importa se adiante no outro para atingir o extremo superior da escala. Contudo, quanto mais o homem se adiantar na sua vida atual, tanto menos longas e penosas lhe serão as provas que se seguirem.”

a) — O homem pode, pelo menos na vida presente, preparar com segurança, para si, uma existência futura menos carregada de amarguras?

“Sem dúvida. Pode reduzir a extensão e as dificuldades do caminho. Só o descuidoso permanece sempre no mesmo ponto.”

193. Nas suas novas existências, um homem pode descer mais baixo do que esteja na vida atual?

“Com relação à posição social, sim; como Espírito, não.”

194. É possível que, em nova encarnação, a alma de um homem de bem anime o corpo de um malfetor?

“Não, visto que não pode degenerar.”

a) — A alma de um perverso pode se tornar a de um homem de bem?

“Sim, caso se arrependa. Isso constitui então uma recompensa.”

A marcha dos Espíritos é progressiva e jamais recua. Eles se elevam gradualmente na hierarquia e não descem da categoria a que subiram. Em suas diferentes existências corporais, podem descer como homens, não como Espíritos. Assim, a alma de um poderoso da Terra pode mais tarde animar o mais humilde operário e vice-versa, por isso que, entre os homens, as categorias estão frequentemente na razão inversa da elevação das qualidades morais. Herodes era rei e Jesus, carpinteiro.

195. A possibilidade de se melhorarem noutra existência não pode levar certas pessoas a perseverarem no mau caminho, dominadas pela ideia de que poderão se corrigir mais tarde?

“Aquele que pensa assim em nada crê e a ideia de um castigo eterno não o dominaria mais do que qualquer outra, porque sua razão a repele, e semelhante ideia induz à incredulidade a respeito de tudo. Se unicamente tivessem empregado meios racionais para guiar os homens, não haveria tantos descrentes. De fato, um Espírito imperfeito poderá pensar dessa maneira durante a vida corporal; mas, ao se livrar da matéria, pensará de outro modo, pois logo verificará que fez cálculo errado e então um sentimento oposto a esse lhe trará para a sua nova existência. É assim que se efetua o progresso e essa é a razão por que os homens na Terra são desigualmente adiantados. Uns já dispõem de experiência que a outros falta, mas que adquirirão pouco a pouco. Depende deles acelerar o progresso ou retardar-se indefinidamente.”

O homem que ocupa uma posição má deseja trocá-la o mais depressa possível. Aquele que se acha convencido de que as tribulações da vida terrena são consequência de suas imperfeições procurará garantir para si uma nova existência menos penosa e esta ideia o desviará mais depressa da senda do mal do que a do fogo eterno, em que não acredita.

196. Como os Espíritos só podem se aperfeiçoar por meio das tribulações da existência corpórea, segue-se que a vida material seja uma espécie de crisol, ou purificador, por

onde todos os seres do mundo espírita têm que passar para alcançarem a perfeição?

“Sim, é exatamente isso. Eles se melhoram nessas provas, evitando o mal e praticando o bem; porém, somente ao término de mais ou menos longo tempo, conforme os esforços que empreguem; somente após muitas encarnações ou purificações sucessivas, atingem a finalidade para que tendem.”

a) — É o corpo que influi sobre o Espírito para que este se melhore, ou o Espírito que influi sobre o corpo?

“Teu Espírito é tudo; teu corpo é simples veste que apodrece: eis tudo.”

O suco da videira nos oferece um exemplo material dos diferentes graus da depuração da alma. Ele contém o licor que se chama espírito ou álcool, mas enfraquecido por uma imensidade de matérias estranhas, que lhe alteram a essência. Esta só chega à pureza absoluta depois de múltiplas destilações, em cada uma das quais se despoja de algumas impurezas. O corpo é o alambique em que a alma tem que entrar para se purificar. Às matérias estranhas se assemelha o perispírito, que também se depura, à medida que o Espírito se aproxima da perfeição.

SORTE DAS CRIANÇAS DEPOIS DA MORTE

197. O Espírito de uma criança que morreu com pouca idade poderá ser tão adiantado quanto o de um adulto?

“Algumas vezes é muito mais, pois pode acontecer que já tenha vivido muito mais e adquirido maior soma de experiência, sobretudo se progrediu.”

a) Pode então o Espírito de uma criança ser mais adiantado que o de seu pai?

“Isso é muito frequente. Você mesmos não veem isso tantas vezes na Terra?”

198. Não tendo podido praticar o mal, o Espírito de uma criança que morreu em tenra idade pertence a alguma das categorias superiores?

“Se não fez o mal, igualmente não fez o bem e Deus não o isenta das provas que tenha de aguentar. Não será um Espírito puro só pelo fato de ter animado apenas uma criança, mas porque já tenha progredido até a pureza.”

199. Por que tão frequentemente a vida se interrompe na infância?

“Para o Espírito que a animava, a curta duração da vida da criança pode representar o complemento de existência precedentemente, interrompida antes do momento em que devera terminar, e também não é raro que sua morte constitui provação ou expiação para os pais.”

a) — Que sucede ao Espírito de uma criança que morre pequenina?

“Recomeça outra existência.”

Se o homem tivesse uma única existência e se, ela chegando ao fim, sua sorte ficasse decidida para a eternidade, qual seria o mérito de metade do gênero humano, da que morre na infância, para gozar da felicidade eterna sem esforços e com que direito se acharia isenta das condições, às vezes tão duras, a que a outra metade se vê submetida? Semelhante ordem de coisas não corresponderia à justiça de Deus.

Com a reencarnação, a igualdade é real para todos. O futuro a todos toca sem exceção e sem favor para quem quer que seja. Os atrasados só podem queixar de si mesmos. Forçoso é que o homem tenha o merecimento de seus atos, como tem deles a responsabilidade. Aliás, não é racional considerar a infância como um estado normal de inocência. Não se veem crianças dotadas dos piores instintos, numa idade em que a educação ainda não pode ter tido nenhuma influência? Algumas não há que parecem trazer do berço a astúcia, a crueldade, a falsidade, até pendor para o roubo e para o assassinio, apesar dos bons exemplos que de todos os lados se lhes dão? A lei civil as absolve de seus

crimes, porque — diz ela — agiram sem discernimento. Tem razão a lei, porque, de fato, elas agem mais por instinto do que intencionalmente. Porém, donde provirão instintos tão diversos em crianças da mesma idade, educadas em condições idênticas e sujeitas às mesmas influências? Donde vem a precoce perversidade, senão da inferioridade do Espírito, uma vez que a educação em nada contribuiu para isso? As que se revelam viciosas, é porque seus Espíritos têm progredido muito pouco. Sofrem então por efeito dessa falta de progresso, as consequências, não dos atos que praticam na infância, mas dos de suas existências anteriores. Assim é que a lei é uma só para todos e que todos são atingidos pela justiça de Deus.

SEXOS NOS ESPÍRITOS

200. Os Espíritos têm sexos?

“Não como vocês entendem, pois que os sexos dependem da organização física. Há entre eles amor e simpatia, mas baseados na concordância dos sentimentos.”

201. Em nova existência, o Espírito que animou o corpo de um homem pode animar o de uma mulher e vice-versa?

“Decerto; são os mesmos Espíritos que animam os homens e as mulheres.”

202. Quando errante, o que o Espírito prefere: encarnar no corpo de um homem, ou no de uma mulher?

“Isso pouco lhe importa. O que o guia na escolha são as provas pelas quais precise passar.”

Os Espíritos encarnam como homens ou como mulheres, porque não têm sexo. Visto que lhes cumpre progredir em tudo, cada sexo, como cada posição social, lhes proporciona provações e deveres especiais e, com isso, ensejo de ganharem experiência. Aquele que só encarnasse como homem só saberia o que sabem os homens.

PARENTESCO, FILIAÇÃO

203. Os pais transmitem aos filhos uma parcela de suas almas, ou se limitam a lhes dar a vida corporal a que, mais tarde, outra alma vem adicionar a vida moral?

“Dão apenas a vida corporal, pois que a alma é indivisível. Um pai estúpido pode ter filhos inteligentes e vice-versa.”

204. Uma vez que temos tido muitas existências, nossos parentes vão além da que a existência atual nos criou?

“Não pode ser de outra maneira. A sucessão das existências corporais estabelece ligações entre os Espíritos que duram desde existências anteriores. Daí, muitas vezes, a simpatia que vem a existir entre vocês e certos Espíritos que lhes parecem estranhos.”

205. A algumas pessoas a doutrina da reencarnação se afigura destruidora dos laços de família, por fazê-los recuar a existências anteriores à atual.

“Ela aumenta os laços e não os destrói. Fundando-se o parentesco em afeições anteriores, menos precários são os laços existentes entre os membros de uma mesma família. Essa doutrina amplia os deveres da fraternidade, porque, no vosso vizinho, ou no vosso servo, pode achar-se um Espírito a quem tendes estado presos pelos laços de sangue.”

a) — Ela, no entanto, diminui a importância que alguns dão à genealogia³⁸, visto que qualquer pode ter tido por pai um Espírito que pertenceu a uma outra raça, ou que haja vivido em condição muito diversa.

“É exato; mas essa importância assenta no orgulho. Os títulos, a categoria social, a riqueza, eis o que esses tais veneram nos seus antepassados. Aquele que se envergonharia de contar ser parente um honrado sapateiro ficaria orgulhoso de ser descendente de um homem nobre e corrupto. Porém, digam o que disserem, ou façam o que fizerem, não mudarão as coisas sejam como elas são, pois que Deus não formulou as leis da Natureza de acordo com a vaidade deles.”

206. Do fato de não haver filiação entre os Espíritos dos descendentes de qualquer família, segue-se que o culto dos antepassados seja ridículo?

“De modo nenhum. Todo homem deve considerar-se ditoso por pertencer a uma família em que encarnaram Espíritos elevados. Se bem que os Espíritos não procedam uns dos outros, nem por isso têm menos afeição aos que lhes estão ligados pelos elos da família, dado que muitas vezes eles são atraídos para tal ou qual família pela simpatia, ou pelos laços que anteriormente se estabeleceram. Mas, fiquem certos de que os seus ancestrais não se honram com o culto que lhes prestam por orgulho. Os méritos que eles gozem não se refletem em vocês, a não ser na medida dos esforços que empregais por seguir os bons exemplos que vos deram. Somente nestas condições lhes é grata e até mesmo útil a lembrança que vocês guardam deles.”

SEMELHANÇAS FÍSICAS E MORAIS

207. Frequentemente, os pais transmitem aos filhos a aparência física. Transmitirão também alguma parença moral?

“Não, que diferentes são as almas ou Espíritos de uns e outros. O corpo deriva do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças apenas há consanguinidade.”

a) — Onde se originam as semelhanças morais que costuma haver entre pais e filhos?

“É que uns e outros são Espíritos simpáticos, que se atraíram pela igualdade das tendências.”

208. Os Espíritos dos pais não exercem nenhuma influência sobre o filho depois do nascimento deste?

“Ao contrário: exercem influência bem grande. Conforme já dissemos, os Espíritos têm que contribuir para o progresso uns dos outros. Pois bem, os Espíritos dos pais têm por missão desenvolver os de seus filhos pela educação. Isso é uma tarefa deles e se tornam culpados caso falhem no seu desempenho.”

209. Por que é que de pais bons e virtuosos nascem filhos de natureza perversa? Noutras palavras: por que é que as boas qualidades dos pais nem sempre atraem, por simpatia, um bom Espírito para lhes animar o filho?

“Não é raro que um Espírito atrasado peça que lhe sejam dados bons pais, na

³⁸ **Genealogia:** relação dos antepassados de uma mesma família, linhagem, estirpe – N. E.

esperança de que seus conselhos o encaminhem por melhor senda e muitas vezes Deus lhe concede o que deseja.”

210. Pelos seus pensamentos e preces, os pais podem atrair para o corpo do filho, que está em formação, um bom Espírito, de preferência a de um Espírito inferior?

“Não, mas podem melhorar o Espírito do filho que nasceu e a eles está confiado. Esse o dever deles. Os maus filhos são uma provação para os pais.”

211. Donde deriva a semelhança de caráter que muitas vezes existe entre dois irmãos, principalmente se são gêmeos?

“São Espíritos simpáticos que se aproximam por igualdade de sentimentos e se sentem felizes por estar juntos.”

212. Há dois Espíritos, ou, noutras palavras, duas almas, nas crianças cujos corpos nascem ligados, tendo comuns alguns órgãos?

“Sim, mas a semelhança entre elas é tal que em muitos casos faz parecer uma só.”

213. Pois que nos gêmeos os Espíritos encarnam por simpatia, donde provém a rejeição que às vezes se nota entre eles?

“Não é regra que os Espíritos dos gêmeos sejam simpáticos. Acontece também que Espíritos maus queiram vir lutar juntos no palco da vida.”

214. Que se deve pensar dessas histórias de crianças que brigam no seio materno?

“Lendas! Para representar o ódio que eles sentem, criam a ilusão de que eles briguem antes do nascimento delas. Em geral, não levam muito em conta as imagens poéticas.”

215. De onde vem o caráter particular que se nota em cada povo?

“Também os Espíritos se grupam em famílias, formando-as pela afinidade de suas tendências mais ou menos puras, conforme a elevação que tenham alcançado. Pois bem! Um povo é uma grande família formada pela reunião de Espíritos simpáticos. Na intenção para se unirem que apresentam os membros dessas famílias é que está a origem da semelhança que, existindo entre os indivíduos, constitui o caráter distintivo de cada povo. Julga que Espíritos bons e humanitários procurem encarnar em um povo rude e grosseiro? Não. Os Espíritos simpatizam com as coletividades, como simpatizam com os indivíduos. Eles procuram o meio que lhes é próprio.”

216. Em suas novas existências o Espírito conservará os traços do caráter moral de suas existências anteriores?

“Isso pode acontecer, mas, melhorando-se, ele muda. Pode também acontecer que sua posição social venha a ser outra. Se de senhor passa a escravo, inteiramente diversos serão os seus gostos e dificilmente vocês o reconheceriam. Sendo o Espírito sempre o mesmo nas diversas encarnações, podem existir certas semelhanças entre as suas manifestações, se bem que modificadas pelos hábitos da posição que ocupe, até que um aperfeiçoamento notável lhe haja mudado completamente o caráter, porque, de orgulhoso e mau, pode tornar-se humilde e bondoso, caso tenha se arrependido.”

217. E do caráter físico de suas existências pretéritas o Espírito conserva traços nas suas existências posteriores?

“O novo corpo que ele toma não tem nenhuma relação com o que foi anteriormente destruído. Entretanto, o Espírito se reflete no corpo. Sem dúvida que este é unicamente matéria, porém, apesar disso, se modela pelas capacidades do Espírito, que lhe imprime certo cunho, sobretudo ao rosto, pelo que é verdadeiro dizer-se que os olhos são o espelho da alma, isto é, que o semblante do indivíduo lhe reflete de modo particular a alma. Assim é que uma pessoa excessivamente feia, quando nela habita um Espírito bom, criterioso, humanitário, tem qualquer coisa que agrada, ao passo que há rostos belíssimos que nenhuma impressão te causam, que até chegam a te inspirar repulsão. Poderiam supor que somente corpos bem moldados servem de envoltório aos mais perfeitos Espíritos, quando o certo é que todos os dias encontram com homens de bem, sob um exterior deformado. Sem que haja nenhuma parecença, a semelhança dos gostos e das inclinações pode, portanto, dar lugar ao que se chama ‘um ar de família’.”

O corpo que a alma toma numa encarnação não tem nenhuma relação essencial com o corpo de que se revestiu em encarnação anterior, visto que aquele lhe pode vir de procedência muito diversa da deste e seria absurdo pretender que, numa série de existências, haja uma semelhança que é inteiramente casual. Todavia, as qualidades do Espírito frequentemente modificam os órgãos que lhe servem para as manifestações e lhe imprimem ao semblante físico e até ao conjunto de suas maneiras um cunho especial.

É assim que, sob um envoltório corporal da mais humilde aparência, podemos encontrar a expressão da grandeza e da dignidade, enquanto sob um envoltório de aspecto senhoril se percebe frequentemente a da baixaza e da ignomínia. Não é pouco frequente observar-se que certas pessoas, elevando-se da mais ínfima posição, tomam sem esforços os hábitos e as maneiras da alta sociedade. Parece que elas aí vêm a achar-se de novo no seu elemento. Outras, contrariamente, apesar do nascimento e da educação, se mostram sempre deslocadas em tal meio. De que modo se há de explicar esse fato, senão como reflexo daquilo que o Espírito foi antes?

IDEIAS INATAS

218. Enquanto encarnado, o Espírito conserva algum vestígio das sensações que teve e dos conhecimentos que adquiriu nas existências anteriores?

“Guarda vaga lembrança, que lhe dá o que se chama ideias inatas.”

a) — Então, não é ilusória a teoria das ideias inatas?

“Não; os conhecimentos adquiridos em cada existência não mais se perdem. Ao se livrar da matéria, o Espírito sempre tem essas lembranças presentes. Durante a encarnação, esquece-os em parte, momentaneamente; porém, a intuição que deles conserva lhe auxilia o progresso. Se não fosse assim, teria que recomeçar constantemente. Em cada nova existência, o ponto de partida para o Espírito é o mesmo em que ele ficou na existência precedente.”

b) — Grande conexão deve então haver entre duas existências consecutivas?

“Nem sempre tão grande quanto talvez suponha, dado que muitas vezes são bem diferentes as posições do Espírito nas duas e que, no intervalo de uma a outra, ele pode ter progredido.” (Ver questão 216)

219. Qual a origem das aptidões especiais de indivíduos que, sem estudo, parecem ter a intuição de certos conhecimentos, idiomas, do cálculo, etc.?

“Lembrança do passado; progresso anterior da alma, mas de que ela não tem consciência. De onde querem que venham tais conhecimentos? O corpo muda, porém o Espírito não, embora troque de roupagem.”

220. Mudando de corpo, o Espírito pode perder algumas faculdades intelectuais, por

exemplo, deixar de ter o gosto das artes?

“Sim, desde que corrompeu a sua inteligência ou a utilizou mal. Depois, uma faculdade qualquer pode permanecer adormecida durante uma existência, por o Espírito querer exercitar outra, que nenhuma relação tem com aquela. Então, esta fica em estado adormecido, para reaparecer mais tarde.”

221. Devemos atribuir a uma lembrança do passado o sentimento instintivo que, mesmo quando selvagem, o homem possui da existência de Deus e o pressentimento da vida futura?

“É uma lembrança que ele conserva do que sabia como Espírito antes de encarnar. Mas, o orgulho sempre abafa esse sentimento.”

a) — É a essa mesma lembrança que se devem certas crenças relativas à Doutrina Espírita, que se observam em todos os povos?

“Esta doutrina é tão antiga quanto o mundo; tal o motivo por que em toda parte a encontramos, o que constitui prova de que é verdadeira. Conservando a intuição do seu estado de Espírito, o Espírito encarnado tem consciência instintiva do mundo invisível, mas os preconceitos bastas vezes falseiam essa ideia e a ignorância lhe mistura a superstição.”

CAPÍTULO V

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS

222. Alguns dizem que o dogma da reencarnação não é novo; ressuscitaram-no da doutrina de Pitágoras. Nunca dissemos que a Doutrina Espírita é uma invenção moderna. Sendo uma lei da Natureza, o Espiritismo tem existido desde a origem dos tempos e sempre nos esforçamos por demonstrar que dele se descobrem sinais na antiguidade mais distante. Pitágoras³⁹, como se sabe, não foi o autor do sistema da metempsicose⁴⁰, ele o colheu dos filósofos indianos e dos egípcios, que nela acreditavam desde tempos imemoriais. Então, a ideia da transmigração das almas formava uma crença popular, aceita pelos homens mais nobres. De que modo a adquiriram? Por uma revelação, ou por intuição? Não sabemos. Porém, seja como for, o que não padece dúvida é que uma ideia não atravessa séculos e séculos, nem consegue impor-se a inteligências da elite, se não contiver algo de sério. Assim, a antiguidade desta doutrina, em vez de ser uma objeção, seria prova a seu favor. Contudo, como também se sabe, entre a metempsicose dos antigos e a moderna doutrina da reencarnação há profunda diferença, caracterizada pelo fato de os Espíritos rejeitarem de maneira absoluta a transmigração da alma do homem para os animais e reciprocamente.

Portanto, ensinando o dogma da pluralidade das existências corporais, os Espíritos renovam uma doutrina que teve origem nas primeiras idades do mundo e que se conservou no íntimo de muitas pessoas, até aos nossos dias. Eles simplesmente a apresentam de um ponto de vista mais racional, mais de acordo com as leis progressivas da Natureza e mais de conformidade com a sabedoria do Criador, livrando-a de todos os acessórios da superstição. Vale dizer que, no decurso dos últimos tempos, os Espíritos não a ensinaram apenas neste livro: já antes da sua publicação, numerosas comunicações da mesma natureza foram obtidas em vários países, multiplicando-se depois, consideravelmente. Talvez fosse aqui o caso de examinarmos por que os Espíritos não parecem todos de acordo sobre esta questão. Mais tarde, porém, voltaremos a este assunto.

Examinemos de outro ponto de vista a matéria e, sem qualquer intervenção dos Espíritos, vamos deixá-los de lado, por enquanto: suponhamos que esta teoria nada tenha que ver com eles; suponhamos mesmo que jamais se tenha conhecido Espíritos. Vamos por um instante nos colocar num terreno neutro, admitindo o mesmo grau de probabilidade para ambas as hipóteses, isto é, a da pluralidade e a da unicidade das existências corpóreas, e vejamos para que lado a razão e o nosso próprio interesse nos farão pender.

Muitos repelem a ideia da reencarnação pelo motivo apenas de ela não ser conveniente para eles. Dizem que uma existência já é demais e que, portanto, não desejariam recomençar outra semelhante. De alguns sabemos que saltam em fúria só de pensarem que tenham de voltar à Terra. Perguntaremos a eles apenas se imaginam que, para regular o Universo, Deus lhes pediu o parecer, ou consultou os gostos. Uma de duas: ou a reencarnação existe, ou não existe; se existe, nada importa que os contrarie; terão que a sofrer, sem que para isso Deus lhes peça permissão. Esses se parecem com um doente a dizer: “Sofri hoje bastante, não quero sofrer mais amanhã”. Qualquer que seja o seu mau humor, não terá por isso que sofrer menos no dia seguinte, nem nos que se sucederem, até que se ache curado. Consequentemente, se os que se externam de tal maneira

³⁹ **Pitágoras**: filósofo e matemático grego que viveu por volta de 500 anos antes de Cristo – N. E.

⁴⁰ **Metempsicose**: ideia de que, no ciclo das reencarnações, a mesma alma que anima o homem pode animar o corpo de animais – N. E.

tiverem que viver corporalmente de novo, tornarão a viver, reencarnarão. Nada lhes adiantará rebelarem-se, quais crianças que não querem ir para o colégio, ou condenados, para a prisão. Passarão pelo que têm de passar. Objeções iguais a essas são bastante infantis para merecerem exame mais sério. Todavia, diremos aos que as formulam que se tranquilizem, que, no tocante à reencarnação, a Doutrina Espírita não é tão terrível como a julgam; que, se a houvessem estudado a fundo, não se mostrariam tão aterrorizados; saberiam que dependem deles as condições da nova existência, que será feliz ou desgraçada, conforme ao que tiverem feito neste mundo; que desde agora poderão elevar-se tão alto que não precisam temer a queda no lodaçal.

Supomos nos dirigir a pessoas que acreditam num futuro depois da morte e não aos que criam para si a perspectiva do nada, ou pretendem que suas almas se vão afogar num todo universal, onde perderiam a individualidade, como os pingos da chuva no oceano — o que vem a dar quase no mesmo. Ora, pois: se credes num futuro qualquer, é certo não admitirem que ele seja idêntico para todos, pois de outro modo, qual seria a utilidade do bem? Por que o homem haveria de se constrengê-lo? Por que deixaria de satisfazer a todas as suas paixões, a todos os seus desejos, embora à custa de outros, uma vez que por isso não ficaria sendo melhor, nem pior? Ao contrário, embora que esse futuro será mais ou menos feliz ou desditoso, conforme ao que tiverem feito durante a vida e então desejam que seja tão afortunado quanto possível, visto que há de durar pela eternidade, não? Mas, porventura, teriam a pretensão de ser dos homens mais perfeitos que hajam existido na Terra e, pois, com direito a alcançarem de um pulo só a suprema felicidade dos eleitos? Não. Admitam então que há homens de valor maior do que o vosso e com direito a um lugar melhor, sem daí resultar que vos contem entre os réprobos. Pois bem! Coloquem-se mentalmente nessa situação intermédia por um instante, que será a de vocês, como acabaram de reconhecer, e imaginar que alguém venha dizer: “Sofrem; não são tão felizes quanto poderiam ser, ao passo que diante de vocês estão seres que gozam de completa ventura. Querem mudar na deles a vossa posição?” — Certamente, responderéis; “que devemos fazer?” — Quase nada: recomeçar o trabalho mal executado e executá-lo melhor. — Hesitaríeis em aceitar, ainda que a poder de muitas existências de provações? Façamos outra comparação mais comum. Imaginemos que a um homem que, sem ter chegado à miséria extrema, no entanto, sofre privações, por falta de recursos, viessem dizer: “Aqui está uma riqueza imensa de que podes gozar; para isto só é necessário que trabalhes arduamente durante um minuto”. Fosse ele o mais preguiçoso da Terra, que sem hesitar diria: “Trabalhemos um minuto, dois minutos, uma hora, um dia, se for preciso. Que importa isso, desde que me leve a acabar os meus dias na fartura?” Ora, que é a duração da vida corpórea, em confronto com a eternidade? Menos que um minuto, menos que um segundo.

Temos visto algumas pessoas raciocinarem deste modo: “Não é possível que Deus, soberanamente bom como é, imponha ao homem a obrigação de recomeçar uma série de misérias e tribulações”. Essas pessoas acharão, porventura, que há mais bondade em o homem condenar a Deus a sofrer perpetuamente, por motivo de alguns momentos de erro, do que em lhe facultar meios de reparar suas faltas? Dois industriais contrataram dois operários, cada um dos quais podia ambicionar a se tornar sócio do respectivo patrão. Aconteceu que esses dois operários certa vez empregaram muito mal o seu dia, merecendo ambos ser despedidos. Um dos industriais, apesar das súplicas do seu operário, o mandou embora e o pobre, não tendo achado mais trabalho, acabou por morrer na miséria. O outro disse ao seu: “Perdeste um dia; deves-me por isso uma compensação. Executaste mal o teu trabalho; ficaste a me dever uma reparação. Consinto que o recomeces. Trata de executá-lo bem, que te conservarei ao meu serviço e poderás continuar aspirando à posição superior que te prometi.” Será preciso perguntemos qual dos industriais foi mais humano? Será que Deus — que é a pura misericórdia — é mais insensível do que um homem? Há alguma coisa de sarcástico na ideia de que a nossa sorte fique para sempre decidida, por efeito de alguns anos de provações, ainda quando não tenha dependido de nós o ato de atingirmos a perfeição, ao passo que visivelmente consoladora é a ideia oposta, que nos permite a esperança. Assim, sem nos pronunciarmos pró ou contra a pluralidade das existências, sem preferirmos uma hipótese à outra, declaramos que, se aos homens fosse dado escolher, ninguém quereria o julgamento sem apelação. Disse um filósofo que, se Deus não existisse, seria preciso inventá-lo para felicidade do gênero humano. Outro tanto se poderia dizer da pluralidade das existências. Mas, conforme atrás avaliamos, Deus não nos pede permissão, nem consulta os nossos gostos. Ou isto é, ou não é. Vejamos de que lado estão as probabilidades e encaremos de outro ponto de vista o assunto, unicamente como estudo filosófico, sempre abstraindo do ensino dos Espíritos.

Se não há reencarnação, evidentemente só há uma existência corporal. Se a nossa atual

existência corpórea é única, a alma de cada homem foi criada por ocasião do seu nascimento, a menos que se admita a anterioridade da alma, caso em que caberia perguntar o que era ela antes do nascimento e se o estado em que se achava não constituía uma existência sob uma forma qualquer. Não há meio termo: ou a alma existia, ou não existia antes do corpo. Se existia, qual a sua situação? Tinha, ou não, consciência de si mesma? Se não tinha, é quase como se não existisse. Se tinha individualidade, era progressiva ou estacionária? Num e noutro caso, a que grau chegara ao tomar o corpo? Admitindo, de acordo com a crença vulgar, que a alma nasce com o corpo, ou, o que vem a ser o mesmo, que, antes de encarnar, só dispõe de faculdades negativas, perguntamos:

1. Por que a alma mostra aptidões tão diversas e independentes das ideias que a educação lhe fez adquirir?
2. Donde vem a aptidão anormal que muitas crianças de pouca idade revelam, para esta ou aquela arte, para esta ou aquela ciência, enquanto outras se conservam inferiores ou medíocres durante a vida toda?
3. Donde vem, em uns, as ideias inatas ou intuitivas, que noutros não existem?
4. Donde vem, em certas crianças, o instinto precoce que revelam para os vícios ou para as virtudes, os sentimentos inatos de dignidade ou de baixaza, contrastando com o meio em que elas nasceram?
5. Por que, sem considerar a educação, uns homens são mais adiantados do que outros?
6. Por que há selvagens e homens civilizados? Se tomarem de um menino hotentote⁴¹ recém-nascido e o educarem nos nossos melhores liceus, farão dele algum dia um homem culto, como foi Laplace⁴² ou Newton⁴³?

Qual a filosofia ou a teosofia capaz de resolver estes problemas? É fora de dúvida que, ou as almas são iguais ao nascerem, ou são desiguais. Se são iguais, por que há entre elas tão grande diversidade de aptidões? Dirão que isso depende do organismo. Mas então, estamos na presença da mais monstruosa e imoral das doutrinas. O homem seria simples máquina, joguete da matéria; deixaria de ter a responsabilidade de seus atos, pois que poderia atribuir tudo às suas imperfeições físicas. Se as almas são desiguais, é que Deus as criou assim. Nesse caso, porém, por que a inata superioridade concedida a algumas? Corresponderá essa parcialidade à justiça de Deus e ao amor que Ele consagra igualmente a todas as suas criaturas?

Admitamos, ao contrário, uma série de progressivas existências anteriores para cada alma e tudo se explica. Ao nascerem, os homens trazem a intuição do que aprenderam antes: São mais ou menos adiantados, conforme o número de existências que contem, conforme já estejam mais ou menos afastados do ponto de partida. Ocorre aí exatamente o que se observa numa reunião de indivíduos de todas as idades, onde cada um terá desenvolvimento proporcionado ao número de anos que tenha vivido. As existências sucessivas serão para a vida da alma o que os anos são para a do corpo. Reúnam certo dia um milheiro de indivíduos de um a oitenta anos; suponham que um véu encubra todos os dias precedentes ao em que os reuniram e que, em consequência, acreditam que todos nasceram na mesma ocasião. Perguntarão naturalmente como é que uns são grandes e outros pequenos, uns velhos e jovens outros, instruídos uns, outros ainda ignorantes. Se, porém, dissipando-se a nuvem que lhes oculta o passado, vierem a saber que todos têm vivido mais ou menos tempo, tudo se vos tornará explicado. Deus, em sua justiça, não pode ter criado almas desigualmente perfeitas. Com a pluralidade das existências, a desigualdade que notamos nada mais apresenta em oposição à mais rigorosa equidade: é que apenas vemos o presente e não o passado. A este raciocínio serve de base algum sistema ou alguma suposição gratuita? Não. Partimos de um fato evidente, incontestável: a desigualdade das aptidões e do desenvolvimento intelectual e moral e verificamos que nenhuma das teorias correntes o explica, ao passo que outra teoria lhe dá explicação simples, natural e lógica. Será racional preferir as que não explicam nada àquela que explica?

À vista da sexta interrogação acima, dirão naturalmente que o hotentote é de raça inferior. Perguntaremos então se o hotentote é ou não um homem. Se é, por que Deus privou a ele e à sua raça dos privilégios concedidos à raça caucásica? Se não é, por que tentar fazê-lo cristão? A

⁴¹ **Hotentote**: primitivo, natural da região Hotentótia, África, tomado aqui como exemplo de uma raça muito atrasada, em comparação com os europeus – N. E.

⁴² **Pierre Simon Laplace** (1749-1827): astrônomo, físico e matemático francês – N. E.

⁴³ **Isaac Newton** (1642-1727): reconhecido cientista inglês – N. E.

Doutrina Espírita tem mais amplitude do que tudo isto. Segundo ela, não há muitas espécies de homens, há tão somente homens cujos Espíritos estão mais ou menos atrasados, porém todos suscetíveis de progredir. Este princípio não é mais conforme a justiça de Deus?

Vimos uma apreciação da alma com relação ao seu passado e ao seu presente. Se a considerarmos, tendo em vista o seu futuro, esbarraremos nas mesmas dificuldades.

1. Se somente a nossa existência atual é quem decidirá a nossa sorte futura, quais as posições respectivas do selvagem e do homem civilizado na posteridade? Estarão no mesmo nível ou se acharão distanciados um do outro, no tocante à soma de felicidade eterna que lhes caiba?
2. O homem que trabalhou toda a sua vida por melhorar-se virá a ocupar a mesma categoria de outro que se conservou em grau inferior de adiantamento, não por culpa sua, mas porque não teve tempo, nem possibilidade de se tornar melhor?
3. Aquele que praticou o mal, por não ter podido instruir-se, será culpado de um estado de coisas cuja existência em nada dependeu dele?
4. Trabalha-se continuamente por esclarecer, moralizar, civilizar os homens. Mas, em contraposição a um que fica esclarecido, milhões de outros morrem todos os dias antes que a luz lhes tenha chegado. Qual a sorte destes últimos? Serão tratados como infames? No caso contrário, que fizeram para ocupar categoria idêntica à dos outros?
5. Que sorte aguarda os que morrem na infância, quando ainda não puderam fazer nem o bem e nem o mal? Se vão para o meio dos eleitos, por que esse favor, sem que coisa alguma tenham feito para merecê-lo?

Em virtude de que privilégio eles se veem isentos das tribulações da vida? Haverá alguma doutrina capaz de resolver esses problemas? Admitamos as existências consecutivas e tudo se explicará conformemente à justiça de Deus. O que se não pôde fazer numa existência faz-se em outra. Assim é que ninguém escapa à lei do progresso, que cada um será recompensado segundo o seu merecimento real e que ninguém fica excluído da felicidade suprema, a que todos podem aspirar, quaisquer que sejam os obstáculos com que topem no caminho.

Essas questões facilmente se multiplicariam ao infinito, porque inúmeros são os problemas psicológicos e morais que só encontram solução na pluralidade das existências. Limitamo-nos a formular as questões de ordem mais geral. Como quer que seja, alegarão talvez que a Igreja não admite a doutrina da reencarnação; que ela subverteria a religião. Não temos o intuito de tratar dessa questão neste momento. Basta-nos termos demonstrado que aquela doutrina é claramente moral e racional. Ora, o que é moral e racional não pode estar em oposição a uma religião que proclama ser Deus a bondade e a razão por excelência. Que teria sido da religião, se, contra a opinião universal e o testemunho da ciência, se houvesse obstinadamente recusado a render-se à evidência e expulsado de seu seio todos os que não acreditassem no movimento do Sol ou nos seis dias da criação? Que crédito houvera merecido e que autoridade teria tido, entre povos cultos, uma religião fundada em erros manifestos e que os impusesse como artigos de fé? Logo que a evidência se desvendou, a Igreja, criteriosamente, se colocou do lado da evidência. Uma vez provado que certas coisas existentes seriam impossíveis sem a reencarnação, que, a não ser por esse meio, não se consegue explicar alguns pontos do dogma, cumpre admiti-lo e reconhecer meramente aparente o antagonismo entre esta doutrina e a dogmática. Mais adiante mostraremos que talvez seja muito menor do que se pensa a distância que, da doutrina das vidas sucessivas, separa a religião e que a esta não faria aquela doutrina maior mal do que lhe fizeram as descobertas do movimento da Terra e dos períodos geológicos, as quais, à primeira vista, pareceram desmentir os textos sagrados. Demais, o princípio da reencarnação ressalta de muitas passagens das Escrituras, achando-se especialmente formulado, de modo explícito, no Evangelho:

“Quando desciam da montanha (depois da transfiguração), Jesus lhes fez esta recomendação: Não falem a ninguém do que acabaram de ver, até que o Filho do homem tenha ressuscitado, dentre os mortos. Perguntaram-lhe então seus discípulos: Por que os escribas dizem ser preciso que primeiro venha Elias? Respondeu-lhes Jesus: É certo que Elias há de vir e que restabelecerá todas as coisas. Mas, eu vos declaro que Elias já veio, e eles não o conheceram e o fizeram sofrer como entenderam. Do mesmo modo darão a morte ao Filho do homem. Então seus discípulos compreenderam que era de João Batista que ele lhes falava” (São Mateus, cap. 17). Pois que João Batista havia sido Elias, houve reencarnação do Espírito ou da alma de Elias no corpo de João Batista.

Em suma, como quer que opinemos acerca da reencarnação, quer a aceitemos, quer não, isso não constituirá motivo para que deixemos de sofrê-la, desde que ela exista, apesar de todas as crenças em contrário. O essencial está em que o ensino dos Espíritos é eminentemente cristão; apoia-se na imortalidade da alma, nas penas e recompensas futuras, na justiça de Deus, no livre-arbítrio do homem, na moral do Cristo. Logo, não é antirreligioso.

Como dissemos, temos raciocinado livres de qualquer ensinamento espírita que, para certas pessoas, carece de autoridade. Não é somente porque veio dos Espíritos que nós e tantos outros nos fizemos adeptos da pluralidade das existências, mas porque essa doutrina nos pareceu a mais lógica e porque só ela resolve questões até então insolúveis.

Ainda que da autoria de um simples mortal, teríamos igualmente adotado a ela e não havéramos hesitado um segundo mais em renunciar às ideias que abraçávamos. Estando demonstrado o erro, o amor-próprio tem muito mais que perder do que ganhar com a teimosia na sustentação de uma ideia falsa. Assim também, teríamos repellido a ela, mesmo que vinda dos Espíritos, se nos parecesse contrária à razão, como repelimos muitas outras, pois, por experiência, sabemos que não se deve aceitar cegamente tudo o que venha deles, da mesma forma que se não deve adotar às cegas tudo o que proceda dos homens. O melhor título que, ao nosso ver, a ideia da reencarnação recomenda é o de ser antes de tudo lógica. No entanto, ela apresenta outro: o de a confirmarem os fatos, fatos positivos e por bem dizer materiais, que um estudo atento e criterioso revela a quem se dê ao trabalho de observar com paciência e perseverança e diante dos quais não há mais lugar para a dúvida. Quando esses fatos forem popularizados — como os da formação e do movimento da Terra — será preciso que todos se rendam à evidência e os que se lhes colocaram em oposição serão constringidos a desdizer-se.

Portanto, em resumo, reconheçamos que só a doutrina de várias existências explica o que, sem ela, se mantém inexplicável; que é altamente consoladora e conforme à mais rigorosa justiça; que constitui para o homem a âncora de salvação que Deus lhe concedeu, por misericórdia. As próprias palavras de Jesus não permitem dúvida a tal respeito. Eis o que se lê no Evangelho de São João, capítulo 3: “Respondendo a Nicodemos, disse Jesus: Em verdade, em verdade te digo que, se um homem não nascer de novo, não poderá ver o reino de Deus. Disse-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer já estando velho? Pode tornar ao ventre de sua mãe para nascer segunda vez? Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo que, se um homem não renascer da água e do Espírito, não poderá entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito. Não te admires de que eu te tenha dito: é necessário que tornem a nascer (Ver, adiante, o parágrafo “Ressurreição da carne”, questão nº 1010).

CAPÍTULO VI

DA VIDA ESPÍRITA

- ESPÍRITOS ERRANTES
- MUNDOS TRANSITÓRIOS
- PERCEPÇÕES, SENSações E SOFRIMENTO DOS ESPÍRITOS
- ENSAIO TEÓRICO DA SENSação DOS ESPÍRITOS
- ESCOLHA DAS PROVAS
- DAS RELAÇÕES NO ALÉM-TÚMULO
- RELAÇÕES DE SIMPATIA E ANTIPATIA ENTRE OS ESPÍRITOS, METADES ETERNAS
- RECORDAÇÃO DA EXISTÊNCIA CORPÓREA
- COMEMORAÇÕES DOS MORTOS, FUNERAIS

ESPÍRITOS ERRANTES

223. A alma reencarna logo depois de ter se separado do corpo?

“Algumas vezes reencarna imediatamente, porém, normalmente só o faz depois de intervalos mais ou menos longos. Nos mundos superiores, a reencarnação é quase sempre imediata. Sendo aí menos grosseira a matéria corporal, o Espírito, quando encarnado nesses mundos, goza quase que de todas as suas faculdades de Espírito, sendo o seu estado normal o dos sonâmbulos lúcidos entre vocês.”

224. O que é a alma no intervalo das encarnações?

“Espírito errante, que aspira a novo destino, que espera.”

a) — Quanto tempo pode durar esses intervalos?

“Desde algumas horas até alguns milhares de séculos. Propriamente falando, não há extremo limite estabelecido para o estado de erraticidade, que pode prolongar-se muitíssimo, mas que nunca é eterno. Cedo ou tarde o Espírito terá que tornar a uma existência apropriada a purificá-lo das desonras de suas existências precedentes.”

b) — Essa duração depende da vontade do Espírito ou lhe pode ser imposta como expiação?

“É uma consequência do livre-arbítrio. Os Espíritos sabem perfeitamente o que fazem. Mas, também, para alguns, é uma punição que Deus lhes impõe. Outros pedem que ela se prolongue, a fim de continuarem os estudos que só na condição de Espírito livre podem efetuar-se com proveito.”

225. A erraticidade é, por si só, um sinal de inferioridade dos Espíritos?

“Não, pois há Espíritos errantes de todos os graus. A encarnação é um estado transitório, já o dissemos. O Espírito se acha no seu estado normal, quando liberto da matéria.”

226. Poderemos dizer que são errantes todos os Espíritos que não estão encarnados?

“Sim, com relação aos que tenham de reencarnar. Não são errantes, porém, os Espíritos puros, os que chegaram à perfeição. Esses se encontram no seu estado definitivo.”

No tocante às qualidades íntimas, os Espíritos são de diferentes ordens, ou graus, pelos quais vão passando sucessivamente, à medida que se purificam. Com relação ao estado em que se acham, podem ser: encarnados, isto é, ligados a um corpo; errantes, isto é, sem corpo material e aguardando nova encarnação para se melhorarem; Espíritos puros, isto é, perfeitos, não precisando mais de encarnação.

227. De que modo se instruem os Espíritos errantes? Certo que não é do mesmo modo que o nosso?

“Estudam e procuram meios de elevar-se. Veem, observam o que ocorre nos lugares aonde vão; ouvem os discursos dos homens sábios e os conselhos dos Espíritos mais elevados e tudo isso lhes incute ideias que antes não tinham.”

228. Os Espíritos conservam algumas de suas paixões humanas?

“Com o invólucro imaterial os Espíritos elevados deixam as paixões más e só guardam a do bem. Quanto aos Espíritos inferiores, esses as conservam, pois do contrário pertenceriam à primeira ordem.”

229. Por que ao deixarem a Terra os Espíritos não deixam aí todas as más paixões, uma vez que eles reconhecem os seus inconvenientes?

“Vocês veem nesse mundo pessoas excessivamente invejosas. Imaginam que elas perdem esse defeito imediatamente? Acompanhem os que partem da Terra, sobretudo os que alimentaram paixões bem acentuadas, uma espécie de atmosfera que os envolve, conservando-lhes o que têm de mau, por não se achar o Espírito inteiramente desprendido da matéria. Só por momentos ele entrevê a verdade, que assim lhe aparece como que para mostrar-lhe o bom caminho.”

230. O Espírito progride na erraticidade?

“Pode melhorar-se muito, conforme a vontade e o desejo que tenha de consegui-lo. Todavia, é na existência corporal que ele põe em prática as ideias que adquiriu.”

231. Os Espíritos errantes são felizes ou desgraçados?

“Mais ou menos, conforme seus méritos. Sofrem por efeito das paixões cuja essência conservaram, ou são felizes, de conformidade com o grau de desmaterialização a que hajam chegado. Na erraticidade, o Espírito percebe o que lhe falta para ser feliz e, desde então, procura os meios de alcançá-lo. Porém, nem sempre lhe é permitido reencarnar como seria de seu agrado, o que para ele representa uma punição.”

232. Os Espíritos errantes podem ir a todos os mundos?

“Depende: pelo simples fato de haver deixado o corpo, o Espírito não se acha completamente desprendido da matéria e continua a pertencer ao mundo onde acabou de viver, ou a outro do mesmo grau, a menos que, durante a vida, tenha se elevado — o que, aliás, é o objetivo do emprego dos seus esforços, pois do contrário, nunca se aperfeiçoaria. No entanto, podem ir a alguns mundos superiores, mas na qualidade de estrangeiro. A bem dizer, consegue apenas entrevê-los, donde lhe nasce o desejo de melhorar-se, para ser digno da felicidade de que gozam os que os habitam, para ser digno também de habitá-los mais tarde.”

233. Os Espíritos já purificados descem aos mundos inferiores?

“Frequentemente, com o objetivo de auxiliar-lhes o progresso. A não ser assim, esses mundos estariam entregues a si mesmos, sem guias para dirigi-los.”

MUNDOS TRANSITÓRIOS

234. Há, de fato, como já foi dito, mundos que servem de estações ou pontos de repouso aos Espíritos errantes?

“Sim, há mundos particularmente destinados aos seres errantes, mundos que lhes podem servir de habitação temporária, espécies de acampamentos, de campos onde descansem de uma longa erraticidade, estado este sempre um tanto penoso. São, entre os outros mundos, posições intermédias, graduadas de acordo com a natureza dos Espíritos que a elas podem ter acesso e onde eles gozam de maior ou menor bem-estar”.⁴⁴

a) — Os Espíritos que habitam esses mundos podem deixá-los livremente?

“Sim, os Espíritos que se encontram nesses mundos podem deixá-los, a fim de irem para onde devam ir. Imaginem que eles sejam como bandos de aves que pousam numa ilha, para aí aguardarem até que as suas forças se refaçam, a fim de seguirem seu destino.”

235. Enquanto permanecem nos mundos transitórios, os Espíritos progridem?

“Certamente. Os que vão a tais mundos levam o objetivo de se instruírem e de poderem mais facilmente obter permissão para passar a outros lugares melhores e chegar à perfeição que os eleitos atingem.”

236. Pela sua natureza especial, os mundos transitórios se conservam perpetuamente destinados aos Espíritos errantes?

“Não, a condição deles é meramente temporária.”

a) — Esses mundos são ao mesmo tempo habitados por seres corpóreos?

“Não; sua superfície é estéril. Aqueles que lá habitam não precisam de nada.”

b) — É permanente essa esterilidade e decorre da natureza especial que apresentam?

“Não; são estéreis transitoriamente.”

c) — Os mundos dessa categoria carecem então de belezas naturais?

“A Natureza reflete as belezas da imensidade, que não são menos admiráveis do que aquilo a que vocês chamam belezas naturais.”

d) — Sendo transitório o estado de semelhantes mundos, a Terra pertencerá algum dia ao número deles?

“Já pertenceu.”

⁴⁴ Essas estações transitórias são bem conhecidas como colônias espirituais, tal como *Nosso Lar*, a colônia revelada por André Luiz, na obra homônima, psicografada por Francisco Cândido Xavier — N. E.

e) — Em que época?
 “Durante a sua formação.”

Nada é inútil na Natureza; tudo tem um fim, uma destinação. Em lugar algum há o vazio; tudo é habitado, há vida em toda parte. Assim, durante a dilatada sucessão dos séculos que passaram antes do aparecimento do homem na Terra, durante os lentos períodos de transição que as camadas geológicas atestam, antes mesmo da formação dos primeiros seres orgânicos, naquela massa informe, naquele árido caos, onde os elementos se achavam em confusão, não havia ausência de vida. Seres isentos das nossas necessidades, das nossas sensações físicas, lá encontravam refúgio. Mesmo assim, Deus quis que a Terra — ainda que imperfeita — servisse para alguma coisa. Quem ousaria afirmar que, entre os milhares de mundos que giram na imensidade, um só, um dos menores, perdido no seio da multidão infinita deles, goza do privilégio exclusivo de ser povoado? Qual então a utilidade dos demais? Deus os teria feito unicamente para enfeitar nossa vista? Suposição absurda, incompatível com a sabedoria que esplende em todas as suas obras e inadmissível desde que ponderemos na existência de todos os que não podemos perceber.

Ninguém contestará que, nesta ideia da existência de mundos ainda impróprios para a vida material e, não obstante, já povoados de seres vivos apropriados a tal meio, há qualquer coisa de grande e sublime, em que talvez se encontre a solução de mais de um problema.

PERCEPÇÕES, SENSACÕES E SOFRIMENTOS DOS ESPÍRITOS

237. Uma vez de volta ao mundo dos Espíritos, a alma conserva as percepções que tinha quando na Terra?

“Sim, além de outras de que aí não dispunha, porque seu corpo era como um véu que os obscurecia. A inteligência é um atributo que tanto mais se manifesta livremente no Espírito, quanto menos entraves tenha que vencer.”

238. São ilimitadas as percepções e os conhecimentos dos Espíritos? Numa palavra: eles sabem tudo?

“Quanto mais se aproximam da perfeição, tanto mais sabem. Se são Espíritos superiores, sabem muito. Os Espíritos inferiores são mais ou menos ignorantes acerca de tudo.”

239. Os Espíritos conhecem o princípio das coisas?

“Sabem, conforme a elevação e a pureza que tenham atingido. Os de ordem inferior não sabem mais do que os homens.”

240. Os Espíritos compreendem o tempo como nós?

“Não e daí vem que nem sempre nos compreendeis, quando se trata de determinar datas ou épocas.”

Os Espíritos vivem fora do tempo como o compreendemos. Para eles, por assim dizer, a duração deixa de existir. Os séculos, para nós tão longos, mas aos olhos deles não passam de instantes que se movem na eternidade, do mesmo modo que os relevos do solo se apagam e desaparecem para quem se eleva no espaço.

241. Os Espíritos fazem ideia do presente de forma mais precisa e exata do que nós?

“Do mesmo modo que aquele que vê bem faz ideia mais exata das coisas do que o cego. Os Espíritos veem o que vocês não veem. Tudo apreciam, pois, diversamente do modo por que o fazem. Mas, também isso depende da elevação deles.”

242. Como é que os Espíritos têm conhecimento do passado? Esse conhecimento lhes é ilimitado?

“Quando nos ocupamos com ele, o passado é presente. Verifica-se então precisamente o que se passa contigo quando recordas qualquer coisa que te

impressionou no curso do teu exílio. Simplesmente, como nenhum véu material já não nos tolda a inteligência, lembramo-nos mesmo daquilo que se apagou da tua memória. Mas, os Espíritos não sabem de tudo, a começar pela sua própria criação.”

243. E o futuro, os Espíritos o conhecem?

“Isto também depende da elevação que tenham conquistado. Muitas vezes, apenas o entreveem, porém nem sempre lhes é permitido revelá-lo. Quando o veem, parece-lhes presente. À medida que se aproxima de Deus, tanto mais claramente o Espírito descortina o futuro. Depois da morte, a alma vê e apreende num golpe de vista suas passadas migrações, mas não pode ver o que Deus lhe reserva. Para que tal aconteça, preciso é que, ao fim de múltiplas existências, se haja integrado nele.”

a) — Os Espíritos que alcançaram a perfeição absoluta têm conhecimento completo do futuro?

“Completo não se pode dizer, por isso que só Deus é soberano Senhor e ninguém pode igualar-se a Ele.”

244. Os Espíritos veem a Deus?

“Só os Espíritos superiores podem ver e compreendê-lo. Os inferiores o sentem e pressentem.”

a) — Quando um Espírito inferior diz que Deus lhe proíbe ou permite uma coisa, como sabe que isso lhe vem dele?

“Ele não vê a Deus, mas sente a sua soberania e, quando não deva ser feita alguma coisa ou dita uma palavra, percebe, como por intuição, a proibição de fazê-la ou dizê-la. Vocês mesmos não têm pressentimentos que lhes parecem avisos secretos, para fazerem ou não, isto ou aquilo? O mesmo nos acontece, se bem que em grau mais alto, pois compreendem que, sendo a essência dos Espíritos mais sutil do que as de vocês, Eles podem receber melhor as advertências divinas.”

b) — Deus transmite a ordem ao Espírito diretamente, ou por intermédio de outros Espíritos?

“Ela não lhe vem direta de Deus. Para se comunicar com Deus, é necessário ser digno disso. Deus lhe transmite suas ordens por intermédio dos Espíritos imediatamente superiores em perfeição e instrução.”

245. O Espírito tem a visão limitada como os seres corpóreos?

“Não, ela reside em todo ele.”

246. Precisam da luz para ver?

“Veem por si mesmos, sem precisarem de luz exterior. Para os Espíritos, não há trevas, salvo as em que podem achar-se por expiação.”

247. Para verem o que se passa em dois pontos diferentes, precisam transportar-se a esses pontos? Podem, por exemplo, ver simultaneamente nos dois hemisférios do globo?

“Como o Espírito se transporta aonde queira, com a rapidez do pensamento, podemos dizer que vê em toda parte e ao mesmo tempo. Seu pensamento é suscetível de irradiar, dirigindo-se a um tempo para muitos pontos diferentes, mas esta capacidade depende da sua pureza. Quanto menos puro é o Espírito, tanto mais limitada tem a visão.

Só os Espíritos superiores podem com a vista abranger um conjunto.”

No Espírito, a visão é uma propriedade que pertence à sua natureza e que reside em todo o seu ser, como a luz reside em todas as partes de um corpo luminoso. É uma espécie de lucidez universal que se estende a tudo, que abrange simultaneamente o espaço, os tempos e as coisas, lucidez para a qual não há trevas, nem obstáculos materiais. Compreendemos que deva ser assim. No homem, a visão se dá pelo funcionamento de um órgão que a luz impressiona. Daí ocorre que, não havendo luz, o homem fica na obscuridade. No Espírito, como a visão constitui um atributo seu, com exceção de qualquer agente exterior, a visão independe da luz (Ver: “Ubiquidade”, nº 92).

248. O Espírito vê as coisas tão distintamente como nós?

“Mais distintamente, pois que sua vista penetra onde a vossa não pode penetrar. Nada a encobre.”

249. Percebe os sons?

“Sim, percebe mesmo sons imperceptíveis para os vossos sentidos obtusos.”

a) — No Espírito, o poder de ouvir está em todo ele, como a de ver?

“Todas as percepções são atributos do Espírito e pertencem ao ser. Quando reveste um corpo material, elas só chegam a ele pelo intermédio dos órgãos. Porém, deixam de estar localizadas, quando ele está na condição de Espírito livre.”

250. Constituindo elas atributos próprios do Espírito, seria possível subtrair-se às percepções?

“O Espírito unicamente vê e ouve o que quer. Dizemos isto de um ponto de vista geral e, em particular, com referência aos Espíritos elevados, porque os imperfeitos muitas vezes ouvem e veem, fora de seu agrado, o que lhes possa ser útil ao aperfeiçoamento.”

251. Os Espíritos são sensíveis à música?

“Refere-se à música terrena? Que é ela comparada à música celeste? A esta harmonia de que nada na Terra lhes pode dar ideia? Uma está para a outra como o canto do selvagem para uma doce melodia. Não obstante, Espíritos vulgares podem experimentar certo prazer em ouvir a música de vocês, por ainda não ser dado a eles compreenderem outra mais sublime. A música possui infinitos encantos para os Espíritos, por eles terem as qualidades sensitivas muito desenvolvidas. Refiro-me à música celeste, que é tudo o que de mais belo e delicado a imaginação espiritual pode conceber.”

252. Os Espíritos são sensíveis às maravilhas da Natureza?

“São tão diferentes as belezas naturais dos mundos que estamos longe de conhecê-las! Sim, os Espíritos são sensíveis a essas belezas, de acordo com as aptidões que tenham para apreciar e compreendê-las. Para os Espíritos elevados, há belezas de conjunto que, por assim dizer, apagam as das particularidades.”

253. Os Espíritos experimentam as nossas necessidades e sofrimentos físicos?

“Eles conhecem, porque sofreram delas, porém, não experimentam mais materialmente, com vocês, pois eles são Espíritos.”

254. Cansaço e a necessidade de repouso, eles sentem?

“Não podem sentir cansaço como entendem; por conseguinte, não precisam de descanso corporal como vocês, pois que não possuem órgãos cujas forças devam ser

reparadas. Entretanto, o Espírito repousa, no sentido de não estar em constante atividade. Ele não atua materialmente. Sua ação é toda intelectual e inteiramente moral o seu repouso. Isto quer dizer que há momentos em que o seu pensamento deixa de ser tão ativo quanto comum e não se fixa em qualquer objeto determinado. É um verdadeiro repouso, mas de nenhum modo comparável ao do corpo. A espécie de fadiga que os Espíritos são suscetíveis de sentir guarda relação com a inferioridade deles. Quanto mais elevados sejam, tanto menos precisarão repousar.”

255. Quando um Espírito diz que sofre, de que natureza é o seu sofrimento?

“Angústias morais, que o torturam mais dolorosamente do que todos os sofrimentos físicos.”

256. Como é então que alguns Espíritos têm-se queixado de sofrer frio ou calor?

“É uma reminiscência do que padecem durante a vida — não raro, uma lembrança tão aflitiva quanto a realidade. Muitas vezes, no que eles assim dizem, apenas há uma comparação mediante a qual, em falta de coisa melhor, procuram exprimir a situação em que se acham. Quando se lembram do corpo que revestiram, têm impressão semelhante à de uma pessoa que, havendo tirado o manto que a envolvia, julga, passado algum tempo, que ainda o traz sobre os ombros.”

ENSAIO TEÓRICO DA SENSACÃO NOS ESPÍRITOS

257. O corpo é o instrumento da dor. Se não é a primeira causa, pelo menos, é a causa imediata. A alma tem a percepção da dor: essa percepção é o efeito. A lembrança que a alma conserva da dor pode ser muito penosa, mas não pode ter ação física. Realmente, nem o frio, nem o calor são capazes de desorganizar os tecidos da alma, que não é suscetível de se congelar, nem de se queimar. Diariamente, não vemos a recordação ou a apreensão de um mal físico produzir o efeito desse mal, como se fosse real? Não vemos até causar a morte? Todo mundo sabe que aqueles que tiveram um membro amputado [uma perna, por exemplo] costumam sentir dor no membro que lhes falta. Certo que aí não está nem a sede, nem o ponto de partida da dor. O que há é apenas que o cérebro guardou a impressão desta. Portanto, é lícito admitir que ocorra o mesmo nos sofrimentos do Espírito após a morte. Um estudo aprofundado do perispírito — que desempenha tão importante papel em todos os fenômenos espíritos; nas aparições vaporosas ou tangíveis; no estado em que o Espírito vem a encontrar-se por ocasião da morte; na ideia, que tão frequentemente manifesta, de que ainda está vivo; nas situações tão comoventes que nos revelam os dos suicidas, dos atormentados, dos que se deixaram absorver pelos prazeres materiais; e inúmeros outros fatos — lançou muita luz sobre esta questão, dando lugar a explicações que passamos a resumir.

O perispírito é o laço que prende o Espírito à matéria do corpo, tirado do meio ambiente, do fluido universal. Participa ao mesmo tempo da electricidade, do fluido magnético e, até certo ponto, da matéria inerte. Poderíamos dizer que é a quintessência⁴⁵ da matéria. É o princípio da vida orgânica, porém não o da vida intelectual — que reside no Espírito. É, além disso, o agente das sensações exteriores.

No corpo, essas sensações se localizam nos órgãos que servem como condutores. Com a morte do corpo, elas se tornam gerais. Daí o Espírito não dizer que sofre mais da cabeça do que dos pés, ou vice-versa. Contudo, não se confundam as sensações do perispírito — que se tornou independente — com as do corpo. Só podemos pegar estas últimas para termo de comparação e não por exatidão. Após se liberar do corpo, o Espírito pode sofrer, mas esse sofrimento não é corporal, embora não seja exclusivamente moral, como o remorso — pois que ele se queixa de frio e calor. Também não sofre mais no inverno do que no verão: temos visto Espíritos atravessarem chamas, sem experimentarem qualquer dor. Consequentemente, a temperatura não lhes causa nenhuma impressão. Então, a dor que sentem não é uma dor física propriamente dita: é um vago

⁴⁵ **Quintessência:** a quinta essência, matéria purificada, sublimada, sutil – N. E.

sentimento íntimo, que o próprio Espírito nem sempre compreende bem, precisamente porque a dor não se acha localizada e porque não a produzem agentes exteriores; é mais uma reminiscência do que uma realidade, reminiscência, porém, igualmente penosa. Algumas vezes, entretanto, há mais do que isso, como vamos ver.

A experiência nos ensina que por ocasião da morte o perispírito se desprende mais ou menos lentamente do corpo; que durante os primeiros minutos depois da desencarnação o Espírito não encontra explicação para a situação em que se acha. Crê não estar morto, por isso que se sente vivo; vê a um lado o corpo, sabe que lhe pertence, mas não compreende que esteja separado dele. Essa situação dura enquanto haja qualquer ligação entre o corpo e o perispírito. Certa vez, um suicida nos disse: “Não, não estou morto”. E acrescentava: “No entanto, sinto os vermes a me roerem”. Ora, sem dúvida, os vermes não roíam o perispírito e ainda menos o Espírito; roíam apenas o corpo. Porém, como a separação do corpo e do perispírito não era completa, uma espécie de repercussão moral se produzia, transmitindo ao Espírito o que estava ocorrendo no corpo. Repercussão talvez não seja o termo próprio, porque pode induzir à suposição de um efeito muito material. Era antes a visão do que se passava com o corpo, ao qual ainda o conservava ligado o perispírito — o que lhe causava a ilusão, que ele tomava por realidade. Logo, nesse caso, não haveria uma reminiscência, pois ele não havia sido roído pelos vermes, em vida: havia o sentimento de um fato da atualidade. Isto mostra que deduções podemos tirar dos fatos, quando observados atentamente.

Durante a vida, o corpo recebe impressões exteriores e transmite ao Espírito pelo perispírito, que é provavelmente o que chamamos *fluido nervoso*. Uma vez morto, o corpo nada mais sente, por já não haver nele Espírito, nem perispírito. Este, desprendido do corpo, experimenta a sensação, mas, como já não lhe chega por um conduto limitado, ela se lhe torna geral. Ora, como o perispírito não é realmente mais do que simples agente de transmissão, porque a consciência está no Espírito, será lógico deduzirmos que, se pudesse existir perispírito sem Espírito, aquele nada sentiria, exatamente como um corpo que morreu. Do mesmo modo, se o Espírito não tivesse perispírito, seria inacessível a toda e qualquer sensação dolorosa. É o que se dá com os Espíritos completamente purificados. Sabemos que quanto mais eles se purificam, tanto mais etérea se torna a essência do perispírito, donde se segue que a influência material diminui à medida que o Espírito progride, isto é, à medida que o próprio perispírito se torna menos grosseiro.

Mas, dirão: se é pelo perispírito que se transmite ao Espírito as sensações agradáveis e desagradáveis, sendo o Espírito puro inacessível a umas, deve ser igualmente às outras. De fato, assim é com relação às que vêm unicamente da influência da matéria que conhecemos. O som dos nossos instrumentos e o perfume das nossas flores não lhe causam nenhuma impressão. Entretanto, ele experimenta sensações íntimas, de um encanto indefinível, das quais não podemos formar nenhuma ideia, porque, a esse respeito, somos iguais cegos de nascença diante da luz. Sabemos que isso é real; mas, por que meio se produz? A nossa ciência não vai até lá. Sabemos que no Espírito há percepção, sensação, audição, visão; que essas faculdades são atributos do ser todo e não como no homem, de uma parte apenas do ser; mas, de que modo ele as tem? Ignoramos. Os próprios Espíritos nada nos podem informar sobre isso, por a nossa linguagem ser inadequada a exprimir ideias que não possuímos, precisamente como é a linguagem dos selvagens, para traduzir ideias referentes às nossas artes, ciências e doutrinas filosóficas, por falta de termos próprios.

Dizendo que os Espíritos são inacessíveis às impressões da matéria que conhecemos — nos referimos aos Espíritos muito elevados, cujo envoltório etéreo não encontra nada parecido neste mundo. O mesmo não acontece com os de perispírito mais pesado, os quais percebem os nossos sons e odores, não, porém, apenas por uma parte limitada de suas individualidades, conforme lhes sucedia quando vivos.

Podemos dizer que as vibrações moleculares neles se fazem sentir em todo o ser e lhes chegam assim ao *sensorium commune*⁴⁶ — que é o próprio Espírito —, embora de modo diverso e talvez, também, dando uma impressão diferente, o que modifica a percepção. Eles ouvem o som da nossa voz, entretanto nos compreendem sem o auxílio da palavra, somente pela transmissão do pensamento. Em apoio do que dizemos há o fato de que essa penetração é tanto mais fácil, quanto mais desmaterializada está o Espírito.

Pelo que concerne à vista, para o Espírito, essa faculdade independe da luz, qual a temos.

⁴⁶ *Sensorium commune*: expressão latina, usada em medicina e em anatomia, que significa sede da sensação, da sensibilidade, por exemplo, o nariz é a sede do olfato – N. E.

A capacidade de ver é um atributo essencial da alma, para quem a obscuridade não existe. Contudo, é mais extensa, mais penetrante nas almas mais purificadas. Então, a alma (ou o Espírito) tem em si mesma a faculdade de todas as percepções. Estas, na vida corpórea, se obliteram pela grosseria dos órgãos do corpo; na vida extracorpórea se vão desanuviando, à proporção que o invólucro semimaterial se eteriza.

Extraído do meio ambiente, esse invólucro varia de acordo com a natureza dos mundos. Ao passarem de um mundo a outro, os Espíritos mudam de envoltório, como nós mudamos de roupa, quando passamos do inverno ao verão, ou do polo ao equador. Quando vêm nos visitar, os mais elevados se revestem do perispírito terrestre e então suas percepções se produzem como no comum dos Espíritos. Todos, porém, assim os inferiores como os superiores, não ouvem, nem sentem, senão o que queiram ouvir ou sentir. Não possuindo órgãos sensitivos, eles podem livremente tornar ativas ou nulas suas percepções. Uma só coisa eles são obrigados a ouvir: os conselhos dos Espíritos bons. A vista, essa é sempre ativa; mas, eles podem fazer-se invisíveis uns aos outros. Conforme a categoria que ocupem, podem se ocultar dos que são inferiores a eles, entretanto não dos que lhes são superiores. Nos primeiros instantes que se seguem à morte, a visão do Espírito é sempre turbada e confusa. Aclara-se, à medida que ele se desprende, e pode alcançar a nitidez que tinha durante a vida terrena, independentemente da possibilidade de penetrar através dos corpos que nos são opacos. Quanto à sua extensão através do espaço indefinito, do futuro e do passado, depende do grau de pureza e de elevação do Espírito.

Poderão alegar: “toda esta teoria nada tem de tranquilizadora. Pensávamos que, uma vez livres do nosso grosseiro envoltório, instrumento das nossas dores, não mais sofreríamos e eis que nos informam de que ainda sofreremos. Desta ou daquela forma, será sempre sofrimento. Ah, sim, pode acontecer que continuemos a sofrer, e muito, e por longo tempo, mas também que deixemos de sofrer, até mesmo desde o instante em que se nos acabe a vida corporal”.

Algumas vezes, os sofrimentos deste mundo independem de nós; contudo, muito mais vezes são devidos à nossa vontade. Cada um volte à origem deles e verá que a maior parte de tais sofrimentos são efeitos de causas que lhe teria sido possível evitar. Quantos males, quantas enfermidades o homem não deve aos seus excessos, à sua ambição, numa palavra: às suas paixões? Aquele que sempre vivesse com moderação, que de nada abusasse, que fosse sempre simples nos gostos e modesto nos desejos, de muitas tribulações se pouparia. O mesmo se dá com o Espírito. Os sofrimentos por que passa são sempre a consequência da maneira como viveu na Terra. Certo já não sofrerá mais de gota, nem de reumatismo; no entanto, experimentará outros sofrimentos que nada ficam a dever àqueles. Vimos que seu sofrer resulta dos laços que ainda o prendem à matéria; que quanto mais livre estiver da influência desta, ou, noutras palavras, quanto mais desmaterializado se achar, menos experimentará dolorosas sensações. Ora, está em suas mãos a capacidade se libertar de tal influência desde a vida atual. Ele tem o livre-arbítrio, consequentemente, tem a faculdade de escolha entre o fazer e o não fazer. Dome suas paixões animais; não alimente ódio, nem inveja, nem ciúme, nem orgulho; não se deixe dominar pelo egoísmo; purifique-se, nutrimo bons sentimentos; pratique o bem; não dê às coisas deste mundo importância que não merecem; e, então, embora revestido do invólucro corporal, já estará depurado, já estará liberto do jugo da matéria e, quando deixar esse invólucro, não mais sofrerá sua influência. Nenhuma recordação dolorosa lhe cairá dos sofrimentos físicos que haja sofrido; eles não lhe deixarão nenhuma impressão desagradável, porque apenas terão atingido o corpo e não a alma. Irá sentir-se feliz por se haver libertado deles e a paz da sua consciência o isentará de qualquer sofrimento moral.

Interrogamos milhares de Espíritos que na Terra pertenceram a todas as classes da sociedade e ocuparam todas as posições sociais; nós os estudamos em todos os períodos da vida espírita, a partir do momento em que abandonaram o corpo; acompanhamos passo a passo na vida de além-túmulo, para observar as mudanças que se operavam neles, nas suas ideias, nos seus sentimentos e, sob esse aspecto, não foram os que aqui se contaram entre os homens mais vulgares os que nos proporcionaram menos preciosos elementos de estudo. Ora, notamos sempre que os sofrimentos guardavam relação com o proceder que eles tiveram e cujas consequências experimentavam; que a outra vida é fonte de inefável ventura para os que seguiram o bom caminho. Deduz-se daí que, aos que sofrem, isso acontece porque o quiseram; que, portanto, só se devem queixar de si mesmos — seja no outro mundo, seja neste.

ESCOLHA DAS PROVAS

258. Quando na erraticidade, antes de começar nova existência corporal, o Espírito tem consciência e previsão do que lhe sucederá no curso da vida terrena?

“Ele próprio escolhe o gênero de provas por que há de passar e nisso consiste o seu livre-arbítrio.”

a) — Então, não é Deus quem lhe impõe as tribulações da vida, como castigo?

“Nada ocorre sem a permissão de Deus, pois foi Deus quem estabeleceu todas as leis que regem o Universo. Agora, vão perguntar por que Ele decretou esta lei e não aquela. Ao dar ao Espírito a liberdade de escolher, Deus lhe deixa a inteira responsabilidade de seus atos e das consequências que estes tiverem. Nada lhe atrapalha o futuro; assim, acha aberto tanto o caminho do bem como o do mal. Se vier a fraquejar, restará a consolação de que nem tudo acabou e que a bondade divina lhe concede a liberdade de recomeçar o que foi malfeito. Além disso, devemos observar o que é obra da vontade de Deus e o que é da vontade do homem. Se um perigo lhes ameaça, não foram vocês quem o criou e sim Deus. Porém, foi de vocês o desejo de se exporem a esse perigo, por haverdes visto nisso um meio de progredirem, e Deus o permitiu.”

259. Se o Espírito tem direito à escolha do gênero de provas que deva sofrer, todas as tribulações que experimentamos na vida forma previstas e escolhidas por nós?

“Todas, não, porque vocês não escolheram e previram tudo o que lhes sucede no mundo, até às mínimas coisas. Escolheram apenas o gênero das provas. As particularidades correm por conta da posição em que se acham; muitas vezes, são consequências das suas próprias ações. Por exemplo, escolhendo nascer entre malfeitores, o Espírito sabia a que arrastamentos se expunha; porém, ignorava quais os atos que viria a praticar. Esses atos resultam do exercício da sua vontade, ou do seu livre-arbítrio. O Espírito sabe que, escolhendo tal caminho, terá que sustentar lutas de determinada espécie; portanto, sabe de que natureza serão as alternativas que se lhe depararão, mas ignora case se verifique este ou aquele êxito. Os acontecimentos secundários se originam das circunstâncias e da força mesma das coisas. Só são previstos os fatos principais, os que influem no destino. Se tomar uma estrada cheia de sulcos profundos, sabe que terá de andar cautelosamente, porque há muitas probabilidades de cair; ignora, contudo, em que ponto cairá e bem pode suceder que não caia, se for bastante prudente. Se, ao percorrer uma rua, uma telha te cair na cabeça, não creia que estava escrito, segundo vulgarmente se diz.”

260. Como pode o Espírito desejar nascer entre gente de má vida?

“É necessário que seja posto num meio onde possa sofrer a prova que pediu. Pois bem! É necessário que haja analogia. Para lutar contra o instinto do roubo, é preciso que se ache em contato com gente dada à prática de roubar.”

a) — Assim, se não houvesse gente de maus costumes na Terra, o Espírito não encontraria aí meio apropriado ao sofrimento de certas provas?

“E isso seria de se lastimar? É o que ocorre nos mundos superiores, onde o mal não penetra. Eis por que, nesses mundos, só há Espíritos bons. Façam que em breve o mesmo se dê na Terra.”

261. Nas provas que tem que passar para atingir a perfeição, o Espírito precisa sofrer

tentações de todas as naturezas? Tem que se achar em todas as circunstâncias que possam excitar-lhe o orgulho, a inveja, a avareza, a sensualidade, etc.?

“Certo que não, pois bem sabem que há Espíritos que desde o começo tomam um caminho que os livra de muitas provas. Mas aquele que se deixa arrastar para o mau caminho corre todos os perigos que o tentam. Por exemplo, um Espírito pode pedir a riqueza e isso pode lhe ser concedida. Então, conforme o seu caráter, ele poderá tornar-se avaro ou pródigo, egoísta ou generoso, ou ainda lançar-se a todos os gozos da sensualidade. Daí não se segue, entretanto, que tenha forçosamente que passar por todas estas tendências.”

262. Como pode o Espírito, que, em sua origem, é simples, ignorante e carecido de experiência, escolher uma existência com conhecimento de causa e ser responsável por essa escolha?

“Deus lhe supre a inexperiência, traçando-lhe o caminho que deve seguir, como fazem com a criancinha. Porém, pouco a pouco, deixa-a na proporção que o seu livre-arbítrio se desenvolve, senhor de proceder à escolha e só então é que muitas vezes lhe acontece extraviar-se, tomando o mau caminho, por desatender os conselhos dos bons Espíritos. A isso é que se pode chamar a queda do homem.”

a) — Quando o Espírito goza do livre-arbítrio, a escolha da existência corporal dependerá sempre exclusivamente de sua vontade, ou essa existência lhe pode ser imposta, como expiação, pela vontade de Deus?

“Deus sabe esperar, não apressa a expiação. Todavia, pode impor certa existência a um Espírito, quando este, pela sua inferioridade ou má vontade, não se mostra apto a compreender o que lhe seria mais útil, e quando vê que tal existência servirá para a purificação e o progresso do Espírito, ao mesmo tempo em que lhe sirva de expiação.”

263. O Espírito faz a sua escolha logo depois da morte?

“Não, muitos acreditam na eternidade das penas, o que — como já foi dito a vocês — é um castigo.”

264. Como o Espírito escolhe as provas que queira sofrer?

“Ele escolhe de acordo com a natureza de suas faltas, as que o levem à expiação destas e a progredir mais depressa. Uns, portanto, impõem a si mesmos uma vida de misérias e privações, objetivando suportá-las com coragem; outros preferem experimentar as tentações da riqueza e do poder, muito mais perigosas, pelos abusos e má aplicação a que podem dar lugar, pelas paixões inferiores que uma e outros desenvolvem; muitos, finalmente, se decidem a experimentar suas forças nas lutas que terão de sustentar em contato com o vício.”

265. Se há Espíritos que, por provação, escolhem o contato do vício, haverá outros que o busquem por simpatia e pelo desejo de viverem num meio conforme aos seus gostos, ou para poderem entregar-se materialmente a seus desejos materiais?

“Há, sem dúvida, mas somente entre aqueles cujo senso moral ainda está pouco desenvolvido. A prova vem por si mesma e eles a sofrem mais demoradamente. Cedo ou tarde, compreendem que a satisfação de suas paixões brutais lhes acarretou deploráveis consequências, que eles sofrerão durante um tempo que lhes parecerá eterno. E Deus os deixará nessa persuasão, até que se tornem conscientes da falta em que incorreram e peçam, por impulso próprio, lhes seja concedido resgatá-la, mediante úteis provações.”

266. Não parece natural que se escolham as provas menos dolorosas?

“Pode parecer para vocês, mas ao Espírito, não. Logo que este se desliga da matéria, cessa toda a ilusão e a sua maneira de pensar passa a ser outra.”

Sob a influência das ideias carnisais, o homem na Terra só vê o lado penoso das provas. Tal a razão de lhe parecer natural sejam escolhidas as que, do seu ponto de vista, podem coexistir com os gozos materiais. Todavia, na vida espiritual, ele compara esses gozos passageiros e grosseiros com a inalterável felicidade que lhe é dado entrever e desde logo os passageiros sofrimentos terrenos não mais lhe causam nenhuma impressão. Assim, pois, o Espírito pode escolher prova muito rude e, conseqüentemente, uma angustiada existência, na esperança de alcançar depressa um estado melhor, como o doente escolhe muitas vezes o remédio mais desagradável para se curar de pronto. Aquele que intenta ligar seu nome à descoberta de um país desconhecido não procura trilhar estrada florida. Conhece os perigos a que se arrisca, mas também sabe que o espera a glória, se lograr bom êxito.

A doutrina da liberdade que temos de escolher as nossas existências e as provas que devamos sofrer deixa de parecer estranha, desde que se atenda a que os Espíritos, uma vez desprendidos da matéria, apreciam as coisas de modo diverso da nossa maneira de apreciá-los.

Definem a meta, que é bem diferente para eles dos gozos fugitivos do mundo. Após cada existência, veem o passo que deram e compreendem o que ainda lhes falta em pureza para atingirem aquela meta. Daí o se submeterem voluntariamente a todas as vicissitudes da vida corpórea, solicitando as que possam fazer que a alcancem mais rapidamente. Não há então motivo de espanto no fato de o Espírito não preferir a existência mais suave. Não lhe é possível, no estado de imperfeição em que se encontra, gozar de uma vida isenta de amarguras. Ele o percebe e, precisamente para chegar a fruí-la, é que trata de se melhorar.

Aliás, não vemos exemplos de escolhas tais todos os dias? O que faz o homem que passa uma parte de sua vida a trabalhar sem trégua, nem descanso, para reunir posses que lhe assegurem o bem-estar, senão desempenhar uma tarefa que a si mesmo se impôs, tendo em vista um melhor futuro? O militar que se oferece para uma perigosa missão, o navegante que afronta perigos não menores, por amor da Ciência ou no seu próprio interesse, que fazem, também eles, senão sujeitar-se a provas voluntárias, de que lhes advirão honras e proveito, se não sucumbirem? A que se não submete ou se expõe o homem pelo seu interesse ou pela sua glória? E os concursos não são também todos provas voluntárias a que os concorrentes se sujeitam, com o fito de avançarem na carreira que escolheram? Ninguém galga qualquer posição nas ciências, nas artes, na indústria, senão passando pela série das posições inferiores, que são outras tantas provas. Portanto, a vida humana é cópia da vida espiritual; nela se nos deparam em ponto pequeno todas as peripécias da outra. Ora, se na vida terrena muitas vezes escolhemos duras provas, visando posição mais elevada, por que não o Espírito, que enxerga mais longe que o corpo e para quem a vida corporal é apenas incidente de curta duração, haveria de escolher uma existência árdua e laboriosa, desde que o conduza à felicidade eterna? Os que dizem que pedirão para serem príncipes ou milionários — uma vez que ao homem é que caiba escolher a sua existência — se assemelham aos míopes, que apenas veem aquilo em que tocam, ou a meninos gulosos, que, a quem os interroga sobre isso, respondem que desejam serem pasteleiros ou doceiros.

O viajante que atravessa profundo vale ensombrado por espesso nevoeiro não consegue apanhar com a vista a extensão da estrada por onde vai, nem os seus pontos extremos. Mas, chegando ao cume da montanha, abrange com o olhar quanto percorreu do caminho e quanto lhe resta dele a percorrer. Divisa-lhe o termo, vê os obstáculos que ainda terá de transpor e combina então os meios mais seguros de atingi-lo.

O Espírito encarnado é qual viajante na ladeira da montanha. Desenleado dos laços terrenos, sua visão tudo domina, como a daquele que subiu à crista da serra. Para o viajante, no término da sua jornada está o repouso após a fadiga; para o Espírito, está a felicidade suprema, após as tribulações e as provas.

Todos os Espíritos dizem que na erradicidade eles se aplicam a pesquisar, estudar, observar, a fim de fazerem a sua escolha. Na vida corporal não temos um exemplo deste fato? Frequentemente, não levamos anos a procurar a carreira pela qual afinal nos decidimos, certos de ser a mais apropriada a nos facilitar o caminho da vida? Se numa o nosso intento fracassa, recorremos à outra. Cada uma das que abraçamos representa uma fase, um período da vida. Não nos ocupamos cada dia em cogitar do que faremos no dia seguinte? Ora, que são, para o Espírito, as diversas existências corporais, senão fases, períodos, dias da sua vida espírita, que é, como sabemos, a vida normal, visto que a outra é transitória, passageira?

267. O Espírito pode escolher suas provas ainda quando encarnado?

“O desejo que então alimenta pode influir na escolha que venha a fazer, dependendo isso da intenção que o anime. Porém, acontece que, como Espírito livre, quase sempre vê as coisas de modo diferente. O Espírito por si só é quem faz a escolha; entretanto, ainda uma vez o dizemos, possível lhe é fazê-la, mesmo na vida material, por isso que há sempre momentos em que o Espírito se torna independente da matéria que lhe serve de habitação.”

a) — Certamente não é como expiação ou como prova que muita gente deseja as grandezas e as riquezas. Será?

“Indubitavelmente, não. A matéria deseja essa grandeza para gozá-la e o Espírito para conhecer-lhe as vicissitudes.”

268. Até que chegue ao estado de perfeita pureza, o Espírito tem que passar constantemente por provas?

“Sim, mas que não são como vocês pensam, pois que só consideram provas as tribulações materiais. Ora, havendo-se elevado a um certo grau, o Espírito, embora não seja ainda perfeito, já não tem que sofrer provas. Porém, continua sujeito a deveres nada penosos, cuja satisfação lhe auxilia o aperfeiçoamento, mesmo que consistam apenas em auxiliar os outros a se aperfeiçoarem.”

269. O Espírito pode se enganar quanto à eficiência da prova que escolheu?

“Pode escolher uma que esteja acima de suas forças e cair. Pode também escolher alguma que nada lhe aproveite, como sucederá se buscar vida ociosa e inútil. Mas, então, voltando ao mundo dos Espíritos, verifica que nada ganhou e pede outra que lhe permita recuperar o tempo perdido.”

270. A que se devem atribuir as vocações de certas pessoas e a vontade que sentem de seguir uma carreira de preferência a outra?

“Parece-me que vocês mesmos podem responder a esta pergunta. Pois não é isso a consequência de tudo o que acabamos de dizer sobre a escolha das provas e sobre o progresso efetuado em existência anterior?”

271. Estando na erraticidade, estudando as diversas condições em que poderá progredir, como o Espírito pensa consegui-lo, por exemplo, nascendo entre canibais?

“Entre canibais não nascem Espíritos já adiantados, mas Espíritos da natureza dos canibais, ou ainda inferiores aos destes.”

Sabemos que os nossos antropófagos⁴⁷ não se acham no último degrau da escala espiritual e que há mundos onde a brutalidade e a ferocidade não têm comparação na Terra. Portanto, os Espíritos que aí encarnam são inferiores aos mais pequeninos que no nosso mundo encarnam. Assim, para eles, nascer entre os nossos selvagens representa um progresso, como progresso seria para os antropófagos terrenos exercerem entre nós uma profissão que os obrigasse a fazer correr sangue. Não podem pôr mais alto suas vistas, porque sua inferioridade moral não lhes permite compreender maior progresso. O Espírito só avança gradativamente. Não lhe é dado transpor de um salto a distância que da civilização separa a barbárie e é esta uma das razões que nos mostram ser necessária a reencarnação, que verdadeiramente corresponde à justiça de Deus. De outro modo, que seria desses milhões de criaturas que todos os dias morrem na maior degradação, se não tivessem meios de alcançar a superioridade? Por que Deus os privaria dos favores concedidos aos outros homens?

272. Poderá ser que Espíritos vindos de um mundo inferior à Terra, ou de um povo muito atrasado, como os canibais, por exemplo, nasçam no seio de povos civilizados?

“Pode. Alguns há que se extraviam, por quererem subir muito alto. Mas, nesse caso, ficam deslocados no meio em que nasceram, por seus costumes e instintos estarem em conflito com os dos outros homens.”

Tais seres nos oferecem o triste espetáculo da ferocidade dentro da civilização. Voltando para o meio dos canibais, não sofrem uma degradação; apenas tornam ao lugar que lhes é próprio e com isso talvez até ganhem.

273. Será possível que, por expiação, um homem de raça civilizada reencarne numa raça

⁴⁷ **Antropófago:** canibal, aquele (especialmente o humano) que se alimenta de carne humana – N. E.

de selvagens?

“É; mas depende do gênero da expiação. Um senhor que tenha sido de grande crueldade para os seus escravos poderá, por sua vez, tornar-se escravo e sofrer os maus tratos que infligiu a seus semelhantes. Um, que em certa época exerceu o mando, pode, em nova existência, ter que obedecer aos que se curvaram ante a sua vontade. Isso lhe será uma expiação que Deus lhe estabeleça, se ele abusou do seu poder. Também um bom Espírito pode querer encarnar no seio daquelas raças, ocupando posição influente, para fazê-las progredir. Em tal caso, desempenha uma missão.”

AS RELAÇÕES NO ALÉM-TÚMULO

274. As diferentes ordens de Espíritos resultam alguma hierarquia de poderes? Há entre eles subordinação e autoridade?

“Muito grande. Os Espíritos têm autoridade uns sobre os outros de acordo com o grau de superioridade que tenham alcançado, autoridade que eles exercem por um ascendente moral irresistível.”

a) — Os Espíritos inferiores podem subtrair-se à autoridade dos que lhes são superiores?

“Eu disse: irresistível.”

275. O poder e a consideração de que um homem gozou na Terra lhe dão supremacia no mundo dos Espíritos?

“Não; pois que os pequenos serão elevados e os grandes rebaixados. Leiam os salmos.”

a) — Como devemos entender essa elevação e esse rebaixamento?

“Não sabem que os Espíritos são de diferentes ordens, conforme seus méritos? Pois bem! O maior da Terra pode pertencer à última categoria entre os Espíritos, ao passo que o seu servo pode estar na primeira. Compreendem isto? Jesus disse: “aquele que se humilhar será elevado e aquele que se eleva será humilhado.”

276. Aquele que foi grande na Terra e que, como Espírito, vem a se achar entre os de ordem inferior, experimenta com isso alguma humilhação?

“Às vezes bem grande, especialmente se era orgulhoso e invejoso.”

277. O soldado que depois da batalha se encontra com o seu general, no mundo dos Espíritos, ainda o tem por seu superior?

“O título nada vale, a superioridade real é que tem valor.”

278. Os Espíritos das diferentes ordens se acham misturados uns com os outros?

“Sim e não. Quer dizer: eles se veem, mas se distinguem uns dos outros. Evitam-se ou se aproximam conforme a simpatia ou a antipatia que reciprocamente uns inspiram aos outros, tal como é entre vocês. Constituem um mundo do qual o vosso é um pálido reflexo. Aqueles da mesma categoria se reúnem por uma espécie de afinidade e formam grupos ou famílias, unidos pelos laços da simpatia e pelos objetivos a que visam: os bons, pelo desejo de fazerem o bem; os maus, pelo de fazerem o mal, pela vergonha de suas faltas e pela necessidade de se acharem entre os que se lhes assemelham.”

Tal como numa grande cidade onde os homens de todas as classes e de todas as condições se veem e se encontram, sem se confundirem; onde as sociedades se formam pela igualdade dos gostos; onde a virtude e o vício se convivem, mas sem trocarem palavra.

279. Todos os Espíritos têm reciprocamente acesso aos diferentes grupos ou sociedades que eles formam?

“Os bons vão a toda parte e assim deve ser, para que possam influir sobre os maus. Porém, as regiões onde os bons habitam estão fechadas aos Espíritos imperfeitos, a fim de que não as perturbem com suas paixões inferiores.”

280. De que natureza são as relações entre os bons e os maus Espíritos?

“Os bons se ocupam em combater as más inclinações dos outros, a fim de ajudá-los a subir. É sua missão.”

281. Por que os Espíritos inferiores se comprazem em nos induzir ao mal?

“Pelo despeito que lhes causa o fato de não terem merecido estar entre os bons. O desejo que neles predomina é o de impedirem, tanto quanto possam, que os Espíritos ainda inexperientes alcancem o supremo bem. Querem que os outros experimentem o que eles próprios experimentam. Isto não se dá também entre vocês?”

282. Como os Espíritos se comunicam entre si?

“Eles se veem e se compreendem. A palavra é material: é o reflexo do Espírito. O fluido universal estabelece entre eles constante comunicação; é o veículo da transmissão de seus pensamentos, como para vocês o ar é o transmissor do som. É uma espécie de telégrafo universal, que liga todos os mundos e permite que os Espíritos se correspondam de um mundo a outro.”

283. Os Espíritos podem dissimular seus pensamentos? Podem se esconder uns dos outros?

“Não; para os Espíritos, tudo é visível, sobretudo para os perfeitos. Podem se afastar uns dos outros, mas sempre se veem. Isto, porém, não constitui regra absoluta, porque certos Espíritos podem muito bem tornar-se invisíveis a outros Espíritos, se julgarem útil fazê-lo.”

284. Como os Espíritos, não tendo corpo, podem comprovar suas individualidades e distinguir-se dos outros seres espirituais que os rodeiam?

“Comprovam suas individualidades pelo perispírito, que os torna distinguíveis uns dos outros, como o corpo humano distingue os homens.”

285. Os Espíritos se reconhecem por terem coabitado a Terra? O filho reconhece o pai, o amigo reconhece o seu amigo?

“Perfeitamente e, assim, de geração em geração.”

a) — Como é que os que se conheceram na Terra se reconhecem no mundo dos Espíritos?

“Vemos a nossa vida passada e lemos nela como em um livro. Vendo a dos nossos amigos e dos nossos inimigos, aí vemos a passagem deles da vida corporal à outra.”

286. Deixando seus despojos mortais, a alma vê imediatamente os parentes e amigos que a precederam no mundo dos Espíritos?

“Imediatamente não é o termo próprio. Como já dissemos, é necessário algum tempo para que ela se reconheça a si mesma e descarregue o véu material.”

287. Como a alma é acolhida no seu regresso ao mundo dos Espíritos?

“A do justo, como bem-amado irmão, desde muito tempo esperado. A do mau, como um ser desprezível.”

288. Que sentimento desperta nos Espíritos impuros a chegada entre eles de outro Espírito mau?

“Os maus ficam satisfeitos quando veem seres que se assemelham a eles e que também são privados da infinita ventura, qual na Terra um tratante entre seus iguais.”

289. Nossos parentes e amigos costumam vir ao nosso encontro quando deixamos a Terra?

“Sim, os Espíritos vão ao encontro da alma a quem são afeiçoados e a felicita, como se regressasse de uma viagem, por haver escapado aos perigos da estrada, e ajudam-na a se desprender dos laços corporais. É uma graça concedida aos bons Espíritos o fato de virem ao encontro aqueles que os amam, ao passo que aquele que se acha sujo permanece em isolamento, ou só tem a rodeá-lo os que lhe são semelhantes. É uma punição.”

290. Os parentes e amigos sempre se reúnem depois da morte?

“Isso depende da elevação deles e do caminho que seguem, procurando progredir. Se um está mais adiantado e caminha mais depressa do que outro, não podem os dois conservar-se juntos. Eles se verão de tempos a tempos, mas não estarão reunidos para sempre, senão quando puderem caminhar lado a lado, ou quando se houverem igualado na perfeição. Acresce que a privação de ver os parentes e amigos é, às vezes, uma punição.”

RELAÇÕES DE SIMPATIA E DE ANTIPATIA ENTRE OS ESPÍRITOS. METADES ETERNAS

291. Além da simpatia geral, vinda da semelhança que entre eles exista, os Espíritos dedicam recíprocas afeições particulares?

“Do mesmo modo que os homens, sendo que, é mais forte o laço que prende os Espíritos uns aos outros, quando carentes de corpo material, porque então esse laço não se acha exposto às vicissitudes das paixões.”

292. Os Espíritos alimentam ódio entre si?

“Só há ódio entre os Espíritos impuros e são eles que influem as inimizades e as dissensões nos homens.”

293. Dois seres que foram inimigos na Terra conservarão ressentimento um do outro no mundo dos Espíritos?

“Não; compreenderão que era estúpido o ódio que se votavam mutuamente e infantil o motivo que inspirava esse ódio. Apenas os Espíritos imperfeitos conservam uma espécie de animosidade, enquanto não se purificam. Se foi unicamente um interesse material o que os inimizou, nisso não pensarão mais, por pouco desmaterializados que estejam. Não havendo entre eles antipatia e tendo deixado de existir a causa de suas desavenças, aproximam-se uns dos outros com prazer.”

Sucede como entre dois colegas que, chegando à idade da maturidade, reconhecem a puerilidade de suas divergências infantis e deixam de se malquerer.

294. A lembrança dos atos maus que dois homens praticaram um contra o outro constitui obstáculo a que entre eles reine simpatia?

“Essa lembrança os induz a se afastarem um do outro.”

295. Depois da morte, que sentimento inspira aqueles a quem fizemos mal neste mundo?

“Se são bons, eles lhes perdoam, segundo o arrependimento de vocês. Se maus, é possível que guardem ressentimento do mal que lhes fizeram e lhes persigam até, não raro, em outra existência. Deus pode permitir que assim seja, por castigo.”

296. São suscetíveis de se alterar as afeições individuais dos Espíritos?

“Não, por eles não estarem sujeitos a se enganar. Falta a eles a máscara que os hipócritas usam para se esconderem. Daí vem que, sendo puros, suas afeições são inalteráveis. Suprema felicidade lhes vem do amor que os une.”

297. Continua a existir sempre no mundo dos Espíritos a afeição mútua que dois seres se consagraram na Terra?

“Sem dúvida, desde que originada de verdadeira simpatia. Entretanto, se a afeição nasceu principalmente de causas de ordem física, desaparece com a causa. As afeições entre os Espíritos são mais sólidas e duráveis do que na Terra, porque não se acham subordinadas aos caprichos dos interesses materiais e do amor-próprio.”

298. As almas que, desde suas origens, devam se unir estão predestinadas a essa união e cada um de nós, em alguma parte do Universo, tem sua metade, a que fatalmente um dia se reunirá?

“Não; não há união particular e fatal de duas almas. A união que há é a de todos os Espíritos, mas em graus diversos, segundo a categoria que ocupam, isto é, segundo a perfeição que tenham adquirido. Quanto mais perfeitos, tanto mais unidos. Da discórdia nascem todos os males dos humanos; da concórdia resulta a completa felicidade.”

299. Em que sentido se deve entender a palavra metade⁴⁸, de que alguns Espíritos se servem para designar os Espíritos simpáticos?

“A expressão é inexata. Se um Espírito fosse metade de outro, ambos estariam incompletos, uma vez separados.”

300. Se dois Espíritos perfeitamente simpáticos se reunirem, estarão unidos para todo o sempre, ou poderão se separar e se unir a outros Espíritos?

“Todos os Espíritos estão reciprocamente unidos. Falo dos que atingiram a perfeição. Nas esferas inferiores, desde que um Espírito se eleva, já não simpatiza com os que lhe ficaram abaixo, como antes.”

301. Dois Espíritos simpáticos são complemento um do outro ou a simpatia existente entre eles é resultado de identidade perfeita?

“A simpatia que atrai um Espírito para outro resulta da perfeita concordância de seus desejos e instintos. Se um tivesse que completar o outro, perderia a sua individualidade.”

⁴⁸ Também é comum o uso de expressões como “cara-metade” e “alma-gêmea”, para designar as tais almas simpáticas, que alguns erroneamente creem que sejam destinadas a viver sempre juntas e se completar — N. E.

302. A identidade necessária à existência da simpatia perfeita apenas consiste na igualdade dos pensamentos e sentimentos, ou também na uniformidade dos conhecimentos adquiridos?

“Na igualdade dos graus de elevação.”

303. Espíritos que presentemente não são simpáticos podem assim se tornar futuramente?

“Todos serão. Um Espírito que hoje está numa esfera inferior, aperfeiçoando-se, evoluirá à esfera em que se acha tal outro Espírito. E ainda mais depressa se dará o encontro dos dois, se o mais elevado, por suportar mal as provas a que esteja submetido, permanecer estacionário.”

a) — Podem deixar de ser simpáticos um ao outro dois Espíritos que já o sejam?

“Certamente, se um deles for preguiçoso.”

A teoria das metades eternas [almas-gêmeas] é uma simples figura de linguagem, representativa da união de dois Espíritos simpáticos. Trata-se de uma expressão usada até na linguagem vulgar e que não devemos tomar ao pé da letra. Certamente, os Espíritos que a empregaram não pertencem a uma ordem elevada. Necessariamente, limitado sendo o campo de suas ideias, exprimiram seus pensamentos com os termos de que se teriam utilizado na vida corporal. Não se deve, pois, aceitar a ideia de que, criados um para o outro, dois Espíritos tenham, fatalmente, que se reunir um dia na eternidade, depois de haverem estado separados por tempo mais ou menos longo.

RECORDAÇÃO DA EXISTÊNCIA CORPÓREA

304. O Espírito se lembra da sua existência corporal?

“Lembra-se, isto é, tendo vivido muitas vezes na Terra, recorda-se do que foi como homem e eu te afirmo que frequentemente ri, penalizado de si mesmo.”

Tal qual o homem que chegou à maturidade e que ri das suas loucuras de moço ou das suas bobagens na meninice.

305. A lembrança da existência corporal se apresenta ao Espírito completa e repentinamente após a morte?

“Não; vem-lhe pouco a pouco, qual imagem que surge gradualmente de uma névoa, à medida que ele fixa nela a sua atenção.”

306. O Espírito lembra detalhadamente de todos os acontecimentos de sua vida? Percebe o conjunto deles de um golpe de vista retrospectivo?

“Lembra-se das coisas, de acordo com as consequências que delas resultaram para o estado em que se encontra como Espírito errante. Bem compreendem, portanto, que muitas circunstâncias haverá de sua vida a que não dará importância alguma e das quais nem sequer procurará recordar-se.”

a) — Mas, se o quisesse, poderia lembrar-se delas?

“Pode se lembrar dos mais minuciosos detalhes e incidentes, assim relativos aos fatos, como até aos seus pensamentos. Contudo, não o faz desde que não tenha utilidade.”

b) — O Espírito entrevê o objetivo da vida terrestre com relação à vida futura?

“Certo que o vê e compreende muito melhor do que quando na vida

corporal. Compreende a necessidade da sua purificação para chegar ao infinito e percebe que em cada existência deixa algumas impurezas.”

307. Como é que a vida passada se desenha na memória do Espírito? Será por esforço da própria imaginação, ou como um quadro que se apresenta à sua vista?

“Das duas formas. Todos os atos de que tenha interesse em lembrar são para ele como se fossem no presente. Os outros lhe permanecem mais ou menos vagos na mente, ou são totalmente esquecidos. Quanto mais desmaterializado estiver, tanto menos importância dará às coisas materiais. Essa a razão por que, muitas vezes, evoca um Espírito que acabou de deixar a Terra e verifica que não se lembra dos nomes das pessoas que lhe eram caras, nem de uma porção de coisas que te parecem importantes. É que tudo isso, pouco lhe importando, logo caiu em esquecimento. Ele só se recorda perfeitamente bem dos fatos principais que concorrem para a sua melhoria.”

308. O Espírito se recorda de todas as existências anteriores a que acaba de ter?

“Todo o seu passado se desdobra à sua vista, quais a um viajante os trechos do caminho que percorreu. Mas, como já dissemos, não se recorda de todos os seus atos de modo absoluto. Lembra-se destes de acordo com a influência que tiveram na criação do seu estado atual. Quanto às primeiras existências — as que se podem considerar como a infância do Espírito — essas se perdem no vago e desaparecem na noite do esquecimento.”

309. Como o Espírito considera o corpo do qual se separou?

“Como veste inútil, que o embaraçava, sentindo-se feliz por se livrar dela.”

a) — Que sensação lhe causa o espetáculo do seu corpo em decomposição?

“Quase sempre se conserva indiferente a isso, como a uma coisa que em nada o interessa.”

310. Ao fim de algum tempo, o Espírito reconhecerá os ossos ou outros objetos que lhe tenham pertencido?

“Algumas vezes, dependendo do ponto de vista mais ou menos elevado, donde considere as coisas terrenas.”

311. O respeito que se tenha pelos objetos materiais que pertenceram ao Espírito lhe dá prazer e atrai a sua atenção para esses objetos?

“O Espírito sempre fica grato que se lembrem dele, e os objetos que lhe pertenceram o trazem à memória dos que ele deixou no mundo. Mas, o que o atrai é o pensamento destas pessoas e não aqueles objetos.”

312. E a lembrança dos sofrimentos por que passaram na última existência corporal, os Espíritos a conservam?

“Frequentemente assim acontece e essa lembrança lhes faz compreender melhor o valor da felicidade de que podem gozar como Espíritos.”

313. O homem, que neste mundo foi feliz, lamenta a felicidade que perdeu ao deixar a Terra?

“Só os Espíritos inferiores podem sentir saudades de gozos condizentes com uma natureza impura qual a deles, gozos que lhes acarretam a expiação pelo sofrimento. Para os Espíritos elevados, a felicidade eterna é mil vezes preferível aos prazeres

efêmeros da Terra.”

Exatamente como sucede ao homem que, na idade da maturidade, não dá nenhuma importância ao que tanto o deliciava na infância.

314. Aquele que deu começo a grandes projetos com um objetivo útil e que os vê interrompidos pela morte, no outro mundo, lamentar os ter deixado por acabar?

“Não, porque vê que outros estão destinados a concluí-los. Ao contrário, ele trata de influenciar outros Espíritos humanos para que os finalizem. Seu objetivo na Terra era o bem da Humanidade: o mesmo objetivo continua a ter no mundo dos Espíritos.”

315. E o que deixou trabalhos de arte ou de literatura, conserva pelas suas obras o amor que lhes tinha quando vivo?

“De acordo com a sua elevação, aprecia-as de outro ponto de vista e não é raro condene o que maior admiração lhe causava.”

316. No além, o Espírito se interessa pelos trabalhos que se executam na Terra, pelo progresso das artes e das ciências?

“Conforme sua elevação ou missão que possa ter que desempenhar. Muitas vezes, o que lhes parece magnífico é bem pouco para certos Espíritos, que então o admiram, como o sábio admira a obra de um estudante. Atentam apenas no que prove a elevação dos encarnados e seus progressos.”

317. Após a morte, os Espíritos conservam o amor pela pátria?

“O princípio é sempre o mesmo. Para os Espíritos elevados, a pátria é o Universo. Na Terra, a pátria, para eles, está onde se ache o maior número das pessoas que lhes são simpáticas.”

As condições dos Espíritos e as maneiras por que veem as coisas variam ao infinito, de conformidade com os graus de desenvolvimento moral e intelectual em que se achem. Geralmente, os Espíritos de ordem elevada só se aproximam da Terra por breve tempo. Tudo o que aí se faz é tão mesquinho em comparação com as grandezas do infinito; aos olhos deles, são tão infantis as coisas a que os homens dão mais importância, que o nosso mundo quase não oferece nenhum atrativo a eles, a menos que para aí os leve o propósito de contribuírem para o progresso da Humanidade. Os Espíritos de ordem intermédia são os que mais frequentemente baixam a este planeta, se bem considerem as coisas de um ponto de vista mais alto do que quando encarnados. Os Espíritos vulgares, esses são os que aí mais se comprazem e constituem a massa da população invisível do globo terráqueo. Conservam quase que as mesmas ideias, os mesmos gostos e as mesmas inclinações que tinham quando revestidos do invólucro corpóreo. Intrometem-se em nossas reuniões, negócios, divertimentos, nos quais tomam parte mais ou menos ativa, segundo seus caracteres. Não podendo satisfazer às suas paixões, gozam na companhia dos que se entregam a elas e os excitam a cultivá-las. Entre eles, no entanto, há muitos sérios, que veem e observam para se instruírem e aperfeiçoarem.

318. As ideias dos Espíritos se modificam quando na erraticidade?

“Muito; sofrem grandes modificações, à proporção que o Espírito se desmaterializa. Algumas vezes, este pode permanecer longo tempo cheio das ideias que tinha na Terra; mas, pouco a pouco, a influência da matéria diminui e ele vê as coisas com maior clareza. É então que procura os meios de se tornar melhor.”

319. O Espírito já tendo vivido a vida espírita antes da sua encarnação, como se explica o seu espanto ao reingressar no mundo dos Espíritos?

“Isso só se dá no primeiro momento e é efeito da perturbação que se segue ao despertar do Espírito. Mais tarde, ele vai se inteirando da sua condição, à medida que lhe volta a lembrança do passado e que a impressão da vida terrena se lhe apaga.” (Ver a questão 163 e seguintes).

COMEMORAÇÃO DOS MORTOS. FUNERAIS

320. Os Espíritos se sensibilizam com a lembrança daqueles que prestigiava na Terra?

“Muito mais do que vocês podem supor. Se são felizes, esse fato lhes aumenta a felicidade. Se são desgraçados, serve-lhes de conforto.”

321. O dia da comemoração dos mortos é mais solene para os Espíritos do que os outros dias? Alegrem-se em ir ao encontro dos que vão orar nos cemitérios sobre seus túmulos?

“Os Espíritos atendem nesse dia ao chamado dos que da Terra lhes dirigem seus pensamentos, como o fazem em outro dia qualquer.”

a) — Mas o de finados, para eles, é um dia especial de reunião junto de suas sepulturas?

“Nesse dia, em maior número se reúnem nos cemitérios, porque então também é maior, em tais lugares, o monte de pessoas que os chamam pelo pensamento. Porém, cada Espírito vai lá somente pelos seus amigos e não pela multidão dos indiferentes.”

b) — Sob que forma aí comparecem e como os veríamos, se eles pudessem se tornar visíveis?

“Sob a que tinham quando encarnados.”

322. E os esquecidos, cujos túmulos ninguém vai visitar, apesar disso, comparecem também lá e sentem algum pesar por verem que nenhum amigo se lembra deles?

“Que lhes importa a Terra? Só nos achamos presos a ela pelo coração. Desde que aí ninguém mais lhe vota afeição, esse planeta não prende com mais nada o Espírito, que tem para si o Universo inteiro.”

323. A visita de uma pessoa a um túmulo causa maior contentamento ao Espírito, cujos despojos corporais aí se encontrem, do que a prece que por ele faça essa pessoa em sua casa?

“Aquele que visita um túmulo, por essa forma, apenas manifesta que pensa no Espírito ausente. A visita é a representação exterior de um fato íntimo. Já dissemos que a prece é que santifica o ato da rememoração. Nada importa o lugar, desde que é feita com o coração.”

324. Os Espíritos das pessoas a quem se erguem estátuas ou monumentos assistem à inauguração de umas e outros e experimentam algum prazer nisso?

“Muitos comparecem a tais solenidades quando podem; porém, a homenagem que lhes prestam os sensibiliza menos do que a lembrança que os homens guardam deles.”

325. Qual a origem do desejo que certas pessoas exprimem de ser enterradas antes num lugar do que noutro? Será que preferirão, depois de mortas, vir a tal lugar? E essa importância dada a uma coisa tão material constitui indício de inferioridade do Espírito?

“Afeição particular do Espírito por determinados lugares; inferioridade moral. Que importa este ou aquele canto da Terra a um Espírito elevado? Não sabe ele que sua alma se reunirá às dos que lhe são caros, embora fiquem separados os seus respectivos ossos?”

a) — Devemos considerar futilidade a reunião dos despojos mortais de todos os membros de uma família?

“Não; é um costume piedoso e um testemunho de simpatia que dão os que assim procedem aos que lhes foram entes queridos. Mesmo que destituída de importância para os Espíritos, essa reunião é útil aos homens: suas recordações se tornam mais concentradas.”

326. De volta à vida espiritual, os Espíritos se comovem com as homenagens prestadas aos seus despojos carnis?

“Quando já subiu a certo grau de perfeição, o Espírito se acha livre de vaidades terrenas e compreende a futilidade de todas essas coisas. Porém, fiquem sabendo, há Espíritos que, nos primeiros momentos que se seguem à sua morte material, experimentam grande prazer com as honras que lhes tributam, ou se aborrecem com o pouco caso que façam de seus envoltórios corporais. É que ainda conservam alguns dos preconceitos desse mundo.”

327. O Espírito assiste ao seu enterro?

“Frequentemente assiste, mas, algumas vezes, se ainda está perturbado, não percebe o que se passa.”

a) — Lisonjeia-o a concorrência de muitas pessoas ao seu enterramento?

“Mais ou menos, conforme o sentimento que as anima.”

328. O Espírito daquele que acaba de morrer assiste à reunião de seus herdeiros?

“Quase sempre. Para seu ensinamento e castigo dos culpados, Deus permite que assim aconteça. Nessa ocasião, o Espírito julga do valor dos protestos que lhe faziam. Todos os sentimentos se lhe expõem e a decepção que lhe causa a ganância dos que entre si partilham os bens por ele deixados o esclarece acerca daqueles sentimentos. Mas, chegará a vez dos que lhe motivam essa decepção.”

329. O instintivo respeito que, em todos os tempos e entre todos os povos, o homem consagrou e consagra aos mortos é efeito da intuição que tem da vida futura?

“É a consequência natural dessa intuição. Se assim não fosse, esse respeito não teria nenhuma razão de ser.”

CAPÍTULO VII

DA VOLTA DO ESPÍRITO À VIDA CORPORAL

- PRELÚDIO DA VOLTA
- UNIÃO DO CORPO E DA ALMA
- FACULDADES MORAIS E INTELECTUAIS DO HOMEM
- INFLUÊNCIA DO ORGANISMO
- IDIOTISMO, LOUCURA
- A INFÂNCIA
- SIMPATIA E ANTIPATIA TERRENAS
- ESQUECIMENTO DO PASSADO

PRELÚDIO DA VOLTA

330. Os Espíritos sabem em que época reencarnarão?

“Pressentem, como sucede ao cego que se aproxima do fogo. Sabem que têm de retomar um corpo, como sabe que tem de morrer um dia, mas ignoram quando isso se dará.” (ver questão 166)

a) — Então, a reencarnação é uma necessidade da vida espírita, como a morte o é da vida corporal?

“Certamente; assim é.”

331. Todos os Espíritos se preocupam com a sua reencarnação?

“Há muitos que não pensam nisso, que nem sequer a compreendem. Depende de estarem mais ou menos adiantados. Para alguns, a incerteza em que se acham do futuro que os aguarda constitui punição.”

332. O Espírito pode apressar ou retardar o momento da sua reencarnação?

“Pode apressá-lo, atraindo-o por um desejo ardente. Pode igualmente distanciá-lo, recuando diante da prova, pois entre os Espíritos também há covardes e indiferentes. Porém, nenhum procede assim impunemente, visto que sofre por isso, como aquele que recusa o remédio capaz de curá-lo.”

333. Considerando-se bastante feliz, numa condição mediana entre os Espíritos errantes e, conseqüentemente, não ambicionasse elevar-se, poderia um Espírito prolongar esse estado indefinidamente?

“Indefinidamente, não. Cedo ou tarde o Espírito sente a necessidade de progredir. Todos têm que se elevar; esse é o destino de todos.”

334. Há predestinação na união da alma com um determinado corpo, ou só de última

hora é feita a escolha do corpo que ela tomará?

“O Espírito é sempre designado de antemão. Tendo escolhido a prova a que queira submeter-se, pede para encarnar. Ora, Deus, que tudo sabe e vê, já antecipadamente sabia e vira que tal Espírito se uniria a tal corpo.”

335. Cabe ao Espírito a escolha do corpo em que vai encarnar, ou somente a do tipo de vida que lhe sirva de prova?

“Pode também escolher o corpo, pois para o Espírito as imperfeições corporais ainda serão provas que lhe auxiliarão o progresso, se vencer os obstáculos que lhe oponha. Contudo, nem sempre lhe é permitida a escolha do seu invólucro corpóreo; mas, simplesmente, o direito de pedir que seja tal ou qual.”

a) — À última hora, o Espírito poderia recusar tomar o corpo por ele escolhido?

“Se recusasse, sofreria muito mais do que aquele que não tentasse prova alguma.”

336. Poderia ocorrer não haver Espírito que aceitasse encarnar numa criança que tivesse de nascer?

“Deus a isso proveria. Quando uma criança tem que nascer vital, está predestinada sempre a ter uma alma. Nada se cria sem que à criação presida um desígnio.”

337. A união do Espírito a determinado corpo pode ser imposta por Deus?

“Certo, do mesmo modo que as diferentes provas, principalmente quando o Espírito ainda não está apto a proceder a uma escolha com conhecimento de causa. Por expiação, o Espírito pode ser constrangido a se unir ao corpo de determinada criança que, pelo seu nascimento e pela posição que venha a ocupar no mundo, se torne instrumento de castigo para ele.”

338. Se acontecesse que muitos Espíritos se apresentassem para tomar determinado corpo destinado a nascer, o que decidiria sobre a qual deles pertenceria o corpo?

“Muitos podem pedi-lo; mas, em tal caso, Deus é quem julga qual o mais capaz de desempenhar a missão a que a criança se destina. Porém, como já eu disse, o Espírito é designado antes que soe o instante em que haja de unir-se ao corpo.”

339. No momento de encarnar, o Espírito sofre perturbação semelhante à que experimenta ao desencarnar?

“Muito maior e sobretudo mais longa. Pela morte, o Espírito sai da escravidão; pelo nascimento, entra para ela.”

340. É solene para o Espírito o instante da sua encarnação? Ele pratica esse ato considerando-o grande e importante?

“Procede como o viajante que embarca para uma travessia perigosa e que não sabe se encontrará ou não a morte nas ondas que se decide a afrontar.”

O viajante que embarca sabe a que perigo se lança, mas não sabe se naufragará. O mesmo se dá com o Espírito: conhece o tipo das provas a que se submete, mas não sabe se sucumbirá. Para o Espírito, assim como a morte do corpo é uma espécie de renascimento, a reencarnação é uma espécie de morte, ou melhor, de exílio, de clausura. Ele deixa o mundo dos Espíritos pelo mundo corporal, como o homem deixa este mundo por aquele. Sabe que reencarnará, como o homem sabe que morrerá. Mas, como este com relação à morte, o Espírito só tem consciência de que vai reencarnar no instante supremo, quando chegou o momento predestinado. Então, igual a um homem em agonia, ele é tomado por uma perturbação, que se prolonga até que a nova existência se ache positivamente encetada. À aproximação do momento de reencarnar, ele sente uma espécie de agonia.

341. Na incerteza sobre as eventualidades do seu triunfo nas provas que vai suportar na vida, o Espírito tem ansiedade antes da sua encarnação?

“Grande ansiedade, pois as provas da sua existência podem fazê-lo se atrasar ou avançar, conforme as suporte.”

342. No momento de reencarnar, o Espírito se acha acompanhado de outros Espíritos amigos seus, que vêm assistir à sua partida do mundo incorpóreo, como vêm recebê-lo quando para lá volta?

“Depende da esfera a que pertença. Se já está em uma onde reina a afeição, os Espíritos que lhe querem bem o acompanham até ao último momento, animam e muitas vezes até mesmo lhe seguem os passos pela vida afora.”

343. Os que vemos, em sonho, que nos testemunham afeto e que se apresentam a nós com semblantes desconhecidos, são alguma vez os Espíritos amigos que nos seguem os passos na vida?

“Muito frequentemente são eles que vêm lhes visitar, como vocês vão visitar um encarcerado.”

UNIÃO DA ALMA E DO CORPO

344. Em que momento a alma se une ao corpo?

“A união começa na concepção, mas só se completa por ocasião do nascimento. Desde o instante da concepção, o Espírito escolhido para habitar certo corpo se liga a este por um laço fluídico, que vai cada vez mais se apertando até ao instante em que a criança vê a luz. O grito que o recém-nascido solta anuncia que ela se conta no número dos vivos e dos servos de Deus.”

345. A união do Espírito com o corpo é definitiva desde o momento da concepção? Durante esta primeira fase, o Espírito poderia renunciar a habitar o corpo que lhe está destinado?

“A união é definitiva, no sentido de que outro Espírito não poderia substituir o que está designado para aquele corpo. Mas, como os laços que o prendem ao corpo são ainda muito fracos, rompem-se facilmente e podem se quebrar por vontade do Espírito, se este recua diante da prova que escolheu. Porém, em tal caso a criança não nasce.”

346. O que o Espírito faz se o corpo que ele escolheu morre antes de se verificar o nascimento?

“Escolhe outro.”

a) — Qual a utilidade dessas mortes prematuras?

“São as imperfeições da matéria, na maioria das vezes, a causa dessas mortes.” ⁴⁹

347. Que utilidade um Espírito encontrará na sua encarnação em um corpo que morre poucos dias depois de nascido?

“O ser não tem então consciência plena da sua existência. Assim, a importância

⁴⁹ Seguimos a risca a tradução dessa questão, de acordo com o texto original, mas, comparando a resposta com a pergunta formulada, parece-nos que a indagação de Kardec seria sobre a causa das mortes prematuras, e não sobre a sua utilidade, indagação essa apresentada na questão seguinte — N. E.

da morte é quase nenhuma. Conforme já dissemos, o que há nesses casos de morte prematura é uma prova para os pais.”

348. O Espírito sabe previamente que o corpo de sua escolha não tem chance de viver?

“Sabe, algumas vezes; mas, se por isso escolheu tal circunstância, isso significa que está fugindo à prova.”

349. Quando a encarnação de um Espírito falha por qualquer causa, ela é suprida imediatamente por outra existência?

“Nem sempre o é imediatamente. É necessário dar tempo ao Espírito para proceder a nova escolha, a menos que a reencarnação imediata corresponda a anterior determinação.”

350. Uma vez unido ao corpo da criança e quando já lhe não é possível voltar atrás, sucede alguma vez o Espírito lamentar a escolha que fez?

“Quer saber se, como homem, se queixa da vida que tem? Se desejaria que fosse outra? Sim. Caso se arrependa da escolha que fez? Não, pois não sabe ter sido sua a escolha. Depois de encarnado, o Espírito não pode lastimar uma escolha de que não tem consciência. Entretanto, pode achar pesada demais a carga e considerá-la superior às suas forças. É quando isso acontece que recorre ao suicídio.”

351. No intervalo entre a concepção e o nascimento, o Espírito goza de todas as suas capacidades?

“Mais ou menos, conforme o ponto dessa fase, em que se ache, pois ainda não está encarnado, mas apenas ligado. A partir do instante da concepção, o Espírito começa a ser tomado de perturbação, que o adverte de que lhe soou o momento de começar nova existência corpórea. Essa perturbação cresce de contínuo até ao nascimento. Nesse intervalo, seu estado é quase idêntico ao de um Espírito encarnado durante o sono. À medida que a hora do nascimento se aproxima, suas ideias se apagam, assim como a lembrança do passado, do qual deixa de ter consciência na condição de homem, logo que entra na vida. Contudo, essa lembrança lhe volta pouco a pouco ao retornar ao estado de Espírito.”

352. O Espírito recupera a plenitude dos seus sentidos imediatamente ao nascer?

“Não, elas se desenvolvem gradualmente com os órgãos. O Espírito se acha numa existência nova; é preciso que aprenda a usar os instrumentos de que dispõe. As ideias lhe voltam pouco a pouco, como a uma pessoa que desperta e se vê em situação diversa da que ocupava na véspera.”

353. Não sendo completa a união do Espírito ao corpo, não estando definitivamente consumada, senão depois do nascimento, poderíamos considerar o feto como dotado de alma?

“De certo modo o Espírito que o vai animar existe fora dele. Então, o feto não tem uma alma, propriamente falando, visto que a encarnação está apenas em via de operar-se. Entretanto, acha-se ligado à alma que virá a possuir.”

354. Como se explica a vida intrauterina?

“É a da planta que vegeta. A criança vive vida animal. O homem tem a vida vegetal e a vida animal que, pelo seu nascimento, se completam com a vida espiritual.”

355. Há, de fato, como o indica a Ciência, crianças que já no seio materno não têm

chances de vida? Com que objetivo ocorre isso?

“Frequentemente isso se dá e Deus o permite como prova, tanto para os pais do nascituro, quanto para o Espírito designado a tomar lugar entre os vivos.”

356. Entre os natimortos [crianças que nascem mortas] haverá alguns que não tenham sido destinados à encarnação de nenhum Espírito?

“Alguns há, efetivamente, a cujos corpos nunca nenhum Espírito esteve destinado. Nada tinha que se efetuar para eles. Tais crianças então só vêm por seus pais.”

a) — Um ser dessa natureza pode chegar a nascer?

“Algumas vezes; mas não vive.”

b) Segue-se daí que toda criança que vive após o nascimento obrigatoriamente tem um Espírito encarnado em si?

“Que seria ela se não fosse assim? Não seria um ser humano.”

357. Que consequências o aborto tem para o Espírito?

“É uma existência invalidada e que ele terá de recomençar.”

358. A provocação do aborto é um crime, em qualquer período da gestação?

“Há crime sempre que transgredis a lei de Deus. Uma mãe, ou quem quer que seja, cometerá crime sempre que tirar a vida a uma criança antes do seu nascimento, por isso que impede uma alma de passar pelas provas a que serviria de instrumento o corpo que se estava formando.” ⁵⁰

359. Dado o caso que o nascimento da criança pusesse em perigo a vida da mãe dela, haverá crime em sacrificar a criança para salvar a mãe?

“É preferível que se sacrifique o ser que ainda não existe a sacrificar o que já existe.”

360. Será racional darmos ao feto as mesmas atenções que damos ao corpo de uma criança que viveu algum tempo?

“Vejam em tudo isso a vontade e a obra de Deus. Então, não tratem desatenciosamente coisas que devem respeitar. Por que não respeitar as obras da criação, algumas vezes incompletas por vontade do Criador? Tudo ocorre segundo os desígnios de Deus e ninguém é chamado para ser seu juiz.”

FACULDADES MORAIS E INTELECTUAIS DO HOMEM

361. Qual a origem das qualidades morais, boas ou más, do homem?

“São as do Espírito nele encarnado. Quanto mais puro é esse Espírito, tanto mais propenso ao bem é o homem.”

a) — É por isso que o homem de bem é a encarnação de um bom Espírito e o homem vicioso a encarnação de um Espírito mau?

“Sim, mas, prefira dizer que o homem vicioso é a encarnação de um Espírito imperfeito, pois, do contrário, poderia crer na existência de Espíritos sempre maus, a quem vocês chamam de demônios.”

⁵⁰ Ver na resposta à questão seguinte a exceção assinalada pelos Espíritos — N. E.

362. Qual o caráter dos indivíduos em que encarnam Espíritos desajuizado e levianos?
 “São indivíduos extravagantes, maliciosos e, não raro, criaturas malvadas.”

363. Os Espíritos têm paixões de que não pertençam à Humanidade?
 “Não, que, de outro modo, eles teriam revelado.”

364. O mesmo Espírito dá ao homem as qualidades morais e as da inteligência?
 “Certamente e isso em virtude do grau de adiantamento a que se haja elevado. O homem não tem em si dois Espíritos.”

365. Por que é que alguns homens muito inteligentes — o que indica serem encarnações de Espíritos superiores — são ao mesmo tempo profundamente viciosos?

“É que os Espíritos encarnados nesses homens não são ainda bastante puros, e por isso, cedem à influência de outros Espíritos mais imperfeitos. O Espírito progride em insensível marcha crescente, mas o progresso não se efetua simultaneamente em todos os sentidos. Durante um período da sua existência, ele se adianta em ciência; durante outro, em moralidade.”

366. Que se deve pensar da opinião dos que pretendem que as diferentes capacidades intelectuais e morais do homem resultam de outros tantos Espíritos encarnados neles, diferentes entre si, cada um com uma aptidão especial?

“Refletindo, reconhecerão que essa ideia é absurda. O Espírito tem que ter todas as aptidões. Para progredir, precisa de uma vontade única. Se o homem fosse uma mistura de Espíritos, essa vontade não existiria e ele careceria de individualidade, pois que, por sua morte, todos aqueles Espíritos formariam um bando de pássaros escapados da gaiola. O homem quase sempre se queixa de não compreender certas coisas e, no entanto, é curioso ver como multiplica as dificuldades, quando tem ao seu alcance explicações muito simples e naturais. Ainda neste caso tomam o efeito pela causa. Fazem, com relação à criatura humana, o que faziam os pagãos, com relação a Deus, acreditando em tantos deuses quantos eram os fenômenos no Universo — se bem que as pessoas sensatas, com eles coexistentes, apenas viam em tais fenômenos efeitos vindos de uma única causa: Deus.”

O mundo físico e o mundo moral nos oferecem vários pontos de semelhança a este respeito. Enquanto se detiveram na aparência dos fenômenos, os cientistas acreditaram que a matéria fosse múltipla. Hoje, compreendemos ser bem possível que tão variados fenômenos consistam apenas em modificações da matéria elementar única. As diversas aptidões são manifestações de uma mesma causa, que é a alma, ou do Espírito encarnado, e não de muitas almas, exatamente como os diferentes sons do órgão, os quais procedem todos do ar e não de tantas espécies de ar, quantos os sons. De semelhante teoria decorreria que, quando um homem perde ou adquire certas aptidões, certos pendores, isso significaria que outros tantos Espíritos teriam vindo habitá-lo ou o teriam deixado, o que o tornaria um ser múltiplo, sem individualidade e, conseqüentemente, sem responsabilidade. Acresce que o contradizem numerosíssimos exemplos de manifestações de Espíritos, em que estes provam suas personalidades e identidade.

INFLUÊNCIA DO ORGANISMO

367. Unindo-se ao corpo, o Espírito se identifica com a matéria?

“A matéria é apenas o envoltório do Espírito, como a roupa é do corpo. Unindo-se a este, o Espírito conserva os atributos da natureza espiritual.”

368. Após sua união com o corpo, o Espírito exerce com liberdade plena suas habilidades?

“O exercício das habilidades depende dos órgãos que lhes servem de instrumento e a grosseria da matéria as enfraquece.”

a) — Assim, o invólucro material é obstáculo à livre manifestação das faculdades do Espírito, como um vidro opaco é uma barreira à livre irradiação da luz?

“É, como vidro muito opaco.”

Podemos comparar a ação que a matéria grosseira exerce sobre o Espírito à de um charco lodoso sobre um corpo mergulhado nele, ao qual tira a liberdade dos movimentos.

369. O livre exercício das capacidades da alma depende do desenvolvimento dos órgãos?

“Os órgãos são os instrumentos da manifestação das capacidades da alma, manifestação que depende do desenvolvimento e do grau de perfeição dos órgãos, como a excelência de um trabalho o está à da ferramenta própria à sua execução.”

370. Da influência dos órgãos podemos concluir a existência de uma relação entre o desenvolvimento dos do cérebro e o das capacidades morais e intelectuais?

“Não confundam o efeito com a causa. O Espírito dispõe sempre das capacidades que lhe são próprias. Ora, não são os órgãos que dão as capacidades, e sim estas que impulsionam o desenvolvimento dos órgãos.”

a) — Deveríamos deduzir daí que a diversidade das aptidões entre os homens deriva unicamente do estado do Espírito?

“Unicamente, o termo não exprime com toda a exatidão o que ocorre. O princípio dessa diversidade reside nas qualidades do Espírito, que pode ser mais ou menos adiantado. Porém, devemos levar em conta a influência da matéria, que mais ou menos lhe limita o exercício de suas faculdades.”

Uma vez encarnando, o Espírito traz certas predisposições e, ao admitirmos que a cada uma corresponda no cérebro um órgão, o desenvolvimento desses órgãos será efeito e não causa. Se o princípio das faculdades estivesse nos órgãos, o homem seria máquina sem livre-arbítrio e sem a responsabilidade de seus atos. Seríamos obrigados então a admitir que os maiores gênios, os sábios, os poetas, os artistas, só o são porque o acaso lhes deu órgãos especiais, donde se seguiria que, sem esses órgãos, não teriam sido talentosos e que, assim, o maior dos imbecis poderia ter sido um Isaac Newton⁵¹, um Virgílio⁵², ou um Rafael⁵³, desde que de certos órgãos se achassem providos. Ainda mais absurda se mostra semelhante hipótese, se a aplicarmos às qualidades morais. Efetivamente, segundo esse sistema, um Vicente de Paulo, se a Natureza o dotara de tal ou tal órgão, teria podido ser um celerado e o maior dos celerados não precisaria senão de um certo órgão para ser um Vicente de Paulo. Admita-se, ao contrário, que os órgãos especiais, dado existam, são consequentes, que se desenvolvem por efeito do exercício da faculdade, como os músculos por efeito do movimento, e a nenhuma conclusão irracional se chegará. Sirvamo-nos de uma comparação, trivial à força de ser verdadeira. Por alguns sinais fisionômicos se reconhece que um homem tem o vício da embriaguez. Serão esses sinais que fazem dele um ébrio, ou será a ebriedade que nele imprime aqueles sinais? Pode dizer-se que os órgãos recebem o cunho das faculdades.

IDIOTISMO, LOUCURA

371. A ideia de que a alma dos deficientes mentais⁵⁴ é de natureza inferior tem algum

⁵¹ **Issac Newton** (1642-1727): renomado cientista inglês — N. E.

⁵² **Virgílio** (71 a 19 a. C.): o grande poeta latino, autor do clássico “ENEIDA” – N. E.

⁵³ **Rafael Sanzio** (1483-1520): renomado pintor, escultor e arquiteto italiano – N. E.

⁵⁴ No original, Kardec usou os termos científicos próprios da sua época para designar o que trataremos aqui como **deficiência mental** (patologia de ordem física, no caso, da massa cerebral, que embaraça as capacidades

fundamento?

“Nenhum fundamento. Eles trazem almas humanas, não raro mais inteligentes do que vocês supõem, mas que sofrem da insuficiência dos meios que tem para se comunicar, da mesma forma que o mudo sofre da impossibilidade de falar.”

372. Qual o objetivo da Providência criando seres infelizes como os deficientes mentais?

“Os Espíritos que habitam corpos de deficientes mentais são sujeitos a uma punição. Sofrem por efeito do constrangimento que experimentam e da impossibilidade em que estão de se manifestarem mediante órgãos não desenvolvidos ou desarranjados.”

a) — É certo dizer que os órgãos nada influem sobre as capacidades?

“Nunca dissemos que os órgãos não têm influência. Eles têm uma influência muito grande sobre a manifestação das faculdades, mas não são a origem destas. Aqui está a diferença. Um músico excelente usando um instrumento defeituoso não produzirá boa música, mas não deixa de ser bom músico.”

É preciso distinguir o estado normal do estado patológico. No primeiro, o moral vence os obstáculos que a matéria lhe opõe. Porém, há casos em que a matéria oferece tal resistência que as manifestações anímicas⁵⁵ ficam bloqueadas ou desnaturadas, como nos de deficiência mental e de loucura. São casos patológicos e, como a alma nesse estado não goza de toda a sua liberdade, a própria lei humana a isenta da responsabilidade de seus atos.

373. Qual será o mérito da existência de seres como os deficientes mentais que, não podendo fazer o bem nem o mal, se acham incapacitados de progredir?

“É uma expiação decorrente do abuso que fizeram de certas faculdades. É um estacionamento temporário.”

a) — Assim o corpo de um deficiente mental pode conter um Espírito que tenha animado um homem sábio em existência passada?

“Certamente. Às vezes, a genialidade se torna um flagelo, quando o homem abusa dela.”

A superioridade moral nem sempre guarda proporção com a superioridade intelectual e os grandes gênios podem ter muito que expiar. Daí, frequentemente, lhes resulta uma existência inferior à que tiveram e uma causa de sofrimentos. Os embaraços que o Espírito encontra para suas manifestações se lhe assemelham às algemas que afligem os movimentos a um homem vigoroso. Podemos dizer que os deficientes mentais são estropiados do cérebro, como o coxo o é das pernas e o cego é dos olhos.

374. Na condição de Espírito livre, o deficiente mental tem consciência do seu estado mental?

“Frequentemente tem. Compreende que as cadeias que lhe distanciam ao voo são por prova e expiação.”

375. Qual a situação do Espírito no estado de loucura?

“O Espírito, quando em liberdade, recebe diretamente suas impressões e diretamente exerce sua ação sobre a matéria. Porém, quando encarnado, ele se encontra em condições muito diversas e na condição de só o fazer com o auxílio de órgãos especiais. Se uma parte ou o conjunto de tais órgãos for alterado, sua ação ou

intelectuais), por exemplo, **cretinismo** e **idiotismo**. Portanto, ao invés da tradução literal para **cretino** e **idiota**, usaremos simplesmente **deficientes mentais** — N. E.

⁵⁵ **Anímica**: da alma, do Espírito – N. E.

impressões, no que diz respeito a esses órgãos, ficam interrompidas. Se perde os olhos, fica cego; sem o ouvido, torna-se surdo, etc. Imagina agora que seja o órgão — que preside às manifestações da inteligência — o atacado ou modificado, parcial ou inteiramente, e fácil te será compreender que, o Espírito só tendo a seu serviço órgãos incompletos ou alterados, uma perturbação resultará de que ele, por si mesmo e no seu foro íntimo, tem perfeita consciência, mas cujo curso não lhe está nas mãos deter.”

a) — Então, o desorganizado é sempre o corpo e não o Espírito?

“Exatamente; mas, convém lembrar que, assim como o Espírito atua sobre a matéria, também esta reage sobre ele, dentro de certos limites, e que pode acontecer que o Espírito fique temporariamente impressionado com a alteração dos órgãos pelos quais se manifesta e recebe as impressões. Pode mesmo suceder que, com a continuação, durando longo tempo a loucura, a repetição dos mesmos atos acabe por exercer sobre o Espírito uma influência, de que ele somente se libertará depois de se haver libertado de toda impressão material.”

376. Por que algumas vezes a loucura leva o homem ao suicídio?

“O Espírito sofre pelo constrangimento em que se acha e pela impossibilidade em que se vê de se manifestar livremente, por isso procura na morte um meio de quebrar seus laços.”

377. Depois da morte, o Espírito do alienado sente o desarranjo de suas faculdades?

“Pode ressentir-se, durante algum tempo após a morte, até que se desligue completamente da matéria, como o homem que desperta se ressente, por algum tempo, da perturbação em que o sono lhe lançou.”

378. De que modo a alteração do cérebro reage sobre o Espírito depois da morte?

“Como uma recordação. Um peso oprime o Espírito e, como ele não teve a compreensão de tudo o que se passou durante a sua loucura, sempre se faz necessário certo tempo a fim de ter compreensão de tudo. Por isso é que, quanto mais durar a loucura no curso da vida terrena, tanto mais lhe durará a incerteza, o constrangimento, depois da morte. Liberto do corpo, o Espírito se ressente por algum tempo da impressão dos laços que àquele o prendiam.”

A INFÂNCIA

379. É tão desenvolvido, quanto o de um adulto, o Espírito que anima o corpo de uma criança?

“Pode até ser mais, se mais progrediu. Apenas a imperfeição dos órgãos infantis o impede de se manifestar. Ele age conforme o instrumento de que dispõe.”

380. Tirando o obstáculo que a imperfeição dos órgãos impõe à sua livre manifestação, o Espírito, numa criancinha, pensa como criança ou como adulto?

“Quando é criança, é natural que os órgãos da inteligência, não estando desenvolvidos, não possam lhe dar toda a intuição de um adulto; ele tem, de fato, a inteligência bastante limitada, enquanto a idade faz amadurecer sua razão. A perturbação que acompanha a encarnação não cessa subitamente no momento do nascimento; ela somente se dissipa gradualmente, com o desenvolvimento dos órgãos.”

Há um fato de observação que apoia esta resposta. Os sonhos não apresentam numa criança o caráter dos de um adulto. É quase sempre ingênuo o objeto dos sonhos infantis, o que indica de que natureza são as preocupações do respectivo Espírito.

381. Pela morte da criança, o Espírito readquire imediatamente o seu precedente vigor?

“Assim tem que ser, pois que se vê desembaraçado de seu invólucro corporal. Entretanto, só readquire a lucidez anterior quando se tenha completamente separado daquele envoltório, isto é, quando não exista mais nenhum laço entre ele e o corpo.”

382. Durante a infância, o Espírito encarnado sofre em consequência do constrangimento que a imperfeição dos órgãos lhe impõe?

“Não. Esse estado corresponde a uma necessidade, está na ordem da natureza e de acordo com as vistas da Providência. É um período de repouso do Espírito.”

383. Qual a utilidade para o Espírito passar pelo estado de infância?

“Com o objetivo de se aperfeiçoar, o Espírito encarnado durante período da infância é mais acessível às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que os encarregados de educá-lo devem contribuir.”

384. Por que o choro é a primeira manifestação da criança ao nascer?

“Para estimular o interesse da genitora e provocar os cuidados de que precisa. Não é evidente que se suas manifestações fossem todas de alegria, quando ainda não sabe falar, pouco se inquietariam os que o cercam com os cuidados que lhe são indispensáveis? Admirai, pois, em tudo a sabedoria da Providência.”

385. Qual o motiva da mudança que se opera no caráter do indivíduo em certa idade, especialmente ao sair da adolescência? É que o Espírito se modifica?

“É que o Espírito retoma a natureza que lhe é própria e se mostra como era. Vocês não conhecem o que se esconde na inocência das crianças. Não sabem o que elas são, nem o que o foram, nem o que serão. Contudo, têm afeição a elas, acariciando-as, como se fossem parcelas de vocês mesmos, a tal ponto que se considera o amor que uma mãe consagra a seus filhos como o maior amor que um ser possa votar a outro. De onde nasce o meigo afeto, a benevolência carinhosa que mesmo os estranhos sentem por uma criança? Sabem? Não. Pois bem! Vou lhes explicar:

“As crianças são os seres que Deus manda a novas existências. Ele lhes dá todos os aspectos da inocência para que não lhe possam atribuir rigor excessivo. Ainda quando se trata de uma criança de maus pendoros, as más ações são encobertas com a capa da inconsciência. Essa inocência não constitui superioridade real com relação ao que eram antes, não. É a imagem do que deveriam ser e, se não o são, o consequente castigo exclusivamente sobre elas recai.

“Entretanto, não foi por elas somente que Deus lhes deu esse aspecto de inocência; também foi sobretudo por seus pais, de cujo amor necessita a fraqueza que as caracteriza. Ora, esse amor se enfraqueceria grandemente à vista de um caráter áspero e intratável, ao passo que, os pais, julgando que seus filhos são bons e dóceis, lhes dedicam toda a afeição e os cercam dos mais minuciosos cuidados. Porém, desde que os filhos não mais precisam da proteção e assistência que lhes foram dispensadas durante quinze ou vinte anos, surge-lhes o caráter real e individual em toda a clareza. Conservam-se bons, se eram fundamentalmente bons; mas, sempre aparecem as características que a primeira infância escondeu. Como podem ver, os processos de Deus são sempre os melhores e, quando se tem o coração puro, facilmente se compreende a explicação.

“Com efeito, imaginem que em seus lares possivelmente nascem crianças cujos

Espíritos vêm de mundos onde contraíram hábitos diferentes dos de vocês e me digam como poderiam estar no seu meio esses seres, trazendo paixões diversas das que alimentam, inclinações, gostos, inteiramente opostos aos seus; como poderiam enfileirar-se entre aí, senão como Deus o determinou, isto é, passando pelo crivo da infância? Nisso se confundem todas as ideias, todos os caracteres, todas as variedades de seres gerados pela infinidade dos mundos em que crescem as criaturas. E vocês mesmos, ao morrerem, se acharão num estado que é uma espécie de infância entre novos irmãos. Ao voltarem à existência extraterrena, ignorarão os hábitos, os costumes, as relações que se observam nesse mundo novo para vocês. Manejarão com dificuldade uma linguagem a que não estão acostumados a falar, linguagem mais viva do que o é agora o seu pensamento (veja a questão 319).

“A infância ainda tem outra utilidade: os Espíritos só entram na vida corporal para se aperfeiçoarem, para se melhorarem e a delicadeza da idade infantil os torna brandos, acessíveis aos conselhos da experiência e dos que devam fazê-los progredir. É nessa fase é que podemos reformar suas características e reprimir seus maus pendores. Tal o dever que Deus impôs aos pais, missão sagrada de que terão de dar contas.

“Assim, a infância não é só útil, necessária, indispensável, mas também consequência natural das leis que Deus estabeleceu e que regem o Universo.”

SIMPATIA E ANTIPATIA TERRENAS

386. Dois seres que se conheceram e se estimaram podem se encontrar noutra existência corporal e se reconhecer?

“Reconhecer-se, não, mas podem se sentir atraídos um para o outro. E, frequentemente, não é outra a causa de íntimas ligações fundadas em sincera afeição. Um do outro dois seres se aproximam devido a circunstâncias aparentemente acidentais, mas que na realidade resultam da atração de dois Espíritos que se buscam reciprocamente por entre a multidão.”

a) — Não seria mais agradável elas se reconhecerem?

“Nem sempre; a recordação das existências passadas teria inconvenientes maiores do que imaginam. Depois de mortos, se reconhecerão e saberão que tempo passaram juntos.” (ver 392)

387. A simpatia tem sempre por princípio um conhecimento anterior?

“Não. Dois Espíritos que se sintonizam bem naturalmente se procuram um ao outro, sem que se tenham conhecido como homens.”

388. Os encontros, que costumam ocorrer entre algumas pessoas e que comumente se atribuem ao acaso, não serão efeito de certa relação de simpatia?

“Entre os seres pensantes há ligação que ainda não conhecem. O magnetismo é o piloto desta ciência, que mais tarde vocês compreenderão melhor.”

389. E a repulsão instintiva que se experimenta por algumas pessoas, donde se origina?

“São Espíritos antipáticos que se adivinham e se reconhecem, sem se falarem.”

390. A antipatia instintiva é sempre sinal de natureza má?

“De não simpatizarem um com o outro, não se segue que dois Espíritos sejam necessariamente maus. A antipatia entre eles pode derivar de diversidade no modo de

pensar, mas, na proporção que em se elevam, essa divergência irá desaparecendo e a antipatia deixará de existir.”

391. A antipatia entre duas pessoas nasce primeiramente da parte do Espírito mais atrasado ou do mais evoluído?

“Tanto num como no outro, mas as causas e os efeitos são distintos nas duas. Um Espírito atrasado antipatiza com quem quer que o possa julgar e desmascarar. Ao ver pela primeira vez uma pessoa, logo sabe que vai ser censurado. Seu afastamento dessa pessoa se transforma em ódio, em inveja e lhe inspira o desejo de praticar o mal. O Espírito mais evoluído sente repulsão pelo mau, por saber que este não o compreenderá e porque os seus sentimentos são diferentes dos dele. Entretanto, consciente da sua superioridade, não alimenta ódio, nem inveja contra o outro. Limita-se a evitá-lo e a lastimá-lo.”

ESQUECIMENTO DO PASSADO

392. Por que o Espírito encarnado perde a lembrança do seu passado?

“O homem não pode e nem deve, saber tudo. Deus assim o quer em sua sabedoria. Sem o véu que lhe oculta certas coisas, ficaria ofuscado, como quem, sem transição, saísse do escuro para o claro. Esquecido de seu passado ele é mais senhor de si.”

393. Como o homem pode ser responsável por atos e resgatar faltas de que não se lembra? Como pode aproveitar da experiência de vidas de que se esqueceu? Poderia se imaginar que se as dificuldades da vida lhe servissem de lição se recordasse do que as tenha ocasionado. Mas, desde que não se recorda, cada existência para ele é como se fosse a primeira e eis que então está sempre a recomençar. Como conciliar isto com a justiça de Deus?

“Em cada nova existência, o homem dispõe de mais inteligência e melhor pode distinguir o bem do mal. Onde estaria o seu mérito ao se lembrar de todo o passado? Quando o Espírito volta à vida anterior (a vida espírita), diante dos seus olhos se estende toda a sua vida passada. Vê as faltas que cometeu e que deram causa ao seu sofrer, assim como de que modo as teria evitado. Reconhece que é justa a situação em que se acha e busca então uma existência capaz de reparar a que vem de transcorrer. Escolhe provas iguais às de que não soube aproveitar, ou as lutas que considere apropriadas ao seu adiantamento e pede a Espíritos que lhe são superiores que o ajudem na nova empreitada que toma para si, ciente de que o Espírito que lhe for dado por guia nessa outra existência se esforçará pelo levá-lo a reparar suas faltas, dando-lhe uma espécie de intuição das que cometeu. Essa intuição está no pensamento, no desejo maldoso que frequentemente assalta a vocês e a que instintivamente resistem, muitas vezes atribuindo essa resistência aos princípios que receberam de seus pais, quando é a voz da consciência que lhes fala. Essa voz, que é a lembrança do passado, lhes adverte para que não caiam nas faltas de que já fizeram culpados. Em a nova existência, se sofre com coragem aquelas provas e resiste, o Espírito se eleva e ascende na hierarquia dos Espíritos, ao voltar para o meio deles.”

É certo que, durante a vida corpórea, não temos lembrança exata do que fomos e do que fizemos em anteriores existências; mas temos a intuição de tudo isso, sendo as nossas tendências instintivas uma reminiscência do passado. E a nossa consciência — que é o desejo que experimentamos de não reincidir nas faltas já cometidas — nos concita à resistência àqueles pendores.

394. Nos mundos mais elevados do que a Terra, onde os que os habitam não se veem premidos pelas necessidades físicas, pelas enfermidades que nos afligem, os homens compreendem que são mais felizes do que nós? Em geral, a felicidade é relativa. Nós a sentimos mediante comparação com um estado menos feliz. Visto que em suma, alguns desses mundos, se bem melhores do que o nosso, ainda não atingiram o estado de perfeição, seus habitantes devem ter motivos de desgostos, embora de gênero diverso dos nossos. Entre nós, o rico — que não sofre as angústias das necessidades materiais como o pobre —, nem por isso se acha isento de tribulações, que tornam a sua vida amarga. Pergunto então: na situação em que se encontram, os habitantes desses mundos não se consideram tão infelizes quanto nós, na vida em que nos vemos, e não se lastimam da sorte, esquecidos de existências inferiores para servir de comparação?

“Cabem aqui duas respostas diferentes. Há mundos entre os que foram citados, cujos habitantes guardam lembrança clara e exata de suas existências passadas; esses, vocês compreendem, podem e sabem apreciar a felicidade de que Deus lhes permite fruir. Mas há outros, cujos habitantes, achando-se — como disse — em melhores condições do que vocês na Terra, não deixam de experimentar grandes desgostos, até desgraças. Esses não apreciam a felicidade de que gozam, pela razão mesma de se não recordarem de um estado mais feliz. Entretanto, se não a apreciam como homens, apreciam como Espíritos.”

No esquecimento das existências anteriormente, sobretudo quando foram amarguradas, não há qualquer coisa de providencial e que revela a sabedoria divina? Nos mundos superiores, quando a recordação já não é um pesadelo, é que as vidas desgraçadas se apresentam à memória. Nos mundos inferiores, a lembrança de todas as vidas que se tenham sofrido não agravaria as infelicidades presentes?

Vamos concluir daí que tudo o que Deus fez é perfeito e que não nos toca criticar suas obras, nem lhe ensinar como deveria ter regulado o Universo. A lembrança das nossas individualidades anteriores teria gravíssimas consequências. Em certos casos, muito nos humilhariamos. Em outros momentos, nos exaltaria o orgulho e como consequência dificultaria o livre-arbítrio.

Para nos melhorarmos, Deus nos dá exatamente o que nos é necessário e basta: a voz da consciência e os pendoros instintivos. Ele nos priva do que nos prejudicaria. Acrescentemos que, se nos recordássemos dos nossos atos pessoais precedentes, igualmente nos recordaríamos dos atos dos outros homens, do que resultariam talvez os mais desastrosos efeitos para as relações sociais. Nem sempre podendo nos honrar do nosso passado, melhor é que um véu seja lançado sobre ele. Isto concorda perfeitamente com a doutrina dos Espíritos acerca dos mundos superiores à Terra. Nesses mundos, onde só reina o bem, a lembrança do passado nada tem de dolorosa. Tal a razão por que neles as criaturas se lembram da sua antecedente existência, como nos lembramos do que fizemos na véspera. Quanto à estada em mundos inferiores, como já dissemos, não passa então de mau sonho.

395. Podemos ter algumas revelações a respeito de nossas vidas anteriores?

“Nem sempre, contudo, muitos sabem o que foram e o que faziam. Se lhes fosse permitido dizer abertamente, eles fariam extraordinárias revelações sobre o passado.”

396. Algumas pessoas julgam ter vaga recordação de um passado desconhecido, que se apresenta a elas como a imagem fugitiva de um sonho, que em vão se tenta lembrar. Não há nisso simples ilusão?

“Algumas vezes, é uma impressão real; mas também, frequentemente, não passa de mera ilusão, contra a qual o homem precisa se colocar em guarda, pois pode ser efeito de imaginação superexcitada.”

397. Nas existências corpóreas de natureza mais elevada do que a nossa, é mais clara a lembrança das vidas anteriores?

“Sim, à medida que o corpo se torna menos material o homem se lembra do seu passado com mais exatidão. Aqueles que habitam os mundos de ordem superior têm mais essa lembrança mais nítida.”

398. Sendo as tendências instintivas uma recordação do seu passado, poderá ocorrer que, pelo estudo desses pendores, seja possível ao homem conhecer as faltas que cometeu?

“Até certo ponto, é assim. Porém, é preciso levar em conta a melhora que se possa ter operado no Espírito e as resoluções que ele haja tomado na erraticidade. Pode suceder que a existência atual seja muito melhor que a anterior.”

a) — Poderá também ser pior, isto é, o Espírito poderá cometer numa existência faltas que não praticou em a precedente?

“Depende do seu adiantamento. Se não souber triunfar das provas, possivelmente será arrastado a novas faltas, consequentes, então, da posição que escolheu. Mas, em geral, estas faltas significam mais um estacionamento que um retrocesso, visto que o Espírito é apto de se adiantar ou de parar, mas nunca de retroceder.”

399. Sendo os tropeços da vida corporal expiação das faltas do passado e, ao mesmo tempo, provas com vistas ao futuro, podemos dizer que da natureza de tais vicissitudes podemos deduzir de que tipo foi a existência anterior?

“Muito comumente isso é possível, pois que cada um é punido naquilo por onde pecou. Entretanto, isso não deve ser uma regra absoluta. As tendências instintivas são a indicação mais segura, visto que as provas pelas quais o Espírito passa se referem tanto pelo que respeita ao passado, quanto pelo que toca ao futuro.”

Ao chegar o fim da vida na erraticidade que a Providência determinou, o próprio Espírito escolhe as provas a que deseja se submeter para apressar o seu adiantamento, isto é, escolhe meios de se adiantar e tais provas estão sempre em relação com as faltas que lhe cumpre expiar. Se delas triunfa, eleva-se; se sucumbe, tem que recomeçar. O Espírito goza sempre do livre escolha. Em virtude dessa liberdade é que, quando desencarnado, escolhe as provas da vida corporal e que, quando encarnado, decide fazer ou não uma coisa e procede à escolha entre o bem e o mal. Negar o livre-arbítrio ao homem seria reduzi-lo à condição de máquina.

Mergulhado na vida corpórea, momentaneamente o Espírito perde a lembrança de suas existências anteriores, como se um véu as cobrisse. Todavia, algumas vezes ele conserva vaga consciência dessas vidas, que, mesmo em certas circunstâncias, lhe podem ser reveladas. Esta revelação, porém, só os Espíritos superiores fazem espontaneamente, com um motivo útil e nunca para satisfazer a simples curiosidade.

Já as existências futuras em nenhum caso podem ser reveladas, porque dependem do modo como o Espírito se sairá da existência atual e da escolha que faça futuramente.

O esquecimento das faltas praticadas não é obstáculo à melhoria do Espírito, pois, se é certo que este não se lembra delas com precisão, não menos certo é que a circunstância de tê-las conhecido na erraticidade e de haver desejado repará-las o guia por intuição e lhe dá a ideia de resistir ao mal, ideia que é a voz da consciência, tendo a secundá-lo os Espíritos superiores que o assistem, se atende às boas inspirações que lhe dão.

O homem não conhece os atos que praticou em suas existências passadas, mas pode sempre saber qual o tipo das faltas de que se tornou culpado e qual o cunho predominante do seu caráter. Bastará então julgar do que foi, não pelo que é, sim, pelas suas tendências.

As vicissitudes da vida corpórea são expiação das faltas do passado e, simultaneamente, provas com relação ao futuro. Elas nos purificam e nos elevam se as suportamos resignados e sem reclamar. A natureza dessas tribulações e das provas que sofreremos também podem nos esclarecer acerca do que fomos e do que fizemos, do mesmo modo que neste mundo julgamos dos atos de um culpado pelo castigo que lhe inflige a lei. Assim, o orgulhoso será castigado no seu orgulho, mediante a humilhação de uma existência subalterna; o mau rico, o avaro, pela miséria; o que foi cruel para os outros, pelas crueldades que sofrerá; o tirano, pela escravidão; o mau filho, pela ingratidão de seus filhos; o preguiçoso, por um trabalho forçado, etc.

CAPÍTULO VIII

DA EMANCIPAÇÃO DA ALMA

- O SONO E OS SONHOS
- VISITAS ESPÍRITAS ENTRE PESSOAS VIVAS
- TRANSMISSÃO OCULTA DO PENSAMENTO
- LETARGIA, CATALEPSIA, MORTES APARENTES
- SONAMBULISMO
- ÊXTASE
- DUPLA VISTA
- RESUMO TEÓRICO DO SONAMBULISMO, DO ÊXTASE E DA DUPLA VISTA

O SONO E OS SONHOS

400. O Espírito encarnado permanece de boa vontade no seu envoltório corporal?

“É como se perguntasses se o prisioneiro se agrada com o cárcere. O Espírito encarnado aspira constantemente à sua libertação e tanto mais deseja ver-se livre do seu invólucro quanto mais grosseiro é este.”

401. Durante o sono, a alma repousa, como o corpo?

“Não, o Espírito jamais está sem fazer nada. Durante o sono, os laços que o prendem à matéria se afrouxam e como o corpo não precisa da sua presença, ele se lança pelo espaço e entra em relação mais direta com os outros Espíritos.”

402. Como podemos julgar da liberdade do Espírito durante o sono?

“Pelos sonhos. Quando o corpo repousa, o Espírito tem mais faculdades do que quando acordado. Lembra-se do passado e algumas vezes prevê o futuro. Adquire maior potencialidade e pode se colocar em comunicação com os demais Espíritos deste mundo e do outro. Vocês dizem frequentemente: ‘Tive um sonho extravagante, um sonho horrível, mas absolutamente fora da realidade’. Enganam-se. Muitas vezes é uma recordação dos lugares e das coisas que viram ou que verão em outra existência ou em outra ocasião. Estando entorpecido o corpo, o Espírito trata de quebrar suas barreiras e de investigar no passado ou no futuro.

“Pobres homens que mal conhecem os fenômenos mais comuns da vida! Julgam-se muito sábios e se confundem com as coisas mais simples. Nada sabem responder a estas perguntas que todas as crianças formulam: que fazemos quando dormimos? O que são os sonhos?

“O sono liberta a alma parcialmente do corpo. Quando dorme, o homem se acha por algum tempo no estado em que fica permanentemente depois que morre. Tiveram sonos inteligentes os Espíritos que, desencarnando, logo se desligam da matéria. Esses Espíritos, quando dormem, vão para junto dos seres que lhes são superiores. Viajam, conversam e se instruem com estes. Trabalham mesmo em obras que se lhes deparam concluídas, quando voltam, morrendo na Terra, ao mundo espiritual. Ainda esta circunstância é de molde a lhes ensinar que não devem temer a morte, pois que todos os

dias morrem, como disse um santo.

“Assim é para os Espíritos elevados; pelo que respeita ao grande número de homens que, morrendo, têm que passar longas horas na perturbação, na incerteza de que tantos já lhes falaram, enquanto dormem, esses vão ou a mundos inferiores à Terra — onde os chamam velhas afeições — ou em busca de gozos quem sabe mais baixos do que os em que aqui tanto gozam. Vão beber doutrinas ainda mais desprezíveis, mais detestáveis, mais sinistras do que as que professam entre vocês. E o que gera a simpatia na Terra é o fato de o homem, ao despertar, se sentir ligado pelo coração àqueles com quem acaba de passar oito ou nove horas de ventura ou de prazer. Também as antipatias invencíveis se explicam pelo fato de sentirmos em nosso íntimo que os entes com quem antipatizamos têm uma consciência diversa da nossa. Nós os conhecemos sem nunca os termos visto com os olhos. É ainda o que explica a indiferença de muitos homens. Não cuidam de conquistar novos amigos, por saberem que muitos têm que os amam e lhes querem. Numa palavra: o sono influi na vida de vocês mais do que supõem.

“Graças ao sono, os Espíritos encarnados estão sempre em relação com o mundo dos Espíritos. Por isso é que os Espíritos superiores aceitam encarnar entre vocês sem grande repugnância. Deus quis que, tendo de estar em contato com o vício, eles pudessem ir se retemperar na fonte do bem, a fim de igualmente não falirem, quando se propõem a instruir os outros. O sono é a porta que Deus lhes abriu, para que possam ir ter com seus amigos do céu; é o recreio depois do trabalho, enquanto esperam a grande libertação, a libertação final, que os levará ao meio a que realmente pertencem.

“O sonho é a lembrança do que o Espírito viu durante o sono. Porém, notem que nem sempre vocês sonham. O que isso quer dizer? Que nem sempre se lembram do que viram, ou de tudo o que têm visto enquanto dormiam. É então que vocês não têm a alma no pleno desenvolvimento de suas capacidades. Muitas vezes, apenas fica em vocês a lembrança da perturbação que o seu Espírito experimenta à sua partida ou no seu regresso, acrescida da que resulta do que fizeram ou das preocupações de quando despertou. A não ser assim, como explicariam os sonhos absurdos, que tanto os sábios, quanto as mais humildes e simples criaturas têm? Acontece também que os Espíritos atrasados se aproveitam dos sonhos para atormentar as almas fracas e covardes.

“Em suma, dentro em pouco tempo vocês verão se propagar outra espécie de sonhos⁵⁶. Ela é tão antiga como a de que vimos falando, embora vocês desconheçam. Refiro-me aos sonhos de Joana D’Arc⁵⁷, ao de Jacó⁵⁸, aos dos profetas judeus e aos de alguns adivinhos indianos. São recordações guardadas por almas que se desprendem quase inteiramente do corpo, recordações dessa segunda vida a que ainda há pouco aludíamos. Tratem de distinguir essas duas espécies de sonhos nos de que vocês lembram, do contrário cairiam em contradições e em erros funestos à vossa fé”.

Os sonhos são efeito da emancipação da alma, que se torna mais independente pela suspensão da vida ativa. Daí uma espécie de clarividência indefinida que se alonga até aos mais afastados lugares e até mesmo a outros mundos. Daí também a lembrança que acontecimentos da precedente existência ou das existências anteriores traz à memória. As imagens curiosas do que se passa ou se passou em mundos desconhecidos, entremeados de coisas do mundo atual, formam esses conjuntos estranhos e confusos, que parecem não ter nenhum sentido ou ligação.

A incoerência dos sonhos ainda se explica pelas brechas que apresenta a recordação incompleta que conservamos do que nos apareceu quando sonhávamos. É como se a uma narração se truncassem frases ou trechos ao acaso. Reunidos depois, os fragmentos restantes não teriam nenhuma significação racional.

⁵⁶ Essa outra espécie de sonho é a mediunidade, hoje já bem espalhada no mundo, seguindo as previsões bíblicas descritas no livro de Joel, 2:28 e Atos dos Apóstolos, 2:17 – N. E.

⁵⁷ Joana D’Arc (1412-1431), heroína francesa que, seguindo a orientação espiritual através de sonhos e visões, guiou o falido exército de seu país vitoriosamente contra os invasores ingleses – N. E.

⁵⁸ Jacó (ou Jacob), um dos patriarcas dos hebreus, que segundo a Bíblia teve a visão de uma escada que ligava a Terra ao céu – N. E.

403. Por que não nos lembramos dos sonhos sempre?

“Aquilo que chamam sono é só o repouso do corpo, visto que o Espírito está constantemente em atividade. Durante o sono, recorda um pouco da sua liberdade e se corresponde com os que lhe são queridos — seja neste mundo, seja em outros. Mas, como é pesada e grosseira a matéria que o compõe, o corpo dificilmente conserva as impressões que o Espírito recebeu, porque essas impressões não chegaram por intermédio dos órgãos corporais.”

404. Que se deve pensar das interpretações atribuídas aos sonhos?

“Os sonhos não são como os adivinhos interpretam, pois seria absurdo acreditar que sonhar com tal coisa anunciaria tal outra. São verdadeiros no sentido de que apresentam imagens que para o Espírito têm realidade, porém que, frequentemente, não guardam nenhuma relação com o que se passa na vida corporal. Também, como acabamos de dizer, são um pressentimento do futuro, permitido por Deus, ou a visão do que no momento ocorre em outro lugar a que a alma se transporta. Não são bastante comuns os casos de pessoas que aparecem em sonho a seus parentes e amigos, a fim de avisá-los do que está acontecendo a elas? Que são essas aparições senão as almas ou Espíritos de tais pessoas a se comunicarem com entes caros? Quando têm certeza de que o que viram realmente se deu, não fica provado que a imaginação não tomou nenhuma parte na ocorrência, sobretudo se o que observaram não lhes passava pela mente quando acordado?”

405. Com frequência se vê em sonho coisas que parecem um pressentimento, mas que afinal não se confirma. A que se deve atribuir isto?

“Pode ser que tais pressentimentos venham a confirmar-se apenas para o Espírito. Quer dizer que este viu aquilo que desejava, foi ao seu encontro. É preciso não esquecer que durante o sono a alma está mais ou menos sob a influência da matéria e que, por conseguinte, nunca se liberta completamente de suas ideias terrenas, donde resulta que as preocupações do estado de vigília podem dar ao que se vê a aparência do que se deseja, ou do que se teme. A isto é que, em verdade, cabe chamar-se efeito da imaginação. Sempre que uma ideia nos preocupa fortemente, tudo o que vemos se mostra ligado a essa ideia.”

406. Quando em sonho vemos pessoas vivas, que conhecemos bem, a praticarem atos de que absolutamente não cogitam, isso não é puro efeito de imaginação?

“Em relação a praticar atos de que não cogitam, como dizem, o que sabem disso? O Espírito dessa pessoa pode visitar o de vocês, como o de vocês pode visitar o dela e nem sempre vocês sabem no que ele pensa. E então, frequentemente, atribuem às pessoas que conhecem, e de acordo com seus desejos, o que se passou ou se passa em outras existências.”

407. É necessário o sono completo para a emancipação do Espírito?

“Não; basta que os sentidos entrem em entorpecimento para que o Espírito recobre a sua liberdade. Para se emancipar, ele se aproveita de todos os instantes de trégua que o corpo lhe concede. Desde que haja abatimento das forças vitais, o Espírito se desprende, tornando-se tanto mais livre, quanto mais fraco for o corpo.”

É assim que a sonolência, ou um simples entorpecimento dos sentidos apresenta muitas vezes as mesmas imagens do sono.

408. E qual a razão de ouvirmos algumas vezes em nós mesmos palavras pronunciadas

distintamente e que nenhum nexo têm com o que nos preocupa?

“É fato: ouvem até mesmo frases inteiras, principalmente quando os sentidos começam a entorpecer-se. Quase sempre, é um eco fraco do que diz um Espírito que se quer comunicar com vocês.”

409. Doutras vezes, num estado que ainda não é bem o do adormecimento, estando com os olhos fechados, vemos imagens distintas, figuras cujas mínimas particularidades percebemos. O que há aí: efeito de visão ou de imaginação?

“Estando entorpecido o corpo, o Espírito trata de se desprender. Transporta-se e vê. Se o sono já fosse completo, haveria sonho.”

410. Também acontece que durante o sono, ou quando nos achamos apenas ligeiramente adormecidos, nos vêm ideias que nos parecem excelentes e que nos apagam da memória, apesar dos esforços que façamos para retê-las. Donde vêm essas ideias?

“Provêm da liberdade do Espírito que se emancipa e que, emancipado, goza de suas faculdades com maior amplitude. Também são conselhos que frequentemente outros Espíritos dão.”

a) — De que servem essas ideias e esses conselhos se não podemos aproveitá-los, em razão do esquecimento?

“Como regra, essas ideias pertencem mais ao mundo dos Espíritos do que ao mundo corpóreo. Pouco importa que comumente o Espírito as esqueça, quando unido ao corpo. Na ocasião oportuna, voltarão como inspiração de momento.”

411. Estando desprendido da matéria e atuando como Espírito, o encarnado sabe qual será a época de sua morte?

“Acontece pressenti-la. Também sucede ter plena consciência dessa época, o que dá lugar a que, em estado de vigília, tenha a intuição do fato. Por isso é que algumas pessoas preveem com grande exatidão a data em que virão a morrer.”

412. Durante o repouso, ou o sono corporal, a atividade do Espírito pode fatigar o corpo?

“Pode, pois que o Espírito se acha preso ao corpo qual balão cativo ao poste. Assim como as sacudiduras do balão abalam o poste, a atividade do Espírito reage sobre o corpo e pode fatigá-lo.”

VISITAS ESPÍRITAS ENTRE PESSOAS VIVAS

413. Pelo princípio da emancipação da alma, parece que temos duas existências simultâneas: a do corpo, que nos permite a vida de relação ostensiva; e a da alma, que nos proporciona a vida de relação oculta. É assim?

“No estado de emancipação, a vida da alma é superior à do corpo. Contudo, não há, verdadeiramente, duas existências. São antes duas fases de uma só existência, pois o homem não vive duplamente.”

414. Duas pessoas que se conhecem podem se visitar durante o sono?

“Certamente, e muitos que julgam não se conhecerem costumam se reunir e se falar. Sem suspeitarem, vocês podem ter amigos em outro país. Durante o sono, é tão habitual o fato de irem se encontrar com amigos e parentes, com os que conhecem e os que podem ser úteis, que quase todas as noites fazem essas visitas.”

415. Que utilidade essas visitas podem ter se as esquecemos?

“Em geral, ao despertarem, guardam a intuição desse fato, do qual se originam certas ideias que vocês têm espontaneamente, sem que possam explicar de onde vieram. São ideias que adquiriram nessas conversas.”

416. Por sua vontade, o homem pode provocar as visitas espíritas? Por exemplo, quando está para dormir, pode dizer: esta noite quero me encontrar em Espírito com fulano, quero lhe falar para dizer isto?

“O que se dá é o seguinte: ao adormecer, seu Espírito desperta e muitas vezes não se mostra disposto a fazer o que havia resolvido quando pensava como homem, porque a vida deste, pouco interessa ao seu Espírito, uma vez desprendido da matéria. Isto com relação a homens já bastante elevados espiritualmente. Os outros passam de modo muito diverso a fase espiritual de sua existência terrena. Entregam-se às paixões que os escravizaram, ou se mantêm inativos. Portanto, pode acontecer, tais sejam os motivos que a isso o induzem, que o Espírito vá visitar aqueles com quem deseja se encontrar. Mas, a simples vontade do homem, quando acordado, não é razão para que o Espírito cumpra.”

417. Espíritos encarnados podem se reunir em certo número e formar assembleias?

“Sem dúvida alguma. Os laços — antigos ou recentes — da amizade costumam reunir desse modo diversos Espíritos, que se sentem felizes de estar juntos.”

Devemos entender aqui o termo “antigos” como os laços de amizade contraída em existências anteriores. Ao despertar, guardamos intuição das ideias que haurimos nesses colóquios, mas ficamos na ignorância da fonte donde vieram.

418. Uma pessoa que julgasse morto um de seus amigos, sem que tal fosse a realidade, poderia encontrar-se com ele, em Espírito, e verificar que continuava vivo? E, dado o fato, ao despertar, poderia ter a intuição dele?

“Como Espírito, pode certamente vê-lo e saber de sua situação. Se não lhe foi imposto como uma prova acreditar na morte de seu amigo, terá um pressentimento de sua existência, como poderá ter de sua morte.”

TRANSMISSÃO OCULTA DO PENSAMENTO

419. Por que a mesma ideia — por exemplo, a de uma descoberta — pode surgir em diversos lugares ao mesmo tempo?

“Já dissemos que durante o sono os Espíritos se comunicam entre si. Pois bem, quando o corpo desperta, o Espírito se lembra do que aprendeu e o homem acredita que é o autor da invenção. Assim, muitos podem descobrir a mesma coisa ao mesmo tempo. Quando dizem: uma ideia está no ar, usam de uma figura de linguagem mais justa do que acreditam; cada um, sem saber, contribui para propagar a mesma ideia”.

Dessa maneira, nosso próprio Espírito revela muitas vezes a outros Espíritos, e sem nosso conhecimento, o que se faz objeto de nossas preocupações quando acordados.

420. Os Espíritos podem se comunicar estando com o corpo completamente acordado?

“O Espírito não se acha preso no corpo como numa caixa; irradia por todos os lados. Segue-se que pode se comunicar com outros Espíritos, mesmo em estado de vigília, se bem que mais dificilmente.”

421. Como se explica que duas pessoas perfeitamente acordadas tenham a mesma ideia instantaneamente?

“São dois Espíritos simpáticos que se comunicam e veem reciprocamente seus pensamentos respectivos, embora sem estarem adormecidos os corpos.”

Entre os Espíritos que se encontram, há uma comunicação de pensamento que dá causa a que duas pessoas se vejam e compreendam sem precisarem dos sinais ostensivos da linguagem. Poderíamos dizer que falam entre si a linguagem dos Espíritos.

LETARGIA, CATALEPSIA, MORTES APARENTES

422. Os letárgicos⁵⁹ e os catalépticos⁶⁰ veem e ouvem o que geralmente se passa ao redor, sem que possam exprimir que estão vendo e ouvindo. É pelos olhos e pelos ouvidos que têm essas percepções?

“Não; pelo Espírito. O Espírito tem ciência de si, mas não pode comunicar-se.”

a) — Por quê?

“Porque o estado do corpo se opõe a isso. E esse estado especial dos órgãos lhes prova que há no homem alguma coisa mais do que o corpo, porque então o corpo já não funciona e, no entanto, o Espírito se mostra ativo.”

423. Na letargia, o Espírito pode separar-se inteiramente do corpo, de modo a lhe imprimir todas as aparências da morte e voltar depois a habitá-lo?

“Na letargia, o corpo não está morto, porque há funções que continuam a se executar. Sua vitalidade se encontra em estado latente, como na crisálida, porém não aniquilada. Ora, enquanto o corpo vive, o Espírito se acha ligado a ele. Ao se romperem os laços que prendem um ao outro, por efeito da morte real e pela desagregação dos órgãos, a separação se torna integral e o Espírito não volta mais ao seu envoltório. Se um homem aparentemente morto volta à vida, é porque a sua morte não era completa.”

424. Por meio de cuidados dispensados a tempo, os laços prestes a se desfazerem podem se reatar e se restituir à vida um ser que definitivamente morreria se não fosse socorrido?

“Sem dúvida e vocês têm a prova disso todos os dias. Em tais casos, o magnetismo muitas vezes é um poderoso meio de ação, porque restitui ao corpo o fluido vital que lhe falta para manter o funcionamento dos órgãos.”

A letargia e a catalepsia derivam do mesmo princípio, que é a perda temporária da sensibilidade e do movimento, por uma causa fisiológica ainda inexplicada. Diferem uma da outra em que, na letargia, a suspensão das forças vitais é geral e dá ao corpo todas as aparências da morte; na catalepsia, fica localizada, podendo atingir uma parte mais ou menos extensa do corpo, de sorte a permitir que a inteligência se manifeste livremente, o que a torna inconfundível com a morte. A letargia é sempre natural; a catalepsia é por vezes magnética.

SONAMBULISMO

425. O sonambulismo natural tem relação com os sonhos? Como explicá-lo?

“É um estado de independência do Espírito mais completo do que no sonho,

⁵⁹ **Letargia:** é um estado de sono profundo e demorado causado por distúrbios cerebrais ou perda momentânea do controle do cérebro – N. E.

⁶⁰ **Catalepsia:** é um estado caracterizado pelo endurecimento dos músculos e imobilidade; pode ser provocado por afecções nervosas ou induzidas, por exemplo, pelo hipnotismo – N. E.

estado em que suas capacidades adquirem maior amplitude. A alma tem então percepções de que não dispõe no sonho, que é um estado de sonambulismo imperfeito.

“No sonambulismo, o Espírito está na posse plena de si mesmo. Os órgãos materiais, achando-se de certa forma em estado de catalepsia, deixam de receber as impressões exteriores. Esse estado se apresenta principalmente durante o sono, ocasião em que o Espírito pode abandonar provisoriamente o corpo, por este se encontrar gozando do repouso indispensável à matéria. Quando se produzem os fatos do sonambulismo, é que o Espírito, preocupado com uma coisa ou outra, se aplica a uma ação qualquer, para cuja prática necessita utilizar do corpo. Serve-se então deste, como se serve de uma mesa ou de outro objeto material no fenômeno das manifestações físicas, ou mesmo como se utiliza da mão do médium nas comunicações escritas. Nos sonhos de que se tem consciência, os órgãos — inclusive os da memória — começam a despertar. Recebem imperfeitamente as impressões produzidas por objetos ou causas externas e as comunicam ao Espírito, que, então, também em repouso, do que lhe é transmitido, só experimenta sensações confusas e muitas vezes desordenadas, sem nenhuma aparente razão de ser, misturadas que se apresentam de vagas recordações da existência atual ou de anteriores. Portanto, facilmente se compreende por que os sonâmbulos não guardem nenhuma lembrança do que se passou enquanto estiveram no estado sonambúlico e por que os sonhos, de que se conserva memória, as mais das vezes não têm sentido. Digo, as mais das vezes, porque também sucede serem a consequência de lembrança exata de acontecimentos de uma vida anterior e até, não raro, uma espécie de intuição do futuro.”

426. O chamado sonambulismo magnético⁶¹ tem alguma relação com o sonambulismo natural?

“É a mesma coisa, com a diferença apenas de ser provocado.”

427. Qual a natureza do agente que se chama fluido magnético?

“Fluido vital, eletricidade animalizada, que são modificações do fluido universal.”

428. Qual a causa da clarividência⁶² sonambúlica?

“Já o dissemos: É a alma que vê.”

429. Como o sonâmbulo pode ver através dos corpos opacos?

“Não há corpos opacos senão para os seus órgãos grosseiros. Já dissemos que a matéria não oferece nenhum obstáculo ao Espírito, que livremente a atravessa. Frequentemente vocês ouvem o sonâmbulo dizer que vê pela frente, pelo punho, etc., porque, achando-se inteiramente presos à matéria, não compreendem que lhe seja possível ver sem o auxílio dos órgãos. Ele próprio, pelo desejo que manifestam, julga precisar dos órgãos. Porém, se o deixassem livre, compreenderiam que ele vê por todas as partes do seu corpo, ou, melhor falando, que vê de fora do seu corpo.”

430. Já que a sua clarividência é a de sua alma ou de seu Espírito, por que é que o sonâmbulo não vê tudo e muitas vezes se engana?

“Primeiramente, não é permitido aos Espíritos imperfeitos verem e saberem de tudo; saibam que ainda partilham dos seus erros e prejuízos. Depois, quando unidos à

⁶¹ **Sonambulismo magnético:** espécie de sono profundo induzido, como no transe hipnótico — N. E.

⁶² **Clarividência:** visão excepcional que se pode ter por manifestação anímica (pela expansão da alma), sem o recurso dos olhos físicos — N. E.

matéria, não gozam de todas as suas faculdades de Espírito. Deus cedeu ao homem a capacidade sonambúlica para fim útil e sério, não para que se informe do que não deva saber. Eis por que os sonâmbulos nem tudo podem dizer.”

431. Qual a origem das ideias inatas do sonâmbulo e como pode falar com exatidão de coisas que ignora quando desperto, de coisas que estão mesmo acima de sua capacidade intelectual?

“Acontece que o sonâmbulo possui mais conhecimentos do que se supõe e apenas se acham adormecidos, porque seu corpo é um empecilho para que possa se lembrar das coisas. Mas, afinal, o que ele é? É como nós, um Espírito encarnado na matéria, para cumprir sua missão, e o estado em que ele entra o liberta dessa letargia. Nós já dissemos repetidamente que vivemos muitas vezes; é essa mudança que faz o sonâmbulo e qualquer outro Espírito perder materialmente o que pôde aprender em uma existência anterior. Ao entrar no estado que chamam de transe, ele se recorda, mas nem sempre de uma maneira completa; sabe, mas não poderia dizer de onde lhe vem o que sabe e nem como possui esses conhecimentos. Passado o transe, toda lembrança se apaga e ele volta à obscuridade.”

A experiência mostra que os sonâmbulos também recebem comunicações de outros Espíritos, que lhes transmitem o que devam dizer e suprem à incapacidade que denotam. Isto se verifica principalmente nas prescrições médicas. O Espírito do sonâmbulo vê o mal, outro lhe indica o remédio. Essa dupla ação é às vezes evidente e, além disso, se revela por estas expressões muito frequentes: dizem-me que diga, ou proibem-me que diga tal coisa. Neste último caso, há sempre perigo em insistir-se por uma revelação negada, porque se dá oportunidade para a intervenção de Espíritos levianos, que falam de tudo sem escrúpulo e sem se importarem com a verdade.

432. Como se explica a visão a distância em certos sonâmbulos?

“Durante o sono, a alma não se transporta? O mesmo se dá no sonambulismo.”

433. O desenvolvimento maior ou menor da clarividência sonambúlica depende da organização física, ou só da natureza do Espírito encarnado?

“De uma e outra. Há disposições físicas que permitem ao Espírito se desprender mais ou menos facilmente da matéria.”

434. As competências que o sonâmbulo tem são as que o Espírito goza após a morte?

“Somente até certo ponto, pois se deve contar a influência da matéria a que ainda se acha ligado.”

435. O sonâmbulo pode ver os outros Espíritos?

“A maioria deles os vê muito bem, dependendo do grau e da natureza da lucidez de cada um. Porém, a princípio, é muito comum não perceberem que estão vendo Espíritos e os tomarem por seres corpóreos. Isso acontece principalmente aos que, nada conhecendo do Espiritismo, ainda não compreendem a essência dos Espíritos. O fato os espanta e os faz supor que diante da vista têm seres terrenos.”

O mesmo se dá com os que, tendo morrido, ainda se julgam vivos. Sem notar nenhuma alteração ao seu redor e parecendo-lhes que os Espíritos têm corpos iguais aos nossos, tomam por corpos reais os corpos aparentes com que os mesmos Espíritos se lhes apresentam.

436. O sonâmbulo que vê à distância vê do ponto em que se acha o seu corpo, ou do em que está sua alma?

“Por que esta pergunta, já que sabem que a alma é quem vê e não o corpo?”

437. Posto que o que acontece nos fenômenos sonambúlicos é que a alma se transporta,

como o sonâmbulo pode experimentar no corpo as sensações do frio e do calor existentes no lugar onde se acha sua alma, muitas vezes bem distante do seu invólucro?

“Em tais casos, a alma não tem deixado inteiramente o corpo; conserva-se presa a ele pelo laço que os liga e que estão desempenha o papel de canal das sensações. Quando duas pessoas se comunicam de uma cidade para outra, por meio da eletricidade⁶³, esta é o laço que lhes liga os pensamentos. Daí vem que conversem como se estivessem ao lado uma da outra.”

438. O uso que um sonâmbulo faz da sua faculdade influi no estado do seu Espírito depois da morte?

“Muito, como o bom ou mau uso que o homem faz de todas as faculdades com que Deus o dotou.”

ÊXTASE

439. Que diferença há entre o êxtase e o sonambulismo?

“O êxtase é um sonambulismo mais apurado. A alma do extático ainda é mais independente.”

440. O Espírito do extático penetra realmente nos mundos superiores?

“Vê esses mundos e compreende a felicidade dos que os habitam, donde lhe nasce o desejo de lá permanecer. Porém, há mundos fechados aos Espíritos que ainda não estão bastante purificados.”

441. Quando o extático manifesta o desejo de deixar a Terra, fala sinceramente; o instinto de conservação não o retém?

“Isso depende do grau de purificação do Espírito. Se verificar que a sua situação futura será melhor do que a sua vida presente, se esforça por desatar os laços que o prendem à Terra.”

442. Se deixássemos o extático entregue a si mesmo, sua alma poderia abandonar definitivamente o corpo?

“Perfeitamente, ele poderia morrer. Por isso que é preciso chamá-lo a voltar, apelando para tudo o que o prende a este mundo, fazendo-lhe compreender sobretudo que a maneira mais certa de não ficar lá, onde vê que seria feliz, consistiria em partir a cadeia que o tem preso ao planeta terreno.”

443. Existem coisas que o extático pretende ver e que são evidentemente fruto de uma imaginação impressionada pelas crenças e preconceitos terrenos. Então, tudo o que vê não é real?

“O que o extático vê é real para ele, mas, como seu Espírito se conserva sempre debaixo da influência das ideias terrenas, pode acontecer que veja a seu modo, ou melhor, que exprima o que vê numa linguagem adaptada pelos conceitos e ideias de que se acha preso, ou, então, pelos preconceitos e ideias de vocês, a fim de ser mais bem compreendido. É neste sentido, principalmente, que lhe ocorre errar.”

444. Que confiança podemos depositar nas revelações dos extáticos?

⁶³ O termo *eletricidade* dessa resposta se refere ao telégrafo, que era o sistema mais avançado de telecomunicação naquele tempo – N. E.

“O extático está sujeito a se enganar muito frequentemente, sobretudo quando pretende penetrar no que deva continuar a ser mistério para o homem, porque então, se deixa levar pela corrente das suas próprias ideias, ou se torna joguete de Espíritos mistificadores, que se aproveitam da sua exaltação para fasciná-lo.”

445. Que deduções podemos tirar dos fenômenos do sonambulismo e do êxtase? Não serão uma espécie de iniciação na vida futura?

“A bem dizer, mediante esses fenômenos, o homem entrevê a vida passada e a vida futura. Estudem essas manifestações e acharão o esclarecimento de mais de um mistério, que a sua razão inutilmente procura devassar.”

446. Tais fenômenos poderiam se adequar às ideias materialistas?

“Aquele que os estudar de boa-fé e sem prevenções não poderá ser materialista, nem ateu.”

DUPLA VISTA

447. O fenômeno a que chamamos de dupla vista tem alguma relação com o sonho e o sonambulismo?

“Tudo isso é uma coisa só. O que se chama dupla vista é ainda resultado da libertação do Espírito, sem que o corpo seja adormecido. A dupla vista ou segunda vista é a vista da alma.”

448. A segunda vista é permanente?

“A faculdade é, o exercício não. Nos mundos menos materiais do que o de vocês, os Espíritos se desprendem mais facilmente e se põem em comunicação apenas pelo pensamento, sem que, todavia, a linguagem articulada fique abolida. Por isso mesmo, em tais mundos, a dupla vista é faculdade permanente, para a maioria de seus habitantes, cujo estado normal pode ser comparado ao dos sonâmbulos lúcidos. Essa também é a razão por que esses Espíritos se manifestam a vocês com maior facilidade do que os encarnados em corpos mais grosseiros.”

449. A segunda vista aparece espontaneamente ou por efeito da vontade de quem a possui como faculdade?

“Muitas vezes é espontânea, porém a vontade também desempenha com grande frequência importante papel no seu aparecimento. Por exemplo, peguem umas dessas pessoas a quem se dá o nome de adivinhos, algumas das quais dispõem desta faculdade, e verão que é com o auxílio da própria vontade que elas se colocam no estado de terem a dupla vista e o que chamam visão.”

450. A dupla vista pode ser desenvolvida pelo exercício?

“Sim, do trabalho resulta sempre o progresso e a dissipação do véu que encobre as coisas.”

a) — Esta faculdade tem qualquer ligação com a organização física?

“Sem dúvidas, o organismo influi para a sua existência. Há organismos que lhe são inacessíveis.”

451. Por que é que a segunda vista parece hereditária em algumas famílias?

“Por semelhança da organização, que se transmite como as outras qualidades

físicas. Depois, a faculdade se desenvolve por uma espécie de educação, que também se transmite de um a outro.”

452. É exato que certas circunstâncias desenvolvem a segunda vista?

“A enfermidade, a proximidade do perigo, uma grande comoção podem desenvolvê-la. Às vezes, o corpo se acha num estado especial que permite ao Espírito ver o que não podiam ver com os olhos carnis.”

Nas épocas de crises e de calamidades, as grandes emoções, todas as causas, enfim, de superexcitação do moral provocam não raro o desenvolvimento da dupla vista. Parece que, quando um perigo nos ameaça, a Providência nos dá o meio de conjurá-lo. Todas as seitas⁶⁴ e partidos perseguidos oferecem múltiplos exemplos desse fato.

453. As pessoas dotadas de dupla vista sempre têm consciência de que a possuem?

“Nem sempre. Elas consideram isso coisa perfeitamente natural e muitos creem que, se cada um observasse o que se passa consigo, todos verificariam que são como eles.”

454. Poderíamos considerar como uma espécie de segunda vista a perspicácia de algumas pessoas que, sem nada apresentarem de extraordinário, apreciam as coisas com mais precisão do que outras?

“É sempre a alma a irradiar mais livremente e a apreciar melhor do que sob o véu da matéria.”

a) — Em alguns casos, esta faculdade pode dar a presciência das coisas?

“Pode, assim como os pressentimentos, pois que muitos são os graus em que ela existe, sendo possível que num mesmo indivíduo exista em todos os graus, ou em alguns somente.”

RESUMO TEÓRICO DO SONAMBULISMO, DO ÊXTASE E DA DUPLA VISTA

455. Os fenômenos do sonambulismo natural se produzem espontaneamente e são independentes de toda causa exterior conhecida. Contudo, o organismo físico de algumas pessoas pode ser especialmente dotado para isso e os fenômenos podem então ser provocados por um magnetizador, artificialmente.

O estado designado sob o nome de sonambulismo magnético só difere do sonambulismo natural porque é provocado, enquanto o outro é espontâneo.

O sonambulismo natural é um fato notório que ninguém mais põe em dúvida, apesar do aspecto maravilhoso dos seus fenômenos. Então, o que tem de mais extraordinário ou de mais irracional o sonambulismo magnético? Apenas por ser produzido artificialmente, como tantas outras coisas? Dizem que os charlatães o têm explorado. Eis uma razão a mais para não o deixar nas mãos deles. Quando a ciência o tomar para si, admitindo-o, o charlatanismo terá bem menos crédito sobre as pessoas. Contudo, enquanto isso não acontece, o sonambulismo natural ou artificial é um fato, e como contra fatos não há argumentos, ele se propaga, apesar da má vontade de alguns, e isso até mesmo na ciência, onde penetra por uma infinidade de pequenas portas em vez de ser aceito pela porta da frente. Quando estiver plenamente firmado lá, será preciso conceder-lhe direito de cidadania.

Para o Espiritismo, o sonambulismo é mais que um fenômeno fisiológico, é uma luz lançada sobre a psicologia; é aí que se pode estudar a alma, porque ela se mostra descoberta. Ora, um dos fenômenos pelos quais a alma ou Espírito se caracteriza é a clarividência, independentemente dos órgãos ordinários da vista. Os que contestam esse fato se apoiam no

⁶⁴ **Seita:** crença, doutrina ou facção particular dissidente da ideia originária. Por exemplo, os Zelotes formaram uma seita dissidente do Judaísmo – N. E.

argumento de que o sonâmbulo nem sempre vê como se vê pelos olhos e nem sempre vê conforme a vontade do experimentador. É natural. E devemos nos surpreender que, sendo os meios diferentes, os efeitos não sejam os mesmos? É racional querer efeitos idênticos quando o instrumento não existe mais? A alma tem suas propriedades assim como o olho tem as suas; é preciso julgá-las em si mesmas e não por comparação.

A causa da clarividência é a mesma tanto no sonambulismo magnético quanto no natural: é um atributo da alma, uma faculdade inerente a todas as partes do ser incorpóreo que está em nós e cujos limites são os mesmos da própria alma. O sonâmbulo vê todos os lugares aonde sua alma possa se transportar, seja qual for a distância.

Na visão à distância, o sonâmbulo não vê as coisas do lugar em que está seu corpo, e sim como por um efeito telescópico⁶⁵. Ele as vê presentes e como se estivesse no lugar onde elas existem, visto que sua alma lá está em realidade. É por isso que seu corpo fica como se estivesse aniquilado e parece privado de sensações até o momento em que a alma vem retomá-lo. Essa separação parcial da alma e do corpo é um estado anormal que pode ter uma duração mais ou menos longa, mas não indefinida; é a causa do cansaço que o corpo sente após certo tempo, principalmente quando a alma se entrega a um trabalho ativo.

O órgão da visão na alma, ou Espírito, não é circunscrito e não tem um lugar determinado, como no corpo físico — o que explica por que os sonâmbulos não podem lhe assinalar um órgão especial. Eles veem porque veem, sem saber como ou por que, pois para eles, como Espíritos, a vista não tem sede própria. Ao se reportarem ao seu corpo, essa sede lhes parece estar nos centros onde a atividade vital é maior, principalmente no cérebro, na região epigástrica⁶⁶, ou no órgão que, para eles, é o ponto de ligação mais intenso entre o Espírito e o corpo.

O poder da lucidez sonambúlica não é ilimitado. O Espírito, mesmo completamente liberto do corpo, está limitado em suas faculdades e conhecimentos de acordo com o grau de perfeição que atingiu, e mais ainda por estar ligado à matéria da qual sofre influência. Por causa disso é que a clarividência sonambúlica não é comum, nem infalível. Muito menos se pode contar com sua infalibilidade quanto mais se desvia do objetivo proposto pela natureza e quanto mais se faz dela objeto de curiosidade e experimentação.

No estado de desprendimento em que se encontra, o Espírito do sonâmbulo entra em comunicação mais fácil com outros Espíritos encarnados ou não encarnados; essa comunicação se estabelece pelo contato dos fluidos que compõem os perispíritos e servem de transmissão para o pensamento — como o fio na eletricidade. Portanto, o sonâmbulo não tem necessidade de que o pensamento seja articulado pela fala: ele o sente e adivinha, é o que o torna extremamente impressionável às influências da atmosfera moral em que está. É também por isso que uma assistência numerosa de espectadores — e principalmente de curiosos mal-intencionados — prejudica o desenvolvimento dessas faculdades, que se recolhem, por assim dizer, em si mesmas, e não se desdobram com toda a liberdade como numa reunião íntima e num meio simpático. A presença de pessoas mal-intencionadas ou antipáticas produz sobre o sonâmbulo o efeito do contato da mão sobre a planta sensitiva.⁶⁷

O sonâmbulo vê às vezes seu próprio Espírito e seu próprio corpo; por assim dizer, são dois seres que lhe representam a dupla existência, espiritual e corporal, e entretanto se confundem pelos laços que os unem. Nem sempre o sonâmbulo se dá conta dessa situação e essa dualidade faz com que muitas vezes fale de si como se falasse de outra pessoa; é que, às vezes, é o ser corporal que fala ao espiritual e, outras, é o ser espiritual que fala ao corporal. O Espírito adquire um acréscimo de conhecimento e experiência a cada uma de suas existências corporais. Ele os esquece em parte, durante sua encarnação numa matéria muito grosseira, mas sempre se lembra disso como Espírito. É por isso que certos sonâmbulos revelam conhecimentos além da instrução que possuem e até mesmo superiores às suas aparentes capacidades intelectuais. Assim, a inferioridade intelectual e científica do sonâmbulo quando acordado não interfere em nada nos conhecimentos que pode revelar. De acordo com as circunstâncias e o objetivo a que se proponha, pode tirá-las de sua própria experiência, na clarividência das coisas presentes ou do conselho que recebe de outros Espíritos, ou ainda do seu próprio Espírito, que, podendo ser mais ou menos avançado, pode então dizer coisas mais ou menos certas.

⁶⁵ **Efeito telescópico:** capacidade de discernir objetos distantes – N. E.

⁶⁶ **Epigástrica:** referente à parte superior e central do abdome – N. E.

⁶⁷ **Sensitiva:** planta também conhecida como dormideira, que se fecha ao contato com a mão – N. E.

Pelos fenômenos do sonambulismo — tanto o natural quanto o magnético — a Providência nos dá a prova irrecusável da existência e independência da alma e nos faz assistir ao espetáculo sublime da liberdade que ela tem; assim, nos abre o livro de nossa destinação. Quando o sonâmbulo descreve o que se passa à distância, é evidente que ele vê, mas não pelos olhos do corpo; vê a si mesmo e sente-se transportado para lá; há, portanto, algo dele naquele lugar, e esse algo, não sendo seu corpo, só pode ser sua alma ou Espírito.

Enquanto o homem se perde nas sutilezas de uma metafísica abstrata e incompreensível para pesquisar as causas de nossa existência moral, Deus coloca diariamente ao alcance de nossos olhos e nossas mãos os meios mais simples e evidentes para o estudo da psicologia experimental.

O êxtase é o estado em que a independência da alma e do corpo se manifesta de maneira mais sensível e torna-se de certo modo palpável. No sonho e no sonambulismo, a alma percorre os mundos terrestres. No êxtase, penetra num mundo desconhecido, dos Espíritos etéreos, com os quais entra em comunicação, sem, entretanto, ultrapassar certos limites que não teria como transpor sem romper totalmente os laços que a ligam ao corpo. Sente-se num estado resplandecente completamente novo que a circunda, harmonias desconhecidas na Terra a arrebata, um bem-estar indefinível a envolve. A alma desfruta por antecipação da beatitude celeste e podemos dizer que ela põe um pé sobre o limiar da eternidade.

No estado de êxtase o aniquilamento do corpo é quase completo; tem apenas, por assim dizer, a vida orgânica e sente que a alma está ligada a ele apenas por um fio que um pequeno esforço extra faria romper para sempre. Nesse estado, todos os pensamentos terrestres desaparecem para dar lugar ao sentimento puro, que é a própria essência de nosso ser imaterial. Inteiramente envolto nessa contemplação sublime, o extático encara a vida apenas como uma paragem momentânea. Para ele tanto o bem quanto o mal, as alegrias grosseiras e misérias aqui da Terra são apenas incidentes fúteis de uma viagem cujo término que avista o deixa feliz.

Os extáticos são como os sonâmbulos: sua lucidez pode ser mais ou menos perfeita e seu próprio Espírito — conforme for mais ou menos elevado — estará também igualmente apto a conhecer e compreender as coisas. Há neles, algumas vezes, mais exaltação do que verdadeira lucidez ou, melhor dizendo, sua exaltação prejudica sua lucidez. É por isso que suas revelações são frequentemente uma mistura de verdades e erros, de coisas sublimes e absurdas ou até mesmo ridículas. Os Espíritos inferiores se aproveitam frequentemente dessa exaltação, que é sempre uma causa de fraqueza quando não se sabe reprimi-la, para dominar o extático, e se fazem passar aos seus olhos com aparências que o prendem às ideias e preconceitos que têm quando acordado. Isso representa uma dificuldade e um perigo, mas nem todos são assim; cabe a nós julgar friamente e pesar suas revelações na balança da razão.

A emancipação da alma se manifesta às vezes no estado de vigília e produz o fenômeno conhecido como dupla vista ou segunda vista, que dá àqueles que são dotados dela a faculdade de ver, ouvir e sentir além dos limites de nossos sentidos. Eles percebem coisas distantes em todas as partes onde a alma estenda sua ação; eles as veem, por assim dizer, pela visão comum e por uma espécie de miragem. No momento em que se produz o fenômeno da dupla vista, o estado físico do indivíduo é sensivelmente modificado; o olhar tem algo de vago: olha sem ver; a fisionomia toda reflete um ar de exaltação. Constata-se que os órgãos da vista ficam alheios ao processo porque a visão persiste, apesar dos olhos fechados.

Essa faculdade parece tão natural para aqueles que dela desfrutam como a faculdade de enxergar; é para eles uma propriedade normal do seu ser e não lhes parece excepcional. O esquecimento se segue em geral a essa lucidez passageira da qual a lembrança, cada vez mais vaga, acaba por desaparecer como a de um sonho.

O poder da dupla vista varia desde a sensação confusa até a percepção clara e nítida das coisas presentes ou ausentes. No estado rudimentar, dá a certas pessoas o tato, a perspicácia, uma espécie de certeza em seus atos que se pode chamar de precisão do golpe de vista moral. Um pouco mais desenvolvida, desperta os pressentimentos; ainda mais desenvolvida, mostra os acontecimentos ocorridos ou em via de ocorrer.

O sonambulismo natural ou artificial, o êxtase e a dupla vista são apenas variedades ou modificações de uma mesma causa. Esses fenômenos, assim como os sonhos, estão na lei da natureza; eis por que existiram desde todos os tempos. A história nos mostra que foram conhecidos e até mesmo explorados desde a mais alta Antiguidade e neles está a explicação de diversos fatos que os preconceitos fizeram considerar sobrenaturais.

CAPÍTULO IX

DA INTERVENÇÃO DOS ESPÍRITOS NO MUNDO CORPORAL

- FACULDADE QUE OS ESPÍRITOS TÊM DE PENETRAR NOS NOSSOS PENSAMENTOS
- INFLUÊNCIA OCULTA DOS ESPÍRITOS NOS NOSSOS PENSAMENTOS E ATOS
- POSSESSOS
- CONVULSIONÁRIOS
- AFEIÇÃO QUE ALGUNS ESPÍRITOS DEDICAM A CERTAS PESSOAS
- ANJOS DA GUARDA, ESPÍRITOS PROTETORES, FAMILIARES OU SIMPÁTICOS
- PRESENTIMENTOS
- INFLUÊNCIA DOS ESPÍRITOS NOS ACONTECIMENTOS DA VIDA
- AÇÃO DOS ESPÍRITOS NOS FENÔMENOS DA NATUREZA
- OS ESPÍRITOS DURANTE OS COMBATES
- PACTOS
- PODER OCULTO, TALISMÃS, FEITICEIROS
- BÊNÇÃOS E MALDIÇÕES

FACULDADE QUE OS ESPÍRITOS TÊM DE PENETRAR NOS NOSSOS PENSAMENTOS

456. Os Espíritos veem tudo o que fazemos?

“Podem ver, pois que constantemente lhes rodeiam. Porém, cada um só vê aquilo a que dá atenção. Não se ocupam com o que lhes é indiferente.”

457. Podem conhecer os nossos pensamentos mais secretos?

“Muitas vezes chegam a conhecer o que desejam ocultar de vocês mesmos. Nem atos, nem pensamentos vocês podem dissimular deles.”

a) — Assim, seria mais fácil nos ocultar qualquer coisa de uma pessoa viva, do que a esconder dessa mesma pessoa depois de morta?

“Certamente. Quando se julgam muito ocultos, é comum terem ao lado uma multidão de Espíritos que os observam.”

458. O que pensam de nós os Espíritos que nos cercam e observam?

“Depende. Os levianos riem dos pequenos aborrecimentos que os pregam e zombam das suas impaciências. Os Espíritos sérios lamentam os reveses de vocês e procuram ajudar.”

INFLUÊNCIA OCULTA DOS ESPÍRITOS EM NOSSOS PENSAMENTOS E ATOS

459. Os Espíritos influenciam em nossos pensamentos e atos?

“Muito mais do que imaginam. Influem a tal ponto, que geralmente são eles que dirigem vocês.”

460. Além dos nossos próprios pensamentos, haverá outros que nos sejam sugeridos?

“A alma é um Espírito que pensa. Não ignorem que frequentemente muitos pensamentos venham ao mesmo tempo sobre o mesmo assunto e, não raro, contrários uns aos outros. Pois bem! No conjunto deles, estão sempre da mistura dos seus pensamentos com os nossos. Daí a incerteza lhes bate pelas duas ideias a se combaterem.”

461. Como distinguir os pensamentos que nos são próprios dos que nos são sugeridos?

“Quando um pensamento é sugerido, vocês têm a impressão de que alguém lhes fala. Geralmente, os pensamentos próprios são os que surgem em primeiro lugar, afinal, para vocês, não é de grande interesse estabelecer essa distinção. Muitas vezes, é útil que não saibam fazer a diferença. Não a fazendo, o homem age com mais liberdade. Caso se decida pelo bem, é voluntariamente que o pratica; se toma o mau caminho, maior será a sua responsabilidade.”

462. É sempre de dentro de si mesmos que os homens inteligentes e os talentosos tiram suas ideias?

“Algumas vezes, elas lhes vêm do seu próprio Espírito, porém, de tantas outras, lhes são sugeridas por Espíritos que os julgam capazes de compreendê-las e dignos de espalhá-las. Quando tais homens não as acham em si mesmos, apelam para a inspiração. Assim, sem suspeitarem, fazem uma verdadeira evocação.”

Se nos fosse útil que pudéssemos distinguir claramente os nossos pensamentos próprios dos que nos são sugeridos, Deus nos houvera proporcionado os meios de o conseguirmos, como nos concedeu o de diferencarmos o dia da noite. Quando uma coisa se conserva imprecisa, é que convém assim aconteça.

463. Diz-se comumente que é sempre bom o primeiro impulso. É exato?

“Pode ser bom ou mau, conforme a natureza do Espírito encarnado. É sempre bom naquele que atende às boas inspirações.”

464. Como distinguirmos se um pensamento sugerido procede de um bom Espírito ou de um Espírito mau?

“Estudai o caso. Os bons Espíritos só aconselham para o bem. Compete a vocês discernir.”

465. Com que objetivo os Espíritos imperfeitos nos induzem ao mal?

“Para que sofram como eles sofrem.”

a) — E isso diminui os sofrimentos deles?

“Não; mas fazem isso por inveja, por não poderem suportar que sejam seres felizes.”

b) — De que natureza é o sofrimento que procuram infligir aos outros?

“Aqueles que resultam ser de ordem inferior e longe de Deus.”

466. Por que Deus permite que Espíritos nos excitem ao mal?

“Os Espíritos imperfeitos são instrumentos próprios a colocar em prova a fé e a perseverança dos homens na prática do bem. Como Espírito que é, tem que progredir na ciência do infinito. Daí a carência de passar pelas provas do mal para chegar ao bem. A nossa missão consiste em te colocar no bom caminho. Desde que atuam sobre ti influências más, é que as atraí, desejando o mal; pois os Espíritos inferiores correm a te auxiliar no mal, logo que desejes praticá-lo. Só quando queira o mal, eles podem te ajudar para a prática do mal. Se for propenso ao assassinio, terá em torno de ti uma nuvem de Espíritos a te alimentarem no íntimo esse pendor. Mas, outros também te cercarão, esforçando-se por te influenciarem para o bem, o que restabelece o equilíbrio da balança e te deixa senhor dos teus atos.”

É assim que Deus confia à nossa consciência a escolha do caminho que devamos seguir e a liberdade de ceder a uma ou outra das influências contrárias que se exercem sobre nós.

467. O homem pode se livrar da influência dos Espíritos que procuram arrastá-lo ao mal?

“Pode, visto que tais Espíritos só se apegam aos que os chamam pelos seus desejos ou aos que os atraem pelos seus pensamentos.”

468. Os Espíritos renunciam às suas tentativas quando a vontade do homem rejeita as suas influências?

“Queria que fizessem o que? Quando nada conseguem, abandonam o campo. Entretanto, ficam à espreita de um momento propício, como o gato que tocaia o rato.”

469. Qual o meio de neutralizar a influência dos Espíritos maldosos?

“Praticando o bem e pondo toda a confiança em Deus, rejeitarão a influência dos Espíritos inferiores e anularão o domínio que desejem ter sobre vocês. Guardem-se de atender às sugestões dos Espíritos que suscitam maus pensamentos, que sopram a discórdia entre vocês e que sugerem as paixões más. Desconfiai especialmente dos que exaltam o orgulho, pois que esses atacam pelo lado fraco. Essa é a razão por que Jesus, na oração dominical, lhes ensinou a dizer: Senhor! Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal.”

470. Os Espíritos, que procuram nos induzir ao mal e que assim põem em prova a nossa firmeza no bem, procedem desse modo cumprindo missão? E, se assim é, cabe-lhes alguma responsabilidade?

“A nenhum Espírito é dada a missão de praticar o mal. Aquele que agir assim o faz por conta própria, sujeitando-se, portanto, às consequências. Deus pode lhe permitir que assim proceda, para lhes experimentar; nunca, porém, lhe determina tal procedimento. Logo, compete a vocês afastá-lo.”

471. Quando experimentamos uma sensação de angústia, de ansiedade indefinível, ou de íntima satisfação, sem que lhe conheçamos a causa, devemos atribuí-la unicamente a uma disposição física?

“É quase sempre efeito das comunicações em que entram com os Espíritos inconscientemente, ou do contato que tiveram com eles durante o sono.”

472. Os Espíritos que procuram nos atrair para o mal se limitam a aproveitar as circunstâncias em que nos achamos ou podem também criá-las?

“Aproveitam as circunstâncias ocorrentes, mas também costumam criá-las,

impelindo-lhes para aquilo que cobiçam. Assim, por exemplo, um homem encontra no seu caminho certa quantia: não pensem que tenham sido os Espíritos que a trouxeram para ali. Mas, eles podem inspirar ao homem a ideia de tomar aquela direção e sugerir-lhe depois a de se apoderar da importância achada, enquanto outros lhe sugerem a de restituir o dinheiro ao seu legítimo dono. O mesmo se dá com relação a todas as demais tentações.”

POSSESSOS

473. Um Espírito pode tomar temporariamente o invólucro corporal de uma pessoa viva, isto é, introduzir-se num corpo animado e agir em lugar do outro que se acha encarnado neste corpo?

“O Espírito não entra em um corpo como entras numa casa, mas se identifica com um Espírito encarnado, cujos defeitos e qualidades sejam os mesmos que os seus, a fim de agir conjuntamente com ele. Mas, o encarnado é sempre quem atua, conforme quer, sobre a matéria de que se acha revestido. Um Espírito não pode substituir ao que já está encarnado, por isso que este terá que permanecer ligado ao seu corpo até o fim fixado para sua vida material.”⁶⁸

474. Desde que não há possessão propriamente dita, isto é, coabitação de dois Espíritos no mesmo corpo, a alma pode ficar na dependência de outro Espírito, de modo a se achar subjugada ou obsidiada ao ponto de vir a sua vontade a achar-se, de certa maneira, paralisada?

“Sem dúvida e são esses os verdadeiros possesos. Mas, é preciso que saibam que essa dominação não se efetua nunca sem que aquele que a sofre o consinta, seja por sua fraqueza ou por desejo. Muitos epiléticos ou loucos, que mais necessitavam de médico que de exorcismos, têm sido tomados por possesos.”

O vocábulo possesso, no seu significado comum supõe a existência de demônios, isto é, de uma categoria de seres maus por natureza, e a coabitação de um desses seres com a alma de um indivíduo, no seu corpo. Pois que, nesse sentido, não há demônios e que dois Espíritos não podem habitar simultaneamente o mesmo corpo, não há possesos na conformidade da ideia a que esta palavra se acha associada. O termo possesso só se deve admitir como exprimindo a dependência absoluta em que uma alma pode achar-se com relação a Espíritos imperfeitos que a dominem.⁶⁹

475. Alguém pode afastar por si mesmo os maus Espíritos e se libertar da dominação deles?

“Sempre, a quem quer que seja, é possível subtrair-se a um jugo, desde que com vontade firme o queira.”

476. Mas, não pode acontecer que a fascinação exercida pelo mau Espírito seja de tal ordem que o subjugado não a perceba? Sendo assim, uma terceira pessoa poderá fazer cessar a sujeição da outra? E, nesse caso, qual deve ser a condição dessa terceira pessoa?

“Sendo ela um homem de bem, a sua vontade poderá ter eficácia, desde que apele para o auxílio dos bons Espíritos, porque quanto mais digna for a pessoa, tanto maior poder terá sobre os Espíritos imperfeitos, para afastá-los, e sobre os bons, para

⁶⁸ No artigo “Um caso de possessão”, publicado na **REVISTA ESPÍRITA**, edição de dezembro de 1863, Kardec analisa um grave caso de obsessão e passa a considerar que um Espírito obsessor possa atuar diretamente sobre sua vítima, como que a possuía, uma vez que a vítima não dispunha de forças para resistir ao ataque. O que a Doutrina Espírita rechaça peremptoriamente é a crença vulgar de possessão demoníaca, visto que o demônio, tal qual a ideia clássica, não passa de uma lenda, ou de uma metáfora (Ver questão 131) — N. E.

⁶⁹ Ver nota anterior — N. E.

atraí-los. Todavia, nada poderá, se o que estiver subjugado não lhe prestar o seu esforço. Há pessoas que se agradam com uma dependência que lhes satisfaça os gostos e os desejos. Mas qualquer que seja o caso, aquele que não tiver o coração puro não exercerá nenhuma influência. Os bons Espíritos não atendem ao seu chamado e os maus não o temem.”

477. As fórmulas de exorcismo⁷⁰ têm qualquer eficácia sobre os maus Espíritos?

“Não. Os Espíritos maldosos riem e se acirram quando eles veem alguém levar isso a sério.”

478. Há pessoas animadas de boas intenções e que, apesar disso, não deixam de ser obsidiadas. Qual então o melhor meio de nos livrarmos dos Espíritos obsessores?

“Cansar a paciência deles, não dar nenhum valor às suas sugestões, mostrar-lhes que perdem o tempo. Eles se afastando ao verem que nada conseguem.”

479. A prece é meio eficiente para a cura da obsessão?

“A prece é em tudo um poderoso auxílio. Mas, creiam que não basta que alguém murmure algumas palavras para que obtenha o que deseja. Deus assiste os que agem, não os que se limitam a pedir. Portanto, é indispensável que o obsidiado faça sua parte, que se torne necessário para destruir em si mesmo a causa da atração dos maus Espíritos.”

480. Que se deve pensar da expulsão dos demônios, mencionada no Evangelho?

“Isso depende da interpretação. Se chamam de demônio um Espírito mau que subjuga um indivíduo, quando sua influência for destruída terá sido verdadeiramente expulso. Se atribuírem a causa de uma doença ao demônio, quando curarem a doença também dirão que expulsaram o demônio. Uma coisa pode ser verdadeira ou falsa de acordo com o sentido que se der às palavras. As maiores verdades podem parecer absurdas quando se olha apenas a forma e se toma a alegoria pela realidade. Compreendam bem isso e guarda-o: é de aplicação geral.”⁷¹

CONVULSIONÁRIOS

481. Os Espíritos desempenham algum papel nos fenômenos que se dão com os indivíduos chamados convulsionários?⁷²

“Sim e muito importante, bem como o magnetismo, que é a causa originária de tais fenômenos. Porém, muitas vezes o charlatanismo os tem explorado e exagerado, de sorte a lançá-los ao ridículo.”

a) — De que natureza são, em geral, os Espíritos que promovem a produção desta espécie de fenômenos?

“De natureza pouco elevada. Vocês acham que Espíritos superiores se agradam com tais coisas?”

482. Como é que pode acontecer que o estado anormal dos convulsionários e dos que

⁷⁰ **Exorcismo:** ritual religioso praticado para libertar alguém da influência de um Espírito maldoso (um demônio, na crença comum) – N. E.

⁷¹ Ver questão 131 – N. E.

⁷² Uma convulsão clássica, segundo a Medicina, se caracteriza pela contração repentina e continuada dos músculos, com dores. Os que as sofrem — os convulsionários — podem perder momentaneamente a noção das coisas. É conhecida pelo nome de espasmo – N. E.

sofrem de crises nervosas atinjam subitamente a toda uma população?

“Efeito de afinidade. As disposições morais se comunicam muito facilmente, em certos casos; vocês não estão tão alheios aos efeitos magnéticos que não possam compreender isto e a parte que alguns Espíritos naturalmente tomam no fato, por simpatia com os que os provocam.”

Entre as faculdades especiais que notamos nos convulsionários, algumas facilmente se reconhecem pelos numerosos exemplos que o sonambulismo e o magnetismo oferecem, tais como, além de outras, a insensibilidade física, a leitura do pensamento, a transmissão das dores, por simpatia, etc. Não podemos duvidar daqueles em quem tais crises se manifestam estejam numa espécie de sonambulismo desperto, provocado pela influência que exercem uns sobre os outros. Eles são ao mesmo tempo magnetizadores e magnetizados, inconscientemente.

483. Qual a causa da insensibilidade física que se observa em alguns convulsionários, assim como em outros indivíduos submetidos às torturas mais cruéis?

“Em alguns é exclusivamente efeito do magnetismo, que atua sobre o sistema nervoso, do mesmo modo que certas substâncias. Em outros, a exaltação do pensamento enfraquece a sensibilidade. Diríamos que nestas pessoas a vida se retirou do corpo, para se concentrar toda no Espírito. Não sabem que, quando o Espírito está fortemente preocupado com uma coisa, o corpo nada sente, vê e ouve?”

Frequentemente a exaltação fanática e o entusiasmo oferecem nos casos de suplícios o exemplo de calma e sangue-frio que não triunfariam sobre uma dor aguda se não se admitisse que a sensibilidade se encontra neutralizada por uma espécie de efeito anestésico. Sabe-se que no calor do combate a pessoa quase sempre não se apercebe de um ferimento grave, enquanto em circunstâncias comuns um simples arranhão a faz estremecer.

Visto que esses fenômenos dependem de uma causa física e da ação de certos Espíritos, podemos perguntar como, em muitos casos, atenderam a uma ordem e cessaram. A razão disso é simples. A ação dos Espíritos nesses casos é apenas secundária; somente se aproveitam de uma disposição natural. O fato de obedecer à autoridade de uma ordem dada não lhes suprimiu essa disposição, mas a causa que a mantinha e exaltava; de ativa, passou a latente, e teve razão para agir assim, porque o fato resultava em abuso e escândalo. Sabe-se, de resto, que essa intervenção não tem nenhum poder quando a ação dos Espíritos é direta e espontânea.

FEIÇÃO QUE OS ESPÍRITOS DEDICAM A CERTAS PESSOAS

484. Os Espíritos se afeiçoam de preferência a certas pessoas?

“Os bons Espíritos simpatizam com os homens de bem, ou os que buscam se melhorarem, enquanto os Espíritos inferiores se afinam com os homens viciosos, ou que podem tornar-se tais. Suas afeições são consequência da qualidade dos sentimentos.”

485. A afeição que os Espíritos têm a certas pessoas é exclusivamente moral?

“A verdadeira afeição nada tem de carnal; mas, quando um Espírito se apeg a uma pessoa, nem sempre o faz só por afeição, mas também por recordações das paixões humanas.”

486. Os Espíritos se interessam pelas nossas desgraças e pela nossa prosperidade? Os que nos querem bem se afligem com os males que padecemos durante a vida?

“Os bons Espíritos fazem todo o bem que é possível e se sentem felizes com as suas alegrias. Afligem-se com os males que vocês não conseguem suportar sem reclamações, porque então não tiram nenhum benefício desse sofrimento, em tais casos, parecendo um doente que rejeita beber o remédio amargo que dá a cura.”

487. De que mal os Espíritos mais se afligem por nossa causa? Serão os males físicos ou os morais?

“Do egoísmo e da dureza dos corações de vocês. Daí decorre tudo o mais. Riem

de todos esses males imaginários que nascem do orgulho e da ambição. Alegrem-se com os que servem para a abreviação do tempo das vossas provas.”

Sabendo que a vida corporal é transitória e que as suas dificuldades constituem meios de alcançarmos melhor estado, os Espíritos mais se afligem pelos nossos males devidos a causas de ordem moral, do que pelos nossos sofrimentos físicos, que são apenas passageiros. Pouco se incomodam com as desgraças que apenas atingem as nossas ideias mundanas, tal qual fazemos com as mágoas ingênuas das crianças. Vendo nas amarguras da vida um meio de nos adiantarmos, os Espíritos as consideram como a crise ocasional de que resultará a salvação do doente. Compadece-se dos nossos sofrimentos como nos compadecemos dos de um amigo. Porém, enxergando as coisas de um ponto de vista mais justo, apreciam esses sofrimentos de um modo diverso do nosso. Então, ao passo que os bons nos levantam o ânimo no interesse do nosso futuro, os outros nos impelem ao desespero, objetivando comprometer-nos.

488. Os parentes e amigos que nos antecederam na outra vida têm maior simpatia por nós do que os Espíritos que nos são estranhos?

“Sem dúvida, e quase sempre lhes protegem como Espíritos, de acordo com o poder de que dispõem.”

a) — São sensíveis à afeição que lhes conservamos?

“Muito sensíveis, mas esquecem-se dos que se esquecem deles.”

ANJOS DA GUARDA, ESPÍRITOS PROTETORES, FAMILIARES OU SIMPÁTICOS

489. Há Espíritos que se liguem particularmente a um indivíduo para protegê-lo?

“Há o irmão espiritual, o que vocês chamam de o bom Espírito ou o bom gênio.”

490. Que se deve entender por anjo da guarda ou anjo guardião?

“O Espírito protetor, pertencente a uma ordem elevada.”

491. Qual a missão do Espírito protetor?

“A de um pai com relação aos filhos; a de guiar o seu protegido, pela estrada do bem; auxiliá-lo com seus conselhos, consolá-lo nas suas aflições, levantar-lhe o ânimo nas provas da vida.”

492. O Espírito protetor se dedica ao indivíduo desde o seu nascimento?

“Desde o nascimento até a morte e muitas vezes o acompanha na vida espírita, depois da morte, e mesmo através de muitas existências corpóreas, que são apenas fases curtíssimas da vida do Espírito.”

493. A missão do Espírito protetor é voluntária ou obrigatória?

“Uma vez que aceitou a tarefa, o Espírito fica obrigado a lhes assistir. Porém, têm o direito de escolher aqueles que lhe sejam simpáticos. Para alguns, é um prazer; para outros, missão ou dever.”

a) — Dedicando-se a uma pessoa, o Espírito renuncia a proteger outros indivíduos?

“Não, mas os protege menos exclusivamente.”

494. O Espírito protetor fica fatalmente preso à criatura confiada à sua guarda?

“Frequentemente ocorre que alguns Espíritos deixam suas posições de protetores para desempenhar diversas missões, mas nesse caso, outros os substituem.”

495. Poderá ocorrer que o Espírito protetor abandone o seu protegido, por ele se mostrar rebelde aos conselhos?

“Afasta-se do seu protegido, quando vê que seus conselhos são inúteis e que nele é mais forte a decisão de se submeter à influência dos Espíritos inferiores. Entretanto, não o abandona completamente e sempre se faz ouvir. Então, é o homem quem tapa os ouvidos. O protetor volta desde que este o chame.

“Esta é uma doutrina que, pelo seu encanto e doçura, deveria converter os mais incrédulos. Não é grandemente consoladora a ideia de vocês têm sempre junto de si seres que lhes são superiores, sempre prontos a lhes aconselhar e amparar, a lhes ajudar a escalar a dura montanha do bem; que são amigos mais sinceros e dedicados do que todos os que vocês mais se ligam intimamente na Terra? Eles se acham ao seu lado por ordem de Deus. Foi Deus quem aí os colocou e, aí permanecendo por amor de Deus, desempenham bela, porém penosa missão. Sim, onde quer que vocês estejam, estarão convosco. Nem nas prisões, nem nos hospitais, nem nos lugares de bandalheira, nem na solidão, estão separados desses amigos a quem não podem ver, mas cujo brando influxo sua alma sente, ao mesmo tempo em que lhes ouve os conselhos prudentes.

“Ah, se conhecessem bem esta verdade! Quanto lhes ajudaria nos momentos de crise! Quanto lhes livraria dos maus Espíritos! Mas, quantas vezes, no dia solene, não se verá esse anjo constrangido a lhes observar: ‘Não te aconselhei isto? Entretanto, não o fizeste. Não te mostrei o abismo? Contudo, nele te precipitaste! Não fiz ecoar na tua consciência a voz da verdade? Preferiste, no entanto, seguir os conselhos da mentira!’ Ah! Interroguem os seus anjos guardiães; estabeleçam entre eles e vocês essa terna intimidade que reina entre os melhores amigos. Não pensem em lhes ocultar nada, pois que eles têm o olhar de Deus e vocês não podem enganá-los. Pensem no futuro; procurem se adiantar na vida presente. Assim fazendo, encurtarão suas provas e mais felizes tornarão suas existências. Vamos, homens, coragem! De uma vez por todas, lancem para longe todos os preconceitos e ideias preconcebidas. Entrem na nova senda que diante dos passos se abre para vocês. Caminhem! Tenham guias, sigam a eles, que a meta não lhes pode faltar, pois essa meta é o próprio Deus.

“Aos que pensam ser impossível que Espíritos verdadeiramente elevados se consagrem a tarefa tão laboriosa e de todos os instantes, diremos que nós lhes influenciemos as almas, estando embora muitos milhões de léguas distantes de vocês. Pois que o para nós não é nada e apesar de viverem noutro mundo, os nossos Espíritos conservam suas ligações com os de vocês. Gozamos de qualidades que não podem compreender, mas fiquem certos de que Deus não nos impôs tarefa superior às nossas forças e de que não lhes deixou a sós na Terra, sem amigos e sem amparo. Cada anjo da guarda tem o seu protegido, pelo qual vela, como o pai pelo filho. Alegre-se, quando o vê no bom caminho; sofre, quando ele lhe despreza os conselhos.

“Não receiem nos incomodar com suas perguntas. Ao contrário, procurem estar sempre em relação conosco. Serão assim mais fortes e mais felizes. São essas comunicações de cada um com o seu Espírito familiar que fazem com que todos os homens sejam médiuns, médiuns ignorados hoje, mas que se manifestarão mais tarde e se espalharão igual um oceano sem margens, levando de roldão a incredulidade e a ignorância. Homens sábios, instruem os semelhantes; homens de talento, eduquem os seus irmãos. Não imaginem que obra fazem desse modo: a do Cristo, a que Deus impõe a vocês. Para que Deus lhes confiou a inteligência e o saber senão para repartirem com os seus irmãos, senão para fazerem que se adiantem pela senda que conduz à bem-aventurança, à felicidade eterna?”

São Luís, Santo Agostinho.

Nada tem de surpreendente a doutrina dos anjos guardiães, que é a de velar pelos seus protegidos, apesar da distância entre os mundos. Ao contrário, é grandiosa e sublime. Não vemos na Terra o pai velar pelo filho, ainda que de muito longe, e lhe auxiliar com seus conselhos correspondendo-se com ele? Que motivo de espanto haverá então em que os Espíritos possam, de um outro mundo, guiar os habitantes da Terra que eles tomaram sob sua proteção, uma vez que, para eles, a distância que vai de um mundo a outro é menor do que a que, neste planeta, separa os continentes? Além disso, eles não dispõem do fluido universal, que entrelaça todos os mundos, tornando-os solidários; veículo imenso da transmissão dos pensamentos, como o ar é, para nós, o da transmissão do som?

496. O Espírito que abandona o seu protegido, que deixa de lhe fazer bem, pode fazer-lhe mal?

“Os bons Espíritos nunca fazem mal. Deixam aqueles que lhes tomam o lugar fazerem o que quiser. Vocês costumam deixar à conta da sorte todas as desgraças que lhes oprimem, mas só as sofrem por culpa de vocês mesmos.”

497. Um Espírito protetor pode deixar o seu protegido à mercê de outro Espírito que lhe queira fazer mal?

“Os Espíritos maldosos se unem para neutralizar a ação dos bons. Mas, quando o protegido quer, receberá toda a força do seu guardião. Pode acontecer que o bom Espírito encontre em algum lugar uma boa vontade a ser auxiliada. Aplica-se então em auxiliá-la, aguardando que seu protegido volte para ele.”

498. Será por não poder lutar contra Espíritos malévolos que um Espírito protetor deixa que seu protegido se transvie na vida?

“Não é porque não possa, mas porque não quer; e não quer porque o seu protegido sai das provas mais instruído e perfeito. Auxilia-o sempre com seus conselhos, dando-os por meio dos bons pensamentos que lhe inspira, porém que quase nunca são atendidos. A fraqueza, o descuido ou o orgulho do homem são exclusivamente o que empresta força aos Espíritos maldosos e todo o seu poder vem do fato de vocês não fazerem resistência a eles.”

499. O Espírito protetor está constantemente com o seu protegido? Não haverá alguma circunstância em que, sem abandoná-lo, ele o perca de vista?

“Há circunstâncias em que não é necessário que o Espírito protetor esteja junto do seu protegido.”

500. Haverá momentos em que o Espírito passe a deixar de precisar do seu protetor?

“Sim, quando ele atinge o ponto de poder guiar a si mesmo, como sucede ao estudante, para o qual chega um momento em que não mais precisa de professor. Isso, porém, não se dá na Terra.”

501. Por que é invisível a ação dos Espíritos sobre a nossa existência e por que, quando nos protegem, não o fazem de modo superior?

“Se fosse possível sempre contar com a ação deles, vocês não agiriam por si mesmos e o seu Espírito não progrediria. Para que possa evoluir, precisa de experiência, adquirindo-a frequentemente à própria custa. É necessário que exercite suas forças, sem o que, seria como a criança a quem não consentem que ande sozinha. A ação dos Espíritos que querem bem a vocês é sempre regulada de maneira que não atrapalhe o seu livre-arbítrio, pois, se não tivessem responsabilidade, não avançariam no caminho que há de lhes conduzir a Deus. Não vendo quem o ampara, o homem se confia às suas próprias forças. Entretanto, sobre ele o seu guia vela e de tempos a tempos lhe protesta, advertindo-o do perigo.”

502. O Espírito protetor que consegue trazer o seu protegido ao bom caminho lucra algum bem para si?

“Isso é um mérito que lhe é levado em conta, seja para seu progresso, seja para sua felicidade. Sente-se ditoso quando vê que seus esforços foram bem-sucedidos, o que representa para ele um triunfo, como é um triunfo para um educador os bons êxitos do seu aluno.”

a) — É responsável pelo mau resultado de seus esforços?

“Não, pois que fez o que dependia dele.”

503. O Espírito protetor sofre quando vê seu protegido seguir o mau caminho, apesar dos avisos que dele recebe? Não há aí uma causa de perturbação da sua felicidade?

“Sensibiliza-se com os erros do seu protegido, a quem lastima. Contudo, tal aflição não é igual às angústias da paternidade terrena, porque ele sabe que há remédio para o mal e que o que não se faz hoje, amanhã se fará.”

504. Poderemos sempre saber o nome do Espírito nosso protetor, ou anjo da guarda?

“Como querem saber nomes inexistentes para vocês? Supõem que só há Espíritos que conhecem?”

a) — Como então podemos invocá-lo, se o não conhecemos?

“Deem a ele o nome que quiserem, de um Espírito superior que lhes inspire simpatia ou veneração. O seu protetor responderá ao apelo que com esse nome lhe dirigirem, visto que todos os bons Espíritos são irmãos e se ajudam entre si.”

505. Os protetores que dão nomes conhecidos sempre são realmente os Espíritos das personalidades que tiveram esses nomes?

“Não. Muitas vezes, os que os dão são Espíritos simpáticos aos que de tais nomes usaram na Terra e, a mando destes, respondem ao seu chamamento. Vocês fazem questão de nomes; eles tomam um que lhes inspire confiança. Quando não podem desempenhar pessoalmente determinada missão, não costumam mandar que outro, por quem respondem como por vocês mesmos, faça em seu nome?”

506. Na vida espírita, reconheceremos o Espírito nosso protetor?

“Claro e é comum que já o conheça antes de encarnarem.”

507. Todos os Espíritos protetores pertencem à classe dos Espíritos elevados? Podem estar entre os de classe média? Um pai, por exemplo, pode se tornar o Espírito protetor de seu filho?

“Pode, mas a proteção pressupõe certo grau de elevação e um poder ou uma virtude a mais, concedidos por Deus. O pai que protege seu filho também pode ser auxiliado por um Espírito mais elevado.”

508. Os Espíritos que se achavam em boas condições ao deixarem a Terra sempre podem proteger os que querem bem e que lhes sobrevivem?

“O poder de que eles desfrutam é mais ou menos restrito. A situação em que se encontram nem sempre lhes permite inteira liberdade de ação.”

509. Quando no estado de selvageria ou de inferioridade moral, os homens têm seus

Espíritos protetores igualmente na mesma condição? E, assim sendo, esses Espíritos são de ordem tão elevada quanto a dos Espíritos protetores de homens muito adiantados?

“Todo homem tem um Espírito que vela por ele, mas as missões são relativas ao objetivo que visam. Não se dá a uma criança que está aprendendo a ler um professor de filosofia. O progresso do Espírito familiar guarda relação com o do Espírito protegido. Tendo um Espírito a lhes velar, por sua vez, vocês podem se tornar o protetor de outro que seja inferior, e os progressos que este realize, com o auxílio que lhe dispensarem, contribuirão para o seu adiantamento. Deus não exige do Espírito mais do que a sua natureza e o grau de elevação a que já chegou comportem.”

510. Quando o pai que vela pelo filho reencarna, continua a velar por ele?

“Isso é mais difícil. Contudo, de certo modo o faz, num instante de abnegação, pedindo a um Espírito simpático que o ajude nessa missão. Além disso, os Espíritos só aceitam missões que possam desempenhar até ao fim.

“Normalmente, quando encarnado em mundo onde a existência é material, o Espírito se acha muito sujeito ao corpo para poder se dedicar inteiramente a outro Espírito, isto é, para poder ajudá-lo pessoalmente. Tanto assim que os que ainda não se elevaram bastante são também assistidos por outros, que lhes estão acima, de tal sorte que, se por qualquer circunstância um vem a faltar, outro lhe supre a falta.”

511. A cada indivíduo, além do Espírito protetor, um Espírito maldoso se achará ligado com o propósito de induzi-lo ao erro e de lhe proporcionar ocasiões de lutar entre o bem e o mal?

“Ligado, não é o termo. É certo que os Espíritos maldosos procuram desviar o homem do bom caminho, quando lhes surge a ocasião. Porém, sempre que um deles se liga a um indivíduo, o faz por si mesmo, porque conta ser atendido. Há então luta entre o bom e o mau, vencendo aquele por quem o homem se deixe influenciar.”

512. Podemos haver muitos Espíritos protetores?

“Cada homem sempre tem Espíritos, mais ou menos elevados, que com ele simpatizam, que lhe dedicam afeto e por ele se interessam, como também tem junto de si outros que o assistem no mal.”

513. Os Espíritos que se simpatizam conosco atuam em cumprimento de missão?

“Não raro, desempenham missão temporária; porém, muitas vezes, são apenas atraídos pela identidade de pensamentos e sentimentos, assim para o bem como para o mal.”

a) — Parece justo concluir daí que os Espíritos a quem somos simpáticos podem ser bons ou maus, não?

“Sim, qualquer que seja a sua qualidade, o homem sempre encontra Espíritos que com tem afinidade.”

514. Os Espíritos familiares são os mesmos a quem chamamos Espíritos simpáticos ou Espíritos protetores?

“Há gradações na proteção e na simpatia. Deem a eles os nomes que quiserem. O Espírito familiar é antes o amigo da casa.”

Das explicações acima e das observações feitas sobre a natureza dos Espíritos que se afeiçoam ao homem, podemos deduzir o seguinte: O Espírito protetor, anjo de guarda ou bom gênio tem por missão seguir o homem na vida e ajudá-lo a progredir. É sempre de natureza superior à do protegido. Os Espíritos familiares se ligam a certas pessoas

por laços mais ou menos duráveis, para ajudá-las conforme seu poder, muitas vezes limitado. São bons, mas, às vezes, pouco avançados e mesmo um pouco irresponsáveis; ocupam-se voluntariamente dos detalhes da vida íntima e somente agem por ordem ou com permissão dos Espíritos protetores. Os Espíritos simpáticos se ligam a nós por afeições particulares e certa semelhança de gostos e de sentimentos tanto para o bem quanto para o mal. A duração de suas relações é quase sempre subordinada às circunstâncias. O mau gênio é um Espírito imperfeito ou perverso que se liga ao homem para desviá-lo do bem, mas age por sua própria iniciativa e não no cumprimento de uma missão. A constância da sua ação está em razão do acesso mais ou menos fácil que encontra. O homem tem a liberdade para escutar-lhe a voz ou rejeitá-la.

515. Que pensar dessas pessoas que se ligam a certos indivíduos para levá-los à perdição, ou para guiá-los pelo bom caminho?

“Efetivamente, certas pessoas exercem sobre outras uma espécie de fascinação que parece irresistível. Quando isso se dá no sentido do mal, são Espíritos maldosos, de que outros Espíritos também maus se servem para subjugar-las. Deus permite que tal coisa ocorra para lhes experimentar.”

516. Nossos bom e mau gênios poderiam encarnar a fim de nos acompanharem na vida mais de perto?

“Isso às vezes acontece. Porém, o que se verifica mais frequentemente é encarregarem dessa missão outros Espíritos encarnados que lhes são simpáticos.”

517. Haverá Espíritos que se liguem a uma família inteira para protegê-la?

“Alguns Espíritos se ligam aos membros de uma determinada família, que vivem juntos e unidos pela afeição; mas, não acreditem em Espíritos protetores do orgulho das raças.”

518. Assim como são atraídos a certos indivíduos pela simpatia, os Espíritos são igualmente atraídos por motivos particulares para as reuniões de indivíduos?

“Os Espíritos preferem estar no meio dos que são semelhantes a eles. Acham-se aí mais à vontade e mais certos de serem ouvidos. É pelas suas tendências que o homem atrai os Espíritos e isso quer esteja só, quer faça parte de um todo coletivo, como uma sociedade, uma cidade, ou um povo. Portanto, as sociedades, as cidades e os povos são influenciados por Espíritos mais ou menos elevados, de acordo com as paixões e o caráter neles predominantes. Os Espíritos imperfeitos se afastam dos que os rejeitam. Segue-se que o aperfeiçoamento moral das coletividades, como o dos indivíduos, tende a afastar os maus Espíritos e a atrair os bons, que estimulam e alimentam nelas o sentimento do bem, como outros lhes podem insuflar as paixões grosseiras.”

519. As aglomerações de indivíduos — como as sociedades, as cidades, as nações — têm Espíritos protetores especiais?

“Têm, pela razão de que esses agregados são individualidades coletivas que, caminhando para um objetivo comum, precisam de uma direção superior.”

520. Os Espíritos protetores das coletividades são de natureza mais elevada do que os que se ligam aos indivíduos?

“Tudo é relativo ao grau de adiantamento, seja das coletividades, seja dos indivíduos.”

521. Certos Espíritos podem auxiliar o progresso das artes, protegendo os que se dedicam a elas?

“Há Espíritos protetores especiais e que assistem os que os invocam, quando dignos dessa assistência. Porém, que querem que façam com os que julgam ser o que não

são? Não lhes cabe fazer que os cegos vejam, nem que os surdos ouçam.”

Os antigos fizeram desses Espíritos divindades especiais. As Musas eram a personificação alegórica dos Espíritos protetores das ciências e das artes, como designavam sob o nome de Lares e Penates⁷³ os Espíritos protetores da família. Modernamente, também, as artes, as diferentes indústrias, as cidades, os continentes têm seus patronos protetores, Espíritos Superiores, mas sob outros nomes.

Cada homem tem Espíritos que lhe são simpáticos, e resulta disso que, em todas as coletividades, a generalidade dos Espíritos simpáticos está em relação com a generalidade dos indivíduos; que os Espíritos de costumes e procedimentos estranhos são atraídos para essas coletividades pela identidade dos gostos e dos pensamentos; em uma palavra, que essas multidões de pessoas, assim como os indivíduos, são mais ou menos bem assistidos e influenciados conforme a natureza dos pensamentos dos que os compõem.

Entre os povos, as causas de atração dos Espíritos são os costumes, os hábitos, o caráter dominante e principalmente as leis, porque o caráter de uma nação se reflete em suas leis. Os homens que fazem reinar a justiça entre si combatem a influência dos maus Espíritos. Em toda parte onde as leis consagram injustiças, contrárias à humanidade, os bons Espíritos estão em minoria e a massa dos maus se reúne e mantém a nação sob o domínio das suas ideias e paralisa as boas influências parciais que ficam perdidas na multidão, como uma espiga isolada no meio dos espinheiros. Ao estudar os costumes dos povos ou de qualquer reunião de homens, é fácil, portanto, fazer uma ideia da população oculta que se infiltra em seus pensamentos e em suas ações.

PRESENTIMENTOS

522. O pressentimento é sempre um aviso do Espírito protetor?

“É o conselho íntimo e oculto de um Espírito que lhes quer bem. Também está na intuição da escolha que se tenha feito. É a voz do instinto. Antes de encarnar, o Espírito tem conhecimento das fases principais de sua existência, isto é, do gênero das provas a que se submete. Tendo o caráter assinalado, ele conserva, no seu foro íntimo, uma espécie de impressão de tais provas e esta impressão, que é a voz do instinto, fazendo-se ouvir quando lhe chega o momento de sofrê-las, se torna pressentimento.”

523. Acontecendo que os pressentimentos e a voz do instinto são sempre algum tanto vagos, que devemos fazer, na incerteza em que ficamos?

“Quando te achar na incerteza, invoca o teu bom Espírito, ou ora a Deus, soberano senhor de todos, e Ele te enviará um de seus mensageiros, um de nós.”

524. Os avisos dos Espíritos protetores objetivam unicamente o nosso procedimento moral, ou também o proceder que devamos adotar nos assuntos da vida particular?

“Tudo. Eles se esforçam para que vivam o melhor possível. Mas, quase sempre vocês tapam os ouvidos aos avisos salutares e se tornam desgraçados por culpa própria.”

Os Espíritos protetores nos ajudam com seus conselhos, mediante a voz da consciência que fazem ressoar em nosso íntimo. Porém, como nem sempre damos a devida importância a isso, eles nos dão outros conselhos mais diretos, servindo-se das pessoas que nos cercam. Examine cada um as diversas circunstâncias felizes ou infelizes de sua vida e verá que em muitas ocasiões recebeu conselhos de que se não aproveitou e que lhe teriam poupado muitos desgostos, se os tivessem escutado.

INFLUÊNCIA DOS ESPÍRITOS NOS ACONTECIMENTOS DA VIDA

525. Os Espíritos exercem alguma influência nos acontecimentos da vida?

“Certamente, pois que lhes aconselham.”

⁷³ **Lares e Penates:** deuses domésticos entre os romanos e pagãos – N. E.

a) — Exercem essa influência por outra forma que não apenas pelos pensamentos que sugerem, isto é, têm ação direta sobre o cumprimento das coisas?

“Sim, mas nunca atuam fora das leis da Natureza.”

Imaginamos erradamente que aos Espíritos só caiba manifestar sua ação por fenômenos extraordinários. Quiséramos que nos viessem auxiliar por meio de milagres e os figuramos sempre armados de uma varinha mágica. Por não ser assim é que nos parece ser oculta a intervenção que têm nas coisas deste mundo e muito natural o que se executa com o auxílio deles. Assim é que, por exemplo, provocando o encontro de duas pessoas, que suporão encontrar-se por acaso; inspirando a alguém a ideia de passar por determinado lugar; chamando-lhe a atenção para certo ponto, se disso resulta o que tenham em vista, eles atuam de tal maneira que o homem, crente de que obedece a um impulso próprio, conserva sempre o seu livre-arbítrio.

526. Tendo ação sobre a matéria, os Espíritos podem provocar certos efeitos com o objetivo de que certo acontecimento se dê? Por exemplo: um homem tem que morrer; sobe uma escada, a escada se quebra e ele morre da queda. Foram os Espíritos que quebraram a escada, para que o destino daquele homem se cumprisse?

“É exato que os Espíritos têm ação sobre a matéria, mas para cumprimento das leis da Natureza, não para anulá-las, fazendo que, em dado momento, ocorra um sucesso inesperado e em contrário àquelas leis. No exemplo dado, a escada se quebrou porque se achava podre, ou por não ser bastante forte para suportar o peso de um homem. Se era destino daquele homem perecer de tal maneira, os Espíritos lhe inspirariam a ideia de subir a escada em questão, que teria de quebrar-se com o seu peso, resultando-lhe daí a morte por um efeito natural e sem que para isso fosse preciso a produção de um milagre.”

527. Tomemos outro exemplo, em que a matéria não entre em seu estado natural. Um homem tem que morrer fulminado pelo raio. Refugia-se debaixo de uma árvore. Estala o raio e o mata. Poderá ocorrer que tenham sido os Espíritos que provocaram a produção do raio e que o dirigiram para o homem?

“Ocorre o mesmo que anteriormente. O raio caiu sobre aquela árvore em tal momento porque estava nas leis da Natureza que assim acontecesse. O raio não foi encaminhado para a árvore porque o homem estava debaixo dela. A este, sim, foi inspirada a ideia de se abrigar debaixo de uma árvore sobre a qual cairia o raio, pois a árvore não deixaria de ser atingida se o homem não estivesse debaixo de sua fronde.”

528. No caso de uma pessoa mal-intencionada disparar sobre outra uma bala, que apenas lhe passe perto, sem a atingir, poderá ter sucedido que um Espírito bondoso tenha desviado o projétil?

“Se o indivíduo alvejado não tem que perecer desse modo, o Espírito bondoso lhe inspirará a ideia de se desviar, ou então poderá ofuscar aquele que empunha a arma, de sorte a fazê-lo apontar mal, pois, uma vez disparada a arma, a bala segue a linha que tem de percorrer.”

529. Que se deve pensar das balas encantadas, de que falam algumas lendas e que fatalmente atingem o alvo?

“Pura imaginação. O homem gosta do maravilhoso e não se contenta com as maravilhas da Natureza.”

a) — Os Espíritos que dirigem os acontecimentos terrenos podem ter sua ação dificultada por Espíritos que queiram o contrário?

“O que Deus quer se executa. Se houver demora na execução, ou lhe surjam obstáculos, é porque Ele assim o quis.”

530. Os Espíritos levianos e zombeteiros não podem criar pequenos embaraços à realização dos nossos projetos e transtornar as nossas previsões? Noutras palavras, serão eles os causadores do que chamamos pequenas misérias da vida humana?

“Eles se alegram em lhes causar aborrecimentos que representam para vocês provas destinadas a exercitar a paciência. Contudo, cansam-se, quando veem que nada conseguem. Mas não seria justo e nem acertado atribuir a eles todas as decepções que experimentam e de que vocês são os principais culpados pela própria irreflexão. Fiquem certos de que, se a sua louça se quebra, é mais por descuido de vocês do que por culpa dos Espíritos.”

a) — Destes, os que provocam contrariedades agem impulsionados por inimizade pessoal, ou assim procedem contra qualquer um, sem motivo determinado e por pura malícia?

“Por uma e outra coisa. Às vezes os que assim lhes molestam são inimigos que vocês ganharam nesta ou em precedente existência. Doutras vezes, nenhum motivo há.”

531. A maldade dos seres que nos fizeram mal na Terra se extingue com a morte?

“Muitas vezes, eles reconhecem a injustiça com que procederam e o mal que causaram. Mas também não é raro que continuem a perseguir, cheios de rancor, se Deus o permitir, para ainda lhes experimentar.”

a) — Podemos pôr fim a isso? Como?

“Podem. Orando por eles e lhes retribuindo o mal com o bem, acabarão compreendendo a injustiça do proceder deles. Demais, se souberem se colocar acima de suas maquinações, se deixarão por verificarem que nada lucram.”

A experiência demonstra que alguns Espíritos continuam em outra existência a exercer as vinganças que vinham tomando e que assim, cedo ou tarde, o homem paga o mal que tenha feito aos outros.

532. Os Espíritos tem o poder de afastar os males de certas pessoas e de favorecê-las com a prosperidade?

“De todo não, porque há males que estão nos decretos da Providência. Porém, amenizam as dores, dando-lhes paciência e resignação.

“Fiquem sabendo também que depende de vocês muitas vezes pouparem-se dos males, ou, pelo menos, atenuá-los. Deus lhes deu a inteligência para que se sirvam dela e é principalmente por esse meio que os Espíritos lhes auxiliam, sugerindo-lhes ideias propícias ao bem de vocês. Mas, não ajudam senão os que sabem se ajudar a si mesmos. Esse o sentido destas palavras: Busquem e acharão, batam à porta e ela se abrirá.

“Saibam ainda que nem sempre o que parece é um mal. Frequentemente, daquilo que consideram um mal sairá um bem muito maior. Quase nunca compreendem isso, porque só se atentam no momento presente ou na sua própria pessoa.”

533. Os Espíritos podem fazer que consigam riquezas aqueles que lhes pedem que assim aconteça?

“Algumas vezes, como prova. Quase sempre, porém, recusam, como se recusa à criança a satisfação de um pedido considerado.”

a) — São bons ou maus os Espíritos que concedem esses favores?

“Uns e outros; depende da intenção. Na maioria das vezes, entretanto, os que os concedem são os Espíritos que lhes querem arrastar para o mal e que encontram meio fácil de o conseguirem, facilitando-lhes os gozos que a riqueza proporciona.”

534. Será por influência de algum Espírito que, fatalmente, a realização dos nossos projetos parece encontrar obstáculos?

“Algumas vezes isso é efeito da ação dos Espíritos; muito mais vezes, porém, é que vocês andam errados na elaboração e na execução dos seus projetos. Muito influem nesses casos a posição e o caráter do indivíduo. Se teimam em ir por um caminho que não devem seguir, os Espíritos não têm nenhuma culpa dos seus insucessos. Vocês mesmos são os seus próprios maus gênios.”

535. Quando uma prosperidade nos vem é ao Espírito nosso protetor que devemos agradecê-lo?

“Agradeçam primeiramente a Deus, sem cuja permissão nada se faz; depois, aos bons Espíritos que foram os agentes da sua vontade.”

a) — Que aconteceria se nos esquecêssemos de agradecer?

“O que sucede aos ingratos.”

b) — No entanto, há pessoas que não pedem e nem agradecem e às quais tudo sai bem!

“Assim é, de fato, mas é preciso ver o fim. Pagarão bem caro essa felicidade que não merecem, pois quanto mais recebem, maiores contas terão que prestar.”

AÇÃO DOS ESPÍRITOS NOS FENÔMENOS DA NATUREZA

536. Os grandes fenômenos da Natureza — aqueles que são considerados como uma perturbação dos elementos — são de causas imprevistas ou, ao contrário, são providenciais?

“Tudo tem uma razão de ser e nada acontece sem a permissão de Deus.”

a) — Esses fenômenos sempre têm como objetivo o homem?

“Às vezes têm uma razão direta com o homem, mas na maioria dos casos têm por único motivo o restabelecimento do equilíbrio e da harmonia das forças físicas da Natureza.”

b) — Sabemos perfeitamente que a vontade de Deus é a causa principal, nisto como em tudo; porém, cientes de que os Espíritos exercem ação sobre a matéria e que são os agentes da vontade de Deus, perguntamos se alguns dentre eles não exercerão certa influência sobre os elementos para os agitar, acalmar ou dirigir?

“Mas, evidentemente. Nem poderia ser de outro modo. Deus não exerce ação direta sobre a matéria. Ele encontra agentes dedicados em todos os graus da escala dos mundos.”

537. A mitologia dos antigos se fundava inteiramente em ideias espíritas, com a única

diferença de que consideravam os Espíritos como divindades. Representavam esses deuses ou esses Espíritos com atribuições especiais. Assim, uns eram encarregados dos ventos, outros do raio, outros de presidir ao fenômeno da vegetação, etc. Semelhante crença é totalmente sem fundamento?

“Tão pouco destituída de fundamento que ainda está muito longe da verdade.”

a) — Poderá então haver Espíritos que habitem o interior da Terra e presidam aos fenômenos geológicos?

“Tais Espíritos não habitam no interior da Terra exatamente. Presidem aos fenômenos e os dirigem de acordo com as atribuições que têm. Dia virá em que receberão a explicação de todos esses fenômenos e vocês vão compreendê-los melhor.”

538. Os Espíritos que presidem aos fenômenos da Natureza formam uma categoria especial no mundo espírita? Serão seres à parte, ou Espíritos que foram encarnados como nós?

“Que foram ou que o serão.”

a) — Pertencem às ordens superiores ou às inferiores da hierarquia espírita?

“Isso é conforme seja mais ou menos material, mais ou menos inteligente o papel que desempenhem. Uns mandam, outros executam. Os que executam coisas materiais são sempre de ordem inferior, assim entre os Espíritos, como entre os homens.”

539. A produção de certos fenômenos — das tempestades, por exemplo — é obra de um só Espírito, ou muitos se reúnem, formando grandes massas, para produzi-los?

“Reúnem-se em massas inumeráveis.”

540. Os Espíritos que exercem ação nos fenômenos da Natureza operam com conhecimento de causa, usando do livre-arbítrio, ou por efeito de instintivo ou irrefletido impulso?

“Uns sim, outros não. Vamos fazer uma comparação: imaginem essas imensidades de animais que pouco a pouco fazem sair do mar as ilhas e os arquipélagos, acreditam que não há nisso um objetivo providencial e que essa transformação da superfície do globo não seja necessária para a harmonia geral? Esses são apenas animais da última ordem que realizam essas coisas para proverem suas necessidades e sem desconfiarem que sejam os instrumentos de Deus. Pois bem! Do mesmo modo, os Espíritos mais atrasados são úteis ao conjunto; enquanto ensaiam para a vida e antes de ter plena consciência de seus atos e seu livre-arbítrio, agem sobre alguns fenômenos dos quais são agentes inconscientes. Executam primeiro; mais tarde, quando sua inteligência estiver mais desenvolvida, comandarão e dirigirão as coisas do mundo material; mais tarde ainda, poderão dirigir as coisas do mundo moral. É assim que tudo serve, tudo se encaixa na natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo que começou pelo átomo; admirável lei de harmonia da qual Espírito limitado de vocês ainda não pode entender o conjunto.”

OS ESPÍRITOS DURANTE OS COMBATES

541. Durante uma batalha, há Espíritos assistindo e amparando cada um dos exércitos?

“Sim, e que lhes estimulam a coragem.”

Os antigos figuravam os deuses tomando o partido deste ou daquele povo. Esses deuses eram simplesmente Espíritos representados por alegorias.

542. Numa guerra, a justiça estando sempre de um dos lados, como pode haver Espíritos que tomem o partido dos que combatem por uma causa injusta?

“Bem sabem que há Espíritos que só se contentam na discórdia e na destruição. Para esses, a guerra é a guerra. A justiça da causa pouco os preocupa.”

543. Alguns Espíritos podem influenciar o general na elaboração de seus planos de campanha na guerra?

“Sem dúvida alguma. Podem influenciá-lo nesse sentido, como com relação a todas as concepções.”

544. Espíritos malvados podem inspirar planos errados com o fim de levá-lo à derrota?

“Podem; mas, ele não tem o livre-arbítrio? Se não tiver critério bastante para distinguir uma ideia falsa, sofrerá as consequências e melhor faria se obedecesse, em vez de comandar.”

545. Alguma vez, o general pode ser guiado por uma espécie de dupla vista, por uma visão intuitiva, que lhe mostre de antemão o resultado de seus planos?

“Isso se dá muito com o homem genial. É o que ele chama inspiração e o que faz que atue com uma espécie de certeza. Essa inspiração lhe vem dos Espíritos que o dirigem, os quais se aproveitam das faculdades de que o veem dotado.”

546. No tumulto dos combates, que se passa com os Espíritos dos que morrem? Após a morte, eles continuam a se interessar pela batalha?

“Alguns continuam, outros se afastam.”

Acontece nos combates, o que ocorre em todos os casos de morte violenta: no primeiro momento, o Espírito fica surpreso e como que atordoado. Julga não estar morto. Parece-lhe que ainda toma parte na ação. A realidade só lhe surge pouco a pouco.

547. Após a morte, os Espíritos, que guerreavam enquanto estavam vivos, continuam a se considerar inimigos e se conservam ferozes uns contra os outros?

“Nessas ocasiões, o Espírito nunca está calmo. Pode acontecer que nos primeiros instantes depois da morte ainda odeie o seu inimigo e mesmo o persiga. Todavia, quando a serenidade nas suas ideias se restabelece, vê que não há mais nenhum fundamento para sua animosidade. Contudo, não é impossível que guarde dela vestígios mais ou menos fortes, conforme o seu caráter.”

a) — Continua a ouvir o rumor da batalha?

“Perfeitamente.”

548. O Espírito que assiste calmamente a um combate observa o ato de separação entre a alma e o corpo? Como esse fenômeno se apresenta a ele?

“Raras são as mortes verdadeiramente instantâneas. Na maioria dos casos, o Espírito, cujo corpo acaba de ser mortalmente ferido, não tem consciência imediata desse fato. Somente quando ele começa a reconhecer a nova condição em que se acha, é que os espectadores podem distingui-lo, a mover-se ao lado do cadáver. Isso parece tão natural, que nenhum efeito desagradável lhe causa a vista do corpo morto. Tendo-se a vida toda concentrada no Espírito, só ele prende a atenção dos outros. É com ele que estes conversam, ou a ele é que fazem determinações.”

PACTOS

549. Há algo de verdade nos pactos com os maus Espíritos?

“Não, não há pactos. Porém, há naturezas malévolas que simpatizam com os maus Espíritos. Por exemplo: quer atormentar o teu vizinho e não sabe como fazer, então chama por Espíritos inferiores que, igual a ti, só querem o mal e que, para te ajudarem, exigem que também os sirvas em seus maus intuitos. Mas, não se segue que o teu vizinho não possa se livrar deles por meio de uma ação contrária e pela ação da sua vontade. Aquele que procura praticar uma ação má, pelo simples fato de alimentar essa intenção, chama em seu auxílio maus Espíritos, aos quais fica então obrigado a servir, porque esses Espíritos também precisam dele para o mal que queiram fazer. Nisto apenas é que consiste o pacto.”

O fato de o homem às vezes ficar na dependência dos Espíritos inferiores nasce de se entregar aos maus pensamentos que estes lhe sugerem e não de estipulações quaisquer que com eles faça. O pacto, no sentido vulgar do termo, é uma alegoria representativa da simpatia existente entre um indivíduo de natureza má e Espíritos maldosos.

550. Qual o sentido das lendas fantásticas em que indivíduos teriam vendido suas almas a Satanás para obterem certos favores?

“Todas as fábulas carregam um ensinamento e um sentido moral, mas é errado tomá-las ao pé da letra. Isso a que se refere é uma alegoria, que se pode explicar desta maneira: aquele que chama Espíritos em seu auxílio para obter riquezas ou qualquer outro favor deles, rebela-se contra a Providência; renuncia à missão que recebeu e às provas que lhe cumpre suportar neste mundo. Sofrerá na vida futura as consequências desse ato. Isto não quer dizer que sua alma fique para sempre condenada à desgraça. Mas, desde que, em lugar de se desprender da matéria, cada vez mais se enterra nela, não terá, no mundo dos Espíritos, a satisfação de que haja gozado na Terra, até que tenha resgatado a sua falta, por meio de novas provas, talvez maiores e mais penosas. Coloca-se, por amor dos gozos materiais, na dependência dos Espíritos impuros. Estabelece-se assim, de maneira implícita, entre estes e o delinquente, um pacto que o leva à sua perda, mas que lhe será sempre fácil romper, se o quiser firmemente, buscando a assistência dos bons Espíritos.”

PODER OCULTO. TALISMÃS. FEITICEIROS

551. Um homem mau, com o auxílio de um mau Espírito que lhe seja dedicado, pode fazer mal ao seu próximo?

“Não; Deus não o permitiria.”

552. Que se deve pensar da crença que certas pessoas teriam de poder enfeitiçar?

“Algumas pessoas dispõem de grande força magnética, de que podem fazer mau uso, se seus próprios Espíritos forem maus, nessa caso, podem ser ajudados por outros Espíritos maus. Porém, não acreditem num pretensão poder mágico, que só existe na imaginação de criaturas supersticiosas, ignorantes das verdadeiras leis da Natureza. Os fatos que citam, como prova da existência desse poder, são fatos naturais, mal observados e sobretudo mal compreendidos.”

553. Qual o efeito produzido pelas fórmulas e práticas pelas quais algumas pessoas pretendem dispor do auxílio dos Espíritos?

“O efeito de torná-las ridículas, se procedem de boa-fé. No caso contrário, são

malandros que merecem castigo. Todas as fórmulas são meras charlatanearias. Não há palavra sacramental nenhuma, nenhum sinal cabalístico, nem talismã, que tenha qualquer ação sobre os Espíritos, pois estes só são atraídos pelo pensamento e não pelas coisas materiais.”

a) — Mas, não é verdade que alguns Espíritos têm ditado, eles próprios, fórmulas cabalísticas?

“Efetivamente, há Espíritos que indicam sinais, palavras estranhas, ou prescrevem a prática de atos, por meio dos quais se fazem os chamados conjuros. Mas, fiquem certos de que são Espíritos que brincam e zombam da credulidade de vocês.”

554. Aquele que, com ou sem razão, confia no que chama a virtude de um talismã, por causa dessa confiança pode atrair um Espírito, já que o que atua é o pensamento? O talismã não será apenas um sinal que apenas lhe auxilia a concentração?

“É verdade; mas a qualidade do Espírito que é atraído dependa da pureza da intenção e da elevação dos sentimentos. Ora, aquele que seja bastante bobo para acreditar na virtude de um talismã muito raramente deixará de desejar um fim mais material do que moral. Entretanto, em qualquer caso, essa crença denuncia uma inferioridade e uma fraqueza de ideias que favorecem a ação dos Espíritos imperfeitos e gozadores.”

555. Que sentido se deve dar à qualificação de feiticeiro?

“Aqueles a quem chamam feiticeiros são pessoas que, quando de boa-fé, gozam de certas faculdades, como a força magnética ou a dupla vista. Então, como fazem coisas geralmente incompreensíveis, são tidas por dotadas de um poder sobrenatural. Os seus sábios não têm passado muitas vezes por feiticeiros aos olhos dos ignorantes?”

O Espiritismo e o magnetismo nos dão a chave de uma imensidade de fenômenos sobre os quais a ignorância criou um número infinito de fábulas, em que os fatos se apresentam exagerados pela imaginação. O conhecimento lúcido dessas duas ciências que, a bem dizer, formam uma única, mostrando a realidade das coisas e suas verdadeiras causas, constitui o melhor preservativo contra as ideias supersticiosas, porque revela o que é possível e o que é impossível, o que está nas leis da Natureza e o que não passa de ridícula crendice.

556. Algumas pessoas têm verdadeiramente o poder de curar pelo simples contato?

“A força magnética pode chegar até esse ponto, quando aliada à pureza dos sentimentos e por um ardente desejo de fazer o bem, porque então os bons Espíritos lhe auxiliam. Porém, é preciso desconfiar da maneira pela qual as pessoas muito crédulas e muito entusiastas contam as coisas, sempre dispostas a considerar como sendo maravilhoso o que há de mais simples e mais natural. Importa desconfiar também das narrativas interesseiras, que costumam fazer os que exploram a fé alheia em seu proveito.”

BÊNÇÃOS E MALDIÇÕES

557. A bênção e a maldição podem atrair o bem e o mal para aquele sobre quem são lançadas?

“Deus não escuta a maldição injusta e se torna culpado perante Ele aquele que a profere. Como temos os dois gênios opostos, o bem e o mal, a maldição pode exercer momentaneamente influência até mesmo sobre a matéria. Mas, tal influência só se verifica por vontade de Deus, como aumento de prova para aquele que é dela objeto.

Além do mais, o que é comum é os maus serem amaldiçoados e os bons serem abençoados. Jamais a bênção e a maldição podem desviar da senda da justiça a Providência, que nunca fere o maldito, senão quando mau, e cuja proteção não acoberta senão aquele que a merece.”

CAPÍTULO X

DAS OCUPAÇÕES E MISSÕES DOS ESPÍRITOS

558. Os Espíritos têm outras atividades que não seja melhorarem-se pessoalmente?

“Colaboram com a harmonia do Universo, executando as vontades de Deus, de quem eles são ministros. A vida espírita é uma ocupação contínua, mas que nada tem de penosa, como a vida na Terra, porque não há a fadiga corporal, nem as angústias das necessidades.”

559. Os Espíritos inferiores e imperfeitos também desempenham função útil no Universo?

“Todos têm deveres a cumprir. Para a construção de um edifício, não contribuem tanto o último dos serventes de pedreiro, como o arquiteto?” (ver questão 540)

560. Cada Espírito tem atribuições especiais?

“Todos temos que habitar em toda parte e adquirir o conhecimento de todas as coisas, presidindo sucessivamente ao que se efetua em todos os pontos do Universo. Mas, como diz o Eclesiastes⁷⁴, há tempo para tudo. Assim, tal Espírito cumpre hoje neste mundo o seu destino, tal outro cumprirá ou já cumpriu o seu, em época diversa, na terra, na água, no ar, etc.”

561. As funções que os Espíritos desempenham na ordem das coisas são permanentes para cada um e estão nas atribuições exclusivas de certas classes?

“Todos têm que percorrer os diferentes graus da escala, para se aperfeiçoarem. Deus, que é justo, não poderia ter dado a uns a ciência sem trabalho, destinando outros a só a adquirirem com esforço.”

É o que acontece entre os homens, em que ninguém chega ao supremo grau de perfeição numa arte qualquer sem que tenha adquirido os conhecimentos necessários, praticando as noções dessa arte.

562. Já não tendo o que adquirir, os Espíritos da ordem mais elevada se acham em repouso absoluto, ou também lhes tocam ocupações?

“O que vocês querem da eternidade? A desocupação eterna seria uma eterna angústia.”

⁷⁴ **Eclesiastes**, um dos livros da Bíblia, supostamente escrito por Salomão, também conhecido como “O Livro da Sabedoria”. A referência feita aqui diz respeito ao capítulo 3 daquele livro – N. E.

a) — De que natureza são as suas ocupações?

“Receber diretamente as ordens de Deus, transmiti-las ao Universo inteiro e velar por que sejam cumpridas.”

563. As ocupações dos Espíritos são sem fim?

“Incessantes sim, porque os seus pensamentos são sempre ativos, pois vivem pelo pensamento. Mas é importante não identificar as ocupações dos Espíritos com as ocupações materiais dos homens. Essa mesma atividade lhes constitui um gozo, pela consciência que têm de ser úteis.”

a) — Imagina-se isto com relação aos bons Espíritos. Entretanto, o mesmo se dá com os Espíritos inferiores?

“A estes cabem ocupações apropriadas à sua natureza. Por acaso, vocês confiam ao aprendiz e ao ignorante os trabalhos que só um homem instruído pode executar?”

564. Haverá Espíritos que se conservem desocupados, sem se ocuparem em alguma coisa útil?

“Há, mas esse estado é temporário e depende do desenvolvimento de suas inteligências. Certamente há Espíritos desocupados, como há homens que só vivem para si mesmos. Mas essa ociosidade pesa sobre eles e, cedo ou tarde, o desejo de progredir lhes faz necessária a atividade e se sentirão felizes por poderem se tornar úteis. Estamos nos referindo aos Espíritos que não chegaram ao ponto de terem consciência de si mesmos e do seu livre-arbítrio; porque em sua origem, todos são quais crianças que acabam de nascer e que agem mais por instinto que por vontade expressa.”

565. Os Espíritos atendem em nossos trabalhos de arte e se interessam por eles?

“Atentam no que demonstre a elevação dos Espíritos e seus progressos.”

566. Um Espírito que haja cultivado na Terra uma especialidade artística — que tenha sido, por exemplo, pintor, ou arquiteto — se interessa de preferência pelos trabalhos que foram objeto de sua predileção durante a vida?

“Tudo se confunde num objetivo geral. Se for um Espírito bom, esses trabalhos o interessarão na medida da ocasião que lhe proporcionem auxiliar as almas a se elevarem para Deus. Além disso, vocês esquecem que um Espírito que cultivou certa arte, na existência em que o conheceram, pode ter cultivado outra em anterior existência, pois que lhe cumpre saber tudo para ser perfeito. Assim, conforme o grau do seu adiantamento, pode suceder que nada seja uma especialidade para ele. Foi o que eu quis significar, dizendo que tudo se confunde num objetivo geral. Notem ainda o seguinte: o que vocês consideram sublime neste mundo atrasado não passa de infantilidade, comparado ao que há em mundos mais adiantados. Como pretendem que os Espíritos que habitam esses mundos, onde existem artes que desconhecem, admirem o que, aos seus olhos, corresponde a trabalhos de colegiais? Por isso disse eu: prestem atenção no que demonstre progresso.”

a) — Imaginamos que seja assim, em se tratando de Espíritos muito adiantados. Mas nos referimos a Espíritos mais vulgares, que ainda se não elevaram acima das ideias terrenas.

“Com relação a esses, o caso é diferente. Mais restrito é o ponto de vista donde observam as coisas. Podem, portanto, admirar o que lhes cause admiração.”

567. Os Espíritos costumam se envolver em nossos prazeres e ocupações?

“Os Espíritos vulgares, como dizem, costumam. Esses lhes rodeiam constantemente e com frequência tomam parte muito ativa no que fazem, de conformidade com suas naturezas. É preciso que assim aconteça, porque, para os homens serem conduzidos pelas diversas veredas da vida, é necessário que se excitem ou moderem as suas paixões.”

Os Espíritos se ocupam com as coisas deste mundo de acordo com o grau de elevação ou de inferioridade em que se achem. Sem dúvida, os Espíritos superiores dispõem da faculdade de examiná-las nas suas mínimas particularidades, mas só o fazem na medida em que isso seja útil ao progresso. Somente os Espíritos inferiores dão a essas coisas uma importância relativa às reminiscências que ainda conservam e às ideias materiais que ainda se não extinguiram neles.

568. Os Espíritos, que têm missões a cumprir, as cumprem na erraticidade ou quando encarnados?

“Tanto num como noutro estado. Para certos Espíritos errantes, é uma grande ocupação.”

569. Os Espíritos errantes podem ser encarregados de quais as missões?

“São tão variadas que seria impossível descrevê-las. Muitas delas vocês não podem nem compreender. Os Espíritos executam as vontades de Deus e não lhes é dado penetrar-lhe todos os desígnios.”

As missões dos Espíritos têm sempre por objeto o bem. Quer como Espíritos, quer como homens, são encarregados de auxiliar o progresso da Humanidade, dos povos ou dos indivíduos, dentro de um círculo de ideias mais ou menos amplas, mais ou menos especiais e de velar pela execução de determinadas coisas. Alguns desempenham missões mais restritas e, de certo modo, pessoais ou inteiramente locais, como sejam: assistir os enfermos, os agonizantes, os aflitos, velar por aqueles de quem se constituíram guias e protetores, dirigi-los, dando-lhes conselhos ou inspirando-lhes bons pensamentos.

Podemos dizer que há tantos gêneros de missões quantas as espécies de interesses a resguardar, assim no mundo físico, como no moral. O Espírito se adianta conforme a maneira como desempenha a sua tarefa.

570. Os Espíritos percebem sempre as finalidades que lhes compete executar?

“Não. Muitos há que são instrumentos cegos. Outros, porém, sabem muito bem com que fim atuam.”

571. Só os Espíritos elevados desempenham missões?

“A importância das missões corresponde às capacidades e à elevação do Espírito. O estafeta⁷⁵ que leva um telegrama ao seu destinatário também desempenha uma perfeita missão, se bem que diferente da de um general.”

572. A missão de um Espírito lhe é imposta ou depende da sua vontade?

“Ele a pede e feliz se considera se a obtém.”

a) — A mesma missão pode ser pedida por muitos Espíritos?

“Sim, é frequente apresentarem-se muitos candidatos, mas nem todos são aceitos.”

573. Em que consiste a missão dos Espíritos encarnados?

“Em instruir os homens, em lhes auxiliar o progresso; em melhorar as suas instituições por meios diretos e materiais. Entretanto, as missões são mais ou menos gerais e importantes. O que cultiva a terra desempenha tão nobre missão, como o que

⁷⁵ **Estafeta:** funcionário encarregado de entregar telegrama, como o carteiro dos nossos Correios – N. E.

governa, ou o que instrui. Tudo na Natureza se encadeia. Ao mesmo tempo em que o Espírito se purifica pela encarnação, dessa forma, colabora para a execução dos desígnios da Providência. Cada um tem a sua missão neste mundo, porque todos podem ter alguma utilidade.”

574. Qual pode ser na Terra a missão das criaturas voluntariamente inúteis?

“Há efetivamente pessoas que só vivem para si mesmas e que não sabem se tornar úteis ao que quer que seja. São pobres seres dignos de compaixão, pois expiarão duramente sua voluntária inutilidade, começando-lhes muitas vezes, já neste mundo, o castigo, pelo aborrecimento e pelo desgosto que a vida lhes causa.”

a) — Já que eles tinham direito a escolha, por que preferiram uma existência que não lhes traria nenhum proveito?

“Entre os Espíritos também há preguiçosos que recuam diante de uma vida de trabalho. Deus consente que assim procedam. Mais tarde compreenderão, à própria custa, os inconvenientes da inutilidade a que se votaram e serão os primeiros a pedir que lhes concedam recuperar o tempo perdido. Pode também acontecer que tenham escolhido uma vida útil e que hajam recuado diante da execução da obra, deixando-se levar pelas sugestões dos Espíritos que os induzem a permanecer na ociosidade.”

575. As ocupações comuns nos parecem mais deveres do que missões propriamente ditas. A missão, de acordo com o significado desta palavra, tem um caráter menos exclusivo de importância, sobretudo, menos pessoal. Deste ponto de vista, como se pode reconhecer que um homem na Terra tem realmente uma determinada missão?

“Pelas grandes coisas que opera, pelos progressos a cuja realização conduz seus semelhantes.”

576. Os homens que trazem uma importante missão foram predestinados a isso antes de nascerem, e dela têm conhecimento?

“Algumas vezes sim. Porém, quase sempre desconhecem essa missão. Baixando à Terra, visam um vago objetivo. Depois do nascimento e de acordo com as circunstâncias é que suas missões se lhes desenham às vistas. Deus os conduz para a senda onde devam executar-lhe os desígnios.”

577. Quando um homem faz alguma coisa útil, faz sempre em virtude da missão em que foi anteriormente investido e a que vem predestinado, ou pode suceder que haja recebido missão não prevista?

“Nem tudo que um homem faz é resultado de uma missão predestinada; muitas vezes, ele é o instrumento de que um Espírito se serve para executar algo útil. Por exemplo, um Espírito julga que seria bom escrever um livro que ele mesmo faria se estivesse encarnado; então, procura o escritor mais apto a compreender seu pensamento e executá-lo e lhe dá a ideia, dirigindo-o na execução. Porém, esse homem não veio à Terra com a missão de fazer essa obra. Ocorre o mesmo com alguns trabalhos de arte e as descobertas. É preciso dizer ainda que, durante o sono do corpo, o Espírito encarnado se comunica diretamente com o Espírito desencarnado errante e se entendem sobre a execução de tarefas.”

578. O Espírito, por própria culpa, poderá falir na sua missão?

“Sim, se não for um Espírito superior.”

a) — Quais as consequências do seu fracasso?

“Terá que retomar a tarefa; essa a sua punição. Também sofrerá as consequências do mal que haja causado.”

579. Pois se é de Deus que o Espírito recebe a sua missão, como podemos compreender que Deus confie missão importante e de interesse geral a um Espírito capaz de falir?

“Deus não sabe se o seu general obterá a vitória ou se será vencido? Sabe-o, podem crer, e seus planos, quando importantes, não se apoiam nos que tenham de abandoná-los em meio a tarefa. Toda a questão para vocês está no conhecimento que Deus tem do futuro, mas que não lhes é permitido saber.”

580. O Espírito que encarna para desempenhar determinada missão tem apreensões idênticas às de outro que o faz por provação?

“Não, porque já traz a experiência adquirida.”

581. Os homens que são faróis ao gênero humano, que iluminam os homens com a luz da sua genialidade, certamente têm uma missão, mas entre eles, há alguns que se enganam, que de frente com grandes verdades, propagam grandes erros. Como devemos considerar a missão desses homens?

“Como falseadas por eles próprios. Estão abaixo da tarefa que tomaram sobre os ombros. Contudo, se faz necessário levar em conta as circunstâncias. Os homens geniais têm que falar de acordo com as épocas em que vivem e, assim, um ensinamento que pareceu errôneo ou ingênuo, numa época adiantada, pode ter sido o que convinha no século em que foi divulgado.”

582. A paternidade pode ser considerada como missão?

“Sem dúvidas que é uma verdadeira missão. É ao mesmo tempo um grandíssimo dever e que, mais do que o homem pensa, envolve a sua responsabilidade quanto ao futuro. Deus colocou o filho sob a tutela dos pais a fim de que estes o dirijam pela senda do bem, e lhes facilitou a tarefa dando àquele uma organização fraca e delicada, que o torna propício a todas as impressões. No entanto, há muitos que mais cuidam de aprumar as árvores do seu jardim e de fazê-las dar bons frutos em abundância, do que de formar o caráter de seu filho. Se este vier a falir por culpa deles, suportarão os desgostos resultantes dessa queda e partilharão dos sofrimentos do filho na vida futura, por não terem feito o que lhes estava ao alcance para que ele avançasse na estrada do bem.”

583. Os pais são responsáveis pelo transviamento de um filho que envereda pelo caminho do mal, apesar dos cuidados que lhe dispensaram?

“Não; porém, quanto piores forem as disposições do filho, tanto mais pesada é a tarefa e tanto maior o mérito dos pais, se conseguirem desviá-lo do mau caminho.”

a) — Se um filho se torna homem de bem, apesar do descuido ou os maus exemplos de seus pais, estes tiram algum proveito disso?

“Deus é justo.”

584. De que natureza será a missão do conquistador que apenas visa satisfazer à sua ambição e que, para alcançar esse objetivo, não vacila ante nenhuma das calamidades que vai espalhando?

“Muitas das vezes não passa de um instrumento de que Deus se serve para

cumprimento de seus desígnios, representando essas calamidades um meio de que Ele se utiliza para fazer que um povo progrida mais rapidamente.”

a) — Aquele que é o instrumento dessas calamidades passageiras é estranho ao bem que pode resultar disso, uma vez que visava a um objetivo apenas pessoal; apesar disso, se aproveitará desse bem?

“Cada um é recompensado de acordo com as suas obras, com o bem que planejou fazer e com a retidão de suas intenções.”

Os Espíritos encarnados têm ocupações relacionadas à sua existência corporal. No estado de erraticidade (quando não estão encarnados), essas ocupações são proporcionais ao grau de seu adiantamento. Uns percorrem os mundos, instruem-se e se preparam para uma nova encarnação. Outros, mais avançados, se ocupam do progresso ao dirigir os acontecimentos e sugerir pensamentos favoráveis; assistem os homens de gênio que concorrem para o adiantamento da humanidade. Outros encarnam com uma missão de progresso. Outros tomam sob sua proteção os indivíduos, as famílias, as reuniões, as cidades e os povos, dos quais são os anjos de guarda, os gênios protetores e os Espíritos familiares. Outros, enfim, dirigem os fenômenos da natureza, de que são os agentes diretos.

Os Espíritos comuns se misturam às nossas ocupações e aos nossos divertimentos.

Os Espíritos imperfeitos permanecem em sofrimentos e angústias, até o momento em que Deus permita lhes proporcionar os meios de avançar. Se fazem o mal, é por despeito de ainda não poderem desfrutar do bem.

CAPÍTULO XI

DOS TRÊS REINOS

- OS MINERAIS E AS PLANTAS
- OS ANIMAIS E O HOMEM
- METEMPSICOSE

OS MINERAIS E AS PLANTAS

585. O que os Espíritos pensam da divisão da Natureza em três reinos, ou melhor, em duas classes: a dos seres orgânicos e a dos inorgânicos?⁷⁶ Segundo alguns, a espécie humana forma uma quarta classe. Qual destas divisões é preferível?⁷⁷

“Todas são boas, conforme o ponto de vista. Do ponto de vista material, há apenas seres orgânicos e inorgânicos. Do ponto de vista moral, há evidentemente quatro graus.”

De fato, esses quatro graus apresentam características determinadas, muito embora pareçam confundir-se nos seus limites extremos. A matéria inerte (que constitui o reino mineral) só tem em si uma força mecânica. As plantas — ainda que compostas de matéria inerte — são dotadas de vitalidade. Os animais, também compostos de matéria inerte e igualmente dotados de vitalidade, possuem além disso uma espécie de inteligência instintiva, limitada, e a consciência de sua existência e de suas individualidades. O homem — tendo tudo o que há nas plantas e nos animais — domina todas as outras classes por uma inteligência especial, indefinida, que lhe dá a consciência do seu futuro, a percepção das coisas extramateriais e o conhecimento de Deus.

586. As plantas têm consciência de que existem?

“Não, pois não pensam; só têm vida orgânica.”

587. Elas experimentam sensações? Sofrem quando são mutiladas?

“Recebem impressões físicas que atuam sobre a matéria, mas não têm percepções. Consequentemente, não têm a sensação da dor.”

588. A força que as atrai umas para as outras independe da vontade delas?

“Certo, pois não pensam. É uma força mecânica da matéria, que atua sobre a matéria, sem que elas possam se opor a isso.”

589. Algumas plantas — como a sensitiva e a dioneia, por exemplo — executam movimentos que denotam grande sensibilidade e, em certos casos, uma espécie de vontade, conforme se observa na segunda, cujos lóbulos apanham a mosca que pousa sobre ela para sugá-la, parecendo que trama uma armadilha com o fim de capturar e matar aquele inseto. Essas plantas são dotadas da faculdade de pensar? Têm vontade e formam uma classe intermediária entre a Natureza vegetal e a Natureza animal?

⁷⁶ **Seres orgânicos:** são aqueles que têm vida e, por isso, um organismo. Os seres inorgânicos não possuem órgãos vivos, por isso são inertes – N. E.

⁷⁷ **Quarta classe:** seria a do homem; a terceira, a dos animais irracionais; as plantas formariam a segunda classe e da primeira constariam a matéria inorgânica – N. E.

Constituem a transição de uma para outra?

“Tudo na Natureza é transição, por isso mesmo que uma coisa não se assemelha a outra e, no entanto, todas se prendem umas às outras. As plantas não pensam; por conseguinte, carecem de vontade. Nem a ostra que se abre, nem os zoófitos pensam: têm apenas um instinto cego e natural.”

O organismo humano nos proporciona exemplo de movimentos semelhantes, sem participação da vontade, nas funções digestivas e circulatórias. O piloro se contrai, ao contato de certos corpos, para lhes negar passagem. O mesmo provavelmente se dá na sensitiva, cujos movimentos de nenhum modo implicam a necessidade de percepção e, ainda menos, da vontade.

590. Não haverá nas plantas, como nos animais, um instinto de conservação, que as induza a procurar o que lhes possa ser útil e a evitar o que lhes possa ser nocivo?

“Se preferem, há uma espécie de instinto, conforme o significado desta palavra. Porém, é um instinto puramente mecânico. Quando observam, nas operações químicas, que dois corpos se reúnem, é que um convém ao outro; quer dizer: é que há afinidade entre eles. Ora, não se dá a isso o nome de instinto.”

591. Nos mundos superiores, as plantas são de natureza mais perfeita, como os outros seres?

“Tudo é mais perfeito. Mas as plantas são sempre plantas, como os animais sempre animais e os homens sempre homens.”

OS ANIMAIS E O HOMEM

592. De acordo com a lógica, se compararmos o homem e os animais, parece difícil estabelecer uma linha de demarcação entre eles, pois, sob esse aspecto, alguns animais mostram notória superioridade sobre certos homens. Essa linha de demarcação pode ser estabelecida de modo preciso?

“A este respeito o desacordo entre os seus filósofos é completo. Uns querem que o homem seja um animal e outros que o animal seja um homem. Estão todos em erro. O homem é um ser à parte, que desce muito baixo algumas vezes e que pode também elevar-se muito alto. Pelo físico, é como os animais e menos bem dotado do que muitos destes. A Natureza lhes deu tudo o que o homem é obrigado a inventar com a sua inteligência, para satisfação de suas necessidades e para sua conservação. É certo que o seu corpo se destrói, como o dos animais, mas ao seu Espírito está assinado um destino que só ele pode compreender, porque só ele é inteiramente livre. Pobres homens, que se rebaixam mais do que os brutos! Não sabem se distinguir deles? Reconheçam o homem pela capacidade de pensar em Deus.”

593. Poderíamos dizer que os animais só agem por instinto?

“Ainda assim há um sistema. É verdade que o instinto domina na maioria dos animais. Mas, não veem que muitos agem denotando acentuada vontade? É que têm inteligência, embora limitada.”

Além do instinto, não há como negar a alguns animais atos combinados que expressam uma vontade de agir num sentido determinado e de acordo com as circunstâncias. Há neles uma espécie de inteligência, cujo exercício é mais exclusivamente concentrado sobre os meios de satisfazerem suas necessidades físicas e proverem à sua conservação. Entre eles, não há nenhuma criação, nenhum melhoramento; qualquer que seja a arte com que executem seus trabalhos, fazem hoje o que faziam antigamente, nem melhor, nem pior, conforme formas e proporções constantes e invariáveis. O filhote, isolado da sua espécie, não deixa de construir seu ninho com o mesmo modelo sem ter recebido o ensinamento. Se alguns são suscetíveis de certa educação, seu desenvolvimento intelectual — sempre restrito a limites estreitos — é motivado pela ação do homem sobre uma natureza flexível, uma vez que não fazem

nenhum progresso próprio. Mesmo o que alcançam pela ação do homem é um progresso efêmero e puramente individual, já que o animal, entregue a si mesmo, não tarda a retornar aos limites que a Natureza lhe traçou.

594. Os animais têm alguma linguagem?

“Se vocês se referem a uma linguagem formada de sílabas e palavras, não. Porém, eles têm um meio de se comunicarem entre si. Dizem, uns aos outros, muito mais coisas do que vocês imaginam. Mas, essa mesma linguagem de que dispõem é restrita às necessidades, como restritas também são as ideias que podem ter.”

a) — Mas há animais que carecem de voz. Parece que eles não usam nenhuma linguagem, certo?

“Compreendem-se por outros meios. Para vocês humanos se comunicarem reciprocamente, só dispõem da palavra? E os mudos? Os animais — sendo dotados da vida de relação — possuem meios de se prevenirem e de expressarem as sensações que experimentam. Pensam que os peixes não se entendem entre si? O homem não goza do privilégio exclusivo da linguagem. Porém, a dos animais é instintiva e limitada pelas suas necessidades e ideias, ao passo que a do homem é progressiva e se presta a todas as concepções da sua inteligência.”

Efetivamente, os peixes que, como as andorinhas, emigram em cardumes, obedientes ao guia que os conduz, devem ter meios de se advertirem, de se entenderem e combinarem. É possível que tenham uma vista mais penetrante e esta lhes permita perceber os sinais que mutuamente façam. Pode ser também que tenham na água um veículo próprio para a transmissão de certas vibrações. Como quer que seja, o que é incontestável é que não falecem meios de eles se entenderem, do mesmo modo que a todos os animais carentes de voz e que, não obstante, trabalham em comum. Diante disso, que admiração pode causar que os Espíritos entre si se comuniquem sem o auxílio da palavra articulada?

595. Os animais gozam de livre-arbítrio para a prática dos seus atos?

“Os animais não são simples máquinas, como pensam. Contudo, a liberdade de ação de que desfrutam é limitada pelas suas necessidades e não se pode comparar à do homem. Sendo muitíssimo inferiores a este, não têm os mesmos deveres que ele. A liberdade, eles possuem restrita aos atos da vida material.”

596. Onde procede a aptidão que certos animais demonstram para imitar a linguagem do homem e por que essa aptidão se revela mais nas aves do que no macaco, por exemplo, cuja conformação apresenta mais analogia com a humana?

“Origina-se de uma particular conformação dos órgãos vocais, reforçada pelo instinto de imitação. O macaco imita os gestos; algumas aves imitam a voz.”

597. Pois que os animais possuem uma inteligência que lhes permite certa liberdade de ação, haverá neles algum princípio independente da matéria?

“Há e que sobrevive ao corpo.”

a) — Esse princípio será uma alma igual à do homem?

“É também uma alma, se quiserem, isto dependendo do sentido que se der a esta palavra, mas, inferior à do homem. Entre a alma dos animais e a do homem há distância equivalente à que separa entre a alma do homem e Deus.”

598. Após a morte, a alma dos animais conserva a sua individualidade e a consciência de si mesma?

“Conserva sua individualidade, mas não a consciência do seu eu. A vida inteligente lhe permanece em estado latente.”

599. A alma dos animais pode escolher em qual espécie quer encarnar?

“Não, pois que lhe falta livre-arbítrio.”

600. Sobrevivendo ao corpo em que habitou, a alma do animal vem se encontrar depois da morte num estado de erraticidade, como a do homem?

“Fica numa espécie de erraticidade, pois que não mais se acha unida ao corpo, mas não é um Espírito errante. O Espírito errante é um ser que pensa e age por sua livre vontade. Os animais não dispõem dessa mesma capacidade. A consciência de si mesmo é o que constitui o principal atributo do Espírito. O do animal, depois da morte, é classificado pelos Espíritos a quem cabe essa tarefa e utilizado quase imediatamente. Não lhe é dado tempo de entrar em relação com outras criaturas.”

601. Os animais estão sujeitos a uma lei progressiva, como o homem?

“Sim; e daí vem que nos mundos superiores, onde os homens são mais adiantados, os animais também o são, dispondo de meios mais amplos de comunicação. Porém, são sempre inferiores ao homem e se lhe acham submetidos e eles como servidores inteligentes.”

Não há nada de extraordinário nisso. Tomemos os nossos animais mais inteligentes — o cão, o elefante, o cavalo — e imaginemos que eles sejam dotados de uma conformação apropriada a trabalhos manuais. O que eles fariam sem a direção do homem?

602. Assim como os homens, os animais progridem por ato da própria vontade, ou pela força das coisas?

“Pela força das coisas, por que não estão sujeitos à expiação.”

603. Nos mundos superiores, os animais conhecem a Deus?

“Não. Para eles o homem é um deus, como outrora os Espíritos eram deuses para o homem.”

604. Como é certo que os animais — mesmo os aperfeiçoados — existentes nos mundos superiores e são sempre inferiores ao homem, vê-se que Deus criou seres intelectuais perpetuamente destinados à inferioridade, o que parece em desacordo com a unidade de vistas e de progresso que todas as suas obras revelam.

“Tudo na Natureza se encadeia por ligações que vocês ainda não podem compreender. Assim, as coisas aparentemente mais diferentes têm pontos em comum que o homem, no seu estado atual, nunca chegará a compreender. Por um esforço da inteligência poderá pressentir; mas, somente quando essa inteligência estiver no máximo grau de desenvolvimento e liberta dos preconceitos do orgulho e da ignorância, conseguirá ver claramente a obra de Deus. Até lá, suas muito ideias restritas lhe farão observar as coisas por um ângulo mesquinho e acanhado. Saibam que não é possível que Deus se contradiga e que, na Natureza, tudo se harmoniza mediante leis gerais, que não deixam de corresponder à sublime sabedoria do Criador por nenhum de seus pontos.”

a) — Então a inteligência é uma propriedade comum, um ponto de contato entre a alma dos animais e a do homem?

“É, porém os animais só possuem a inteligência da vida material. No homem, a inteligência proporciona a vida moral.”

605. Se considerássemos todos os pontos de contato entre o homem e os animais, não poderíamos deduzir que o homem possui duas almas: a alma animal e a alma espírita e

que, se não tivesse essa última, poderia viver como o animal? De outro modo, podemos considerar que o animal é um ser semelhante ao homem, menos tendo alma espírita? Isso não significaria que os bons e os maus instintos do homem seriam o efeito da predominância de uma dessas duas almas?

“Não, o homem não tem duas almas, mas o corpo tem seus instintos, resultantes da sensação própria dos órgãos. No homem, só a natureza é dupla. Há nele a natureza animal e a natureza espiritual. Pelo seu corpo, participa da natureza dos animais e de seus instintos. Por sua alma, participa da dos Espíritos.”

a) — Assim, além de suas próprias imperfeições que o Espírito precisa se despojar, o homem tem ainda que lutar contra a influência da matéria?

“Quanto mais inferior é o Espírito, tanto mais apertados são os laços que o ligam à matéria. Não veem isso? O homem não tem duas almas; a alma é sempre única em cada ser. São distintas uma da outra a alma do animal e a do homem, a tal ponto que a de um não pode animar o corpo criado para o outro. Mas, porque não tenha alma animal — que, por suas paixões, o iguale aos animais — o homem tem o corpo que, às vezes, o rebaixa até ao nível deles, por isso que o corpo é um ser dotado de vitalidade e de instintos, porém ininteligentes estes e restritos ao cuidado que a sua conservação requer.”

Encarnando no corpo do homem, o Espírito lhe traz o princípio intelectual e moral, que o torna superior aos animais. As duas naturezas existentes nele dão às suas paixões duas origens diferentes: umas vêm dos instintos da natureza animal, vindo as outras das impurezas do Espírito, de cuja encarnação é ele a imagem e que mais ou menos simpatiza com a grosseria dos apetites animais. Purificando-se, o Espírito se liberta pouco a pouco da influência da matéria. Sob essa influência, aproxima-se do bruto. Isento dela, eleva-se à sua verdadeira destinação.

606. De onde os animais tiram o princípio inteligente que constitui a alma de natureza especial de que são dotados?

“Do elemento inteligente universal.”

a) — Então, a inteligência do homem e a dos animais decorrem de um único princípio?

“Sem dúvida alguma, porém, no homem, a inteligência passou por uma elaboração que a coloca acima da que existe no animal.”

607. Foi dito (ver questão 190) que o estado da alma do homem, na sua origem, corresponde ao estado da infância na vida corporal, que sua inteligência apenas desabrocha e se ensaia para a vida. Onde o Espírito passa essa primeira fase do seu desenvolvimento?

“Numa série de existências que antecedem o período a que chamam Humanidade.”

a) — Parece que, assim, podemos considerar a alma como o princípio inteligente dos seres inferiores da criação, não?

“Já não dissemos que tudo na Natureza se encadeia e tende para a unidade? Nesses seres, cuja totalidade vocês estão longe de conhecer, é que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e se ensaia para a vida, conforme acabamos de dizer. De certo modo, é um trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna Espírito. Entra então no período da humanização, começando a ter consciência do seu futuro, capacidade de distinguir o bem do mal e a responsabilidade dos seus atos. Logo, depois da fase da infância segue a da adolescência, vindo depois a da juventude e da maturidade. Nessa origem, não há coisa alguma de humilhante para o homem. Os

grandes sábios se sentirão humilhados por terem sido fetos informes nas entranhas que os geraram? Se há alguma coisa que lhe seja humilhante, é a sua inferioridade perante Deus e sua impotência para sondar a profundidade dos Seus desígnios e para apreciar a sabedoria das leis que regem a harmonia do Universo. Reconheçam a grandeza de Deus nessa admirável harmonia, mediante a qual tudo é solidário na Natureza. Acreditar que Deus haja feito — seja o que for — sem um objetivo, e criado seres inteligentes sem futuro, seria blasfemar da sua bondade, que se estende por sobre todas as suas criaturas.”

b) — Esse período de humanização começa na Terra?

“A Terra não é o ponto de partida da primeira encarnação humana. O período da humanização começa geralmente em mundos ainda inferiores à Terra. Isto, entretanto, não constitui regra absoluta, pois pode suceder que um Espírito, desde o seu início humano, esteja apto a viver na Terra. Não é frequente o caso; constitui antes uma exceção.”

608. Após a morte, o Espírito do homem tem consciência de suas existências anteriores ao período de humanidade?

“Não, pois não é desse período que começa a sua vida de Espírito. Difícil é mesmo que se lembre de suas primeiras existências humanas, como difícil é que o homem se lembre dos primeiros tempos de sua infância e ainda menos do tempo que passou no seio materno. Essa a razão por que os Espíritos dizem que não sabem como começaram.”

609. Uma vez no período da humanidade, o Espírito conserva traços do que era precedentemente, quer dizer: do estado em que se achava no período a que poderíamos chamar ante-humano?

“Sim, conforme a distância que separe entre os dois períodos e o progresso realizado. Durante algumas gerações, ele pode guardar vestígios mais ou menos pronunciados do estado primitivo, pois nada se opera na Natureza por brusca transição. Há sempre anéis que ligam as extremidades da cadeia dos seres e dos acontecimentos. Contudo, aqueles vestígios se apagam com o desenvolvimento do livre-arbítrio. Os primeiros progressos se realizam muito lentamente, porque ainda não estão alicerçados, determinados pela vontade; mas eles seguem uma progressão mais rápida à medida que o Espírito adquire uma consciência mais perfeita de si mesmo.”

610. Os Espíritos teriam se enganado ao dizerem que o homem é um ser à parte na ordem da criação?

“Não, mas a questão não foi explicada. Além do mais, há coisas que só podem ser esclarecidas a seu tempo. De fato, o homem é um ser à parte, visto possuir faculdades que o distinguem de todos os outros e ter outro destino. A espécie humana é a que Deus escolheu para a encarnação dos seres que podem conhecê-lo.”

METEMPSICOSE

611. O fato de a origem do princípio inteligente dos seres vivos ser comum não é a consagração da doutrina da metempsicose?

“Duas coisas podem ter a mesma origem e absolutamente não se assemelham mais tarde. Quem reconheceria a árvore, com suas folhas, flores e frutos, no gérmen informe que se contém na semente donde ela surge? Desde que o princípio inteligente

atinge o grau necessário para ser Espírito e entrar no período da humanização, já não guarda relação com o seu estado primitivo e já não é a alma dos animais, como a árvore já não é a semente. De animal só há no homem o corpo e as paixões que nascem da influência do corpo e do instinto de conservação inerente à matéria. Portanto, não se pode dizer que tal homem é a encarnação do Espírito de tal animal. Consequentemente, a metempsicose — como a entendem — não é verdadeira.”

612. O Espírito que animou o corpo de um homem poderia encarnar num animal?

“Isso seria regressar e o Espírito não retrocede. O rio não volta à sua nascente.”
(ver questão 118)

613. Embora de todo errônea, a ideia ligada à metempsicose não terá resultado do sentimento intuitivo que o homem possui de suas diferentes existências?

“Esse sentimento intuitivo se encontra nessa crença como em muitas outras; mas, como faz com a maioria de suas ideias intuitivas, o homem alterou sua natureza.”

Seria verdadeira a ideia da metempsicose se ela definisse como sendo a progressão da alma de um estado inferior a um estado superior em que adquirisse desenvolvimentos que transformassem sua natureza. Porém, é falsa no sentido de transmigração direta do animal para o homem e vice-versa, o que dá ideia de um retrocesso ou de uma fusão; portanto, essa fusão não poderia acontecer entre seres corporais de duas espécies, porque seria indício de que estão em graus não assimiláveis e deve acontecer o mesmo com os Espíritos que as animam. Se o mesmo Espírito pudesse animá-las alternativamente, haveria, consequentemente, uma identidade de natureza que se traduziria na possibilidade da reprodução física.

A reencarnação ensinada pelos Espíritos, em contrário, está fundada sobre a marcha ascendente da natureza e a progressão do homem em sua própria espécie, o que não tira em nada sua dignidade. O que o rebaixa é o mau uso que faz das faculdades que Deus lhe deu para o seu adiantamento. Seja como for, a Antiguidade e a universalidade da doutrina da metempsicose — assim como os homens eminentes que a professaram — provam que o princípio da reencarnação tem raízes na própria natureza; esses são, portanto, argumentos antes a seu favor do que contrários.

O ponto de partida dos Espíritos é uma dessas questões que se ligam ao princípio das coisas e que estão nos segredos de Deus. Não é permitido ao homem conhecê-lo de maneira absoluta, e, a esse respeito, ele só pode fazer suposições, construir teorias mais ou menos prováveis. Os próprios Espíritos estão longe de conhecer tudo; sobre o que não sabem, podem também ter opiniões pessoais mais ou menos sensatas.

É assim, por exemplo, que nem todos pensam a mesma coisa a respeito das relações que existem entre o homem e os animais. Segundo alguns, o Espírito só alcança o período de humanidade após ter sido elaborado e individualizado nos diferentes graus dos seres inferiores da Criação; segundo outros, o Espírito do homem teria sempre pertencido à raça humana, sem passar pela experiência animal.

O primeiro desses sistemas tem a vantagem de dar um objetivo ao futuro dos animais, que formariam assim os primeiros anéis da cadeia dos seres pensantes; o segundo está mais de acordo com a dignidade do homem e pode se resumir no seguinte modo:

As diferentes espécies de animais não procedem intelectualmente umas das outras pelo caminho da progressão; assim, o espírito da ostra não se torna sucessivamente o do peixe, do pássaro, do quadrúpede e do quadrúmano. Cada espécie constitui um tipo absoluto, física e moralmente, e cada indivíduo tira na fonte universal a soma do princípio inteligente que lhe é necessário, segundo a perfeição de seus órgãos e a obra que deve cumprir nos fenômenos da natureza, e que, em sua morte, volta à fonte universal. As espécies de animais dos mundos mais avançados que o nosso (veja a questão 188) são igualmente raças distintas, apropriadas às necessidades desses mundos e ao grau de adiantamento dos homens de lá, dos quais são auxiliares, mas que não procedem daqueles da Terra, espiritualmente falando. Não ocorre o mesmo com o homem. Do ponto de vista físico, evidentemente ele forma um anel da cadeia dos seres vivos; mas, do ponto de vista moral, entre o animal e o homem há uma separação. O homem possui alma ou Espírito, a centelha divina que lhe dá o sentido moral e um valor intelectual que falta aos animais e é nele o ser principal, preexistindo e sobrevivendo ao corpo ao conservar sua individualidade. Qual é a origem do Espírito? Onde está seu ponto de partida? Forma-se a partir do princípio inteligente individualizado? Está aí um mistério que seria inútil tentar penetrar e sobre o qual, como já dissemos, não se pode construir mais do que hipóteses. O que é constante e resulta ao mesmo tempo do raciocínio e da experiência é a sobrevivência do Espírito, a conservação de sua individualidade após a morte, sua faculdade progressiva, seu estado feliz ou infeliz de acordo com seu adiantamento no caminho do bem e todas as verdades morais que são a consequência desse princípio.

Quanto às relações misteriosas que existem entre os homens e os animais, está aí — nós repetimos — o segredo de Deus, como muitas outras coisas, cujo conhecimento atual não importa ao nosso adiantamento e sobre as quais seria inútil insistir.

PARTE TERCEIRA

DAS LEIS MORAIS

DA LEI DIVINA OU NATURAL – DA LEI DE ADORAÇÃO –
DA LEI DO TRABALHO – DA LEI DE REPRODUÇÃO
– DA LEI DE CONSERVAÇÃO – DA LEI DE DESTRUIÇÃO –
DA LEI DE SOCIEDADE – DA LEI DO PROGRESSO
– DA LEI DE IGUALDADE – DA LEI DE LIBERDADE –
DA LEI DE JUSTIÇA, DE AMOR E DE CARIDADE
– DA PERFEIÇÃO MORAL

CAPÍTULO I

DA LEI DIVINA OU NATURAL

- CARACTERES DA LEI NATURAL
- CONHECIMENTO DA LEI NATURAL
- O BEM E O MAL
- DIVISÃO DA LEI NATURAL

CARACTERES DA LEI NATURAL

614. Que se deve entender por lei natural?

“A lei natural é a lei de Deus. É a única verdadeira para a felicidade do homem. Indica-lhe o que deve fazer ou deixar de fazer e ele só é infeliz quando se afasta dela.”

615. A lei de Deus é eterna?

“Eterna e imutável como o próprio Deus.”

616. Será possível que Deus tenha instruído aos homens em certa época o que lhes proibiu em outra?

“Deus não se engana. Os homens é que são obrigados a modificar suas leis, por serem imperfeitas. As de Deus, essas são perfeitas. A harmonia que reina no universo material, como no universo moral, se funda em leis estabelecidas por Deus desde toda a eternidade.”

617. Qual a essência das leis divinas? Elas se referem a alguma outra coisa, que não somente ao procedimento moral?

“Todas as da Natureza são leis divinas, pois que Deus é o autor de tudo. O sábio estuda as leis da matéria, o homem de bem estuda e pratica as da alma.”

a) — É permitido ao homem se aprofundar em ambas?

“É, mas uma única existência não é suficiente para isso.”

Efetivamente, o que são alguns anos para a aquisição de tudo o de que o ser precisa, a fim de se considerar perfeito, embora apenas se tenha em conta a distância que vai do selvagem ao homem civilizado? Para tanto, seria insuficiente a existência mais longa que se possa imaginar. Ainda com mais forte razão o será quando curta, como é para a maior parte dos homens. Entre as leis divinas, umas regulam o movimento e as relações da matéria bruta: as leis físicas, cujo estudo pertence ao domínio da Ciência. As outras dizem respeito especialmente ao homem considerado em si mesmo e nas suas relações com Deus e com seus semelhantes. Contêm as regras da vida do corpo, bem como as da vida da alma: são as leis morais.

618. As leis divinas são as mesmas para todos os mundos?

“A razão diz que elas devem ser apropriadas à natureza de cada mundo e adequadas ao grau de progresso dos seres que os habitam.”

CONHECIMENTO DA LEI NATURAL

619. Deus concedeu a todos os homens os meios de conhecerem sua lei?

“Todos podem conhecê-la, mas nem todos a compreendem. Os homens de bem e os que se decidem a investigá-la são os que melhor a compreendem. Entretanto, todos a compreenderão um dia, pois forçoso é que o progresso se efetue.”

A justiça das diversas encarnações do homem é uma consequência deste princípio, pois que, em cada nova existência, sua inteligência se acha mais desenvolvida e ele compreende melhor o que é o bem e o que é o mal. Se numa só existência tudo lhe devesse ficar ultimado, qual seria a sorte de tantos milhões de seres que morrem todos os dias no embrutecimento da selvageria, ou nas trevas da ignorância, sem que deles tenha dependido o se instruírem? (questões 171 a 222)

620. Antes de se unir ao corpo, a alma compreende a lei de Deus melhor do que depois de encarnada?

“Compreende-a de acordo com o grau de perfeição que tenha atingido e guarda a intuição dela quando unida ao corpo, mas os maus instintos fazem geralmente que o homem a esqueça.”

621. Onde está escrita a lei de Deus?

“Na consciência.”

a) — Visto que o homem traz em sua consciência a lei de Deus, que necessidade havia de ela revelada a ele?

“O homem a esqueceu e a desprezou. Então, Deus quis que lhe fosse lembrada.”

622. Deus confiou a certos homens a missão de revelarem a sua lei?

“Sem dúvida. Em todos os tempos houve homens que tiveram essa missão. São Espíritos superiores que encarnam com o fim de fazer a Humanidade progredir.”

623. Os que têm pretendido instruir os homens na lei de Deus não têm se enganado algumas vezes, fazendo-os transviar-se por meio de falsos princípios?

“Aqueles que não eram inspirados por Deus e que, por ambição, tomaram sobre si um encargo que não lhes havia sido cometido, certamente têm dado causa a que os homens se transviassem. Todavia, como enfim eram homens de gênio, mesmo entre os erros que ensinaram, se encontram muitas vezes grandes verdades.”

624. Qual o caráter do verdadeiro profeta?

“O verdadeiro profeta é um homem de bem, inspirado por Deus. Podem reconhecê-lo pelas suas palavras e pelos seus atos. É impossível que Deus se sirva da boca do mentiroso para ensinar a verdade.”

625. Qual o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e modelo?

“Jesus.”

Para o homem, Jesus é o tipo da perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra. Deus nos oferece o Cristo como o modelo mais perfeito e a doutrina que ele ensinou é a expressão mais pura da lei do Senhor, porque, sendo o mais puro de quantos têm aparecido na Terra, o Espírito Divino o animava.

Quanto aos que, pretendendo instruir o homem na lei de Deus, o têm transviado, ensinando-lhe falsos princípios, isso aconteceu por haverem deixado que sentimentos demasiado terrenos os dominassem e por terem confundido as leis que regulam as condições da vida da alma, com as que regem a vida do corpo. Muitos hão apresentado como leis divinas simples leis humanas estatuídas para servir às paixões e dominar os homens.

626. As leis divinas e naturais forma reveladas apenas por Jesus? Antes do seu aparecimento, os homens tiveram o conhecimento dessas leis só por intuição?

“Já não dissemos que elas estão escritas por toda parte? Desde os séculos mais distantes, todos os que meditaram sobre a sabedoria têm podido compreendê-las e ensiná-las. Pelos ensinamentos, mesmo incompletos, que espalharam, prepararam o terreno para receber a semente. Estando as leis divinas escritas no livro da natureza, foi possível ao homem conhecê-las tão logo que as quis procurar. Por isso é que os preceitos que consagram foram proclamados pelos homens de bem desde todos os tempos ; e é também por isso que elementos delas se encontram — se bem que incompletos ou adulterados pela ignorância — na doutrina moral de todos os povos saídos da barbárie.”

627. Uma vez que Jesus ensinou as verdadeiras leis de Deus, qual a utilidade do ensino que os Espíritos dão? Terão que nos ensinar mais alguma coisa?

“A palavra de Jesus era muitas vezes alegórica e em parábolas, porque falava de acordo com os tempos e os lugares. É preciso agora que a verdade seja inteligível para todo mundo. É preciso também explicar e desenvolver essas leis, uma vez que há tão poucas pessoas que as compreendem e ainda menos as que as praticam. Nossa missão é de abrir os olhos e os ouvidos para confundir os orgulhosos e desmascarar os hipócritas: aqueles que tomam as aparências da virtude e da religião para ocultarem suas baixezas. O ensinamento dos Espíritos deve ser claro e inequívoco, a fim de que ninguém possa alegar ignorância e cada um possa julgá-lo e apreciá-lo com a razão. Estamos encarregados de preparar o reino do bem anunciado por Jesus; por isso, não é correto que cada um possa interpretar a lei de Deus ao capricho de suas paixões nem falsear o sentido de uma lei toda de amor e de caridade.”

628. Por que a verdade não foi sempre posta ao alcance de todo mundo?

“É preciso que cada coisa venha a seu tempo. A verdade é como a luz: é preciso se habituar a ela pouco a pouco; de outro modo, fica-se deslumbrado.

“Nunca ocorreu que Deus permitisse ao homem receber comunicações tão completas e instrutivas como as que lhe é dado receber hoje. Como sabem, na Antiguidade havia alguns indivíduos que estavam em poder do que consideravam uma ciência sagrada e da qual faziam mistério aos que, de acordo com o seu julgamento, eram profanos. Com o que conhecem agora das leis que regem os fenômenos das comunicações dos Espíritos, vocês devem compreender que esses indivíduos recebiam apenas algumas verdades esparsas no meio de um conjunto equivocado e, a maior parte do tempo, simbólico. Entretanto, não há para o homem estudioso nenhum sistema filosófico antigo, nenhuma tradição, nenhuma religião a descuidar, pois em tudo há as sementes das grandes verdades que, ainda que pareçam contraditórias, esparsas que estão em meio a acessórios sem fundamento, são muito fáceis de entender, graças à chave que o Espiritismo dá para uma multidão de coisas que puderam, até aqui, parecer sem razão e que, hoje, a realidade lhes demonstra de uma maneira irrecusável. Portanto, não deixem de tirar assuntos de estudo dessas matérias; elas são muito ricas e podem contribuir muito para a sua instrução.”

O BEM E O MAL

629. Que definição podemos dar da moral?

“A moral é a regra de bem proceder, isto é, de distinguir o bem do mal. Funda-se na observância da lei de Deus. O homem procede bem quando faz tudo pelo bem de

todos, porque então cumpre a lei de Deus.”

630. Como podemos distinguir o bem do mal?

“O bem é tudo que está de acordo com a lei de Deus; o mal, tudo o que lhe é contrário. Assim, fazer o bem é proceder de acordo com a lei de Deus. Fazer o mal é infringi-la.”

631. O homem tem meios de distinguir por si mesmo o que é bem do que é mal?

“Sim, quando crê em Deus e o quer saber. Deus lhe deu a inteligência para distinguir um do outro.”

632. Estando sujeito ao erro, o homem não pode se enganar na apreciação do bem e do mal e crer que pratica o bem quando em realidade pratica o mal?

“Jesus disse: vejam o que gostariam que fizessem ou não fizessem a vocês. Tudo se resume nisso. Não se enganem.”

633. A regra do bem e do mal — que poderíamos chamar de reciprocidade ou de solidariedade — não pode se aplicar à conduta pessoal do homem para consigo mesmo. Ele encontra na lei natural a regra dessa conduta e um guia seguro?

“Quando comem em excesso, isso lhes faz mal. Pois bem! Deus dá a medida daquilo que precisam. Quando a ultrapassam, são punidos. Ocorre o mesmo com tudo. A lei natural traça para o homem o limite de suas necessidades; quando a ultrapassa, é punido pelo sofrimento. Se, em todas as coisas, o homem escutasse a voz que diz 'basta!', evitaria a maior parte dos males de que acusa a natureza.”

634. Por que o mal está na natureza das coisas? Falo do mal moral. Deus não podia ter criado a Humanidade em melhores condições?

“Já te dissemos: os Espíritos foram criados simples e ignorantes (ver questão 115). Deus deixa que o homem escolha o caminho. Tanto pior para ele, se toma o mau caminho: mais longa será sua peregrinação. Se não existissem montanhas, o homem não compreenderia que se pode subir e descer; se não existissem rochas, não compreenderia que há corpos duros. É preciso que o Espírito ganhe experiência; é preciso, portanto, que conheça o bem e o mal. Eis por que se une ao corpo.” (questão 119)

635. As diferentes posições sociais criam necessidades novas que não são as mesmas para todos os homens. Assim, a lei natural parece não ser uma regra uniforme?

“Essas diferentes posições são da natureza das coisas e conformes à lei do progresso. Isso não revoga a unidade da lei natural, que se aplica a tudo.”

As condições de existência do homem mudam de acordo com os tempos e os lugares, do que lhe resultam necessidades diferentes e posições sociais apropriadas a essas necessidades. Pois que está na ordem das coisas, tal diversidade é conforme a lei de Deus, lei que não deixa de ser uma quanto ao seu princípio. Cabe à razão distinguir as necessidades reais das factícias ou convencionais.

636. O bem e o mal são absolutos para todos os homens?

“A lei de Deus é a mesma para todos; porém, o mal depende principalmente da vontade que se tenha de praticá-lo. O bem é sempre o bem e o mal sempre o mal, qualquer que seja a posição do homem. Só há diferença quanto ao grau da responsabilidade.”

637. Será culpado o selvagem que, cedendo ao seu instinto, se nutre de carne humana?

“Eu disse que o mal depende da vontade. Pois bem! Tanto mais culpado é o homem, quanto mais ele sabe o que faz.”

As circunstâncias dão relativa gravidade ao bem e ao mal. Muitas vezes, o homem comete faltas, que, nem por serem consequência da posição em que a sociedade o colocou, se tornam menos repreensíveis. Mas a sua responsabilidade é proporcionada aos meios de que ele dispõe para compreender o bem e o mal. Assim, aos olhos de Deus, mais culpado é o homem instruído que pratica uma simples injustiça, do que o selvagem ignorante que se entrega aos seus instintos.

638. Às vezes, parece que o mal é uma consequência da força das coisas. Tal, por exemplo, a necessidade em que, nalguns casos, o homem se vê de destruir até mesmo o seu semelhante. Poderíamos dizer que há, num caso assim, infração da lei de Deus?

“Embora necessário, o mal não deixa de ser o mal. Entretanto, essa necessidade desaparece à medida que a alma se purifica, passando de uma a outra existência. Então, mais culpado é o homem, quando o pratica, porque melhor o compreende.”

639. O mal que o homem pratica não é muitas vezes da posição em que os outros homens o colocam? Nesse caso, quais os culpados?

“O mal recai sobre quem lhe foi o causador. Nessas condições, aquele que é levado a praticar o mal pela posição em que seus semelhantes o colocam tem menos culpa do que os que, assim procedendo, o ocasionaram. Porque, cada um será punido, não só pelo mal que fez, mas também pelo mal a que tenha dado lugar.”

640. Aquele que não pratica o mal, mas que se aproveita do mal praticado por outro alguém, é tão culpado quanto este?

“É como se tivesse praticado mesmo. Aproveitar-se do mal é participar dele. Talvez não fosse capaz de praticá-lo; mas, desde que, achando-o feito, tira partido dele, é que aprova esse mal e que o teria praticado, se pudesse ou se ousasse.”

641. Desejar o mal será tão repreensível quanto fazê-lo?

“Conforme. Há virtude em resistir-se voluntariamente ao mal que se deseja praticar, sobretudo quando há possibilidade de satisfazer-se a esse desejo. Se apenas não o pratica por falta de ocasião, é culpado quem o deseja.”

642. Para agradar a Deus e assegurar a sua posição futura, bastará que o homem não pratique o mal?

“Não; cumpre-lhe fazer todo o bem que puder, pois responderá por todo mal que resultou de não haver praticado o bem.”

643. Pela sua posição, haverá quem não tenha possibilidade de fazer o bem?

“Não há quem não possa fazer o bem. Somente o egoísta nunca encontra ocasião de praticá-lo. Basta estar em relações com outros homens para que se tenha ocasião de fazer o bem, e não há dia da existência que não ofereça, a quem não se ache cego pelo egoísmo, oportunidade de praticá-lo. Porque fazer o bem não consiste, para o homem, apenas em ser caridoso, mas em ser útil, na medida do possível, todas as vezes que a sua cooperação venha a ser necessária.”

644. Para alguns homens, o meio onde vivem não representa a causa principal de muitos vícios e crimes?

“Sim, mas ainda aí há uma prova que o Espírito escolheu, quando em liberdade, levado pelo desejo de se expor à tentação para ter o mérito da resistência.”

645. Quando, de certo modo, o homem se acha mergulhado na atmosfera do vício, o mal não se torna um arrastamento quase irresistível para ele?

“Arrastamento, sim; irresistível, não; pois mesmo dentro da atmosfera do vício, às vezes encontra grandes virtudes. São Espíritos que tiveram a força de resistir e que, ao mesmo tempo, receberam a missão de exercer boa influência sobre os seus semelhantes.”

646. O mérito do bem que se pratique estará sujeito a determinadas condições? Por outras palavras: o mérito que resulta da prática do bem será de diferentes graus?

“O mérito está na dificuldade em praticá-lo. Nenhum merecimento há em fazer o bem sem esforço e quando nada custe. Deus leva mais em conta o pobre que divide com outro o seu único pedaço de pão, do que o rico que apenas dá do que lhe sobra, disse-o Jesus, a propósito na parábola da esmola da viúva⁷⁸.”

DIVISÃO DA LEI NATURAL

647. Toda a lei de Deus se acha contida no mandamento do amor ao próximo, ensinado por Jesus?

“Certamente esse preceito conclui todos os deveres dos homens uns para com os outros, porém é preciso que se mostre sua exata aplicação, do contrário deixarão de cumpri-lo, como o fazem presentemente. Demais, a lei natural abrange todas as circunstâncias da vida e esse preceito compreende só uma parte da lei. Aos homens são necessárias regras precisas; os preceitos gerais e muito vagos deixam grande número de portas abertas à interpretação.”

648. O que os Espíritos pensam da divisão da lei natural em dez partes, compreendendo as leis de adoração, trabalho, reprodução, conservação, destruição, sociedade, progresso, igualdade, liberdade e, por fim, a de justiça, amor e caridade?

“Essa divisão da lei de Deus em dez partes é a de Moisés e de natureza a abranger todas as circunstâncias da vida, o que é essencial. Podem adotá-la, sem que por isso tenha qualquer coisa de absoluto, como não o tem nenhum dos outros sistemas de classificação, que todos dependem do modo pelo qual se considere o que quer que seja. A última lei é a mais importante, por ser a que faculta ao homem adiantar-se mais na vida espiritual, visto que resume todas as outras.”

⁷⁸ Parábola do óbolo (esmola) da viúva, contada por Jesus em: Marcos, 12:41-44 e em Lucas, 21:14 – N. E.

CAPÍTULO II

DA LEI DE ADORAÇÃO

- OBJETIVO DA ADORAÇÃO
- ADORAÇÃO EXTERIOR
- VIDA CONTEMPLATIVA
- A PRECE
- POLITEÍSMO
- SACRIFÍCIOS

OBJETIVO DA ADORAÇÃO

649. O que é adoração?

“É a elevação do pensamento a Deus e pela adoração o homem aproxima sua alma da Divindade.”

650. A oração se origina de um sentimento natural ou é fruto de ensino?

“Sentimento natural, como o da existência de Deus. A consciência da sua fraqueza leva o homem a se curvar diante daquele que o pode proteger.”

651. Terá havido povos destituídos de todo sentimento de adoração?

“Não, nunca houve um povo ateu. Todos compreendem que acima de tudo há um Ser Supremo.”

652. Podemos considerar a lei natural como fonte originária da adoração?

“A adoração está na lei natural, pois resulta de um sentimento natural no homem. Por essa razão é que existe entre todos os povos, se bem que sob formas diferentes.”

ADORAÇÃO EXTERIOR

653. A adoração precisa de manifestações exteriores?

“A adoração verdadeira é do coração. Em todas as ações, lembrem-se sempre de que o Senhor tem o olhar sobre todos vocês.”

a) — A adoração exterior é útil?

“Sim, se não for simulação. É sempre útil dar um bom exemplo. Mas, os que o fazem somente por afetação e amor-próprio, desmentindo com o proceder a aparente piedade, dão mau exemplo e não imaginam o mal que causam.”

654. Deus tem preferência pelos que o adoram desta ou daquela maneira?

“Deus prefere os que o adoram do fundo do coração, com sinceridade, fazendo o bem e evitando o mal, aos que julgam honrá-lo com cerimônias que os não tornam melhores para com os seus semelhantes.

“Todos os homens são irmãos e filhos de Deus. Ele atrai a si todos os que obedecem às Suas leis, qualquer que seja a forma sob que as exprimam.

“Aquele cuja piedade se concentra nos atos exteriores é falso. Todo aquele cuja adoração é afetada e contradiz o seu procedimento dá mau exemplo.

“Aquele que faz da adoração do Cristo uma profissão e que é orgulhoso, invejoso e ciumento, que é duro e intolerante para com os outros, ou ambicioso pelos bens deste mundo, eu lhes digo que a religião está nos seus lábios e não no coração. Deus, que vê tudo, dirá: aquele que conhece a verdade é cem vezes mais culpado do mal que faz do que o ignorante selvagem que vive isolado e será tratado desse modo no dia da justiça. Se um cego lhes derruba ao passar, o desculparão; se é um homem que vê claramente, se queixarão e vocês têm razão.

“Então, não perguntem se há alguma forma de adoração que mais combine, porque equivaleria a perguntarem se a Deus mais agrada ser adorado num idioma do que noutro. Ainda uma vez lhes digo: só chegam até Ele os cânticos que passam pela porta do coração.”

655. Merece censura aquele que pratica uma religião em que não crê, do fundo d'alma, fazendo-o apenas pelo respeito humano e para não escandalizar os que pensam de modo diverso?

“Nisto, como em muitas outras coisas, a intenção é a regra. Aquele que, assim fazendo, só tenha em vista respeitar as crenças de outros, não procede mal. Procede melhor do que um que ridicularize, porque, então, falta à caridade. Mas, aquele que pratique por interesse e por ambição se torna desprezível aos olhos de Deus e dos homens. Os que fingem se humilhar diante de Deus tão somente para receber o aplauso dos homens a Ele não podem agradar.”

656. É preferível a adoração individual ou a adoração coletiva?

“Se estão reunidos pela igualdade dos pensamentos e dos sentimentos, mais força têm os homens para atrair a si os bons Espíritos. O mesmo se dá quando se reúnem para adorar a Deus. Todavia, não creiam que seja menos valiosa a adoração particular, pois que cada um pode adorar a Deus pensando nele.”

VIDA CONTEMPLATIVA

657. Perante Deus, tem algum mérito os que se consagram à vida contemplativa, uma vez que não fazem nenhum mal e só pensam em Deus?

“Não, pois, se é certo que não fazem o mal, também o é que não fazem o bem e são inúteis. Demais, não fazer o bem já é um mal. Deus quer que o homem pense nele, mas não quer que apenas pense, pois que lhe impôs deveres a cumprir na Terra. Quem passa todo o tempo na meditação e na contemplação nada faz de meritório aos olhos de Deus, porque vive uma vida toda pessoal e inútil à Humanidade e Deus lhe pedirá contas do bem que não houver feito.” (ver a questão 640)

A PRECE

658. A prece grada a Deus?

“A prece é sempre agradável a Deus quando ditada pelo coração, pois, para Ele, a intenção é tudo. Assim, é preferível para Ele a prece do íntimo à prece lida, por muito bela que seja, se for lida mais com os lábios do que com o coração. Agrada-lhe a prece,

quando dita com fé, com fervor e sinceridade. Mas, não creiam que o sensibilize a do homem fútil, orgulhoso e egoísta, a menos que signifique, de sua parte, um ato de sincero arrependimento e de verdadeira humildade.”

659. Qual o caráter geral da prece?

“A prece é um ato de adoração. Orar a Deus é pensar nele; é se aproximar dele; é se colocar em comunicação com ele. Podemos nos propor três coisas por meio da prece: louvar, pedir, agradecer.”

660. A prece torna o homem melhor?

“Sim, porque aquele que ora com fervor e confiança se faz mais forte contra as tentações do mal e Deus lhe envia bons Espíritos para assisti-lo. Este é um socorro que jamais lhe é recusado, quando pedido com sinceridade.”

a) — Como é que certas pessoas, que apesar de orar muito, são de mau-caráter, ciosas, invejosas, impertinentes, carentes de benevolência e de indulgência e até, algumas vezes, viciosas?

“O essencial não é orar muito, mas orar bem. Essas pessoas supõem que todo o mérito está na demora da prece e fecham os olhos para os seus próprios defeitos. Fazem da prece uma ocupação, um emprego do tempo, nunca, porém, um estudo de si mesmas. Em tais casos, a ineficácia não é do remédio, sim da maneira como o aplicam.”

661. Poderemos utilmente pedir a Deus que perdoe as nossas faltas?

“Deus sabe distinguir o bem do mal; a prece não esconde as faltas. Aquele que pede perdão de suas faltas a Deus só o obtém mudando de proceder. As boas ações são a melhor prece, por isso que os atos valem mais que as palavras.”

662. Podemos orar pelos outros com utilidade?

“O Espírito de quem ora atua por sua vontade de praticar o bem. Atrai a si os bons Espíritos, mediante a prece, e estes se associam ao bem que deseje fazer.”

O pensamento e a vontade representam em nós um poder de ação que alcança muito além dos limites da nossa esfera corporal. A prece que fazemos por outros é um ato dessa vontade. Se for ardente e sincera, pode chamar os bons Espíritos em auxílio daquele por quem oramos, que eles virão lhes sugerir bons pensamentos e dar a força de que necessitem seu corpo e sua alma. Mas, ainda aqui, a prece do coração é tudo, a dos lábios nada vale.

663. As preces que fizermos por nós mesmos podem mudar a natureza das nossas provas e desviar seu curso?

“As provas de vocês estão nas mãos de Deus e há algumas que devem ser suportadas até o fim, mas Deus tem sempre em conta a resignação. A prece traz para junto de vocês os bons Espíritos que dão a força de suportá-las com coragem e fazem com que pareçam menos duras. Já dissemos: a prece nunca é inútil quando é bem feita, porque dá força àquele que ora — o que já é um grande resultado. Ajudem-se e o céu lhes ajudará, vocês sabem disso. Aliás, Deus não pode mudar a ordem da natureza à vontade de cada um, porque aquilo que é um grande mal sob os seus pontos de vistas mesquinhos e as suas vidas é passageira, muitas vezes, um grande bem na ordem geral do universo. Além de tudo, quantos males há dos quais o homem é o próprio autor, por causa do seu descuido ou por suas faltas! É punido naquilo que errou. Entretanto, os pedidos justos são muitas vezes atendidos mais vezes do que supõem. Acreditam que Deus não lhes tem escutado, porque não fez um milagre por vocês, enquanto lhes assiste

por meios tão naturais que parecem o efeito do acaso ou da força das coisas; muitas vezes também — muitas vezes mesmo — Ele lhes suscita o pensamento necessário para saírem do problema por vocês mesmos.”

664. Será útil orarmos pelos mortos e pelos Espíritos sofredores? E neste caso, como nossas preces podem proporcionar alívio e abreviar os seus sofrimentos? Elas têm o poder de suavizar a justiça de Deus?

“A prece não pode ter como objetivo mudar os desígnios de Deus, mas a alma por quem se ora experimenta alívio, porque recebe assim um testemunho do interesse que inspira àquele que pede por ela e também porque o desgraçado sente sempre um refrigério, quando encontra almas caridosas que se compadecem de suas dores. Por outro lado, mediante a prece, aquele que ora estimula o desgraçado ao arrependimento e ao desejo de fazer o que é necessário para ser feliz. Neste sentido é que lhe pode abreviar a pena, se, por sua parte, ele profere a prece com a boa vontade. O desejo de se melhorar despertado pela prece, atrai para junto do Espírito sofredor Espíritos melhores, que o vão esclarecer, consolar e lhe dar esperanças. Jesus orava pelas ovelhas desgarradas, mostrando a elas, desse modo, que se tornariam culpados se não fizessem o mesmo pelos que mais necessitam das suas preces.”

665. Que se deve pensar da opinião dos que rejeitam a prece em favor dos mortos, por não estar recomendada no Evangelho?

“O Cristo disse: “Amem-se uns aos outros”. Essa recomendação ensina que o homem deve empregar todos os meios possíveis para demonstrar afeição aos outros, sem entrar em detalhes sobre a maneira de atingir esse objetivo. Se é verdade que nada pode impedir o Criador de aplicar a justiça — da qual é a própria imagem, a todas as ações do Espírito —, não é menos verdadeiro que a prece que lhe dirige em favor daquele que lhes inspira afeição é um testemunho da lembrança que vocês têm dele, e apenas pode contribuir para aliviar seus sofrimentos e consolá-lo. A partir do momento em que ele sinta o menor arrependimento, é, então, socorrido; mas ele nunca ignora que uma alma simpática se ocupou dele e lhe deixa o doce pensamento que essa intercessão foi útil. Resulta disso, necessariamente, de sua parte, um sentimento de reconhecimento e afeição por aquele que lhe deu essa prova de amizade ou piedade. Dessa maneira, o amor que o Cristo recomendava aos homens apenas aproximou-os entre si; portanto, os dois obedeceram à lei de amor e de união de todos os seres, lei divina que deve conduzir à unidade, objetivo e finalidade do Espírito”.⁷⁹

666. Podemos orar pelos Espíritos?

“Podem orar aos bons Espíritos, como sendo os mensageiros de Deus e os executores de suas vontades, mas o poder deles está em relação com a superioridade que tenham alcançado e vem sempre do Senhor de todas as coisas, sem cuja permissão nada se faz. Eis por que as preces que se lhes dirigem só são eficazes, se bem aceitas por Deus.”

POLITEÍSMO

667. Por que razão, embora seja falsa, a crença politeísta⁸⁰ é uma das mais antigas e espalhadas?

⁷⁹ Resposta dada pelo Sr. Monod (Espírito), pastor protestante em Paris, morto em abril de 1856. A resposta anterior, nº 664, é do Espírito São Luís – N. K.

⁸⁰ **Politeísmo**: crença na existência de vários deuses – N. E.

“A compreensão de um Deus único não poderia existir no homem, senão como resultado do desenvolvimento de suas ideias. Pela sua ignorância — por ser incapaz de conceber um ser imaterial, sem forma determinada atuando sobre a matéria — o homem deu a Deus atributos da natureza corpórea, isto é, uma forma e um aspecto e, desde então, tudo o que parecia ultrapassar os limites da inteligência comum era, para ele, uma divindade. Tudo o que não compreendia devia ser obra de uma potência sobrenatural. Daí a crer em tantas potências distintas quantos os efeitos que observava, não havia mais que um passo. Em todos os tempos, porém, houve homens instruídos, que compreenderam ser impossível a existência desses poderes múltiplos a governarem o mundo, sem uma direção superior, e que, em consequência, se elevaram à concepção de um Deus único.”

668. Os fenômenos espíritos, produzidos em todos os tempos e conhecidos desde as primeiras épocas do mundo, não contribuíram para fazer acreditar na pluralidade dos deuses?

“Sem dúvida, porque, chamando deus a tudo o que era sobre-humano, os homens tinham os Espíritos por deuses. Daí veio que, quando um homem, pelas suas ações, pelo seu gênio, ou por um poder oculto que o vulgo não conseguia compreender, se distinguia dos demais, faziam dele um deus e, por sua morte, lhe rendiam culto.” (ver questão 603)

Entre os antigos, a palavra *deus* tinha uma significação muito ampla. Não era uma personificação do senhor da natureza, como nos nossos dias; era uma qualificação genérica dada a todo ser colocado além das condições da humanidade. Como as manifestações espíritas lhes havia revelado a existência de seres incorpóreos que agiam como potências da natureza, eles os chamaram deuses, como nós os chamamos Espíritos. Uma simples questão de palavras, com a diferença de que em sua ignorância, mantida de propósito por aqueles que nisso tinham interesse, ergueram templos e altares muito lucrativos, enquanto, para nós, eles são simples criaturas, como nós, mais ou menos perfeitas, simplesmente sem o seu corpo terrestre. Se estudarmos com cuidado os diversos atributos das divindades pagãs, reconheceremos, sem dificuldade, todos aqueles atributos que os nossos Espíritos também têm em todos os graus da escala espírita; o estado físico nos mundos superiores; todas as propriedades do perispírito e o papel que desempenham nas coisas da Terra.

Ao esclarecer o mundo com sua luz divina, o Cristianismo não veio destruir uma coisa que está na natureza, mas orientar a adoração para aquele a quem é devida. Quanto aos Espíritos, sua lembrança se perpetuou sob os diversos nomes, conforme os povos, e suas manifestações, que nunca deixaram de se produzir, foram diversamente interpretadas e muitas vezes exploradas sob o manto do mistério; enquanto a religião viu fenômenos miraculosos, os incrédulos viram mentiras. Hoje, graças aos estudos mais sérios, feitos à plena luz, o Espiritismo livra-os das ideias supersticiosas que os obscureceram durante séculos e nos revela um dos maiores e mais sublimes princípios da natureza.

SACRIFÍCIOS

669. O hábito dos sacrifícios humanos vem da mais distante Antiguidade. Como se explica que o homem tenha sido levado a crer que tais coisas pudessem agradar a Deus?

“Primeiramente, porque não compreendia Deus como sendo a fonte da bondade. Nos povos primitivos a matéria domina o espírito; eles se entregam aos instintos do animal selvagem. Por isso é que, em geral, são cruéis; é que neles o senso moral ainda não se acha desenvolvido. Em segundo lugar, é natural que os homens primitivos acreditassem ter uma criatura animada muito mais valor, aos olhos de Deus, do que um corpo material. Foi isto que os levou primeiro a imolarem animais e, mais tarde, homens. De conformidade com a falsa crença que possuíam, pensavam que o valor do sacrifício era proporcional à importância da vítima. Na vida material, como geralmente vocês a praticam, se houverem de oferecer a alguém um presente, escolherão sempre os de tanto maior valor quanto mais afeto e consideração quiserem

testemunhar a esse alguém. Assim tinha que ser, com relação a Deus, entre homens ignorantes.”

a) — De modo que os sacrifícios de animais vieram antes dos sacrifícios humanos?

“Sobre isso não pode haver a menor dúvida.”

b) — Então, de acordo com a explicação dada, não foi de um sentimento de crueldade que surgiram os sacrifícios humanos?

“Não; originaram-se de uma ideia errônea quanto à maneira de agradar a Deus. Considerem o que se deu com Abraão⁸¹. Com o correr dos tempos, os homens entraram a abusar dessas práticas, sacrificando seus inimigos comuns, até mesmo seus inimigos particulares. Deus, entretanto, nunca exigiu sacrifícios — nem de homens, nem, sequer, de animais. Não há como imaginar-se que possamos Lhe prestar culto, mediante a destruição inútil de suas criaturas.”

670. Os sacrifícios humanos feitos com intenção piedosa algumas vezes puderam ser agradáveis a Deus?

“Não, nunca. Mas Deus julga pela intenção. Como eram ignorantes, era natural que acreditassem praticar ato louvável sacrificando seus semelhantes. Nesses casos, Deus atentava unicamente na ideia que presidia ao ato e não neste. À proporção que se foram melhorando, os homens tiveram que reconhecer o erro em que laboravam e que reprovaram tais sacrifícios, com que não podiam conformar-se as ideias de Espíritos esclarecidos. Digo esclarecidos, porque os Espíritos tinham então a envolvê-los o véu material; mas, por meio do livre-arbítrio, lhes era possível vislumbrar suas origens e fim, e muitos, por intuição, já compreendiam o mal que praticavam, se bem que nem por isso deixassem de praticá-lo, para satisfazer às suas paixões.”

671. Que devemos pensar das chamadas guerras santas? O sentimento que leva pessoas fanáticas a exterminarem o máximo que puderem dos que não compartilham de suas crenças para serem agradáveis a Deus parece ter a mesma origem que os estimulava antigamente a sacrificar os seus semelhantes?

“Eles estão envolvidos pela ação de Espíritos inferiores que, ao guerrearem com seus semelhantes, contrariam a vontade de Deus, que diz que se deve amar seu irmão como a si mesmo. Todas as religiões, ou melhor, todos os povos, adoraram um mesmo Deus, tenha um nome ou outro. Por que fazer uma guerra de extermínio apenas pelo fato de terem religiões diferentes ou não terem ainda alcançado o progresso dos povos esclarecidos? Os povos podem ser desculpados por não acreditarem na palavra daquele que era animado pelo Espírito de Deus e enviado por ele, principalmente quando não o viram e não foram testemunhas de seus atos; porém, como querem que acreditem nessa palavra de paz, quando pretendem impor essa palavra com a espada na mão? Devemos levar-lhes o esclarecimento e procurar fazer-lhes conhecer a doutrina do Salvador pela persuasão e pela doçura, não pela força e pelo sangue. Na maioria das vezes, não acreditam nas comunicações que temos com alguns mortais; como haverão de querer que estranhos acreditassem na sua palavra, quando seus atos desmentem a doutrina que pregam?”

672. A oferta de frutos da terra feita a Deus tinha aos olhos dele mais mérito do que o

⁸¹ **Abraão**: patriarca da Bíblia que se propôs a sacrificar Isaac, seu filho, a Deus, como prova de obediência, mas, pela intervenção de um Espírito, foi impedido de fazê-lo – Veja em GÊNESE, 22 – N. E.

sacrifício dos animais?

“Já lhes respondi, declarando que Deus julga segundo a intenção e que, para Ele, pouca importância tinha o fato. Evidentemente era mais agradável a Deus que lhe oferecessem frutos da terra, em vez do sangue das vítimas. Como temos dito e sempre repetiremos, a prece proferida do fundo da alma é cem vezes mais agradável a Deus do que todas as oferendas que lhe possam fazer. Repito que a intenção é tudo, que o fato nada vale.”

673. Não haveria um meio de tornar essas oferendas mais agradáveis a Deus se aliviassem as necessidades daqueles a quem falta o necessário; e, nesse caso, o sacrifício de animais, quando feito com um objetivo útil, não se tornaria meritório, embora fosse abusivo quando não servia para nada ou só tinha proveito apenas para as pessoas que não tinham necessidade de nada? Não haveria alguma coisa de verdadeiramente piedoso em consagrar aos pobres os primeiros frutos dos bens que Deus nos concedeu na Terra?

“Deus abençoa sempre os que fazem o bem. O melhor meio de honrá-lo consiste em aliviar os sofrimentos dos pobres e dos aflitos. Não quero dizer com isto que ele desaprove as cerimônias que praticam para lhe dirigirem as suas preces. Porém, muito dinheiro se gasta aí que poderia ser empregado mais utilmente do que é. Deus ama a simplicidade em tudo. O homem que se atém às exterioridades e não ao coração é um Espírito de vistas acanhadas. Digam, em consciência, se Deus deve atender mais à forma do que ao fundo.”

CAPÍTULO III

DA LEI DO TRABALHO

- NECESSIDADE DO TRABALHO
- LIMITE DO TRABALHO, REPOUSO

NECESSIDADE DO TRABALHO

674. A necessidade do trabalho é uma lei da Natureza?

“O trabalho é lei da Natureza, por isso mesmo que constitui uma necessidade, e a civilização obriga o homem a trabalhar mais, porque aumenta as suas necessidades e os seus prazeres.”

675. Trabalho é apenas as ocupações materiais?

“Não; o Espírito trabalha, assim como o corpo. Toda ocupação útil é trabalho.”

676. Por que o trabalho é imposto ao homem?

“Por ser uma consequência da sua natureza corporal. É expiação e ao mesmo tempo um meio de aperfeiçoamento da sua inteligência. Sem o trabalho, o homem permaneceria sempre na infância, quanto à inteligência. Por isso é que seu alimento, sua segurança e seu bem-estar dependem do seu trabalho e da sua atividade. Em compensação ao extremamente fraco de corpo, Deus concedeu a inteligência. Mas é sempre um trabalho.”

677. Por que a Natureza providencia por si mesma todas as necessidades dos animais?

“Tudo na Natureza trabalha. Como tu, os animais trabalham, mas, de acordo com a inteligência de que dispõem, o trabalho deles se limita a cuidar da própria conservação. Daí vem que do trabalho não lhes resulta progresso, ao passo que o do homem visa duplo objetivo: a conservação do corpo e o desenvolvimento da faculdade de pensar — o que também é uma necessidade e o eleva acima de si mesmo. Quando digo que o trabalho dos animais se fixa no cuidado da própria conservação, refiro-me à finalidade com que trabalham. Entretanto, fornecendo às suas necessidades materiais, eles inconscientemente se tornam executores dos desejos do Criador e, assim, o trabalho que operam também colabora para a realização do objetivo final da Natureza, se bem quase nunca vocês percebem o resultado imediato.”

678. Nos mundos mais aperfeiçoados, os homens estão sujeito à mesma necessidade de trabalhar?

“A natureza do trabalho é relativa à natureza das necessidades. Quanto menos as necessidades são materiais, menos material é o trabalho. Mas, não deduzam daí que o homem se conserve inativo e inútil. A desocupação seria um suplício, em vez de ser um benefício.”

679. O homem que possua bens suficientes para lhe assegurarem a existência está isento da lei do trabalho?

“Do trabalho material, talvez; mas não da obrigação de se tornar útil, conforme aos meios de que disponha, nem de aperfeiçoar a sua inteligência ou a dos outros, o que também é trabalho. Aquele a quem Deus deu a posse de bens suficientes a lhe garantirem a existência certamente não está constringido a se alimentar com o suor do seu rosto, mas tanto maior lhe é a obrigação de ser útil aos seus semelhantes, quanto mais ocasiões de praticar o bem lhe proporciona o adiantamento que lhe foi feito.”

680. Não há homens que se encontram impossibilitados de trabalhar no que quer que seja e cuja existência é, portanto, inútil?

“Deus é justo e, portanto, só condena aquele que voluntariamente tornou a sua existência inútil, pois esse vive à custa do trabalho dos outros. Ele quer que cada um seja útil, de acordo com as suas faculdades.” (ver questão 643)

681. A lei da Natureza impõe aos filhos a obrigação de trabalharem para seus pais?

“Seguramente, do mesmo modo que os pais têm que trabalhar para seus filhos. Foi por isso que Deus fez do amor filial e do amor paterno um sentimento natural. Foi para que, por essa afeição recíproca, os membros de uma família se sentissem conduzidos a ajudarem-se mutuamente, o que, aliás, com muita frequência, na sociedade atual, vocês se esquecem.” (ver questão 205)

LIMITE DO TRABALHO. REPOUSO

682. Sendo uma necessidade para todo aquele que trabalha, o repouso também não é uma lei da Natureza?

“Sem dúvida. O repouso serve para a reparação das forças do corpo e também é necessário para dar um pouco mais de liberdade à inteligência, a fim de que se eleve acima da matéria.”

683. Qual o limite do trabalho?

“O das forças. Em suma, Deus deixa o homem inteiramente livre a esse respeito.”

684. O que devemos pensar dos que abusam de sua autoridade, impondo trabalho excessivo a seus inferiores?

“Isso é uma das piores ações. Todo aquele que tem o poder de mandar é responsável pelo excesso de trabalho que impõe a seus inferiores, pois assim fazendo, transgride a lei de Deus.” (ver questão 273)

685. O homem tem o direito de repousar na velhice?

“Sim, está obrigado ao trabalho de acordo com as suas forças.”

a) — Mas, o que há de fazer o idoso que precisa trabalhar para viver e não pode?

“O forte deve trabalhar para o fraco. Se este não tiver família, a sociedade deve tomar o lugar desta. É a lei de caridade.”

Não basta dizer ao homem que é seu dever trabalhar, é preciso ainda que aquele que tem de abastecer a existência com seu trabalho encontre com que se ocupar — o que nem sempre acontece. Quando a falta do trabalho se generaliza, toma proporções de um flagelo, como a miséria. A ciência econômica procura o remédio no equilíbrio entre a produção e o consumo; mas esse equilíbrio, supondo-se que seja possível, não será contínuo, e nesses intervalos o trabalhador precisa viver. Há um elemento que não se costuma considerar, sem o qual a ciência econômica

torna-se apenas uma teoria: é a educação. Não a educação intelectual, mas a educação moral; não ainda a educação moral pelos livros, mas a que consiste na arte de formar o caráter, que dá os hábitos: porque educação é o conjunto dos hábitos adquiridos.

Quando se pensa na massa de indivíduos lançados a cada dia na torrente da população, sem princípios nem freios e entregues aos próprios instintos, devem causar espanto as consequências desastrosas que resultam disso? Quando essa arte for conhecida e praticada, o homem trará hábitos de ordem e de previdência para si e para os seus, de respeito pelo que é respeitável, hábitos que lhe permitirão atravessar menos angustiado os maus dias inevitáveis. A desordem e a imprevidência são duas chagas que uma educação bem conduzida pode curar; aí está o ponto de partida, o elemento real do bem-estar, a garantia da segurança de todos.

CAPÍTULO IV

DA LEI DE REPRODUÇÃO

- POPULAÇÃO DO GLOBO
- SECESSÃO E APERFEIÇOAMENTO DAS RAÇAS
- OBSTÁCULOS À REPRODUÇÃO
- CASAMENTO E CELIBATO
- POLIGAMIA

POPULAÇÃO DO GLOBO

686. A reprodução dos seres vivos é uma lei da Natureza?

“Evidentemente. Sem a reprodução, o mundo corporal pereceria.”

687. Indo sempre na progressão crescente que vemos, chegará tempo em que a população seja excessiva na Terra?

“Não, Deus provê a isso e mantém sempre o equilíbrio. Ele não faz coisa alguma que seja inútil. O homem, que apenas vê um canto do quadro da Natureza, não pode julgar a harmonia do conjunto.”

SUCESSÃO E APERFEIÇOAMENTO DAS RAÇAS

688. Há, neste momento, raças humanas que evidentemente diminuem. Virá momento em que terão desaparecido da Terra?

“Assim acontecerá, de fato. É que outras terão tomado o seu lugar, como outras um dia tomarão o lugar de vocês.”

689. Os homens atuais formam uma criação nova, ou são descendentes aperfeiçoados dos seres primitivos?

“São os mesmos Espíritos que voltaram, para se aperfeiçoar em novos corpos, mas que ainda estão longe da perfeição. Assim, a atual raça humana — que, pelo seu crescimento, tende a invadir toda a Terra e a substituir as raças que se acabam — terá sua fase de decrescimento e de desaparecimento. Outras raças as substituirão mais aperfeiçoadas, que descenderão da atual, como os homens civilizados de hoje descendem dos seres brutos e selvagens dos tempos primitivos.”

690. Do ponto de vista físico, os corpos da raça atual são de criação especial ou procedem dos corpos primitivos, mediante reprodução?

“A origem das raças se perde na noite dos tempos. Mas, como pertencem todas à grande família humana, qualquer que tenha sido o tronco de cada uma, elas puderam se aliar entre si e produzir tipos novos.”

691. Do ponto de vista físico, qual o caráter distintivo e dominante das raças primitivas?

“Desenvolvimento da força bruta, à custa da força intelectual. Agora, ocorre o contrário: o homem faz mais pela inteligência do que pela força do corpo. Todavia, faz com vezes mais, porque soube tirar proveito das forças da Natureza, o que os animais não conseguem.”

692. Será contrário à lei da Natureza o aperfeiçoamento das raças animais e vegetais pela Ciência? Seria mais conforme a essa lei deixar que as coisas seguissem seu curso normal?

“Tudo se deve fazer para chegar à perfeição e o próprio homem é um instrumento de que Deus se serve para atingir seus fins. Sendo a perfeição a meta para que a Natureza tenda, favorecer essa perfeição é corresponder às vistas de Deus.”

a) — Mas, geralmente, os esforços que o homem emprega para conseguir a melhoria das raças nascem de um sentimento pessoal e não objetivam senão o acréscimo de seus gozos. Isto não lhe diminui o mérito?

“Que importa que o seu merecimento seja nulo, desde que o progresso se realize? Cabe-lhe tornar seu trabalho meritório pela intenção. Além disso, mediante esse trabalho, ele exercita e desenvolve a inteligência e sob este aspecto é que tira maior proveito.”

OBSTÁCULOS À REPRODUÇÃO

693. São contrários à lei da Natureza as leis e os costumes humanos que têm por fim ou por efeito criar obstáculos à reprodução?

“Tudo o que embaraça a Natureza em sua marcha é contrário à lei geral.”

a) — Entretanto, há espécies de seres vivos, animais e plantas, cuja reprodução indefinida seria prejudicial a outras espécies e das quais o próprio homem acabaria por ser vítima. O homem pratica ato repreensível quando impede essa reprodução?

“Deus concedeu ao homem, acima de todos os seres vivos, um poder de que ele deve usar, sem abusar. Assim, pode regular a reprodução de acordo com as necessidades e nunca sem necessidade. A ação inteligente do homem é um contrapeso que Deus arranjou para restabelecer o equilíbrio entre as forças da Natureza e é ainda isso o que o distingue dos animais, porque ele age com conhecimento de causa. Mas, os mesmos animais também ajudam para a existência desse equilíbrio, pois o instinto de destruição que lhes foi dado faz com que, cuidando da própria conservação, impeçam ao desenvolvimento excessivo — e talvez perigoso — das espécies animais e vegetais de que se alimentam.”

694. Que devemos pensar dos usos, cujo efeito consiste em dificultar à reprodução, para satisfação da sensualidade?

“Isso prova a predominância do corpo sobre a alma e quanto o homem é materializado.”

CASAMENTO E CELIBATO

695. Será contrário à lei da Natureza o casamento, isto é, a união permanente de dois seres?

“É um progresso na marcha da Humanidade.”

696. Que efeito a abolição do casamento teria sobre a sociedade humana?

“Seria uma regressão à vida dos animais.”

A união livre e casual dos sexos é um estado de natureza. O casamento é um dos primeiros atos de progresso nas sociedades humanas, porque estabelece a solidariedade fraterna e se observa entre todos os povos — se bem que em condições diversas. Portanto, a abolição do casamento seria regredir à infância da Humanidade e colocaria o homem abaixo mesmo de certos animais que lhe dão o exemplo de uniões constantes.

697. A indissolubilidade absoluta do casamento faz parte da lei da Natureza, ou somente na lei humana?

“É uma lei humana, muito contrária à da Natureza. Mas os homens podem modificar suas leis; só as da Natureza são imutáveis.”

698. O celibato⁸² voluntário representa um estado de perfeição meritório aos olhos de Deus?

“Não, e os que assim vivem por egoísmo desagradam a Deus e enganam o mundo.”

699. Para algumas pessoas, o celibato não é um sacrifício com a finalidade de se dedicarem mais inteiramente ao serviço da humanidade?

“Isso é muito diferente. Eu disse: por egoísmo. Todo sacrifício pessoal é meritório, quando feito para o bem. Quanto maior o sacrifício, tanto maior o mérito.”

Não é possível que Deus se contradiga, nem que ache mau aquilo que Ele próprio fez. Portanto, nenhum mérito pode haver na violação da sua lei. Mas, se o celibato, em si mesmo, não é um estado meritório, outro tanto não se dá quando constitui um sacrifício praticado em prol da Humanidade, pela renúncia às alegrias da família. Tendo em vista o bem e sem qualquer ideia egoísta, todo sacrifício pessoal eleva o homem acima da sua condição material.

POLIGAMIA

700. A igualdade numérica que existe mais ou menos entre homens e mulheres é indício da proporção em que devam se unir?

“Sim, pois tudo na Natureza tem um fim.”

701. Qual das duas, a poligamia ou a monogamia, está mais de acordo com lei da Natureza?⁸³

“A poligamia é lei humana cuja eliminação marca um progresso social. O casamento, segundo as vistas de Deus, tem que se fundar na afeição dos seres que se unem. Na poligamia não há afeição real: há apenas sensualidade.”

Se a poligamia fosse conforme a lei da Natureza, deveria ter possibilidade de se tornar universal — o que seria materialmente impossível, em virtude da igualdade numérica dos sexos. Deve ser considerada como um uso ou legislação especial apropriada a certos costumes e que o aperfeiçoamento social fez que desaparecesse pouco a pouco.

⁸² **Celibato**: opção de se manter solteiro e de não ter qualquer relacionamento sexual, geralmente para consagrar-se a uma vida religiosa, de contemplação e oração, noutras vezes, também por se julgar que a atividade sexual seja uma impureza moral – N. E.

⁸³ **Poligamia**: união conjugal de uma pessoa com várias outras, em oposição à **monogamia**, que é o casamento entre apenas dois cônjuges – N. E.

CAPÍTULO V

DA LEI DE CONSERVAÇÃO

- INSTINTO DE CONSERVAÇÃO
- MEIOS DE CONSERVAÇÃO
- GOZO DOS BENS TERRENOS
- NECESSÁRIO E SUPÉRFLUO
- PRIVAÇÕES VOLUNTÁRIAS, MORTIFICAÇÕES

INSTINTO DE CONSERVAÇÃO

702. O instinto de conservação é uma lei da Natureza?

“Sem dúvida. Todos os seres vivos o possuem, qualquer que seja o grau de sua inteligência. Em alguns, é puramente mecânico; para outros, é racional.”

703. Com que objetivo Deus concedeu a todos os seres vivos o instinto de conservação?

“Porque todos precisam contribuir para o cumprimento dos desígnios da Providência. Por isso foi que Deus lhes deu a necessidade de viver. Acresce que a vida é necessária ao aperfeiçoamento dos seres. Eles o sentem instintivamente, sem disso se aperceberem.”

MEIOS DE CONSERVAÇÃO

704. Tendo dado ao homem a necessidade de viver, Deus lhe facultou os meios de consegui-lo em todos os tempos?

“Certo, e se o homem não encontra todos os meios, é que não os compreende. Não seria possível que Deus criasse para o homem a necessidade de viver sem lhe dar os meios de consegui-lo. Essa a razão por que faz que a Terra produza de modo a proporcionar o necessário aos que a habitam, visto que só o necessário é útil. O supérfluo nunca o é.”

705. Por que a terra nem sempre produz o bastante para fornecer ao homem o necessário?

“O homem a despreza por ingratidão e, no entanto, a terra continua sendo uma excelente mãe. Além disso, ele ainda acusa a natureza por sua própria imperícia ou desleixo. A terra produziria sempre o necessário se o homem soubesse se contentar. Se o que produz não é o bastante para todas as necessidades, é porque emprega no dispensável o que deveria utilizar no necessário. Observem o árabe no deserto: encontra sempre com o que viver, porque não cria necessidades artificiais. Porém, quando a metade da produção é desperdiçada para satisfazer fantasias, o homem deve se espantar de não encontrar nada em seguida? E terá razão de se queixar por estar desprovido quando chega a época da carência? Na verdade, não é a natureza que é imprevidente, é o homem que não sabe reger sua vida.”

706. Por bens da Terra devemos entender somente os produtos do solo?

“O solo é a fonte primordial donde emanam todos os outros recursos, pois, em definitivo, estes recursos são simples transformações dos produtos do solo. Portanto, por bens da Terra se deve entender tudo de que o homem pode gozar neste mundo.”

707. Para certos indivíduos, é frequente faltarem os meios de subsistência, mesmo quando cercados de abundância. A que se deve atribuir isso?

“Ao egoísmo dos homens, que nem sempre fazem o que devem fazer e, além disso, frequentemente devem a si mesmos. Busquem e acharão; estas palavras não querem dizer que, para achar o que deseje, basta que o homem olhe para a terra, mas que lhe é preciso procurá-lo, não com moleza, e sim com ardor e perseverança, sem desanimar ante os obstáculos, que muitas vezes são simples meios de que se utiliza a Providência, para lhe experimentar a constância, a paciência e a firmeza” (ver questão 534).

Se a civilização multiplica as necessidades, também multiplica as fontes de trabalho e os meios de vida; mas é preciso admitir que ainda resta muito a fazer sob esse aspecto. Quando a civilização terminar sua obra, ninguém poderá queixar-se de que lhe falta o necessário, senão por sua própria culpa.

A infelicidade, para muitos, decorre de enveredarem por um caminho que não é aquele que a natureza traçou; é então que falta inteligência para terem êxito. Há lugar ao sol para todos, mas com a condição de cada um ter o seu, e não o dos outros. A natureza não pode ser responsável pelos vícios de organização social e nem pelas consequências da ambição e do orgulho.

Entretanto, seria preciso ser cego para não reconhecer o progresso que se realizou sob esse aspecto entre os povos mais avançados. Graças aos louváveis esforços que a filantropia e a ciência juntas não param de fazer para o melhoramento da condição material dos homens, e apesar do contínuo aumento das populações, a insuficiência da produção está atenuada em grande parte, pelo menos. Os anos mais calamitosos hoje nada têm de comparável aos de antigamente. A higiene pública — esse elemento tão essencial para o bem-estar e a saúde, desconhecida de nossos pais — é agora objeto de cuidados especiais; o infortúnio e o sofrimento encontram lugares de refúgio. Em toda parte a ciência contribui para aumentar o bem-estar.

Pode-se dizer que já alcançou a perfeição? Certamente que não. Mas o que já foi feito dá a medida do que podemos fazer com perseverança, se o homem é bastante sábio para procurar sua felicidade nas coisas positivas e sérias e não nas utopias que o fazem recuar em vez de progredir.

708. Não há situações em que os meios de sobrevivência não dependam de maneira alguma da vontade do homem, e a privação daquilo que mais necessita seja uma consequência da força mesma das coisas?

“Isso é uma prova — muitas vezes cruel — que lhe compete sofrer e à qual ele sabia de antemão que viria a estar exposto. Seu mérito então consiste em se submeter à vontade de Deus, desde que a sua inteligência não lhe fornece nenhum meio de sair da dificuldade. Se a morte vier buscá-lo, cumpra-lhe recebê-la sem murmurar, compreendendo que a hora da verdadeira libertação souo e que o desespero no derradeiro momento pode lhe ocasionar a perda do fruto de toda a sua resignação.”

709. Terão cometido crime os que, em certas situações críticas, se viram na contingência de sacrificar seus semelhantes, para matar a fome? Se teve crime, não precisou atenuar a necessidade de viver, que resulta do instinto de conservação?

“Já respondi, quando disse que há mais merecimento em sofrer todas as provações da vida com coragem e abnegação. Em tal caso, há homicídio e crime de lesa-natureza, falta que é duplamente punida.”

710. Nos mundos de organização mais apurada, os seres vivos têm necessidade de se alimentar?

“Têm, mas seus alimentos estão em relação com a sua natureza. Tais alimentos não seriam bastante substanciosos para os grosseiros estômagos de vocês; assim como os deles não poderiam digerir os seus alimentos.”

GOZO DOS BENS TERRENOS

711. O uso dos bens da Terra é um direito de todos os homens?

“Esse direito é consequente da necessidade de viver. Deus não imporá um dever sem dar ao homem o meio de cumpri-lo.”

712. Com que finalidade Deus colocou atrativos no gozo dos bens materiais?

“Para instigar o homem ao cumprimento da sua missão e para experimentá-lo por meio da tentação.”

a) — Qual o objetivo dessa tentação?

“Desenvolver-lhe a razão, que deve preservá-lo dos excessos.”

Se o homem tivesse considerado o uso dos bens da Terra somente pela utilidade que eles têm, sua indiferença poderia comprometer a harmonia do universo: Deus lhe deu o atrativo do prazer para o cumprimento dos seus desígnios. Mas pelo que possa representar esse atrativo quis, por outro lado, prová-lo por meio da tentação que o arrasta para o abuso do qual sua razão deve defendê-lo.

713. A Natureza traçou limites aos prazeres?

“Traçou, para lhes indicar o limite do necessário. Mas, pelos seus excessos, vocês chegam à fartura e punem a si mesmos.”

714. Que se deve pensar do homem que procura o requinte dos prazeres nos excessos de todo gênero?

“Pobre criatura! É mais digna de lástima do que de inveja, pois está bem perto da morte!”

a) — Perto da morte física ou da morte moral?

“De ambas.”

O homem que procura o requinte do gozo nos excessos de todo gênero coloca-se abaixo do bruto, pois que este sabe deter-se quando satisfaz a sua necessidade. Recusa da razão que Deus lhe deu por guia e quanto maiores forem seus excessos, tanto maior dominação ele confere à sua natureza animal sobre a sua natureza espiritual. As doenças, as enfermidades e, ainda, a morte, que resultam do abuso, são, ao mesmo tempo, o castigo à transgressão da lei de Deus.

NECESSÁRIO E SUPÉRFLUO

715. Como o homem pode conhecer o limite do necessário?

“Aquele que é prudente o conhece por intuição. Muitos só chegam a conhecê-lo por experiência e à sua própria custa.”

716. Mediante a organização que nos deu, a Natureza não traçou o limite das nossas necessidades?

“Sem dúvida, mas o homem é insaciável. Por meio da organização que lhe deu, a Natureza lhe traçou o limite das necessidades; porém, os vícios lhe alteraram a organização e lhe criaram necessidades que não são reais.”

717. Que devemos pensar dos que usurpam os bens da Terra para se proporcionarem o luxo, com prejuízo daqueles a quem falta o necessário?

“Esquecem a lei de Deus e terão que responder pelas privações que houverem causado aos outros.”

O limite entre o necessário e o supérfluo nada tem de absoluto. A Civilização criou necessidades que o selvagem desconhece e os Espíritos que ditaram os preceitos acima não pretendem que o homem civilizado deva viver como o selvagem. Tudo é relativo e cabe à razão reger as coisas. A Civilização desenvolve o senso moral e, ao mesmo tempo, o sentimento de caridade, que leva os homens a se prestarem mútuo apoio. Os que vivem à custa das privações dos outros exploram, em seu proveito, os benefícios da Civilização. Desta têm apenas o verniz, como muitos há que da religião só têm a máscara.

PRIVAÇÕES VOLUNTÁRIAS. MORTIFICAÇÕES

718. A lei de conservação obriga o homem a prover às necessidades do corpo?

“Sim, porque, sem força e saúde, é impossível o trabalho.”

719. Merece censura o homem que procurar seu bem-estar?

“O desejo do bem-estar é natural. Deus só proíbe o abuso, por ser contrário à conservação. Ele não condena a procura do bem-estar, desde que não seja conseguido à custa dos outros e não venha a diminuir nem as suas forças físicas, nem as suas forças morais.”

720. Aos olhos de Deus, são meritórias as privações voluntárias, com o objetivo de uma expiação igualmente voluntária?

“Façam o bem aos seus semelhantes e terão muito mais mérito.”

a) — Haverá privações voluntárias que sejam meritórias?

“Há: a privação dos gozos inúteis, porque desprende da matéria o homem e lhe eleva a alma. Meritório é resistir à tentação que arrasta ao excesso ou ao gozo das coisas inúteis; é o homem tirar do que lhe é necessário para dar aos que carecem do bastante. Se a privação não passar de simulação, será uma zombaria.”

721. A vida de mortificações ascéticas⁸⁴ dos devotos e dos místicos — praticada desde a Antiguidade e entre diferentes povos — é meritória sob algum ponto de vista?

“Procurem saber a quem ela serve e terão a resposta. Se somente serve para quem a pratica e o impede de fazer o bem, é egoísmo, seja qual for o pretexto com que entendam de colori-la. Privar a si mesmo e trabalhar para os outros, tal a verdadeira mortificação, segundo a caridade cristã.”

722. Será racional a abstenção de certos alimentos, receitada a diversos povos?

“É permitido ao homem se alimentar de tudo o que lhe não prejudique a saúde, mas alguns legisladores, com um fim útil, entenderam de proibir o uso de certos alimentos, para imprimirem maior autoridade às suas leis, e apresentaram suas regras como vindas de Deus.”

723. Com relação ao homem, a alimentação da carne animal é, contrária à lei da Natureza?

“Em virtude da organização física de vocês, a carne alimenta a carne, do contrário o homem perece. A lei de conservação lhe receita como um dever, que mantenha suas forças e sua saúde, para cumprir a lei do trabalho. Logo, ele tem que se alimentar conforme o reclame o seu organismo.”

⁸⁴ **Ascéticos:** dedicadas à meditação com o fim de ser virtuoso – N. E.

724. Será meritório o homem se abster da alimentação animal, ou de outra qualquer, por expiação?

“Sim, se praticar essa privação em benefício dos outros. Aos olhos de Deus, porém, só há mortificação, havendo privação séria e útil. Por isso é que qualificamos de hipócritas os que apenas aparentemente se privam de alguma coisa.” (ver questão 720)

725. Que se deve pensar das mutilações operadas no corpo do homem ou dos animais?

“Por que tal pergunta? Mais uma vez: indaguem sempre a si mesmos se é útil aquilo de que porventura se trate. o que seja inútil não pode agradar a Deus e o que for prejudicial lhe será sempre desagradável. Porque, fiquem sabendo que Deus só é sensível aos sentimentos daqueles que elevam a alma a Ele; é obedecendo às leis que poderão se libertar do peso da sua matéria terrestre, e não a violando.”

726. Visto que os sofrimentos deste mundo nos elevam, se os suportarmos devidamente, aqueles que nós mesmos nos criamos também nos elevam?

“Os sofrimentos naturais são os únicos que elevam, porque vêm de Deus. Os sofrimentos voluntários de nada servem, quando não servem para o bem dos outros. Supõem que os que abreviam a vida se adiantam no caminho do progresso, mediante rigores sobre-humanos, como o fazem os bonzos⁸⁵, os faquires⁸⁶ e alguns fanáticos de muitas seitas? Por que de preferência não trabalham pelo bem de seus semelhantes? Vistam o indigente; consolem o que chora; trabalhem pelo que está enfermo; sofram privações para alívio dos infelizes e então suas vidas serão úteis e, portanto, agradáveis a Deus. Sofrer alguém voluntariamente, apenas por seu próprio bem, é egoísmo; sofrer pelos outros é caridade: tais os preceitos do Cristo.”

727. Uma vez que não devemos criar sofrimentos voluntários, que nenhuma utilidade tenham para os outros, deveremos cuidar de nos preservar dos que prevemos ou nos ameaçam?

“O instinto de conservação foi dado a todos os seres contra os perigos e os sofrimentos. Cuidem do espírito e não do corpo, mortifiquem o orgulho, sufoquem o próprio egoísmo, que se assemelha a uma serpente a lhes roer o coração, e farão muito mais pelo seu adiantamento do que infligindo para si sacrifícios que já não são deste século.”

⁸⁵ **Bonzos:** monges do Budismo, habituados a martírios e suplícios – N. E.

⁸⁶ **Faquires:** aqueles que se deixam mutilar ou se submetem a jejuns, exibindo -se para provar o domínio e a insensibilidade da dor sobre o corpo – N. E.

CAPÍTULO VI

DA LEI DE DESTRUIÇÃO

- DESTRUIÇÃO NECESSÁRIA E DESTRUIÇÃO ABUSIVA
- FLAGELOS DESTRUIDORES
- GUERRAS
- ASSASSINATO
- CRUELDADE
- DUELO
- PENA DE MORTE

DESTRUIÇÃO NECESSÁRIA E DESTRUIÇÃO ABUSIVA

728. A destruição é uma lei da Natureza?

“É preciso que tudo se destrua para renascer e se regenerar, porque o que vocês chamam de destruição não passa de uma transformação, que tem por finalidade a renovação e melhoria dos seres vivos.”

a) — O instinto de destruição teria sido dado aos seres vivos por desígnios providenciais?

“As criaturas são instrumentos que Deus usa para chegar aos fins que objetiva. Para se alimentarem, os seres vivos se destroem reciprocamente, destruição esta que obedece a uma dupla finalidade: manutenção do equilíbrio na reprodução, que poderia tornar-se excessiva, e utilização dos despojos do invólucro exterior que sofre a destruição. Esse invólucro é simples acessório e não a parte essencial do ser pensante. A parte essencial é o princípio inteligente, que não se pode destruir e se elabora nas metamorfoses diversas por que passa.”

729. Se a regeneração dos seres faz a destruição ser necessária, por que a Natureza os cerca de meios de preservação e conservação?

“A fim de que a destruição não se dê antes de tempo. Toda destruição antecipada atrapalha o desenvolvimento do princípio inteligente. Foi por isso que Deus fez que cada ser experimentasse a necessidade de viver e de se reproduzir.”

730. Uma vez que a morte deve nos conduzir a uma vida melhor, que nos livra dos males desta, e, por isso, deveria ser mais desejada do que temida, por que o homem tem um horror instintivo que o faz temê-la?

“Já dissemos que o homem deve procurar prolongar a vida, para cumprir a sua tarefa. Tal o motivo por que Deus lhe deu o instinto de conservação, instinto que o sustenta nas provas. A não ser assim, ele muito frequentemente se entregaria ao desânimo. A voz íntima que o induz a afastar a morte lhe diz que ainda pode realizar alguma coisa pelo seu progresso. A ameaça de um perigo é aviso, para que se aproveite

da advertência que Deus lhe concede. Mas, sendo ingrato, o homem rende graças mais vezes à sua sorte do que ao seu Criador.”

731. Por que, ao lado dos meios de conservação, a Natureza colocou os agentes de destruição?

“É o remédio ao lado do mal. Já dissemos: para manter o equilíbrio e servir de contrapeso.”

732. A necessidade de destruição é idêntica em todos os mundos?

“É proporcional com o estado mais ou menos material dos mundos e acaba quando o físico e o moral se acham mais apurados. São diversas as condições de existência nos mundos mais adiantados do que o de vocês.”

733. Existirá sempre a necessidade da destruição entre os homens da Terra?

“Essa necessidade se enfraquece no homem à medida que o Espírito supera a matéria. Assim é que — como podem observar — o horror à destruição cresce com o desenvolvimento intelectual e moral.”

734. Em seu estado atual, o homem tem direito ilimitado de destruição sobre os animais?

“Tal direito se acha regulado pela necessidade que ele tem de prover ao seu sustento e à sua segurança. O abuso jamais constituiu direito.”

735. O que devemos pensar da destruição, quando ultrapassa os limites que as necessidades e a segurança traçam? Por exemplo, da caça, quando não objetiva senão o prazer de destruir sem utilidade?

“Predominância da brutalidade sobre a natureza espiritual. Toda destruição que excede os limites da necessidade é uma violação da lei de Deus. Os animais só destroem para satisfação de suas necessidades; enquanto que o homem, dotado de livre-arbítrio, destrói sem necessidade. Terá que prestar contas do abuso da liberdade que lhe foi concedida, pois isso significa que cede aos maus instintos.”

736. Os povos que são mais escrupulosos quanto à destruição dos animais terão um merecimento especial?

“Esse excesso, no tocante a um sentimento louvável em si mesmo, se torna abusivo e o seu merecimento fica neutralizado por abusos de muitas outras espécies. Entre tais povos, há mais temor supersticioso do que verdadeira bondade.”

FLAGELOS DESTRUIDORES

737. Com que finalidade Deus fere a Humanidade por meio de flagelos destruidores?

“Para fazê-la progredir mais depressa. Já não dissemos que a destruição é uma necessidade para a regeneração moral dos Espíritos, que, em cada nova existência, sobem um degrau na escala do aperfeiçoamento? É preciso que se veja o objetivo, para que os resultados possam ser apreciados. Vocês só os apreciam somente do seu ponto de vista pessoal e daí os qualificam de flagelos, por efeito do prejuízo que lhes causam, mas essas desordens são frequentemente necessárias para que se dê mais rápido o advento de uma melhor ordem de coisas e para que se realize em alguns anos o que teria exigido muitos séculos.” (ver 744)

738. Para conseguir a melhora da Humanidade, Deus não poderia empregar outros meios que não os flagelos destruidores?

“Poderia e os emprega todos os dias, pois que deu a cada um os meios de progredir pelo conhecimento do bem e do mal. Porém, o homem não se aproveita desses meios. Portanto, se torna necessário que seja castigado no seu orgulho e que se faça sentir a sua fraqueza.”

a) — Mas, esses flagelos atingem tanto o homem de bem como o perverso. Será justo isso?

“Durante a vida, o homem refere tudo ao seu corpo; depois da morte, entretanto, ele pensa de maneira diferente. Ora, conforme temos dito, a vida do corpo é coisa bem pouca. Um século no mundo de vocês não passa de um relâmpago na eternidade. Logo, não são nada os sofrimentos de alguns dias ou de alguns meses, de que tanto queixam. Representam um ensino que lhes é dado e que lhes servirá no futuro. Os Espíritos, que preexistem e sobrevivem a tudo, formam o mundo real. Esses os filhos de Deus e o objeto de todo o seu cuidado. Os corpos são meros disfarces com que eles aparecem no mundo. Por ocasião das grandes calamidades que dizem os homens, o espetáculo é semelhante ao de um exército cujos soldados ficassem com seus uniformes estragados, rotos, ou perdidos durante a guerra. O general se preocupa mais com seus soldados do que com os uniformes deles.”

b) — Mas, nem por isso as vítimas desses flagelos deixam de serem vítimas.

“Se considerassem a vida como ela é e quão pouca coisa representa com relação ao infinito, menos importância lhe dariam. Em outra vida, essas vítimas acharão ampla compensação aos seus sofrimentos, se souberem suportá-los sem murmurar.”

Seja a morte por um flagelo ou por uma causa comum, ninguém deixa por isso de morrer, desde que haja soado a hora da partida. A única diferença, em caso de flagelo, é que um número maior parte ao mesmo tempo. Se pudéssemos nos elevar, pelo pensamento, de maneira a dominar a Humanidade e a abrangê-la em seu conjunto, esses tão terríveis flagelos não nos pareceriam mais do que passageiras tempestades no destino do mundo.

739. Os flagelos destruidores têm utilidade do ponto de vista físico, apesar dos males que ocasionam?

“Têm. Muitas vezes mudam as condições de uma região. Mas, só as gerações futuras experimentam o bem que resulta deles.”

740. Os flagelos não são também provas morais para o homem, para os submeterem às mais duras necessidades?

“Os flagelos são provas que dão ao homem ocasião de exercitar a sua inteligência, de demonstrar sua paciência e resignação ante a vontade de Deus e que lhe oferecem ensejo de manifestar seus sentimentos de desprendimento, de desinteresse e de amor ao próximo — se não for dominado pelo egoísmo.”

741. É permitido ao homem evitar os flagelos que o afligem?

“Em parte, é, mas não como geralmente se entende. Muitos flagelos resultam do desleixo do homem. À medida que adquire conhecimentos e experiência, consegue se precaver deles, isto é, prevenir, se lhes sabe pesquisar as causas. Contudo, entre os males que afligem a Humanidade, há alguns de caráter geral, que estão nos decretos da Providência e dos quais cada indivíduo recebe, mais ou menos, o contragolpe. A esses o

homem nada pode opor, a não ser sua submissão à vontade de Deus. Esses mesmos males, entretanto, ele muitas vezes os agrava pela sua negligência.”

Entre os flagelos destruidores, naturais e independentes do homem, é preciso colocar na primeira linha a peste, a fome, as inundações, as intempéries fatais à produção da terra. Mas o homem encontrou na ciência, nos trabalhos de arte, no aperfeiçoamento da agricultura, na rotatividade das culturas e nas irrigações, no estudo das condições higiênicas, os meios de neutralizar ou de pelo menos atenuar os desastres. Algumas regiões, antigamente assoladas por terríveis flagelos, não estão preservadas hoje? Portanto, o que o homem não fará pelo seu bem-estar material quando souber aproveitar todos os recursos de sua inteligência e quando, aos cuidados de sua conservação pessoal, souber aliar o sentimento da verdadeira caridade por seus semelhantes? (Ver a questão 707)

GUERRAS

742. O que motiva o homem à guerra?

“Predominância da natureza animal sobre a natureza espiritual e abuso das paixões. No estado de barbaria, os povos só conhecem uma lei: a do mais forte. É por isso é que para esses povos a lei de guerra é um estado normal. À medida que o homem progride, a guerra se torna menos frequente, porque ele evita as suas causas, fazendo-a com humanidade, quando a sente necessária.”

743. Algum dia a guerra desaparecerá da face da Terra?

“Sim, quando os homens compreenderem a justiça e praticarem a lei de Deus. Nessa época, todos os povos serão irmãos.”

744. Qual o objetivo da Providência tornando a guerra necessária?

“A liberdade e o progresso.”

a) — Desde que a guerra deve ter por efeito produzir o advento da liberdade, como pode frequentemente ter por objetivo e resultado a escravização?

“Escravidão temporária, para esmagar os povos, a fim de fazê-los progredir mais depressa.”

745. O que devemos pensar daquele que suscita a guerra para proveito seu?

“Grande culpado é esse e lhe serão necessárias muitas existências para expiar todas as mortes de que seja responsável, pois responderá por todos os homens cujo assassinato tenha causado para satisfazer à sua ambição.”

ASSASSINATO

746. Aos olhos de Deus, o assassinato é um crime?

“Grande crime, pois que aquele que tira a vida do seu semelhante corta o fio de uma existência de expiação ou de missão. Aí é que está o mal.”

747. Em todos os casos de assassinato o grau de culpa é sempre o mesmo?

“Já o temos dito: Deus é justo, julga mais pela intenção do que pelo fato.”

748. Em caso de legítima defesa, Deus perdoa o assassinio?

“Só a necessidade pode desculpar-lo. Mas, se o agredido pode preservar sua vida, sem atentar contra a de seu agressor, deve fazê-lo.”

749. O homem tem culpa dos assassinatos que pratica durante a guerra?

“Não, quando for constrangido pela força; mas é culpado das crueldades que cometa, sendo-lhe também levado em conta o sentimento de humanidade com que proceda.”

750. Qual é o crime mais condenável aos olhos de Deus: o parricídio (assassinato dos pais) ou o infanticídio (assassinato de crianças)?

“Os dois são igualmente condenáveis, porque todo crime é um crime.”

751. Como se explica que entre alguns povos já adiantados sob o ponto de vista intelectual, o infanticídio seja um costume e esteja consagrado pela legislação?

“O desenvolvimento intelectual não implica a necessidade do bem. Um Espírito superior em inteligência pode ser mau. Isso se dá com aquele que muito tem vivido sem se melhorar: apenas sabe.”

CRUELDADE

752. Podemos ligar o sentimento de crueldade ao instinto de destruição?

“É o instinto de destruição no que tem de pior, pois, se algumas vezes a destruição é uma necessidade, com a crueldade jamais se dá o mesmo. Ela resulta sempre de uma natureza má.”

753. Por que razão a crueldade forma o caráter dominante dos povos primitivos?

“Nos povos primitivos, como dizem, a matéria prevalece sobre o Espírito. Eles se entregam aos instintos do bruto e, como não experimentam outras necessidades além das da vida do corpo, pensam somente na conservação pessoal e é o que geralmente os torna cruéis. Além do mais, os povos de desenvolvimento imperfeito se conservam sob o império de Espíritos também imperfeitos, que lhes são simpáticos, até que povos mais adiantados venham destruir ou enfraquecer essa influência.”

754. A crueldade não derivará da carência de senso moral?

“Diremos melhor: da falta de desenvolvimento do senso moral; não digam da carência, pois o senso moral existe em todos os homens, como princípio natural. É esse senso moral que fará dos seres cruéis mais tarde seres bons e humanos. Portanto, ele existe no selvagem, mas como o princípio do perfume no gérmen da flor que ainda não desabrochou.”

Todas as faculdades existem no homem em estado elementar ou latente. Desenvolvem-se conforme as circunstâncias lhes sejam mais ou menos favoráveis. O desenvolvimento excessivo de umas detém ou neutraliza o das outras. A superexcitação dos instintos materiais, por assim dizer, abafa o senso moral, como o desenvolvimento do senso moral enfraquece pouco a pouco as faculdades puramente selvagens.

755. Como pode ser que, no meio da mais adiantada civilização, se encontrem seres às vezes tão cruéis quanto os selvagens?

“Do mesmo modo que numa árvore carregada de bons frutos se encontram verdadeiros abortos. Se quiserem, são selvagens que da civilização só têm o exterior, lobos extraviados em meio de cordeiros. Espíritos de ordem inferior e muito atrasados podem encarnar entre homens adiantados, na esperança de também se adiantarem. Mas, desde que a prova é pesada demais, predomina a natureza primitiva.”

756. A sociedade dos homens de bem se verá algum dia purificada dos seres perversos?

“A Humanidade progride. Esses homens, em quem o instinto do mal domina e que se acham deslocados entre pessoas de bem, desaparecerão gradualmente, como o mau grão se separa do bom, quando este é selecionado. Mas, desaparecerão para renascer sob outros corpos. Como então terão mais experiência, compreenderão melhor o bem e o mal. Vocês veem um exemplo disso nas plantas e nos animais que o homem tem conseguido aperfeiçoar, desenvolvendo neles qualidades novas. Pois bem, só ao fim de muitas gerações o desenvolvimento se torna completo. É a imagem das diversas existências do homem.”

DUELO

757. Podemos considerar o duelo como um caso de legítima defesa? ⁸⁷

“Não; é um assassinato e um costume absurdo, digno dos bárbaros. Com uma civilização mais adiantada e mais moral, o homem compreenderá que o duelo é tão ridículo quanto os combates que outrora se consideravam como o juízo de Deus.”

758. Podemos considerar o duelo como um assassinio por parte daquele que, conhecendo a sua própria fraqueza, tem a quase certeza de que morrerá?

“É um suicídio.”

a) — E quando as probabilidades são as mesmas para ambos os duelistas, haverá assassinio ou suicídio?

“Um e outro.”

Em todos os casos — mesmo quando as probabilidades são idênticas para ambos os combatentes — o duelista incorre em culpa, primeiro, porque atenta friamente e de propósito deliberado contra a vida de seu semelhante; depois, porque expõe inutilmente a sua própria vida, sem proveito para ninguém.

759. Que valor tem o que se chama ponto de honra, em matéria de duelo?

“Orgulho e vaidade: dupla chaga da Humanidade.”

a) — Mas, não há casos em que a honra se acha verdadeiramente empenhada e em que uma recusa seria covardia?

“Isso depende dos usos e costumes. Cada país e cada século têm um modo de ver diferente a esse respeito. Quando os homens forem melhores e estiverem mais adiantados em moral, compreenderão que o verdadeiro ponto de honra está acima das paixões terrenas e que não é matando e nem se deixando matar que repararão agravos.”

Para o homem, há mais grandeza e verdadeira honra em se confessar culpado, se cometeu alguma falta, ou em perdoar, se de seu lado esteja a razão, e, qualquer que seja o caso, em desprezar os insultos, que o não podem atingir.

PENA DE MORTE

760. A pena de morte desaparecerá algum dia da legislação humana?

⁸⁷ Na época de Allan Kardec, o duelo era um ato comum, como uma forma de se resolver questões de toda ordem, inclusive as mais banais, contando com o consentimento da lei de diversos locais, desde que os duelistas estivessem de acordo em se desafiarem — N. E.

“Incontestavelmente desaparecerá e a sua eliminação apontará um progresso da Humanidade. Quando os homens estiverem mais esclarecidos, a pena de morte será completamente abolida na Terra. Os homens não precisarão mais de ser julgados pelos homens. Refiro-me a uma época ainda muito distante de vocês.”

Sem dúvida, o progresso social ainda deixa muito a desejar. Mas, seria injusto para com a sociedade moderna quem não visse um progresso nas restrições postas à pena de morte, no seio dos povos mais adiantados, e à natureza dos crimes a que a sua aplicação se acha limitada. Se compararmos as garantias de que, entre esses mesmos povos, a justiça procura cercar o acusado, a humanidade de que usa para com ele, mesmo quando o reconhece culpado, com o que se praticava em tempos que ainda não vão muito longe, não poderemos negar o avanço do gênero humano na senda do progresso.

761. A lei de conservação dá ao homem o direito de preservar sua vida. Quando ele elimina da sociedade um membro perigoso, não estaria usando desse direito?

“Há outros meios de ele se preservar do perigo que não matando. Demais, é preciso abrir ao criminoso a porta do arrependimento e não fechá-la.”

762. A pena de morte, que pode vir a ser banida das sociedades civilizadas, não terá sido de necessidade em épocas menos adiantadas?

“Necessidade não é o termo. O homem julga uma coisa necessária sempre que não descobre outra melhor. À proporção que se instrui, vai compreendendo melhormente o que é justo e o que é injusto e repudia os excessos cometidos nos tempos de ignorância, em nome da justiça.”

763. Será um indício de progresso da civilização a restrição dos casos em que se aplica a pena de morte?

“Pode-se duvidar disso? O teu Espírito não se revolta quando lê a narrativa das carnificinas humanas que em outros tempos se faziam em nome da justiça e, não raro, em honra da Divindade; das torturas que se infligiam ao condenado e até ao simples acusado, para lhe arrancar, pela agudeza do sofrimento, a confissão de um crime que muitas vezes não cometera? Pois bem! Se tivessem vivido nessas épocas, vocês teriam achado tudo isso natural e talvez mesmo, se fossem juízes, fizessem outro tanto. Assim é que o que pareceu justo numa época, parece bárbaro em outra. Só as leis divinas são eternas; as humanas mudam com o progresso e continuarão a mudar, até que tenham sido postas de acordo com aquelas.”

764. Disse Jesus: Quem matou com a espada, pela espada perecerá. Estas palavras não consagram a pena de tálho⁸⁸ e, assim, a morte dada ao assassino não é uma aplicação dessa pena?

“Tomem cuidado! Vocês têm-se enganado muito a respeito dessas palavras, como acerca de outras. A pena de tálho é a justiça de Deus. É Deus quem a aplica. Todos sofrem essa pena a cada instante, pois que são punidos naquilo em que tenham pecado, nesta existência ou em outra. Aquele que foi causa do sofrimento para seus semelhantes virá a achar-se numa condição em que sofrerá o que tenha feito sofrer. Este o sentido das palavras de Jesus, que lhes disse também: Perdoem aos seus inimigos! E lhes ensinou a pedir a Deus que lhes perdoe as ofensas como tenham perdoado, isto é, na mesma proporção em que perdoaram. Compreendam bem isso!”

765. Que se deve pensar da pena de morte imposta em nome de Deus?

⁸⁸ **Pena ou lei de tálho:** punição imposta na Antiguidade, pela qual se vingava o crime punindo o culpado o com o mesmo dano ou mal que ele tiver praticado – N. E.

“É o homem tomar o lugar de Deus na distribuição da justiça. Os que assim procedem mostram quão longe estão de compreender Deus e que muito ainda têm que expiar. A pena de morte é um crime, quando aplicada em nome de Deus; e os que a impõem se sobrecarregam de outros tantos assassinatos.”

CAPÍTULO VII

DA LEI DA SOCIEDADE

- NECESSIDADE DA VIDA SOCIAL
- VIDA DE ISOLAMENTO, VOTO DE SILÊNCIO
- LAÇOS DE FAMÍLIA

NECESSIDADE DA VIDA SOCIAL

766. A vida social é uma regra natural?

“Certamente. Deus fez o homem para viver em sociedade. Não lhe deu inutilmente a palavra e todas as outras capacidades necessárias à vida de relação.”

767. O isolamento absoluto é contrário à lei da Natureza?

“Sem dúvida, pois que os homens buscam instintivamente a sociedade e todos devem colaborar para o progresso auxiliando-se mutuamente.”

768. Procurando a sociedade, o homem não fará mais do que obedecer a um sentimento pessoal, ou há nesse sentimento algum providencial objetivo de ordem mais geral?

“O homem tem que progredir. Isolado, isso não é possível, por não dispor de todas as faculdades. Falta-lhe o contato com os outros homens. No isolamento, ele se embrutece e seca.”

Homem nenhum possui faculdades completas. É mediante a união social que elas se completam, para lhe assegurarem o bem-estar e o progresso. Por isso é que, precisando uns dos outros, os homens foram feitos para viver em sociedade e não isolados.

VIDA DE ISOLAMENTO. VOTO DE SILÊNCIO

769. Compreendemos que, como princípio geral, a vida social esteja na Natureza. Mas, uma vez que também todos os gostos façam parte da Natureza, por que será condenável o do afastamento absoluto, desde que cause satisfação ao homem?

“Satisfação egoísta. Também há homens que experimentam satisfação na embriaguez. Isso merece aprovação? Não pode agradar a Deus uma vida pela qual o homem se condena a não ser útil a ninguém.”

770. Que devemos pensar dos que vivem em absoluta reclusão, fugindo ao contato pernicioso do mundo?

“Duplo egoísmo.”

a) — Mas, não será meritório esse retraimento, se tiver por fim uma expiação, impondo-se aquele que o busca uma privação penosa?

“Fazer maior soma de bem do que de mal é a melhor expiação. Evitando um mal, aquele que por tal motivo se isola cai noutro, pois esquece a lei de amor e de caridade.”

771. Que pensar dos que fogem do mundo para se votarem ao serviço de socorrer os desgraçados?

“Esses se elevam ao se rebaixarem. Têm o duplo mérito de se colocarem acima dos gozos materiais e de fazerem o bem, obedecendo à lei do trabalho.”

a) — E dos que buscam a tranquilidade no retiro que certos trabalhos reclamam?

“Isso não é retraimento absoluto do egoísta. Esses não se isolam da sociedade, pois trabalham para ela.”

772. Que pensar do voto de silêncio receitado por algumas seitas, desde a mais remota antiguidade?

“Antes, perguntem a vocês mesmos se a palavra é capacidade natural e por que Deus a concedeu ao homem. Deus condena o abuso e não o uso das faculdades que lhe concedeu. Entretanto, o silêncio é útil, pois no silêncio vocês põem em prática o recolhimento; teu espírito se torna mais livre e pode entrar em comunicação conosco. Mas o voto de silêncio é uma tolice. Sem dúvida obedecem a boa intenção os que consideram essas privações como atos de virtude. Enganam-se, no entanto, porque não compreendem suficientemente as verdadeiras leis de Deus.”

O voto de silêncio absoluto — do mesmo modo que o voto de afastamento — priva o homem das relações sociais que lhe podem facultar ocasiões de fazer o bem e de cumprir a lei do progresso.

LAÇOS DE FAMÍLIA

773. Por que entre os animais, os pais e os filhos deixam de se reconhecer a partir de quando estes não precisam mais de cuidados?

“Os animais vivem vida material e não vida moral. A ternura da mãe pelos filhos tem por princípio o instinto de conservação dos seres que ela deu à luz. Logo que esses seres podem cuidar de si mesmos, ela está com a sua tarefa concluída; nada mais lhe exige a Natureza. Por isso é que os abandona, a fim de se ocupar com os recém-vindos.”

774. Há pessoas que, do fato de os animais ao fim de certo tempo abandonarem suas crias, deduzem que os laços de família entre os homens não são mais do que resultado dos costumes sociais e não efeito de uma lei da Natureza. Que devemos pensar a esse respeito?

“O destino dos animais é diferente do dos homens. Por que então querem se comparar com eles? No homem há alguma coisa mais além das necessidades físicas: há a necessidade de progredir. Os laços sociais são necessários ao progresso e os de família tornam os primeiros mais apertados. Eis por que constituem uma lei da Natureza. Quis Deus que, por essa forma, os homens aprendessem a se amar como irmãos.” (ver questão 205)

775. Qual seria para a sociedade o resultado do relaxamento dos laços de família?

“Um agravamento do egoísmo.”

CAPÍTULO VIII

DA LEI DO PROGRESSO

- ESTUDO DA NATUREZA
- MARCHA DO PROGRESSO
- POVOS DEGENERADOS
- CIVILIZAÇÃO
- PROGRESSO DA LEGISLAÇÃO HUMANA
- INFLUÊNCIA DO ESPIRITISMO NO PROGRESSO

ESTUDO DA NATUREZA

776. O estado natural e a lei natural são a mesma coisa?

“Não, o estado de natureza é o estado primitivo. A civilização é incompatível com o estado de natureza, ao passo que a lei natural contribui para o progresso da Humanidade.”

O estado de natureza é a infância da Humanidade e o ponto de partida do seu desenvolvimento intelectual e moral. Sendo perfectível e trazendo em si a semente do seu aperfeiçoamento, o homem não foi destinado a viver perpetuamente no estado de natureza, como não o foi a viver eternamente na infância. Aquele estado é transitório para o homem, que dele sai por virtude do progresso e da civilização. A lei natural, ao contrário, rege a Humanidade inteira e o homem se melhora à medida que melhor a compreende e pratica.

777. No estado de natureza, o homem — por ter menos necessidades — está livre das tribulações que cria para si mesmo, quando num estado de maior adiantamento. Diante disso, que se deve pensar da opinião dos que consideram aquele estado como sendo o da mais perfeita felicidade na Terra?

“Que querem?! Isso é a felicidade do bruto. Há pessoas que não compreendem outra. Isso é ser feliz à maneira dos animais. As crianças também são mais felizes do que os homens feitos.”

778. O homem pode recuar para o estado de natureza?

“Não, o homem tem que progredir incessantemente e não pode regressar ao estado de infância. Desde que progride, é porque Deus assim o quer. Pensar que possa retrogradar à sua primitiva condição seria negar a lei do progresso.”

MARCHA DO PROGRESSO

779. O homem traz em si mesmo a força para progredir ou o progresso é apenas resultado de um ensinamento?

“O homem se desenvolve naturalmente por si mesmo, mas nem todos progridem simultaneamente e do mesmo modo. Acontece então que os mais adiantados auxiliam o progresso dos outros por meio do contato social.”

780. O progresso moral acompanha sempre o progresso intelectual?

“Decorre deste, mas nem sempre o segue imediatamente.” (veja 192 e 365)

a) — Como o progresso intelectual pode produzir o progresso moral?

“Ao gerar a compreensão do bem e do mal. Desde então, o homem pode escolher. O desenvolvimento do livre-arbítrio acompanha o da inteligência e aumenta a responsabilidade dos atos.”

b) — Como é que nesse caso, acontece muitas vezes que os povos mais instruídos sejam os mais pervertidos também?

“O objetivo é o progresso completo. Porém, os povos, assim como os indivíduos, só alcançam o progresso passo a passo. Enquanto o senso moral não estiver totalmente desenvolvido, pode mesmo acontecer que se sirvam da inteligência para a prática do mal. O moral e a inteligência são duas forças que só se equilibram com o tempo.” (Ver questões 365 e 751)

781. O homem tem o poder de paralisar a marcha do progresso?

“Não, mas às vezes pode atrapalhá-la.”

a) — Que se deve pensar dos que tentam deter a marcha do progresso e fazer que a Humanidade retrograde?

“Pobres seres, que Deus castigará! Serão levados aos montes pela torrente que procuram deter.”

Sendo o progresso uma condição da natureza humana, não está no poder do homem se opor a ele. É uma força viva, cuja ação pode ser retardada, porém nunca anulada por leis humanas más. Quando estas se tornam incompatíveis com ele, despedaça-as juntamente com os que se esforçam por mantê-las. Assim será, até que o homem tenha posto suas leis em concordância com a justiça divina, que quer que todos participem do bem e não a vigência de leis feitas pelo forte em detrimento do fraco.

782. Não há homens que de boa-fé dificultam o progresso, acreditando favorecê-lo, porque, do ponto de vista em que se colocam, o veem onde ele não existe?

“Assemelham-se a pequeninas pedras que, colocadas debaixo da roda de um grande veículo, não a impedem de avançar.”

783. O aperfeiçoamento da Humanidade segue sempre um marcha progressiva e lenta?

“Há o progresso regular e lento, que resulta da força das coisas. Todavia, quando um povo não progride tão depressa quanto o suficiente, Deus o sujeita, de tempos a tempos, a um abalo físico ou moral que o transforma.”

O homem não pode se conservar indefinidamente na ignorância, porque tem de atingir a finalidade que a Providência lhe assinou. Ele se instrui pela força das coisas. As revoluções morais, como as revoluções sociais, se infiltram nas ideias pouco a pouco; germinam durante séculos; depois, irrompem subitamente e produzem o desmoronamento do carunchoso edifício do passado, que deixou de estar em harmonia com as necessidades novas e com as novas aspirações.

Nessas comições, o homem quase nunca percebe senão a desordem e a confusão momentânea que o ferem nos seus interesses materiais. Mas aquele que eleva o pensamento acima da sua própria personalidade, admira os desígnios da Providência, que do mal faz sair o bem. São a procela, a tempestade que saneiam a atmosfera, depois de a terem agitado violentamente.

784. A perversidade do homem é bastante grande. Não parece que, pelo menos do ponto de vista moral, ele caminha aos recuos em vez de avançar?

“Isso é um engano! Observem bem o conjunto e verão que o homem se adianta, pois que melhor compreende o que é mal, e vai dia a dia reprimindo os abusos. Faz-se

necessário que o mal chegue ao excesso, para tornar compreensível a necessidade do bem e das reformas.”

785. Qual o maior impedimento ao progresso?

“O orgulho e o egoísmo. Refiro-me ao progresso moral, porque o intelectual se efetua sempre. À primeira vista, parece mesmo que o progresso intelectual reduplica a atividade daqueles vícios, desenvolvendo a ambição e o gosto das riquezas, que, por sua vez, estimula o homem a empreender pesquisas que lhe esclarecem o Espírito. Assim é que tudo se prende, no mundo moral, como no mundo físico, e que do próprio mal pode nascer o bem. Mas, curta é a duração desse estado de coisas, que mudará à proporção que o homem compreender melhor que, além da que o gozo dos bens terrenos proporciona, existe uma felicidade maior e infinitamente mais duradoura” (Veja: Egoísmo, cap. XII).

Há duas espécies de progresso que se apoiam mutuamente e que, entretanto, não marcham lado a lado: é o progresso intelectual e o progresso moral. Entre os povos civilizados, o progresso intelectual recebeu neste século todos os incentivos possíveis e atingiu um grau desconhecido até os nossos dias. Falta algo ao progresso moral para que esteja no mesmo nível, e, entretanto, comparando os costumes sociais de hoje aos de alguns séculos atrás, seria preciso ser cego para negar que houve progresso moral. Por que razão deve a marcha ascendente do progresso moral atrasar-se em relação ao da inteligência? Por que duvidar que entre o Século XIX e o Século XXIV não ocorrerá tanto avanço, como houve no progresso intelectual entre os séculos XIV e XIX? Duvidar dessa possibilidade será pretender que a humanidade tenha atingido o auge da perfeição. Seria um absurdo. Ou que ela é moralmente incapaz de se aperfeiçoar, o que é desmentido pela experiência.

POVOS DEGENERADOS

786. A História nos mostra que muitos povos, depois de abalos que os revolveram profundamente, recaíram na barbárie. Neste caso, onde está o progresso?

“Quando tua casa ameaça ruir, manda que ela seja demolida e constrói outra mais sólida e mais cômoda. Mas, enquanto esta não se apronta, há perturbação e confusão na tua morada.

“Compreenda mais o seguinte: um indivíduo era pobre e habitava um casebre; tornando-se rico, ele deixou a pobre morada para habitar um palácio. Então, um pobre diabo, como aquele também era ante, vem tomar o lugar que ocupava e fica muito contente, porque estava sem ter onde se abrigar. Pois bem! Aprende que os Espíritos que, enquanto encarnados, constituem o povo degenerado não são os que o constituíam ao tempo do seu esplendor. Os de então, tendo-se adiantado, passaram para habitações mais perfeitas e progrediram, enquanto os outros, menos adiantados, tomaram o lugar que ficara vago e que também terão um dia que deixar.”

787. Por sua natureza, não há raças rebeldes ao progresso?

“Há, mas vão aniquilando-se corporalmente, todos os dias.”

a) — Qual será a sorte futura das almas que animam essas raças?

“Como todas as demais, chegarão à perfeição, passando por outras existências. Deus não deserdar ninguém.”

b) — Assim, pode ser que os homens mais civilizados tenham sido selvagens e antropófagos⁸⁹?

“Tu mesmo o foste mais de uma vez, antes de seres o que és.”

⁸⁹ Antropófago: canibal, que se alimenta de carne humana, selvagem – N. E.

788. Os povos são individualidades coletivas que, como os indivíduos, passam pela infância, pela idade da maturidade e pela decrepitude. Esta verdade, que a História comprova, não será de molde a fazer supor que os povos mais adiantados deste século terão seu declínio e sua extinção, como os da antiguidade?

“Os povos que apenas vivem a vida do corpo, aqueles cuja grandeza unicamente assenta na força e na extensão territorial, nascem, crescem e morrem, porque a força de um povo se exaure, como a de um homem. Aqueles, cujas leis egoísticas embaraça o progresso das luzes e da caridade, morrem, porque a luz mata as trevas e a caridade mata o egoísmo. Mas, para os povos, como para os indivíduos, há a vida da alma. Aqueles cujas leis se harmonizam com as leis eternas do Criador viverão e servirão de farol aos outros povos.”

789. O progresso fará que todos os povos da Terra se achem reunidos um dia, formando uma só nação?

“Uma nação única, não; seria impossível, visto que da diversidade dos climas se originam costumes e necessidades diferentes que constituem as nacionalidades, tornando indispensáveis sempre leis apropriadas a esses costumes e necessidades. Entretanto, a caridade desconhece limites e não distingue a cor dos homens. Quando a lei de Deus servir de base à lei humana por toda parte, os povos praticarão entre si a caridade, como os indivíduos. Então, viverão felizes e em paz, porque nenhum cuidará de causar dano ao seu vizinho, nem de viver a expensas dele.”

A humanidade progride por meio dos indivíduos que se aperfeiçoam pouco a pouco e se esclarecem; então, quando eles prevalecem em número, tomam a frente e conduzem os outros. De tempos em tempos surgem homens de gênio que lhe dão um impulso, depois surgem homens com autoridade, instrumentos de Deus, que em alguns anos fazem a humanidade avançar muitos séculos. O progresso dos povos também evidencia a justiça da reencarnação. Os homens de bem praticam louváveis esforços para fazer uma nação avançar moral e intelectualmente; os integrantes da nação transformada serão mais felizes neste mundo e no outro; mas, durante sua marcha lenta através dos séculos, milhares de indivíduos morrem a cada dia. Qual é o destino de todos que morrem no caminho? Sua inferioridade relativa os priva da felicidade reservada aos que chegam por último? Ou melhor, sua felicidade é relativa? A justiça divina não poderia consagrar semelhante injustiça. Pela pluralidade das existências, o direito à felicidade é o mesmo para todos, porque ninguém é deserdado do progresso. Aqueles que viveram no tempo da barbárie podem voltar no tempo da civilização no mesmo povo ou em outro, resultando disso que todos tiram proveito da marcha ascendente.

Mas o sistema da unicidade das existências apresenta ainda outra dificuldade. De acordo com esse sistema, a alma é criada no momento do nascimento; é claro que, se um homem é mais avançado que outro, é porque Deus criou para ele uma alma mais avançada. Por que esse favor? Que mérito tem ele, que não viveu mais nem menos que um outro para ser dotado de uma alma superior? Mas a principal dificuldade não é só essa. Uma nação passa, em mil anos, da barbárie à civilização. Se os homens vivessem ali mil anos seria possível entender que nesse período tivessem tempo de progredir; mas todos os dias eles morrem, e em todas as idades, e se renovam sem parar, de modo que a cada dia vemos multidões aparecer e desaparecer. Decorridos os mil anos, não há mais traços dos antigos habitantes e a nação, de bárbara, torna-se civilizada. O que progrediu? Foram os indivíduos antigamente bárbaros? Mas eles estão mortos há muito tempo. São os recém-chegados? Mas se sua alma é criada no momento do nascimento, essas almas não existiam na época da barbárie, e então é preciso admitir que os esforços que se fazem para civilizar um povo têm o poder não de melhorar almas imperfeitas, mas de fazer com que Deus crie almas mais perfeitas.

Comparemos essa teoria do progresso com a que é dada pelos Espíritos. As almas vindas na época da civilização tiveram sua infância, como todas as outras, mas já tinham vivido, e, ao reencarnar, vêm adiantadas por um progresso anterior; vêm atraídas a um meio que lhes é simpático e em relação com seu estado atual. Assim, os cuidados dados à civilização de um povo não têm por objetivo criar no futuro almas mais perfeitas, mas atrair aquelas que já progrediram, seja as que já tenham vivido nesse mesmo povo na época da barbárie ou as que possam vir de outro lugar. Aqui está a chave para entender o progresso de toda a humanidade. Quando todos os povos atingirem o mesmo padrão no sentimento do bem, a Terra será o ponto de encontro apenas dos bons Espíritos, que viverão uma união fraterna. Os maus, se encontrando rejeitados, irão procurar nos mundos inferiores o meio que lhes convém, até que, quando transformados, sejam dignos de virem ao nosso meio.

Essa teoria tem ainda por consequência que os trabalhos de aperfeiçoamento social só resultam em proveito para as gerações presentes e futuras, e que é nulo para as gerações passadas, qualquer que seja o progresso feito, já que cometeram o erro de encarnar muito cedo e que são como são porque estão carregadas de seus atos de

barbárie. De acordo com a Doutrina dos Espíritos, os progressos contínuos e sucessivos servem igualmente a essas gerações passadas que reencarnam em condições melhores e podem, assim, se aperfeiçoar no meio da civilização. (Veja a questão 222)

CIVILIZAÇÃO

790. A civilização é um progresso ou, como alguns filósofos entendem, uma decadência da Humanidade?

“Progresso incompleto. O homem não passa subitamente da infância à maturidade.”

a) — Será racional condenar a civilização?

“Condenem antes os que abusam dela e não a obra de Deus.”

791. Algum dia a civilização se purificará de modo a fazer que desapareçam os males que tenham produzido?

“Sim, quando o moral estiver tão desenvolvido quanto à inteligência. O fruto não pode surgir antes da flor.”

792. Por que a civilização não efetua imediatamente todo o bem que poderia produzir?

“Porque os homens ainda não estão aptos nem dispostos a alcançá-lo.”

a) — Não será também porque, criando novas necessidades, suscita paixões novas?

“É, e ainda porque as faculdades do Espírito não progridem todas ao mesmo tempo. É preciso tempo para tudo. De uma civilização incompleta não podem esperar frutos perfeitos.” (Ver questões 751 e 780)

793. Por quais indícios podemos reconhecer uma civilização completa?

“Pelo desenvolvimento moral. Vocês acreditam que estejam muito adiantados, porque têm feito grandes descobertas e obtido maravilhosas invenções; porque se abrigam e se vestem melhor do que os selvagens. Todavia, não teriam verdadeiramente o direito de se dizer civilizados, senão quando houver banido da sociedade os vícios que a desonram e quando viverem como irmãos, praticando a caridade cristã. Até então, serão apenas povos esclarecidos, que terão percorrido a primeira fase da civilização.”

Como todas as coisas, a civilização apresenta diversas gradações. Uma civilização incompleta é um estado transitório, que gera males especiais, desconhecidos do homem no estado primitivo. Entretanto, nem por isso constitui menos um progresso natural, necessário, que traz consigo o remédio para o mal que causa. À medida que a civilização se aperfeiçoa, faz cessar alguns dos males que gerou, males que desaparecerão todos com o progresso moral.

De duas nações que tenham chegado ao ápice da escala social, somente pode se considerar a mais civilizada na legítima definição do termo aquela onde exista menos egoísmo, menos cobiça e menos orgulho; onde os hábitos sejam mais intelectuais e morais do que materiais; onde se puder desenvolver a inteligência com maior liberdade; onde haja mais bondade, boa-fé, benevolência e generosidade recíprocas; onde menos enraizados se mostrem os preconceitos de casta e de nascimento, por isso que tais preconceitos são incompatíveis com o verdadeiro amor do próximo; onde as leis não consagrem nenhum privilégio e sejam as mesmas, assim para o último, como para o primeiro; onde com menos parcialidade se exerça a justiça; onde o fraco encontre sempre amparo contra o forte; onde a vida do homem, suas crenças e opiniões sejam melhormente respeitadas; onde exista menor número de desgraçados; enfim, onde todo homem de boa vontade esteja certo de lhe não faltar o necessário.

PROGRESSO DA LEGISLAÇÃO HUMANA

794. A sociedade poderia se reger unicamente pelas leis naturais, sem o auxílio das leis humanas?

“Poderia, se todos as compreendessem bem. Se os homens as quisessem praticar, elas bastariam. Mas a sociedade tem suas exigências. A ela são necessárias leis especiais.”

795. Qual a causa da instabilidade das leis humanas?

“Nas épocas de barbaria, são os mais fortes que fazem as leis e eles as fizeram para si. À proporção que os homens foram compreendendo melhor a justiça, a modificação delas se tornou indispensável. Quanto mais se aproximam da verdadeira justiça, tanto menos instáveis são as leis humanas, isto é, tanto mais estáveis se vão tornando, conforme vão sendo feitas para todos e se identificam com a lei natural.”

A civilização criou para o homem novas necessidades, relativas à posição social em que vive. Devem-se regular os direitos e os deveres dessa posição por leis humanas. Mas sob a influência de suas paixões, frequentemente, criou direitos e deveres imaginários que a lei natural condena e que os povos apagam de seus códigos à medida que progridem. A lei natural é imutável, é a mesma para todos; a lei humana é variável e progressiva; na infância das sociedades, ela pôde consagrar apenas o direito do mais forte.

796. No estado atual da sociedade, a severidade das leis penais não constitui uma necessidade?

“Uma sociedade depravada certamente precisa de leis severas. Infelizmente, essas leis se destinam mais a punir o mal depois de feito, do que a lhe secar a fonte. Só a educação poderá reformar os homens, que, então, não precisarão mais de leis tão rigorosas.”

797. Como o homem poderá ser levado a reformar suas leis?

“Isso ocorre naturalmente, pela força mesma das coisas e da influência das pessoas que o guiam na senda do progresso. Muitas o homem já reformou e muitas outras ele reformará. Podem esperar!”

INFLUÊNCIA DO ESPIRITISMO NO PROGRESSO

798. O Espiritismo se tornará crença comum, ou ficará sendo privilégio de algumas pessoas?

“Certamente que se tornará crença geral e marcará nova era na história da humanidade, porque está na natureza e chegou o tempo em que ocupará lugar entre os conhecimentos humanos. No entanto, terá que sustentar grandes lutas, mais contra o interesse do que contra a convicção, pois não há como esconder a existência de pessoas interessadas em combatê-lo, umas por orgulho, outras por causas inteiramente materiais. Porém, como virão a ficar isolados, seus opositores se sentirão forçados a pensar como os demais, sob pena de se tornarem ridículos.”

As ideias só se transformam com o tempo e nunca de súbito. De geração em geração, elas se enfraquecem e acabam por desaparecer, gradativamente, com os que as professavam, os quais vêm a ser substituídos por outros indivíduos animados de novos princípios, como sucede com as ideias políticas.

Vejam o paganismo: hoje não há mais quem professe as ideias religiosas dos tempos pagãos. Todavia, muitos séculos após o advento do Cristianismo, ainda restavam vestígios delas, que somente a renovação completa das raças conseguiu apagar. Assim será com o Espiritismo. Ele progride muito; mas, durante duas ou três gerações, ainda haverá um fermento de incredulidade, que só o tempo apagará. Sua marcha, porém, será mais célere que a do

Cristianismo, porque o próprio Cristianismo é quem lhe abre o caminho e serve de apoio. O Cristianismo tinha que destruir; o Espiritismo só tem que edificar.

799. De que maneira o Espiritismo pode contribuir para o progresso?

“Destruindo o materialismo, que é uma das chagas da sociedade, ele faz que os homens compreendam onde se encontram seus verdadeiros interesses. Quando a vida futura deixar de estar velada pela dúvida, o homem perceberá melhor que é capaz de preparar o seu futuro por meio do presente. Eliminando os prejuízos de seitas, castas e cores, ensina aos homens a grande solidariedade que os há de unir como irmãos.”

800. Não será de temer que o Espiritismo não consiga triunfar da negligência dos homens e do seu apego às coisas materiais?

“Quem imagina que uma causa qualquer possa transformar os homens como que por encanto conhece bem pouco a raça humana. As ideias só se modificam pouco a pouco, conforme os indivíduos, e é preciso que algumas gerações passem para que se apaguem totalmente os vestígios dos velhos hábitos. Logo, a transformação somente pode operar-se com o tempo, gradual e progressivamente. Para cada geração uma parte do véu se dissolve. O Espiritismo vem rasgá-lo de alto a baixo. Entretanto, se ele conseguisse apenas corrigir um único defeito no homem, já o haveria forçado a dar um passo. Só com isso, já teríamos feito um grande bem, pois esse primeiro passo lhe promoverá os outros.”

801. Por que os Espíritos não ensinaram em todos os tempos o que ensinam hoje?

“Não se ensina a uma criança o que se ensina aos adultos e não se dá ao recém-nascido um alimento que ele não possa digerir. Cada coisa tem seu tempo. Eles ensinaram muitas coisas que os homens não compreenderam ou adulteraram, mas que podem compreender agora. Com seus ensinamentos, embora incompletos, prepararam o terreno para receber a semente que vai frutificar.”

802. Visto que o Espiritismo tem que marcar um progresso da Humanidade, por que os Espíritos não apressam esse progresso por meio de manifestações tão generalizadas e evidentes que a convicção penetre até nos mais incrédulos?

“Desejariam milagres; mas, Deus os espalha a mancheias diante dos vossos passos e, no entanto, ainda há homens que o negam. Porventura, o próprio Cristo conseguiu convencer os seus contemporâneos mediante os prodígios que operou? Vocês não conhecem presentemente alguns que negam os fatos mais concretos, ocorridos às suas vistas? Não há os que dizem que não acreditariam, mesmo que vissem? Não; não é por meio de prodígios que Deus quer encaminhar os homens. Em sua bondade, ele lhes deixa o mérito de se convencerem pela razão.”

CAPÍTULO IX

DA LEI DE IGUALDADE

- IGUALDADE NATURAL
- DESIGUALDADE DAS APTIDÕES
- DESIGUALDADES SOCIAIS
- DESIGUALDADES DAS RIQUEZAS
- AS PROVAS DA RIQUEZA E DA MISÉRIA
- IGUALDADE DOS DIREITOS DO HOMEM E DA MULHER
- IGUALDADE PERANTE O TÍTULO

IGUALDADE NATURAL

803. Perante Deus, os homens são todos iguais?

“Sim, todos tendem para o mesmo fim e Deus fez suas leis para todos. Costuma-se dizer frequentemente: ‘O Sol brilha para todos’ e enunciam assim uma verdade maior e mais geral do que pensam.”

Todos os homens estão submetidos às mesmas leis da Natureza. Todos nascem igualmente fracos, acham-se sujeitos às mesmas dores e o corpo do rico se destrói como o do pobre. Deus não concedeu superioridade natural a nenhum homem — nem pelo nascimento, nem pela morte: todos, aos seus olhos, são iguais.

DESIGUALDADE DAS APTIDÕES

804. Por que Deus não distribuiu as mesmas aptidões a todos os homens?

“Deus criou todos os Espíritos iguais, mas cada um destes vive há mais ou menos tempo, e, consequentemente, tem feito maior ou menor soma de aquisições. A diferença entre eles está na diversidade dos graus da experiência alcançada e da vontade com que agem — vontade que é o livre-arbítrio. Daí que uns se aperfeiçoam mais rapidamente do que outros, o que lhes dá aptidões diversas. Necessária é a variedade das aptidões, a fim de que cada um possa concorrer para a execução dos desígnios da Providência, no limite do desenvolvimento de suas forças físicas e intelectuais. O que um não faz, o outro fará. Assim é que cada qual tem seu papel útil a desempenhar. Além do mais, como todos os povos são solidários entre si, torna-se necessário que os habitantes dos mundos superiores — que, na sua maioria, foram criados antes do vosso — venham habitá-lo, para lhes dar o exemplo.” (Ver questão 361)

805. Passando de um mundo superior a outro inferior, o Espírito conserva integralmente as faculdades adquiridas?

“Sim, já temos dito que o Espírito que progrediu não retrocede. Poderá escolher, no estado de Espírito livre, um corpo mais grosseiro, ou posição mais precária do que aquelas que já teve, porém tudo isso para lhe servir de ensinamento e ajudá-lo a progredir.” (Ver questão 180)

Assim, a diversidade das aptidões entre os homens não deriva da natureza íntima da sua criação, mas do grau de aperfeiçoamento a que tenham chegado os Espíritos encarnados neles. Portanto, Deus não criou capacidades desiguais; mas permitiu que os Espíritos em graus diversos de desenvolvimento estivessem em contato, para que os mais adiantados pudessem auxiliar o progresso dos mais atrasados e também para que os homens, necessitando uns dos outros, compreendessem a lei de caridade que deve uni-los.

DESIGUALDADES SOCIAIS

806. É uma lei da natureza a desigualdade das condições sociais?

“Não; é obra do homem e não de Deus.”

a) — Algum dia essa desigualdade desaparecerá?

“Somente as leis de Deus são eternas. Não veem que essa desigualdade se apaga dia a dia? Desaparecerá quando o egoísmo e o orgulho deixarem de predominar. Restará apenas a desigualdade do merecimento. Dia virá em que os membros da grande família dos filhos de Deus deixarão de considerar-se como de sangue mais ou menos puro. Só o Espírito é mais ou menos puro e isso não depende da posição social.”

807. Que devemos pensar dos que abusam da superioridade de suas posições sociais para oprimir os fracos em proveito próprio?

“Merecem o anátema!⁹⁰ Ai deles! Terão sua vez de serem oprimidos: renascerão numa existência em que terão de sofrer tudo o que tiverem feito sofrer aos outros.” (Ver questão 684)

DESIGUALDADE DAS RIQUEZAS

808. A desigualdade das riquezas não tem origem na desigualdade das aptidões, que dá a uns os meios de aquisição maiores do que a outros?

“Sim e não. Que dizer da velhacaria e do roubo?”

a) — Mas, a riqueza herdada, essa não é fruto de paixões más.

“O que vocês sabem a esse respeito? Busquem a fonte de tal riqueza e verão que nem sempre é pura. Porventura, sabem se não se originou de uma espoliação ou de uma injustiça? Mas, mesmo sem falar da origem, que pode ser má, acreditam que a cobiça da riqueza, ainda quando bem adquirida, os desejos secretos de possuí-la o mais depressa possível, sejam sentimentos louváveis? Isso o que Deus julga podemos assegurar que o seu juízo é mais severo que o dos homens.”

809. Aos que mais tarde herdaram uma riqueza inicialmente mal adquirida, alguma responsabilidade cabe por esse fato?

“É fora de dúvida que não são responsáveis pelo mal que outros tenham feito, sobretudo se não têm conhecimento — como é possível que aconteça. Mas, fiquem sabendo que muitas vezes a riqueza só vem ter às mãos de um homem para lhe proporcionar oportunidade de reparar uma injustiça. Feliz dele, se assim o compreende! Se a fizer em nome daquele que cometeu a injustiça, a reparação de ambos será levada

⁹⁰ **Anátema:** expulsão do meio social; costume que as igrejas têm de excomungar (expulsar) infratores – N. E.

em conta, pois frequentemente quem cometeu a injustiça é que inspira os herdeiros à reparação.”

810. Sem se afastar da legalidade, qualquer um pode dispor de seus bens de uma maneira mais ou menos justa. É responsável, depois de sua morte, pelas disposições que tenha feito?

“Toda ação produz seus frutos; os de boas ações são doces e são sempre amargos os das outras. Sempre, entendam bem.”

811. Será possível e já terá existido a igualdade absoluta das riquezas?

“Não; nem é possível. A isso se opõe a diversidade das capacidades e do caráter dos homens.”

a) — No entanto, há homens que julgam que esse é o remédio para os males da sociedade. O que os Espíritos pensam a respeito?

“Os que pensam assim são sistemáticos ou ambiciosos cheios de inveja. Não compreendem que a igualdade com que sonham seria em curto prazo desfeita pela força das coisas. Combatam o egoísmo, que é a sua chaga social, e não corram atrás de ilusões.”

812. Se a igualdade das riquezas não é possível, o mesmo se dará com o bem-estar?

“Não, mas o bem-estar é relativo e todos poderiam gozar dele, se entendessem convenientemente, porque o verdadeiro bem-estar consiste em cada um empregar o seu tempo como lhe agrada, e não na execução de trabalhos pelos quais nenhum gosto sente. Como cada um tem aptidões diferentes, nenhum trabalho útil ficaria por fazer. Em tudo existe o equilíbrio; o homem é quem o perturba.”

a) — Será possível que todos se entendam?

“Os homens se entenderão quando praticarem a lei de justiça.”

813. Há pessoas que caem na miséria por sua própria culpa. A sociedade não tem nenhuma responsabilidade disso?

“Mas, certamente. Já dissemos que a sociedade é muitas vezes a principal culpada de semelhante coisa. Além disso, ela tem que velar pela educação moral dos seus membros. Quase sempre, é a má-educação que falseia o critério, ao invés de sufocar as tendências maléficas.”

AS PROVAS DE RIQUEZA E DE MISÉRIA

814. Por que Deus concedeu a uns as riquezas e o poder, e miséria a outros?

“Para experimentá-los de modos diferentes. Além disso, como sabem, essas provas foram escolhidas pelos próprios Espíritos, que nelas, entretanto, caem com frequência.”

815. Qual das duas provas é mais terrível para o homem, a da desgraça ou a da riqueza?

“Tanto uma quanto a outra. A miséria provoca as queixas contra a Providência, a riqueza incita os excessos a todos.”

816. Se o rico está sujeito a maiores tentações, por outro lado, também não dispõe de mais meios de o bem fazer?

“Mas, é justamente o que nem sempre faz. Torna-se egoísta, orgulhoso e insaciável. Com a riqueza, suas necessidades aumentam e ele nunca julga possuir o bastante para si unicamente.”

A alta posição do homem neste mundo e sua autoridade sobre os seus semelhantes são provas tão grandes e tão escorregadias como a desgraça, porque, quanto mais rico e poderoso é ele, tanto mais obrigações tem que cumprir e tanto mais abundantes são os meios de que dispõe para fazer o bem e o mal. Deus experimenta o pobre pela resignação e o rico pelo emprego que dá aos seus bens e ao seu poder. A riqueza e o poder fazem nascer todas as paixões que nos prendem à matéria e nos afastam da perfeição espiritual. Por isso foi que Jesus disse: “Em verdade vos digo que mais fácil é passar um camelo por um fundo de agulha do que entrar um rico no reino dos céus.” (Ver 266)

IGUALDADE DOS DIREITOS DO HOMEM E DA MULHER

817. O homem e a mulher são iguais perante Deus e têm os mesmos direitos?

“Deus concedeu a ambos a inteligência do bem e do mal e a faculdade de progredir.”

818. Donde provém a inferioridade moral da mulher em certos países?

“Do predomínio injusto e cruel que o homem assumiu sobre ela. É resultado das instituições sociais e do abuso da força sobre a fraqueza. Entre homens moralmente pouco adiantados, a força faz o direito.”

819. Por que a mulher é mais fraca fisicamente do que o homem?

“Para lhe determinar funções especiais. Ao homem, por ser o mais forte fisicamente, os trabalhos brutos; à mulher, os trabalhos leves; a ambos o dever de se ajudarem mutuamente a suportar as provas de uma vida cheia de amargor.”

820. A fraqueza física da mulher não a coloca naturalmente sob a dependência do homem?

“Deus deu a uns a força para protegerem o fraco e não para o escravizarem.”

Deus apropriou a organização de cada ser às funções que lhe cumpre desempenhar. Tendo dado à mulher menor força física, deu-lhe ao mesmo tempo maior sensibilidade, em relação com a delicadeza das funções maternas e com a fraqueza dos seres confiados aos seus cuidados.

821. As funções a que a mulher é destinada pela Natureza terão importância tão grande quanto as deferidas ao homem?

“Sim, até maior. É ela quem lhe dá as primeiras noções da vida.”

822. Sendo iguais perante a lei de Deus, os homens devem ser iguais também perante as leis humanas?

“O primeiro princípio de justiça é este: Não façam aos outros aquilo que não gostariam que fizessem a vocês.”

a) — Assim sendo, uma legislação, para ser perfeitamente justa, deve consagrar a igualdade dos direitos do homem e da mulher?

“Dos direitos, sim; das funções, não. É preciso que cada um esteja no lugar que lhe cabe. O homem ocupa-se do exterior e a mulher cuida do interior, cada um de acordo com a sua aptidão. A lei humana, para ser justa, deve consagrar a igualdade dos direitos do homem e da mulher. Todo privilégio a um ou a outro concedido é contrário à justiça. A emancipação da mulher

acompanha o progresso da civilização. Sua escravização marcha de par com a barbaria. Além disso, os gêneros (masculino e feminino) só existem na organização física, visto que os Espíritos podem encarnar num e noutro, e sob esse aspecto nenhuma diferença há entre eles. Portanto, devem gozar dos mesmos direitos.”

IGUALDADE PERANTE O TÚMULO

823. Donde nasce o desejo que o homem sente de perpetuar sua memória por meio de monumentos fúnebres?

“Último ato de orgulho.”

a) — Mas às vezes a suntuosidade dos monumentos fúnebres não é antes devida aos parentes do defunto, que lhe querem honrar a memória, do que ao próprio falecido?

“Orgulho dos parentes, desejosos de se glorificarem a si mesmos. Ah, sim! Nem sempre é pelo morto que se fazem todas essas demonstrações. Elas são feitas por amor-próprio e para o mundo, bem como por ostentação de riqueza. Supões, porventura, que a lembrança de um ser querido dure menos no coração do pobre, que só pode colocar sobre o seu túmulo apenas uma singela flor? Supões que o mármore salva do esquecimento aquele que na Terra foi inútil?”

824. Então, de modo absoluto, o luxo dos funerais é reprovável?

“Não; quando se tenha em vista honrar a memória de um homem de bem, é justo e de bom exemplo.”

O túmulo é o ponto de reunião de todos os homens. Aí terminam inelutavelmente todas as distinções humanas. Em vão o rico tenta perpetuar a sua memória mandando erigir faustosos monumentos. O tempo os destruirá, como lhe consumirá o corpo. Assim a Natureza quer. Menos perecível do que o seu túmulo será a lembrança de suas ações boas e más. A pompa dos funerais não o limpará das suas torpezas, nem o fará subir um degrau que seja na hierarquia espiritual. (Questões 320 e seguintes)

CAPÍTULO X

DA LEI DE LIBERDADE

- LIBERDADE NATURAL
- ESCRAVIDÃO
- LIBERDADE DE PENSAR
- LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA
- LIVRE-ARBÍTRIO
- FATALIDADE
- CONHECIMENTO DO FUTURO
- RESUMO TEÓRICO DA MOTIVAÇÃO DAS AÇÕES HUMANAS

LIBERDADE NATURAL

825. Haverá posições no mundo em que o homem possa se orgulhar de desfrutar de absoluta liberdade?

“Não, porque todos precisam uns dos outros, assim os pequenos como os grandes.”

826. Em que condições o homem poderia gozar de absoluta liberdade?

“Nas do eremita⁹¹ no deserto. Desde que dois homens estejam juntos, há entre eles direitos recíprocos que lhes cumpre respeitar; logo, nenhum deles goza mais de liberdade absoluta.”

827. A obrigação de respeitar os direitos alheios tira ao homem o de pertencer a si mesmo?

“De modo algum, pois este é um direito que lhe vem da natureza.”

828. Como podemos conciliar as opiniões liberais de certos homens com o autoritarismo que costumam exercer no seu lar e sobre os seus subordinados?

“Eles têm a compreensão da lei natural, mas contrabalançada pelo orgulho e pelo egoísmo. Quando não representam calculadamente uma comédia, sustentando princípios liberais, compreendem como as coisas devem ser, mas não as fazem assim.”

a) — Na outra vida, os princípios que professaram neste mundo serão levados em conta?

“Quanto mais inteligência o homem tem para compreender um princípio, tanto menos desculpável é de não aplicar a si mesmo. Em verdade, digo a vocês que o homem simples, porém sincero, está mais adiantado no caminho de Deus, do que um que pretenda parecer o que não é.”

⁹¹ **Eremita:** indivíduo que vive isolado dos seus semelhantes – N. E.

ESCRavidÃO

829. Haverá homens que estejam naturalmente destinados a ser propriedades de outros homens?

“É contrária à lei de Deus toda sujeição absoluta de um homem a outro homem. A escravidão é um abuso da força. Desaparece com o progresso, como gradativamente desaparecerão todos os abusos.”

A lei humana que consagra a escravidão é contrária à Natureza, pois que assemelha o homem ao irracional e o degrada física e moralmente.

830. Quando a escravidão faz parte dos costumes de um povo, os que se aproveitam dela são condenáveis, por agirem seguindo um procedimento que parece natural?

“O mal é sempre o mal e não há sofisma que faça uma ação má se tornar boa. Contudo, a responsabilidade do mal é relativa aos meios de que o homem disponha para compreendê-lo. Aquele que tira proveito da lei da escravidão é sempre culpado de violação da lei da Natureza. Mas, aí, como em tudo, a culpabilidade é relativa. Se a escravidão foi introduzida nos costumes de certos povos, tornou-se possível que de boa-fé o homem se aproveitasse dela como de uma coisa que lhe parecia natural. Entretanto, desde que, mais desenvolvida e, sobretudo, esclarecida pelas luzes do Cristianismo, sua razão lhe mostrou que o escravo era um seu igual perante Deus, ele não tem mais nenhuma desculpa.”

831. A desigualdade natural das aptidões não coloca certas raças humanas sob a dependência das raças mais inteligentes?

“Sim, mas para que estas as elevem, não para embrutecê-las ainda mais pela escravização. Durante longo tempo, os homens consideram certas raças humanas como animais de trabalho, munidos de braços e mãos, e se julgaram com o direito de vender os dessas raças como bestas de carga. Consideram-se de sangue mais puro os que assim procedem. Insensatos! Nada veem senão a matéria. Não é o sangue que seja mais ou menos puro, e sim o Espírito.” (Ver questão 361 e 803)

832. No entanto, há homens que tratam seus escravos com humanidade; que não deixam nada lhes faltar e acreditam que a liberdade os exporia a maiores privações. O que os Espíritos podem dizer disso?

“Digo que esses cuidam melhor de seus interesses. Têm também muito cuidado com seus bois e cavalos, para tirar mais proveito deles no mercado. Não são tão culpados quanto os que os maltratam, mas dispõem deles como de uma mercadoria ao impedir o direito de serem livres.”

LIBERDADE DE PENSAR

833. Haverá no homem alguma coisa que escape a todo constrangimento e pela qual ele goze de absoluta liberdade?

“O homem goza de ilimitada liberdade no pensamento, pois que não há como freia-lo. Pode-se deter o voo, porém, não aniquilá-lo.”

834. O homem é responsável pelo seu pensamento?

“Perante Deus, é. Somente a Deus sendo possível conhecê-lo, Ele o condena ou absolve, segundo a Sua justiça.”

LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA

835. A liberdade de consciência será uma consequência da de pensar?

“A consciência é um pensamento íntimo, que pertence ao homem, como todos os outros pensamentos.”

836. O homem tem o direito de pôr embaraços à liberdade de consciência?

“Não, nem à liberdade de pensar. Pertence apenas a Deus o direito de julgar a consciência. Se os homens regulam por suas leis as relações de homem para homem, Deus regula as relações do homem com Deus pelas leis da natureza.”

837. Qual é o resultado dos embaraços que se oponham à liberdade de consciência?

“Constranger os homens a procederem em desacordo com o seu modo de pensar, fazê-los hipócritas. A liberdade de consciência é uma das características da verdadeira civilização e do progresso.”

838. Será respeitável toda e qualquer crença, ainda quando notoriamente falsa?

“Toda crença é respeitável, quando sincera e conducente à prática do bem. Condenáveis são as crenças que conduzam ao mal.”

839. Será repreensível aquele que escandalize com a sua crença um outro que não pensa igualmente a ele?

“Isso é faltar com a caridade e atentar contra a liberdade de pensamento.”

840. Colocar limites a crenças capazes de causar perturbações à sociedade seria atentar contra a liberdade de consciência?

“Podem reprimir-se os atos, mas a crença íntima é inacessível.”

Reprimir os atos exteriores de uma crença — quando acarretam qualquer prejuízo a terceiros — não é atentar contra a liberdade de consciência, pois que essa repressão em nada tira à crença a liberdade, que ela conserva integral.

841. Para respeitar a liberdade de consciência, devemos deixar que doutrinas perniciosas sejam propagadas, ou poderíamos, sem atentar contra aquela liberdade, procurar trazer ao caminho da verdade os que se transviaram obedecendo a falsos princípios?

“Certamente que podem e até devem; mas, ensinam, a exemplo de Jesus, servindo-se da brandura e do convencimento e não da força — o que seria pior do que a crença daquele a quem desejariam convencer. Se há alguma coisa que se pode impor é o bem e a fraternidade. Mas não cremos que o melhor meio de fazê-los admitidos seja obrar com violência. A convicção não se impõe.”

842. Por quais indícios poderíamos reconhecer, entre todas as doutrinas que alimentam a pretensão de ser a expressão única da verdade, aquela que tem o direito de se apresentar como tal?

“Será aquela que fizer mais homens de bem e menos hipócritas, isto é, pela prática da lei de amor na sua maior pureza e na sua mais ampla aplicação. Esse o sinal por que reconhecerão que uma doutrina é boa, visto que toda doutrina que tiver por efeito semear a desunião e estabelecer uma linha de separação entre os filhos de Deus não pode deixar de ser falsa e perniciosa.”

LIVRE-ARBÍTRIO

843. O homem tem o livre-arbítrio de seus atos?

“Se tem a liberdade de pensar, tem igualmente a de agir. Sem o livre-arbítrio, o homem seria máquina.”

844. O homem goza do livre-arbítrio desde o seu nascimento?

“Há liberdade de agir, desde que haja vontade de fazê-lo. Nas primeiras fases da vida, a liberdade é quase nula, mas desenvolve-se e muda de objeto com o desenvolvimento das capacidades. Estando seus pensamentos em concordância com o que a sua idade reclama, a criança aplica o seu livre-arbítrio àquilo que lhe é necessário.”

845. As predisposições instintivas que o homem já traz consigo ao nascer não constituem obstáculos ao exercício do livre-arbítrio?

“As predisposições instintivas são as do Espírito antes de encarnar. Conforme ele seja mais ou menos adiantado, essas predisposições podem arrastá-lo à prática de atos repreensíveis, no que será auxiliado pelos Espíritos que simpatizam com essas disposições. Não há, porém, arrastamento irresistível, uma vez que se tenha a vontade de resistir. Lembrem-se de que querer é poder.” (Ver questão 361)

846. O organismo não exerce nenhuma influência sobre os atos da vida? E, se essa influência existe, não será exercida com prejuízo do livre-arbítrio?

“É inegável que o Espírito sofra influência da matéria, que pode lhe embarçar as manifestações. Daí vem que, nos mundos onde os corpos são menos materiais do que na Terra, as aptidões se desdobram mais livremente. Porém, o instrumento não dá a capacidade. Além disso, é preciso distinguir as faculdades morais das intelectuais. Quando um homem tem o instinto do assassinio, indubitavelmente é seu próprio Espírito quem possui esse instinto e não são os seus órgãos que lhe dão esse instinto. Semelhante ao bruto, e ainda pior do que este, torna-se aquele que nulifica o seu pensamento, para só se ocupar com a matéria, pois que não cuida mais de se premunir contra o mal. Nisto é que incorre em falta, pois assim procede por vontade sua.” (Ver questão 367 e seguintes — “Influência do organismo”)

847. A aberração das faculdades tira o livre-arbítrio do homem?

“Já não é senhor do seu pensamento aquele cuja inteligência se ache turbada por uma causa qualquer e, desde então, já não tem liberdade. Essa aberração constitui muitas vezes uma punição para o Espírito que, porventura, tenha sido fútil e orgulhoso noutra existência, ou tenha feito mau uso de suas faculdades. Em tal caso, esse Espírito pode renascer no corpo de um idiota, como o déspota no de um escravo e o mau rico no de um mendigo. O Espírito, porém, sofre por efeito desse constrangimento, de que tem perfeita consciência. Está aí a ação da matéria.” (371 e seguintes)

848. Os desatinos das faculdades intelectuais causadas pela embriaguez servem de desculpa para atos condenáveis?

“Não, porque foi voluntariamente que o alcoolizado se privou da sua razão, para satisfazer a paixões brutais. Em vez de uma falta, comete duas.”

849. Qual a capacidade predominante no homem em estado de selvageria: o instinto, ou o livre-arbítrio?

“É o instinto, o que não o impede de agir com total liberdade em certas circunstâncias; como a criança, ele aplica essa liberdade às suas necessidades e ela se

desenvolve com a inteligência. Porém, como vocês, são mais esclarecidos do que um selvagem e também mais responsáveis pelo que fazem.”

850. A posição social às vezes não constitui para o homem obstáculo à inteira liberdade de seus atos?

“É fora de dúvida que o mundo tem suas exigências. Deus é justo e leva tudo em conta. Entretanto, Ele lhes deixa a responsabilidade de empregarem pouco esforço para vencer os obstáculos.”

FATALIDADE

851. Haverá fatalidade nos acontecimentos da vida, conforme ao sentido que se dá a esta expressão? Quer dizer: todos os acontecimentos são predeterminados? E, neste caso, o que vem a ser do livre-arbítrio?

“A fatalidade existe unicamente pela escolha que o Espírito fez desta ou daquela prova para sofrer ao encarnar. Escolhendo-a, instituiu para si uma espécie de destino, que é a consequência mesma da posição em que vem a achar-se colocado. Falo das provas físicas, pois, pelo que toca às provas morais e às tentações, o Espírito, conservando o livre-arbítrio quanto ao bem e ao mal, é sempre senhor de ceder ou de resistir. Ao vê-lo colaborar, um bom Espírito pode vir em seu auxílio, mas não pode influir sobre ele de maneira a dominar sua vontade. Um Espírito mau, isto é, inferior, mostrando-lhe, exagerando aos seus olhos um perigo físico, o poderá abalar e amedrontar. Nem por isso, entretanto, a vontade do Espírito encarnado deixa de se conservar livre de quaisquer travas.”

852. Há pessoas que parecem perseguidas por uma fatalidade, independente da maneira por que procedem. Seu insucesso não seria do seu destino?

“Talvez sejam provas que lhes caiba sofrer e que elas escolheram. Porém, ainda aqui, vocês acusam o destino, o que na maioria das vezes é apenas consequência de suas próprias faltas. Em meio dos males que te afligem, trate de ter a consciência pura e já te sentirá bastante consolado.”

As ideias exatas ou falsas que fazemos das coisas nos levam a ser bem ou malsucedidos, de acordo com o nosso caráter e a nossa posição social. Achamos mais simples e menos humilhante para o nosso orgulho atribuir antes à sorte ou ao destino os insucessos que experimentamos, do que à nossa própria falta. É certo que algumas vezes a influência dos Espíritos contribui para isso, mas também é certo que podemos sempre forrar-nos a essa influência, repelindo as ideias que eles nos sugerem, quando más.

853. Algumas pessoas só escapam de um perigo mortal para cair em outro. Parece que não podiam escapar da morte. Não há fatalidade nisso?

“No verdadeiro sentido da palavra, fatal só é o instante da morte. Chegado esse momento, de uma forma ou doutra, a ele não se pode evitar.”

a) — Assim, qualquer que seja o perigo que nos ameace, se a hora da morte ainda não chegou, não morreremos?

“Não; não morrerão e disso vocês têm milhares de exemplos. Quando, porém, soe a hora da tua partida, nada poderá impedir que partam. Deus sabe de antemão de que gênero será a morte do homem e muitas vezes seu Espírito também o sabe, por isso lhe ter sido revelado, quando escolheu tal ou qual existência.”

854. Do fato de a hora da morte ser infalível, podemos deduzir que sejam inúteis as precauções que tomemos para evitá-la?

“Não, visto que as precauções que vocês tomam lhes são sugeridas com o objetivo de evitarem a morte que lhes ameaça. São um dos meios empregados para que ela não se dê.”

855. Com que finalidade a Providência nos faz correr perigos que nenhuma consequência devem ter?

“O fato de a vida ser posta em perigo é um aviso que você mesmo desejou, a fim de te desviar do mal e te tornar melhor. Se escapa desse perigo, quando ainda sob a impressão do risco que correu, pensa mais ou menos seriamente em melhorar, conforme seja mais ou menos forte sobre ti a influência dos Espíritos bons. Sobrevindo o mau Espírito (digo mau, subentendendo o mal que ainda existe nele), põe-se a pensar que do mesmo modo escapará a outros perigos e deixa que de novo tuas paixões se desencadeiem. Por meio dos perigos que correm, Deus lhes lembra a fraqueza e a fragilidade da suas existências. Se examinarem a causa e a natureza do perigo, verificarão que suas consequências quase sempre teriam sido a punição de uma falta cometida ou da negligência no cumprimento de um dever. Deus, por essa forma, exorta o Espírito a cair em si e a se emendar.” (Ver questões 526 a 532)

856. O Espírito sabe antecipadamente de que tipo será sua morte?

“Sabe que o gênero de vida que escolheu o expõe mais a morrer desta do que daquela maneira. Sabe igualmente quais as lutas que terá de sustentar para evitá-lo e que, se Deus o permitir, não cairá.”

857. Há homens que afrontam os perigos dos combates, de certo modo, convencidos de que a hora não chegará. Haverá algum fundamento para essa confiança?

“Muitas vezes o homem tem o pressentimento do seu fim, como pode ter o de que ainda não morrerá. Esse pressentimento lhe vem dos Espíritos, seus protetores, que assim o advertem para que esteja pronto a partir, ou lhe fortalecem a coragem nos momentos em que mais necessita dela. Pode vir-lhe também da intuição que tem da existência que escolheu, ou da missão que aceitou e que sabe ter que cumprir.” (Questões 411 a 522)

858. Por que razão os que pressentem a morte geralmente a temem menos do que os outros?

“Quem teme a morte é o homem, não o Espírito. Aquele que a pressente pensa mais como Espírito do que como homem. Compreende que ela é a sua libertação e a espera.”

859. Se a morte não pode ser evitada, ocorre o mesmo com todos os acidentes que nos atingem no decorrer da vida?

“Comumente, esses acidentes são coisas muito insignificantes, de sorte que podemos nos prevenir deles e fazer que os evitem algumas vezes, dirigindo o seu pensamento, pois os sofrimentos materiais nos desagradam. Isso, porém, nenhuma importância tem na vida que escolhemos. A fatalidade, verdadeiramente, só existe quanto ao momento em que devem aparecer e desaparecer deste mundo.”

a) — Há fatos que precisam acontecer e que os Espíritos não possam evitar, ainda que se queira?

“Há, mas que a pessoa viu e pressentiu enquanto estava no estado de

Espírito e fez a escolha. Entretanto, não pensem que tudo o que ocorre esteja escrito, como costumam dizer. Um acontecimento qualquer pode ser a consequência de um ato que praticou por sua livre vontade, de tal sorte que, se não o tivesse praticado, o acontecimento não teria ocorrido. Imagina que queima o dedo: isso nada mais é senão resultado da tua imprudência e efeito da matéria. Deus só prevê as grandes dores, os fatos importantes e capazes de influir no moral, porque são úteis à tua depuração e à tua instrução.”

860. O homem, por sua vontade e ações, pode fazer com que os acontecimentos que deveriam ocorrer não se realizem, e vice-versa?

“Pode, se essa aparente mudança na ordem dos fatos tiver cabimento na sequência da vida que ele escolheu. Depois, para fazer o bem — como deve fazer e é o único objetivo da vida — é permitido a ele impedir o mal, sobretudo aquele que possa concorrer para a produção de um mal maior.”

861. Ao escolher a sua existência, o Espírito daquele que comete um assassinato sabia que viria a ser assassino?

“Não. Escolhendo uma vida de lutas, sabe que terá ocasião de matar um de seus semelhantes, mas não sabe se o fará, visto que, quase sempre, de sua parte já há determinação de praticar o crime. Ora, aquele que decide sobre uma coisa é sempre livre de fazê-la, ou não. Se soubesse previamente que, como homem, teria que cometer um crime, o Espírito estaria predestinado a isso. Contudo, fiquem sabendo que não há ninguém predestinado ao crime e que todo crime — como qualquer outro ato — resulta sempre da vontade e do livre-arbítrio.

“Ademais, vocês sempre confundem duas coisas muito distintas: os sucessos materiais da vida e os atos da vida moral. A fatalidade, que há algumas vezes, só existe com relação àqueles sucessos materiais, cuja causa reside fora de vocês e que independem das suas vontades. Quanto aos atos da vida moral, esses vêm sempre do próprio homem que, por conseguinte, tem sempre a liberdade de escolher. Então, sobre esses atos, nunca há fatalidade.”

862. Existem pessoas que nunca conseguem bom êxito em coisa alguma, que parecem perseguidas por um mau gênio em todos os seus empreendimentos. Não podemos chamar a isso de fatalidade?

“Será uma fatalidade, se quiserem dar esse nome, mas que decorre do gênero da existência escolhida. É que essas pessoas quiseram ser provadas por uma vida de decepções, a fim de exercitarem a paciência e a resignação. Entretanto, não creiam que seja absoluta essa fatalidade. Resulta muitas vezes do caminho falso que tais pessoas tomam, em discordância com suas inteligências e aptidões. Quem pretender atravessar um rio a nado, sem saber nadar, tem grandes probabilidades de se afogar. O mesmo se dá relativamente à maioria dos acontecimentos da vida. Quase sempre o homem obteria bom êxito se só tentasse o que estivesse dentro das suas faculdades. O que o perde são o seu amor-próprio e a sua ambição, que o desviam da senda que lhe é própria e o fazem considerar vocação o que não passa de desejo de satisfazer a certas paixões. Fracassa por sua culpa, mas, em vez de reconhecer sua culpa, prefere queixar-se da sua sorte. Por exemplo, alguém que seria bom operário e ganharia honestamente a vida, mete-se a ser mau poeta e morre de fome. Haveria lugar no mundo para todos desde que cada um soubesse colocar-se no lugar que lhe cabe.”

863. Os costumes sociais muitas vezes não obrigam o homem a seguir por um caminho

de preferência a outro e ele não se acha submetido à direção da opinião geral, quanto à escolha de suas ocupações? O que se chama respeito humano não constitui obstáculo ao exercício do livre-arbítrio?

“São os homens quem faz os costumes sociais e não Deus. Se a eles se submetem, é porque lhes convêm. Tal submissão, portanto, representa um ato de livre-arbítrio, pois que, se o quisessem, poderiam libertar-se de semelhante peso. Por que, então, se queixam? Falece-lhes razão para acusarem os costumes sociais. Devem lançar a culpa de tudo ao tolo orgulho de que vivem cheios e que os faz preferirem morrer de fome a feri-los. Ninguém lhes leva em conta esse sacrifício feito à opinião pública, ao passo que Deus lhes levará em conta o sacrifício que fizerem de suas vaidades. Isto não quer dizer que o homem deva afrontar sem necessidade aquela opinião, como fazem alguns em quem há mais originalidade do que verdadeira filosofia. Há tanta falta de juízo em alguém que procurar ser apontado a dedo, ou considerado animal curioso, enquanto há tanto acerto em descer voluntariamente e sem murmurar, desde que não possa manter-se no alto da escala.”

864. Assim como há pessoas sem sorte em tudo, outras parecem favorecidas por ela, pois que tudo lhes sai bem. A que atribuir isso?

“Geralmente, é que essas pessoas sabem se orientar melhor nos seus projetos, mas, também pode ser um gênero de prova. O sucesso embriaga essas pessoas; elas confiam no seu destino e muitas vezes pagam mais tarde esse bom êxito com cruéis desgraças, que poderiam evitar com a prudência.”

865. Como se explica que a boa sorte favoreça a algumas pessoas em circunstâncias com as quais nada têm que ver a vontade, nem a inteligência: no jogo, por exemplo?

“Alguns Espíritos têm escolhido previamente certas espécies de prazer. A fortuna que os favorece é uma tentação. Aquele que ganha como homem, perde como Espírito. É uma prova para o seu orgulho e para a sua cobiça.”

866. Então, a fatalidade que parece presidir aos destinos materiais de nossa vida também é resultante do nosso livre-arbítrio?

“Você mesmo escolheu a tua prova. Quanto mais dura ela for e melhor a suportar, tanto mais te elevará. Os que passam a vida na abundância e na ventura humana são Espíritos covardes, que permanecem estacionários. Assim, o número dos desafortunados é muito superior ao dos felizes deste mundo, atento que os Espíritos, na sua maioria, procuram as provas que lhes sejam mais proveitosas. Eles veem perfeitamente bem a futilidade das suas grandezas e gozos. Acresce que a mais ditosa existência é sempre agitada, sempre perturbada, quando mais não seja, pela ausência da dor.” (525 e seguintes)

867. Onde vem a expressão: nascer sob uma boa estrela?

“Antiga superstição, que prendia os destinos dos homens às estrelas. Alegoria que algumas pessoas fazem a tolice de tomar ao pé da letra.”

CONHECIMENTO DO FUTURO

868. O futuro pode ser revelado ao homem?

“Em princípio, o futuro é oculto e só em casos raros e excepcionais Deus permite que seja revelado.”

869. Com que objetivo o futuro se conserva oculto ao homem?

“Se o homem conhecesse o futuro, descuidaria do presente e não atuaria com a liberdade com que o faz, porque o dominaria a ideia de que, se uma coisa tem que acontecer, inútil será se ocupar com ela, ou então procuraria dificultar a que acontecesse. Deus não quis que assim fosse, a fim de que cada um concorra para a realização das coisas, até daquelas a que desejaria opor-se. Assim é que você mesmo prepara muitas vezes os acontecimentos que hão de vir no curso da tua existência.”

870. Mas, se convém que o futuro permaneça oculto, por que Deus permite que seja revelado algumas vezes?

“Permite-o, quando o conhecimento prévio do futuro facilite a execução de uma coisa, em vez de bloquear, obrigando o homem a agir diversamente do modo por que agiria, se lhe não fosse feita a revelação. Com frequência, também é uma prova. A perspectiva de um acontecimento pode sugerir pensamentos mais ou menos bons. Por exemplo, se um homem souber que vai receber uma herança, que nem esperava, pode ser que a revelação desse fato desperte nele o sentimento da cobiça, pela perspectiva de possíveis maiores gozos terrenos, pela ânsia de possuir mais depressa a herança, desejando talvez, para que isso aconteça, a morte daquele de quem herdará. Ou, então, essa perspectiva lhe inspirará bons sentimentos e pensamentos generosos. Se a predição não se cumpre, aí está outra prova, consistente na maneira por que suportará a decepção. Nem por isso, entretanto, lhe caberá menos o mérito ou o demérito dos pensamentos bons ou maus que a crença na ocorrência daquele fato lhe fez nascer no íntimo.”

871. Pois que Deus sabe tudo, não ignora se um homem cairá ou não em determinada prova. Assim sendo, qual a necessidade dessa prova, uma vez que nada acrescentará ao que Deus já sabe a respeito desse homem?

“Isso equivale a perguntar por que Deus não criou o homem perfeito e acabado (ver questão 119); por que o homem tem que passar pela infância, antes de chegar à condição de adulto (379). A prova não tem por fim dar esclarecimentos a Deus sobre o homem, pois que Deus sabe perfeitamente o que ele vale, mas dar ao homem toda a responsabilidade de sua ação, uma vez que tem a liberdade de fazer ou não fazer. Dotado da faculdade de escolher entre o bem e o mal, a prova tem por efeito colocá-lo em luta com as tentações do mal e lhe conferir todo o mérito da resistência. Ora, porque saiba de antemão se ele se sairá bem ou não, Deus, em sua justiça, não pode puni-lo, nem recompensá-lo, por um ato ainda não praticado.” (258)

Assim acontece entre os homens. Por mais capaz que seja um estudante, qualquer certeza que se tenha de vê-lo triunfar, não se confere a ele nenhum grau sem exame, ou seja, sem prova; do mesmo modo, o juiz não condena um acusado senão por um ato consumado e não por prever que ele possa consumir esse ato. Quanto mais se examinam as consequências que resultariam para o homem se tivesse o conhecimento do futuro, mais se vê quanto a Providência foi sábia em ocultá-lo.

A certeza de um acontecimento feliz o mergulharia na inércia; a de um acontecimento infeliz, no desencorajamento; tanto em um quanto em outro, suas forças estariam paralisadas. Por isso o futuro é apenas mostrado ao homem como um objetivo que deve atingir por seus esforços, mas sem conhecer o processo pelo qual deve passar para atingi-lo.

O conhecimento de todos os incidentes do caminho lhe diminuiria a iniciativa e o uso de seu livre-arbítrio; ele se deixaria levar pela fatalidade dos acontecimentos sem exercer suas aptidões. Quando o sucesso de uma coisa é assegurado, ninguém se preocupa mais com ela.

RESUMO TEÓRICO DA MOTIVAÇÃO DAS AÇÕES HUMANAS

872. A questão do livre-arbítrio pode ser resumida assim: a criatura humana não é fatalmente conduzida ao mal; os atos que pratica não estavam antecipadamente determinados; os crimes que comete não resultam de uma sentença do destino. Como prova e expiação, ele pode escolher uma existência em que terá a sedução para o crime — seja pelo meio em que se encontre ou pelos atos em que tomará parte — mas está constantemente livre para agir ou não. Assim, o livre-arbítrio existe no estado de Espírito, com a escolha da existência e das provas, e no estado corporal, na disposição de ceder ou de resistir aos arrastamentos a que estamos voluntariamente submetidos. Cabe à educação combater essas más tendências; ela o fará útilmente quando estiver baseada no estudo aprofundado da natureza moral do homem. Pelo conhecimento das leis que regem essa natureza moral será possível modificá-la, como se modifica a inteligência pela instrução, e como a higiene, que preserva a saúde e previne as doenças, modifica o temperamento. O Espírito livre da matéria, no intervalo das encarnações, faz a escolha de suas existências corporais futuras de acordo com o grau de perfeição que atingiu, e nisso, como dissemos, consiste principalmente o seu livre-arbítrio.

Essa liberdade não é anulada pela encarnação. Se cede à influência da matéria é porque fracassa nas próprias provas que escolheu, e para ajudá-lo a superá-las pode evocar a assistência de Deus e dos bons Espíritos (veja a questão 337). Sem o livre-arbítrio, o homem não teria nem culpa na prática do mal, nem mérito no bem; e isso é igualmente reconhecido no mundo, onde sempre se faz censura ou elogio à intenção, ou seja, à vontade; portanto, quem diz vontade, diz liberdade. Eis por que o homem não pode justificar ou desculpar suas faltas atribuindo-as ao seu corpo sem abdicar da razão e da condição de ser humano para se igualar ao irracional. Se o corpo humano fosse responsável pela ação para o mal, o seria igualmente na ação para o bem. Entretanto, quando o homem faz o bem, tem grande cuidado para evidenciar o fato em seu favor, como mérito seu, e não exalta ou gratifica seus órgãos. Isso prova que, apesar da opinião de alguns filósofos sistemáticos, ele não renuncia instintivamente ao mais belo dos privilégios de sua espécie: a liberdade de pensar.

A fatalidade, como se entende geralmente, faz supor que todos os acontecimentos da vida estão prévia e irrevogavelmente decididos, e estão na ordem das coisas, seja qual for sua importância. Se assim fosse, o homem seria uma máquina sem vontade. Para que serviria sua inteligência, uma vez que em todos os atos seria invariavelmente dominado pelo poder do destino? Uma doutrina assim, se fosse verdadeira, teria em si a destruição de toda liberdade moral; não haveria mais responsabilidade para o homem e, conseqüentemente, nem bem, nem mal, nem crimes, nem virtudes. Deus, soberanamente justo, não poderia castigar suas criaturas por faltas que não dependeram delas nem recompensá-las pelas virtudes das quais não teriam o mérito. Uma lei assim seria também a negação da lei do progresso, porque o homem que esperasse tudo do destino nada tentaria para melhorar sua posição, já que não conseguiria mudá-la nem para melhor nem para pior.

Entretanto, a fatalidade não é uma ideia vã; ela existe na posição que o homem ocupa na Terra e nas funções que aí cumpre, por consequência do gênero de existência que seu Espírito escolheu como prova, expiação ou missão. Ele sofre fatalmente todas as alternâncias dessa existência e todas as tendências, boas ou más, que lhe são próprias; porém, termina aí a fatalidade, porque depende de sua vontade ceder ou não a essas tendências. O detalhe dos acontecimentos depende das circunstâncias que ele mesmo provoca por seus atos e sobre as quais os Espíritos podem influenciar pelos pensamentos que sugerem (veja a questão 459).

Portanto, a fatalidade está para o homem nos acontecimentos que se apresentam, uma vez que são a consequência da escolha da existência que o Espírito fez. Pode deixar de ocorrer a fatalidade no resultado dos acontecimentos, quando o homem, usando de prudência, modifica-lhes o curso. Nunca há fatalidade nos atos da vida moral.

É na morte que o homem está submetido à implacável lei da fatalidade de uma maneira absoluta, porque não pode escapar da sentença que fixa o fim de sua existência, nem do gênero de morte que deve interrompê-la.

De acordo com a opinião geral, o homem possuiria todos os seus instintos em si mesmo; eles procederiam de seu próprio corpo, pelos quais não poderia ser responsável, ou de sua própria natureza, na qual pode encontrar uma desculpa, para si mesmo, dizendo que não é sua culpa, uma vez que foi criado assim.

A Doutrina Espírita é evidentemente muito mais moral: admite no homem o livre-

arbítrio em toda sua plenitude e, ao lhe dizer que, se faz o mal, cede a uma má sugestão exterior, deixa-lhe toda a responsabilidade, uma vez que reconhece seu poder de resistir, o que é evidentemente mais fácil do que lutar contra sua própria natureza. Assim, de acordo com a Doutrina Espírita, não há sedução irresistível: o homem pode sempre fechar os ouvidos à voz oculta do obsessor que o induz ao mal em seu íntimo, assim como pode fechá-los quando alguém lhe fala; pode fazer isso por sua vontade, ao pedir a Deus a força necessária e rogando a assistência dos bons Espíritos. É o que Jesus nos ensina na sublime prece do Pai Nosso: “Não nos deixe cair em tentação, mas livra-nos do mal”.

Essa teoria que mostra a causa determinante dos nossos atos ressalta evidentemente de todo o ensinamento dado pelos Espíritos. Não é apenas sublime em moralidade, mas acrescentaremos que eleva o homem a seus próprios olhos. Mostra-o livre para repelir um domínio obsessor, como pode fechar sua casa aos importunos. Não é mais uma máquina que age por um impulso independente de sua vontade; é um ser racional, que escuta, julga e escolhe livremente um entre dois conselhos. Apesar disso, o homem não está impedido de agir por sua iniciativa, por impulso próprio, já que, definitivamente, é apenas um Espírito encarnado que conserva sob o corpo as qualidades e os defeitos que tinha como Espírito. Dessa maneira, as faltas que cometemos têm sua origem na imperfeição de nosso próprio Espírito, que ainda não atingiu a superioridade moral que terá um dia, mas que nem por isso tem seu livre-arbítrio limitado. A vida encarnada lhe é dada para se depurar de suas imperfeições pelas provas que passa, e são precisamente essas imperfeições que o tornam mais fraco e acessível às sugestões de outros Espíritos imperfeitos, que aproveitam para se empenhar em fazê-lo fracassar na luta. Se sai vencedor, eleva-se; se desperdiça a oportunidade e fracassa, permanece o que era, nem pior, nem melhor: é uma prova que terá de recomençar, e isso pode durar muito tempo. Quanto mais se depura, mais seus pontos fracos diminuem e menos se expõe àqueles que procuram incitá-lo ao mal; sua força moral cresce em razão de sua elevação e os maus Espíritos se afastam dele.

A raça humana é constituída tanto de Espíritos bons quanto de maus, que estão encarnados neste planeta, e como a Terra é um dos mundos menos avançados, nela se encontram mais Espíritos maus do que bons; por isso há tanta perversidade aqui.

Portanto, façamos todos os esforços para não voltarmos aqui após essa existência e merecermos ser admitidos num mundo melhor, num desses mundos privilegiados onde o bem reina absoluto, e nos lembraremos de nossa passagem pela Terra apenas como um exílio temporário.

CAPÍTULO XI

DA LEI DE JUSTIÇA, DE AMOR E DE CARIDADE

- JUSTIÇA E DIREITOS NATURAIS
- DIREITO DE PROPRIEDADE. ROUBO
- CARIDADE E AMOR AO PRÓXIMO
- AMOR FRATERNAL E FILIAL

JUSTIÇA E DIREITOS NATURAIS

873. O sentimento da justiça está na natureza, ou é resultado de ideias adquiridas?

“Está na natureza de tal modo que vocês se revoltam à simples ideia de uma injustiça. É fora de dúvida que o progresso moral desenvolve esse sentimento, mas não o dá. Deus o colocou no coração do homem. Daí vem que as noções mais exatas da justiça se encontram frequentemente em homens simples e incultos do que nos que possuem grande conhecimento.”

874. Sendo a justiça uma lei da Natureza, como se explica que os homens a entendam de modos tão diferentes, uns considerando justo o que a outros parece injusto?

“É porque a esse sentimento se misturam paixões que o alteram, como sucede à maior parte dos outros sentimentos naturais, fazendo que os homens vejam as coisas por uma falsa opinião.”

875. Como podemos definir a justiça?

“A justiça consiste em cada um respeitar os direitos dos demais.”

a) — O Que determina esses direitos?

“Duas coisas: a lei humana e a lei natural. Como os homens formularam leis apropriadas a seus costumes e características, elas estabeleceram direitos variáveis com o progresso das luzes. Vejam se hoje as suas leis — aliás imperfeitas — consagram os mesmos direitos que as da Idade Média. Entretanto, esses direitos antigos, que agora parecem monstruosos, pareciam justos e naturais naquela época. Então, o direito que os homens indicam nem sempre é de acordo com a justiça. Além do mais, este direito regula apenas algumas relações sociais, quando é certo que, na vida particular, há uma imensidade de atos unicamente da alçada do tribunal da consciência.”

876. Posto de parte o direito que a lei humana consagra, qual a base da justiça, segundo a lei natural?

“Disse o Cristo: Queira cada um para os outros aquilo que gostariam para si mesmo. Deus imprimiu no coração do homem a regra da verdadeira justiça, fazendo que

cada um deseje ver os seus direitos respeitados. Na incerteza de como deva proceder com o seu semelhante, em dada circunstância, trate o homem de saber como quer que com ele procedam, em circunstância idêntica. Deus não poderia ter dado guia mais seguro do que a própria consciência.”

O critério da verdadeira justiça é, de fato, desejar aos outros o que se deseja para si mesmo, e não desejar para si o que se desejaria para os outros, o que não é a mesma coisa. Como não é natural desejar o mal para si, se tomarmos o desejo pessoal como norma e ponto de partida, estaremos sempre certos de apenas desejar o bem para o próximo. Em todos os tempos e todas as crenças, o homem tem sempre procurado fazer prevalecer seu direito pessoal. A sublimidade da religião cristã foi tomar o direito pessoal por base do direito do próximo.

877. Da necessidade que o homem tem de viver em sociedade, nascem nele obrigações especiais?

“Sim, e a primeira de todas é a de respeitar os direitos de seus semelhantes. Aquele que respeitar esses direitos procederá sempre com justiça. Neste mundo, cada um usa de represálias, porque a maioria dos homens não pratica a lei de justiça. Essa a causa da perturbação e da confusão em que as sociedades humanas vivem. A vida social cede direitos e impõe deveres recíprocos.”

878. Podendo o homem se enganar quanto à extensão do seu direito, o que o fará conhecer o limite desse direito?

“O limite do direito será sempre o de dar aos seus semelhantes o mesmo que quer para si, em circunstâncias iguais e reciprocamente.”

a) — Mas, se cada um atribuir a si mesmo direitos iguais aos de seu semelhante, que virá a ser da subordinação aos superiores? Isso não seria a desarrumação de todos os poderes?

“Os direitos naturais são os mesmos para todos os homens, desde os de condição mais humilde até os de posição mais elevada. Deus não fez uns de material mais puro do que o de que se serviu para fazer os outros, e todos são iguais aos Seus olhos; esses direitos são eternos. Os que o homem estabeleceu, perecem com as suas instituições. Ademais, cada um sente bem a sua força ou a sua fraqueza e saberá sempre ter certa deferência para com os que o mereçam por suas virtudes e sabedoria. É importante acentuar isto, para que aqueles que se julgam superiores conheçam seus deveres, a fim de merecer essas deferências. A subordinação não se achará comprometida, quando a autoridade for deferida à sabedoria.”

879. Qual seria o caráter do homem que praticasse a justiça em toda a sua pureza?

“O do verdadeiro justo, a exemplo de Jesus, pois praticaria também o amor do próximo e a caridade, sem os quais não há verdadeira justiça.”

DIREITO DE PROPRIEDADE. ROUBO

880. Qual o primeiro de todos os direitos naturais do homem?

“O de viver. Por isso é que ninguém tem o de atentar contra a vida de seu semelhante, nem de fazer o que quer que possa comprometer-lhe a existência corporal.”

881. O direito de viver dá ao homem o de acumular bens que lhe permitam repousar quando não possa mais trabalhar?

“Dá, mas ele deve fazê-lo em família, como a abelha, por meio de um trabalho

honesto, e não como egoísta. Há animais que lhe melhor dão o exemplo de previdência.”

882. O homem tem o direito de defender os bens que tenha conseguido juntar pelo seu trabalho?

“Disse Deus: ‘Não roubarás!’ E Jesus exclamou: ‘Dai a César o que é de César!’”

O que o homem junta por meio do trabalho honesto constitui legítima propriedade sua, que ele tem o direito de defender, porque a propriedade que resulta do trabalho é um direito natural, tão sagrado quanto o de trabalhar e de viver.

883. É natural o desejo de possuir?

“Sim, mas quando o homem deseja possuir para si somente e para sua satisfação pessoal, o que há é egoísmo.”

a) — Entretanto, não será legítimo o desejo de possuir, uma vez que aquele que tem de que viver não é um fardo para ninguém?

“Há homens insaciáveis, que acumulam bens sem utilidade para ninguém, ou apenas para saciar suas paixões. Julgam que Deus vê isso com bons olhos? Aquele que, ao contrário, junta pelo trabalho, tendo em vista socorrer os seus semelhantes, pratica a lei de amor e caridade, e Deus abençoa o seu trabalho.”

884. Qual o caráter da legítima propriedade?

“Propriedade legítima só é aquela que foi adquirida sem prejuízo dos outros.”

(Ver questão 808)

A lei de amor e de justiça nos proíbe de fazermos aos outros aquilo que não desejamos que eles nos façam, *por isso mesmo*, a aquisição de bens por quaisquer meios que lhe sejam contrários.

885. O direito de propriedade é limitado?

“Sem dúvida, tudo o que é adquire legalmente é uma propriedade. Mas, como temos dito, a legislação dos homens — por ser imperfeita — consagra muitos direitos convencionais que a lei de justiça reprovava. Essa a razão por que eles reformam suas leis, à medida que o progresso se efetua e que melhor compreendem a justiça. O que num século parece perfeito, afigura-se bárbaro no século seguinte.”

CARIDADE E AMOR DO PRÓXIMO

886. Qual o verdadeiro sentido da palavra caridade, como a entendia Jesus?

“Benevolência para com todos, compaixão para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas.”

O amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, pois amar o próximo é fazer a ele todo o bem que nos seja possível e que desejáramos nos fosse feito. Tal o sentido destas palavras de Jesus: “Amem-se uns aos outros como irmãos”. Segundo Jesus, a caridade não se reduz à esmola, abrange todas as relações em que nos achamos com os nossos semelhantes, sejam eles nossos inferiores, nossos iguais, ou nossos superiores. Ela nos indica a indulgência, porque dela nós mesmos precisamos, e nos proíbe de humilhar os desafortunados, contrariamente ao que se costuma fazer. Apresente-se uma pessoa rica e todas as atenções e deferências lhe são dispensadas. Se for pobre, toda gente como que entende que não precisa preocupar-se com ela. No entanto, quanto mais lastimosa seja a sua posição, tanto maior cuidado devemos pôr em lhe não aumentarmos o infortúnio pela humilhação. O homem verdadeiramente bom procura elevar, aos seus próprios olhos, aquele que lhe é inferior, diminuindo a distância que os separa.

887. Jesus também disse: Amem até os seus inimigos. Ora, o amor aos inimigos não será

contrário às nossas tendências naturais e a inimizade não provirá de uma falta de simpatia entre os Espíritos?

“É certo que ninguém dedica um amor terno e apaixonado aos seus inimigos; não foi isso o que Jesus quis dizer. Amar os inimigos é perdoar e lhes retribuir o mal com o bem. O que assim procede se torna superior aos seus inimigos, ao passo que abaixo deles se coloca aquele que procura vingança.”

888. O que se deve pensar da esmola?

“Condenando-se a pedir esmola, o homem se rebaixa física e moralmente: Embrutece-se. Uma sociedade que se baseie na lei de Deus e na justiça deve prover à vida do fraco, sem que haja humilhação para ele. Deve assegurar a existência dos que não podem trabalhar, sem lhes deixar a vida à mercê do acaso e da boa vontade de alguns.”

a) — A esmola é reprovável?

“Não; o que merece reprovação não é a esmola, mas a maneira como habitualmente é dada. O homem de bem, que compreende a caridade de acordo com Jesus, vai ao encontro do desgraçado, sem esperar que este lhe estenda a mão.

“A verdadeira caridade é sempre bondosa e benévola; está tanto no ato, como na maneira como é praticado. Duplo valor tem um serviço prestado com delicadeza. Se for com arrogância, pode ser que a necessidade obrigue quem o recebe a aceitá-lo, mas o seu coração pouco se comoverá.

“Lembrem-se também de que, aos olhos de Deus, a ostentação tira o mérito ao benefício. Disse Jesus: que a tua mão esquerda não saiba o que a direita der. Por essa forma, ele lhes ensinou a não sujar a caridade com o orgulho.

“Deve-se distinguir a esmola, propriamente dita, da beneficência. Nem sempre o mais necessitado é o que pede. O temor de uma humilhação detém o verdadeiro pobre, que muitas vezes sofre sem se queixar. A esse é que o homem verdadeiramente humano sabe ir procurar, sem ostentação.

“Amem-se uns aos outros, eis toda a lei, lei divina, mediante a qual Deus governa os mundos. O amor é a lei de atração para os seres vivos e organizados. A atração é a lei de amor para a matéria inorgânica.

“Não esqueçam nunca que o Espírito — qualquer que sejam o grau de seu adiantamento, sua situação como reencarnado, ou na erraticidade — está sempre colocado entre um superior, que o guia e aperfeiçoa, e um inferior, para com o qual tem que cumprir esses mesmos deveres. Então, sejam caridosos, praticando não só a caridade que os faz dar friamente o óbolo que tiram do bolso ao que ousa pedir a vocês, mas a que leve ao encontro das misérias ocultas. Sejam indulgentes com os defeitos dos semelhantes. Em vez de dedicarem desprezo à ignorância e ao vício, instruem os ignorantes e moralizem os viciados. Sejam brandos e benevolentes para com tudo o que seja inferior. Sejam para com os seres mais ínfimos da criação e terão obedecido à lei de Deus.”

São Vicente De Paulo

889. Não há homens que se veem condenados a mendigar por sua própria culpa?

“Sem dúvida; mas se uma boa educação moral ensinasse a eles a praticar a lei de Deus, não teriam caído nos excessos causadores da sua perdição. É disso, sobretudo, que depende a melhoria do planeta de vocês.” (Ver questão 707)

AMOR MATERNO E FILIAL

890. O amor materno seria uma virtude, ou um sentimento instintivo, comum aos homens e aos animais?

“Uma e outra coisa. A Natureza deu à mãe o amor a seus filhos no interesse da conservação deles. Entretanto, no animal, esse amor se limita às necessidades materiais e acaba quando os cuidados se tornam desnecessários. No homem, persiste pela vida inteira e permite um devotamento e uma abnegação que são virtudes. Sobrevive até à morte e acompanha o filho até no além-túmulo. Bem podem ver que há nele uma coisa diferente do que há no amor do animal.” (Questões 205 e 385)

891. Estando na Natureza o amor materno, como é que há mães que odeiam os filhos e, não raro, desde a infância destes?

“Às vezes, é uma prova que o Espírito do filho escolheu, ou uma expiação, se aconteceu ter sido mau pai, ou mãe perversa, ou mau filho, noutra existência. Em todos os casos, a mãe má não pode deixar de ser animada por um mau Espírito que procura criar embaraços ao filho, a fim de que falhe na prova que buscou. Mas, essa violação das leis da Natureza não ficará impune e o Espírito do filho será recompensado pelos obstáculos de que tenha triunfado.”

892. Quando os filhos causam desgostos aos pais, estes (os pais) não têm pretexto para o fato de não terem a mesma ternura que teriam em caso contrário?

“Não, porque isso representa um encargo que lhes é confiado e a missão deles consiste em se esforçarem por encaminhar os filhos para o bem (Questões 582 a 583). Além do mais, muitas vezes esses desgostos são resultado do mau costume que os pais deixaram que seus filhos tomassem desde o berço. Colhem o que semearam.”

CAPÍTULO XII

DA PERFEIÇÃO MORAL

- AS VIRTUDES E OS VÍCIOS
- PAIXÕES
- O EGOÍSMO
- CARACTERÍSTICAS DO HOMEM DE BEM
- CONHECIMENTO DE SI MESMO

AS VIRTUDES E OS VÍCIOS

893. Qual é a mais meritória de todas as virtudes?

“Toda virtude tem seu mérito próprio, porque todas indicam progresso no caminho do bem. Há virtude sempre que há resistência voluntária à tentação das más tendências. Todavia, a elevação da virtude está no sacrifício do interesse pessoal em favor do próximo, sem pensamento oculto. A mais meritória é a que assenta na mais desinteressada caridade.”

894. Há pessoas que fazem o bem espontaneamente, sem que precisem vencer quaisquer sentimentos que lhes sejam opostos. Terão tanto mérito quanto as que se veem na contingência de lutar contra a natureza que lhes é própria e a vencem?

“Só não têm que lutar aqueles em quem já há progresso realizado; esses lutaram em outros momentos e triunfaram. Por isso é que os bons sentimentos não lhe custam nenhum esforço e suas ações parecem simplíssimas. O bem se tornou um hábito para eles. Merecem as honras que se costuma tributar a velhos guerreiros que conquistaram seus altos postos.

“Como ainda estão longe da perfeição, tais exemplos espantam pelo contraste com o que veem e tanto mais os admiram quanto mais raros são. Porém, saibam que nos mundos mais adiantados do que este, o que representa a exceção entre vocês é a regra. Em todos os pontos desses mundos, o sentimento do bem é espontâneo, porque só são habitados por bons Espíritos. Lá, uma só intenção maligna seria monstruosa exceção. Eis por que os homens são prósperos neles. O mesmo se dará na Terra, quando a Humanidade se houver transformado, quando compreender e praticar a caridade na sua verdadeira aceção.”

895. Além dos defeitos e vícios sobre os quais ninguém se enganaria, qual o sinal mais característico da imperfeição?

“O interesse pessoal. Frequentemente, as qualidades morais são como a douradura, num objeto de cobre, que não resiste à pedra de toque⁹². Um homem pode possuir qualidades reais que levem o mundo a considerá-lo homem de bem. Mas, essas

⁹² **Pedra de toque:** pedra dura e resistente usada para ser atirada sobre metais (por exemplo, o ouro e a prata) para provar a pureza deles – N. E.

qualidades, ainda que assinalem um progresso, nem sempre suportam certas provas e às vezes basta que se fira a corda do interesse pessoal para que o fundo fique a descoberto. O verdadeiro desinteresse é coisa ainda tão rara na Terra que, quando se revela, todos o admiram como um fenômeno.

“O apego às coisas materiais é sinal notório de inferioridade, porque, quanto mais se agarrar aos bens deste mundo, tanto menos o homem compreende o seu destino. Ao contrário, pelo desinteresse, ele demonstra que encara o futuro de um ponto mais elevado.”

896. Há pessoas desinteressadas, mas sem entendimento, que desperdiçam seus bens sem utilidade real, por não saberem dar emprego criterioso. Essas pessoas têm algum merecimento?

“Têm o do desinteresse, porém não o do bem que poderiam fazer. O desinteresse é uma virtude, mas o desperdício irrefletido sempre é, no mínimo, uma falta de juízo. A riqueza, assim como não é dada a uns para ser trancada num cofre forte, também não é para ser dispersada ao vento. Representa um depósito de que uns e outros terão de prestar contas, porque terão de responder por todo o bem que podiam fazer e não fizeram, por todas as lágrimas que podiam ter enxugado com o dinheiro que deram aos que dele não precisavam.”

897. É repreensível aquele que faz o bem, sem visar recompensa na Terra, mas na esperança de ser recompensado na outra vida, para que lá sua posição seja melhor? Esse pensamento prejudica seu progresso?

“O bem deve ser feito pela caridade, isto é, com desinteresse.”

a) — Contudo, todos alimentam o desejo muito natural de progredir, para livrar-se da penosa condição desta vida. Os próprios Espíritos nos ensinam a praticar o bem com esse objetivo. Então, seria um mal pensarmos que, praticando o bem, podemos esperar coisa melhor do que temos na Terra?

“Não, certamente; mas aquele que faz o bem, sem ideia preconcebida, só pelo prazer de ser agradável a Deus e ao seu próximo que sofre, já se acha num certo grau de progresso, que lhe permitirá alcançar a felicidade muito mais depressa do que seu irmão que, mais positivo, faz o bem por cálculo e não motivado pelo ardor natural do seu coração.” (Ver questão 894)

b) — Não há aqui uma distinção a fazer entre o bem que se pode fazer ao próximo e o esforço que se faz para corrigir as próprias faltas?

“Concebemos que fazer o bem com o pensamento de que será levado em conta em outra vida é pouco meritório. Mas corrigir-se, vencer as paixões, melhorar o caráter para se aproximar dos bons Espíritos e se elevar será igualmente um sinal de inferioridade?

“Não, não! Quando dizemos: fazer o bem, queremos significar: ser caridoso. Todo aquele que calcula o que cada uma de suas boas ações possa lhe render na vida futura, tanto quanto na vida terrena, procede como egoísta. Todavia, nenhum egoísmo há no homem em querer se melhorar, para se aproximar de Deus, pois que é o objetivo para o qual devem todos tender.”

898. Sendo a vida corpórea apenas uma estadia temporária neste mundo e devendo o futuro ser objeto da nossa principal preocupação, será útil nos esforçarmos por adquirir conhecimentos científicos que só digam respeito às coisas e às necessidades materiais?

“Sem dúvida. Primeiramente, isso põe vocês em condições de auxiliar os

irmãos; depois, o seu Espírito subirá mais depressa, se já houver progredido em inteligência. Nos intervalos das encarnações, aprenderão numa hora o que na Terra lhes exigiria anos de aprendizado. Nenhum conhecimento é inútil; todos mais ou menos contribuem para o progresso, porque o Espírito, para ser perfeito, tem que saber tudo, e porque, cumprindo que o progresso se efetue em todos os sentidos, todas as ideias adquiridas ajudam o desenvolvimento do Espírito.”

899. Vamos imaginar dois homens ricos: um nasceu na riqueza e nunca conheceu a necessidade; o outro deve sua riqueza ao trabalho. Tanto um quanto outro a empregam para satisfação pessoal. Qual o mais culpável?

“Aquele que conheceu os sofrimentos. Ele sabe o que é sofrer. Conhece a dor e não alivia a dos outros porque muito frequentemente nem se lembra dela.”

900. Aquele que incessantemente acumula haveres, sem fazer o bem a quem quer que seja, achará justa desculpa na circunstância de acumular com a meta de deixar uma soma maior aos seus herdeiros?

“É um compromisso com a consciência má.”

901. Há dois mesquinhos: o primeiro priva-se do necessário e morre sobre seu tesouro; o segundo é somente avarento para os outros; mas gastão para si mesmo, enquanto recua diante do mais breve sacrifício para prestar um serviço ou fazer uma coisa útil, nenhum custo é bastante para satisfazer seus gostos e paixões. Peça-lhe um favor, e ele sempre é difícil; mas quando quer realizar uma fantasia, tem sempre o bastante. Qual é o mais culpável e qual deles ficará em pior situação no mundo dos Espíritos?

“O que luxa, porque é mais egoísta do que avarento. O outro já recebeu parte do seu castigo.”

902. Será reprovável que cobicemos a riqueza, quando alimentamos o desejo de fazer o bem?

“Não há dúvida que tal sentimento é louvável, quando puro. Mas, será que esse desejo é sempre bastante desinteressado? Não ocultará nenhum intuito de ordem pessoal? Será que naquele em quem tal desejo se manifesta não pensa em fazer o bem a si mesmo, em primeiro lugar?”

903. Comete erro o homem que estuda os defeitos alheios?

“Incorrerá em grande culpa, se o fizer para criticar e divulgar os defeitos alheios, porque será faltar com a caridade. Se o fizer para tirar proveito daí, para evitá-los, tal estudo poderá ser-lhe de alguma utilidade. Mas, é importante não esquecer que a indulgência para com os defeitos dos outros é uma das virtudes contidas na caridade. Antes de censurarem as imperfeições dos outros, vejam se não poderão dizer o mesmo de vocês mesmos. Pois então, tratem de possuir as qualidades opostas aos defeitos que criticam no seu semelhante. Esse o meio de se tornar superior a ele. Se censuram o ser mesquinho, sejam generosos; ao ser orgulhoso, sejam humildes e modestos; se o ser agressivo, sejam brandos; se o proceder com pequenez, sejam grandes em todas as suas ações. Numa palavra, façam de uma maneira que não lhes possam aplicar estas palavras de Jesus: Vê o cisco no olho do seu vizinho e não vê a trave no seu próprio.”

904. Cairá em culpa aquele que examina as feridas da sociedade e as expõe em público?

“Depende do sentimento que o mova. Se o escritor apenas visa produzir escândalo, não faz mais do que proporcionar um gozo pessoal a si mesmo, apresentando

quadros que constituem antes mau do que bom exemplo. O Espírito aprecia isso, mas pode vir a ser punido por essa espécie de prazer que encontra em revelar o mal.”

a) — Em tal caso, como julgar a pureza das intenções e da sinceridade do escritor?

“Nem sempre há utilidade nisso. Se ele escrever boas coisas, aproveitem. Se proceder mal, é uma questão de consciência que lhe diz respeito, exclusivamente. Ademais, se o escritor tem empenho em provar a sua sinceridade, apoie o que disser nos exemplos que dê.”

905. Alguns autores publicaram belíssimas obras de grande moral, que auxiliam o progresso da Humanidade, das quais, porém, eles não tiraram nenhum proveito. Será levado em conta, como Espíritos, o bem a que suas obras hajam dado lugar?

“A moral sem as ações é o mesmo que a semente sem o trabalho. De que serve a semente, se não dá frutos para os alimentem? Grave é a culpa desses homens, porque dispunham de inteligência para compreender. Não praticando as máximas que ofereciam aos outros, renunciaram a colher seus frutos.”

906. Será passível de censura o homem, por ter consciência do bem que faz e por confessá-lo a si mesmo?

“Tendo consciência do mal que faz, o homem deve também ter consciência do bem e saber se age bem ou mal. Examinando suas ações diante das leis divinas, e principalmente na lei de justiça, amor e caridade, é que poderá dizer se elas são boas ou más, aprová-las ou não. Ele não estará errado quando reconhecer que venceu suas más tendências e fica satisfeito, desde que não se envaideça, porque então cairá em outra falta.” (Ver questão 919)

PAIXÕES

907. Será substancialmente mau o princípio originário das paixões, embora esteja na natureza?

“Não; a paixão está no excesso acrescentado na vontade, visto que o princípio que lhe dá origem foi posto no homem para o bem, tanto que as paixões podem levá-lo à realização de grandes coisas. É o abuso que se faz delas que causa o mal.”

908. Como podemos determinar o limite em que as paixões deixam de ser boas para se tornarem más?

“As paixões são como um cavalo: só tem utilidade quando governado e que se torna perigoso desde que passe a governar. Uma paixão se torna perigosa a partir do momento em que deixam de poder governá-la e que dá em resultado um prejuízo qualquer para vocês mesmos ou para outros.”

As paixões são como alavancas que aumentam dez vezes mais as forças do homem e o ajudam na realização dos objetivos da Providência; mas se, ao invés de dirigi-las, o homem se deixa dirigir por elas, cai no excesso e até mesmo a força que em sua mão poderia fazer o bem se volta sobre ele e o esmaga.

Todas as paixões têm seu princípio num sentimento ou necessidade natural. Portanto, o princípio das paixões não é um mal, uma vez que repousa sobre uma das condições providenciais de nossa existência. A paixão, propriamente dita, conforme habitualmente se entende, é o exagero de uma necessidade ou de um sentimento. Está no excesso e não na causa; e esse excesso torna-se mau quando tem por consequência um mal qualquer.

Toda paixão que aproxima a pessoa da natureza primitiva a afasta de sua natureza espiritual. Todo sentimento que eleva a pessoa acima da natureza primitiva revela a predominância do Espírito sobre a matéria e a aproxima da perfeição.

909. O homem, pelos seus esforços, sempre pode vencer as suas más inclinações?

“Sim, e, frequentemente, fazendo esforços muito insignificantes. O que lhe falta é vontade. Ah, entre vocês, são poucos os que fazem esforços!”

910. O homem pode achar nos Espíritos assistência eficaz para triunfar de suas paixões?

“Se pedir a Deus e ao seu bom guardião, com sinceridade, os bons Espíritos virão certamente em seu auxílio, pois essa é a missão deles.” (Ver questão 459)

911. Há paixões tão fortes e irresistíveis que a vontade não possa dominar?

“Há muitas pessoas que dizem 'eu quero', mas a vontade só está nos lábios. Querem, mais ficam muito satisfeitas que não seja como querem. Quando o homem crê que não pode vencer as suas paixões, é que seu Espírito se agrada delas, em consequência da sua inferioridade. Aquele que procura reprimir suas fraquezas compreende a sua natureza espiritual. Vencê-las, para ele, é uma vitória do Espírito sobre a matéria.”

912. Qual o meio mais eficiente de se combater o predomínio da natureza corpórea?

“Praticar a desambição.”

O EGOÍSMO

913. Dentre os vícios, qual o que podemos considerar pior?

“Já dissemos muitas vezes: o egoísmo. Daí deriva todo mal. Estudem todos os vícios e verão que no fundo de todos há egoísmo. Por mais que lhes dê combate, não chegarão a eliminar os vícios enquanto não atacarem o mal pela raiz, enquanto não destruírem a causa. Então, tenham todos os esforços para esse efeito, pois aí é que está a verdadeira chaga da sociedade. Quem quiser se aproximar da perfeição moral, a partir desta vida, deve limpar o seu coração de todo sentimento egoísta, porque o egoísmo é incompatível com a justiça, o amor e a caridade. Ele neutraliza todas as outras qualidades.”

914. Parece bem difícil eliminar inteiramente o egoísmo do coração se o homem estiver baseado no interesse pessoal; podemos conseguir isso?

“À medida que os homens se instruem acerca das coisas espirituais, dão menos valor às coisas materiais. Depois, é necessário que se reformem as instituições humanas que o tramam e estimulam. Isso depende da educação.”

915. Por ser inerente à espécie humana, o egoísmo não constituirá sempre um obstáculo ao reinado do bem absoluto na Terra?

“É exato que no egoísmo está o maior mal, porém ele se prende à inferioridade dos Espíritos encarnados na Terra e não à Humanidade mesma. Ora, purificando-se por encarnações sucessivas, os Espíritos se limpam do egoísmo, como de suas outras impurezas. Será que não existirá na Terra nenhum homem isento de egoísmo e praticante da caridade? Há muito mais homens assim do que pensam; apenas, não são conhecidos, porque a virtude foge à viva claridade do dia. Desde que haja um, por que não haverá dez? Havendo dez, por que não haverá mil e assim por diante?”

916. Longe de diminuir, o egoísmo cresce com a civilização, que parece até excitá-lo e mantê-lo. Como a causa poderá destruir o efeito?

“Quanto maior é o mal, mais aterrorizante se torna. Era preciso que o egoísmo produzisse muito mal para que se fizesse compreensível a necessidade de extirpá-lo. Quando os homens se depurarem do egoísmo que os domina, viverão como irmãos, sem se fazerem mal algum, auxiliando-se reciprocamente, conduzidos pelo sentimento mútuo da solidariedade. Então, o forte será o amparo e não o opressor do fraco; não mais serão vistos homens a quem falte o indispensável, porque todos praticarão a lei de justiça. Esse o reinado do bem, que os Espíritos estão incumbidos de preparar” (784).

917. Qual o meio de se destruir o egoísmo?

“De todas as imperfeições humanas, o egoísmo é a mais difícil de desenraizar-se porque deriva da influência da matéria, influência de que o homem, ainda muito próximo de sua origem, não pôde libertar-se e para cuja distração tudo disputa: suas leis, sua organização social, sua educação. O egoísmo se enfraquecerá na proporção que a vida moral for predominando sobre a vida material e, sobretudo, com a compreensão que o Espiritismo oferece do estado futuro, real e não desfigurado por ficções simbólicas. Quando, bem compreendido, se houver identificado com os costumes e as crenças, o Espiritismo transformará os hábitos, os usos, as relações sociais. O egoísmo se ajusta na importância da personalidade. Ora, o Espiritismo — bem compreendido, repito — mostra as coisas de tão alto que o sentimento da personalidade desaparece, de certo modo, diante da imensidade. Destruindo essa importância, ou, pelo menos, reduzindo-a as suas legítimas proporções, ele necessariamente combate o egoísmo.

“O choque que o homem experimenta do egoísmo dos outros é o que muitas vezes o faz egoísta, por sentir a necessidade de colocar-se na defensiva. Notando que os outros pensam em si próprios e não nele, eis que ele é levado a ocupar-se consigo mais do que com os outros. Sirva de base às instituições sociais, às relações legais de povo a povo e de homem a homem o princípio da caridade e da fraternidade e cada um pensará menos na sua pessoa, assim veja que outros nela pensaram. Todos experimentarão a influência moralizadora do exemplo e do contato. De acordo com o atual extravasamento de egoísmo, é verdadeiramente necessária uma grande virtude para que alguém renuncie à sua personalidade em proveito dos outros, que, geralmente, absolutamente lhes não agradecem. É principalmente para os que possuem essa virtude que o reino dos céus se acha aberto. A esses, sobretudo, é que está reservada a felicidade dos eleitos, pois em verdade lhes digo que, no dia da justiça, será posto de lado e sofrerá pelo abandono, em que se há de ver, todo aquele que em si somente houver pensado” (785).

Fénelon

Sem dúvida, são feitos louváveis esforços para que a humanidade avance; encorajam-se, estimulam-se, honram-se os bons sentimentos mais do que em qualquer outra época e, entretanto, o verme roedor do egoísmo continua sempre sendo a chaga social. É um mal real que recai sobre todo o mundo, do qual cada um é mais ou menos vítima. É preciso combatê-lo como se combate uma doença epidêmica. Para isso, deve-se proceder à maneira dos médicos: ir à origem. Que se procurem, então, em todas as partes da organização social, desde a família até os povos, desde a cabana até os palácios, todas as causas, todas as influências evidentes ou escondidas que excitam, mantêm e desenvolvem o sentimento do egoísmo; uma vez conhecidas as causas, o remédio se mostrará por si mesmo. Restará somente combatê-las, senão todas de uma vez, pelo menos parcialmente e, pouco a pouco, o veneno será eliminado. A cura poderá ser demorada, porque as causas são numerosas, mas não é impossível. Isso só acontecerá se o mal for atacado pela raiz — ou seja, pela educação; não pela educação que tende a fazer homens instruídos, mas a que tende a fazer homens de bem. Bem entendida, a educação é a chave do progresso moral; quando se conhecerem a arte de manejar as características, o conjunto de qualidades do homem, como se conhece a arte de manejar as inteligências, será possível endireitá-los, como se endireitam plantas novas; mas essa arte exige muito tato, muita experiência e uma profunda observação. É um grave erro acreditar que basta ter o conhecimento da ciência para exercê-la com proveito. Todo aquele que acompanha o filho do rico ou do pobre, desde o nascimento e observa todas as influências más que atuam sobre eles por consequência da fraqueza, do desleixo e da ignorância daqueles que os dirigem, quando, frequentemente, os meios que se utilizam para moralizá-lo falham, não se pode espantar em encontrar no mundo tantos defeitos. Que se faça pela moral tanto quanto se faz pela inteligência e se verá que, se existem naturezas

refratárias, que se recusam a aceitá-las, há, mais do que se pensa, as que exigem apenas uma boa cultura para produzir bons frutos (Veja a questão 872).

O homem deseja ser feliz e esse sentimento é natural; por isso trabalha sem parar para melhorar sua posição na Terra; ele procura a causa de seus males a fim de remediá-los. Quando compreender que o egoísmo é uma dessas causas, responsável pelo orgulho, ambição, cobiça, inveja, ódio, ciúme, que o magoam a cada instante, que provoca a perturbação e as desavenças em todas as relações sociais e destrói a confiança, que o obriga a se manter constantemente na defensiva, e que, enfim, faz do amigo um inimigo, então compreenderá também que esse vício é incompatível com sua própria felicidade e até mesmo com sua própria segurança. E quanto mais sofre com isso, mais sentirá a necessidade de combatê-lo, assim como combate a peste, os animais nocivos e os outros flagelos; ele será levado a agir assim por seu próprio interesse (questão 784).

O egoísmo é a fonte de todos os vícios, assim como a caridade é de todas as virtudes; destruir um e desenvolver o outro, esse deve ser o objetivo de todos os esforços do homem, se quiser assegurar sua felicidade aqui na Terra e, futuramente, no mundo espiritual.

CARACTERÍSTICAS DO HOMEM DE BEM

918. Por quais indícios podemos reconhecer em um homem o progresso real que elevará o seu Espírito na hierarquia espírita?

“O Espírito prova a sua elevação quando todos os atos de sua vida corporal representam a prática da lei de Deus e quando antecipadamente compreende a vida espiritual.”

O verdadeiro homem de bem é o que pratica a lei de justiça, amor e caridade, na sua maior pureza. Se interrogar a própria consciência sobre os atos que praticou, perguntará se não transgrediu essa lei, se não fez o mal, se fez todo bem que podia, se ninguém tem motivos para se queixar dele, enfim se fez aos outros aquilo que desejaria que lhe fizessem.

Possuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem contar com qualquer retribuição, e sacrifica seus interesses à justiça.

É bondoso, humanitário e benevolente para com todos, porque vê irmãos em todos os homens, sem distinção de raças, nem de crenças. Se Deus lhe concedeu o poder e a riqueza, considera essas coisas como um depósito, de que lhe cumpre usar para o bem. Não se envia de delas, por saber que se Deus lhe deu, também lhe pode retirar.

Se a ordem social colocou outros homens sob a sua dependência, trata-os com bondade e complacência, porque são seus iguais perante Deus. Usa da sua autoridade para lhes levantar o moral e não para esmagá-los com o seu orgulho.

É indulgente para com as fraquezas alheias, porque sabe que também precisa da indulgência dos outros e se lembra destas palavras do Cristo: *Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado.*

Não é vingativo, mas a exemplo de Jesus, perdoa as ofensas, para só se lembrar dos benefícios, pois não ignora que, como houver perdoado, assim perdoado será.

Enfim, respeita em seus semelhantes, todos os direitos que as leis da Natureza lhes concedem, como quer que os mesmos direitos lhe sejam respeitados.

CONHECIMENTO DE SI MESMO

919. Qual o meio prático mais eficaz que o homem tem de se melhorar nesta vida e de resistir à atração do mal?

“O que disse um sábio da antiguidade: Conheça a ti mesmo.”⁹³

a) — Conhecemos toda a sabedoria desta máxima, porém a dificuldade está precisamente em cada um conhecer a si mesmo. Qual o meio de consegui-lo?

“Façam o que eu fazia quando vivi na Terra: ao fim do dia, interrogava a minha consciência, revistando tudo que havia feito e perguntava a mim

⁹³ Aforismo normalmente atribuído ao filósofo grego **Sócrates** (470 a. C. - 399 a. C.), embora se saiba que essa máxima já fosse bastante corriqueira na Grécia Antiga, inclusive, tendo sido inscrita no pátio do templo dedicado ao deus Apolo, em Delfos – N. E.

mesmo se não faltei com algum dever, se ninguém teve motivo para se queixar de mim. Foi assim que cheguei a me conhecer e a ver o que em mim precisava de reforma. Aquele que todas as noites recordasse todas as ações que tivesse praticado durante o dia e inquirisse a si mesmo o bem ou o mal que houvera feito, rogando a Deus e ao seu anjo da guarda que o esclarecessem, grande força adquiriria para se aperfeiçoar, porque — acreditem em mim —, Deus o ajudaria. Portanto, dirijam perguntas, cada qual a si mesmo, interroguem sobre o que fazem e com que objetivo procedem em tal ou tal circunstância, sobre se fizeram alguma coisa que reclamariam se fosse feita por outro; sobre se agiram de modo que não teriam coragem de confessar. Perguntem ainda mais: 'Se fosse agradável a Deus chamar-me neste momento, teria que temer o olhar de alguém, ao entrar de novo no mundo dos Espíritos, onde nada pode ser ocultado?'. Examinem o que puderam ter feito contra Deus, depois contra os outros e, finalmente, contra vocês mesmos. As respostas darão, ou o descanso para a consciência, ou a indicação de um mal que precise ser curado.

"O conhecimento de si mesmo é, portanto, a chave do progresso individual. Mas, vocês dirão: como alguém pode julgar a si mesmo? Não está aí a ilusão do amor-próprio para suavizar as faltas e torná-las desculpáveis? O avaro não se considera apenas econômico e previdente; o orgulhoso julga que em si só há dignidade. Isto é muito real, mas há um meio de verificação que não pode iludir a ninguém: quando estiverem indecisos sobre o valor de uma de suas ações, examinem como a qualificariam se fosse praticada por outra pessoa. Se a censurariam em outros, não podem ter por legítima quando forem o seu autor, pois que Deus não usa de duas medidas na aplicação da justiça. Procurem também saber o que os seus semelhantes pensam dela e não desprezem a opinião dos inimigos, pois esses nenhum interesse têm em mascarar a verdade e Deus muitas vezes os coloca ao lado de vocês como um espelho, a fim de que sejam advertidos com mais franqueza do que o faria um amigo. Depois, aquele que se sinta possuído do desejo sério de se melhorar, indague a sua consciência, a fim de extirpar de si os maus pendores, bem como arranca as ervas daninhas do seu jardim; a exemplo do comerciante, façam balancete no seu dia moral para, avaliar suas perdas e seus lucros e asseguramos que a conta destes será mais avultada que a daquelas. Se puder dizer que foi bom o seu dia, poderá dormir em paz e aguardar sem receio o despertar na outra vida.

"Então, formulem em vocês mesmos questões nítidas e precisas e não temam em multiplicá-las. É justo que se gastem alguns minutos para conquistar uma felicidade eterna. Não trabalham todos os dias com o fim de juntar bens que lhes garantam repouso na velhice? Esse não é o objetivo de todos os seus desejos, o fim que faz suportar fadigas e privações temporárias? Pois bem! O que é esse o descanso de alguns dias, turbado sempre pelas enfermidades do corpo, em comparação com o que espera o homem de bem? Não valerá este outro a pena de alguns esforços? Sabemos que há muitos que dizem que o presente é concreto e incerto é o futuro. Ora, esta é exatamente a ideia que estamos encarregados de eliminar do íntimo de vocês, visto que desejamos fazer que compreendam esse futuro, de modo a não restar nenhuma dúvida na alma. Por isso foi que primeiro chamamos a sua atenção por meio de fenômenos capazes de ferir os sentidos e que agora damos instruções, que cada um de vocês se acha encarregado de espalhar. Com este objetivo é que ditamos **O Livro dos Espíritos.**"

Santo Agostinho

Muitas faltas que cometemos passam despercebidas por nós; de fato, seguindo o conselho de Santo Agostinho, se interrogarmos mais frequentemente nossa consciência, veremos quantas vezes falhamos sem perceber, por não examinar a natureza e a motivação de nossos atos. A forma interrogativa tem alguma coisa de mais preciso do que o ensinamento do “conheça a ti mesmo”, que geralmente não se aplica a nós mesmos. Ela exige respostas categóricas, por um sim ou um não, que não deixam alternativa; são igualmente argumentos pessoais, e pela soma das respostas pode-se calcular a soma do bem e do mal que está em nós.

PARTE QUARTA

**DAS ESPERANÇAS E
CONSOLAÇÕES**

DAS PENAS E GOZOS TERRENOS
DAS PENAS E GOZOS FUTUROS

CAPÍTULO I

DAS PENAS E GOZOS TERRENOS

- FELICIDADE E INFELICIDADE RELATIVAS
- PERDA DOS ENTES QUERIDOS
- DECEPÇÕES. INGRATIDÃO. AFEIÇÕES DESTRUÍDAS
- UNIÕES ANTIPÁTICAS
- TEMOR DA MORTE
- DESGOSTO DA VIDA. SUICÍDIO

FELICIDADE E INFELICIDADE RELATIVAS

920. O homem pode gozar de completa felicidade na Terra?

“Não, por isso que a vida lhe foi dada como prova ou expiação. Porém, depende dele suavizar os seus males e ser tão feliz quanto possível na Terra.”

921. Acredita-se que o homem será feliz na Terra quando a Humanidade estiver transformada. Mas, enquanto isso se não verifica, ele poderá conseguir uma felicidade relativa?

“O homem é quase sempre o artesão da sua própria infelicidade. Praticando a lei de Deus, irá se livrar de muitos males e proporcionar a si mesmo uma felicidade tão grande quanto for possível em sua existência grosseira.”

Aquele que se acha bem convencido de seu destino futuro não vê na vida corporal mais do que uma estação temporária, como uma parada momentânea em péssima hospedaria. Facilmente se consola de alguns aborrecimentos passageiros de uma viagem que o levará a tanto melhor posição quanto melhor tenha cuidado dos preparativos para empreendê-la. Já nesta vida, somos punidos pelas infrações que cometemos, das leis que regem a existência corpórea, sofrendo os males consequentes dessas mesmas infrações e dos nossos próprios excessos. Se voltarmos gradativamente à origem do que chamamos as nossas desgraças terrenas, veremos que na maioria dos casos elas são a consequência de um primeiro afastamento nosso do caminho reto. Desviando-nos deste, enveredamos por outro mau e, de consequência em consequência, caímos na desgraça.

922. A felicidade terrena é relativa à posição de cada um. O que basta para a felicidade de um, constitui a desgraça de outro. Contudo, haverá alguma soma de felicidade comum a todos os homens?

“Com relação à vida material, é a posse do necessário. Com relação à vida moral, a consciência tranquila e a fé no futuro.”

923. O que é supérfluo para uns não se torna necessário para outro, e reciprocamente, de acordo com as posições respectivas?

“Sim, de acordo com as ideias materialistas, preconceitos, ambição e às ridículas extravagâncias, a que o futuro fará justiça, quando compreenderem a verdade. Não há dúvida de que aquele que tinha cinquenta mil de renda, vendo-se reduzido a só

ter dez mil, se considera muito desgraçado, por não mais poder fazer a mesma posição, conservar o que chama a seu status, ter cavalos, criados, satisfazer a todas as paixões, etc. Acredita que lhe falta o necessário. Mas, francamente, vocês acham que seja digno de lástima, quando ao seu lado há muitos outros morrendo de fome e frio, sem um abrigo onde repousem a cabeça? O homem sensato, a fim de ser feliz, olha sempre para baixo e não para cima, a não ser para elevar sua alma ao infinito.” (Ver questão 715)

924. Há males que independem da maneira de proceder do homem e que atingem mesmo os mais justos. Há algum meio de evitar esses males?

“Se quer progredir, o homem deve se resignar e sofrer sem murmurar. Contudo, sempre lhe é dado buscar consolação na própria consciência, que lhe proporciona a esperança de melhor futuro — se fizer o que é preciso para obtê-lo.”

925. Por que Deus favorece com os dons da riqueza a certos homens que não parecem tê-los merecido?

“Isso significa um favor aos olhos dos que apenas veem o presente. Mas, fiquem sabendo que a riqueza geralmente é uma prova mais perigosa do que a miséria.” (ver 814 e seguintes)

926. Ao criar novas necessidades, a civilização não é uma fonte de novas aflições?

“Os males deste mundo estão na razão das necessidades fantasiosas que os homens criam. Aquele que sabe restringir seus desejos e olha sem inveja para o que esteja acima de si poupa para si muitos desenganos nesta vida. O que tem menos necessidades é o mais rico.

“Inveja-se os prazeres daqueles que parecem ser os felizes do mundo. Mas porventura vocês sabem o que está reservado para eles? Se os seus deleites são todos pessoais, pertencem eles ao número dos egoístas: o reverso então virá. De preferência, vocês devem lastimá-los. Algumas vezes Deus permite que o homem mau prospere, mas a sua felicidade não é de causar inveja, porque será paga com lágrimas amargas. Quando um justo é infeliz, isso representa uma prova que lhe será levada em conta, se a suportar com coragem. Lembrem-se destas palavras de Jesus: *Bem-aventurados os que sofrem, pois que serão consolados.*”

927. Certamente, o supérfluo não é indispensável à felicidade, mas o mesmo não acontece com o necessário. Não é real a infelicidade daqueles que não têm o necessário?

“O homem só é verdadeiramente infeliz quando sofre da falta do necessário à vida e à saúde do corpo. Todavia, pode acontecer que essa privação seja por sua culpa. Então, só tem que se queixar de si mesmo. Se for ocasionada por outros, a responsabilidade recairá sobre aquele que a causou.”

928. Pela especialidade das aptidões naturais, Deus indica evidentemente nossa vocação neste mundo. Muitos males não surgem por não seguirmos essa vocação?

“De fato, é assim e muitas vezes são os pais que, por orgulho ou avareza, desviam seus filhos da senda que a Natureza lhes traçou, comprometendo-lhes a felicidade, por efeito desse desvio. Responderão por ele.”

a) — Assim, seria justo que o filho de um homem altamente colocado na sociedade fabricasse tamancos, por exemplo, desde que para isso tivesse aptidão?

“Cuidado para não cair no absurdo, nem exagerar em coisa alguma: a civilização tem suas exigências. Por que haveria de fabricar tamancos o filho de

um homem altamente colocado, segundo esse exemplo, se pode fazer outra coisa? Poderá sempre tornar-se útil na medida de suas faculdades, desde que não as aplique às avessas. Assim, por exemplo, em vez de mau advogado, talvez desse bom mecânico, etc.”

O deslocamento dos homens para fora de sua esfera intelectual é certamente uma das causas mais frequentes de suas decepções. A falta de aptidão à carreira abraçada é uma fonte perene de reveses; depois, o orgulho, vindo juntar-se a isso, impede o homem fracassado de procurar recursos numa profissão mais humilde e lhe mostra o suicídio como remédio para escapar do que acredita ser uma humilhação. Se uma educação moral o tivesse elevado acima dos tolos preconceitos do orgulho, ele nunca seria apanhado de surpresa.

929. Há pessoas que, embora reine a abundância ao seu redor, são carentes de todos os recursos e só têm diante de si a perspectiva da morte. Que partido devem tomar? Devem deixar-se morrer de fome?

“Nunca ninguém deve ter a ideia de se deixar morrer de fome. O homem sempre acharia um meio de se alimentar se o orgulho não se colocasse entre a necessidade e o trabalho. Costuma-se dizer: não há ofício desprezível; o seu estado não é o que desonra o homem. Isso, porém, cada um diz para os outros e não para si mesmo.”

930. É evidente que, se não fossem os preconceitos sociais, pelos quais o homem se deixa dominar, ele sempre acharia um trabalho qualquer, que lhe proporcionasse meio de viver, embora deslocando-se da sua posição. Mas, entre os que não têm preconceitos ou os põem de lado, não há pessoas que se veem na impossibilidade de prover às suas necessidades, em consequência de moléstias ou outras causas independentes da vontade delas?

“Numa sociedade organizada segundo a lei do Cristo ninguém deve morrer de fome.”

Com uma organização social criteriosa e previdente, só por culpa sua o necessário pode faltar ao homem. Porém, suas próprias faltas são frequentemente resultado do meio onde se acha colocado. Quando praticar a lei de Deus, terá uma ordem social fundada na justiça e na solidariedade e ele próprio também será melhor. (Questão 793)

931. Por que na sociedade as classes sofredoras são mais numerosas do que as felizes?

“Nenhuma é perfeitamente feliz e o que julgam ser a felicidade muitas vezes oculta irônicas aflições. O sofrimento está por toda parte. Entretanto, para responder ao teu pensamento, direi que as classes a que chama sofredoras são mais numerosas, por a Terra ser um lugar de expiação. Quando a houver transformado em morada do bem e de Espíritos bons, o homem deixará de ser infeliz aí e ela lhe será o paraíso terrestre.”

932. Por que no mundo a influência dos maus geralmente supera a dos bons?

“Por fraqueza dos bons. Os maus são intrigantes e audaciosos, os bons são tímidos. Quando os homens bons quiserem, prevalecerão sobre os demais.”

933. Assim como quase sempre o homem é o causador de seus sofrimentos materiais, também o será de seus sofrimentos morais?

“Mais ainda, porque os sofrimentos materiais algumas vezes independem da vontade; mas, o orgulho ferido, a ambição frustrada, a ansiedade da avareza, a inveja, o ciúme, todas as paixões, numa palavra, são torturas da alma.

“A inveja e o ciúme! Felizes os que desconhecem estes dois vermes roedores! Para aquele atacado pela a inveja e o ciúme, não há calma, nem repouso possíveis. À sua frente se levantam os objetos de sua cobiça, do seu ódio, do seu despeito, como fantasmas que não lhe dão tréguas e o perseguem até durante o sono. O invejoso e o

ciumento vivem ardendo em contínua febre. Essa será uma situação desejável e não compreendem que, com as suas paixões, o homem cria para si mesmo suplícios voluntários, tornando a Terra o verdadeiro inferno para eles?”

Várias expressões refletem energicamente os efeitos de certas paixões; diz-se: estar inchado de orgulho, morrer de inveja, secar de ciúme ou de despeito, por ciúmes perder o apetite, etc.; esse quadro não deixa de ser verdadeiro. Algumas vezes o próprio ciúme não tem objetivo determinado.

Existem pessoas naturalmente ciumentas de tudo que se eleva e sai do comum, mesmo que não tenham nenhum interesse direto nisso, mas unicamente porque não o podem atingir. Tudo o que parece estar acima do horizonte as ofusca, e se estivessem em maioria na sociedade desejariam reconduzir tudo a seu nível. É o ciúme aliado à mediocridade.

O homem é infeliz muitas vezes apenas pela importância que dá às coisas deste mundo; é a vaidade, a ambição e a cobiça frustradas que fazem sua infelicidade. Se ele se coloca acima do círculo estreito da vida material, se eleva seus pensamentos ao infinito, que é a sua destinação, as contingências da humanidade lhe parecem, então, mesquinhas e fúteis, como as tristezas de uma criança que se aflige com a perda de um brinquedo que representava sua felicidade suprema.

Aquele que vê felicidade apenas na satisfação do orgulho e dos apetites grosseiros fica infeliz quando não pode satisfazê-los; no entanto, aquele que não se interessa pelo supérfluo fica feliz com o que tem e que os outros considerariam uma grande desgraça, uma insignificância. Falamos do homem civilizado, porque o selvagem — por ter necessidades mais limitadas — não tem os mesmos motivos de cobiça e de angústias: sua maneira de ver as coisas é completamente diferente. Civilizado, o homem raciocina sobre sua infelicidade e a analisa; é por isso que se sente mais afetado por ela; mas também pode raciocinar e analisar os meios de consolação. Essa consolação está no sentimento cristão, que dá a esperança de um futuro melhor, e no Espiritismo, que dá a certeza desse futuro.

PERDA DOS ENTES QUERIDOS

934. A perda dos entes que nos são caros não é para nós uma causa legítima de dor, tanto mais legítima quanto é irreparável e independente da nossa vontade?

“Essa dor atinge assim o rico como o pobre: representa uma prova ou expiação, e a lei é comum. Porém, vocês têm uma consolação em poderem se comunicar com os seus amigos pelos meios que estão ao seu alcance, enquanto não dispõem de outros mais diretos e mais acessíveis aos seus sentidos.”

935. Que se deve pensar da opinião dos que consideram profanação as comunicações com o além-túmulo?

“Não pode haver profanação nisso quando haja recolhimento e quando a evocação seja praticada com respeito e utilidade. A prova de que é assim está no fato de que os Espíritos que consagram afeição a vocês ajudam aos seus chamados com prazer. Sentem-se felizes por se lembrarem deles e por se comunicarem convosco. Haveria profanação, se isso fosse feito levianamente.”

A possibilidade de nos comunicarmos com os Espíritos é uma consolação muito doce, porque nos proporciona meio de conversarmos com os nossos parentes e amigos, que deixaram a Terra antes de nós. Pela evocação, nos aproximamos deles, que vêm se colocar ao nosso lado, nos ouvem e respondem. Acaba assim, por bem dizer, toda separação entre eles e nós. Auxiliam-nos com seus conselhos, testemunham-nos o afeto que nos guardam e a alegria que experimentam por nos lembrarmos deles. Para nós, é grande a satisfação de vê-los felizes, informar-nos, por seu intermédio, dos pormenores da nova existência a que passaram e adquirir a certeza de que um dia nos iremos a eles juntar.

936. Como é que as dores inconsoláveis dos que sobrevivem se refletem nos Espíritos que as causam?

“O Espírito é sensível à lembrança e às saudades dos que amavam na Terra; mas uma dor incessante e sem razão o toca penosamente, porque, nessa dor excessiva, ele vê falta de fé no futuro e de confiança em Deus e, por conseguinte, um obstáculo ao adiantamento dos que o choram e talvez à sua reunião com estes.”

O Espírito, estando mais feliz no espaço do que na Terra, lamentar que tenha deixado esta vida é lamentar que seja feliz. Dois amigos são prisioneiros e estão encerrados na mesma cela; ambos devem obter a liberdade um dia, mas um deles a obtém antes. Seria caridoso, para aquele que fica, sentir-se infeliz por seu amigo ter sido libertado antes dele? Não seria mais egoísmo do que afeição de sua parte querer que o outro compartilhasse do seu cativeiro e sofrimentos por tanto tempo quanto ele? O mesmo acontece com dois seres que se amam na Terra; aquele que parte é o primeiro a se libertar, e nós devemos felicitá-lo por isso, aguardando com paciência o momento em que lá estaremos por nossa vez.

Sobre este assunto, faremos outra comparação. Temos um amigo numa situação muito lastimável, sua saúde ou seu interesse exige que vá a outro país onde ficará melhor sob todos os aspectos. Momentaneamente, ele não estará mais perto de nós, mas sempre estaremos em comunicação com ele: a separação será apenas material. Ficaremos descontentes com seu afastamento, ainda que seja para seu bem?

Pelas provas evidentes que apresenta da vida futura, da presença ao nosso redor daqueles que amamos e da continuidade de sua afeição e dedicação por nós, pelas relações que nos permitem ter com eles, a Doutrina Espírita nos oferece uma suprema consolação para uma das causas mais legítimas da dor.

Com o Espiritismo não há mais solidão, não há mais abandono; o homem mais isolado tem sempre amigos perto de si com os quais pode se comunicar. Suportamos impacientemente as aflições da vida, e elas nos parecem tão intoleráveis que julgamos não poder suportá-las; entretanto, se as suportarmos com coragem, se soubermos silenciar nossos lamentos, ficaremos felizes com isso quando estivermos fora desta prisão terrestre, como o paciente que sofre fica feliz quando é curado, por ter se submetido a um tratamento doloroso.

DECEPÇÕES. INGRATIDÃO. AFEIÇÕES DESTRUÍDAS

937. Para o homem de coração, as decepções vindas da ingratidão e da fragilidade dos laços da amizade não são também uma fonte de amarguras?

“São, mas vocês podem lastimar os ingratos e os infieis; eles serão muito mais infelizes do que vocês. A ingratidão é filha do egoísmo e o egoísta topará mais tarde com corações insensíveis, como o seu próprio o foi. Lembrem-se de todos os que têm feito mais bem e que valeram muito mais do que vocês e que tiveram como pagamento a ingratidão. Lembrem-se de que o próprio Jesus, quando esteve nesse mundo, foi injuriado e menosprezado, tratado de velhaco e impostor, e não se admirem de que o mesmo lhes aconteça. Seja o bem que tiverem feito a sua recompensa na Terra e não atentem no que dizem os que receberam os seus benefícios. A ingratidão é uma prova para a perseverança na prática do bem; será levada em conta e os que forem ingratos serão tanto mais punidos, quanto maior tenha sido a ingratidão.”

938. As decepções provocadas pela ingratidão não fazem o coração endurecer e se fechar à sensibilidade?

“Isso é um erro, pois, como dizem, o homem de coração se sente sempre feliz pelo bem que faz. Sabe que, se esse bem for esquecido nesta vida, será lembrado em outra e que o ingrato se envergonhará e terá remorsos da sua ingratidão.”

a) — Mas esse pensamento não impede seu coração de ser magoado; portanto, isso não poderia originar a ideia de que seria mais feliz se fosse menos sensível?

“Sim, se preferir a felicidade do egoísta, que é muito triste! Que ele saiba que os amigos ingratos que o abandonam não são dignos de sua amizade e que se enganou sobre eles; portanto, não deve lamentar sua perda. Mais tarde, encontrará outros que o compreenderão melhor. Lamentem aqueles que têm um comportamento ingrato que vocês não mereceram, porque terão amarga recompensa, um triste retorno; e também não se aflijam com isso: é o meio de lhes colocar acima deles.”

A Natureza deu ao homem a necessidade de amar e de ser amado. Um dos maiores prazeres que lhe são concedidos na Terra é o de encontrar corações que com o seu simpatizem. Assim, são os indícios da felicidade que o aguarda no mundo dos Espíritos perfeitos, onde tudo é amor e benignidade. Desse gozo, o egoísta está excluído.

UNIÕES ANTIPÁTICAS

939. Uma vez que os Espíritos simpáticos são induzidos a se unir, como é que entre os encarnados frequentemente só há afeição de um lado e que o mais sincero amor se vê acolhido com indiferença e, até, com repulsão? Como é, além disso, que a mais viva afeição de dois seres pode mudar-se em antipatia e mesmo em ódio?

“Não compreendem então que isso é uma punição, se bem que passageira? Depois, quantos não são os que acreditam amar perdidamente, porque apenas julgam pelas aparências, e que, obrigados a viver com as pessoas amadas, não tardam a reconhecer que só experimentaram um encantamento físico! Não basta uma pessoa estar enamorada de outra que lhe agrada e em quem supõe belas qualidades. Vivendo realmente com ela é que poderá conhecê-la. Tanto assim que, em muitos casamentos — que a princípio parecem destinados a nunca ser simpáticos — acabam os que as constituíram, depois de se haverem estudado bem e de bem se conhecerem, por dedicar-se reciprocamente um amor carinhoso e duradouro, porque se ajusta na estima! É preciso não esquecer que é o Espírito quem ama, e não o corpo, de sorte que, desmascarada a ilusão material, o Espírito vê a realidade.

“Há duas espécies de afeição: a do corpo e a da alma, acontecendo com frequência que uma seja tomada pela outra. Quando pura e simpática, a afeição da alma é duradoura e passageira a do corpo. Daí vem que, muitas vezes, os que julgavam amar-se com eterno amor passam a se odiar, desde que a ilusão se desfaça.”

940. A falta de simpatia entre os seres que têm de viver juntos não é igualmente uma amarga fonte de desgostos e que envenena toda a existência?

“Realmente, muito amarga. Porém, essa é muitas vezes uma das infelicidades de que vocês são a causa principal. Em primeiro lugar, o erro é das leis humanas. Porventura, julgam que Deus te constranja a permanecer junto dos que te desagradam? Depois, nessas uniões, normalmente buscam a satisfação do orgulho e da ambição, mais do que a ventura de uma afeição mútua. Sofrem então as consequências dos seus prejuízos.”

a) — Mas nesse caso, não há quase sempre uma vítima inocente?

“Há, e para ela é uma dura expiação. Mas, a responsabilidade da sua desgraça recairá sobre os que lhe tiverem sido os causadores. Se a luz da verdade já lhe houver penetrado a alma, encontrará consolação em sua fé no futuro. Todavia, à medida que os preconceitos se enfraquecerem, as causas dessas desgraças íntimas também desaparecerão.”

TEMOR DA MORTE

941. Para muitas pessoas, o temor da morte é uma causa de perturbação. Donde lhes vêm esse temor, tendo elas o futuro diante de si?

“É um erro conservarem esse medo. Mas o que querem?! Procura-se convencê-las desde crianças de que existe um inferno e um paraíso, e que é mais certo irem para o inferno, porque lhe dizem que ao agirem de acordo com a natureza cometem um pecado mortal para a alma: então, quando se tornam adultas, se têm algum discernimento, não podem admitir isso, e tornam-se ateus ou materialistas. É assim que se conduzem as pessoas a crer que além da vida presente não há mais nada, e as que persistiram em suas crenças de infância temem esse fogo eterno que deve queimá-las sem destruí-las.

“Entretanto, a morte não inspira nenhum temor ao justo, porque, com a fé, tem

a certeza do futuro; a esperança lhe faz esperar uma vida melhor, e a caridade que praticou lhe dá a certeza de que não encontrará no mundo para onde vai nenhum ser do qual deva temer o olhar.” (Ver questão 730)

O homem carnal tem na Terra — onde está mais preso à vida corpórea do que à vida espiritual — penas e prazeres materiais. Sua felicidade consiste na satisfação fugaz de todos os seus desejos. Sua alma, constantemente preocupada e angustiada pelas vicissitudes da vida, se conserva numa ansiedade e numa tortura perpétuas. A morte o assusta, porque ele duvida do futuro e porque tem de deixar no mundo todas as suas afeições e esperanças. O homem moral — que se colocou acima das necessidades factícias criadas pelas paixões — já neste mundo experimenta gozos que o homem material desconhece. A moderação de seus desejos dá calma e serenidade ao seu Espírito. Ditoso pelo bem que faz, para ele não há decepções e as contrariedades lhe deslizam por sobre a alma, sem nenhuma impressão dolorosa deixarem.

942. Certas pessoas não acharão esses conselhos banais para serem felizes na Terra? Não verão o que chamam de lugares-comuns, verdades repetidas? E não dirão que, definitivamente, o segredo para ser feliz é saber suportar sua infelicidade?

“Há pessoas que dizem isso e em grande número, mas muitas se parecem com certos doentes a quem o médico prescreve a dieta; desejariam curar-se sem remédios e continuando a apanhar indigestões.”

DESGOSTO DA VIDA. SUICÍDIO

943. Onde nasce o desgosto da vida, que se apodera de certos indivíduos sem motivos admissíveis?

“Efeito da desocupação, da falta de fé e, também, da saciedade.

“Para aquele que usa de suas faculdades com objetivo útil e de acordo com as suas aptidões naturais, o trabalho nada tem de árido e a vida flui mais rapidamente. Ele suporta as atribulações com tanto mais paciência e paciência, quanto age com o intuito da felicidade mais sólida e mais durável que o espera.”

944. O homem tem o direito de retirar sua vida?

“Não; esse direito só cabe a Deus. O suicídio voluntário é uma transgressão desta lei.”

a) — O suicídio não é sempre voluntário?

“O louco que se mata não sabe o que faz.”

945. Que devemos pensar do suicídio que tem como causa o desgosto da vida?

“Insensatos! Por que não trabalhavam? A vida não teria sido tão pesada.”

946. E sobre aquele que comete suicídio com objetivo de fugir das misérias e decepções deste mundo?

“Pobres Espíritos, que não têm a coragem de suportar as misérias da existência! Deus ajuda aos que sofrem, e não aos que carecem de energia e de coragem. As dificuldades da vida são provas ou expiações. Felizes os que as suportam sem se queixar, porque serão recompensados! Contudo, ai daqueles que esperam a salvação do que, na sua impiedade, chamam acaso, ou fortuna! De fato, o acaso, ou a fortuna — para me servir da linguagem deles — podem favorecê-los por um momento, mas para mais tarde lhes fazer sentir, cruelmente, o vazio dessas palavras.”

a) — Aqueles que conduzirem o desgraçado a esse ato de desespero sofrerão as consequências de tal ato?

“Ah, infelizes! Responderão por homicídio.”

947. Aquele que está na miséria e se deixa morrer de fome pode ser considerado suicida?

“É um suicida; mas os que o levaram a isso ou que poderiam impedi-lo são mais culpados; a indulgência espera por eles. Entretanto, não acreditem que seja inteiramente absolvido se lhe faltaram firmeza e perseverança e se não usou sua inteligência para superar as dificuldades. Infeliz dele, principalmente se seu desespero se originou do orgulho; quero dizer, se é desses homens a quem o orgulho paralisa os recursos da inteligência, que se envergonham por depender do trabalho de suas mãos e que preferem morrer de fome a renunciar ao que eles chamam de posição social! Não haverá cem vezes mais grandeza e dignidade em lutar contra a adversidade do que enfrentar a crítica de um mundo fútil e egoísta, que tem boa vontade apenas para com aqueles a quem nada falta, e dá as costas quando vocês têm necessidade dele? Sacrificar a vida em consideração a esse mundo é uma coisa estúpida, porque, para esse mundo, isso não tem valor.”

948. O suicídio daquele que procura escapar à vergonha de uma ação má é tão repreovável como o que tem por causa o desespero?

“O suicídio não apaga a falta. Ao contrário, em vez de uma, haverá duas. Quando se teve a coragem de praticar o mal, é preciso ter a de sofrer as consequências. Deus, que julga, pode abrandar os rigores de sua justiça, conforme a causa.”

949. O suicídio pode ser desculpável quando tem por objetivo impedir que a vergonha recaia sobre filhos ou sobre a família?

“O que assim procede não faz bem. Mas, como pensa que o faz, Deus lhe leva isso em conta, pois que é uma expiação que ele se impõe a si mesmo. A intenção lhe suaviza a falta; entretanto, nem por isso deixa de haver falta. Além do mais, eliminem da sua sociedade os abusos e os preconceitos e deixará de haver desses suicídios.”

Aquele que tira a própria vida para escapar da vergonha de uma má ação prova que tem mais estima aos homens do que a Deus, porque vai entrar na vida espiritual carregado de suas maldades, tendo-se privado dos meios de repará-las durante a vida. Porém, sendo a Providência divina mais benévola do que os homens na sua justiça, perdoa pelo arrependimento sincero e leva em conta nossa reparação. Mas o suicídio nada repara.

950. Que pensar daquele que se mata, na esperança de chegar mais depressa a uma vida melhor?

“Outra loucura! Façam o bem e mais certo estarão de chegar lá, pois, matando-se, retarda a sua entrada num mundo melhor e terá que pedir lhe seja permitido voltar, para concluir a vida a que deu fim sob a força de uma ideia falsa. Uma falta — seja qual for — jamais abre o santuário dos eleitos a ninguém.”

951. Às vezes, não é meritório o sacrifício da vida, quando aquele que o faz visa salvar a de outro, ou ser útil aos seus semelhantes?

“Isso é sublime, conforme a intenção, e, em tal caso, o sacrifício da vida não é suicídio. Mas, Deus se opõe a todo sacrifício inútil e não o pode ver de bom gosto se está manchado de orgulho. Só o desinteresse torna meritório o sacrifício e, não raro, quem o faz guarda oculto um pensamento, que lhe diminui o valor aos olhos de Deus.”

Todo sacrifício do homem à custa de sua própria felicidade é um ato soberanamente meritório perante Deus, porque é a prática da lei de caridade. Portanto, sendo a vida o bem terreno ao qual o homem atribui maior apreço, aquele que renuncia a isso pelo bem de seus semelhantes não comete nenhum atentado: é um sacrifício que realiza. Mas, antes de realizá-lo, deve refletir se sua vida não será mais útil que sua morte.

952. O homem que morre vitimado pelo abuso de paixões que sabia apressariam o seu fim, mas às quais não tem mais o poder de resistir por ter se habituado a fazer delas verdadeiras necessidades físicas, comete suicídio?

“É um suicídio moral. Não percebem que nesse caso o homem é duplamente culpado? Há nele então falta de coragem e brutalidade, acrescidas do esquecimento de Deus.”

a) — Este será mais culpado do que aquele que tira a própria vida por desespero?

“É mais culpado, porque tem tempo de refletir sobre o seu suicídio. Naquele que o faz instantaneamente, muitas vezes há uma espécie de alucinação, que tem alguma coisa da loucura. O outro será muito mais punido, por isso que as penas são proporcionadas sempre à consciência que o culpado tem das faltas que comete.”

953. Quando uma pessoa vê diante de si um fim inevitável e horrível, será culpada se abreviar de alguns instantes os seus sofrimentos, apressando voluntariamente sua morte?

“É sempre culpado aquele que não aguarda o término que Deus marcou para sua existência. Aliás, quem poderá estar certo de que um socorro inesperado não venha no último momento, independentemente das aparências?”

a) — Em circunstâncias comuns, entendemos que o suicídio seja condenável; mas, estamos figurando o caso em que a morte é inevitável e em que a vida só é encurtada de alguns instantes...

“Isso é sempre uma falta de resignação e de submissão à vontade do Criador.”

b) — Nesse caso, quais as consequências de tal ato?

“Como sempre, uma expiação proporcional à gravidade da falta, de acordo com as circunstâncias.”

954. Será condenável uma imprudência que compromete a vida sem necessidade?

“Não há culpa se não há intenção ou consciência clara da prática do mal.”

955. Podem ser consideradas suicidas e sofrem as consequências de um suicídio as mulheres que, em certos países, se queimam voluntariamente sobre os corpos dos maridos?

“Obedecem a um preconceito e, muitas vezes, mais pela força do que por vontade. Julgam cumprir um dever e esse não é o caráter do suicídio. Encontram desculpa na nulidade moral que as caracteriza, em a sua maioria, e na ignorância em que se acham. Esses usos bárbaros e estúpidos desaparecem com a vinda da civilização.”⁹⁴

956. Alcançam o fim objetivado aqueles que, não podendo conformar-se com a perda de pessoas que lhes eram caras, se matam na esperança de ir se juntar a elas?

“O resultado é completamente diferente do que esperam: em vez de se unirem às pessoas de sua afeição, afastam-se delas por mais tempo, porque Deus não pode recompensar um ato de covardia e o insulto que é feito ao duvidarem de Sua

⁹⁴ De fato, tal prática é uma barbárie quase desconhecida atualmente — N. E.

Providência. Eles pagarão esse instante de loucura com desgostos maiores que os que acreditam abreviar e não terão mais para recompensá-los a satisfação que esperavam.” (Ver questões 934 e seguintes)

957. Quais as consequências gerais do suicídio para o Espírito?

“As consequências do suicídio são muito diversas. Não há penas determinadas e, em todos os casos, correspondem sempre às causas que o produziram. Contudo, há uma consequência a que o suicida não pode escapar; é o desapontamento. Mas, a sorte não é a mesma para todos; depende das circunstâncias. Alguns expiam a falta imediatamente, outros em nova existência, que será pior do que aquela cujo curso interromperam.”

De fato, a observação mostra que as consequências do suicídio nem sempre são as mesmas; mas existem as que são comuns a todos os casos de morte violenta, pela interrupção brusca da vida.

Primeiramente há a persistência mais prolongada e insistente do laço que une o Espírito ao corpo, porque esse laço está quase sempre na plenitude de sua força no momento em que é quebrado, enquanto na morte natural ele se enfraqueceu gradualmente, e muitas vezes se rompe antes que a vida seja completamente extinta. As consequências dessa situação são o prolongamento da perturbação espiritual e a ilusão que, durante certo tempo mais ou menos longo, faz o Espírito acreditar que ainda está entre os vivos (Veja as questões 155 e 165).

A afinidade que persiste entre o Espírito e o corpo produz em alguns suicidas uma espécie de repercussão do estado do corpo sobre o Espírito, que, por isso, sente o desprazer dos efeitos da decomposição do corpo e passa por uma sensação chela de angústias e de horror, e esse estado pode persistir tanto tempo quanto devia durar a vida que eles interromperam. Esse efeito não é geral; mas, em nenhum caso, o suicida está livre das consequências de sua falta de coragem e, cedo ou tarde, reparará sua falta de uma maneira ou de outra. É assim que alguns Espíritos, que haviam sido infelizes na Terra, disseram ser suicidas na existência anterior e se submeteram voluntariamente a novas provas para tentar suportá-las com mais resignação. Em outros há uma espécie de ligação à matéria, da qual procuram em vão se desapegar para atingir mundos melhores, mas cujo acesso lhes é proibido. Na maioria, é o remorso por terem feito uma coisa inútil, uma vez que só colheram decepção. A religião, a moral e todas as filosofias condenam o suicídio como algo contrário à lei da natureza; todos nos dizem, em princípio, que ninguém tem o direito de abreviar voluntariamente sua vida; mas por que não se tem esse direito? Por que não se é livre para colocar um fim aos seus sofrimentos? Estava reservado ao Espiritismo demonstrar, pelo exemplo daqueles que o praticaram, que não é apenas um erro como infração a uma lei moral, consideração que pouco importa para certos indivíduos, mas que também é um ato estúpido, uma vez que, ao contrário do que pensam, nada ganha quem o pratica. O Espiritismo nos ensina isso não de forma teórica, mas pelos fatos que coloca diante de nossos olhos.

CAPÍTULO II

DAS PENAS E GOZOS FUTUROS

- O NADA. VIDA FUTURA
- INTUIÇÃO DAS PENAS E GOZOS FUTUROS
- INTERVENÇÃO DE DEUS NAS PENAS E RECOMPENSAS
- NATUREZA DAS PENAS E GOZOS FUTUROS
- PENAS TEMPORAIS
- EXPIAÇÃO E ARREPENDIMENTO
- DURAÇÃO DAS PENAS FUTURAS
- RESSURREIÇÃO DA CARNE
- PARAÍSO, INFERNO E PURGATÓRIO

O NADA. VIDA FUTURA

958. Por que o homem tem instintivamente horror ao nada?

“Porque o nada não existe.”

959. Onde nasce para o homem o sentimento instintivo da vida futura?

“Já temos dito: antes de encarnar, o Espírito conhecia todas essas coisas e a alma conserva vaga lembrança do que sabe e do que viu no estado espiritual.” (Ver questão 393)

Em todos os tempos, o homem se preocupou com seu futuro após a morte, e isso é bastante natural. Qualquer que seja a importância que dê à vida presente, não pode deixar de considerar o quanto a vida é curta e, acima de tudo, precária, porque pode ser cortada a qualquer instante, e o homem nunca está seguro do dia de amanhã. Que será dele após o instante fatal? A questão é grave, porque não se trata de alguns anos, e sim da eternidade. Uma pessoa que deve passar longos anos num país estrangeiro se preocupa com a situação com que se defrontará. Portanto, como não nos devemos preocupar com a vida que teremos ao deixar este mundo, uma vez que é para sempre?

A ideia do nada tem algo contrário à razão. O homem que foi o mais despreocupado durante a vida, quando chega o momento supremo, pergunta-se em que vai se tornar e, involuntariamente, fica esperançoso.

Acreditar em Deus sem admitir a vida futura seria um contrassenso. O sentimento de uma existência melhor está no íntimo de cada homem; Deus não o colocou aí em vão. A vida futura significa a conservação de nossa individualidade após a morte; o que nos importaria, de fato, sobreviver ao nosso corpo, se nossa essência moral tivesse de se perder no oceano do infinito? As consequências para nós seriam as mesmas que sumir no nada.

INTUIÇÃO DAS PENAS E GOZOS FUTUROS

960. Onde vem a crença da existência de penas e recompensas futuras, que encontramos em todos os povos?

“É sempre a mesma coisa: pressentimento da realidade, trazido ao homem pelo

Espírito nele encarnado. Saibam bem, pois, não é em vão que uma voz interior fala a vocês. O erro consiste em não prestarem bastante atenção. Se pensassem nisso o bastante, vocês se tornariam melhores.”

961. Qual o sentimento que domina a maioria dos homens no momento da morte: a dúvida, o temor, ou a esperança?

“Nos descrentes endurecidos é a dúvida; nos culpados é o temor; nos homens de bem é a esperança.”

962. Como pode haver descrentes, uma vez que a alma traz ao homem o sentimento das coisas espirituais?

“Eles são em número muito menor do que se julga. Muitos se fazem de espíritos fortes durante a vida, somente por orgulho. Mas no momento da morte, deixam de ser tão fanfarrões.”

A responsabilidade dos nossos atos é a consequência da realidade da vida futura. A razão e a justiça nos dizem que, na partilha da felicidade a que todos ambicionam, não podem estar confundidos os bons e os maus. Não é possível que Deus queira que uns gozem de bens sem trabalho, que outros só alcançam com esforço e perseverança. A ideia que Deus nos dá de sua justiça e de sua bondade, mediante a sabedoria de suas leis, não nos permite acreditar que o justo e o mau estejam na mesma categoria a seus olhos, nem duvidar de que recebam, algum dia, um a recompensa, o castigo o outro, pelo bem ou pelo mal que tenham feito. Por isso é que o sentimento inato que temos da justiça nos dá a intuição das penas e recompensas futuras.

INTERVENÇÃO DE DEUS NAS PENAS E RECOMPENSAS

963. Deus se ocupa pessoalmente com cada homem? Ele não é muito grande e nós muito pequeninos para que cada indivíduo em particular tenha alguma importância a Seus olhos?

“Deus se ocupa com todos os seres que criou, por mais pequeninos que sejam. Para a sua bondade, nada é sem valor.”

964. Mas, será necessário que Deus preste atenção em cada um dos nossos atos, para nos recompensar ou punir? Esses atos, na sua maioria, não são insignificantes para Ele?

“Deus tem suas leis, que regem todas as ações de vocês. Se violarem, a culpa é de vocês. Inegavelmente, quando um homem comete um excesso qualquer, Deus não profere um julgamento contra ele, dizendo-lhe, por exemplo: 'Foste guloso, vou te punir'. Ele traçou um limite; as enfermidades e, muitas vezes, a morte são a consequência dos excessos. Eis aí a punição; é o resultado da infração da lei. Assim em tudo.”

Todas as nossas ações estão submetidas às leis de Deus; não há nenhuma, por mais insignificante que pareça, que não possa ser uma violação. Ao sofrermos as consequências dessa violação, não devemos nos queixar senão de nós mesmos, que então nos fazemos os próprios autores de nossa felicidade ou infelicidade futura.

Essa verdade torna-se clara pelo seguinte exemplo: “Um pai dá a seu filho educação e instrução, ou seja, os meios de saber se conduzir. Dá a ele também um campo para cultivar e diz: ‘Eis a regra a seguir e todos os instrumentos necessários para tornar este campo fértil e assegurar tua existência. Eu te dei a instrução para compreender esta regra; se a seguires, teu campo produzirá muito e te proporcionará o repouso para teus dias de velhice; caso contrário, não produzirá nada e morrerás de fome’. Dito isso, deixa-o agir por sua vontade livremente.

Não é verdade que esse campo produzirá de acordo com os cuidados dados à cultura e toda negligência será em prejuízo da colheita? Portanto, em sua velhice, o filho será feliz ou infeliz conforme tenha seguido ou não a regra traçada por seu pai. Deus é ainda mais providente, porque nos adverte a cada instante se fazemos o bem ou o mal. Envia os Espíritos para nos inspirar, mas nós não os escutamos.

Existe ainda a diferença de que Deus sempre dá ao homem um recurso nas suas novas existências para reparar seus erros passados, enquanto o filho de quem falamos não conta mais com isso se empregou mal seu tempo.

NATUREZA DAS PENAS E GOZOS FUTUROS

965. Têm alguma coisa de material as penas e recompensas da alma após a morte?

“Não podem ser materiais, como diz o bom-senso, pois que a alma não é matéria. Essas penas e essas recompensas nada têm de carnal; entretanto, são mil vezes mais vivos do que os que vocês experimentam na Terra, porque o Espírito, uma vez liberto, é mais impressionável. Então, já a matéria não atrapalha as suas sensações.” (Ver 237 a 257)

966. Por que o homem às vezes faz uma ideia tão grosseira e absurda das penas e gozos da vida futura?

“Inteligência que ainda se não desenvolveu o bastante. A criança compreende as coisas como o adulto? Isso, ao demais, depende também do que lhe foi ensinado: aí é que há necessidade de uma reforma.

“A linguagem humana é muitíssimo incompleta para exprimir o que está fora de vocês. Teve-se então que recorrer a comparações e tomaram como realidade as imagens e figuras que serviram para essas comparações. Entretanto, à medida que o homem se instrui, melhor vai compreendendo o que a sua linguagem não pode explicar.”

967. Como é a felicidade dos bons Espíritos?

“É conhecer todas as coisas; não sentir ódio, nem ciúme, nem inveja, nem ambição, nem qualquer das paixões que ocasionam a desgraça dos homens. O amor que os une é a fonte de suprema felicidade para eles. Não experimentam as necessidades, nem os sofrimentos, nem as angústias da vida material. São felizes pelo bem que fazem. Contudo, a felicidade dos Espíritos é proporcional à elevação de cada um. É certo que somente os Espíritos puros desfrutam da felicidade suprema, mas nem todos os outros são infelizes. Entre os maus e os perfeitos há uma infinidade de graus em que os prazeres são relativos ao estado moral. Os que já estão bastante adiantados compreendem a ventura dos que os precederam e almejam alcançá-la. Mas, esta aspiração lhes constitui uma causa de conexão, não de ciúme. Sabem que depende deles consegui-la e para a conseguirem trabalham, porém com a calma da consciência tranquila e se consideram felizes por não terem que sofrer aquilo que os maus sofrem.”

968. Entre as condições da felicidade dos bons Espíritos, foi citada a ausência das necessidades materiais. Mas a satisfação dessas necessidades não representa para o homem uma fonte de prazeres?

“Sim, um prazer selvagem. Quando não podem satisfazer a essas necessidades, passam por uma tortura.”

969. Que se deve entender quando é dito que os Espíritos puros se acham reunidos nos braços de Deus e ocupados em lhe cantar louvores?

“É uma alegoria indicativa da inteligência que eles têm das perfeições de Deus, porque o veem e compreendem, mas que, como muitas outras, não se deve tomar ao pé da letra. Desde o grão de areia, tudo na Natureza canta, isto é, proclama o poder, a sabedoria e a bondade de Deus. Todavia, não creiam que os Espíritos bem-aventurados estejam em contemplação por toda a eternidade. Seria uma bem-aventurança estúpida e monótona. Além disso, seria a felicidade do egoísta, pois a existência deles seria uma inutilidade sem fim. Estão isentos das tribulações da vida corpórea: já é uma recompensa. Depois, como dissemos, conhecem e sabem todas as coisas; dão emprego útil à inteligência que adquiriram, auxiliando os progressos dos outros Espíritos. Essa é a sua ocupação, o que ao mesmo tempo é um deleite.”

970. Em que consistem os sofrimentos dos Espíritos inferiores?

“São tão variados como as causas que os determinam e proporcionados ao grau de inferioridade, como são os gozos ao de superioridade. Podem resumir-se assim: invejar o que falta para ser feliz e não obter; ver a felicidade e não poder alcançá-la; pesar, ciúme, raiva, desespero, motivados pelo que impede o Espírito de ser ditoso; remorso, ansiedade moral indefinível. Os Espíritos desejam todas as alegrias e não podem satisfazer seus desejos: eis o que tortura os inferiores.”

971. É sempre boa a influência que os Espíritos exercem uns sobre os outros?

“Está claro que sempre boa é da parte dos bons Espíritos. Já os Espíritos perversos, esses procuram desviar da senda do bem e do arrependimento os que lhes parecem capazes de se deixarem levar e que são, muitas vezes, os que eles mesmos arrastaram ao mal durante a vida terrena.”

a) — Assim, a morte não nos livra da tentação?

“Não, mas a ação dos maus Espíritos é sempre menor sobre os outros Espíritos do que sobre os homens, porque falta neles o auxílio das paixões materiais.” (Ver 996)

972. Como os Espíritos maus procedem para tentar os outros Espíritos, não podendo jogar com as paixões?

“As paixões não existem materialmente, mas existem no pensamento dos Espíritos atrasados. Os maus dão pasto a esses pensamentos, conduzindo suas vítimas aos lugares onde se lhes ofereça o espetáculo daquelas paixões e de tudo o que as possa excitar.”

a) — Mas, de que servem essas paixões, se já não têm objeto real?

“É nisso precisamente que está o seu suplício: o avaro vê ouro que lhe não é dado possuir; o sensualista vê orgias em que não pode participar; o orgulhoso vê honras que lhe causam inveja e de que não pode gozar.”

973. Quais os sofrimentos maiores a que os Espíritos maus se veem sujeitos?

“Não há descrição possível das torturas morais que constituem a punição de certos crimes. Mesmo aquele que sofre delas teria dificuldade em dar uma ideia. Porém, sem dúvida que a mais horrível consiste em pensarem que estão condenados sem perdão.”

O homem faz dos desgostos e dos prazeres da alma após a morte uma ideia mais ou menos elevada, de acordo com sua inteligência, que, quanto mais desenvolvida for, mais essa ideia se depura e mais se desprende da matéria; compreende as coisas sob um ponto de vista mais racional, em vez de tomar ao pé da letra imagens de uma linguagem figurada. A razão mais esclarecida, ao nos ensinar que a alma é um ser todo espiritual, nos diz, por isso mesmo, que ela não pode ser afetada pelas impressões que agem sobre a matéria — embora não esteja livre de sofrimentos nem de receber a punição de suas faltas (veja a questão 237). As comunicações espíritas têm o propósito de nos mostrar o estado futuro da alma, não como uma teoria, mas como uma realidade, ao colocar sob nossos olhos todas as ocorrências da vida após a morte, mostrando-as ao mesmo tempo como consequências perfeitamente lógicas da vida terrestre. E embora livre das ideias fantasiosas criadas pela imaginação dos homens, essas consequências não são menos angustiantes para aqueles que fizeram um mau uso de suas vontades e aptidões. A diversidade dessas consequências é infinita, mas, de modo geral, podemos dizer: cada um é corrigido pelas faltas que cometeu. É assim que uns são punidos pela visão incessante do mal que fizeram; outros, pelos desgostos, o medo, a vergonha, a dúvida, o isolamento, as trevas e pela separação dos seres que lhe são queridos, etc.

974. De onde vem a doutrina do fogo eterno?

“Figura de linguagem, semelhante a tantas outras, tomada como realidade.”

a) — Mas, o temor desse fogo não produzirá bom resultado?

“Vejam se serve de freio, mesmo entre os que o ensinam. Se ensinarem coisas que mais tarde a razão venha a rejeitar, causariam uma impressão que não será duradoura, nem saudável.”

Impotente com sua linguagem para definir a natureza daqueles sofrimentos, o homem não encontrou comparação mais enérgica do que a do fogo, pois, para ele, o fogo é o tipo do mais cruel suplício e o símbolo da ação mais violenta. Por isso é que a crença no fogo eterno data da mais distante antiguidade, tendo-a os povos modernos herdado dos mais antigos. Por isso também é que o homem diz, em sua linguagem figurada: o fogo das paixões; abrasar de amor, de ciúme, etc.

975. Os Espíritos inferiores compreendem a felicidade do justo?

“Sim, e isso é um suplício para eles, porque compreendem que estão privados dela pela própria culpa. Daí resulta que o Espírito, liberto da matéria, anseia à nova vida corporal, pois que cada existência — se for bem empregada, abrevia um tanto a duração desse suplício. É então que procede à escolha das provas por meio das quais possa expiar suas faltas. Porque, fiquem sabendo, o Espírito sofre por todo o mal que praticou, ou de que foi causa voluntária, por todo o bem que podia fazer e não fez e por todo o mal que decorra de não haver feito o bem.

“Para o Espírito errante, já não há véus. Ele se acha como que saído de um nevoeiro e vê o que o distancia da felicidade. Mais sofre então, porque compreende quanto foi culpado. Não tem mais ilusões: vê as coisas na sua realidade.”

No mundo espiritual, o Espírito toma conhecimento, por um lado, de todas as suas existências passadas e, por outro, vê o futuro prometido e avalia o que falta para atingi-lo. Como um viajante que chega ao alto de uma montanha, vê o caminho já percorrido e o que falta percorrer para atingir seu objetivo.

976. Os bons Espíritos se afligem e sofrem ao ver a situação dos maus e, nesse caso, como fica se sua felicidade for perturbada?

“Não é motivo de aflição, pois que sabem que o mal terá fim. Auxiliam os outros a se melhorarem e lhes estendem as mãos. Essa é a ocupação deles, ocupação que lhes proporciona alegrias quando são bem-sucedidos.”

a) — Isto se entende da parte de Espíritos estranhos ou indiferentes. Mas o espetáculo das tristezas e dos sofrimentos daqueles a quem amaram na Terra não lhes perturba a felicidade?

“Como já dissemos, os Espíritos veem o que querem, e porque não lhes são estranhos é que veem e se importam com os seus sofrimentos depois da morte. Porém, consideram essas aflições sob outro ponto de vista, porque sabem que esse sofrimento é útil ao adiantamento se o suportarem sem lamentações. Mas se afligem muito mais com a falta de coragem do que com os sofrimentos que sabem ser apenas passageiros.”

977. Como os Espíritos não podem esconder os pensamentos uns dos outros e como todos os atos da vida são expostos, significa que aquele que é culpado esteja sempre na presença de sua vítima?

“Não pode ser de outro modo, assim diz o bom-senso.”

a) — Essa divulgação de todos os nossos atos reprováveis e a presença constante dos que foram vítimas deles será um castigo para o culpado?

“Maior do que se pensa, mas tão somente até que o culpado tenha expiado suas faltas — seja como Espírito, seja como homem, em novas existências corpóreas.”

Quando nos achamos no mundo dos Espíritos, estando aberto todo o nosso passado, o bem e o mal que fizemos serão igualmente conhecidos. Aquele que praticou o mal em vão tentará escapar ao olhar de suas vítimas: a presença inevitável destas lhe será um castigo e um remorso incessante, até que expie seus erros, ao passo que o homem de bem por toda parte só encontrará olhares amigos e benevolentes.

Para o mau, não há maior tormento na Terra do que a presença de suas vítimas, razão pela qual as evita continuamente. Que será quando compreender o mal que fez, retirada a ilusão das paixões, observar os seus atos mais secretos revelados, a sua hipocrisia desmascarada e não puder se retirar da vista delas? Enquanto a alma do homem perverso é presa da vergonha, do pesar e do remorso, a do justo goza perfeita serenidade.

978. A lembrança das faltas cometidas pela alma, quando era imperfeita, não perturba a sua felicidade, mesmo depois de se haver purificado?

“Não, porque resgatou suas faltas e saiu vitoriosa das provas a que se submetera para esse fim.”

979. Para a alma, as provas que ainda tenha de passar para acabar a sua purificação não serão causa de penosa apreensão a alterar sua felicidade?

“São sim, para a alma ainda manchada. Daí vem que ela não pode gozar de felicidade perfeita, senão quando esteja completamente pura. Entretanto, para aquela que já se elevou, nada tem de penoso pensar nas provas que ainda tenha de sofrer.”

A alma que chegou a certo grau de pureza goza da felicidade e um sentimento de grata satisfação a domina. Sente-se feliz por tudo o que vê, por tudo o que a cerca. O véu que encobria os mistérios e as maravilhas da Criação e as perfeições divinas em todo o esplendor lhe aparecem, enfim, se levantará.

980. O laço de simpatia que une os Espíritos da mesma ordem constitui para eles uma fonte de felicidade?

“A união dos Espíritos que simpatizam com o bem é, para eles, um dos maiores prazeres, porque não temem ver essa união perturbada pelo egoísmo. Eles formam, no mundo espiritual, famílias com o mesmo sentimento, e nisso consiste a felicidade espiritual, assim como na Terra vocês se ajuntam por categorias e sentem prazer quando estão reunidos. A afeição pura e sincera que sentem e da qual são os agentes é uma fonte de felicidade, porque lá não há falsos amigos nem hipócritas.”

O homem goza na Terra dos primeiros frutos dessa felicidade, quando se deparam com almas com as quais pode se ajuntar numa união pura e santa. Em uma vida mais purificada, esse prazer será incomparável e sem limites, pois aí ele só encontrará almas simpáticas, que o egoísmo não tornará frias. Porque na Natureza, tudo é amor: o egoísmo é que o mata.

981. Com relação ao estado futuro do Espírito, haverá diferença entre um que, em vida, teme a morte, e outro, que a encara com indiferença e até com alegria?

“A diferença pode ser muito grande. Entretanto, com frequência acaba diante das causas determinantes desse temor ou desse desejo. Tanto quem a teme quanto, quem a deseja pode estar movido por sentimentos muito diferentes, e são esses sentimentos que influem na condição do Espírito. É evidente, por exemplo, naquele que deseja a morte unicamente por que vê nela o fim de suas aflições, revelar-se uma espécie de revolta contra a Providência e contra as provas que deve suportar.”

982. Será necessário professar o Espiritismo e crer nas manifestações espíritas para assegurar a sorte na vida futura?

“Se assim fosse, todos os que não acreditam ou que não tiveram oportunidade de se esclarecer estariam deserdados — o que seria absurdo. Só o bem assegura a sorte futura. Ora, o bem é sempre o bem, qualquer que seja o caminho que a ele conduza.” (Ver 165 a 799)

A crença no Espiritismo ajuda o homem a se melhorar, firmando-lhe as ideias sobre certos pontos do futuro; apressa o adiantamento dos indivíduos e das massas, porque faculta nos inteiremos do que seremos um dia. É um ponto de apoio, uma luz que nos guia. O Espiritismo ensina o homem a suportar as provas com paciência e resignação; afasta-o dos atos que possam retardar sua felicidade, mas ninguém diz que sem ele não possa conseguí-la.

PENAS TEMPORAIS

983. O Espírito que expia suas faltas em nova existência não experimenta sofrimentos materiais? Será certo dizer que, depois da morte, só há para a alma sofrimentos morais?

“É bem verdade que, quando a alma está reencarnada, as aflições da vida são um sofrimento; mas só o corpo sofre materialmente.

“Com frequência, dizem de alguém que morreu que este deixou de sofrer. Mas nem sempre isto é a realidade. Como Espírito, está salvo de dores físicas, todavia, pode estar sujeito a dores morais mais agudas e pode vir a ser ainda mais desgraçado em nova existência, dependendo das faltas que tenha cometido. O rico mau terá que pedir esmola e sofrerá todas as privações próprias da miséria; o orgulhoso, com todas as humilhações: o que abusa de sua autoridade e trata com desprezo e dureza os seus subordinados se verá forçado a obedecer a um superior mais ríspido do que ele o foi. Todas as penas e tribulações da vida são expiação das faltas de outra existência, quando não a consequência das da vida atual. Vocês compreenderão bem isso logo que saírem da vida material. (ver 273, 393 e 399)

“O homem que se considera feliz na Terra — onde pode satisfazer às suas paixões — é o que emprega menos esforços para se melhorar. Muitas vezes começa a sua expiação já nessa mesma vida de frágil felicidade, mas certamente expiará noutra existência tão material quanto aquela.”

984. As dificuldades da vida são sempre a punição das faltas atuais?

“Já dissemos que não: são provas impostas por Deus, ou que vocês mesmos escolheram como Espíritos, antes de encarnarem, para reparação das faltas cometidas em outra existência, porque as infrações das leis de Deus e, sobretudo, da lei de justiça jamais ficam impunes; se não forem punidas nesta existência, serão necessariamente noutra. Eis por que um, que lhes parece justo, muitas vezes sofre. É a punição do seu passado.” (Questão 393)

985. A reencarnação da alma em um mundo menos grosseiro é uma recompensa?

“É a consequência de sua melhora, pois, à medida que vão se depurando, os Espíritos passam a encarnar em mundos cada vez mais perfeitos, até que se tenham desprendido totalmente da matéria e lavado de todas as impurezas, para gozarem eternamente da felicidade dos Espíritos puros, no seio de Deus.”

Nos mundos onde a existência é menos material do que neste, as necessidades são menos grosseiras e os sofrimentos físicos são menos agudos. Lá, os homens desconhecem os vícios, que nos mundos inferiores os fazem inimigos uns dos outros. Não tendo nenhum motivo de ódio ou de ciúme, vivem em paz, porque praticam a lei de justiça, amor e caridade. Não conhecem os aborrecimentos e cuidados que nascem da inveja, do orgulho e do egoísmo, causas do tormento da nossa existência terrestre (ver 172 a 182).

986. O Espírito que progrediu em sua existência terrena pode reencarnar alguma vez no mesmo mundo?

“Sim; desde que não tenha completado a sua missão, ele próprio pode pedir que lhe seja permitido concluí-la em nova existência. Mas, então, já não está sujeito a uma expiação.” (Questão 173)

987. O que acontece ao homem que, não fazendo o mal, também nada faz para libertar-se da influência da matéria?

“Por não dar nenhum passo para a perfeição, tem que recomeçar uma existência de natureza idêntica à anterior. Fica estacionário, podendo assim prolongar os sofrimentos da expiação.”

988. Existem pessoas cuja vida flui numa calma perfeita; que, não tendo necessidade de fazer nada por si mesmas, são livres de preocupações. Essa existência feliz é uma prova de que não têm nada para reparar de uma existência anterior?

“Conhecem muito bem essas pessoas? Enganam-se se pensam que as conhecem. Quase sempre a calma é apenas aparente. Talvez elas tenham escolhido tal existência, mas, quando a deixam, percebem que não lhes serviu para progredirem e então, como o preguiçoso, lamentam o tempo perdido. Saibam que o Espírito não pode adquirir conhecimentos e se elevar senão exercendo a sua atividade. Se adormece na indolência, não se adianta. Assemelha-se a um que — segundo os humanos — precisa trabalhar e que vai passear ou deitar-se, com a intenção de nada fazer. Saibam também que cada um terá que dar contas da inutilidade voluntária da sua existência, inutilidade sempre fatal à felicidade futura. Para cada um, o total dessa felicidade futura corresponde à soma do bem que tenha feito, estando o da infelicidade na proporção do mal que haja praticado e daqueles a quem haja desgraçado.”

989. Há pessoas que, se bem não sejam positivamente más, pelas suas características, tornam todos os que as cercam infelizes. Que consequências terão disso?

“Inquestionavelmente, essas pessoas não são boas. Expiarão suas faltas, tendo sempre diante da vista aqueles a quem infelicitaram, isso valerá para elas como uma reprovação. Depois, noutra existência, sofrerão o que fizeram sofrer.”

EXPIAÇÃO E ARREPENDIMENTO

990. O arrependimento se dá no estado corporal ou no estado espiritual?

“No estado espiritual; mas, também pode ocorrer no estado corporal, quando bem compreenderem a diferença entre o bem e o mal.”

991. Qual a consequência do arrependimento no estado espiritual?

“O arrependido deseja uma nova encarnação para se purificar. O Espírito compreende as imperfeições que o privam de ser feliz e por isso almeja a uma nova existência em que possa reparar suas faltas.” (332 e 975)

992. Que consequência o arrependimento no estado corporal produz?

“Fazer que o Espírito progrida já na vida atual, se tiver tempo de reparar suas faltas. Quando a consciência o critica e lhe mostra uma imperfeição, o homem pode sempre melhorar-se.”

993. Não há homens que têm só o instinto do mal e são inacessíveis ao arrependimento?

“Já dissemos que todo Espírito tem que progredir incessantemente. Aquele que nesta vida só tem o instinto do mal terá noutra o instinto do bem e é para isso que renasce muitas vezes, pois preciso é que todos progridam e atinjam a meta. A diferença está somente em que uns gastam mais tempo do que outros, porque assim o querem. Aquele, que só tem o instinto do bem, já se purificou, visto que talvez tenha tido o do mal em anterior existência.” (804)

994. O homem perverso, que não reconheceu suas faltas durante a vida, sempre as reconhece depois da morte?

“Sempre as reconhece e então sofre mais, porque sente em si todo o mal que praticou, ou de que foi voluntariamente causa. Contudo, o arrependimento nem sempre é imediato. Há Espíritos que se acirram em permanecer no mau caminho, apesar dos sofrimentos que passam. Porém, cedo ou tarde, reconhecerão o caminho errado que tomaram e o arrependimento virá. Os bons Espíritos trabalham para esse esclarecimento e vocês também podem trabalhar.”

995. Haverá Espíritos que, sem serem maus, se conservem indiferentes à sua sorte?

“Há Espíritos que não se ocupam de coisa alguma útil; estão na expectativa. Mas, nesse caso, sofrem proporcionalmente. Devendo em tudo haver progresso, neles o progresso se manifesta pela dor.”

a) — Esses Espíritos não desejam abreviar seus sofrimentos?

“Sem dúvida que desejam, mas falta-lhes energia bastante para quererem o que pode aliviá-los. Quantos indivíduos se contam entre vocês que preferem morrer de miséria a trabalhar?”

996. Pois que os Espíritos veem o mal que lhes resulta de suas imperfeições, como se explica que haja os que agravam suas situações e prolongam o estado de inferioridade em que se encontram fazendo o mal, como Espíritos, afastando os homens do bom caminho?

“Assim procedem aquele de arrependimento tardio. Pode também acontecer que, depois de ter se arrependido, o Espírito se deixe arrastar de novo para o caminho do mal, por outros Espíritos ainda mais atrasados.” (Ver 971)

997. Vemos Espíritos de notória inferioridade acessíveis aos bons sentimentos e sensíveis às preces que se fazem por eles. Como se explica que outros Espíritos, aparentemente mais esclarecidos, revelem um endurecimento e um cinismo, dos quais não consegue triunfar coisa alguma?

“A prece só tem efeito sobre o Espírito que se arrepende. Com relação aos que se revoltam contra Deus e persistem nos seus desvios, movidos pelo orgulho, chegando mesmo a exagerá-los, como o fazem alguns desgraçados Espíritos, a prece nada pode e nada poderá, senão no dia em que um clarão de arrependimento se produza neles.” (Ver 664)

Não devemos perder de vista que o Espírito não se transforma subitamente após a morte do corpo. Se teve uma vida condenável, é porque era imperfeito. Ora, a morte não o torna imediatamente perfeito. Portanto, ele pode persistir em seus erros, em suas falsas opiniões, em seus preconceitos, até que se haja esclarecido pelo estudo, pela reflexão e pelo sofrimento.

998. A expiação se cumpre no estado corporal ou no estado espiritual?

“A expiação se cumpre durante a existência corporal, mediante as provas a que o Espírito se acha submetido e, na vida espiritual, pelos sofrimentos morais, inerentes ao estado de inferioridade do Espírito.”

999. Basta o arrependimento durante a vida para que as faltas do Espírito se apaguem e ele ache graça diante de Deus?

“O arrependimento contribui para a melhoria do Espírito, mas ele tem que expiar o seu passado.”

a) — Diante disso, se um criminoso, tendo de reparar seu passado, dissesse que não tem necessidade de se arrepender, o que isso resultaria para ele?

“Se teima e persiste no pensamento do mal, sua expiação será mais longa e mais dolorosa.”

1000. Já desde esta vida poderemos ir resgatando as nossas faltas?

“Sim, reparando-as. Mas, não pensem que pagarão seus erros mediante algumas privações infantis ou distribuindo esmolas, depois que morrerem, quando de nada mais precisam. Deus não dá valor a um arrependimento inútil, sempre fácil e que apenas custa o esforço de bater no peito. A perda de um dedo mínimo, quando se esteja prestando um serviço, apaga mais faltas do que o suplício da carne suportado durante anos, com objetivo exclusivamente pessoal. (Ver 726)

“Só se repara o mal por meio do bem e a reparação não apresenta nenhum mérito se o homem não atinge nem no seu orgulho, nem nos seus interesses materiais.

“De que serve para sua justificação, depois de morrer, que restitua os bens mal adquiridos, quando se tornaram inúteis e ele tirou todo o proveito deles?

“De que lhe serve privar-se de alguns gozos fúteis, de algumas superfluidades, se o dano que causou a alguém permanece integral?

“Finalmente, de que lhe serve humilhar-se diante de Deus se conserva o seu orgulho perante os homens?” (Ver 720 e 721)

1001. Não haverá nenhum mérito em assegurarmos, para depois de nossa morte, um emprego útil aos bens que possuímos?

“Nenhum mérito não é o caso; isso sempre é melhor do que nada. Mas a desgraça é que aquele, que só dá depois de morto, é quase sempre mais egoísta do que generoso. Quer ter o fruto do bem, sem o trabalho de praticá-lo. Aquele que em vida se priva de alguma coisa tira duplo proveito: o mérito do sacrifício e o prazer de ver felizes os que devem a felicidade a ele. Mas, lá está o egoísmo a dizer-lhe: O que dá, tira dos teus gozos; e, como o egoísmo fala mais alto do que o desinteresse e a caridade, o homem guarda o que possui, pretextando suas necessidades pessoais e as exigências da sua posição! Ah! Lastimem aquele que desconhece o prazer de dar; acha-se verdadeiramente privado de um dos mais puros e suaves gozos. Submetendo-o à prova da riqueza, tão escorregadia e perigosa para o seu futuro, houve Deus por bem conceder-lhe, como compensação, a ventura da generosidade, de que já neste mundo pode gozar.” (814)

1002. O que deve fazer aquele que reconhece suas faltas diante de um perigo de morte, quando já não tem tempo de repará-las? Nesse caso, basta o arrependimento?

“O arrependimento lhe apressa a reabilitação, mas não o absolve. Entretanto, diante dele se desdobra o futuro, que jamais se fecha.”

DURAÇÃO DAS PENAS FUTURAS

1003. A duração dos sofrimentos do culpado é eventual ou está sujeita a uma lei qualquer na vida futura?

“Deus nunca obra caprichosamente e tudo no Universo se rege por leis, em que a sua sabedoria e a sua bondade se revelam.”

1004. Em que se baseia a duração dos sofrimentos do culpado?

“No tempo necessário a que se melhore. Sendo o estado de sofrimento ou de felicidade proporcionado ao grau de purificação do Espírito, a duração e a natureza de

seus sofrimentos dependem do tempo que ele gaste para se melhorar. À medida que progride e que os sentimentos se depuram nele, seus sofrimentos diminuem e mudam de natureza.”

São Luís

1005. Ao Espírito sofredor, o tempo passa tão ou menos longo do que quando estava vivo?

“Parece mais longo: para ele não existe o sono. Só para os Espíritos que já chegaram a certo grau de purificação, o tempo — por assim dizer — se apaga diante do infinito.” (240)

1006. Os sofrimentos do Espírito podem durar eternamente?

“Poderiam, se ele pudesse ser eternamente mau — isto é, se jamais se arrependesse e melhorasse, sofreria eternamente. Mas, Deus não criou seres tendo por destino permanecer votados perpetuamente ao mal. Criou a todos simples e ignorantes, tendo todos, no entanto, que progredir em tempo mais ou menos longo, conforme decorrer da vontade de cada um. Mais ou menos tardia pode ser a vontade, do mesmo modo que há crianças mais ou menos adiantadas, porém, cedo ou tarde, ela aparece, por efeito da irresistível necessidade que o Espírito sente de sair da inferioridade e de se tornar feliz. A lei que rege a duração das penas é eminentemente sábia e magnânima, pois condiciona essa duração aos esforços do Espírito. Jamais o priva do seu livre-arbítrio: se deste faz ele mau uso, sofre as consequências.”

São Luís

1007. Haverá Espíritos que nunca se arrependem?

“Há os de arrependimento muito tardio; porém, pretender-se que nunca se melhorarão seria negar a lei do progresso e dizer que a criança não pode tornar-se homem.”

São Luís

1008. A duração das penas depende sempre da vontade do Espírito? Não haverá alguma que sejam impostas por tempo determinado?

“Sim, penas podem ser impostas ao Espírito por determinado tempo; mas, Deus, que só quer o bem de suas criaturas, acolhe sempre o arrependimento e o desejo que o Espírito manifeste de se melhorar jamais fica infrutífero.”

São Luís

1009. Assim, as penas impostas jamais são por toda a eternidade?

“Interroguem o bom senso, a razão, e se perguntem se uma condenação perpétua por causa de alguns momentos de erro não seria a negação da bondade de Deus. De fato, em relação à eternidade, o que é a duração da vida, mesmo uma de cem anos? Eternidade! Compreendem bem essa palavra? Sofrimentos, torturas sem fim, sem esperança, por algumas faltas! A consciência de vocês não rejeita uma ideia dessa? É compreensível que os antigos tenham visto no Senhor do universo um Deus terrível, ciumento e vingativo. Em sua ignorância, atribuíam à Divindade as paixões dos homens. Porém, esse não é o Deus que o Cristo nos revelou, que coloca como virtudes primordiais o amor, a caridade, a misericórdia e o esquecimento das ofensas. Poderia Ele próprio não ter as qualidades das quais faz um dever? Não há contradição em atribuir ao Criador a bondade infinita e a vingança também infinita? Ensinem, antes de tudo, que Ele é justo em Sua perfeição e que o homem não compreende Sua justiça. Mas a justiça não exclui a

bondade, e Ele não seria bom se condenasse aos mais horríveis e perpétuos sofrimentos a maior parte de suas criaturas. Teria o direito de fazer da justiça uma obrigação para seus filhos, se não lhes tivesse dado os meios de compreendê-la? Aliás, a sublimidade da justiça, unida à bondade, está em fazer com que a duração dos sofrimentos dependa dos esforços que o transgressor faça para se melhorar. Eis a verdade destas palavras: A cada um segundo suas obras.”

Santo Agostinho

“Esforcem-se, com todos os meios que puderem, em combater e destruir a ideia dos castigos eternos — pensamento blasfemo, ultrajante para com a justiça de Deus. Esse pensamento é a fonte mais fecunda da incredulidade, do materialismo e da indiferença, que invadiu as massas humanas desde que sua inteligência começou a se desenvolver. O Espírito, prestes a se esclarecer, ou apenas saído da ignorância, logo compreende a monstruosa injustiça; sua razão a rejeita e, então frequentemente sente a mesma rejeição ao sofrimento que o revolta e a Deus, a quem o atribui; daí os males inumeráveis que vieram se unir aos de vocês e para os quais viemos trazer remédio. A tarefa que apontamos será tão mais fácil quanto é certo que todas as autoridades sobre as quais se apoiam os defensores dessa crença têm evitado se pronunciar sobre elas formalmente. Nem os concílios⁹⁵, nem os Pais da Igreja⁹⁶ resolveram essa questão. Mesmo de acordo com os próprios evangelistas, e tomando ao pé da letra as palavras simbólicas do Cristo, ele ameaçou os culpados com um fogo que não se apaga, com um fogo eterno; porém, não há absolutamente nada nessas palavras que prove que ele os condenou eternamente. Pobres ovelhas desgarradas, saibam deixar vir até vocês o bom Pastor que, longe de bani-los para sempre de sua presença, vem ao encontro de vocês para reconduzi-los ao rebanho. Filhos pródigos, deixem o exílio voluntário; dirijam seus passos à morada paternal: o Pai estende os braços e se mostra sempre pronto a festejar seu retorno à família.”

Lamennais

“Guerras de palavras! Guerras de palavras! Já não fizeram derramar sangue suficiente? Será preciso ainda reacender as fogueiras? Discutem-se os temas: eternidade das penalidades, eternidade dos castigos; devem compreender que o que entendem hoje por eternidade não é o mesmo que entendiam os antigos.

“Se o teólogo consultar as fontes, descobrirá, como vocês, que o texto hebreu não dava às palavras *penas sem fim e irremissíveis* o mesmo significado dado pelos gregos, os latinos e os modernos nas suas traduções. Eternidade dos castigos corresponde à eternidade do mal. Sim, enquanto o mal existir entre os homens, os sofrimentos subsistirão; é em sentido relativo que se devem interpretar os textos sagrados. Portanto, a eternidade dos sofrimentos é apenas relativa, e não absoluta. Quando chegar o dia em que todos os homens se revestirem pelo arrependimento da túnica da inocência, não haverá mais gemidos nem ranger de dentes. A razão humana é limitada, é bem verdade, mas mesmo assim é um presente de Deus. Assim, com a ajuda da razão, não existe uma única pessoa de boa-fé que não seja capaz de compreender a natureza relativa da noção de castigos eternos! Castigos eternos! Como? Seria preciso então admitir que o mal seja eterno! Somente Deus é eterno e não poderia ter criado o mal eterno, porque assim seria preciso lhe tirar o mais magnífico de seus atributos: o poder soberano, porque não seria soberanamente poderoso aquele que criasse um

⁹⁵ **Concílio**: reunião de autoridades oficiais da Igreja para deliberar questões e conceitos doutrinários – N. E.

⁹⁶ **Pais da Igreja**: eminentes teólogos, como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, que muito influenciaram a doutrina da Igreja – N. E.

elemento destruidor de suas próprias obras. Humanidade! Humanidade! Não mergulhem mais olhares tristes nas profundezas da Terra para lá procurar os castigos. Chora, espera, arrepende-te, repara os erros e refugia-te no pensamento de um Deus infinitamente amoroso, absolutamente poderoso, essencialmente justo.”

Platão

“Gravitar para a unidade divina: esta é a meta da humanidade. Para atingi-la, três coisas são necessárias: a justiça, o amor e a ciência; três coisas são opostas e contrárias: a ignorância, o ódio e a injustiça. Pois bem! Eu lhes digo, em verdade, que vocês falseiam esses princípios fundamentais comprometendo a ideia de Deus ao exagerar uma severidade que Ele não tem. Vocês a comprometem mais ainda incutindo no espírito da criatura a ideia de que ela mesma possui mais clemência, bondade, amor e verdadeira justiça do que o Criador. Destroem até mesmo a ideia de inferno ao torná-lo ridículo e inadmissível às crenças humanas, como é para seus corações o horrendo espetáculo das execuções, fogueiras e torturas da Idade Média! Mas, como? Será que agora, quando a era das represálias foi banida pela legislação humana, é que esperam mantê-la viva? Acreditem em mim, irmãos em Deus e em Jesus Cristo, acreditem em mim, ou resignem-se a deixar morrer em suas mãos todos os dogmas, em vez de modificá-los, ou, então, vivifiquem, abrindo-os às ideias puras que os bons Espíritos derramam neles neste momento. A ideia de inferno, com suas fornalhas ardentes, suas caldeiras fervilhantes, pode ser tolerada num século de ferro; mas atualmente não é mais que um fantasma, quando muito para amedrontar criancinhas, e no qual elas mesmas não acreditam mais, depois que crescem. Insistir nessa mitologia assustadora é incentivar a incredulidade, mãe de toda desorganização social. Tremo ao ver toda uma ordem social abalada e a ruir sobre suas bases, por falta de sanção penal condizente. Homens de fé ardente e viva, vanguardeiros do dia da luz, mãos à obra! Não para manter fábulas ultrapassadas que perderam o crédito, mas para reavivar, restaurar o verdadeiro sentido da sanção penal, de forma que estejam de acordo com os costumes, sentimentos e as luzes desta época.

“Quem é, de fato, o culpado? É aquele que, por um desvio, por um falso movimento da alma, se afasta do objetivo da Criação, que consiste no culto harmonioso do belo, do bem, idealizados pelo exemplo humano, pelo Homem-Deus, por Jesus Cristo. Que é o castigo? A consequência natural, derivada desse falso movimento; uma soma de dores necessárias para fazê-lo desgostar, detestar a sua deformidade, pela prova do sofrimento. O castigo é o agulhão que estimula a alma, pela amargura, a se curvar sobre si mesma e retornar ao caminho da salvação. O objetivo do castigo é apenas a reabilitação, a redenção. Querer que o castigo seja eterno, por uma falta que não é eterna, é negar toda a sua razão de ser. Eu lhes digo em verdade: basta, chega de colocar em paralelo na eternidade o bem, essência do Criador, com o mal, essência da criatura; isso seria criar uma penalidade injustificável. Afirmem, ao contrário, o amortecimento gradual dos castigos e das penalidades pelas reencarnações sucessivas e, com a razão unida ao sentimento, consagrem a unidade divina.”

Paulo, Apóstolo

Procura-se estimular o homem ao bem e desviá-lo do mal por meio do atrativo das recompensas e medo dos castigos. Mas se esses castigos são apresentados de maneira que a razão se recuse a acreditar neles, não terão nenhuma influência. Longe disso, rejeitará tudo: a forma e o fundo.

Ao contrário, que se apresente o futuro de uma maneira lógica e então o homem não mais o rejeitará. O Espiritismo lhe dá essa explicação. A doutrina da eternidade dos castigos, no sentido absoluto, faz do ser supremo um Deus implacável. Seria lógico dizer de um soberano que ele é muito bom, benevolente, indulgente, que deseja apenas a felicidade daqueles que o cercam, mas ao mesmo tempo em que é ciumento, vingativo, inflexível em seu rigor, e que pune, com extremo castigo, a maioria de seus súditos por uma ofensa ou infração às suas leis, mesmo aqueles que

erraram por não ter conhecimento? Isso não seria uma contradição? Portanto, Deus poderia ser menos bondoso do que um homem seria?

Outra contradição se apresenta aqui. Uma vez que Deus sabe tudo, sabia também que, ao criar uma alma, ela falharia; portanto, desde sua formação ela foi destinada à infelicidade eterna: isso é possível, é racional? Com a doutrina das penalidades relativas, tudo se justifica. Deus sabia — sem dúvida — que ela falharia, mas lhe dá os meios de se esclarecer por sua própria experiência, mediante suas próprias faltas. É necessário que repare seus erros para melhor se firmar no bem, mas a porta da esperança não lhe é fechada para sempre, e Deus faz com que sua liberdade dependa dos esforços que faça para atingir o objetivo. Isso todos podem compreender e a lógica mais meticulosa pode admitir. Se as penalidades futuras tivessem sido apresentadas sob esse ponto de vista, haveria bem menos descrentes.

A palavra *eterno* é frequentemente empregada na linguagem comum com uma significação figurada, para designar uma coisa de longa duração e da qual não se prevê o fim — embora se saiba muito bem que esse fim existe. Dizemos, por exemplo, os gelos eternos das altas montanhas, dos polos, embora saibamos, de um lado, que o mundo físico pode ter um fim, e, de outro, que o estado dessas regiões pode mudar por causa do deslocamento normal do eixo da Terra ou por um cataclismo. Nesse caso, a palavra *eterno* não quer dizer perpétuo, até o infinito. Quando sofremos com uma longa doença, dizemos que nosso mal é eterno. Logo, o que há de estranho que esses Espíritos, ao sofrerem como sofrem, há anos, há séculos, até mesmo há milhares de anos, o digam dessa mesma forma e se expressem assim? É preciso lembrar, principalmente, que sua inferioridade não lhes permite ver a extremidade do caminho, acreditam sofrer sempre, e isso é para eles uma punição. Afinal, a doutrina do fogo, das fogueiras e torturas, copiadas do Tártaro⁹⁷, do paganismo, foi hoje completamente abandonada pela alta teologia, e só nas escolas esses pavorosos quadros alegóricos ainda são apresentados como verdades positivas por certos homens, mais zelosos que esclarecidos, e isso é um grave erro, porque as imaginações juvenis, libertando-se de seus terrores, poderão aumentar o número de incrédulos. A teologia reconhece hoje que a palavra *fogo* é usada no sentido figurado na Bíblia e deve ser entendida como um estado mental, um fogo moral. (Veja a questão 974) Aqueles que, como nós, acompanham as ocorrências da vida e os sofrimentos após a morte pelas comunicações espíritas, puderam se convencer de que, por não ter nada de material, não são menos dolorosos. Com relação à sua duração, certos teólogos começam a admiti-las no sentido restrito indicado acima e pensam que, de fato, a palavra *eterno* pode se referir aos castigos, em si mesmos, como consequência de uma lei imutável, e não à sua aplicação a cada indivíduo. No dia em que a religião admitir essa interpretação, assim como algumas outras que são igualmente a consequência do progresso das luzes, reunirá muitas velhas desgarradas.

RESSURREIÇÃO DA CARNE

1010. O dogma da ressurreição da carne será a consagração da reencarnação ensinada pelos Espíritos?

“Como gostariam que fosse de outro modo? Conforme sucede com tantas outras, estas palavras só parecem despropositadas no entender de algumas pessoas, porque as tomam ao pé da letra. Por isso, levam as pessoas à incredulidade. Ofereçam uma interpretação lógica e aqueles a quem chamam livres pensadores a admitirão sem dificuldades, precisamente pela razão de que refletem. Por que — não se enganem — o que esses livres pensadores mais pedem e desejam é crer. Eles têm a sede do futuro, como os outros, ou, talvez, mais que os outros, mas não podem admitir o que a ciência desmente. A doutrina da pluralidade das existências está em acordo com a justiça de Deus; só ela explica o que, sem ela, é inexplicável. Como pretendem que o seu princípio não estivesse na própria religião?”

1011. Assim, pelo dogma da ressurreição da carne, a própria Igreja ensina a doutrina da reencarnação?

“É evidente. Aliás, essa doutrina decorre de muitas coisas que têm passado despercebidas e que dentro em pouco se compreenderão neste sentido. A humanidade reconhecerá em breve que o Espiritismo ressalta a cada passo do texto mesmo das Escrituras sagradas. Portanto, os Espíritos não vêm subverter a religião, como alguns dizem. Ao contrário, vêm confirmá-la e sancioná-la por provas irrecusáveis. Porém, como são chegados os tempos de não mais empregarem linguagem figurada, eles se

⁹⁷ **Tártaro**: na mitologia, era o lugar mais profundo dos Infernos, onde eram jogados os maiores pecadores – N. E.

exprimem sem alegorias e dão às coisas sentido claro e preciso, que não possa estar sujeito a qualquer interpretação falsa. Eis por que, daqui a algum tempo, muito maior do que é hoje será o número de pessoas sinceramente religiosas e crentes.”

São Luís

Efetivamente, a Ciência demonstra a impossibilidade da ressurreição segundo a ideia vulgar. Se os restos do corpo humano se conservassem homogêneos, embora espalhados e reduzidos a pó, ainda se imaginaria que pudessem reunir-se em dado momento. Porém, as coisas não se passam assim. O corpo é formado de elementos diversos: oxigênio, hidrogênio, azoto, carbono, etc. Pela decomposição, esses elementos se dispersam, mas para servir à formação de novos corpos, de tal sorte que uma mesma molécula, de carbono, por exemplo, terá entrado na composição de muitos milhares de corpos diferentes (falamos unicamente dos corpos humanos, sem ter em conta os dos animais); que um indivíduo tem talvez em seu corpo moléculas que já pertenceram a homens das primitivas idades do mundo; que essas mesmas moléculas orgânicas que absorveis nos alimentos provêm, possivelmente, do corpo de tal outro indivíduo que conhecestes e assim por diante. Existindo em quantidade definida a matéria e sendo indefinidas as suas combinações, como poderia cada um daqueles corpos reconstituir-se com os mesmos elementos? Há aí impossibilidade material. Racionalmente, não se pode então admitir a ressurreição da carne, senão como uma figura simbólica do fenômeno da reencarnação. E, então, nada mais há que aberre da razão, que esteja em contradição com os dados da Ciência.

É exato que, segundo o dogma, essa ressurreição só se dará no fim dos tempos, ao passo que, segundo a Doutrina Espírita, ocorre todos os dias. Mas nesse quadro do julgamento final, não haverá uma grande e bela imagem a ocultar, sob o véu da alegoria, uma dessas verdades imutáveis, em presença das quais deixará de haver descrentes, desde que lhes seja restituída a verdadeira significação? Dignem-se de meditar a teoria espírita sobre o futuro das almas e sobre a sorte que lhes cabe, por efeito das diferentes provas que lhes cumpre sofrer, e verão que, exceção feita da simultaneidade, o juízo que as condena ou absolve não é uma ficção — como pensam os incrédulos. Notemos mais que aquela teoria é a consequência natural da pluralidade dos mundos, hoje perfeitamente admitida, enquanto que, segundo a doutrina do juízo final, a Terra passa por ser o único mundo habitado.

PARAÍSO, INFERNO E PURGATÓRIO

1012. Haverá no Universo lugares reservados para as penas e recompensas dos Espíritos, segundo seus merecimentos?

“Já respondemos a esta pergunta. As penas e as recompensas são de acordo com o grau de perfeição dos Espíritos. Cada qual tira de si mesmo o princípio de sua felicidade ou de sua desgraça. E como eles estão por toda parte, não existe nenhum lugar circunscrito ou fechado especialmente destinado a uma ou outra coisa. Quanto aos encarnados, esses são mais ou menos felizes ou desgraçados, conforme é mais ou menos adiantado o mundo em que habitam.”

a) — Então, de acordo com o que foi dito, o inferno e o paraíso não existem, tais como o homem os imagina?

“São simples símbolos: por toda parte há Espíritos ditosos e infelizes. Entretanto, conforme também já dissemos, os Espíritos de uma mesma ordem se reúnem por simpatia; mas, quando são perfeitos, podem se reunir onde queiram.”

A localização absoluta das regiões das penas e das recompensas só existe na imaginação do homem. Provém da sua tendência a materializar e circunscrever as coisas, cuja essência infinita não lhe é possível compreender.

1013. Que se deve entender por purgatório?

“Dores físicas e morais: o tempo da expiação. É quase sempre na Terra que fazem o seu próprio purgatório e que Deus lhes obriga a expiar as suas faltas.”

O que o homem chama purgatório é igualmente uma alegoria, devendo-se entender como tal, não um lugar determinado, porém o estado dos Espíritos imperfeitos, que se acham em expiação até alcançarem a purificação completa, que os elevará à categoria dos Espíritos bem-aventurados. Operando-se essa purificação por meio das diversas encarnações, o purgatório consiste nas provas da vida corporal.

1014. Como se explica que Espíritos, cuja superioridade se revela na linguagem de que usam, tenham respondido a pessoas muito sérias, a respeito do inferno e do purgatório, de conformidade com as ideias correntes?

“É que falam uma linguagem que possa ser compreendida pelas pessoas que os interrogam. Quando estas se mostram imbuídas de certas ideias, eles evitam chocá-las muito bruscamente, a fim de não ferir suas convicções. Se um Espírito dissesse a um muçulmano que Maomé não foi profeta, sem precauções oratórias, seria muito mal acolhido.”

a) — Compreendemos que assim procedam aqueles Espíritos que nos querem instruir. Porém, como se explica que, interrogados acerca da situação em que se achavam, alguns Espíritos tenham respondido que sofriam as torturas do inferno ou do purgatório?

“Enquanto inferiores e ainda não completamente desmaterializados, os Espíritos conservam uma parte de suas ideias terrenas e, para dar suas impressões, se servem dos termos que lhes são familiares. Achem-se num meio que só imperfeitamente lhes permite sondar o futuro. Essa é a causa de alguns Espíritos errantes, ou recém-desencarnados, falarem como o fariam se estivessem encarnados. Podemos traduzir *inferno* como uma vida de provações, extremamente dolorosa, com a incerteza de haver outra melhor; *purgatório* pode ser traduzido como uma vida também de provações, mas com a consciência de melhor futuro. Quando experimentam uma grande dor, vocês não costumam dizer que sofrem como um condenado? Tudo isso são apenas palavras e sempre ditas em sentido figurado.”

1015. O que se deve entender por uma alma a penar?

“Uma alma errante e sofredora, incerta de seu futuro e à qual podem proporcionar o alívio, que muitas vezes solicita, vindo comunicar-se convosco.” (Ver questão 664)

1016. Em que sentido devemos entender a palavra *céu*?

“Julgam que seja um lugar, como os Campos Elíseos⁹⁸ dos antigos, onde todos os bons Espíritos estão promiscuamente aglomerados, sem outra preocupação que a de gozar de uma felicidade passiva pela eternidade toda? Não; é o espaço universal; são os planetas, as estrelas e todos os mundos superiores, onde os Espíritos gozam plenamente de suas faculdades, sem as tribulações da vida material, nem as angústias peculiares à inferioridade.”

1017. Alguns Espíritos disseram estar habitando o quarto céu, ou o quinto céu, etc. Que queriam dizer com isso?

“Ao perguntarem sobre que céu eles habitam, vocês forma uma ideia de muitos céus dispostos como os andares de uma casa. Eles, então, respondem de acordo com a sua linguagem. Mas, por estas palavras — quarto e quinto céus — exprimem diferentes graus de purificação e, por conseguinte, de felicidade. É exatamente como quando se pergunta a um Espírito se está no inferno. Se for desgraçado, dirá sim, porque, para ele, inferno é sinônimo de sofrimento. Sabe, porém, muito bem que não é uma fornalha. Um pagão diria estar no Tártaro.”

O mesmo acontece com muitas outras expressões semelhantes, como: cidade das flores, cidade dos

⁹⁸ **Campos Elíseos:** na Mitologia, lugar onde se encontravam as almas dos heróis e dos justos após a morte – N. E.

eleitos, primeira, segunda ou terceira esfera, etc., que não passam de expressões usadas por certos Espíritos, quer como figuras, quer algumas vezes por ignorância da realidade das coisas e até mesmo das mais simples noções científicas.

De acordo com a ideia restrita que se fazia antigamente dos lugares de sofrimentos e recompensas, e principalmente com a opinião de que a Terra era o centro do universo, de que o céu formava uma abóbada e que havia uma região de estrelas, colocava-se o céu em cima e o inferno embaixo. Daí as expressões: subir ao céu, estar no mais alto dos céus, estar precipitado no inferno. Hoje a ciência demonstra que a Terra não passa de um dos menores planetas, sem importância especial. Entre milhões de outros, traçou a história de sua formação e descreveu sua constituição; provou que o espaço é infinito, que não há nem alto nem baixo no universo, e assim impôs a rejeição à ideia de situar o céu acima das nuvens e o inferno nos lugares baixos. Quanto ao purgatório, nenhum lugar lhe foi designado.

Sobre todas essas coisas, estava reservado ao Espiritismo dar a explicação mais racional, grandiosa e ao mesmo tempo mais consoladora para a humanidade. Assim, podemos dizer que levamos em nós mesmos nosso inferno e nosso paraíso e, quanto ao purgatório, nós o encontramos em nossa encarnação, em nossas vidas físicas.

1018. Em que sentido devemos entender estas palavras do Cristo: Meu reino não é deste mundo?

“Respondendo assim, o Cristo falava em sentido figurado, querendo dizer que o seu reinado se exerce unicamente sobre os corações puros e desinteressados. Ele está onde quer que o amor do bem domine. Porém, por serem ávidos das coisas deste mundo e apegados aos bens da Terra, os homens não estão com Jesus.”

1019. O reinado do bem poderá ser implantado na Terra?

“O bem reinará na Terra, entre os Espíritos que vêm habitá-la, quando os bons predominarem sobre os maus; então eles farão reinar na Terra o amor e a justiça, que são a fonte do bem e da felicidade. Pelo progresso moral e praticando as leis de Deus é que o homem atrairá para a Terra os bons Espíritos e afastará os maus; entretanto, os maus só a deixarão quando o homem tiver expulsado de si o orgulho e o egoísmo.

“A transformação da humanidade foi anunciada e é chegado o tempo em que todos os homens amantes do progresso se apresentam e se apressam, porque essa transformação se fará pela encarnação dos Espíritos melhores, que formarão uma nova ordem sobre a Terra. Então, os Espíritos maus, que a morte vai retirando a cada dia, e aqueles que tentam deter a marcha das coisas, serão excluídos da Terra porque estariam deslocados entre os homens de bem dos quais perturbariam a felicidade.

“Eles irão para mundos novos, menos avançados, desempenhar missões punitivas para seu próprio adiantamento e de seus irmãos ainda mais atrasados. Nessa exclusão de Espíritos da Terra transformada, não percebem a sublime figura do paraíso perdido? E a chegada do homem em semelhantes condições na Terra, trazendo em si o gérmen de suas paixões e os traços de sua inferioridade primitiva, a figura não menos sublime do pecado original? O pecado original, sob esse ponto de vista, se refere à natureza ainda imperfeita do homem, que é, assim, responsável por si mesmo e por suas próprias faltas e não pelas faltas de seus pais. Todos vocês, homens de fé e boa vontade, trabalham com zelo e coragem na grande obra da regeneração, porque recolherão cem vezes mais o grão que tiverem semeado. Infelizes aqueles que fecham os olhos à luz. Preparam para si longos séculos de trevas e decepções; infelizes os que colocam todas as suas alegrias nos bens deste mundo, porque sofrerão mais privações do que os prazeres de que desfrutaram; infelizes são os egoístas, principalmente, porque não encontrarão ninguém para ajudá-los a carregar o fardo de suas misérias.”

São Luís

CONCLUSÃO

1

Aquele conhece que do magnetismo terrestre apenas o brinquedo dos patinhos imantados, que se movimentam numa bacia com água sob a ação do ímã, dificilmente poderá compreender que ali está o segredo do mecanismo do universo e dos movimentos dos planetas.

O mesmo acontece com quem conhece do Espiritismo somente o fenômeno das mesas girantes; vê apenas um divertimento, um passatempo da sociedade, e não compreende que esse fenômeno tão simples e comum, conhecido da Antiguidade e até mesmo dos povos semisselvagens, possa ter alguma ligação com as questões da maior importância para a sociedade humana. De fato, para o observador comum, que relação pode haver entre a simplicidade de uma mesa que se move e a moral e o futuro da humanidade? Mas aquele que ponderar há de lembrar-se que da simples panela que ferve e ergue a tampa com a pressão do vapor — fato que também ocorre desde toda a Antiguidade — saiu o poderoso motor com o qual o homem transpõe o espaço e supera as distâncias. Pois bem! Vocês, que não creem em nada fora do mundo material, saibam que da mesa que se move e provoca vossos sorrisos desdenhosos saiu uma ciência e a solução de problemas que nenhuma filosofia pudera ainda resolver.

Apelo para todos os adversários de boa-fé e os desafio a dizer se procuraram estudar o que criticam; porque, em boa lógica, a crítica só tem valor quando o seu crítico conhece aquilo que critica. Zombar de uma coisa que não se conhece, que não se pesquisou com o critério do observador consciencioso, não é criticar, é dar prova de leviandade e dar uma pobre ideia de sua capacidade de julgamento. Certamente, se tivéssemos apresentado esta filosofia como obra de um cérebro humano, ela teria encontrado menos desprezo e receberia as honras do exame daqueles que pretendem dirigir a opinião pública; mas ela vem dos Espíritos! Que absurdo! É com muito custo que lhe dispensam um de seus olhares; julgam apenas pelo título, como o macaco da fábula julgou a noz pela casca. Ignorem sua origem, como queiram: supõem que este livro seja obra de um homem e digam conscientemente se, após uma leitura séria, encontram nele motivo para zombaria.

2

O Espiritismo é o adversário mais terrível do materialismo! Não é de admirar que tenha os materialistas como adversários. Mas como o materialismo é uma doutrina que poucos se atrevem a confessar abertamente (prova de que não estão seguros de suas convicções e são dominados por essa insegurança), eles se defendem com o manto da razão e da ciência, e — o que é estranho — os mais descrentes até mesmo falam em nome da religião, que também não conhecem e não compreendem, como o Espiritismo. Seu ponto de ataque se concentra principalmente no maravilhoso e no sobrenatural, que não admitem. De acordo com eles, o Espiritismo, estando fundado no maravilhoso, não passa de uma suposição ridícula. Eles não pensam que ao condenar, sem restrição, o processo do maravilhoso e do sobrenatural, condenam a religião. De fato, a religião está fundada na revelação e nos milagres; portanto, o que é a revelação senão comunicações extra-humanas?

Desde Moisés, todos os autores sagrados falaram desses gêneros de comunicações. O que são os milagres senão fatos maravilhosos e sobrenaturais por excelência, uma vez que, no sentido litúrgico⁹⁹, eles são uma anulação das leis da natureza? Portanto, ao rejeitar o maravilhoso e o sobrenatural, rejeitam as próprias bases de toda religião. Mas não é sob esse ponto de vista que

⁹⁹ **Litúrgico**: referente à liturgia, que é o culto público e oficial instituído por uma igreja; ritual – N. E.

devemos encarar a questão. O Espiritismo não tem de examinar se existem ou não milagres. Se em certos casos Deus pôde alterar as leis eternas que regem o universo, o Espiritismo deixa toda a liberdade de crença em relação a isso. Diz e prova que os fenômenos em que se apoia nada têm de sobrenatural, a não ser na aparência. Esses fenômenos não parecem naturais aos olhos de certas pessoas, porque estão fora do comum e diferentes dos fatos conhecidos. Mas não são mais sobrenaturais do que todos os fenômenos dos quais a ciência nos dá hoje a solução e que pareciam maravilhosos antes, em outra época. Todos os fenômenos espíritos — sem exceção — são consequência de leis gerais. Revelam-nos um dos poderes da natureza, poder desconhecido, ou melhor, incompreendido até aqui, mas que a observação demonstra estar na ordem das coisas. O Espiritismo se fundamenta menos no maravilhoso e no sobrenatural do que a própria religião; aqueles que o atacam sob esse aspecto é porque não o conhecem, e ainda que fossem os homens mais sábios, nós lhes diríamos: se a ciência, que lhes ensinou tanta coisa, não ensinou que o domínio da natureza é infinito, então vocês são apenas meio sábios.

3

Conforme dizem, desejam curar o século dessa mania de credulidade que ameaça invadir o mundo. Gostariam que o mundo fosse dominado pela incredulidade que procuram propagar? Não é por causa da ausência de toda crença que se deve atribuir o relaxamento dos laços de família e a maior parte das desordens que minam a sociedade? Ao demonstrar a existência e a imortalidade da alma, o Espiritismo reaviva a fé no futuro, levanta os ânimos abatidos, faz suportar com resignação as contingências da vida. Ousariam chamar a isso um mal? Duas doutrinas se defrontam: uma que nega o futuro, a outra que o proclama e o prova; uma que nada explica, a outra que explica tudo e por isso mesmo se dirige à razão; uma é a confirmação do egoísmo, a outra dá uma base à justiça, à caridade e ao amor de seus semelhantes. A primeira mostra apenas o presente e aniquila toda esperança, a segunda consola e mostra o vasto campo do futuro; qual é a mais nociva?

Dentre as mais descrentes, certas pessoas se fazem apóstolos da fraternidade e do progresso; mas a fraternidade pressupõe o desinteresse, a renúncia da personalidade. Portanto, para a verdadeira fraternidade o orgulho é uma aberração. Com que direito se impõe um sacrifício àquele a quem dizem que tudo estará acabado quando morrer; que amanhã talvez não será nada mais do que uma velha máquina desmantelada e jogada fora? Que razão terá ele para si mesmo impor uma renúncia qualquer? Não é mais natural que durante os breves instantes que lhe concedem ele trate de viver o melhor possível? Daí vem o desejo de possuir muito para melhor desfrutar. Desse desejo nasce a inveja contra os que possuem mais que ele; e dessa inveja para a vontade de se apossar do que é dos outros basta apenas um passo. O que o detém? A lei? Mas a lei não abrange todos os casos. Dirão que é a consciência, o sentimento do dever? Mas sobre o que baseiam o sentimento do dever?

Restará a esse sentimento uma razão de ser se estiver ligado à crença de que tudo termina com a vida? Apenas uma doutrina é racional nessa crença: cada um por si. As ideias de fraternidade, consciência, dever, humanidade e até mesmo de progresso são apenas palavras vãs. Vocês que proclamam semelhantes doutrinas, não sabem todo o mal que fazem à sociedade, nem por quantos crimes assumem a responsabilidade! Mas o que falo sobre responsabilidade? Para o descrente isso não existe, ele presta homenagem apenas à matéria.

4

O progresso da humanidade tem seu princípio na aplicação da lei de justiça, amor e caridade. Essa lei está fundada na certeza do futuro; se lhe tiram essa certeza, tiram sua pedra fundamental. Dessa lei derivam todas as outras, porque ela contém todas as condições da felicidade do homem. Apenas ela pode curar as chagas da sociedade, e o homem pode julgar, comparando as idades e os povos, quanto sua condição melhora à medida que essa lei é mais bem compreendida e praticada. Note-se que se sua aplicação parcial e incompleta produz um bem real, o que não acontecerá quando ela for a base de todas as suas instituições sociais! Isso é possível? Sim, porque se ele já deu dez passos pode dar vinte, e assim por diante. Portanto, podemos julgar o futuro pelo passado. Já vimos pouco a pouco se extinguirem as antipatias de povo a povo; as barreiras que os separam diminuem com a civilização; eles se dão as mãos de um extremo a outro do mundo; uma justiça maior regula as leis internacionais; as guerras tornam-se cada vez mais raras e não excluem os sentimentos humanitários; a uniformidade se estabelece nas relações; as discriminações de

raças e de castas acabam, e os homens de crenças diferentes fazem calar os preconceitos de seitas para se confundirem na adoração de um único Deus. Falamos dos povos que marcham à frente da civilização. (Veja as questões 789 e 793)

Apesar de todos esses aspectos, ainda estamos longe da perfeição, e ainda existem muitos resíduos antigos para ser destruídos até que tenham desaparecido os últimos vestígios da barbárie. Mas esses resíduos poderão continuar contra a força irresistível do progresso, essa força viva que é — ela mesma — uma lei da natureza? Se a presente geração é mais avançada do que a passada, por que a seguinte não será mais avançada do que a nossa? Ela assim será pela força das coisas; inicialmente porque com as gerações se extinguem dia a dia alguns campeões dos velhos abusos, e assim a sociedade se forma pouco a pouco de elementos novos que se libertaram dos velhos preconceitos. Em segundo lugar, porque o homem, desejando o progresso, estuda os obstáculos e se aplica em removê-los.

Uma vez que o movimento progressivo é evidente, o progresso futuro não pode ser posto em dúvida. O homem quer ser feliz, e é natural esse desejo; portanto, ele procura o progresso apenas para aumentar sua felicidade, sem o que o progresso não teria sentido, em nada o serviria, se não melhorasse sua posição. Mas, quando tiver desfrutado o máximo de todos os prazeres que o progresso intelectual pode proporcionar, perceberá que não tem a felicidade completa; reconhecerá que essa felicidade é irrealizável sem a segurança das relações sociais, é impossível. Essa segurança ele só encontrará no progresso moral. Então, pela força das coisas ele mesmo conduzirá o progresso nesse sentido, e o Espiritismo será a mais poderosa alavanca para atingir esse objetivo.

5

Os que dizem que as crenças espíritas ameaçam invadir o mundo proclamam a força do Espiritismo, desse modo, porque uma ideia sem fundamento e destituída de lógica não poderia se tornar universal. Assim, se o Espiritismo se implanta por toda parte, se tem como seguidores principalmente pessoas esclarecidas, como se pode constatar, é que tem um fundo de verdade. Contra essa tendência, todos os esforços de seus detratores serão inúteis, e a prova é que até mesmo o ridículo com que procuram cobri-lo, longe de amortecer sua marcha, parece lhe ter dado uma nova vida. Esse resultado justifica plenamente o que dizem repetidas vezes os Espíritos:

“Não se inquietem com a oposição; tudo o que fizerem contra irá se tornar a favor, e os maiores adversários servirão à causa, mesmo sem querer. Contra a vontade de Deus a má vontade dos homens não prevalece.”

Com o Espiritismo, a humanidade deve entrar numa nova fase: a do progresso moral, que é sua consequência inevitável. Portanto, parem de se espantar com a rapidez com que as ideias espíritas se propagam; a causa disso está na satisfação que elas proporcionam a todos os que nelas se aprofundam e que nelas veem algo mais do que um fútil passatempo; portanto, como o homem quer sua felicidade acima de tudo, não é de estranhar que se apegue a uma ideia que faz as pessoas felizes.

O desenvolvimento dessas ideias apresenta três períodos distintos: o primeiro é o da curiosidade provocada pela estranheza dos fenômenos que se produziram; o segundo, do raciocínio e da filosofia; o terceiro, da aplicação e das consequências. O período da curiosidade passou. A curiosidade dura pouco; uma vez satisfeita, esquece-se o objeto para passar a outro. O mesmo não acontece com o que recorre ao raciocínio sério e ao julgamento. O segundo período começou, e o terceiro se seguirá inevitavelmente. O Espiritismo progrediu especialmente depois de ter sido mais bem compreendido na sua essência, desde que perceberam seu alcance, porque ele toca no ponto mais sensível do homem: o de sua felicidade, até mesmo neste mundo; aí está a causa de sua propagação, o segredo da força que o fará triunfar. Ele torna felizes aqueles que o compreendem, enquanto sua influência vai se ampliando sobre as massas. Até mesmo aquele que nunca testemunhou nenhum fenômeno das manifestações diz:

“Além desses fenômenos, existe a filosofia; essa filosofia me explica o que nenhuma outra havia me explicado; nela encontro, somente pelo raciocínio, uma demonstração racional dos problemas que interessam no mais alto grau ao meu futuro; ele me proporciona a calma, a segurança, a confiança; livra-me do tormento da incerteza e, além disso, a questão dos fatos materiais passa a ser secundária.”

Todos vocês, que atacam o Espiritismo, querem um meio de combatê-lo com sucesso? Aqui está. Troquem-no por algo melhor; indiquem uma solução **mais filosófica** a todas as questões que ele resolveu; deem ao homem **outra certeza** que o torne mais feliz e compreendam bem o alcance desta palavra *certeza* — já que o homem aceita como certo o que lhe parece lógico; não se contentam em dizer: “Isto não é assim”; é muito fácil fazer uma afirmativa dessas. Provem, não por uma negação, mas por meio de fatos, que isso não é real, nunca foi e **não pode** ser; se não é, digam o que em seu lugar pode ser; provem, enfim, que as consequências do Espiritismo não tornam os homens melhores e, portanto, mais felizes, pela prática da mais pura moral evangélica, moral que muito é louvada, mas pouco praticada. Quando tiverem feito isso, terão o direito de atacá-lo. O Espiritismo é forte porque se apoia nas próprias bases da religião: Deus, a alma, os sofrimentos e as recompensas futuras; principalmente porque mostra esses sofrimentos e recompensas como consequências naturais da vida terrestre, e que nada, no quadro que oferece do futuro, pode ser recusado pela razão mais exigente. Vocês, cuja doutrina é a negação do futuro, que compensação oferecem aos sofrimentos aqui da Terra? Vocês se apoiam na incredulidade, o Espiritismo se apoia na confiança em Deus; enquanto ele convida os homens à felicidade, à esperança, à verdadeira fraternidade, vocês oferecem o **nada** por perspectiva e o **egoísmo** por consolação. Ele explica tudo, vocês não explicam nada; ele prova pelos fatos e você não provam nada. Como querem que as pessoas duvidem entre as duas doutrinas?

6

Seria fazer uma ideia muito falsa de o Espiritismo acreditar que sua força vem das manifestações materiais e que, impedindo essas manifestações, pode-se miná-lo em sua base. Sua força está na filosofia, no apelo que faz à razão, ao bom senso. Na Antiguidade, era objeto de estudos misteriosos, cuidadosamente escondidos do povo. Hoje, não tem segredos para ninguém; fala uma linguagem clara, sem equívocos. Nele não há nada de místico, nada de alegorias passíveis de falsas interpretações; quer ser compreendido por todos, porque chegou o tempo de as pessoas conhecerem a verdade; longe de se opor à difusão da luz, ele a revela para todas as pessoas. Não exige uma crença cega, quer que se saiba por que se crê; ao se apoiar na razão, será sempre mais forte do que aqueles que se apoiam no nada. Os obstáculos que tentassem antepor à liberdade das manifestações poderiam lhe dar fim? Não, porque só produziriam o efeito de todas as perseguições: o de estimular a curiosidade e o desejo de conhecer o que é proibido. Por outro lado, se as manifestações espíritas fossem privilégio de um único homem, ninguém duvida que, pondo esse homem de lado, as manifestações acabariam. Infelizmente para os adversários, elas estão ao alcance de todos, desde o simples até o sábio, desde o palácio até ao mais humilde casebre; qualquer um pode recorrer a elas. Pode-se proibir que sejam feitas em público; mas sabe-se precisamente que não é em público que elas se produzem melhor, e sim reservadamente. Portanto, como cada um pode ser médium, quem pode impedir uma família no seu lar, um indivíduo no silêncio de seu gabinete, o prisioneiro na cela, de ter comunicação com os Espíritos, apesar da proibição dos seus opositores e mesmo na presença deles?

Se as proibem em um país, poderão impedi-las nos países vizinhos, no mundo inteiro, uma vez que não há um país, em qualquer dos continentes, onde não haja médiuns? Para prender todos os médiuns seria preciso prender a metade da população humana; se até mesmo chegassem, o que não seria muito fácil, a queimar todos os livros espíritas, estariam reproduzidos no dia seguinte, porque sua fonte é inatacável, e não se podem prender nem queimar os Espíritos, que são seus verdadeiros autores.

O Espiritismo não é obra de um homem; ninguém se pode dizer seu criador, porque ele é tão antigo quanto a Criação; encontra-se por toda parte, em todas as religiões e na religião Católica ainda mais, e com mais autoridade do que em qualquer outra, porque nela se encontram os mesmos princípios: os Espíritos de todos os graus, suas relações ocultas e patentes com os homens, os anjos de guarda, a reencarnação, a emancipação da alma durante a vida, a dupla vista, as visões, as manifestações de todos os gêneros, as aparições e até mesmo as aparições tangíveis, isto é, as materializações. Com relação aos demônios, não passam de maus Espíritos e, salvo a crença de que foram destinados ao mal por toda a eternidade, enquanto o caminho do progresso está livre para os outros existe entre eles apenas a diferença de nome.

O que a ciência espírita moderna faz? Ela reúne num corpo de doutrina o que estava esparsa; explica em termos próprios o que estava somente em linguagem alegórica; elimina o que a

superstição e a ignorância produziram para deixar apenas a realidade e o positivo: eis seu papel; mas o de fundadora não lhe cabe. A Doutrina Espírita mostra o que é, coordena, mas não cria nada, por isso suas bases são de todos os tempos e de todos os lugares. Quem então ousaria se acreditar forte o suficiente para abafá-la com sarcasmos e até mesmo com a perseguição? Se a proibirem num lugar, renasce em outros, no próprio terreno de onde a expulsaram, porque faz parte da natureza e não é dado ao homem anular uma força da natureza nem por seu veto aos decretos de Deus. Afinal, que interesse haveria em entravar a propagação das ideias espíritas?

É bem verdade que essas ideias se opõem aos abusos que nascem do orgulho e do egoísmo. Porém, esses abusos — de que alguns se aproveitam — prejudicam a coletividade humana que, portanto, será favorável às ideias espíritas, que terão como adversários sérios apenas aqueles que são interessados em manter esses abusos. Por sua influência, ao contrário, essas ideias, tornando os homens melhores uns para com os outros, menos ávidos dos interesses materiais e mais resignados aos decretos da Providência, são uma certeza de ordem e de tranquilidade.

7

O Espiritismo se apresenta sob três aspectos diferentes: as manifestações, os princípios de filosofia e de moral que delas decorrem e a aplicação desses princípios; daí, três classes, ou três graus, entre os espíritas:

1. Aqueles que acreditam nas manifestações e se limitam em constatar-las: para eles, o Espiritismo é uma ciência experimental;
2. Aqueles que compreendem suas consequências morais;
3. Aqueles que praticam ou se esforçam para praticar essa moral.

Seja qual for o ponto de vista, científico ou moral, sob o qual se considerem esses fenômenos, cada um deles significa que é uma ordem de ideias totalmente nova que surge, cujas consequências resultarão numa profunda modificação na humanidade, e também compreende que essa modificação pode apenas acontecer no sentido do bem.

Quanto aos adversários, pode-se também classificá-los em três categorias:

1. Aqueles que negam sistematicamente tudo o que é novo ou que não vem deles e que falam disso sem conhecimento de causa. A essa classe pertencem os que não admitem nada fora da evidência dos sentidos; não viram nada, nada querem ver e ainda menos se aprofundar. Ficariam até mesmo aborrecidos se vissem as coisas muito claramente, com medo de serem forçados a admitir que não têm razão. Para eles, o Espiritismo é uma fantasia, uma loucura, uma utopia; ele não existe: está dito tudo. São os incrédulos de propósito. Ao lado deles, podemos colocar aqueles que não se dignam em dar aos fatos a mínima atenção, nem por descargo de consciência, e poderem dizer: quis ver e nada vi. Não compreendem que seja preciso mais de meia hora para se dar conta de toda uma ciência.
2. Aqueles que, sabendo muito bem o que pensar da realidade dos fatos, os combatem, todavia, por motivos de interesse pessoal. Para eles, o Espiritismo existe, mas têm medo de suas consequências; atacam-no como a um inimigo.
3. Aqueles que encontram na moral espírita uma censura muito severa aos seus atos e às suas tendências.

O Espiritismo, levado a sério, os incomodaria; eles nem o rejeitam nem o aprovam: preferem fechar os olhos. Os primeiros são dominados pelo orgulho e pela presunção; os segundos, pela ambição; os terceiros, pelo egoísmo. Compreende-se que essas causas de oposição, não tendo nada de sólido, devem desaparecer com o tempo, porque procuraríamos em vão uma quarta classe de antagonistas, opositores que se apoiassem em provas contrárias, concretas, e apresentassem um estudo contestador, mas bem claro da questão. Todos apenas opõem a negação, nenhum oferece demonstração séria e irrefutável.

Seria esperar demais da natureza humana acreditar que ela possa se transformar subitamente pelas ideias espíritas. A ação da ideia espírita não é claramente a mesma, nem no mesmo grau em todos aqueles que as professam. Mas, seja qual for o resultado, por pequeno que seja, é sempre um melhoramento, bastará apenas provar a existência de um mundo extracorpóreo, o que implica a negação das doutrinas materialistas. Isso é a própria consequência da observação dos fatos. Porém, para os que compreendem o Espiritismo filosófico e nele veem além dos fenômenos mais ou menos curiosos, os efeitos são outros. O primeiro, e mais geral, é de desenvolver o sentimento religioso até mesmo naquele que, sem ser materialista, sente apenas indiferença pelas coisas espirituais. Disso resultará para ele a serenidade perante a morte; porém, em vez de desprezar ou desejar a morte, o espírita defenderá sua vida como outro qualquer, mas tranquilamente aceita, sem lamentos, uma morte inevitável como uma coisa mais feliz do que temível, pela certeza que tem do que lhe acontecerá.

O segundo efeito, quase tão geral quanto o primeiro, é a resignação nas alternâncias da vida. O Espiritismo faz ver as coisas de tão alto que a vida terrestre passa a ter a sua verdadeira importância e o homem não se aflige tanto com os tormentos que o acompanham: daí, quanto mais coragem nas aflições, mais moderação nos desejos; daí também o afastamento do pensamento de abreviar seus dias, porque a ciência espírita ensina que, pelo suicídio,

perde-se sempre o que se queria ganhar. A certeza de um futuro que depende de nós mesmos tornar feliz, a possibilidade de estabelecer relações com seres que nos são queridos oferecem ao espírita uma consolação suprema. Seu horizonte se amplia até ao infinito pelo espetáculo incessante que tem da vida além da morte, da qual pode sondar os mistérios profundos. O terceiro efeito é estimular no homem o perdão e a tolerância para com os defeitos dos outros. Mas é preciso ficar claro que o princípio egoísta e tudo que dele decorre são o que existe de mais obstinado no homem e, conseqüentemente, o mais difícil de arrancar pela raiz. Fazemos sacrifícios voluntariamente, contanto que nada custem e de nada nos privem. O dinheiro ainda é um atrativo irresistível para o maior número de pessoas, e bem poucos compreendem a palavra *supérfluo*, quando se trata de sua pessoa. Assim a renúncia da personalidade é sinal do mais eminente progresso.

8

Certas perguntam pessoas: os Espíritos nos ensinam uma moral nova, superior à que o Cristo ensinou? Se essa moral é a do Evangelho, para que serve o Espiritismo? Esse raciocínio assemelha-se ao do califa Omar, referindo-se à biblioteca de Alexandria, dizendo: “Se ela contém apenas o que existe no Alcorão, é inútil; portanto, deve ser queimada. Se contém outra coisa, é má; portanto, ainda é preciso queimá-la”.

Não, o Espiritismo não ensina uma moral diferente da de Jesus; mas perguntaremos: Antes de Cristo, os homens não tinham a lei dada por Deus a Moisés? Sua doutrina não se encontra no Decálogo? Por isso, se dirá que a moral de Jesus era inútil? Perguntaremos ainda àqueles que negam a utilidade da moral espírita: por que a do Cristo é tão pouco praticada e porque os que lhe proclamam com justiça a sublimidade são os primeiros a violar a primeira de suas leis: a caridade universal? Os Espíritos vêm não apenas confirmá-la, mas mostram sua utilidade prática; tornam inteligíveis e claras as verdades que tinham sido ensinadas apenas sob a forma alegórica; e, ao lado da moral, vêm definir os problemas mais profundos da psicologia.

Jesus veio mostrar aos homens o caminho do verdadeiro bem; porque Deus — que o enviou para fazer lembrar sua lei desprezada — não enviaria hoje Espíritos para lhes lembrar de novo e com mais precisão, quando a esquecem para tudo sacrificar ao orgulho e à cobiça? Quem ousaria impor limites ao poder de Deus e Lhe traçar normas? Quem nos diz que — como afirmam os Espíritos — não são chegados os tempos preditos e que não chegamos ao tempo em que as verdades mal compreendidas ou falsamente interpretadas devam ser abertamente reveladas à humanidade para apressar seu adiantamento? Não há algo de providencial nessas manifestações que se produzem simultaneamente em todos os pontos do globo? Não é apenas um único homem, ou um profeta, que vem nos advertir. A luz surge de todas as partes. É um mundo totalmente novo que se desdobra aos nossos olhos. Assim como a invenção do microscópio nos mostrou o mundo dos infinitamente pequenos que desconhecíamos que existissem e o telescópio nos mostrou milhares de sóis e planetas que também desconhecíamos, as comunicações espíritas revelam o mundo invisível que nos cerca, cujos habitantes se acotovela conosco constantemente e, contra nossa vontade, tomam parte em tudo que fazemos. Mais algum tempo e a existência desse mundo, que nos espera, também será tão incontestável quanto o mundo microscópico e dos sóis e planetas que giram no espaço. Então, de nada valerá nos terem feito conhecer todo um mundo? De nos ter iniciado nos mistérios da vida além-morte?

É verdade que essas descobertas — se assim podemos chamar — contrariam de certo modo certas ideias pré-estabelecidas. Mas todas as grandes descobertas científicas não modificaram igualmente, e até mesmo derrubaram, as ideias de maior crédito? E não foi preciso que nosso amor-próprio se curvasse diante da evidência?

O mesmo acontecerá com relação ao Espiritismo e, em pouco tempo, ele terá o direito de ser citado entre os conhecimentos humanos. As comunicações com os seres desencarnados deram por resultado nos fazer compreender a vida futura, fazendo com que a vejamos, nos preparando para os sofrimentos e prazeres que nos esperam segundo nossos méritos e por isso mesmo encaminhar para o espiritualismo aqueles que viam nos homens apenas a matéria, a máquina organizada. Também tivemos razão em dizer que o Espiritismo matou o materialismo pelos fatos. Se tivesse produzido apenas esse resultado, já bastante gratidão lhe deveria a sociedade; porém, faz mais: mostra os inevitáveis efeitos do mal e, conseqüentemente, a necessidade do bem. O número daqueles a quem proporcionou sentimentos melhores, neutralizou as más tendências e desviou do mal é maior do que se pode pensar e aumenta todos os dias. É que para estes o futuro deixou de ser uma coisa imprecisa, vaga; não é mais uma simples esperança, é uma verdade que se compreende, que se explica, quando se veem e ouvem aqueles que vêm até nós se lamentar ou se felicitar pelo

que fizeram na Terra. Todo aquele que é testemunha disso se põe a refletir e sente a necessidade de se conhecer, de se julgar e de se modificar.

9

Os adversários do Espiritismo não se esqueceram de se armar contra ele com algumas divergências de opiniões sobre certos pontos da Doutrina. Não deveria causar estranheza, nem é de admirar que, no início de uma ciência — quando as observações ainda são incompletas e cada um a considera sob seu ponto de vista —, sistemas contraditórios tenham oportunidade de aparecer. Mas, hoje, a grande maioria desses sistemas já caiu diante de um estudo mais aprofundado, a começar pelo que atribua todas as comunicações ao Espírito do mal, como se fosse impossível a Deus enviar aos homens bons Espíritos; doutrina absurda, pois é desmentida pelos fatos; incrédula, porque é a negação do poder e da bondade do Criador. Os Espíritos sempre nos aconselharam a não nos inquietarmos com essas divergências e que a unidade se daria. A unidade já está firmada na maioria dos pontos, e as divergências tendem a desaparecer cada dia. Com relação a essa questão perguntou-se aos Espíritos: enquanto se aguarda a união, sobre o que pode o homem imparcial e desinteressado basear-se para formar um julgamento? Eis a resposta:

“A luz mais pura não é obscurecida por nenhuma nuvem; o diamante puro tem mais valor; portanto, julguem os Espíritos de acordo com a pureza de seus ensinamentos. Não esqueçam que entre os Espíritos existem aqueles que ainda não se livraram das ideias da vida terrestre; saibam distingui-los por sua linguagem; julguem pelo conjunto do que eles dizem; vejam se existe encadeamento lógico em suas ideias; se nelas nada revela ignorância, orgulho ou malevolência; em resumo, se suas palavras trazem sempre o cunho da sabedoria que manifesta a verdadeira superioridade. Se o mundo humano fosse inacessível ao erro, seria perfeito, e ele está longe disso. Ainda estão nele para aprender a distinguir o erro da verdade; faltam as lições da experiência para exercer o julgamento e os fazer avançar. A unidade se produzirá do lado em que o bem nunca foi misturado com o mal; é desse lado que os homens se unirão pela força das coisas, porque reconhecerão que aí está a verdade.

“Aliás, que importam algumas divergências que estão mais na forma do que no fundo! Notem que os princípios fundamentais são por toda parte os mesmos e devem lhes unir por um pensamento comum: o amor de Deus e a prática do bem. Assim, seja qual for o modo de progresso que se supõe ou as condições normais de existência futura, o objetivo final é o mesmo: fazer o bem; portanto, não existem duas maneiras de fazê-lo.”

Se entre os adeptos do Espiritismo existem aqueles que diferem de opinião sobre alguns pontos da teoria, todos concordam sobre os pontos fundamentais. Portanto, há unidade, exceto da parte dos que, em número muito reduzido, não admitem ainda a intervenção dos Espíritos nas manifestações e as atribuem ou a causas puramente físicas, o que é contrário a esta máxima: Todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente, ou a um reflexo do próprio pensamento dos homens, o que é desmentido pelos fatos. Os outros pontos são apenas secundários e não comprometem em nada as bases fundamentais. Portanto, podem haver escolas que procuram se esclarecer sobre as partes ainda controversas da ciência, mas não devem ser rivais entre si. A contradição apenas deve existir entre aqueles que querem o bem e aqueles que fariam ou desejariam o mal. Ora, não existe um espírito sincero e compenetrado nos grandes ensinamentos morais ensinados pelos Espíritos que possa querer o mal nem desejar o mal de seu próximo sem distinção de opinião. Se uma dessas escolas está no erro, a luz, cedo ou tarde, se fará para ela, desde que haja boa-fé e ausência de prevenção. Enquanto isso, todas têm um laço comum que deve uni-las em um mesmo pensamento; todas têm um mesmo objetivo. Pouco importa o caminho, uma vez que conduza a essa meta. Nenhuma deve se impor pelo constrangimento material ou moral, e estaria no caminho falso apenas aquela que condenasse ou reprovasse a outra, porque agiria evidentemente sob a influência de maus Espíritos. A razão deve ser o supremo argumento e a moderação assegurar a melhor o triunfo da verdade do que as críticas envenenadas pela inveja e pelo ciúme.

Os bons Espíritos ensinam apenas a união e o amor ao próximo. Nunca um pensamento mau ou contrário à caridade pode provir de uma fonte pura. Estudemos sobre este assunto e, para terminar, os conselhos do Espírito de Santo Agostinho:

“Por muito tempo os homens se estraçalharam e se amaldiçoaram em nome de um Deus de paz e de misericórdia, ofendendo-o com semelhante sacrilégio. O Espiritismo

é o laço que um dia os unirá, porque mostrará onde está a verdade e onde está o erro. Mas por muito tempo ainda haverá escribas e fariseus que o negarão, como negaram o Cristo. Querem saber sob a influência de que Espíritos estão as diversas seitas que dividiram entre si o mundo? Julguem-nas por suas obras e princípios. Nunca os bons Espíritos foram os instigadores do mal; nunca aconselharam nem legitimaram o assassinato e a violência; nunca excitaram os ódios dos partidos, nem a sede das riquezas e das honras, nem a avidez dos bens da Terra. Somente aqueles que são bons, humanos e benevolentes para com todos são seus preferidos e são também os preferidos de Jesus, porque seguem o caminho indicado para chegar até ele.”

Santo Agostinho

